



BERNARD GAUTHIEZ • OLIVIER ZELLER
• VIRGINIE CHASLES • ENALI DE BIAGGI
• BEATRIZ PICCOLOTTO SIQUEIRA
BUENO • FERNANDA PADOVESI
FONSECA • EDUARDO DUTENKEFER
• LUCIANO ZOBOLI • JAIME TADEU
OLIVA • ELIANE KUVASNEY • ANA
CLAUDIA FLORINDO FERNANDES
• RAQUEL MARTINS • ROSÂNGELA
PAULINO DE OLIVEIRA • CLÁUDIO
MÁRCIO DO CARMO • FRANCISCO
MATA MACHADO TAVARES • ELLEN
RIBEIRO VELOSO • LUCIANA REQUIÃO
• GUSTAVO MIRANDA PUERARI •
BRUNA DELLA TORRE DE CARVALHO
LIMA • PATRÍCIA REGINA CAVALERO
PEREIRA • LUÍS ANTÔNIO CONTATORI
ROMANO • FERNANDO MUNHÓS

revista



REVISTA DO
**INSTITUTO
DE ESTUDOS
BRASILEIROS**

Nº. 64 / AGO. 2016





São Paulo
Viaduto do Chá
1894-1896
Arquivo IEB-USP



São Paulo
Rua XV de Novembro
1896
Arquivo IEB-USP



São Paulo
Rua Líbero Badaró
1912
Arquivo IEB-USP



Lyon
Gare des Brotteaux
début du XXe siècle (avant 1914)
carte postale, domaine public.



São Paulo
Rua 25 de Março
1912
Arquivo IEB-USP



Lyon
 Place du Pont, Rue de Marseille, Mairie du III^e arrond et Grande rue de la Guillotière
 début du XX^e siècle (vers 1918)
 carte postale, domaine public.



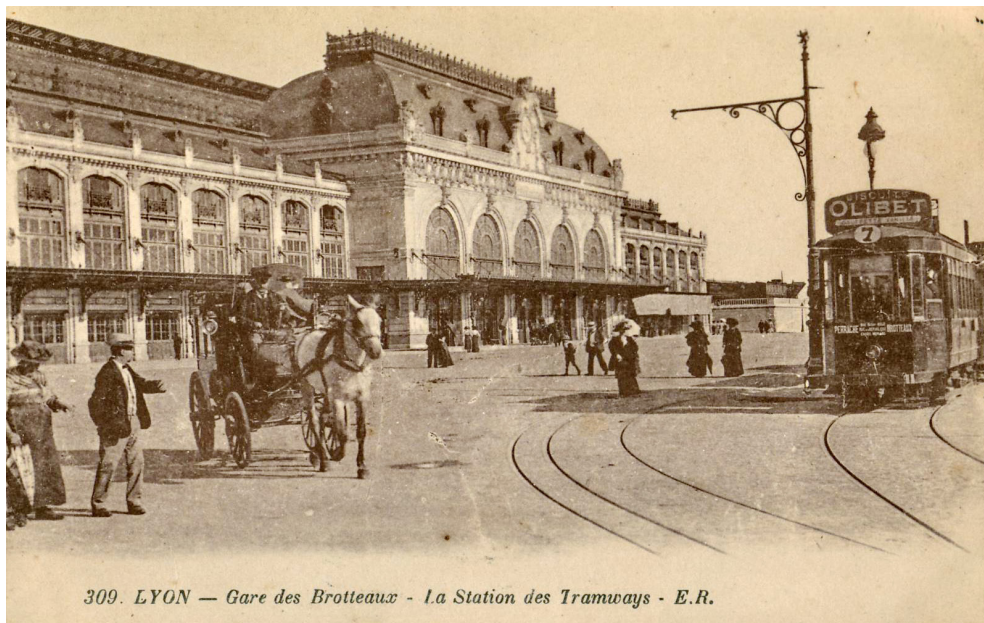
São Paulo
 Rua João Brícola
 1918
 Arquivo IEB-USP



Lyon
Cours Verdun et Place Carnot
début du XXe siècle (vers 1921)
carte postale, domaine public.



São Paulo
Rua Líbero Badaró
1920
Arquivo IEB-USP



309. LYON — Gare des Brotteaux - La Station des Tramways - E.R.

Lyon
Gare des Brotteaux - La Station des Tramways
début du XXe siècle (vers 1926)
carte postale, domaine public.



São Paulo
Rua XV de Novembro
1929
Arquivo IEB-USP



São Paulo
Rua XV de Novembro
1929
Arquivo IEB-USP



Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Marco Antonio Zago

REITOR

Prof. Dr. Vahan Agopyan

VICE-REITOR

**Istituto de
Estudos Brasileiros**

Profa. Dra. Sandra Margarida Nittrini

DIRETORA

Prof. Dr. Paulo Teixeira Iumatti

VICE-DIRETOR

Pérola Ramira Ciccone

CHEFE TÉCNICA DA DIVISÃO

CIENTÍFICO-CULTURAL



Credenciamento e Apoio Financeiro
do: Programa de Apoio às
Publicações Científicas da USP
Comissão de Credenciamento



Instituto de Estudos Brasileiros
Edifício Brasiliana, Praça do Relógio
Solar, 342, Cidade Universitária
05508-115, São Paulo - SP, Brasil
(11) 2648 1239 • www.ieb.usp.br

Revista do Instituto de Estudos Brasileiros

ISSN 2316-901X • n. 64, 2016 • mai./ago.

COMISSÃO EDITORIAL **Denilson Lopes Silva** (UFRJ) RIO DE JANEIRO, BR; **Gustavo Alejandro Sorá** (UNC) CÓRDOBA, AR; **Jaime Tadeu Oliva** (IEB-USP) SÃO PAULO, BR; **Paulo Teixeira Iumatti** (IEB-USP) SÃO PAULO, BR; **Pedro Meira Monteiro** (PRINCETON U.) PRINCETON, EUA; **Randal Johnson** (UCLA) LOS ANGELES, EUA; **Walter Garcia** (IEB-USP) SÃO PAULO, BR

EDITORES RESPONSÁVEIS **Marcos Antonio de Moraes** (IEB-USP); **Stelio Marras** (IEB-USP); **Ana Paula Cavalcanti Simioni** (IEB-USP)

PRODUÇÃO **Divisão Científico-Cultural** (IEB-USP)

ASSISTENTES EDITORIAIS **Pérola Ramira Ciccone**; **Regina Mayumi Aga**

EQUIPE DE APOIO **Cleusa Conte Machado** (revisora); **Eduardo Junqueira Moreira** (estagiário); **Fernanda Cristina Campos** (estagiária); **Flávio Alves Machado** (diagramador)

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA **Eduardo Junqueira Moreira** (estagiário); **Flávio Alves Machado**

PREPARAÇÃO DE TEXTOS **Cleusa Conte Machado**

PROJETO GRÁFICO **Camillo e Tressler Design**

LEVANTAMENTO DE IMAGENS DE SÃO PAULO **Paulo Moura** (Arquivo IEB-USP)

CONSELHO CONSULTIVO **Adrián Gorelik** (UNIV. NACIONAL DE QUILMES, BERNAL, AR); **Barbara Weinstein** (UNIV. DE NOVA IORQUE, NOVA IORQUE, EUA); **Carlos Augusto Calil** (UNIV. DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, BR); **Carlos Sandroni** (UNIV. FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE, BR); **Ettore Finazzi-Agrò** (UNIV. DE ROMA LA SAPIENZA, ROMA, IT); **Fernanda Arêas Peixoto** (UNIV. DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, BR); **Heloisa Maria Murgel Starling** (UNIV. FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, BR); **João Cezar de Castro Rocha** (UNIV. ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, BR); **Jorge Coli** (UNIV. ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS, BR); **Luiz Felipe de Alencastro** (UNIV. DE PARIS-SORBONNE, PARIS, FR); **Manuel Villaverde Cabral** (UNIV. DE LISBOA, LISBOA, PT); **Maria Cecília França Lourenço** (UNIV. DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, BR); **Maria Ligia Coelho Prado** (UNIV. DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, BR); **Maria Lucia Bastos Kern** (PONTIFÍCIA UNIV. CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, BR); **Peter Burke** (EMMANUEL COLLEGE CAMBRIDGE, CAMBRIDGE, RU); **Regina Zilberman** (UNIV. FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, BR); **Ricardo Augusto Benzaquen de Araújo** (PONTIFÍCIA UNIV. CATÓLICA DO RIO/ INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE PESQUISAS DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO, BR); **Rodolfo Nogueira Coelho de Souza** (UNIV. DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, BR); **Sergio Miceli** (UNIV. DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, BR); **Walnice Nogueira Galvão** (UNIV. DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, BR)

IMAGEM DA CAPA

São Paulo

Rua XV de Novembro
1910-1912

IMAGENS DE SÃO PAULO
Arquivo IEB-USP

CHASLES • ENALI DE BIAGGI • BEATRIZ PICCOLOTTO SIQUEIRA BUENO • FERNANDA PADOVESI FONSECA • EDUARDO DUTENKEFER • LUCIANO ZOBOLI • JAIME TADEU OLIVA • ELIANE KUVASNEY • ANA CLAUDIA FLORINDO FERNANDES • RAQUEL MARTINS • ROSÂNGELA PAULINO DE OLIVEIRA • CLÁUDIO MÁRCIO DO CARMO • FRANCISCO MATA MACHADO TAVARES • ELLEN RIBEIRO VELOSO • LUCIANA REQUIÃO • GUSTAVO MIRANDA PUERARI • BRUNA DELLA TORRE DE CARVALHO LIMA • PATRÍCIA REGINA CAVALEIRO PEREIRA • LUÍS ANTÔNIO CONTATORI ROMANO • FERNANDO MUNHÓS • BERNARD GAUTHIEZ • OLIVIER ZELLER • VIRGINIE CHASLES • ENALI DE BIAGGI • BEATRIZ PICCOLOTTO SIQUEIRA BUENO • FERNANDA PADOVESI FONSECA • EDUARDO DUTENKEFER • LUCIANO ZOBOLI • JAIME TADEU OLIVA • ELIANE KUVASNEY • ANA CLAUDIA FLORINDO FERNANDES • RAQUEL MARTINS • ROSÂNGELA PAULINO DE OLIVEIRA • CLÁUDIO MÁRCIO DO CARMO • FRANCISCO MATA MACHADO TAVARES • ELLEN RIBEIRO VELOSO • LUCIANA REQUIÃO • GUSTAVO MIRANDA PUERARI • BRUNA DELLA TORRE DE CARVALHO LIMA • PATRÍCIA REGINA CAVALEIRO PEREIRA • LUÍS ANTÔNIO CONTATORI ROMANO • FERNANDO MUNHÓS • BERNARD GAUTHIEZ • OLIVIER ZELLER • VIRGINIE CHASLES

14 **Editorial**

- 17 **Apresentação do dossiê – Um perfil geo-histórico de São Paulo e de Lyon (França) do final do século XIX até 1930** • Íris Kantor, Beatriz Piccolotto
Siqueira Bueno, Fernanda Padovesi Fonseca,
Eliane Kuvasney & Jaime Tadeu Oliva

ARTIGOS • ARTICLES)

- 21 **Lyon, das fontes escritas ao SIG histórico – método e exemplos de aplicação** [*Lyon, written historical source GIS – method and examples of developments*] • Bernard Gauthiez
- 51 **Um problema da administração municipal: das fontes textuais à cartografia de síntese (Lyon do século XVI ao XVIII)** [*For a problematization of municipal administration: textual sources to the cartography of synthesis (Lyon 16th-18th centuries)*] • Olivier Zeller
- 65 **Saúde urbana e higienismo, o exemplo da França** [*Urban health and hygienism, the example of France*] • Virginie Chasles
- 75 **Dinâmicas de representações espaciais e dados cartográficos em Lyon no início do século XX: uma primeira abordagem** [*Spatial representations dynamics and cartographic data in Lyon in the early twentieth century: a first approach*] • Enali De Biaggi
- 99 **Arqueologia da paisagem urbana: lógicas, ritmos e atores na construção do centro histórico de São Paulo (1809-1942)** [*Archaeology of cityscape: logics, rhythms and makers in São Paulo old-town fabric (1809-1942)*] • Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno
- 131 **Cartografia digital geo-histórica: mobilidade urbana de São Paulo de 1877 a 1930** [*Geo-historical digital cartography: the urban mobility of São Paulo from 1877 to 1930*] • Fernanda Padovesi Fonseca, Eduardo Dutenkefer, Luciano Zoboli & Jaime Tadeu Oliva
- 167 **Os mapas como “operadores espaciais” na construção da cidade de São Paulo do início do século XX** [*The maps as “spatial operators” in the construction of the São Paulo city in the early twentieth century*] • Eliane Kuvasney

- 183 **Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula** [*National rap: black youth and the musical poetical experience inside classroom* • Ana Claudia Florindo Fernandes, Raquel Martins & Rosângela Paulino de Oliveira
- 201 **Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in)tolerância: uma relação linguístico-discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro** [*Minority groups, vulnerable groups and the problem of (in)tolerance: a linguistic-discursive and ideological relationship between disrespect and the manifestation of hatred in the Brazilian context* • Cláudio Márcio do Carmo
- 224 **Quando o carnaval chegou: ativismo político no anverso histórico do *Homo ludens*** [*When carnival started: political activism in the historic obverse of Homo ludens* • Francisco Mata Machado Tavares & Ellen Ribeiro Veloso
- 249 **“Festa acabada, músicos a pé!”: um estudo crítico sobre as relações de trabalho de músicos atuantes no estado do Rio de Janeiro** [*“Festa acabada, músicos a pé!”: a critical research of active musicians' labor relations in the state of Rio de Janeiro* • Luciana Requião
- 275 **Estado e empresariado nacionais na condução da política externa brasileira para a África no governo Lula** [*National private sector and state in the conduction of the Brazilian foreign policy for Africa during the Lula years* • Gustavo Miranda Puerari
- 296 **Eles devoraram tudo: primitivismo, barbárie e as vanguardas** [*They have devoured everything: primitivism, barbarism and the avant-gardes* • Bruna Della Torre de Carvalho Lima
- 310 **Cartas e ficção, um capítulo da obra alencariana** [*Letters and fiction, a chapter of alencar's work* • Patrícia Regina Cavaleiro Pereira

- 325 **Diário de bordo, de Cecília Meireles, ilustrado por Fernando Correia Dias: correspondências artísticas e gênese da viagem na obra ceciliana** [*"Diário de bordo", by Cecília Meireles, illustrated by Fernando Correia Dias: artistic correspondence and genesis of the trip in the work of Cecília Meireles* • Luís Antônio Contatori Romano
- 336 **As cartas também constroem a história: potencialidades em uma conversa vinda do passado** [*Letters also build the history: potentialities in a conversation from the past* • Fernando Munhós

DOCUMENTAÇÃO • DOCUMENTS)

- 344 **A maestria de Pierre Monbeig** [*The mastery of Pierre Monbeig* • Eduardo Dutenkefer, Fernanda Padovesi Fonseca & Jaime Tadeu Oliva

NOTÍCIAS • NEWS)

- 353 **Informativo IEB**



EDITORIAL

São Paulo
Rua da Glória
1929
Arquivo IEB-USP

DISCIPLINAR, INTER-TRANS-MULTI-PÓS-DISCIPLINAR

Por onde quer que se lance o olhar, tudo agora parece escapar das pinças que a formação e o conhecimento disciplinar haviam preparado. A realidade vaza em heterogeneidades, exceções e ruídos que já não se deixam mais reduzir a perspectivas que, de antemão, repartem a realidade em domínios ontológicos e epistemológicos supostamente prontos e estáveis: aqui a natureza, ali a sociedade; aqui a ciência, ali a religião; aqui a economia, ali o ambiente; aqui o fato, ali a ficção; aqui o literário, ali o analítico; aqui o humano, ali o não humano; aqui o local, ali o global; aqui o Brasil, ali o mundo. Mas e quando, como agora, essas fronteiras rapidamente se esfumam por conta de uma realidade (isto é, muitas realidades) que o mundo (isto é, muitos mundos) apresenta mais e mais como exigência? O que agora ensinar? Como agora aprender? Como, mesmo, pesquisar? Na mesma escala em que esses desafios põem medo, também plantam suas esperanças. A universidade será capaz de facear esses incômodos imbróglios? Senão perguntar: a universidade será capaz de se converter em, digamos, *multiversidade*?

Que não se espere, claro, resposta única a diferentes confusões (*co-fusões*). A cada embaraçamento, aí mesmo uma experiência original de abordagem híbrida. Mas, se há um princípio minimalista que atravessa toda e qualquer experiência que de fato enfrente, a cada vez, seus emaranhamentos, este princípio diz respeito à coragem de se abandonar o conforto disciplinar como condição para descrições mais realistas do real. Ou de um real que mais e mais se mostra complexo, exigindo portanto abordagens também complexas. Tais abordagens bem poderiam responder pelos nomes de interdisciplinar, multidisciplinar, transdisciplinar. Ou pós-disciplinar – com isso apontando para o desafio não bem de abrir mão dos ganhos e acúmulos do conhecimento talhado nas perspectivas disciplinares, mas sim de fazer com que essas perspectivas se desestabilizem produtivamente e consigam se deslocar, se traduzir, se transformar. Consigam se atravessar umas nas outras. Para uma pós-disciplinaridade, um outro disciplinamento. Ou uma outra disposição: a que encare as travessias em terrenos movediços. Melhor cambalear do que arriscar correr velocemente sem sair do lugar.

O Instituto de Estudos Brasileiros, de sua parte, já mira esse horizonte. São professores, alunos e pesquisadores que, neste momento, reorganizam seus núcleos de estudo com vistas a expô-los à provação inter-trans-multi-pós-disciplinar no ambiente propício e auspicioso do recém-inaugurado Laboratório Interdisciplinar do

IEB (Labieb). Aos poucos vai emergindo a percepção de que a aposta do Instituto de Estudos Brasileiros visa menos aos estudos *do* Brasil, e muito mais aos estudos *no* Brasil. Isto é, produção de pesquisadores aqui radicados, aqui falantes do português abrasileirado, aqui pensantes. A isso se pode bem reconhecer o epíteto de *conhecimento situado* (mas haverá algum que não o seja?). Sim, situado, mas não sitiado. Aposta, enfim, de que reconhecer seus enraizamentos aparece como condição para a sua proliferação original mundo afora. Ou como nas palavras de Tolstói: “Se queres ser *universal*, começa por pintar a tua *aldeia*”.

A *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, acolhendo artigos das diversas áreas de conhecimento nas humanidades, ao longo de seus mais de 50 anos de existência, torna-se um sismógrafo desses movimentos reflexivos na investigação científica universitária. Em suas páginas flagram-se múltiplas vertentes do pensamento crítico, seus avanços e suas vicissitudes na apreensão da realidade *no Brasil*, na complexa trama globalizada.

O presente número da *RIEB* tem a satisfação de apresentar a primeira parte do dossiê temático “Dinâmicas de urbanização e representações espaciais: abordagem geo-histórica dos territórios com Sistemas de Informação Geográfica (SIG)”, congregando pesquisadores brasileiros e franceses, em diálogo no Programa USP/Cofecub da Pró-Reitoria de Pesquisa – Universidade de São Paulo. Estudos de fôlego interpretativo, valiosas representações cartográficas e rica iconografia logram dar “visibilidade aos processos de urbanização e transformação das dinâmicas espaciais”, em perspectiva contrastiva, como explicitam, na apresentação do conjunto, os professores Íris Kantor, Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, Fernanda Padovesi Fonseca, Eliane Kuvasey e Jaime Tadeu Oliva.

Em igual diapasão crítico, os demais artigos que integram este número da *RIEB* atualizam os fecundos olhares multifocais da educação, antropologia, história, música, linguística, literatura, economia e política. Os escritos enfrentam questões atuais, ou historicamente candentes, no processo de formação brasileira e se abrem para novas visadas hermenêuticas. “*Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula*”, assinado pelas professoras Ana Claudia Florindo Fernandes, Raquel Martins e Rosângela Paulino de Oliveira, mostra, a partir de bem-sucedidas experiências pedagógicas, as potencialidades formadoras, críticas e identitárias que emanam da expressão musical nascida em espaços marginalizados. “Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in)tolerância: uma relação linguístico-discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro”, do professor Cláudio Márcio do Carmo, mergulha no “universo linguístico-discursivo que envolve a palavra *tolerância*”, desvelando a sombra do “discurso do ódio” comportamental no contexto brasileiro. “Quando o carnaval chegou: ativismo político no anverso histórico do *Homo ludens*”, dos professores Francisco Mata Machado Tavares e Ellen Ribeiro Veloso, propõe uma “interpretação alternativa para a relação entre o lúdico e o político” no nosso país ao se deter sobre a greve dos garis no carnaval carioca em 2014, mencionando, ainda, as manifestações populares que tomaram as ruas em 2013. “‘Festa acabada, músicos a pé!': um estudo crítico sobre as relações de trabalho de músicos atuantes no estado do Rio de Janeiro”, artigo da professora Luciana Requião, a contrapelo de positivas avaliações oficiais,

lança luz sobre a dura realidade vivenciada por profissionais ligados ao Sindicato dos Músicos do Estado do Rio de Janeiro. “Estado e empresariado nacionais na condução da política externa brasileira para a África no governo Lula”, do analista de relações internacionais do IBGE Gustavo Miranda Puerari, focaliza “três casos de empresas brasileiras que realizaram investimentos” no continente africano, evidenciando as relações entre o político e o econômico.

Nos vínculos da antropologia com a literatura, o artigo “Eles devoraram tudo: primitivismo, barbárie e as vanguardas”, da doutoranda em sociologia Bruna Della Torre de Carvalho Lima, explorou “os sentidos e ambiguidades que o primitivismo assumiu” no pensamento estético e na obra literária do modernista Oswald de Andrade. As técnicas ficcionais do escritor romântico José de Alencar, valendo-se dos recursos discursivos e narrativos da epistolografia, são tema de “Cartas e ficção, um capítulo da obra alencariana”, texto da mestre em Literatura Brasileira Patrícia Regina Cavaleiro Pereira.

Na seção Resenhas, a literatura e as cartas ganham novamente espaço. O professor Luís Antônio Contatori Romano assina a substancial leitura crítica do livro *Diário de bordo*, com a coleção de crônicas de viagem de Cecília Meireles, difundidas em jornal, em 1934, ao lado dos desenhos de seu primeiro marido, Fernando Correia Dias. O doutorando em Literatura Brasileira Fernando Munhós instituiu produtivo diálogo com a obra da filóloga Vanessa Martins do Monte, *Correspondências paulistas: as formas de tratamento em cartas de circulação pública (1765-1775)*, uma importante contribuição aos estudos epistolográficos.

Constituindo vínculos estreitos com o Dossiê, a seção Documentação divulga importante matéria iconográfica do Fundo Pessoal do geógrafo francês Pierre Monbeig, no IEB-USP, apresentada pelos pesquisadores Eduardo Dutenkefer, Fernanda Padovesi Fonseca e Jaime Tadeu Oliva. Monbeig, professor da Universidade de São Paulo entre 1935 e 1946, revelou em seus mapas um “sofisticado” traço “do ponto de vista de linguagem”.

A Comissão Editorial agradece a todos que contribuíram para a produção deste alentado número; ao excelente quadro técnico, administrativo e de estagiários da Divisão Científico-Cultural do IEB; aos professores Eliane Kuvasney e Jaime Tadeu Oliva; ao Serviço de Arquivo do IEB, destacando a valiosa contribuição de Elisabete Marin Ribas e de Paulo José Moura, no trabalho de pesquisa e seleção de imagens que ilustram este volume.

Marcos Antonio de Moraes, Stelio Marras, Ana Paula Cavalcanti Simioni
*Editores*¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p14-16>

1 Docentes e pesquisadores do Instituto de Estudos Brasileiros – USP.

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

Um perfil geo-histórico de São Paulo e de Lyon (França) do final do século XIX até 1930

A *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* tem a oportunidade de publicar a primeira parte de um dossiê de caráter interdisciplinar que resultou da parceria entre algumas unidades da Universidade de São Paulo – USP (Programa de Pós-Graduação em História Social, Laboratório de Estudos de Cartografia Histórica da Cátedra Jaime Cortesão, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana – todos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH; Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU; e Programa de Pós-Graduação Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB) e a Université Jean Moulin (Lyon 3), especificamente com seu Département de Géographie-Aménagement.

Intitulado “Dinâmicas de urbanização e representações espaciais: abordagem geo-histórica dos territórios com Sistemas de Informação Geográfica (SIG)”, o projeto foi aprovado no Edital USP-Cofecub de 2014. Sua proposta se inseriu no campo da geo-história, área de estudos eminentemente interdisciplinar, que contempla abordagens em diferentes escalas, desde a escala mundial até análises de pequenos sítios históricos. Um recurso interessante nesse campo, e que foi chave na pesquisa, é a construção retrospectiva de realidades histórico-espaciais fazendo uso de técnicas cartográficas. No caso, trata-se de desconstruir mapas históricos, de compreender a difusão dos modelos cartográficos e suas formas de apropriação cultural, identificando as motivações subjacentes na reprodução e circulação dos mesmos: com base nas técnicas da cartografia contemporânea (tecnologia digital com seus Sistemas de Informações Geográficas – SIGs), e a partir do entrecruzamento de diversas fontes de documentação histórica, pode-se conceber mapas retrospectivos que dão visibilidade aos processos de urbanização e transformação das dinâmicas espaciais. Essa nova *cartografia digital geo-histórica* é resultado do cotejo sistemático de uma multiplicidade de tipologias documentais, visuais e não visuais. As fontes textuais ganham novas possibilidades de identificação de dinâmicas sociais e de

interpretação quando as narrativas, as informações e os dados que elas trazem se manifestam por meio da linguagem gráfica dos mapas.

Os artigos resultam de dois anos de trabalhos e pesquisas referentes às cidades de São Paulo e de Lyon, na França. A ideia foi a de comparar as dinâmicas e ritmos de crescimento das duas cidades desde finais do século XIX até os anos 1930, período no qual elas sofreram transformações estruturais. O objetivo principal da cooperação foi compartilhar experiências sobre métodos de reconstrução geo-histórica dessas cidades. Tais exercícios possibilitaram a espacialização de dados sociodemográficos ainda inéditos, permitindo visualizações de redes que operavam nas cidades, dando oportunidade de rever suas lógicas e impactos.

Convidamos os leitores para apreciar os resultados alcançados nesses dois anos de pesquisa em comum e avaliar conosco a pertinência e a relevância de pesquisas em cooperação e também as possibilidades trazidas pelas práticas cartográficas no campo de geo-história.

Os artigos

Nesta primeira parte do dossiê estão sendo publicados sete artigos. O primeiro deles é do arquiteto e urbanista Bernard Gauthiez, da Université Jean Moulin Lyon 3. Nele é descrito o método desenvolvido pelo autor nos anos 1990 para a análise e o mapeamento de informações sobre as licenças de construção contidas nos arquivos municipais de Lyon, desde o século XVIII. Com isso se consegue a visualização de microespaços, o que dá oportunidade de perceber que o espaço urbano é uma matéria, cuja transformação tem, nos pequenos atores, protagonistas relevantes.

Já o artigo de Olivier Zeller, historiador e professor emérito da Université Lumière Lyon 2, justifica a necessidade de estudos sobre as municipalidades antigas, na escala das médias e pequenas cidades. O artigo complementa as análises desenvolvidas por Bernard Gauthiez, aprofundando a descrição sobre as jurisdições e gestões municipais responsáveis pelas mudanças ocorridas no espaço urbano de Lyon.

Procurando identificar fenômenos e representações que pesaram na estruturação das cidades, o artigo da geógrafa Virginie Chasles, também da Université Jean Moulin, desenha um perfil da saúde urbana na França e em Lyon a partir das monografias médicas do século XVIII, passando pela revolução pasteuriana e pelo higienismo. Seu objetivo é mostrar como o urbanismo foi influenciado pela medicina. Esse tema é importante para Lyon, pois as transformações levadas a cabo pela administração municipal, observadas por Olivier Zeller e cartografadas por B. Gauthiez, estão diretamente ligadas às ações higienistas.

Completando os artigos relativos à cidade de Lyon, a geógrafa Enali De Biaggi (Université Jean Moulin) trata da produção dos mapas lioneses desde as últimas décadas do século XIX até a terceira década do século XX, concentrando-se no mapeamento em grande escala (com muitos detalhes). Analisa algumas séries topográficas e identifica os aspectos dos mapas que serão a base de outros, e que depois serão utilizados para a gestão de uma cidade em ritmo de crescimento acelerado. As

informações trabalhadas por ela foram importantes para o desenvolvimento dos trabalhos dos demais pesquisadores do projeto.

Já o bloco de artigos relativos a São Paulo é aberto com texto da historiadora do urbanismo Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, que esclarece o “bota-abaixo” que transformou a cidade de São Paulo – a partir de meados do século XIX – num verdadeiro canteiro de obras. A pesquisadora cruza fontes seriais diacrônicas e sincrônicas, tais como impostos prediais, licenças de construção e legislação, além das informações contidas nos anuários estatísticos, em propagandas de jornais e nas fontes iconográficas.

O artigo escrito pelos geógrafos Fernanda Padovesi Fonseca, Eduardo Dutenkefer, Luciano Zoboli, da FFLCH-USP, e pelo geógrafo do IEB-USP Jaime Tadeu Oliva apresenta os resultados de um estudo sobre as redes de bondes da cidade de São Paulo de 1877 a 1930. O trabalho consistiu em georreferenciar mapas antigos procurando responder a um conjunto de interrogações sobre a história geográfica dessa cidade para construir uma base digital geo-histórica. Além do estudo em si, o artigo explicita os procedimentos metodológicos empregados, permitindo a sua utilização como fonte de informação para investigações da mesma natureza.

Por fim, o artigo da geógrafa Eliane Kuvasney, doutoranda da FFLCH, trata da produção cartográfica “oficial” do município de São Paulo nos albores do século XX. No seu texto, ela argumenta que a forma como a cartografia refletia as mudanças nesse período influenciou a dinâmica da cidade e que os ingredientes dessa dinâmica (as ideias de crescimento e expansão, por exemplo) passaram, a partir daí, a ser orientados pelos mapas na medida em que esses eram dotados de competência enunciativa.

Boa leitura!

Íris Kantor (Programa de Pós-Graduação em História Social)

Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU/USP)

Fernanda Padovesi Fonseca (Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana)

Eliane Kuvasney (Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana)

Jaime Tadeu Oliva (Programa de Pós-Graduação Culturas e Identidades Brasileiras, IEB-USP)

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p17-19>

A black and white aerial photograph of São Paulo, Brazil, in 1929. The image shows a wide view of the city, including the Tietê River, the Estação da Luz, and various industrial and residential buildings. A large bridge with multiple arches spans the river in the foreground. The city is densely packed with buildings, and the landscape is hilly. The sky is overcast.

ARTIGOS • ARTICLES)

São Paulo
Estação da Luz
1929
Arquivo IEB-USP

Lyon, das fontes escritas ao SIG histórico – método e exemplos de aplicação

[*Lyon, written historical source GIS – method and examples of developments*

Bernard Gauthiez¹

Texto traduzido do francês por Eliane Kuvasney. Este artigo é um desdobramento de parte do artigo: GAUTHIEZ, B.; ZELLER, O. Lyons, the spatial analysis of a City in the 17th and 18th Centuries. Locating and Crossing data in a GIS Built from Written Sources. In: RAU, S.; SCHÖNHERR, E. (Ed.). *Mapping spatial relations, their perceptions and dynamics*. Cham/Heidelberg/New York/Dordrecht/Londres: Springer, 2014, p. 97-118

RESUMO • O SIG histórico de Lyon foi desenvolvido a partir do final da década de 1990, com o objetivo de chegar a um novo entendimento da transformação dos espaços urbanos e sociais pela espacialização dos dados à escala dos edifícios. Pensamos que, por tal salto na precisão de um fator 100, de uma subdivisão por 36 bairros para uma por 3.500 edifícios no período moderno, o mapeamento levaria a novas perspectivas e novos resultados a história urbana. Isso envolveu o trabalho ao longo de dois séculos de documentos de arquivo, registros de impostos, censos, licenças de construção, alterações de propriedade, a fim de criar bases de dados criticamente pesquisados, seguidos por *layers* de SIG vetorizados. Foi necessário desenvolver um método para revelar a espacialidade implícita dessas fontes escritas, estabelecer um mapeamento da topografia, permitido pela reconstrução cuidadosa do padrão de trama da cidade, juntamente com sua variação antes de 1800, e levar em conta a transformação do espaço, estudado na escala real de investimentos individuais, através das licenças de construção verificadas com as construções ainda existentes, e o registro administrativo. **PALAVRAS-CHAVE** • SIG histórico; geografia histórica; licenças de constru-

ção; imóveis; indústria da seda; Lyon. **ABSTRACT** • The Lyons historical GIS was developed from the end of the 1990s with the goal to reach a new understanding of the transformation of urban and social spaces by spatializing data at the buildings scale. We thought that by such a jump in precision of a factor 100, from a subdivision by 36 quarters to one by 3,500 buildings in the modern period, the mapping would lead to new perspectives and results in urban history. This involved working through two centuries of archival records, taxes registers, censuses, building permits, property changes in order to create critically researched data bases followed by vector GIS layers. It was necessary develop a method to reveal the implicit spatiality of these written sources, to establish a mapping topography, allowed by a careful and geometrically checked reconstruction of the city's plot pattern together with its variation before 1800, and to take into account the space transformation, studied at the actual scale of individual investments, owing to the building permits checked with the still extant constructions, and the administrative record. **KEYWORDS** • Historical SIG; historical geography; authorizations to build; buildings; silk trade; Lyons.

Recebido em 21 de março de 2016

Aprovado em 25 de julho de 2016

GAUTHIEZ, Bernard. Lyon, das fontes escritas ao SIG histórico – método e exemplos de aplicação. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 64, p. 21-50, ago. 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p21-50>

¹ Université Jean Moulin Lyon 3 (Lyon, França).

INTRODUÇÃO

O Sistema de Informações Geográficas – SIG histórico de Lyon foi concebido no fim dos anos 1990 para utilizar fontes de arquivos pouco ou nada exploradas anteriormente², em especial as licenças de construção dadas pela administração municipal, o Consulat. Tratava-se, em primeiro lugar, de estudar a transformação material da cidade, depois, o seu espaço social. O número dessas licenças de construção, praticamente todas preservadas entre 1617 e 1763, é de cerca de 8 mil, entre as quais 2.535 construções novas e reconstruções, e 840 sobre-elevações de um ou dois andares. Os outros se referem a modificações de fachada, abertura ou fechamento de janelas e de portas, estabelecimento de dutos de água privados (adutoras de água ou esgotos) sob a via pública, e situações outras semelhantes³. O primeiro objetivo desse projeto era cartografar a evolução de uma cidade à escala dos seus elementos mais finos, em outras palavras, os quanta de modificação da estrutura, a fim de melhorar a compreensão dos processos envolvidos. A transformação do urban fabric (a cidade material) não é contínua, mas é feita da acumulação dessas pequenas mudanças no quadro geral de operações de urbanismo de dimensão variável. A identificação dessas operações de urbanismo e a sua cartografia própria também são integradas ao SIG.

Esse projeto exigiu percorrer etapas epistemológicas importantes em relação à natureza dos objetos a cartografar, tendo as unidades de construção e as operações de urbanismo claramente definidas⁴.

Outro objetivo, tornado possível pela cartografia das fontes escritas e do primeiro plano parcelar da cidade, estabelecido em 1830, era a reconstituição da geografia da cidade com base nas unidades parcelares construídas anteriormente por método regressivo. Isso implicava compreender a natureza espacial implícita das fontes

2 GAUTHIEZ, Bernard; ZELLER, Olivier. Lyon aux XVII-XVIIIe siècles, la fabrique de la ville. In: BAJOLET, E.; MATTEI, M.-F.; RENNES, J.-M. (Éd.) *Quatre ans de recherche urbaine 2001-2004*. Tours: Presses Universitaires François-Rabelais/Maison des Sciences de l'Homme, 2006, v. I, p. 459-463.

3 Archives Municipales de Lyon (AML), registros da série DD.

4 GAUTHIEZ, Bernard. *Espace urbain*, vocabulaire et morphologie. Paris: Editions du Patrimoine, 2003; GAUTHIEZ, Bernard. The history of urban morphology. *Urban morphology*, 8(2), 2004, p. 71-89; GAUTHIEZ, Bernard. Des unités pertinentes pour mesurer la ville concrète. *Histoire & mesure*, XIX/3-4, 2004, p. 295-316.

escritas seriais, em especial dos papéis fiscais e dos recenseamentos⁵. Essa dimensão do projeto foi um desafio, no sentido de que não existia nenhum plano vetor para o período anterior a 1980, e porque as licenças de construção comportam apenas notações espaciais limitadas – uma rua, os vizinhos –, mas não os números na rua, que foram introduzidos em Lyon apenas em 1790. A solução foi, por isso, construir um sistema de endereçamento fundado sobre a sucessão dos proprietários, reconstituída – parcialmente devido às lacunas das fontes – graças às fontes escritas sobre cada lote.

A extensão desse projeto ao período entre 1763 e 1900 tornou-se possível pelo exame minucioso dos arquivos das licenças de construção, que enriqueceram a base de dados com cerca de 10 mil linhas⁶, e à reconstituição do sistema de numeração das ruas do período revolucionário, em atividade entre 1790 até aproximadamente 1810, quando se passou ao sistema pares-ímpares ainda em uso. Hoje, cerca de 2.280 (90% de 2.535) das construções autorizadas antes de 1763 e 680 sobre-elevações do mesmo período (80% de 840) foram cartografadas com precisão. Para o período seguinte, todas as autorizações relativas ao perímetro da cidade existente em 1810 foram localizadas e incorporadas no SIG.

Para atingir esses resultados, foi necessário traçar os passos epistemológicos indispensáveis para desenvolver novos elementos do método em relação aos trabalhos mais antigos nesse domínio. Vários autores, na verdade, caminharam nessa direção, mas mantendo seus trabalhos “no papel”⁷. Os resultados obtidos são gradualmente publicados em estudos temáticos. É fácil compreender que tal procedimento, que comporta qualquer fonte com elementos espacializáveis numa camada (layer) do SIG, permite uma capitalização extremamente fértil dos dados e permite abordar questões até agora desencorajadoras pelo investimento ex nihilo necessário.

Os acervos epistemológicos foram estendidos ao estudo das transformações da aglomeração de Lyon por Nicolas Ferrand⁸, na sua tese sobre as operações de urbanismo no território da Grande-Lyon entre 1950 e 2010, do mesmo modo os de Guillaume Sodezza⁹ sobre o vale do Gier e a transformação do seu espaço desde 1800. Também sob a minha direção, a tese em curso de Arnaud Bellec sobre a história da vegetação no espaço da Grande-Lyon se baseia nos trabalhos de Ferrand e enriquece, por sua vez, o SIG.

5 GAUTHIEZ, Bernard; ZELLER, Olivier. Ordre textuel et ordre spatial à Lyon à l'époque moderne. Du parcours de visite au rôle nominal, une spatialité implicite. *Histoire & mesure* XXV-1, 2010, p. 197-230.

6 Os exames efetuados referem-se a todo o centro da cidade até 1828, e parcialmente entre 1828 e 1900.

7 Boudon, Françoise et al. *Système de l'architecture urbaine, le quartier des halles à Paris*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1977; CLAVAL, Paul; CLAVAL, Françoise. Cahors au milieu du XVIIe siècle et la géographie sociale de la ville préindustrielle. In: CLAVAL, Paul. (Éd.). *Géographie historique des villes d'Europe occidentale, II – Espaces sociaux et paysages urbains*. Paris: Publications du Département de Géographie de l'Université de Paris-Sorbonne n. 14, 1977, p. 69-72.

8 Ferrand, Nicolas. *Approche morphologique de l'urbanisation: Lyon et son agglomération de 1945 à 2005, données, outils et méthode*. Thèse (Doctorat de Géographie). Lyon: Université de Lyon Jean-Moulin, 2010.

9 Sodezza, Guillaume. *Vers un atlas morphogénétique de la vallée du Giers*. Caractérisation des éléments et structures matérielles hérités. Thèse (doctorat de géographie), Lyon: Université de Lyon Jean-Moulin, 2014.

CONSTRUIR O SIG

Base topográfica

Para construir a base topográfica, foi seguido o seguinte método¹⁰:

1) Primeira etapa – Estabelecer um plano vetor da cidade baseado no primeiro cadastro levantado em 1830-1831 (1824 para a margem leste do Rhône), corrigindo a sua geometria de forma que os objetos figurem exatamente no mesmo lugar e de acordo com o mesmo contorno nas duas datas diferentes, tomando como referência de georreferenciamento o plano hoje utilizado para todos os trabalhos sobre o espaço da Grande-Lyon (chamado *Système Urbain de Référence – SUR*). O simples georreferenciamento das folhas do cadastro antigo e o rubber-sheathing não permitem essa correção e devem ser descartados. É necessário reinterpretar cada ponto e cada linha da fonte histórica, para, em certa medida, editá-los de maneira adequada. Três camadas (layers) principais foram desenhadas: lotes, construções, outros elementos topográficos (pontes, margens dos cursos de água, escadas etc.).

2) Segunda etapa – Com base nesse plano e usando em torno de 300 planos parciais do século XVIII representando construções e lotes¹¹, como os planos de domínios senhoriais, foi estabelecido um plano vetor de Lyon para 1745 sobre a mesma geometria de referência, também em três camadas principais¹².

Sistema de endereçamento dos dados relativos às construções

As fontes permitem, de maneira sistemática, para antes de 1790, somente um sistema de endereçamento, referente à sucessão dos proprietários de uma mesma construção (as licenças de construção são dadas a um proprietário específico, as fontes fiscais e os recenseamentos referem-se sempre, ou quase sempre, ao proprietário do imóvel). Graças ao fato de Lyon ser, já no século XVI, uma cidade onde os imóveis eram plurifamiliares – o que não ocorria, de forma generalizada, à época moderna, na

¹⁰ Boudon, Françoise et al., op. cit.; SCHÄTTI, Nicolas; Viacozz De Noyers, Anne-Marie. L'Atlas historique de la ville de Genève, vieilles méthodes, nouveaux outils. *Patrimoine et architecture* 14-15, 2005, p. 58-64; GAUTHIEZ, Bernard. Lyon en 1824-32: un plan de la ville sous forme vecteur d'après le cadastre ancien. *Géocarrefour* 83-1, 2008, p. 57-67; GREGORY, Ian N. *A place in history: a guide to using GIS in historical research*. Oxford and Oakville: Oxbow Books, 2003; GREGORY, Ian N.; ELL, Paul S. *Historical GIS: techniques, methodologies and scholarship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

¹¹ Por exemplo AML 2 S 26, *Atlas de la rente noble de l'archevêché*; Archives Départementales du Rhône (puis ADR) 10 G 2338, capítulo de St-Jean; ADR 15 G 188, capítulo de St-Nizier etc.

¹² Esse plano primeiro foi desenhado manualmente nos anos 1990. GAUTHIEZ, Bernard. *Lyon, formation et évolution d'un espace urbain, I.- cartographie du site et Moyen-Âge*. Vaulx-en-Velin: Ecole Nationale Supérieure d'Architecture de Lyon, 1993. Ele foi vetorizado, e a sua geometria corrigida em 2005.

maioria das outras grandes cidades da Europa –, o número de propriedades unitárias em determinado momento é limitado a aproximadamente 3.500¹³.

Dois métodos complementares foram seguidos para chegar a uma cartografia de endereçamento completa:

1) A partir do cadastro de 1830-31, onde consta o sistema de numeração par-ímpar estabelecido por volta de 1810, foi possível cartografar os proprietários indicados no recenseamento de 1814¹⁴. O primeiro recenseamento completo data de 1808, mas é estabelecido de acordo com o sistema de numeração em uso desde 1790. Como os proprietários são, em grande parte, os mesmos em 1808 e 1814, é possível cartografá-los em 1808 mantendo os nomes onde são documentados nas duas datas, depois preenchendo as lacunas de 1808, data na qual os imóveis estão dados de acordo com uma ordem contínua para cada bairro¹⁵.

2) A segunda fase foi a da utilização da ordem de listagem dos documentos mais antigos visando aos impostos e recenseamentos específicos para reconstituir a ordem espacial das propriedades nas ruas. Pode-se provar que a ordem de listagem foi bastante estável durante todo o século XVIII, e mesmo desde a metade do século XVII, somente com as pequenas modificações do caminho seguido pelos agentes administrativos responsáveis pela confecção das listas¹⁶. Dessa forma, podemos cartografar a lista de

13 Esse aspecto específico da tipologia dos imóveis de Lyon deve ser explicado. A habitação coletiva se desenvolveu a partir de 1500, tornando-se completamente dominante por volta de 1640. GAUTHIEZ, Bernard. *Typologie architecturale et démographie. L'habitat collectif à Lyon à l'époque moderne, 1500-1800*. In: GRENET, Mathieu; JAMBON, Yannick; VILLE, Marie-Laure. (Dir.). *Histoire urbaine et sciences sociales. Mélanges en l'honneur du professeur Olivier Zeller*. Paris: Garnier, 2014, p. 19-48. Isso implica que as unidades médias de financiamento imobiliário acompanharam um desenvolvimento capitalista, e que as condições de habitação e a tipologia dos imóveis foram adaptadas aos baixos salários da indústria da seda, principal atividade econômica da cidade e principal fonte da riqueza produzida. Essa riqueza era monopolizada por uma pequena parte da população, em especial os comerciantes-fabricantes. Os imóveis coletivos construídos a partir do início do século XVII contrastam com os imóveis mais antigos, que têm a forma de casas altas ou sobrelevadas, o que eram às vezes. Com o passar do tempo, a concentração da riqueza em Lyon foi crescente, até a Revolução (GARDEN, Maurice. *Lyon et les Lyonnais au XVIIIe siècle*. Paris: Les Belles Lettres, 1970). Em consequência, o tamanho médio dos imóveis, correspondente às unidades médias de investimento crescente, aumentou, e o número médio de construções novas por ano diminuiu. A concentração da propriedade fundiária e da riqueza econômica era muito grande em 1789. Para Paris, ver: CABESTAN, Jean-François. *La naissance de l'immeuble d'appartements à Paris sous le règne de Louis XV*. In: RABREAU, Daniel (Éd.). *Paris, capitale des arts sous Louis XV*. Bordeaux: William Blake and co/Arts and Arts, 1997, p. 167-195. Em consequência da dimensão crescente dos novos edifícios, com o número de andares passando de quatro, cinco ou seis, e o agrupamento de duas ou três casas preexistentes para poder construí-los, a superfície total construída em Lyon aumentou somente em torno de 30% entre 1600 e 1789, com um número de imóveis variando em torno de 3.400, ao mesmo tempo que a população mais que triplicava, passando de cerca de 40.000 habitantes para cerca de 150.000.

14 AML 92I WP 023-025.

15 AML 92I WP 005-010. O sistema numeração fixo estabelecido em 1790 é uma evolução do anterior, mas com um número mais reduzido de bairros.

16 GAUTHIEZ, Bernard; ZELLER, Olivier. *Ordre textuel et ordre spatial à Lyon à l'époque moderne...*, op. cit.

impostos da vigésima (1/20)¹⁷ de 1789, relacionando-a ao recenseamento de 1808, porque 30% dos proprietários são os mesmos, e os outros proprietários podem ser localizados graças à ordem da lista de 1789. O resultado é confirmado pelos *plans de censive*¹⁸ contemporâneos, alguns dos quais indicam os proprietários.

E assim por diante. A lista de impostos da vigésima de 1766 foi cartografada facilmente em relação à de 1789, utilizando o mesmo método. Para o período anterior, o exercício é mais delicado devido à falta de fontes seriais suficientemente próximas no tempo. Pude, contudo, localizar, com boa dose de certeza, os proprietários em 1698 e 1694, graças à lista de 1766 e aos proprietários informados no *Règlement Général d'Alignement* de 1680¹⁹, um texto que fornece, rua por rua, as linhas de fachada que devem ser respeitadas por toda nova construção e que menciona os proprietários dos imóveis de esquina, cerca de 800, ou seja, perto de um quarto do total²⁰. A partir daí a cartografia dos dados, lamentavelmente parciais, de 1677 é simples²¹.

Os mapeamentos dos proprietários, seguros para os anos 1814, 1808, 1789²², 1766²³ (a metade da cidade), 1698²⁴ e 1677 (em parte)²⁵, podem também ser feitos, mas sobre partes mais reduzidas ainda da cidade, devido às lacunas das fontes, para 1744, 1723, 1636. Essa cartografia é, de fato, cada vez mais confrontada com os dados das licenças de construção. Eles se fortalecem mutuamente, até porque mais de 50% das licenças de construção se referem a imóveis contíguos em séries. Essas localizações também são confrontadas aos edifícios ainda existentes do período, ou seja, cerca de um terço

17 O imposto de 1/20 era anual e baseado na vigésima parte do valor de locação de uma propriedade, geralmente um único imóvel, mas às vezes também um grupo de imóveis ou uma parte, apenas. Como o valor de locação anual valia cerca de 1/20 do valor fundiário de um edifício, o montante do imposto da vigésima valia cerca de 1/400 do valor fundiário de um bem imobiliário. De fato, parece que o valor de venda de um imóvel era estabelecido partir do montante total dos aluguéis recebidos.

18 Terra concedida mediante um *cens anual* (imposto) pago ao senhor. Bispos, cônegos, abades possuíam, dessa forma, feudos ou censives em virtude de suas funções eclesiais. Extraído de: TOCQUEVILLE, *L'Ancien Régime et la Révolution*, 1856, p. 94, apud CNRTL – Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/definition/censives>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

19 AML DD 56.

20 O Consulat decide, em 1698, estabelecer um sistema de iluminação pública nas ruas. Foi financiado com base numa taxa baseada no valor dos imóveis (AML FF 0754-0755). O *Règlement Général d'Alignement* foi adotado em dezembro de 1680. Ele determinava para todas as ruas e todas as praças a linha que qualquer fachada de construção nova deveria respeitar. Seu objetivo era regularizar a largura das ruas nesse contexto de crescimento rápido do tráfego, e contribuir para o embelezamento da cidade.

21 O Consulat faliu em 1677. Entre diversas medidas para restabelecer as finanças municipais, foi decidido impor um empréstimo a todos os ricos da cidade. Um inquérito foi feito com esse objetivo em cada bairro, do qual subsiste cerca da metade dos dados (AML CC 4187). A cartografia da riqueza na cidade, apesar das lacunas, é muito interessante.

22 AML 3 C 52.

23 AML 2 II 160.

24 AML FF 0754-0755.

25 AML CC 4187.

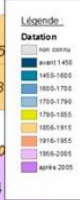
da estrutura de Lyon em 1789, que também são constituídos e documentados numa camada do SIG²⁶. A iconografia, apesar da sua relativa escassez em Lyon, também é utilizada²⁷. As iniciais dos proprietários, em geral colocadas acima das portas, no momento da construção, e o estilo arquitetural das construções constituem outros tantos elementos de concordância entre as fontes escritas, os imóveis existentes e a localização.

Cada fonte forma uma camada independente que pode ser comparada às outras para verificar os dados. Assim, anos de mapeamento e cruzamento das informações disponíveis permitiram estabelecer um sistema seguro de localização para o período posterior a 1677, um pouco menos seguro para o período anterior, e a localização de quase todas as licenças de construção (figura 1). A certeza é quase total para os setores centrais da cidade, os mais documentados, e onde numerosos imóveis da época moderna ainda existem. Os do século XIX impõem dificuldades apenas nos bairros novos, porque ali a numeração foi feita apenas após a urbanização. Contudo, pode-se utilizar as séries dos recenseamentos para reconstituir a ordem e a sequência²⁸.

26 Numerosos imóveis ainda existentes levam as iniciais do proprietário no momento da sua construção, colocadas em letras de ferro forjado acima da porta principal. Algumas datas de construção são ainda legíveis sobre certos edifícios. Um estudo sistemático sobre o terreno foi feito para pôr em relevo esses dados.

27 Mas a iconografia tende a representar as mesmas localidades. Ela é mais rara em Lyon para o período moderno.

28 Os recenseamentos municipais são anuais de 1814 até 1847. Dispomos, depois, dos recenseamentos de Estado, a cada cinco anos em princípio, a partir de 1836. Esses dados estão *online* nos *sites* dos Archives Municipales de Lyon e dos Archives du département du Rhône.



1916-1955
 1956-2005
 après 2005

A localização ao longo das ruas da periferia, onde a estrutura não era contínua ou as ruas eram particularmente compridas (rue de la Grande Côte, rue Pierre-Scize, com mais de um quilômetro), pode ainda apresentar algumas incertezas. A flexibilidade técnica do SIG permite elaborações prósperas em função de novas informações.

Parece que durante esses séculos a cidade foi administrada de forma muito regular. Todas as licenças de construção, com raras exceções, eram seguidas de construções, e os que tentavam escapar ao controle administrativo, ou ignoravam simplesmente sua necessidade, deviam pagar uma multa. Alguns eram obrigados a demolir a construção empreendida sem autorização, para retomá-la de acordo com as prescrições municipais, o que podia ser muito dispendioso. Pelo fato de a jurisdição sobre as licenças de construção e sobre as vias públicas não estar totalmente sob o controle do Consulat, certos setores da cidade não são bem conhecidos: o recinto canônico da catedral Saint Jean, os burgos de Saint Just e Saint Irénée, os subúrbios fora da cidade, que dependiam em parte da jurisdição real das Pontes e Calçadas, em parte dos domínios senhoriais, e as bordas das fortificações, dependentes da administração militar.

Uma vez esse trabalho feito, que foi possível graças à ajuda do meu colega historiador Olivier Zeller e de alguns estudantes, e do exame minucioso de numerosas fontes seriais dos arquivos municipais e departamentais de Lyon, cada uma constituída em camada no SIG²⁹, uma nova história urbana, uma nova geografia histórica torna-se possível. Aqui estão alguns exemplos.

OS CAMINHOS SEGUIDOS PELOS AGENTES ADMINISTRATIVOS PARA OS IMPOSTOS E OS RECNSEAMENTOS

Esses caminhos revelam como o espaço era percorrido e a informação recolhida quando não se utilizavam plantas. Cada um dos 36 bairros da cidade (ou *pennons*) era percorrido de maneira diferente, de acordo com uma lógica geométrica própria, fazendo o tour des îlots, tentando percorrer a rota mais curta, ziguezagueando entre os imóveis dos dois lados de uma mesma rua...³⁰ (figura 2). Isso implica que a administração de cada bairro tinha, em um momento dado (provavelmente por volta

29 Poderíamos pensar que o método mais simples seria fazer uma articulação entre uma camada de polígonos e uma base de dados, mas, pelo fato de as linhas da base de dados não corresponderem sistematicamente a um único imóvel, mas às vezes a um grupo ou a uma parte, cada linha deve ser reexaminada e os polígonos eventualmente reagrupados. Por exemplo, 3.821 entradas são listadas para o imposto da 1/20 de 1789, que correspondem a cerca de 3.431 edifícios (valor de 1786 BRAC, F-P-S. *Mémoire lu par M. Brac, avocat au parlement et aux cours de Lyon, ancien échevin de la même ville dans l'assemblée de Messieurs les anciens échevins de la ville de Lyon, tenue le mercredi 30 août 1786 dans l'hôtel des exercices de la Flèche, avec quelques notes ajoutées par l'éditeur*. Manuscrito, arquivos privados La Perrière, 1787.

30 GAUTHIEZ, Bernard; ZELLER, Olivier. Ordre textuel et ordre spatial à Lyon à l'époque moderne.... op. cit. O número de bairros (ou *pennons*) variou ligeiramente no tempo, mas isso se refere apenas a algumas unidades da periferia. Os limites de cada bairro podiam também variar ligeiramente.

de 1540), determinado um percurso que foi repetido seguidamente, grosso modo, durante mais de dois séculos. Essa rota fixa levou à introdução de um sistema de numeração, a partir de 1723, relacionado à ordem dos imóveis e não à posição deles. Assim, se o percurso fosse exatamente o mesmo em 1766 e em 1789, o número de um mesmo imóvel poderia deslocar-se na lista. A fixação espacial dos números em Lyon ocorreu apenas em 1790 (figura 3). A compreensão dos modos de espacialização dos imóveis sem ter acesso à planta ajuda-nos, assim, a esclarecer uma parte da história da administração da cidade. O modo de espacialização, antes da Revolução, era baseado essencialmente no conhecimento pessoal entre os responsáveis administrativos dos bairros e os 80 a 200 proprietários da sua circunscrição. Esse conhecimento pessoal era reforçado pela continuidade das fortunas no tempo, o que conduzia a associar um local a uma família, às vezes ela própria implicada na administração do bairro. Os percursos de visita começam, assim, frequentemente, pela casa do capitão do bairro.

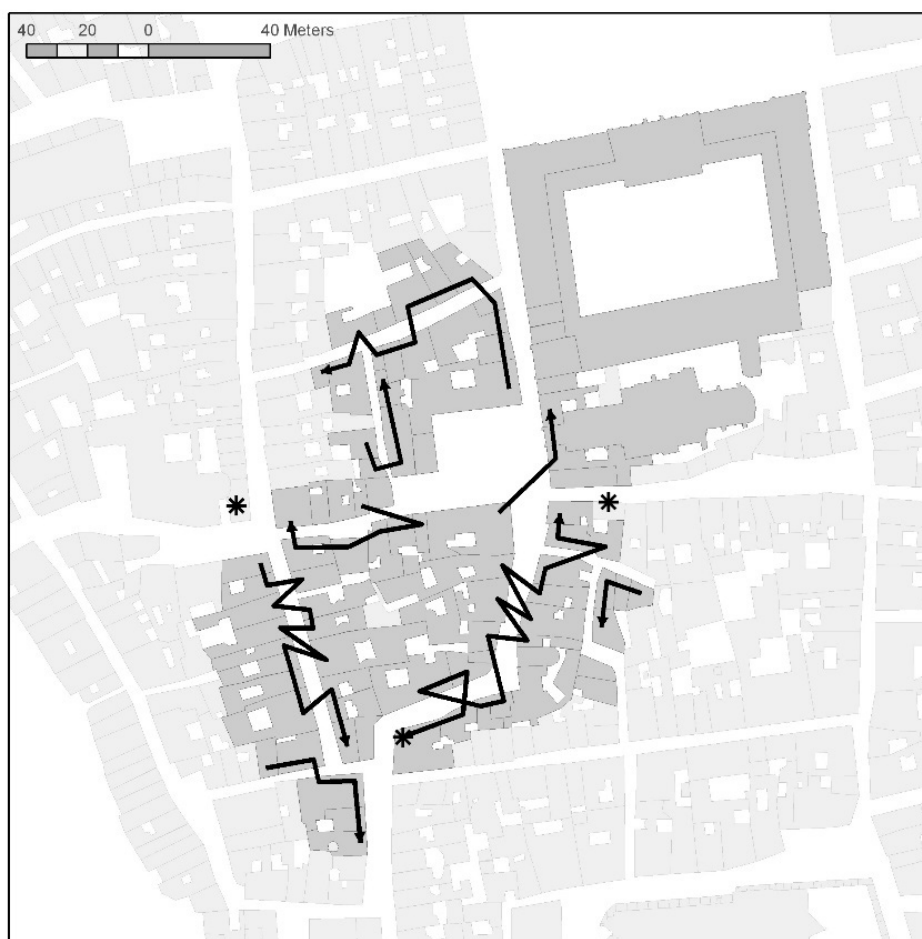


Figura 2 – Percurso do agente administrativo quando de um inquérito sobre a riqueza dos habitantes, Lyon, bairro de St.-Pierre, 1677. Um caso de percurso complexo, baseado na passagem de imóvel a imóvel em ambos os lados de determinada rua (B. Gauthiez©2010)

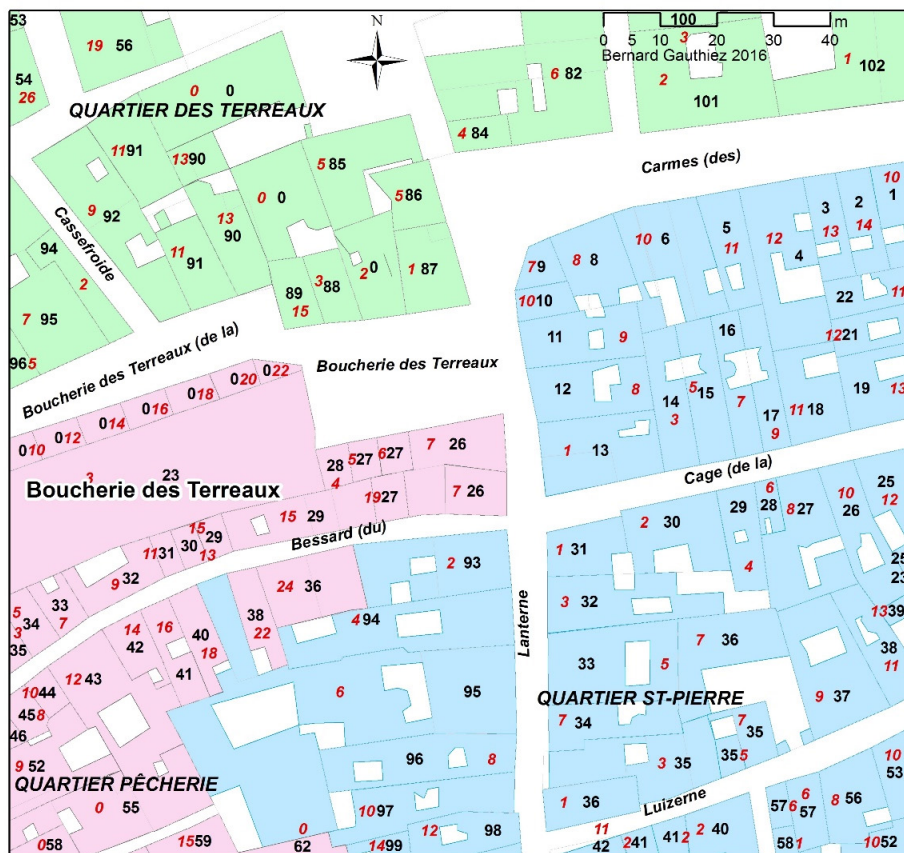


Figura 3 – Cartografia do sistema de numeração em 1790 (números em série por bairro, em preto) e a partir de 1810 (números pares e ímpares para uma rua dada, em vermelho) (B. Gauthiez©2016)

A CARTOGRAFIA DAS LICENÇAS DE CONSTRUÇÃO

Como a cartografia foi feita de acordo com objetos que são o resultado de processos sociais documentados³¹, isso permite reconstruir o filme da transformação da cidade material e questionar as lógicas em jogo – localização, meio social e usos – quando dispomos de dados econômicos. O filme do investimento imobiliário faz surgir períodos e espaços de intensidade variável, elevada ou fraca. Faz também aparecer efeitos de escala até agora não identificados, em especial o modo segundo o qual construções novas formam, muito frequentemente, uma cadeia. Quando um imóvel era reconstruído, os imóveis vizinhos, muitas vezes, o eram também ou, mais frequentemente ainda, eram simplesmente reabilitados nos anos seguintes.

31 GAUTHIEZ, Bernard. Des unités pertinentes..., op. cit.

O *Consulat* incentivava esse processo, sobretudo proibindo de reparar os ângulos das fachadas dos imóveis não recuados, ao mesmo tempo que permitia alargar e embelezar trechos de ruas. Esse processo envolve provavelmente mais de 50% das novas construções.

Outro efeito das reconstruções se torna evidente pela cartografia do alargamento das ruas, devido ao recuo das novas fachadas em comparação às antigas, então substituídas. Esse recuo media de 30 centímetros a quase seis metros (1 a 20 pés). A política da administração do *Consulat* foi constante e muito eficaz. Certamente, o recuo foi limitado aos séculos XVII-XVIII, mas era já uma melhoria considerável se levarmos em conta a largura das ruas antigas, em torno de 10 pés para muitas delas (3,5 m), um pouco mais de 15 para as mais importantes (5,5 m). Essa política respondia ao crescimento do tráfego de veículos, carroças e carros, e visava reduzir os engarrafamentos frequentes nos cruzamentos importantes. O período mais ativo dos alargamentos, dos quais os primeiros datam, o mais tardar, do fim do século XVI, começou nos anos 1660. Essa mudança significa provavelmente uma evolução importante nas modalidades de transporte de mercadorias e dos membros da elite. Os carros e carroças multiplicaram-se, substituindo cavalos e mulas. Trata-se, também provavelmente, de um passo essencial para a Revolução Industrial, quando a indústria da seda estava em pleno desenvolvimento.

Esse movimento se tornou perceptível apenas pela cartografia sistemática. A sua progressividade e a ausência de dados sobre a circulação impediam de identificá-lo (figura 4). Neste sentido, e por esse exemplo, a cartografia das licenças de construção é indispensável para compreender a extensão e os objetivos da política de ordenamento urbano do município³².

32 GAUTHIEZ, Bernard; ZELLER, Olivier. Le dédommagement des reculements: un instrument de la politique d'aménagement urbain à Lyon aux XVIIe et XVIIIe siècles. *Histoire & mesure*, XXVIII-1, 2013 p. 45-73.

registro dos mestres e trabalhadores da seda (a “Grande fabrique”) foi estabelecido eficazmente em 1745³⁵. Seu principal objetivo era um melhor controle dessa população um tanto renitente, objetivo apenas em parte atingido, pois os movimentos de expressão do descontentamento dos trabalhadores não cessaram de fato, permanecendo durante algumas décadas mesmo com amplitude menor.

A cartografia dos mestres da seda, efetuada a partir do registro iniciado em 1745, nos dá uma clara compreensão do espaço da seda na cidade (figura 5). O mapa é impressionante sob dois aspectos: os mestres (os trabalhadores em geral eram alojados junto ao seu mestre) habitavam geralmente a periferia do centro da cidade. Um mesmo espaço, de uma ou duas peças, abrigava os teares, a família do mestre, e o alojamento, os seus empregados solteiros, homens e mulheres. Nos bairros muito centrais e nos setores aristocráticos, como os arredores da praça Bellecour, não se encontrava nem mestres da seda, nem teares, obviamente. Eles estavam concentrados nos bairros mais pobres da cidade, constituindo, eles mesmos, a maior parte dessa pobreza. A partir do primeiro mapa elaborado com os dados de 1621, a fabricação dos tecidos de seda aparece claramente localizada nos espaços da periferia do centro, simultaneamente ao norte, a leste e ao sul. Os dados de 1677, provenientes de um inquérito sobre a riqueza dos habitantes da cidade, com o propósito de um empréstimo forçado, dão indicações sobre a extensão progressiva da indústria da seda a partir do centro. A tendência é claramente visível depois de 1745, a partir de informações do recenseamento de 1833, que permitem cartografar o número de teares por imóvel. Trata-se de uma tendência de longa duração que constatamos por, pelo menos, mais de dois séculos desde 1622. Em outra escala, a cartografia também enfatiza a tendência à concentração dos mestres e dos teares em certos imóveis. Essa especialização é estreitamente ligada às licenças de construção, o que denota a sobreposição dos mapas dos mestres e das autorizações. Isso significa que certos imóveis eram financiados e construídos precisamente para abrigar e alojar os mestres da seda. Esse fenômeno, importante para compreender a arquitetura da cidade, não poderia ser, nas pesquisas atuais, informado de outra forma a não ser por essa cartografia, porque os imóveis da indústria da seda não se distinguem tipologicamente dos outros. O processo de financiamento e de investimento imobiliário subjacente e seus agentes envolvidos, agentes privados e instituições como o Hôtel-Dieu necessitam ser estudados de maneira mais exaustiva. Na historiografia lionesa, cada mestre da seda deveria trabalhar independentemente, possuindo os próprios teares que operava no seu apartamento. É evidente, agora, que o agrupamento dos mestres poderia ser, em parte, organizado e que certos edifícios funcionavam, de fato, praticamente como manufaturas, ainda que os seus ocupantes não fossem assalariados, sendo pagos por tarefa, mesmo se fossem, em princípio, artesãos livres. Esse outro processo está também aberto à investigação, em especial do ponto de vista dos que trabalhavam para os mestres referidos em cada imóvel.

35 AML HH 578. O registro já era previsto anteriormente, mas pouco considerado.

L'espace de la soierie: 1621 / 1744 / 1833

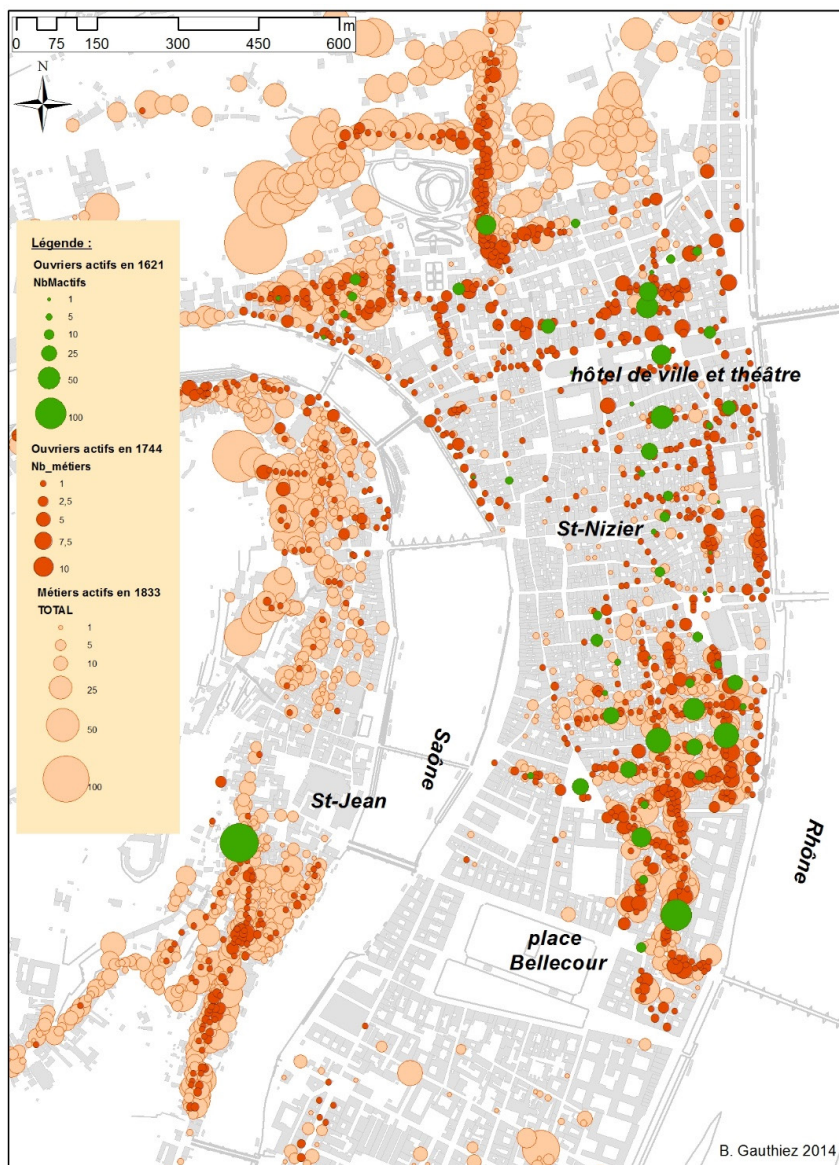


Figura 5 – O espaço da indústria da seda: 1621; 1744; 1833. Cartografia dos chefes de ateliê da indústria da seda em 1621 – em verde (por rua, ateliês); em 1744 – em vermelho; em 1833 – em rosa (por imóvel, ateliês e depois teares), em Lyon. A diacronia mostra as lógicas de desenvolvimento e deslocamento espacial da atividade, na medida do crescimento da cidade. O mapa mostra particularmente o forte crescimento verificado entre 1815-1833 (B. Gauthiez©2016)

Esse processo é particularmente perceptível nos recenseamentos, por exemplo no de 1833, que menciona o número de teares por ateliê/habitação de mestre³⁶. Essa informação era muito útil para a polícia porque outra revolta operária aconteceu em 1831, como em 1744 (uma das duas famosas revoltas dos canuts, nome que começou a ser dado aos trabalhadores da indústria da seda nos anos 1830). Outra revolta, mais mortífera, aconteceu no ano seguinte, em 1834. O centro da cidade foi, nessas ocasiões, controlado pelos trabalhadores. Nas duas circunstâncias, a administração reagiu, com 90 anos de intervalo, de maneira similar. Esses recenseamentos nos dão uma informação espacial anteriormente desconhecida, que podemos cruzar com o mapa da revolta de 1834, elaborado pela administração militar (figura 6).



Figura 6 – Mapa da revolta de 1834, estabelecido pela administração militar. Em vermelho, os trabalhadores insurrectos; em azul, as forças de ordem e o exército (Archives de l’Institut Géographique National, St.-Mandé)

36 AML 921 WP 151-158.

Entre 1745 e 1833, e sobretudo depois de 1810, a indústria da seda tinha se estendido consideravelmente pela cidade, seguindo direções já perceptíveis em 1745: nos antigos bairros lineares da margem direita do Saône, rua Saint-Georges e rua de Pierre-Scize, ao longo da rua de la Grand'Cotê de maneira similar para o norte e ao redor do hospital do Hôtel-Dieu. Outras áreas novas também surgiram, ao norte, em loteamentos de terrenos de instituições religiosas que foram suprimidas durante a Revolução, como os dos oratorianos e das carmelitas em 1820, onde a maior concentração de teares estava presente em 1833. O mesmo processo estava em andamento nos capuchinhos, acima do bairro de Saint-Paul. Desse lado da cidade, sobre a encosta do Fourvière, numerosos imóveis anteriormente ocupados por pessoas ricas, comerciantes e banqueiros, agora eram habitados por pobres que teciam a seda. O equilíbrio entre as duas margens do Saône era assim transformado: a margem direita pauperizando-se consideravelmente, e a margem esquerda, entre o Saône e o Rhône, se enriquecendo. A tendência a produzir imóveis adaptados aos ateliês dos tecelões da seda é bastante forte em 1833, nos novos loteamentos então povoados por esses trabalhadores. O loteamento da rua Pierre-Blanc, no terreno das carmelitas foi, assim, dedicado especificamente a esses trabalhadores e às suas habitações/ateliês. Todos os imóveis ali erigidos entre 1822 e 1827 foram, desde a sua conclusão, assim ocupados. Num dentre eles, contamos 139 teares, um pouco menos que no vizinho “imóvel de 400 janelas”, o maior imóvel da cidade dedicado à indústria da seda, onde havia 158 teares. Esses são, com o antigo convento dos capuchinhos, da subida dos Carmes-Déchaussés (119 teares), os três imóveis que abrigavam o maior número de teares. Nessa época, a expressão *caserne ouvrière* era, às vezes, utilizada para designar essas construções que podiam se parecer com fábricas. O agrupamento espacial dos trabalhadores da seda estava assim parcialmente organizado e, pelos aluguéis recebidos, era muito vantajoso aos proprietários dos imóveis (embora o investimento imobiliário não fosse propriamente para obter lucros com o comércio dos tecidos de seda). O discurso oficial designando os trabalhadores da seda como artesãos livres e o folclore desde então construído sobre essa ideia, e embelezando suas vidas, através de Guignol, um personagem cômico, herói *canut* do teatro de marionetes, podem parecer, hoje, um tanto cínicos. A revolta de 1834 teve uma conotação mais política; a cidade foi, de novo, ocupada pelos trabalhadores. Cerca de 1.000 vítimas pereceram quando da retomada de Lyon pelas tropas governamentais, tanto operários como soldados.

O desenvolvimento industrial, além dos bairros centrais pobres, era principalmente um fenômeno de franja urbana, nalguns casos antiga e englobada numa nova auréola de crescimento. A periferia, contudo, tinha se tornado, em certos setores, o lugar de residência de categorias sociais muito abastadas: no bairro Saint-Clair, à beira do Rhône, a nordeste do centro da cidade, e no bairro de Ainay, ao redor da praça Bellecour, ao sul.

UM EXEMPLO DE TRATAMENTO COMPLEXO DOS DADOS: O VALOR FUNDIÁRIO DOS IMÓVEIS EM 1698, 1766 E 1840

O valor fundiário é extremamente rico de informações sobre a relação entre o espaço construído e o espaço social, ainda mais porque podemos associá-lo com a idade dos imóveis e sua localização precisa, que reflete as polaridades econômicas e/ou sociais. Sua cartografia é, assim, um grande avanço no nosso conhecimento da história social e espacial da cidade. Para atingir este objetivo, o seguinte método foi seguido:

1) *Primo* – Cartografar a estrutura em uma data que corresponde a uma fonte de dados fiscais disponíveis. Essa cartografia foi descrita na primeira parte deste artigo. Aqui, utilizei 1698.

2) *Secondo* – Calcular o valor dos imóveis a partir da fonte. É muito fácil, na medida em que as fontes utilizadas consistem principalmente em impostos, dos quais o montante é derivado do valor do aluguel das propriedades. Isso significa, na realidade, o cálculo da renda anual percebida pelo proprietário da parte de seus inquilinos, depois o cálculo do imposto como uma proporção dessa renda.

Vimos como se calculava o imposto denominado vigésima. Em 1698, a taxa para o estabelecimento das lanternas era de um milésimo do valor total dos imóveis. Em 1840, o recenseamento municipal informa, para cada habitação e atividade, o valor do aluguel, que podemos então somar para determinado imóvel, o que representa cerca de 1/20 do valor fundiário. Dessa maneira, o valor de cada propriedade pode ser estabelecido, sobre uma base comum, a partir do valor do aluguel em 1698, 1766 e 1840, ou seja, em datas separadas de 68 e 74 anos. As nossas pesquisas nos arquivos não forneceram outra fonte fiscal antes de 1808, exceto em 1694, que é muito próxima de 1698.

3) *Tertio* – Trata-se agora de calcular a área dos imóveis. Essa tarefa implica mais incertezas e dificuldades. A área total dos imóveis é calculável no SIG para 1830, data do primeiro plano cadastral, o qual vimos que foi vetorizado. Dispomos, também, para os períodos anteriores, com base nas construções existentes e atestadas por planos mais antigos, sempre os cruzando com as datas de construção. Uma verificação é feita, sobre essa base, da existência de uma construção na data de um imposto. Conhecemos quase todos os imóveis para 1840, descritos no recenseamento do mesmo ano e presentes no cadastro de 1830, com algumas exceções³⁷. Quando recuamos no tempo, o número de imóveis para os quais a informação sobre a área total é conhecida diminui devido às reconstruções relativas a imóveis que, uma vez destruídos, não são mais documentados. O valor fundiário foi calculado como um valor do metro quadrado de área. Efetivamente, o número de andares varia consideravelmente, entre dois e seis, além do térreo. Os andares de subsolo foram excluídos, porque não foram informados. O número de andares pode ser inferido dos dados dos recenseamentos a partir de 1808, e de alguns planos parciais do século XVIII,

37 Os sótãos, desde 1750, foram utilizados cada vez mais frequentemente como habitação, com a adição de claraboias. Os telhados de baixa inclinação tornavam seu uso muito difícil, o que explica que seus ocupantes eram muito pobres, as viúvas e as jovens mulheres em particular.

que foram mencionados. As autorizações de sobre-elevação, sobre um ou dois andares, também foram levadas em conta. A incerteza do resultado deve-se à imprecisão sobre a altura dos edifícios (por exemplo, no caso de andares debaixo do sótão), à extensão exata das construções no solo, ao fato de algumas de suas partes poderem ter alturas diferentes e ao fato de que se adicionam totais por níveis, sem retirar as partes não úteis, como os muros ou as escadas. Além disso, as construções representadas em 1830 foram, às vezes, ampliadas ligeiramente após a sua construção.

O valor cartografado é o valor fundiário total dividido pela soma das superfícies de cada nível. O mapa exprime claramente diferenças entre imóveis vizinhos, e faz aparecer lógicas muito fortes de polarização que variam com o tempo em quase 150 anos. Para tornar a comparação significativa, a unidade de valor de referência escolhida é a da libra em 1766, com base na qual os valores de 1698 e 1840 foram recalculados para evitar os vieses devidos à inflação.

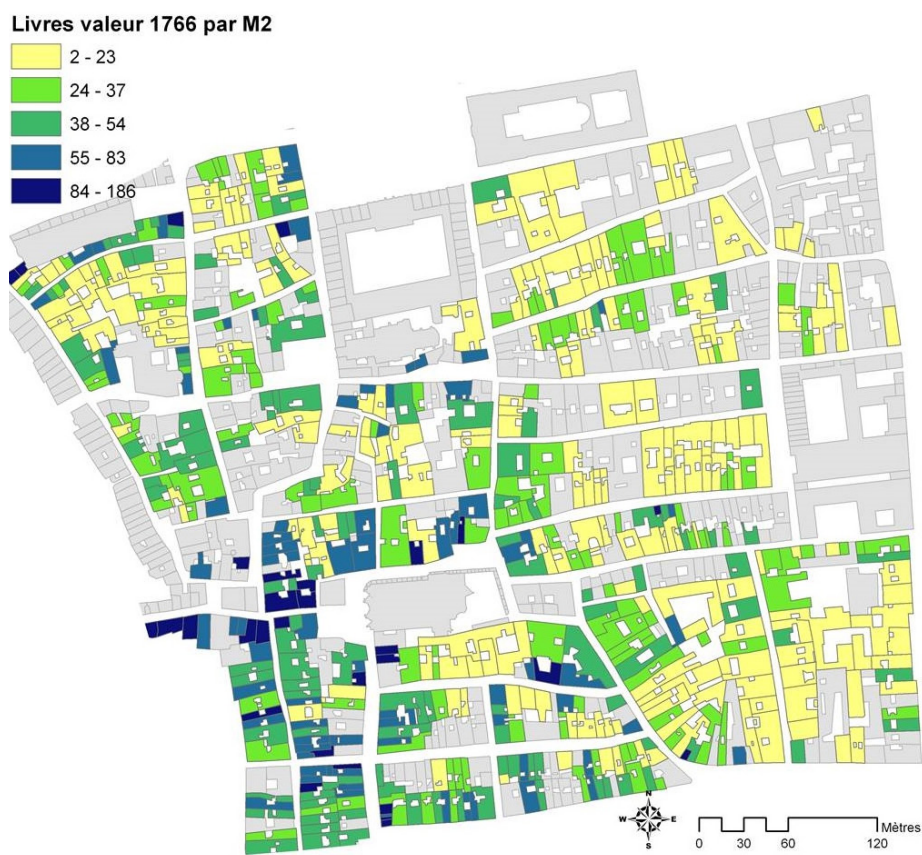


Figura 7 – Valores fundiários em libras, de 1766, por m², no centro de Lyon, em 1698. A área dos imóveis em cinza não é conhecida (B. Gauthiez©2013)

O mapa dos valores fundiários em 1698 (figura 7) na zona central da cidade, a leste do rio Saône, nos mostra uma nítida polarização dos valores mais elevados em redor da extremidade leste da ponte do Saône, uma situação antiga, pelo fato de essa ponte ter sido, por muito tempo, o único ponto de travessia do rio. A rua Mercière concentra também valores elevados. Ela conduzia à única ponte sobre o rio Rhône. A grande diferença entre os valores mais baixos e os mais elevados, com uma diferença em torno de 4, a menos de 200 m de distância, é muito impressionante. Os valores de 1766 (figura 8) reproduzem a mesma configuração, mas uma nova zona de valores elevados aparece entre a igreja St.-Nizier e a Prefeitura Municipal, num setor central, ao longo da rua Clermont, em particular. Ela é associada claramente numerosas reconstruções no bairro, de acordo com uma tipologia de imóveis coletivos novos, e acompanhados sistematicamente do recuo das fachadas para alargar as ruas, num processo de gentrificação.

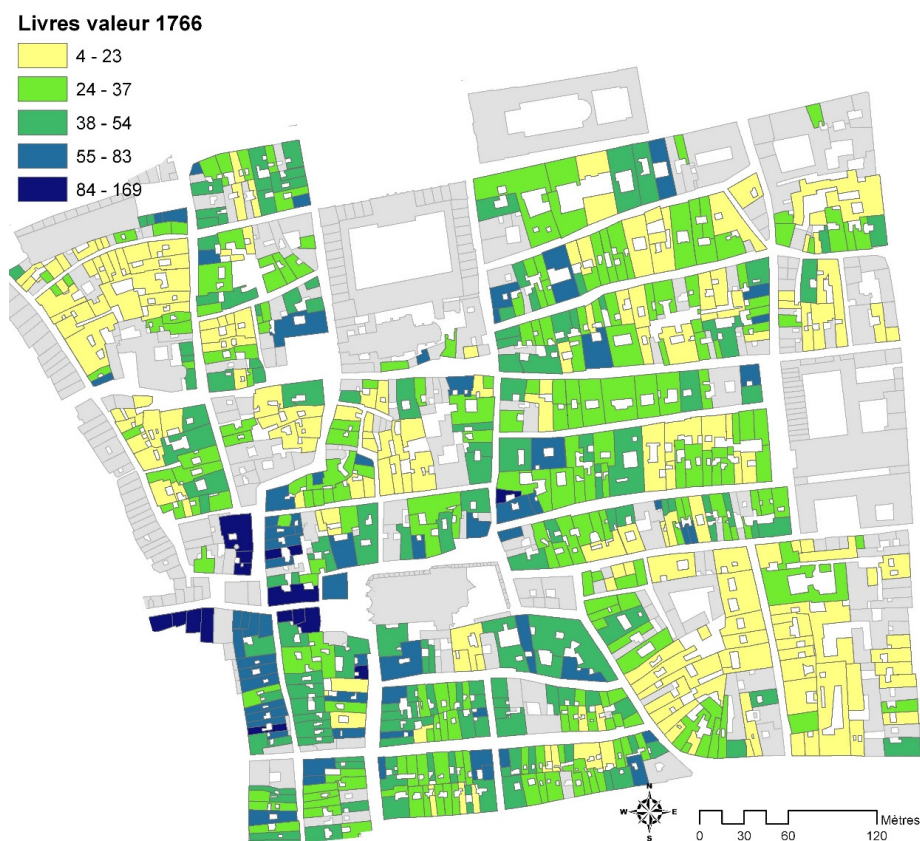


Figura 8 – Valores fundiários em libras, de 1766, por m², no centro de Lyon, em 1766. A área dos imóveis em cinza não é conhecida (B. Gauthiez©2013)

Valores muito elevados estão também presentes onde as ruas foram alargadas e, por conseguinte, nos imóveis reconstruídos, particularmente em redor da saída da ponte do Saône e ao longo das ruas leste-oeste entre a rua Clermont e o Rhône, a leste (*rues Mulet, du Bat-d'Argent, de l'Arbre-Sec, Pizay*). O mapa dos valores em 1940 (figura 9) aponta uma importante evolução, ainda que a estrutura tenha sido pouco renovada desde 1766. Os valores médios são mais difusos, mas os mais elevados agora são muito concentrados ao longo de algumas ruas principais, uma que liga a praça des Terreaux, em frente à Prefeitura Municipal, e a ponte sobre o Saône e depois para o sul, no novo cais aberto em 1719; a outra, a rua Clermont, em grande parte reconstruída já anteriormente. O setor da rua Grenette, um tradicional centro do comércio da cidade, perdeu parte do seu valor, o que significa parte da sua importância econômica. A importância do tráfego nas ruas principais, facilitado pelas reconstruções em recuo para alargar as ruas, foi um fator essencial na elevação dos valores fundiários. Contudo, somente algumas ruas concentram fortemente esse valor.

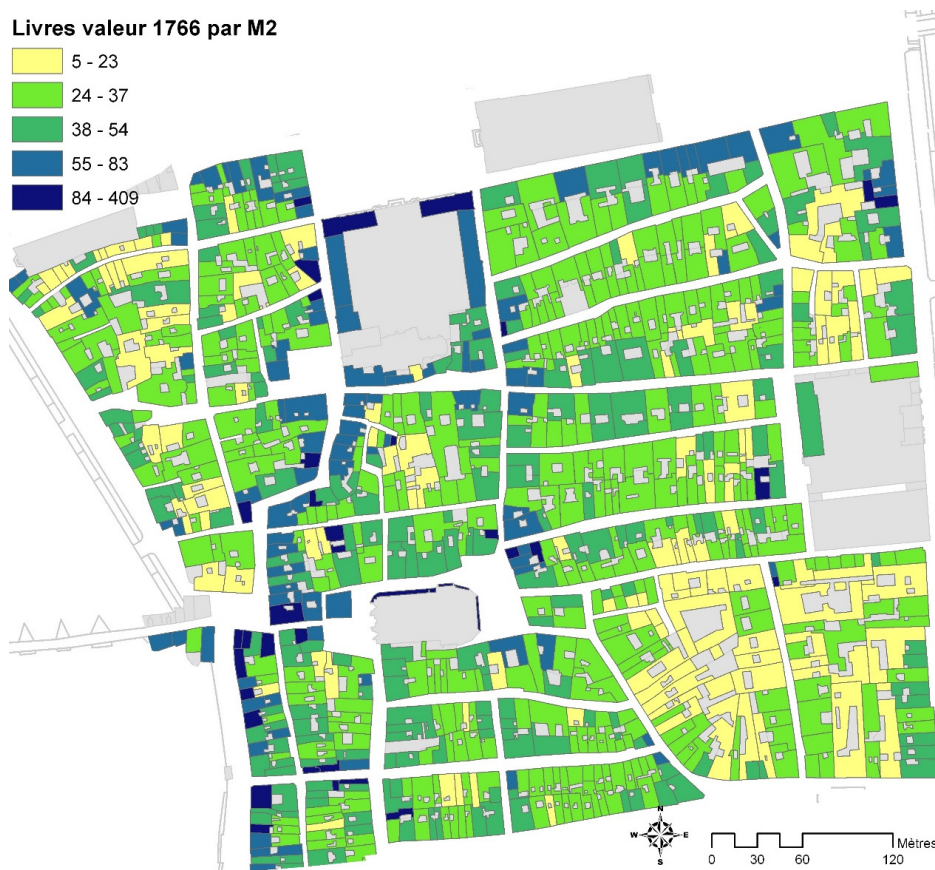


Figura 9 – Valores fundiários em libras, de 1766, por m² de área, no centro de Lyon, em 1840 (B. Gauthiez©2013)

Um mapa feito a partir das diferenças dos valores em habitações e em atividades, por imóvel, mostra bem os polos da economia do bairro (figura 10). É necessário ter cuidado quanto ao significado social desses valores, tomados como um todo para cada imóvel. Com efeito, somente a fonte de 1840 permite fazer a distinção entre os valores relativos às habitações e aqueles que correspondem às atividades econômicas. Na verdade, os valores mais altos dos imóveis para as habitações não se sobrepõem exatamente aos valores mais altos calculados somente para as atividades. Consequentemente, esses mapas mostram sobretudo a concentração dos valores mais altos das atividades econômicas, em especial o comércio de luxo, os ateliês, as lojas.

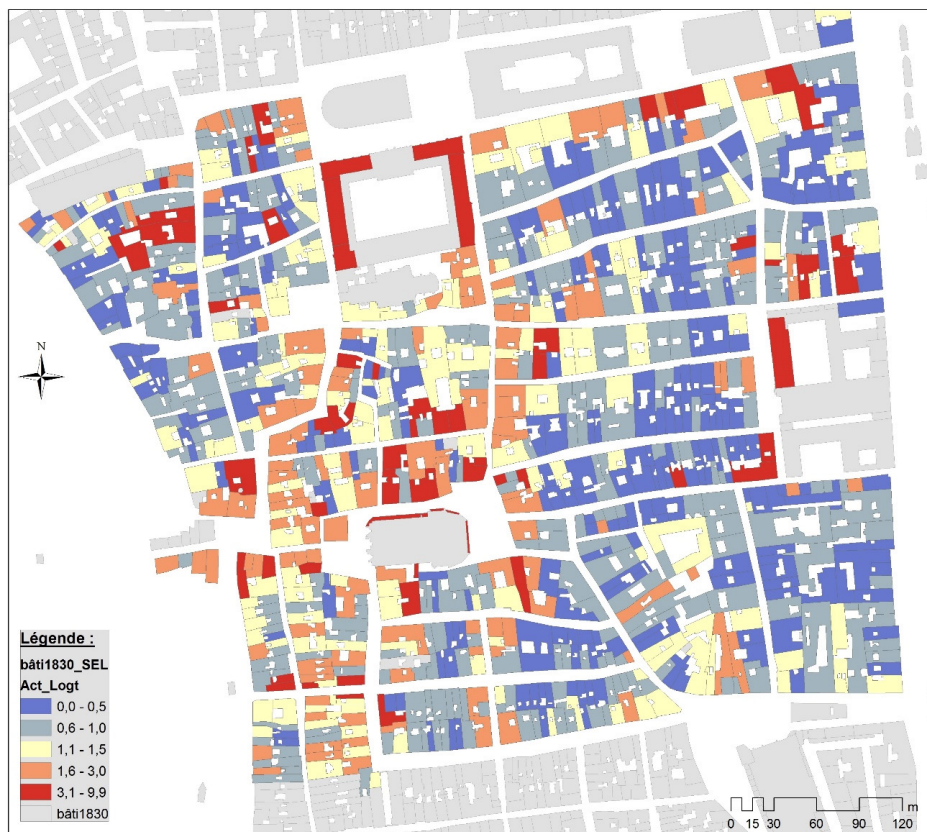


Figura 10 – Relação entre valor fundiário das atividades e valor fundiário das habitações em 1840, mostrando, em cores quentes, a forte polarização econômica (B. Gauthiez©2016)

O recenseamento de 1840 e as licenças de construção mostram que os novos imóveis entre a Prefeitura Municipal e a igreja de St.-Nizier eram habitados, principalmente, por famílias da classe mais abastada, em grandes apartamentos com

aluguéis mais altos, mas com o valor do metro quadrado mais baixo que nas zonas mais valorizadas, em média.

CONCLUSÃO

A possibilidade de localizar, na escala do imóvel, os valores de locação dos apartamentos e das atividades econômicas e, dessa forma, a utilização dos espaços abre vastas perspectivas de pesquisa. Sem essa precisão, a geografia social dos trabalhos históricos sobre as cidades permaneceria bastante sumária, encerrada em dados impossíveis de desconstruir. Podemos cartografar os dados à escala das paróquias e dos bairros, segundo as fontes³⁸. Evidentemente, as seções administrativas são, às vezes, suficientemente pequenas para constituir unidades bastante homogêneas socialmente, principalmente quando a segregação espacial era eficaz e o hábitat monofamiliar. Mas esses casos não são muito frequentes, e a heterogeneidade do uso dos espaços urbanos é forte, se seguirmos as fontes escritas disponíveis. O significado econômico e social dos bairros tornou-se um postulado, uma hipótese que foi desqualificada por Cabantous³⁹. A cartografia à escala dos imóveis, aplicada ao SIG, permite agora determinar uma boa escala de estudo para uma questão dada.

É possível ir além. Realmente, em certos contextos das fontes escritas, é possível descer à escala dos apartamentos nos imóveis multifamiliares e/ou multiatividades, em três dimensões, conforme a localização em tal ou tal andar⁴⁰. Os recenseamentos do século XIX permitem isso, mas a documentação arquitetural, que ainda está muito dispersa, permitiria apenas estudos para alguns imóveis. Isso nos ajudaria consideravelmente na compreensão da segregação e da divisão por tipo. Os inquéritos administrativos da época moderna, como o recenseamento de 1709, sugerem, pela lógica das listas de famílias por imóveis – que parecem corresponder muito sistematicamente com a sucessão vertical dos andares, do mais baixo ao mais alto –, uma forte divisão entre uma “cidade masculina”, no nível das lojas e dos ateliês, e uma “cidade feminina” nos andares mais altos. Certos imóveis em 1677 eram habitados unicamente por mulheres, em alguns casos com um só homem no térreo, cujo papel pode ser suposto, talvez uma forma de proteção, ou de controle.

Tais estudos sobre os imóveis não esclarecem, contudo, o que se passa nos espaços

38 MICHEL, Henri. Urbanisme et société à Montpellier sous l'Ancien régime. Un exemple: le sixain Saint-Firmin (1665-1756). *Annales du Midi*, 116, 1974, p. 21-43; PASCAL, C. Bipolarisation sociale dans la ville d'Ancien Régime. Le sixain Sainte-Croix de Montpellier, 1665-1788. *Revue d'Histoire moderne et contemporaine*, 41-43, 1994, p. 395-417; JUNOT, Yves. Mixité sociale, habitat et propriété: la paroisse Saint-Jacques de Valenciennes en 1602 d'après un registre du centième. *Revue du Nord*, LXXIX, 1997, p. 413-427; CABANTOUS, Alain. Le quartier, espace vécu à l'espace moderne. *Histoire, économie et société*, 3, 1994, p. 427-440; etc.

39 CABANTOUS, Alain. *Histoire de la nuit*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2008.

40 ZELLER, Olivier. Espace privé, espace public et cohabitation. Lyon à l'époque moderne. In: HAUMONT, Bernard; Morel, A. (Éd.). *La société des voisins, partager un habitat collectif*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 2005, p. 187-207.

públicos e não construídos. Para estes, outros métodos devem ser seguidos, por uma cartografia de natureza diferente⁴¹. Mas o SIG permite também seguir o percurso da habitação das pessoas graças às localizações sucessivas dos seus apartamentos. Do mesmo modo, pode-se abordar a questão da relação entre o lugar de residência dos proprietários e o de suas outras propriedades, o que mostra um afastamento progressivo na longa duração, por exemplo, para o setor da rua Buisson (figura 11, figura 12). De uma residência frequente no imóvel possuído no século XVII, passa-se, no meio do século XIX, a um afastamento num outro bairro. Esse distanciamento foi, sem sombra de dúvida, um potente fator de segregação social, por dissociação do lugar de residência entre proprietários e inquilinos. Nessa lógica, o imóvel não é mais que um bem capitalista a dar frutos, desligado de qualquer apego familiar ou pessoal. Eis aqui outro aspecto das evoluções de longa duração que aparecem quando comparamos as situações em datas distantes. Uma dessas evoluções muito marcantes é a dos trabalhadores da seda, examinada anteriormente.

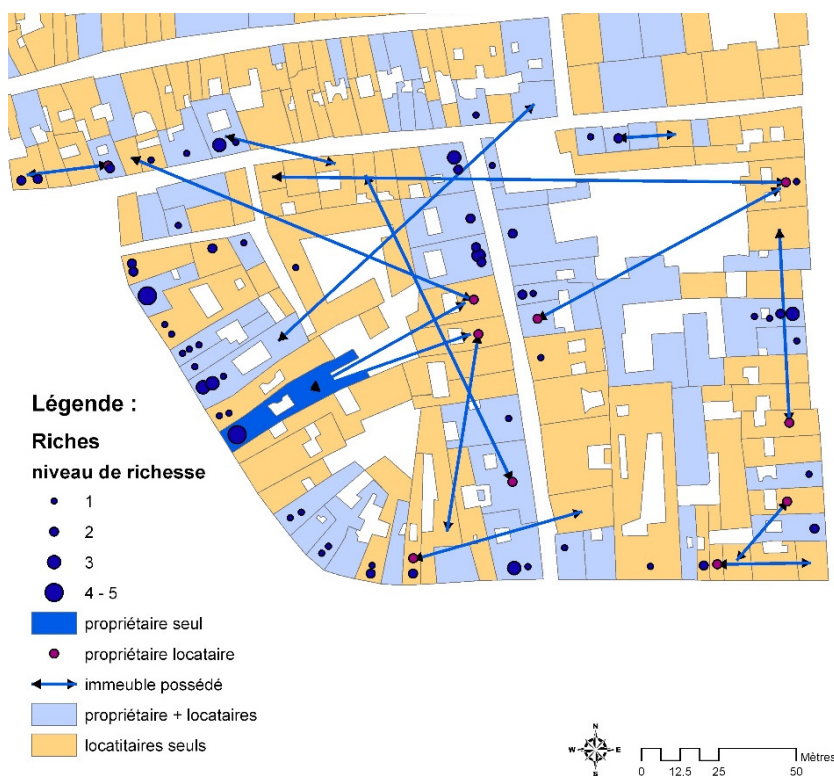


Figura 11 – Mapa da relação dos proprietários e seus imóveis, bairro da rua Buisson, situação em 1677. Os proprietários que residem fora do perímetro não são indicados (B. Gauthiez©2016)

⁴¹ RAU, Susanne; ZELLER, Olivier. *Police des voyageurs et hospitalité urbaine à Lyon à la fin du XVIIIe siècle*. In BURKARDT, A. (Ed.). *Commerce, voyage et expérience religieuse (Europe, XVIe-XVIIIe siècles)*. Rennes: Presses Universitaires, 2007.



Figura 12 – Mapa da relação dos proprietários e seus imóveis, imóveis destinados a ser destruídos para a rua de la Republique, da rua Buisson, situação em 1853. Os proprietários que residem fora do perímetro não são indicados (B. Gauthiez©2016).

Obviamente, passar para a análise de uma cidade inteira, da escala do bairro⁴² à dos imóveis, necessita de um investimento considerável, que é também a extensão de uma *micro-história* para a cidade. Isso pode parecer paradoxal, mas trata-se, certamente, de uma dilatação da gama das escalas de estudos de uma mesma cidade, um conhecimento muito detalhado que pode ser generalizado (no sentido geográfico, que significa simplificado para uma forma a uma escala menos fina), sendo conservadas as escalas tradicionais de estudos. É necessário, também, notar que os estudos por bairros frequentemente são baseados em registros unitários por imóveis, e que a sua cartografia, precisamente por bairro, reflete a dificuldade para

42 CONCINA, Ennio. *Venezia nell'età moderna, Struttura e funzioni*. Venise: Marsilio, 1984; CHAUVARD, Jean-François. Scale di osservazione e inserimento degli stranieri nello spazio veneziano tra XVII e XVIII secolo. In: Calabi, D.; Lanaro, P. (Ed.). *La città italiana e i luoghi degli stranieri, XIV-XVIII secolo*. Rome-Bari: Laterza, 1998, p. 85-107; CHAUVARD, Jean-François. *La circulation des biens à Venise, stratégies patrimoniales et marché immobilier (1600-1750)*. Rome: Ecole Française de Rome, 2005.

localizar de forma precisa esses imóveis, enquanto o contorno dos bairros é mais fácil de reconstituir quando ele já não é simplesmente dado por mapas antigos.

A utilização de dados de mais de dois séculos para Lyon, no estado atual das nossas pesquisas, foi também necessária porque os arquivos da cidade não conservaram, com exceção das licenças de construção, séries de dados por ano, como, por exemplo, as séries fiscais (que subsistem para outras cidades). Era a única maneira de fazer aparecer as tendências, a escala cronológica das transformações espaciais e as suas lógicas, os “ciclos” econômicos de alguns anos, as grandes crises, numa palavra, a *longa duração* (figura 13).

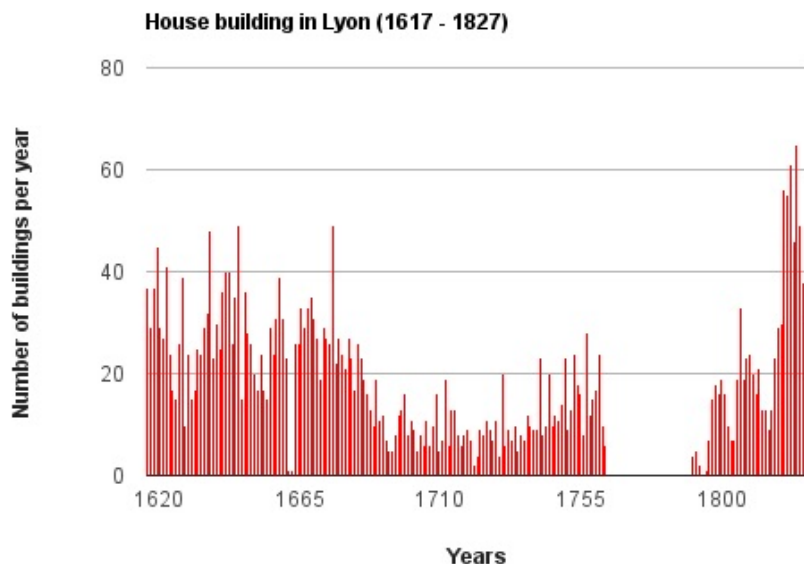


Figura 13 – Diagrama do número de licenças de construção autorizadas por ano, de 1617 a 1828, mostrando as temporalidades das variações do investimento imobiliário, anual, cíclico (5-8 anos), sobre a longa duração. A longa depressão da primeira metade do século XVIII é muito marcante, assim como o forte desenvolvimento posterior a 1815. Faltam os dados para 1763-1789, mas a tendência era fraca (B. Gauthiez©2016)

Essa utilização do SIG faz emergir um novo paradigma de pesquisa. A espacialidade do espaço urbano e dos fenômenos geográficos urbanos não é mais restrita às escalas de uma cidade inteira e seus bairros. Do mesmo modo, as fontes seriais tratadas diacronicamente permitem ultrapassar o “momento” determinado por uma fonte única, o mapa estabelecido a tal data, o papel dos impostos ou do recenseamento. Os fatos reais são demasiado complexos para serem reduzidos a tais generalizações e simplificações, ainda que possam constituir etapas na abordagem da complexidade. O método aqui descrito permite desconstruir essa complexidade. O espaço urbano não é isomorfo, e deve ser estudado à escala relevante dos acontecimentos que o transformam ou o afetam. Também não é fixo e cognoscível somente em determinadas datas. Ele não é um dado que se localize em uma tabela dos fenômenos, mas uma matéria cuja transformação pelos seus habitantes e investidores

varia no tempo e no espaço, uma matéria histórica por si mesma, como as licenças de construção mostram perfeitamente. Isso certamente implica a multiplicação por um fator de ordem de 100 das unidades espaciais utilizadas para a cartografia (do bairro ao imóvel, no caso de Lyon), para novos e confiáveis resultados, que podem ser cruzados no SIG e capitalizados pela cartografia de cada nova fonte de dados, num sistema de informações perene.

Contudo, a cartografia não pode ser um objetivo em si mesma. Mas considerar um mapa como uma simples ilustração de um discurso escrito é ingênuo e procede de uma incompreensão. Do mesmo modo, transferir mecanicamente dados pré-construídos para um mapa não é um bom método⁴³, porque nenhuma desconstrução dos dados foi realizada para concordar com a escala espacial dos fenômenos ou com sua natureza espacial. A dialética dos mapas e do texto deve ser concebida num outro nível. A localização precisa é uma informação essencial, é a única maneira de contextualizar os valores fundiários, os usos das construções, as estruturas arquiteturais e mesmo a sua decoração. É também um meio para reunir muitas informações isoladas, dispersas nas fontes escritas, cujo sentido permanecerá obscuro enquanto não forem reunidas e vinculadas a uma data e um lugar precisos e cruzadas com informações de outra natureza. A cartografia dinâmica e diacrônica permite particularizar esse

43 A utilização dos mapas antigos, a partir de um documento original em papel, segue, na historiografia, as etapas seguintes para chegar a um documento completamente informatizado: 1) elementos gráficos, pontos, símbolos, linhas, polígonos, colocados sobre um mapa no formato *raster* (um documento escaneado). Não há necessidade de SIG nessa fase, um *software* de DAO é suficiente. Exemplos: LE ROUX, Thomas. *La mise à distance de l'insalubrité et du risque industriel en ville. Le décret de 1810 mis en perspective (1760-1840)*. *Histoire & mesure*, XXIV-2, 2009, p. 31-70, figura 8; VITALI, Stefano. *Dall documento alla risorsa: qualche riflessione metodologica sulle fonti storiche nell'era digitale*. In: PANZERI, Matteo; FARRUGGIA, Angela. (Ed.). *Fonti, metafonti e GIS per l'indagine della struttura storica del territorio: verso il networking*. Turin: Celid, 2009, p. 13-16; p. 109-110; 2) elementos gráficos, pontos, linhas, polígonos, lugares sobre um mapa sob forma vetorial feita a partir de um documento antigo em papel, utilizando um *software* de CAD. Não há base de dados associada aos elementos localizados sobre o mapa. O mapa é um documento meramente analógico. Exemplo: BACKOUCHE, Isabelle. *Mesurer le changement urbain à la périphérie parisienne. Les usages du Bassin de la Villette au XIXe siècle*. *Histoire & mesure*, XXV-1, 2010, p. 47-86, figuras 2, 3, 13; 3) elementos gráficos, pontos, linhas, polígonos, lugares sobre um mapa sob forma vetorial feita a partir de um documento antigo em papel, utilizando um *software* de CAD. Os elementos cartografados são proporcionais de acordo com um dado procedente de uma base de dados. O mapa final é, ainda, em parte, analógico. Exemplos: DAMASCENO FONSECA, Claudia. *Comment mesurer les écarts entre les degrés d'urbanité et les titres urbains? Le cas des villes coloniales portugaises du Minas Gerais (Brésil, XVIIIe-début XIXe siècle)*. *Histoire & mesure*, XXIV-2, 2009, p. 109-146, figura; MARRAUD, Mathieu. *Permanences et déplacements corporatifs dans la ville. Le corps de l'épicerie parisienne aux XVIIe-XVIIIe siècles*. *Histoire & mesure*, XXV-1, 2010, p. 3-45; 4) idem, com georreferenciamento do mapa *raster* utilizado em fundo de planta. Exemplo: BENTAYOU, Gilles; BENBOUZID, Bilel. *L'urbanisme et ses études. Réflexions à partir de deux exemples de politiques d'aménagement urbain à Lyon*. *Histoire & mesure*, XXIV-2, 2009, p. 71-108; 5) idem, mapa utilizado em fundo de planta constituído de uma ou várias camadas (*layers*) que associam, de forma vetorizada, os objetos geográficos acompanhados de dados, por exemplo, os polígonos para as parcelas e as construções, as linhas para as ruas. Aqui não existe mais a relação direta entre um mapa histórico de papel e o suporte cartográfico utilizado. O mapa é completamente digital. Exemplos: os mapas deste artigo.

cruzamento. Compare-se isso a uma estrutura têxtil – os fios da trama são feitos dos dados sincrônicos, recenseamentos, listas de impostos...; os fios da cadeia são constituídos de dados diacrônicos, licenças de construção, mutações fundiárias, mudanças de uso... A cartografia diacrônica cruzada mostra a lógica compartilhada das transformações de naturezas diferentes. Os comportamentos imobiliários⁴⁴, a transmissão e a transformação dos valores imobiliários⁴⁵ podem ser eficazmente estudados de acordo apenas com uma espacialização precisa, que permite a interação entre o mapa e o texto, as fontes cartográficas e as fontes escritas.

SOBRE O AUTOR

BERNARD GAUTHIEZ é professor de Geografia-Planejamento da Faculdade de Artes e Civilizações da Université Jean Moulin Lyon III. Centre National de la Recherche Scientifique/UMR 5600 Environnement, Ville, Société.

E-mail: bernard.gauthiez@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACKOUCHE, Isabelle. Mesurer le changement urbain à la périphérie parisienne. Les usages du Bassin de la Villette au XIXe siècle. *Histoire & mesure*, XXV-1, 2010, p. 47-86.
- BENTAYOU, Gilles; BENBOUZID, Bilel. L'urbanisme et ses études. Réflexions à partir de deux exemples de politiques d'aménagement urbain à Lyon. *Histoire & mesure*, XXIV-2, 2009, p. 71-108.
- BOUDON, Françoise et al. *Système de l'architecture urbaine, le quartier des halles à Paris*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1977.
- CABANTOUS, Alain. *Histoire de la nuit*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2008.
- _____. Le quartier, espace vécu à l'espace moderne. In: *Histoire, économie et société*, 3, 1994, p. 427-440.
- CABESTAN, Jean-François. La naissance de l'immeuble d'appartements à Paris sous le règne de Louis XV. In: RABREAU, Daniel. (Éd.). *Paris, capitale des arts sous Louis XV*. Bordeaux: William Blake and co/Arts and Arts, 1997, p. 167-195.
- CHAUVARD, Jean-François. Scale di osservazione e inserimento degli stranieri nello spazio veneziano tra XVII e XVIII secolo. In: CALABI, D.; LANARO, P. (Éd.). *La città italiana e i luoghi degli stranieri, XIV-XVIII secolo*. Rome-Bari: Laterza, 1998, p. 85-107.
- _____. *La circulation des biens à Venise, stratégies patrimoniales et marché immobilier (1600-1750)*. Rome: Ecole Française de Rome, 2005.
- CLAVAL, Paul; CLAVAL, Françoise. Cahors au milieu du XVIIe siècle et la géographie sociale de la ville préindustrielle. In: CLAVAL, Paul. (Éd.). *Géographie historique des villes d'Europe occidentale, II – Espaces*

⁴⁴ CHAUVARD, Jean-François, op. cit., 2005.

⁴⁵ LEPETIT, Bernard. *The pre-industrial Urban System: France 1740-1840*. Cambridge, University Press 1994.

- sociaux et paysages urbains. Paris: Publications du Département de Géographie de l'Université de Paris-Sorbonne n. 14, 1977, p. 69-72.
- CNRTL – Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. Disponível em: <http://www.cnrtl.fr/definition/censives>. Acesso em: 20 fev. 2016.
- CONCINA, Ennio. *Venezia nell'età moderna, Struttura e funzioni*. Venise: Marsilio, 1984.
- DAMASCENO FONSECA, Claudia. Comment mesurer les écarts entre les degrés d'urbanité et les titres urbains? Le cas des villes coloniales portugaises du Minas Gerais (Brésil, XVIIIe-début XIXe siècle). *Histoire & mesure*, XXIV-2, 2009, p. 109-146.
- FERRAND, Nicolas. *Approche morphologique de l'urbanisation: Lyon et son agglomération de 1945 à 2005, données, outils et méthode*. Thèse (Doctorat de Géographie). Lyon: Université de Lyon Jean-Moulin, 2010.
- GARDEN, Maurice. *Lyon et les Lyonnais au XVIIIe siècle*. Paris: Les Belles Lettres, 1970
- GAUTHIEZ, Bernard. *Lyon, formation et évolution d'un espace urbain, 1.- cartographie du site et Moyen-Âge*. Vaulx-en-Velin: Ecole Nationale Supérieure d'Architecture de Lyon, 1993.
- _____. *Espace urbain, vocabulaire et morphologie*. Paris: Editions du Patrimoine, 2003.
- _____. Des unités pertinentes pour mesurer la ville concrète. *Histoire & mesure*, XIX/3-4, 2004, p. 295-316.
- _____. The history of urban morphology. *Urban morphology*, 8(2), 2004, p. 71-89.
- _____. Lyon en 1824-32: un plan de la ville sous forme vecteur d'après le cadastre ancien. *Géocarrefour* 83-1, 2008, p. 57-67.
- _____. Typologie architecturale et démographie. L'habitat collectif à Lyon à l'époque moderne, 1500-1800. In: GRENET, Mathieu; JAMBON, Yannick; VILLE, Marie-Laure. (Dir.). *Histoire urbaine et sciences sociales. Mélanges en l'honneur du professeur Olivier Zeller*. Paris: Garnier, 2014, p. 19-48.
- GAUTHIEZ, Bernard; ZELLER, Olivier. Lyon aux XVII-XVIIIe siècles, la fabrique de la ville. In: BAJOLET, E.; MATTEI, M.-F.; RENNES, J.-M. (Éd.) *Quatre ans de recherche urbaine 2001-2004*. Tours: Presses Universitaires François-Rabelais/Maison des Sciences de L'homme, 2006, v. 1, p. 459-463
- _____. Ordre textuel et ordre spatial à Lyon à l'époque moderne. Du parcours de visite au rôle nominal, une spatialité implicite. *Histoire & mesure* XXV-1, 2010, p. 197-230.
- _____. Le dédommagement des reculements: un instrument de la politique d'aménagement urbain à Lyon aux XVIIe et XVIIIe siècles. *Histoire & mesure*, XXVIII-1, 2013 p. 45-73.
- GREGORY, Ian N. *A place in history: a guide to using GIS in historical research*. Oxford and Oakville: Oxbow Books, 2003.
- GREGORY, Ian N.; ELL, Paul S. *Historical GIS: techniques, methodologies and scholarship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- JUNOT, Yves. Mixité sociale, habitat et propriété: la paroisse Saint-Jacques de Valenciennes en 1602 d'après un registre du centième. *Revue du Nord*, LXXIX, 1997, p. 413-427
- LE ROUX, Thomas. La mise à distance de l'insalubrité et du risque industriel en ville. Le décret de 1810 mis en perspective (1760-1840). *Histoire & mesure*, XXIV-2, 2009, p. 31-70.
- LEPETIT, Bernard. *The pre-industrial urban system: France 1740-1840*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- MARRAUD, Mathieu. Permanences et déplacements corporatifs dans la ville. Le corps de l'épicerie parisienne aux XVIIe-XVIIIe siècles. *Histoire & mesure*, XXV-1, 2010, p. 3-45.
- MICHEL, Henri. Urbanisme et société à Montpellier sous l'Ancien régime. Un exemple: le sixain Saint-Firmin (1665-1756). *Annales du Midi*, 116, 1974, p. 21-43.
- PASCAL, C. Bipolarisation sociale dans la ville d'Ancien Régime. Le sixain Sainte-Croix de Montpellier, 1665-1788. *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, 41-43, 1994, p. 395-417.

- JUNOT, Yves. Mixité sociale, habitat et propriété: la paroisse Saint-Jacques de Valenciennes en 1602 d'après un registre du centième. *Revue du Nord*, LXXIX, 1997, p. 413-427.
- RAU, Susanne; ZELLER, Olivier. Police des voyageurs et hospitalité urbaine à Lyon à la fin du XVIIe siècle. In: BURKARDT, A. (Ed.). *Commerce, voyage et expérience religieuse (Europe, XVIe-XVIIIe siècles)*. Rennes: Presses Universitaires, 2007.
- SCHÄTTI, Nicolas; VIACCOZ DE NOYERS, Anne-Marie. L'Atlas historique de la ville de Genève, vieilles méthodes, nouveaux outils. *Patrimoine et architecture* 14-15, 2005, p. 58-64.
- SODEZZA, Guillaume. *Vers un atlas morphogénétique de la vallée du Giers. Caractérisation des éléments et structures matérielles hérités*. Thèse (Doctorat de Géographie). Lyon: Université de Lyon Jean-Moulin, 2014.
- VITALI, Stefano. Dal documento alla risorsa: qualche riflessione metodologica sulle fonti storiche nell'era digitale. In: PANZERI, Matteo; FARRUGGIA, Angela. (Ed.). *Fonti, metafonti e GIS per l'indagine della struttura storica del territorio: verso il networking*. Turin: Celid, 2009, p. 13-16; p. 109-110.
- ZELLER, Olivier. Géographie des troubles et découpage urbain à Lyon (XVIème-XVIIIème siècles). In: CONGRÈS DES SOCIÉTÉS SAVANTES, 114. Paris, 1989. *Les espaces révolutionnaires*. Paris: Editions du Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1990, p. 43-59.
- ZELLER, Olivier. Espace privé, espace public et cohabitation. Lyon à l'époque moderne. In: HAUMONT, Bernard; MOREL, A. (Éd.). *La société des voisins, partager un habitat collectif*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 2005, p. 187-207.

Um problema da administração municipal: das fontes textuais à cartografia de síntese (Lyon do século XVI ao XVIII)

[*For a problematization of municipal administration: textual sources to the cartography of synthesis (Lyon 16th-18th centuries)*]

Olivier Zeller¹

Texto traduzido do francês por Mônica Balestrin Nunes.

RESUMO • O estudo de Lyon nos tempos modernos mostra que é impossível compreender a ação da administração municipal somente a partir das fontes escritas. Isso porque elas se referem geralmente a endereços difíceis de localizar com precisão, e porque parecem refletir apenas ações isoladas. Somente uma narrativa geral é possível trabalhando-se dessa maneira. A cartografia de precisão faz surgir as lógicas de funcionamento implícitas por trás das decisões aparentemente isoladas, localizando cada casa, associando-se casas e nomes, informando as transformações das ruas. Os agrupamentos de eventos espaciais sobre o mapa associaram as decisões antes impossíveis de visualizar: séries de reconstruções ao longo de novos alinhamentos, pavimentação de trechos de ruas, adução de água, localização da riqueza e pobreza, ligações políticas. Assim, as lógicas de planificação não mencionadas nas fontes escritas tornam-se evidentes. A geografia ajuda a fazer uma história que seja também uma história sobre o espaço e entrelaçada ao tecido urbano. • **PALAVRAS-CHAVE** • Geografia histórica; história urbana;

políticas de planejamento; tecido urbano; história social; Lyon. • **ABSTRACT** • The study of Lyons in modern times shows that it is impossible to understand the action of municipal authorities only from written sources. This is because they refer generally to places difficult to locate precisely, and because they seem to be only limited actions. Only a general narrative is possible working that way. The precise mapping makes appear the logics implicitly operating beyond apparently isolated decisions, locating every house, associating houses and names, informing the street transformations. The clusters of spatial events on the map show associated decisions otherwise impossible to see: series of re-buildings along new lines, paving of street sections, water conduits, location of wealth and poverty, political links. Thus, planning logics not mentioned in written sources become obvious. Geography helps making a history that be also a history in space and weaved with *urban fabric*. • **KEYWORDS** • Geographical history; urban history; planning politics; urban fabric; social history; Lyons.

Recebido em 5 de abril de 2016
Aprovado em 26 de julho de 2016

ZELLER, Olivier. Um problema da administração municipal: das fontes textuais à cartografia de síntese (Lyon do século XVI ao XVIII). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 64, p. 51-64, ago. 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p51-64>

1 Université Lumière – Lyon 2 (Lyon, France).

INTRODUÇÃO: UM CAMPO DE PESQUISA ABANDONADO

Os historiadores das municipalidades francesas do Antigo Regime escolheram limitar suas pesquisas a campos relativamente estreitos.

Anteriormente à ruptura epistemológica alcançada pela escola dos Anais, contentava-se com uma história de caráter puramente jurídico, geralmente marcada por uma nostalgia ingênua que gostava de retratar “patriciados” e “liberdades”. A emergência de uma nova história social rompeu com essas formas convenientes, e a prosopografia² dos grupos de poder constituiu a matéria de análises extremamente pertinentes, a exemplo do trabalho de Guy Saupin sobre Nantes³. À época, Jean-Claude Perrot havia proposto três campos de reflexão de grande riqueza potencial⁴. Como meio específico, como a cidade é o cadinho de comportamentos coletivos originais? Quais são os diferentes atores da governança urbana e como eles atuam no sentido da inércia ou da mudança? Não sendo o espaço urbano isomorfo, como se determinava e se perpetuava a geografia social? Tratava-se de lançar a problemática das permanências urbanas, um tempo animado pelo falecido Bernard Lepetit⁵. Mas o vento das modas virou muito rápido, e a importância que tomou a história cultural reduziu o interesse pelas municipalidades antigas à produção de mitos, graças à atividade historiográfica, ao exercício de ritos urbanos, notadamente festivos, e à sua indicação no espaço pela escrita ou pelos monumentos. Quanto ao retorno da história política, privilegiou-se o estudo das relações entre uma municipalidade e o

2 Prosopografia: descrição das feições do rosto, esboço de uma figura, conforme o Dicionário Aurélio.

3 SAUPIN, Guy. *Nantes au XVII^e siècle. Vie politique et société urbaine*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1996.

4 PERROT, Jean-Claude. *Genèse d'une ville moderne: Caen au XVIII^e siècle*. Lille: Service de reproduction des thèses, 1974 (rééd. Paris: Mouton, 1975, 2 t.).

5 LEPETIT, Bernard. L'appropriation de l'espace urbain: la formation de la valeur dans la ville moderne (XVI^e-XIX^e). *Histoire, économie et société*, tome 13, n. 3, 1994, p. 551-559.

poder central, o que reduziu seu alcance ao de uma monografia, exceto quando uma mudança de perspectiva permitia considerar a política real relativa às cidades, o que permitia se dedicar a um indispensável procedimento comparativo⁶.

Nesse contexto, desviou-se razoavelmente das práticas municipais de gestão do espaço urbano. A colocação de luminárias, o deslocamento de um bueiro, a realização de alguns trechos de pavimentação pareciam abandonados a uma erudição local um pouco folclórica. Entretanto, desde 1983, Jean-Pierre Bardet mostrou, com o apoio de mapas, o quanto os níveis de equipamentos podiam variar de um bairro de Rouen a outro, e atribuiu ao estudo realidades materiais de uma dimensão social⁷.

UM PROBLEMA DA ADMINISTRAÇÃO

Resta, então, articular uma problemática especificamente voltada para a administração municipal. Ela se diferencia do urbanismo magistral que, respondendo antes de tudo a intuítos políticos, se interessava apenas pelas maiores cidades do reino e dependia mais dos grandes intendentos ou linhagens de governantes, e menos das municipalidades. Ela apresenta o interesse de ser aplicável na escala das pequenas ou médias cidades e, portanto, de se prestar a um procedimento comparativo. Trata-se de determinar as vontades tendo condicionado a organização do espaço urbano por práticas materiais corriqueiras. Em primeiro lugar, a rede viária, graças ao controle das construções ou reconstruções projetadas por particulares; a situação francesa não era uniforme, o poder pertencendo geralmente aos oficiais reais, os tesoureiros da França, localmente à municipalidade, como em Lyon, algumas vezes a diversas autoridades, como em Paris⁸. A autoridade tinha como interlocutores os particulares, mas também loteadores ou instituições eclesiásticas. O desafio era a melhoria da rede viária para liberação de cruzamentos e alargamento de ruas; mais raramente, compras de terras permitiam a criação de uma praça ou alguma intervenção eliminando antigos bloqueios. Um segundo desafio capital era o do tratamento das áreas públicas, seja a simples compactação do solo, seja a pavimentação com madeira ou pedra, e os pavimentos podiam ser naturais ou talhados. Diferentes sistemas eram aplicados, seja por financiamento, que podia ser tanto público, do orçamento municipal, quanto privado, a cargo dos moradores. A realização dos trabalhos podia ser entregue a artesãos calceteiros, a uma companhia escolhida ou a um serviço municipal. Não se tratava apenas de assegurar a “comodidade do tráfego”. A cidade moderna era geralmente desprovida de qualquer sistema de esgotos. O sistema viário desempenhava, portanto, o papel de um sistema hidráulico encarregado de direcionar aos cursos d’água as águas pluviais e as águas servidas. Uma modificação pontual

6 FINLEY-CROSSWHITE, S. Annette. *Henry IV and the towns. The pursuit of legitimacy in French urban society, 1589-1610*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

7 BARDET, Jean-Pierre. *Rouen aux XVIIe et XVIIIe siècles. Les mutations d’un espace social*. Paris: Sedes, 1983, p. 113-117.

8 PINON, Pierre. La Chaussée d’Antin à la fin du XVIIIe siècle. *Bulletin de la Société de l’Histoire de Paris et de l’Île de France*, 113e et 114e années, 1986-1987, Paris, 1988, p. 245.

na declividade da rua não era uma obra sem importância. Segundo a regra da teoria dos miasmas, as estagnações eram bastante temerárias, o que conferiu à drenagem uma importante dimensão sanitária, o que valia também para o tratamento do lixo e dos “lodos”, em grande parte de excrementos, que se espalhavam nas ruas. Por regulamentação ou por ação direta, as cidades asseguravam bem ou mal a limpeza das ruas, seja recorrendo aos camponeses que vinham recolher o adubo humano, seja financiando os carros municipais. Alguns intervinham de quando em quando, como Nervers, que mandava limpar os bairros mais pobres pelos camponeses do entorno quando o nível de sujeira tinha se tornado excessivo⁹. O perigoso, nauseabundo e custoso problema dos esgotos concentrava as preocupações: por muito tempo, os “mestres de trabalhos sujos” esvaziaram as fossas, mais tarde, no século XIX, as companhias especializadas propuseram seus serviços às municipalidades mais importantes.

A regulamentação municipal vinha como apoio a essa melhoria do viário. Sua eficácia variava consideravelmente em função do tamanho das cidades e dos meios financeiros e políticos dos quais podiam dispor as cidades. Por quase todos os lugares, os edis se confrontavam com os mesmos problemas: a melhoria do sistema viário herdado da Idade Média, a salubridade pública, o perigo de incêndio, a manutenção dos edifícios municipais, a pavimentação, ao menos localmente. Eles podiam se inspirar nos modelos que constituíam as grandes cidades. Desde 1511, os magistrados de Rodez se inspiravam explicitamente na regulamentação da construção aplicada em Lyon¹⁰.

Evidentemente, os meios de ação municipais evoluíram consideravelmente no decorrer do Antigo Regime, do trabalho servil ao emprego de trabalhadores municipais e do recurso aos artesãos locais aos contratos com empresários de serviços públicos que, a partir do século XVIII, obtinham um decreto do Parlamento ou Cartas Patentes para explorar monopólios em diversas cidades, por exemplo: as de carros de praça, de adução de água, de fornecimento de luminárias, do esgotamento de fossas de vazão ou, relacionado aos seguros imobiliários, a dos serviços de limpeza¹¹.

A evolução dos modos de vida levou ao mesmo tempo ao uso do que se pode denominar –um pouco anacronicamente– de “mobiliário urbano”. O século XVIII viu se multiplicarem as placas indicativas de rua, os bancos de pedra, as grades de proteção, as primeiras calçadas, ou ainda as luminárias, mesmo que em muitas cidades eles fossem adotados sob pressão, pois eram considerados inutilmente dispendiosos. O que era verdadeiro para as companhias de empreendedores o era também para os equipamentos e os especialistas: as cidades funcionavam em redes e, se os modelos de urbanismo ou de administração circulavam, o mesmo acontecia

9 GUENEAU, Louis. *L'organisation du travail à Nevers aux XVI^e et XVII^e siècles*. Paris: Hachette, 1919.

10 MOUYSET, Sylvie. *Le pouvoir dans la bonne ville. Les consuls de Rodez sous l'Ancien Régime*. Rodez et Toulouse: Société des Lettres, Sciences et Arts de l'Aveyron et CNRS – Université de Toulouse Le Mirail, 2000.

11 LIS, Catharina; SOLY, Hugo. Entrepreneurs, corporations et autorités publiques au Brabant et en Flandre à la fin de l'Ancien Régime. *Revue du Nord*, n. 76, 1994, p. 725-744; ZELLER, Olivier. Une nouvelle gestion éditiltaire au XVIII^e siècle : les entrepreneurs de services publics à Lyon. In: WORONOFF, Denis (Dir.). *Mélanges offerts à Serge Chassagne*. Valenciennes: Presses Universitaires de Valenciennes, 2008.

com homens de saber reconhecido, por exemplo, os construtores de fontes ou de materiais especializados, como de extintores de incêndio, em geral de origem estrangeira. Havia até mesmo um mercado de mobiliário urbano usado. Por exemplo, quando as luminárias a vela das capitais provinciais se tornaram obsoletas pela introdução dos candeeiros a óleo, elas fizeram, com baixo custo, a felicidade dos edis das pequenas cidades¹².

OS INSTRUMENTOS DE UMA MICROANÁLISE

A cidade de Lyon foi escolhida como objeto de um primeiro estudo apoiado na problemática da administração municipal do século XVI ao século XVIII¹³. Essa opção se justificava pela importância econômica e demográfica de uma cidade que passou em três séculos de 30 mil a quase 130 mil habitantes, da qual as construções e o sistema viário conheceram transformações extremamente marcantes e cujo urbanismo dependia, em grande parte, da autoridade municipal, pelo menos até 1763.

Uma primeira fase da pesquisa, portanto, consistiu em vasculhar de maneira exaustiva as séries BB e DD dos Archives Municipales de Lyon, ou seja, o conjunto de registros de deliberações *consulaires*¹⁴ e todas as coletâneas de atos atinentes ao urbanismo. Se, sob esta ótica, a série DD pode ser considerada como relativamente homogênea, não acontece o mesmo com os 287 registros da série BB, em que as decisões administrativas estão dispersas entre todos os atos da municipalidade. Foram necessários muitos anos para estabelecer séries de alinhamentos fixando, muito precisamente, as condições de construção ou de reconstrução de cada imóvel, assim como as indenizações dos proprietários, depois as permissões relativas às modificações de fachada, a fixação de anúncios, a colocação das pedras sobre o pavimento, as “*cadettes*”, os trabalhos relativos aos poços fixos nas residências, a colocação de grades de proteção, assim como todos os procedimentos profissionais relativos ao espaço público, Foram também sistematicamente levantadas as diferentes injunções formuladas pela autoridade municipal, em particular os decretos de perigo ordenando a demolição de imóveis velhos e os processos verbais de infração às normas de construção. Em constante aperfeiçoamento, dispositivos regulamentadores condicionavam as formas de uso dos espaços públicos viários, e também portuários e fluviais. Os mesmos arquivos mostraram também numerosas ações de urbanismo empreendidas pelo *Consulat* a despeito da fragilidade dos recursos financeiros: pavimentação de determinadas ruas, criação de praças, realização de

12 EL KORDI, Mohamed. Bayeux aux XVIIe et XVIIIe siècles. *Contribution à l'histoire urbaine de la France*. Paris – La Haye: Mouton, 1970, p. 34; LAMARRE, Christine. *Petites villes et fait urbain en France au XVIIIe siècle. Le cas bourguignon*. Dijon : Editions Universitaires de Dijon, 1993.

13 Esse problema não afeta as grandes operações, geralmente impostas pela autoridade superior, que foram a construção do novo prédio da Prefeitura na metade do século XVII, a organização da praça Louis le Grand, a construção dos monumentais armazéns d'Abondance e do teatro, pelo arquiteto Soufflot no século XVIII.

14 Relativos à administração, conforme dicionário Petit Robert: *Consul* – magistrado municipal da região central da França. (NT.)

equipamentos hidráulicos, organização de passeios, construção de edifícios públicos, organização material do serviço de incêndio. No século XVIII, os atos consulares mostram, por fim, a implantação de um novo mobiliário urbano. O conjunto pode ser completado pelas ordens de polícia e pelas notificações de infração reunidas na série FF, que, se peca por não ser exaustiva, não é menos rica em indicações muito preciosas para o conhecimento das práticas materiais.

Logo ficou evidente que, para ter sentido, o conjunto dessa massa documental deveria ser tratado num procedimento de cartografia sistemática. Ora, três dificuldades consideráveis tornavam extremamente difícil a localização dos objetos. A primeira residia no modo de identificação das construções e dos lugares. Os imóveis eram designados pelo nome de seu proprietário e, portanto, as denominações estavam sujeitas a alterações ao longo das mudanças de propriedade. Os atos mais ricos, notadamente os alinhamentos, dispunham de mais informações precisas mencionando os nomes dos vizinhos de três confrontações segundo os pontos cardeais, sendo a rua o quarto limite. A localização de cada imóvel se chocava então com quatro dificuldades maiores. A principal era o caráter circular das definições, os imóveis de um quarteirão se referenciando mutuamente, segundo seus vizinhos. A segunda dizia respeito à dificuldade de interpretação dos limites, dados sempre segundo os lados “de bise”¹⁵ (lado norte), “de vento” (lado sul), “da manhã” (lado leste) e “da tarde” (lado oeste), enquanto a trama viária não era ortogonal e não estava comumente orientada segundo os eixos norte-sul e leste-oeste. A terceira se referia ao caráter flutuante das denominações, que acarretava constantes perdas de referências no que concerne não apenas aos nomes das casas, mas também aos nomes das ruas, cujas denominações eram, salvo exceções indicadas, sujeitas aos usos populares correntes. Foi preciso, portanto, reconstituir as práticas em toda sua diversidade: uma mesma rua podia ter concorrentemente diversas denominações, e alguns deslizes hodonímicos¹⁶ podiam se dar, como um nome passando algumas vezes de um segmento de via para outro dentro da mesma vizinhança. Somente a acumulação sistemática das indicações de denominação permitiu dissipar as aparentes contradições. Entretanto, a localização dos objetos de estudo estava longe de estar assegurada. A quarta dificuldade era a ausência de cadastro anterior ao início do século XIX, o que deixava na ignorância do loteador e, *ipso facto*, apenas permitia localizar cada imóvel vagamente, à margem de uma rua, entre dois cruzamentos.

A segunda fase da pesquisa consistiu então em reconstituir um cadastro evolutivo graças a um SIG (Sistema de Informações Geográficas). Só é possível aqui descrever em grandes linhas o método pacientemente elaborado por Bernard Gauthiez¹⁷. O princípio norteador é o método regressivo, que se inicia pela análise do mais antigo registro gráfico abrangente, no caso o cadastro napoleônico, e depois o adapta, recuando no tempo, pela confrontação de suas indicações com a posição atual de

15 *Bise* é um tipo de vento que sopra a partir do norte. MÉTÉOSUISSE – Office Fédéral de Météorologie et de Climatologie. Les différents noms de la bise. Disponível em: <<http://www.meteosuisse.admin.ch/home/actualite/meteosuisse-blog.subpage.html/fr/data/blogs/2016/3/les-differents-noms-de-la-bise.html>>. (N. T.)

16 Hodonímia é a parte da toponímia que estuda os nomes das vias e praças. (N. T.)

17 GAUTHIEZ, Bernard, em artigo apresentado neste volume.

diversos imóveis antigos conservados, e pela restituição dos traçados viários tal como os planos mais antigos podiam descrevê-los. A fonte principal que permitiu relacionar a cada lote o nome de seu proprietário em determinada data foi a série dos alinhamentos: uma vez referenciado o imóvel, em particular no caso favorável em que ele estivesse situado numa esquina, a concatenação de dados permite, por aproximações sucessivas, demarcar sua posição em relação a cada residência formando uma sequência. O conhecimento do parcelamento foi em seguida refinado pela integração de documentos gráficos que representavam uma parte da cidade. Os mais detalhistas são os atlas terristas encontrados nos fundos senhoriais eclesiásticos, que compartilhavam as informações essenciais sobre o território urbano.

O alcance do método teria sido rapidamente limitado se não tivesse sido enriquecido por um novo tipo de aproximação. Tudo partiu de uma constatação: mesmo sendo totalmente desprovidas de qualquer indicação topográfica, as funções de fiscalização foram estabelecidas segundo uma lógica de itinerário, o que as norteou em seu estabelecimento inicial e foi respeitado depois, de cópia em cópia. Essa “espacialidade implícita” permitiu então traduzir uma ordem textual em ordem espacial, e, portanto, atenuar a insuficiência de fontes gráficas¹⁸. As bases de dados foram então direcionadas ao sequenciamento das propriedades de grandes fontes diacrônicas que são os documentos fiscais: imposto da vigésima¹⁹, taxas de iluminação, recenseamentos de 1709, 1636 e 1597, imposto de empréstimos de 1677, além das Nomeadas do século XVI, das quais os mais ricos descontam as lojas e os andares de cada imóvel. A dificuldade aqui é ter em conta as modificações realizadas no parcelamento, geralmente no sentido da fusão. Dificuldade, sobretudo, em reconstituir, elo, por elo, cada cadeia de propriedades de imóveis. Os arquivos do controle dos atos, que recapitulam, na França, todas as produções registradas a partir do fim do século XVII, começaram em Lyon apenas em 1735. É preciso então mergulhar no oceano de minutas, de registros e de compatibilidade senhoriais para encontrar o traço textual das alterações mais antigas. Mas o SIG é suscetível de funcionar em sistema especializado desde que certa densidade de informações seja alcançada²⁰. A partir do momento em que a localização de um imóvel é obtida em uma determinada data, a das edificações vizinhas é potencialmente possível. A cartografia evolutiva do parcelamento e da construção parece assim indefinidamente aperfeiçoável.

18 GAUTHIEZ, Bernard; ZELLER, Olivier. *Ordre textuel et ordre spatial à Lyon à l'époque moderne. Du parcours de visite au rôle nominal, une spatialité implicite. Histoire & mesure*, v. XXV, n. 2, 2009.

19 No original, “*rôles de vingtièmes*”: imposto criado em 1749, em substituição à décima (Dixième), estabelecia o valor de 20% da renda de todos, privilegiados ou não, segundo a declaração de cada um, sendo, porém, fiscalizado pelos controladores reais. Fonte: Transcription acte. Role imposition du vingtieme de SCAER de 1787. Disponível em: <http://histoiresdeserieb.free.fr/releve_vingtieme.html>. (N. T.)

20 GAUTHIEZ, Bernard, ZELLER, Olivier. Lyons, the spatial analysis of a city in the 17th and 18th centuries. Locating and Crossing Data in a GIS Built from Written Sources. In: RAU, Susanne; SCHOENHERR, Ekkehard (Ed.). *Mapping spatial relations, their perceptions and dynamics – the city today and in the past*. Heidelberg-New York-Dordrecht-Londres: Springer, 2014, p. 97-118.

PRIMEIROS RESULTADOS EM 2016²¹

Lançado em 2000²², o plano de pesquisa sobre a espacialidade lionesa permite hoje formular quatro grandes tipos de observações:

1) Longe de utilizar sistematicamente as divisões fundamentais em bairros, a cidade se dotou progressivamente de uma geografia administrativa diversificada em função dos objetivos.

2) A gestão do espaço urbano foi não somente levada a aperfeiçoar suas regras, mas a introduzir novas práticas, a exigir a observância de novas regras e a recorrer a novos tipos de financiamento.

3) A produção da cidade não fora gerada unilateralmente pela autoridade municipal. Ela se deu em interação constante com o investimento privado.

4) Aparentemente dispersas as diversas ações administrativas encontravam sua coerência realizando verdadeiros planos de locais de ordenação.

A multiplicação das divisões administrativas

A primeira observação coloca em evidência o uso de uma diversidade de divisões administrativas. Uma das principais definia os bairros da milícia, cuja finalidade não era exclusivamente militar, mas servir também de base para a organização festiva no século XVI e ao regramento de pequenos problemas de organização, formando um quadro permanente administrativo, fiscal, caritativo e policial. A malha passou por numerosas variações no decorrer dos três séculos de modernidade. Um respondiam às necessidades de reajuste criadas pela evolução demográfica territorialmente diversificada. Outras serviam a uma geoestratégia de controle da população, modulando as divisões de maneira a definir os bairros ricos, que seriam mobilizados em caso de tumultos, e os bairros pobres, nos quais se evitaria armar os habitantes. Lyon foi assim dividida em 35, depois em 38 bairros no século XVI, número que caiu progressivamente a 35 no fim do século XVII, depois a 28 após a reforma que transformou a milícia popular em guarda burguesa após as revoltas de 1744 e 1745.

Mesmo que os oficiais dessas “*pennonages*”²³ estivessem encarregados das questões policiais, tais como a luta contra a prostituição e a vigilância dos estrangeiros e vadios, a repressão cotidiana de pequenas infrações cabia aos “burgueses da polícia”, cuja competência desenhava uma outra geografia. Nesse caso, também a realidade foi mutante. Nem as fronteiras dos bairros da milícia, nem aquelas dos bairros de polícia

21 Nota do editor: o desenvolvimento de tal metodologia e seus resultados são apresentados por Bernard Gauthiez no artigo precedente.

22 GAUTHIEZ, Bernard; ZELLER, Olivier. Lyon aux XVIIe-XVIIIe siècles, la fabrique de la ville. In: BAJOLET, Emilie; MATTEI, Marie-Flore; RENNES, Jean-Marc (Dir.). *Quatre ans de recherche urbaine 2001-2004*. ACI-Ville Ministère de la Recherche. Tours: Presses Universitaires François-Rabelais - Maison des Sciences de l'Homme “Villes et territoires”, 2006, tome I, p. 459-464.

23 Cada um dos 36 bairros da cidade, ou “*pennons*”. (N. T.)

coincidiam com os limites paroquiais, herdados imutavelmente da Idade Média, e ultrapassando com frequência a linha das muralhas. Havia uma diferença notável em relação a outras cidades onde as paróquias serviam também como base fiscal, ou ainda daquelas onde os bairros formavam subdivisões do território paroquial.

Os progressos das práticas administrativas municipais levaram a imaginar outras divisões do território urbano. A gestão do entulho pretendia evitar que os pedreiros comprometessem o acesso aos portos fluviais jogando os restos de demolição nos cursos d'água tendo em vista que as operações de urbanismo necessitavam de seu reaproveitamento. Tratava-se, em particular, de nivelar a praça Bellecour e de diminuir o leito dos cursos d'água para criar as docas. A cidade foi então dividida em diferentes setores, sendo cada um responsável pelo despejo regular dos escombros das demolições realizadas em seu território. Assim, o regulamento de 1645 dividiu a cidade em quatro zonas.

Outras divisões administrativas foram implementadas, por exemplo, para a coleta de resíduos nos porões e casas destruídas, ou ainda para fixar zonas de tarifas de serviços. O *Consulat* regulamentou assim o preço de transporte das mercadorias entre cada porto fluvial e seu bairro de chegada. No século XVIII, o preço do esvaziamento das fossas das latrinas foi também regulamentado, a companhia escolhida exigindo mais na cidade alta que na cidade baixa. Essa geografia desvantajosa para as zonas elevadas do Fourvière e da Croix-Rousse acontecia da mesma forma em matéria de iluminação. As luminárias só foram implantadas na parte mais densamente povoada e só foram instaladas na base dos morros ligando a cidade iluminada das zonas ribeirinhas à cidade escura das colinas; a cidade iluminada foi então dividida em sete setores especializados na patrulha da iluminação. Enfim, a organização do socorro contra incêndios terminou por criar sua própria geografia, desenhada sobre a trama dos limites de bairro e prevendo um sistema preestabelecido de apoio mútuo entre as unidades de vizinhança.

A diversidade dos objetivos e dos métodos da gestão espacial

Fixando o objetivo de assegurar uma largura mínima de ruas – treze pés no caso de Lyon –, a municipalidade definiu uma política de alinhamentos a longo prazo. Um planejamento verdadeiramente abrangente foi imposto pelo tenente-general em 1680. As regras impostas às questões construtivas podiam proibir alguns materiais e, sobretudo, banir tudo o que pudesse obstruir a via pública, como toldos, bancas, galerias, anúncios ou calhas de água pluvial. Impondo o arredondamento na parte baixa dos imóveis, os “cantos”, elas obedeciam, também, ao princípio do tráfego, alargando os cruzamentos para permitir às charretes e carroças virarem mais facilmente. A regulamentação urbana se aplicava enfim às formas de uso da via pública, depois à estocagem de madeira e, principalmente, de lenha de aquecimento, à utilização do espaço fluvial, tanto dos portos, onde diferentes atividades se instalavam em zonas específicas, quanto ao longo das margens, onde, num contexto de extrema penúria de espaço, uma verdadeira patrulha fluvial definia o local de instalação de cada moinho, de cada estabelecimento de banhos, de cada “usina” que utilizava a força motriz do rio, de cada “*bachat*”, um tipo de barco específico

que permite a conservação do peixe vivo, ou de cada “*platte*”, barco destinado às lavadeiras. Rapidamente, os imperativos do tráfego incitaram a municipalidade a instaurar regras de circulação e de estacionamento, organizando o acesso das charretes nas bordas das zonas portuárias e a parada das carroças nas proximidades do teatro ou limitando a amarração das embarcações ao tempo de sua descarga. A mesma preocupação motivou as aberturas ou alargamentos das ruas e das docas: na margem direita do Saône, tratava-se de resolver a estreiteza do caminho norte-sul com a abertura de um segundo itinerário; entre o Rhône e o Saône, o alargamento das docas respondia ao mesmo problema, de facilitar a circulação contornando os bairros centrais pelo oeste e pelo leste.

Ao mesmo tempo, a administração se preocupava em equipar a cidade. Por muito tempo considerados privados e, como tais, financiados, os poços acabaram se beneficiando dos financiamentos públicos, assim como, evidentemente, as fontes, que necessitavam da realização de obras de captação, de condução e excepcionalmente de distribuição. A atenção dispensada ao tráfego levava a multiplicar os “portos” (acesso às margens dos cursos d’água) para assegurar sua divisão entre diferentes usos, com frequência conflituosos, que eram o transporte, os bebedouros de animais, o despejo dos tonéis de dejetos e o acesso à água destinada ao uso doméstico. Era importante também financiar uma manutenção constante, uma vez que esses equipamentos sofriam muito com as grandes cheias, mas também com a deterioração causada pelos usuários. Atenuar o congestionamento crônico da ponte do Saône supunha a multiplicação das pontes de passagem. O estado das finanças municipais permitia apenas construir pontes de madeira para pedestres: no século XVII, as duas primeiras foram construídas pela companhia parisiense de Christophe Marie em Saint-Vincent e em Bellecour; no século seguinte, o desejo de obter recursos para os hospitais assegurou o retorno das balsas lançadas sobre o Rhône e das pontes de Serin e de Ainay sobre o Saône.

A administração lionesa se preocupou igualmente em construir edifícios de utilidade pública. A cidade construiu, no século XVI, um de seus dois grandes abatedouros, o de Terreaux, sendo o outro de propriedade do Hotel Dieu, que causava prejuízos. Ela construiu, também em 1670, um mercado coberto para peixes, difícil de arrendar em razão da persistência da venda imediata. Para afastar o perigo de incêndio e dispersar o mau cheiro, criou fundições municipais com arquitetura concebida para garantir uma boa segurança. Sempre para evitar incômodos, ela mantinha a feira à beira d’água. A política adotada tendia a limitar o máximo possível a importância do patrimônio fundiário municipal, que se completava apenas com alguns escritórios de cobrança e alguns quartéis junto aos portões. O *Consulat* abandonou assim à iniciativa privada a construção do Loge des Changes e da Sala de Concerto, ambos tendo se tornado desastres financeiros.

A interação com o investimento privado

O cruzamento das indicações topográficas do SIG e de diferentes fontes quantitativas permitiu atribuir um valor fundiário datado para a quase totalidade dos imóveis²⁴. A evolução do preço da construção levantado para um mesmo lote pode ser determinada diretamente graças aos atos notariais e à avaliação feita em 1698 para definir a taxa das luminárias. Foi também possível calcular indiretamente a partir do imposto da Vigésima, imposto que representava, como seu nome indica, 5% do valor locativo. Sabendo que os rendimentos fundiários variavam, conforme o bairro, de 3,5% a 5%, bastou aplicar um multiplicador adaptado para avaliar cada imóvel. A cartografia dos valores fundiários assim obtida permitiu refinar uma análise espacial que a concepção das fontes havia por muito tempo limitado a uma comparação global por bairro²⁵. Ela relativiza o significado dos valores médios e esclarece a variabilidade de valores de um segmento de uma mesma rua a outra ou, mais genericamente, segundo essa hierarquia viária pronunciada que apenas as microanálises urbanas sabem colocar em evidência²⁶. *In fine*, aparece fortemente a interação entre a ação municipal e o investimento privado: com frequência uma melhoria viária era seguida de uma fase de reconstrução, aumentando o valor dos imóveis. O motor da mudança era, nesse caso, o alinhamento, ou melhor, suas consequências arquitetônicas. Fosse numa fachada declarada em “perigo iminente” e cuja demolição foi ordenada pelo *Consulat*, fosse um proprietário que pedia autorização para reformar sua casa. Em ambos os casos, um recuo podia ser exigido, o que era de lei, se não excedesse um pé e meio, e indenizável quando fosse maior²⁷. Os imóveis lioneses possuíam fachadas estreitas, e os pavimentos eram levantados sistematicamente por paredes de meação. A destruição de um deles desestabilizava seus vizinhos. Era proibido reparar as paredes assim construídas. Pouco a pouco, como num efeito dominó, o recuo de um imóvel levava consigo os recuos dos demais imóveis daquele trecho de rua. Mas a dinâmica da renovação não parava aí. Ocorreu que os proprietários de ruas adjacentes começaram a renovar seus imóveis, originando uma onda de reconstrução que atingiu, em alguns anos, a quase totalidade dos imóveis na zona mencionada.

24 Nota do editor: observar, no texto de Bernard Gauthiez, os mapas da evolução dos valores fundiários dos imóveis (figuras 7 a 10).

25 ZELLER, Olivier. *Les recensements Lyonnais de 1597 et de 1636. Démographie historique et géographie sociale*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1983; CABANTOUS, Alain. Le quartier, espace vécu à l'époque moderne: ambiguïté et perspectives d'une histoire. *Histoire, économie et société*, v. 13, n. 3, 1994, p. 427-439.

26 JUNOT, Yves. Mixité sociale, habitat et propriété: la paroisse Saint-Jacques de Valenciennes en 1602 d'après un registre du 100e. *Revue du Nord*, n. 79, 1997, p. 413-427.

27 GAUTHIEZ, Bernard; ZELLER, Olivier. Le dédommagement des reculements: un instrument de la politique d'aménagement urbain à Lyon aux XVIIe et XVIIIe siècles. *Histoire & mesure*, 2013, v. XXVIII.

A coerência da organização na escala local

Diversas realizações que poderiam ter passado como isoladas, tais como uma pavimentação, uma melhoria hidráulica, inscrições, prescrições arquitetônicas, encontravam coerência no que a cartografia de síntese mostra como sendo, de fato, uma operação local de organização urbana. O conhecimento dos valores fundiários permite então demonstrar que a municipalidade operava com cartas marcadas, com primazia de certos equipamentos destinados a bairros da elite²⁸. Por exemplo, havia por volta de 1760 uma convergência evidente entre a criação do novo bairro Saint-Clair, grande, burguês e nobre, a construção da quase totalidade dos imóveis do bairro do Plâtre, a escolha da localização do novo teatro, a melhoria do cais de Retz, a colocação dos primeiros passeios, as regras de estacionamento impostas aos carros e a grande densidade de cafés. Da mesma forma, o outro lugar de passeio que se constituía na praça Louis-le-Grand justificava a ampliação dos trabalhos hidráulicos, a manutenção dos gramados, das árvores e dos lagos por trabalhadores especializados, a colocação de bancos e de pequenas barreiras de madeira, e até mesmo o emprego de um carrinho regador para combater a poeira dos caminhos.

CONCLUSÃO

O exemplo de Lyon mostrou que seria quase impossível escrever a história da administração municipal a partir de fontes puramente textuais. Isso por duas razões: elas se referem a lugares dificilmente identificáveis e, amplamente disseminadas ao longo do tempo, parecem, à primeira vista, não ter outro alcance que não o puramente pontual. Elas só permitem, portanto, construir um discurso geral, superficial.

Apenas a cartografia sistemática permite superar isso. Referenciando cada casa ou cada lote e desenhando o traçado evolutivo das ruas e praças, ela permite passar a uma escala de observação mais refinada, e então romper as imprecisões das abordagens tradicionais. Sobretudo, permite apenas evidenciar a lógica tendo tacitamente orientado o ordenamento de subespaços urbanos. Reunindo graficamente trabalhos aparentemente independentes, como o alinhamento, a pavimentação e a hidráulica, coloca em evidência sua complementaridade real. Tornando a colocar essas ações administrativas no contexto da geografia das riquezas que traduzem os valores fundiários, ela dá sentido também ao campo social.

Assim, a cartografia, à escala mais precisa possível, pode desempenhar um duplo papel: o de instrumento de pesquisa, no sentido experimental do termo – da conciliação espacial e/ou cronológica de ações sem ligação aparente podem visualmente surgir, ou não, observações cuja coerência é de ordem territorial; o da ilustração, no melhor sentido do termo – diacrônico ou sincrônico conforme o caso,

28 GAUTHIEZ, Bernard, ZELLER, Olivier. Espace construit, espace social à Lyon aux XVIIe-XIXe siècles: l'apport du SIG. In: PANZERI, Matteo; FARRUGIA, Angela (a cura di). *Fonti, metafonti e GIS per l'indagine della struttura del territorio*. Torino, Celid/Politecnico di Torino, 2009, p. 39-50, p. 114-117.

um mapa deve ter valor de prova da validade de análises propostas. A geografia serve aqui à elaboração de uma história que permanece uma história do terreno.

SOBRE O AUTOR

OLIVIER ZELLER é professor emérito da Université Lumière Lyon 2, Lyon, France e pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique, UMR 5600 Environnement, Ville, Société.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDET, Jean-Pierre. *Rouen aux XVIIe et XVIIIe siècle. Les mutations d'un espace social*. Paris: Sedes, 1983, p. 113-117.
- CABANTOUS, Alain. Le quartier, espace vécu à l'époque moderne: ambiguïté et perspectives d'une histoire. *Histoire, économie et société*, v. 13, n. 3, 1994, p. 427-439.
- EL KORDI, Mohamed. *Bayeux aux XVIIe et XVIIIe siècles. Contribution à l'histoire urbaine de la France*. Paris – La Haye: Mouton, 1970.
- FINLEY-CROSSWHITE, S. Annette. *Henry IV and the towns. The pursuit of legitimacy in French urban society, 1589-1610*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- GAUTHIEZ, Bernard; ZELLER, Olivier. Espace construit, espace social à Lyon aux XVIIe-XIXe siècle: l'apport du S.I.G. In: PANZERI, Matteo; FARRUGIA, Angela (a cura di). *Fonti, metafonti e GIS per l'indagine della struttura del territorio*. Torino, Celid/Politecnico di Torino, 2009, p. 39-50, p. 114-117.
- _____; _____. Lyon aux XVIIe-XVIIIe siècles, la fabrique de la ville. In: BAJOLET, Emilie; MATTEI, Marie-Flore; RENNES, Jean-Marc (Dir.). *Quatre ans de recherche urbaine 2001-2004*. ACI-Ville Ministère de la recherche. Tours: Presses Universitaires François-Rabelais - Maison des Sciences de l'Homme "Villes et territoires", 2006, tome I, p. 459-464.
- _____; _____. Ordre textuel et ordre spatial à Lyon à l'époque moderne. Du parcours de visite au rôle nominal, une spatialité implicite. *Histoire & mesure*, v. XXV, n. 2, 2009.
- _____; _____. Le dédommagement des reculements: un instrument de la politique d'aménagement urbain à Lyon aux XVIIe et XVIIIe siècles. *Histoire & mesure*, 2013, v. XXVIII.
- _____; _____. Lyons, the spatial analysis of a city in the 17th and 18th centuries. Locating and Crossing Data in a GIS Built from Written Sources. In: RAU, Susanne; SCHOENHERR, Ekkehard. *Mapping spatial relations, their perceptions and dynamics. the city today and in the past*. Heidelberg-New York-Dordrecht-Londres: Springer, 2014, pp. 97-118.
- GUENEAU, Louis. *L'organisation du travail à Nevers aux XVIe et XVIIe siècles*. Paris: Hachette, 1919.
- JUNOT, Yves. Mixité sociale, habitat et propriété: la paroisse Saint-Jacques de Valenciennes en 1602 d'après un registre du 100e. *Revue du Nord*, n. 79, 1997, p. 413-427.
- LAMARRE, Christine. *Petites villes et fait urbain en France au XVIIIe siècle. Le cas bourguignon*. Dijon: Editions Universitaires de Dijon, 1993.
- LEPETIT, Bernard. L'appropriation de l'espace urbain: la formation de la valeur dans la ville moderne (XVIe-XIXe). *Histoire, économie et société*, tome 13, n. 3, 1994, p. 551-559.
- LIS, Catharina; SOLY, Hugo. Entrepreneurs, corporations et autorités publiques au Brabant et en Flandre à la fin de l'Ancien Régime. *Revue du Nord*, n. 76, 1994, p. 725-744.

- MOUYSET, Sylvie. *Le pouvoir dans la bonne ville. Les consuls de Rodez sous l'Ancien Régime*. Rodez et Toulouse: Société des Lettres, Sciences et Arts de l'Aveyron et CNRS – Université de Toulouse Le Mirail, 2000.
- PERROT, Jean-Claude. *Genèse d'une ville moderne: Caen au XVIIIe siècle*. Lille: Service de reproduction des thèses, 1974 (rééd. Paris: Mouton, 1975, 2 t.).
- PINON, Pierre. La Chaussée d'Antin à la fin du XVIIIe siècle. *Bulletin de la Société de l'Histoire de Paris et de l'Île de France*, 113e et 114e années, 1986-1987, Paris, 1988, p. 245.
- SAUPIN, Guy. *Nantes au XVIIe siècle. Vie politique et société urbaine*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 1996.
- ZELLER, Olivier. *Les recensements Lyonnais de 1597 et de 1636. Démographie historique et géographie sociale*. Lyon : Presses universitaires de Lyon, 1983.
- Une nouvelle gestion édilitaire au XVIIIe siècle: les entrepreneurs de services publics à Lyon. In: WORONOFF, Denis (Dir.). *Mélanges offerts à Serge Chassagne*. Valenciennes: Presses Universitaires de Valenciennes, 2008.

Saúde urbana e higienismo, o exemplo da França

[*Urban health and hygienism, the example of France*]

Virginie Chasles¹

Artigo traduzido do francês por Eliane Kuvasney.

RESUMO • A saúde é um bom indicador de qualidade territorial e nos informa sobre a qualidade do ambiente vivido. A saúde na cidade foi compreendida, por um longo tempo, através das topografias médicas, que puderam evidenciar os riscos de saúde ligados à concepção das cidades. Este artigo visa ilustrar as interações antigas entre cidade e saúde. Num primeiro momento, tratar-se-á da apresentação histórica de alguns indicadores de morbidade e de mortalidade, além de alguns fatores de risco. Veremos, em seguida, como a conscientização em relação aos desafios sanitários na cidade pôde influenciar o urbanismo e, através da incorporação do higienismo, como se pôde pensar em preservar a saúde das populações, transformando o seu espaço. Este texto evidenciará o caso da França e da cidade de Lyon. • **PALAVRAS-CHAVE** • Saúde urbana; medicina;

higienismo; Lyon. • **ABSTRACT** • Health is a good indicator of territorial quality and provides information on the quality of the place of life. Health in the city was early apprehended through medical topographies. They were able to highlight the health risks associated with urban building. This article therefore aims to illustrate the interactions between ancient city and health. Firstly, it will be conducted an historic presentation of some indicators of morbidity and mortality, and also of certain risk factors. Then, we will see how the awareness of urban health issues has influenced urban planning. Through the incorporation of hygienism, we will see how we had thought to preserve people health by transforming their place of life. This text will focus on the case of France and city of Lyons. • **KEYWORDS** • Urban health; medicine; hygienism; Lyons.

Recebido em 21 de março de 2016

Aprovado em 26 de julho de 2016

CHASLES, Virginie. Saúde urbana e higienismo, o exemplo da França. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 64, p. 65-74, ago. 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p65-74>

¹ Université Jean Moulin Lyon 3 (Lyon, França).

INTRODUÇÃO

A saúde é um indicador reconhecido de desenvolvimento humano e econômico e também de qualidade territorial. Compreender a saúde requer, desse modo, apreender, ao mesmo, tempo as dimensões sociais e espaciais de suas dinâmicas. A esse respeito, a cidade constitui um terreno de observação rico de ensinamentos devido à coexistência, desde sempre, de realidades sociais plurais e de uma diversidade de territórios. De resto, a saúde na cidade foi compreendida há muito tempo, já que as primeiras topografias médicas focaram mais particularmente sobre os espaços urbanos e puderam destacar, em especial, os riscos de saúde ligados à própria concepção das cidades.

Este artigo visa, assim, ilustrar as antigas interações entre cidade e saúde. Inicialmente, tratar-se-á de proceder à apresentação histórica de alguns indicadores de morbidade e de mortalidade, e também de alguns fatores de risco. Veremos, em seguida, como a conscientização com respeito aos desafios ligados à saúde na cidade pôde influenciar o urbanismo e, através da incorporação do higienismo, como se pôde pensar em preservar a saúde das populações transformando seu espaço. Assim, através dos exemplos da França e da cidade de Lyon, examinaremos como a medicalização do espaço foi implementada e como o urbanismo foi influenciado pela medicina, mais particularmente pela revolução pasteuriana (1885) e pela descoberta dos germes.

A CIDADE, UM ESPAÇO PATOGENICO DE LONGA DATA

A cidade há muito tempo se constituiu num espaço de doenças. Durante os últimos séculos, os qualificativos a seu respeito eram também explícitos já que se falava de cidade moribunda, de espaço mortífero preso em seus miasmas ou ainda de berços

de epidemias assassinas. Essa condição sanitária das cidades antigas foi objeto de numerosos estudos, que eram chamados de topografias médicas. Essas monografias de tipo neo-hipocrático foram numerosas durante os séculos XVIII e XIX na Europa, em especial na França, por iniciativa da Société Royale de Médecine². Essas topografias médicas eram de escalas variadas, indo da região à cidade, como a de Claude Lachaise, sobre Paris³. Essa abordagem neo-hipocrática, inspirada no tratado de Hipócrates *Ares, águas, lugares*, considera que o meio é a origem da maior parte das doenças. Sabine Barles explica que, no século XVIII, a mortalidade e a morbidade são postas sob a perspectiva das características climáticas, meteorológicas e topográficas. É a observação do solo que é então predominante já que está associada a ele a origem principal dos miasmas. Fala-se então de mefitismo para designar o que é malsão, fazendo referência mais particularmente aos vapores terrestres malsãos⁴.

Empenhando-se em descrever as condições de vida (físicas, demográficas, econômicas...) de populações campestres ou citadinas e seus estados de saúde, essas topografias médicas permitiram destacar as desigualdades de saúde não só entre as cidades e as áreas rurais, como também entre as próprias cidades, sendo as condições de saúde ainda piores nas cidades grandes, ou até dentro de uma mesma cidade. Esses trabalhos revelavam, dessa forma, diferenciais de saúde entre cidade e campo muito importantes, mais especificamente em termos de mortalidade. Por exemplo, os trabalhos efetuados na região de Marselha pela Société Royale de Médecine no final do século XVIII mostraram que a esperança de vida na cidade era de 22 anos, enquanto no interior da região era de 38 anos⁵. Da mesma forma, em escala nacional, para a década 1816-1826 as taxas de mortalidade geral atingiam, em média, 36,1‰ nas cidades contra 23,7‰ no campo⁶. A cidade era, então, considerada como verdadeira moribunda, e os burgueses preferiam, muitas vezes, enviar suas crianças para o campo, onde as condições sanitárias eram melhores⁷.

Após um período de melhoria, durante a última metade do século XVIII, as condições de saúde declinaram outra vez durante a fase de urbanização rápida ligada à Revolução Industrial. Face às más condições sanitárias das cidades e em resposta às inquietações dos médicos, os poderes públicos de então concordam sobre a necessidade de mudar a cidade. O desenvolvimento do higienismo a partir da metade do século XIX será, portanto, acompanhado da integração progressiva da

2 PICHERAL, Henri. *Dictionnaire raisonné de géographie de la santé*. Presses Universitaires de Montpellier 3, 2001.

3 LACHAISE, Claude. *Topographie médicale de Paris. Examen général des causes qui peuvent avoir une influence marquée sur la santé des habitants de cette ville, le caractère de leurs maladies et le choix des précautions hygiéniques qui leur sont applicables*, 1822.

4 BARLES, Sabine. Les villes transformées par la santé, 18-20^{ème} siècles. *Les tribunes de la santé*, n. 33, 2011.

5 RAYMOND, François. Mémoire sur la topographie médicale de Marseille et de son territoire. *Mémoires de la Société Royale de Médecine. Années 1777 et 1778*, Tome 2, p. 66-140.

6 POUSSOU, Jean-Pierre. *La croissance des villes au XIX^e siècle. France, Royaume Uni, États-Unis et pays germaniques*. Paris: CDU Sedes, 1995.

7 LEQUIN, Yves. Mouroirs urbains? Du cycle du choléra à la tuberculose. In: AGUHLON, Maurice (Dir.). *Histoire de la France urbaine, tome 4, La ville de l'âge industriel*. Paris, Seuil, 1983, p. 276.

saúde nos ordenamentos urbanos. Num primeiro momento isso vai se materializar essencialmente através da melhoria da circulação das águas (canalização das águas servidas) e dos ares (alargamento das ruas), tendo em vista a liberação da cidade de seus miasmas⁸, tornando-a mais salubre. Os grandes trabalhos de saneamento empreendidos em Paris por Haussmann entre 1853 e 1869 são bastante ilustrativos⁹. Na mesma época, os médicos vão defender o isolamento ou o afastamento das populações urbanas das atividades nefastas para a saúde (indústrias)¹⁰.

Essas transformações progressivas da cidade, acompanhadas de melhoria das condições de vida, vão dar lugar aos progressos sanitários assinalados. Com efeito, a partir do fim do século XIX, observa-se um nítido retrocesso da mortalidade e um forte aumento da esperança de vida devido ao efeito conjunto dos progressos da medicina e da higiene, bem como da melhoria dos meios e das condições de vida. As taxas de mortalidade geral de Paris e da França, que eram respectivamente 28,4‰ e 22,6‰ para o período de 1853-1860, passam então para 23,8‰ e 22,5‰ em 1882-1891, depois para 18,4‰ e 20,6‰ em 1900-1904¹¹. Quanto à esperança de vida, que era de 36 anos em 1820, passa para 46 anos em 1900 e 67 anos em 1950¹².

Do mesmo modo, a mortalidade infantil na França, reveladora da qualidade dos meios e condições de vida, vai diminuir fortemente a partir do final do século XIX, passando assim de 275‰ em 1800 a 150‰ em 1900 e 50‰ em 1950 (está na ordem de 3,5‰ atualmente)¹³. Se a mortalidade infantil recuou fortemente, é necessário notar que esses progressos não são unânimes para todas as cidades. Com efeito, se por um lado a situação sanitária é doravante melhor na cidade que no campo, por outro, ela é melhor nas grandes cidades que nas pequenas. Essas disparidades entre cidades vão perdurar. Assim, nos anos 1960, a mortalidade infantil é claramente inferior à média nacional em Paris, Lyon e Grenoble. Em contrapartida, as altas taxas persistem em Marselha, Nantes e Rouen e mais ainda nas cidades do Nord-Pas-de-Calais e da Lorraine¹⁴. Ainda hoje, a distribuição geográfica das taxas de mortalidade infantil é muito desigual: é nas regiões do Nordeste que ela é a mais elevada: 4‰ a 5‰, enquanto as regiões do Centro e do Sudeste apresentam taxas relativamente baixas: 2‰ a 3‰¹⁵.

Por outro lado, a melhoria das condições de saúde na cidade é acompanhada do

8 CORBIN, Alain. *Le miasme et la jonquille: l'odorat et l'imaginaire social aux XVIII et XIXème siècles*. Paris: Flammarion, 2008.

9 LÉVY, Albert. *Ville, urbanisme et santé, les trois révolutions*. Paris: Editions Pascal, 2012, p. 39.

10 BARLES, Sabine, op. cit.

11 POUSSOU, Jean-Pierre, op. cit.

12 PISON, Gilles. 2004: l'espérance de vie franchit le seuil de 80 ans. *Populations et Sociétés*, n. 410, mars 2005.

13 Ibidem.

14 RONCAYOLO, Marcel. Changement dans les pratiques sociales. *Histoire de la France urbaine*. Paris: Seuil, 1985, p. 477.

15 INSEE – Institut National de la Statistique et des Études Économiques. *Mesurer pour comprendre*, 2013.

aumento dos desvios entre zonas urbanas e zonas rurais¹⁶. Desde o início do século XX, numerosos trabalhos mostram que a mortalidade é, na França, mais elevada em meio rural que em meio urbano. Além disso, a mortalidade segue a hierarquia urbana e diminui quando a dimensão das aglomerações aumenta¹⁷. Isso se explica em grande parte pela composição social mais favorável nas grandes cidades, o que justifica a menor vulnerabilidade das populações referidas no que diz respeito à morbidade e à mortalidade.

Assim, as condições de saúde tais como foram descritas pelos indicadores estatísticos são agora mais favoráveis na cidade que no campo. Em virtude das evoluções socioeconômicas e urbanísticas, houve uma inversão das lógicas geográficas da mortalidade, e a passagem progressiva de uma sobremortalidade para uma submortalidade urbana.

O HIGIENISMO, UMA REVOLUÇÃO URBANÍSTICA E SANITÁRIA

A evolução da mortalidade na cidade e do perfil sanitário dos cidadãos é resultado de múltiplos fatores, entre os quais se pode citar a melhoria das condições de vida, os avanços da medicina e também a transformação progressiva dos espaços urbanos. No que diz respeito a esse último ponto, desde o século XIX, as grandes revoluções médicas (pasteuriana, freudiana, ambiental) afetaram ao mesmo tempo a saúde e o urbanismo¹⁸.

A revolução médica que vai impactar mais fortemente os espaços urbanos é a revolução pasteuriana, que dará origem ao higienismo¹⁹. Até então, era a concepção miasmática que prevalecia em medicina. Dito de outro modo, até o fim do século XIX, as causas das doenças eram procuradas no ar malsão das cidades (miasmas). Os odores pestilenciais, que circulavam no ar da cidade, eram considerados como um fator de risco para a saúde das populações. A palavra “malária” (“mau ar”) é uma das ilustrações: considerava-se que essa doença era causada pelo mau ar (odor nauseabundo) que se desprendia das regiões pantanosas e úmidas.

A esse diagnóstico espacial das doenças, vai ser proposto um remédio também espacial²⁰. Em outros termos, decide-se agir sobre esses espaços patogênicos a fim de parar a produção e a difusão dos miasmas mortais. Os engenheiros vão, então, tornar-se os atores principais da cidade e vão começar a realizar grandes trabalhos de saneamento. Entre eles, podemos citar o arquiteto Pierre Patte (1723-1814), que vai propor um plano de embelezamento de Paris, preconizando excluir da cidade todas

16 SALEM, Gérard; RICAN, Stéphane; JOUGLA, Eric. *Atlas de la santé en France. Volume: Les causes de décès*. Paris: John Libbey Eurotext, 2000.

17 BOUVIER-COLLE, Marie-Hélène. La mortalité urbaine en France. *Courrier du CNRS*, n. 81, 1994.

18 LÉVY, Albert, op. cit., p. 20.

19 Nota do editor: é importante salientar que tal afirmação não é consenso entre os estudiosos do tema. Alguns autores afirmam que as propostas higienistas para os espaços urbanos são anteriores à revolução pasteuriana.

20 LÉVY, Albert, op. cit., p. 26.

as atividades poluidoras, alargar as ruas, multiplicar e aumentar as praças, favorecer a circulação do ar e destruir os bairros demasiado densos.

Os médicos vão também estar nessa iniciativa de novas recomendações urbanísticas. Entre eles, pode-se citar Alexandre Parent-Duchatelet²¹ (1790-1836), considerado o “pai da higiene pública” na França, que estava convencido do papel protagonizado pelo ar e pela água na saúde das populações urbanas. Empreendeu diferentes ordenamentos e dispositivos, como a construção de esgotos e o tratamento dos resíduos. Sensível às recomendações dos médicos, o prefeito Rambuteau (1781-1869), que queria “dar aos parisienses a água, o ar e a sombra”, iniciou, ele também, ordenamentos de envergadura: abertura de grandes avenidas, pavimentação de ruas, construção de passeios e de esgotos, plantação de árvores, multiplicação de fontes de água...

Alguns anos mais tarde, é Haussmann (1809-1891), com seus grandes trabalhos (entre 1853 e 1869), que vai iniciar uma ação de saneamento radical e em grande escala sobre o conjunto da capital (eliminação da superpopulação e das fortes densidades em certos bairros populares, multiplicação das aberturas de vias, construção de uma rede de água potável, ampliação da rede de esgoto, concepção de parques e de espaços verdes)²².

Assim, a partir da metade do século XIX, uma nova cidade vai gradualmente sendo construída a partir dos princípios do espacialismo higienista e do saneamento²³. Isso se impõe sobretudo porque existe, como visto anteriormente, uma constatação quase unânime no século XVIII, a da sobremortalidade urbana. O termo *espacialismo* faz referência ao papel medicinal (*pharmakon*) atribuído ao espaço, que então é mobilizado para fins curativos. O espaço é assim saneado e transformado para poder erradicar as doenças. A forma urbana nova que emerge desses ordenamentos é, por isso, complexa e multiforme. É caracterizada, antes de mais nada, por um urbanismo subterrâneo que esconde as redes de escoamento a fim de conduzir a água aos lares e evacuar para fora da cidade as águas servidas e contaminadas. Aparece, igualmente, um urbanismo neobarroco, com o seu culto do eixo, que traça largas vias retilíneas através da cidade para ligar rapidamente os equipamentos (estações, casernas...) e favorecer também uma melhor ventilação da cidade. Enfim, desenvolve-se um urbanismo paisagístico que distribui na cidade os espaços verdes, os jardins públicos, as praças e milhares de árvores alinhadas para ornamentar essa cidade, e também oxigenar e purificar o ar urbano.

Essa mobilização do espaço com fins terapêuticos vai conhecer novas evoluções a partir do final do século XIX com a revolução pasteuriana, que vai transformar, ao mesmo tempo, a medicina (nascimento da medicina moderna) e o urbanismo (nascimento do urbanismo moderno). Agora são os microrganismos (germes, micróbios, bactérias) que são identificados como únicas e verdadeiras causas das infecções, e que vão ser perseguidos. O urbanismo e a arquitetura vão novamente assumir uma função médica, contribuindo na luta contra os germes causadores de

21 Ibidem, p. 34.

22 Ibidem, p. 39.

23 Ibidem, p. 27.

doenças contagiosas, em especial, contra o da tuberculose (“peste branca”), o grande desafio de saúde pública da época²⁴.

Considerada como uma doença urbana, vai gerar um medo difuso da cidade e uma rejeição da civilização urbana, opondo a cidade doentia ao campo são. Apesar da descoberta do bacilo da tuberculose por R. Koch (1882), a profissão médica permanece restrita ao nível terapêutico. Vai-se então propor uma medicina espacialista e climática, tendo como método principal a helioterapia. Assim, o novo período que se abre vai impor um novo objetivo: assepsia dos espaços. É necessário matar o germe, desinfetando e esterilizando em meio medicinal, e introduzindo a luz e o sol na cidade e nas habitações.

Esse mito curativo espacial pelo sol, ar e luz terá repercussões consideráveis sobre a evolução das formas urbanas, e dará lugar especialmente à dissolução de certos velhos tecidos urbanos²⁵. Os urbanistas modernos vão, assim, condenar o quarteirão central, julgado patogênico. Vão então propor duas alternativas. A primeira concebe uma outra cidade, fora da cidade existente, na periferia ou no campo, em contato com a natureza, capaz de oferecer um ambiente mais são: é o modelo da cidade jardim. A segunda visa melhorar o quarteirão existente, alargando-o, abrindo-o ou destruindo-o, para transformá-lo ou substituí-lo por um tecido urbano aberto a fim de maximizar a entrada de ar, de sol e luz no hábitat: é o modelo da renovação urbana. As consequências desse urbanismo higienista e funcionalista serão fatais para as formas urbanas da cidade antiga (sanitariamente desqualificadas) e para a cidade histórica, que é ameaçada.

LYON, DA INSALUBRIDADE AO HIGIENISMO

É necessário começar afirmando que, desde sempre, os viajantes que passavam por Lyon salientaram a insalubridade dessa cidade no estreito entre o Rhône e o Saône. É testemunha disso a descrição pouco elogiosa que dava, em 1630, numa obra intitulada *Voyage de Paris à Rome*, um autor chamado Jean-Jacques Bouchard: “A cidade é pouco atrativa, triste e malcheirosa; as ruas muito estreitas, escuras e cheias de lama e as casas altas, escuras, mal construídas...”²⁶.

Numerosos são também os autores a dar destaque aos odores tremendos que reinavam na capital dos gauleses devido aos matadouros localizados a céu aberto, no centro da cidade. Durante séculos existiram em Lyon quatro matadouros, respectivamente chamados Terreaux, l’Hôpital, Saint-Georges e Saint-Paul. Esses matadouros, todos localizados no interior da cidade, estavam situados nos bairros mais populosos. Suas ruas estreitas eram malcheirosas, as peles dos animais ficavam penduradas e os açougueiros lançavam nos rios Rhône e Saône seus restos e carcaças de animais. O rio Saône, devido ao curso lento, espalhava, assim, por toda a cidade,

24 Ibidem, p. 54.

25 Ibidem, p. 63.

26 BOUCHARD, Jean-Jacques apud FRENEY, Jean; DUBOURGET-NARBONNET, Alexandra. *Peste, choléra ... et autres calamités. Une histoire des infections à Lyon*. Editions EMCE, 2014, p. 8.

odores terríveis. Foi necessário esperar o 1º de janeiro de 1840 para que o início do funcionamento do abatedouro geral de Perrache suprimisse a presença desses matadouros do meio da cidade²⁷.

O mercado dos porcos contribuía igualmente para a insalubridade da cidade. É necessário dizer que esse mercado existiu, até ao início do século XVII, no mesmo lugar (no centro da place des Terreaux) onde os condenados à morte, após terem sido pendurados, eram enterrados de maneira sumária pelo carrasco. Quando da montagem desse mercado dos porcos, os cadáveres recentes ou mesmo pútridos frequentemente eram desenterrados e conduzidos pelos animais, o que causava um espetáculo desolador e de odores insustentáveis²⁸!

Assim, até ao início do século XIX, Lyon tinha uma reputação muito ruim, criticada pela intensa insalubridade e por problemáticas preocupantes de saúde, entre as quais a tuberculose²⁹, que golpeava sobretudo três bairros populares: a cité Moncey, a Grand-Côte e o bairro Saint-Georges. Esses bairros densos e miseráveis eram verdadeiros lares da doença. As habitações mais atingidas eram as casas dos trabalhadores. A descrição de um alojamento operário, feita por Edme Martin em 1911, permite fazermos uma ideia das condições nas quais viviam certas famílias:

[...] lá só se pode chegar por uma escada escura, tortuosa, estreita e escorregadia cujos degraus usados são úmidos e gordurosos como se suassem a sujeira de uma multidão de gerações. Só uma peça serve de refúgio a toda uma família; se faz tudo neste quarto: se cozinha, se come, se dorme. Uma janela estreita o ilumina num dia sombrio, e, por sua moldura, vê-se sempre o mesmo quadro: está ali, demasiado perto, a alguns metros, o grande muro colado ao pátio ou à rua que se ergue, triste e escura. Um colchão rasgado jogado num canto, uma caixa cheia de trapos ao lado a servir de berço. O pavimento é de uma imundície repulsiva, onde se cospe sem parar e crianças maltrapilhas arrastam-se brincando.

No entanto, a partir da segunda metade do século XIX, numerosos projetos higienistas vão começar a aparecer. Entre os mais importantes, podemos citar o do prefeito Vaïsse³⁰ (1799-1864), que esteve na origem de um plano de urbanização que alterou consideravelmente a fisionomia de Lyon, em especial a Presqu'île³¹. Com efeito, até o Segundo Império a Presqu'île oferecia um emaranhado de ruas que datavam da Idade Média, uma configuração urbana que facilitava a transmissão das doenças infecciosas. Concebido à imagem do plano que o barão Haussmann efetuava paralelamente em Paris, o plano de urbanização do prefeito Vaïsse se caracterizava pela abertura de largas vias, a exemplo da rua Impériale (hoje rua de la République) ou da rua de l'Impératrice (hoje rua Président Edouard Herriot). Claude Marius Vaïsse

27 FRENEY, Jean; DUBOURGET-NARBONNET, Alexandra, op. cit., p. 10.

28 Ibidem.

29 Ibidem, p. 40-42.

30 Ibidem, p. 94.

31 A faixa de terras existente entre os rios Rhône e Saône. (N. T.)

esteve igualmente na origem da reformulação do sistema de alimentação de água da cidade (1854), da criação do hospital da Croix-Rousse (1857) e do ordenamento do parque de la Tête-d'Or (1857).

Durante a segunda metade do século XIX, novos ordenamentos ocorrerão (criação de uma distribuição de água de boa qualidade, elaboração da rede de esgotos, sistema de coleta de lixo, instauração da secretaria de higiene em 1890)³², o que continuará a promover o recuo da insalubridade. É necessário dizer que a cidade de Lyon conta com vários higienistas famosos³³. Entre eles, podemos citar Antoine Gailleton (1829-1904), médico, que foi prefeito de Lyon de 1881 a 1900 e estabeleceu numerosas medidas higienistas (criação do serviço de águas, criação da secretaria de higiene...). Há também Gabriel Roux (1853-1914), que, em 1892, foi nomeado diretor do escritório municipal de higiene de Lyon. Ele assegurou a implementação dos banhos públicos e a distribuição de leite esterilizado aos lactentes necessitados, o que levou à criação de uma estação municipal de esterilização de leite. Gabriel Roux soube detectar os problemas de contaminação das águas ligados à alimentação dos lioneses e lutou contra os problemas da febre tifoide.

Da mesma época, Jules Courmont (1865-1917) foi outro higienista importante. Médico e biólogo, foi titular da cadeira de higiene da faculdade de medicina (1900-1917). Cofundador e diretor do Instituto Bacteriológico de Lyon, é o primeiro inspetor departamental da higiene pública do departamento do Rhône. Em 1907 organiza, em Lyon, uma exposição de higiene urbana. Por fim, Edouard Herriot (1872-1957), prefeito de Lyon de 1905 a 1957, empreendeu ordenamentos múltiplos: construção de novos abatedouros, de um novo hospital, de uma usina de incineração dos resíduos domésticos (Gerland), de numerosos grupos escolares e alojamentos alugados por baixos valores... e não podemos esquecer que Edouard Herriot desejava derrubar a atual Vieux Lyon. Ele declarou: "a Vieux Lyon é um amontoado de pardieiros, todos dignos de demolição". Edouard Herriot fez parte dos organizadores da Exposição Internacional Urbana de Lyon em 1914, que visava avançar com o projeto de uma cidade moderna e original, que respondesse às necessidades novas, aos conceitos de higiene e progresso social.

CONCLUSÃO

Em uma escala global, o estado de saúde das populações melhorou enormemente desde o século XIX. É o que expressa o aumento regular da esperança de vida. Ela está relacionada à melhoria das condições de vida (acesso à alimentação e à assistência, progressos médicos, melhoria das condições de trabalho) e também à transformação dos espaços urbanos. Consequentemente, a saúde é um bom indicador da qualidade dos espaços urbanos. Ela também traz consigo elementos de compreensão sobre as evoluções antigas e recentes do urbanismo.

32 Frioux, Stéphane. *Les batailles de l'hygiène. Villes et environnement de Pasteur aux Trente Glorieuses*. Paris, PUF, 2013, 388 p.

33 FRENEY, Jean & DUBOURGET-NARBONNET, Alexandra, op. cit., p. 96-100.

Hoje, essa incorporação da saúde no ordenamento das cidades permanece, como atesta a sua integração aos documentos de urbanismo. Cidade e saúde são, assim, duas dimensões em constante interação. De um lado, a saúde nos informa sobre a qualidade urbana e a paisagem social. De outro, a cidade cresce rica em saúde para oferecer materialidades urbanas favoráveis à saúde das populações.

SOBRE A AUTORA

VIRGINIE CHASLES é professora do Département de Géographie-aménagement du Territoire, Université Jean Moulin Lyon 3, e integrante da Equipe Hesper (Health Services and Performance Research).
E-mail: chaslesvirginie@yahoo.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARLES, Sabine. Les villes transformées par la santé, 18-20^{ème} siècles. *Les tribunes de la santé*, n. 33, 2011.
- BOUVIER-COLLE, Marie-Hélène. La mortalité urbaine en France. *Courrier du CNRS*, n. 81, 1994.
- CORBIN, Alain. *Le miasme et la jonquille: l'odorat et l'imaginaire social aux XVIII et XIX^{ème} siècles*. Paris: Flammarion, 2008.
- FRENEY, Jean; DUBOURGET-NARBONNET, Alexandra. *Peste, choléra... et autres calamités. Une histoire des infections à Lyon*. Editions EMCE, 2014.
- FRIOUX, Stéphane. *Les batailles de l'hygiène. Villes et environnement de Pasteur aux Trente Glorieuses*. Paris: PUF, 2013, 388 p.
- INSEE – Institut National de la Statistique et des Études Économiques. *Mesurer pour comprendre*, 2013.
- LACHAISE, Claude. *Topographie médicale de Paris. Examen général des causes qui peuvent avoir une influence marquée sur la santé des habitants de cette ville, le caractère de leurs maladies et le choix des précautions hygiéniques qui leur sont applicables*, 1822.
- LEQUIN, Yves. Mouiroirs urbains? Du cycle du choléra à la tuberculose. In: AGUHLON, Maurice (Dir.) *Histoire de la France urbaine, tome 4, La ville de l'âge industriel*. Paris, Seuil, 1983, p. 276.
- LÉVY, Albert. *Ville, urbanisme et santé, les trois révolutions*. Paris: Editions Pascal, 2012, p. 39.
- PICHERAL, Henri. *Dictionnaire raisonné de géographie de la santé*, Presses Universitaires de Montpellier 3, 2001.
- PISON, Gilles. 2004: l'espérance de vie franchit le seuil de 80 ans. *Populations et Sociétés*, n. 410, mars 2005.
- POUSSOU, Jean-Pierre. *La croissance des villes au XIX^e siècle. France, Royaume Uni, États-Unis et pays germaniques*. Paris: CDU Sedes, 1995.
- RAYMOND, François. Mémoire sur la topographie médicale de Marseille et de son territoire. *Mémoires de la Société Royale de Médecine*, Anées 1777 et 1778, Tome 2, p. 66-140.
- RONCAYOLO, Marcel. Changement dans les pratiques sociales. *Histoire de la France urbaine*. Paris: Seuil, 1985.
- SALEM, Gérard; RICAN, Stéphane; JOUGLA, Eric. *Atlas de la santé en France. Volume 1: Les causes de décès*. Paris: John Libbey Eurotext, 2000.

Dinâmicas de representações espaciais e dados cartográficos em Lyon no início do século XX: uma primeira abordagem

[Spatial representations dynamics and cartographic data in Lyon in the early twentieth century: a first approach

Enali De Biaggi¹

RESUMO • O mapeamento da cidade de Lyon no início do século XX parece ter sido pouco estudado quando comparado ao número de textos dedicados a mapas e cartógrafos do século XIX. Cartografia relacionada com a gestão urbana ou mapeamento militar, vários conjuntos de mapas concentram recursos valiosos para compreender as transformações da cidade naquele momento. Este texto concentra-se em dois pontos principais que parecem emergir: o fortalecimento de um mapeamento detalhado – em escalas de 1:500 a 1:2.000; e um mapeamento “estendido” no momento em que a cidade se amplia num processo de metropolização. Analisando as continuidades e descon continuidades nos mapas produzidos no período, que vai até ao final da Segunda Guerra Mundial, tenta-se propor novas linhas de pesquisa. • **PALAVRAS-CHAVE** • Cartografia; mapeamento urbano; Lyon; século XX; metropolização. •

ABSTRACT • The mapping of the city of Lyons in the early twentieth century has not deserved enough attention compared to the number of texts dedicated to maps and mapmakers of the nineteenth century. From the cartography related to the urban administration to military mapping, several collections constitute valuable resources to understand the changes in the city throughout this period and deserve more attention. This paper focuses on two main issues that seem to emerge: the strengthening of a detailed mapping - 1:500 to 1:2000 as well as an "extended" cartography which depicts the city in the midst of metropolization. It proposes to analyze continuities and ruptures in the maps produced up to the end of Second World War, trying to suggest new lines of research. • **KEYWORDS** • Cartography; urban mapping; Lyons; XXth century; metropolization.

*Recebido em 5 de abril de 2016
Aprovado em 25 de julho de 2016*

DE BIAGGI, Enali. Dinâmicas de representações espaciais e dados cartográficos em Lyon no início do século XX: uma primeira abordagem. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 64, p. 75-98, ago. 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p75-98>

¹ Université Jean Moulin Lyon 3 (Lyon, França).

A melhor tradição de análise da história diz que o tempo é um constante fluir de continuidades e rupturas e cujos padrões e conteúdos buscamos captar (ou construir) com a ação do intelecto. Compreender a especificidade de uma época implica desvendar tanto as permanências quanto as particularidades que a singularizam².

O mapeamento da cidade de Lyon no início do século XX parece ainda pouco estudado quando comparado com o número de textos dedicados a mapas e cartógrafos do século XIX. Nos livros dedicados à análise do mapeamento de Lyon, como *Forma Urbis*³, de fato, a ênfase é no “elogio” dos tempos de expansão da cidade no século XIX (Cadastró de 1830, mapas de Dignoscyo – pai e filho, trabalho de Coillet), sendo que pouca atenção é dada ao que ainda foi um momento decisivo na construção da Lyon “moderna”.

Este texto tem como objetivo analisar o mapeamento da primeira metade do século XX, dando atenção às continuidades, bem como às rupturas desde o século anterior, com o intuito de destacar as representações espaciais feitas no contexto de metropolização. Usando principalmente os documentos agora disponíveis ao público em geral⁴, seja o mapeamento relacionado com a gestão urbana ou o mapeamento militar, propomos uma primeira abordagem dos mapas produzidos entre o final do século XIX e especialmente no período que antecede o final da Segunda Guerra Mundial, tentando sugerir linhas de pesquisa para o futuro.

2 MORAES, A. C. R. *Geografia histórica do Brasil: cinco ensaios, uma proposta e uma crítica*. São Paulo: Annablume, 2009.

3 FORMA URBIS, *les plans généraux de Lyon XVIe-XXe siècles*. Lyon: Archives Municipales. Les dossiers des Archives Municipales, Archives municipales, 2e édition revue, corrigée et augmentée, 1999. Disponível em: <http://www.archives-lyon.fr/static/archives/contenu/sommaires/forma_urbis.html>. Acesso em: 20 jun. 2016.

4 Existem centenas de mapas disponíveis *online* atualmente. Neste texto nos apoiamos principalmente nos arquivos *online* do Arquivo Municipal de Lyon (Archives Municipales de Lyon), que serão citados pela sigla AML (<http://www.archives-lyon.fr/archives/sections/fr/archives_en_ligne>), mas também no portal do IGN – Instituto geográfico francês (<www.geoportail.gouv.fr>) E no *site* da BNF – Biblioteca Nacional da França (<<http://gallica.bnf.fr>>).

UM ESFORÇO DE MAPEAMENTO EM GRANDE ESCALA: ESCALAS E DESCONTINUIDADES

Como em muitas cidades da Europa⁵, vemos aparecer em Lyon durante todo o século XIX várias tentativas para produzir um conjunto cartográfico capaz de viabilizar a gestão de uma cidade cada vez mais ampla e complexa. Os mapas contribuem, assim, como um instrumento de política pública, a fim de criar um “dispositivo técnico que permita uma concepção concreta da relação política/sociedade, utilizado como elemento de regulamentação de projetos”⁶, o qual seria importante analisar.

Em Lyon, um projeto muito ambicioso de mapeamento em grande escala é lançado especialmente a partir do Segundo Império francês (1852-1870)⁷ e contribui para a afirmação dos novos serviços municipais recém-instalados⁸. Assim, após o esforço de mapeamento do período do cadastro de Napoleão (1824-1832)⁹, na segunda metade do século XIX, são lançadas localmente as bases para a realização de uma cartografia de detalhe: além da finalização e homogeneização de uma nova triangulação geral da cidade de Lyon, iniciada por Fouque entre 1861-1869 e continuada por Grisard a partir

5 Pode-se citar aqui o projeto “Atlas des quartiers de Paris” feito por Vasserot e Bellanger na primeira metade do século XIX descrito por: SOUCHON, C. Philibert Vasserot et les Atlas des quartiers de Paris. CFC, n. 171, mars 2002, p. 37-41. Disponível em: <<http://www.lecf.fr/new/articles/171-article-4.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016; o livro de B. P. Hindle sobre os planos de cidades na Inglaterra (HINDLE, B. P. *Maps for historians*. Chichester: Phillimore, 1998); bem como a discussão das escalas pertinentes para a cartografia das cidades inglesas relatada por: SEYMOUR, W. A. (Ed.). *A history of the ordnance survey*. Folkestones WM Dawson & Sons, 1980. Disponível em: <<https://www.ordnancesurvey.co.uk/docs/ebooks/history-ordnance-survey.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016; BARBER, P. *London, a history in maps*. London: The London topographical society, 2012 (com o detalhe para Londres).

6 LASCOUMES, P. Gouverner par les cartes. *Genèses*, 3 n. 68, 2007, p. 2-3. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-geneses-2007-3-page-2.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2016. p. 2.

7 GAUTHIEZ B. La transformation de Lyon et Paris au Second-Empire: le projet du ministre de l'Intérieur De Persigny, les exécutants Haussmann et Vaïsse. In: CASAMENTO, Aldo (Dir.). *Fondazioni urbane europee dal medioevo al Novecento*. Rome: Edizioni Kappa, 2012, p. 323-344. Disponível em: <<http://www.univ-lyon3.fr/la-transformation-de-lyon-et-paris-au-second-empire-un-projet-commun-decide-au-plus-haut-niveau--627012.kjsp?RH=I347885077167>>. Acesso em: 20 jun. 2016. O texto faz uma análise detalhada da ação pública em termos de planejamento urbano dessa época, particularmente no que diz respeito ao caso de Lyon, com uma forte intervenção do poder central de Paris, mesmo se localmente o processo decline de maneira específica.

8 Ver a esse respeito a citação de Chinal sobre uma “Notice historique sur les plans de la ville de Lyon”, ms., s.d. [ca 1894], redigida pelo serviço viário municipal, para ser apresentada na exposição internacional de Lyon em 1894 – caixa AML 938 WP. CHINAL M. Le grand plan parcellaire ou de détails de la ville de Lyon, 1860-1970: la contribution des géomètres privés. *Forma urbis, les plans généraux de Lyon, XVIe-XXe siècles*. Lyon: Archives municipales (Les Dossiers des Archives Municipales n. 10), 1997, p. 121-134

9 Sobre o cadastro de Napoleão em Lyon, o texto de Gauthiez propõe uma análise detalhada dos métodos e conteúdos a ele relacionados. GAUTHIEZ, B. Lyon en 1824-32: un plan de la ville sous forme vecteur d'après le cadastre ancien. *Géocarrefour* [en ligne], v. 83/1, 2008, mis en ligne le 16 février 2015. Disponível em: <<http://geocarrefour.revues.org/4542>>. Acesso em: 28 mar. 2016. DOI : 10.4000/geocarrefour.4542.

de 1868, serão os topógrafos chamados a trabalhar sob contrato e não os agentes municipais (“*voyers*”) os responsáveis a partir de então pelo “grande levantamento topográfico cadastral da cidade de Lyon” durante 110 anos (1860-1970)¹⁰.

Realizadas pela primeira vez na escala de 1:500, as plantas cadastrais são elaboradas paralelamente ao trabalho de triangulação, começando pelas áreas onde o número de pontos geodésicos levantados já seria suficiente. Inicialmente, espera-se criar 342 folhas ou conjuntos de folhas que representam toda a cidade de Lyon daquele momento, cada folha medindo 1 m de largura e 0,6 m de comprimento e cobrindo uma área de 15 hectares. Esses mapas, feitos sob comando do Departamento Viário Municipal, favorecem a representação de “objetos urbanos”, tais como calçadas, fontes, lustres, quiosques, bancos, mas também mostram os projetos de desenvolvimento planejados, que gradualmente acabam mudando os traçados de ruas e edifícios. Pode-se assim ver a chegada e o desaparecimento dos trilhos de bonde, bem como novos projetos de construção ou alinhamentos, por vezes nem levados a cabo, mas visíveis em traçados em sobrecarga sobre as plantas disponíveis. Os edifícios aparecem com os seus números nas vias públicas e, dependendo do período, o nome de seus proprietários. Atualmente disponíveis no *site* dos Arquivos Municipais de Lyon, é fácil ver a evolução das diferentes edições produzidas ao longo do tempo, atingindo um total de 604 plantas, para a cobertura total da cidade (2.479 mapas na série 4S dos Arquivos Municipais de Lyon)¹¹: em 1863 aparecem as primeiras edições ainda manuscritas, onde a assinatura do responsável está presente. Em seguida, as atualizações vão ocorrendo em momentos diferentes para cada folha, criando uma média de 4 a 5 edições por folha até 1980. Esse acervo é um recurso importante para quem pretende estudar as transformações da área urbana de Lyon, mesmo que o ritmo de produção de plantas esteja longe de ser uniforme ou regular para todo o território (gráfico 1).

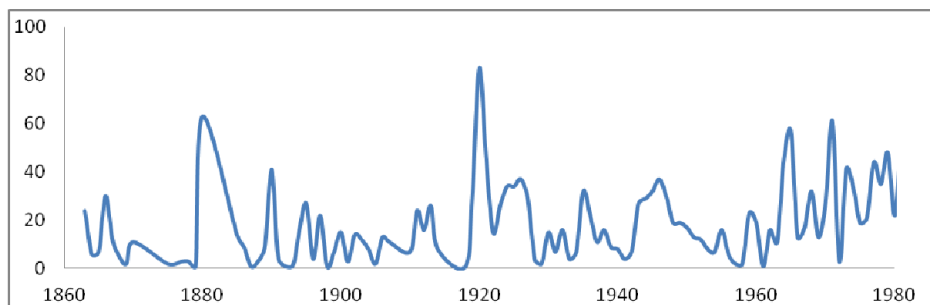


Gráfico 1 – Frequência de publicação das plantas 1:500 entre 1863-1981 – série 4S AML. Elaborado por DE BIAGGI, 2015

10 CHINAL, M. Le grand plan parcellaire ou de détails de la ville de Lyon, 1860-1970: la contribution des géomètres privés. *Forma urbis, les plans généraux de Lyon, XVIe-XXe siècles*. Lyon: Archives municipales (Les Dossiers des Archives Municipales n. 10), 1997, p. 121-134. Disponível em: <http://www.archives-lyon.fr/static/archives/contenu/sommaires/forma_urbis.html>. Acesso em: 20 jun. 2016.

11 Série de plantas 4S, acessíveis no *site*: Archives Municipales de Lyon (<http://www.archives-lyon.fr/archives/sections/fr/archives_en_ligne/le_territoire/cartes_et_plans>).

Uma primeira análise dos autores e datas de publicação demonstra a existência de diferentes “ondas” de publicação e uma distribuição bastante lógica das áreas da cidade: uma grande parte da cidade antiga (centro e oeste de Lyon, com o distrito de Vaise) é confiada, primeiro, a Balthazard Vignat, que produz 111 folhas entre 1863-1876, no momento do lançamento do projeto¹²; a margem esquerda do rio Rhône¹³ é compartilhada entre E. Simon (10 folhas criada em 1869), G. Mermet (45 plantas em 1878-1879 e 1905-1912), mais tarde associado a A. Vernay para produzir 98 folhas entre 1885 e 1896. Se G. Mermet garante a continuidade na passagem de um século para outro, num momento em que o ritmo de publicação parece diminuir, no século XX outros nomes estão associados a esse levantamento sistemático, especialmente Joanny Guillermain¹⁴, que atinge 88 plantas feitas entre 1913-1926 e garante uma recuperação significativa, visível logo após a Primeira Guerra Mundial. Os outros topógrafos envolvidos, como, por exemplo, Georges Berthier (responsável por 23 folhas entre 1965-1969), o gabinete Perraud (4 em 1966), Jean-Claude Sorro (uma planta em 1970) e, finalmente, Roger Arnaud (uma folha em 1970) vêm completar a coleção na segunda metade do século XX, ressaltando-se principalmente durante a recuperação da produção que ocorre após a Segunda Guerra Mundial (figura 1).

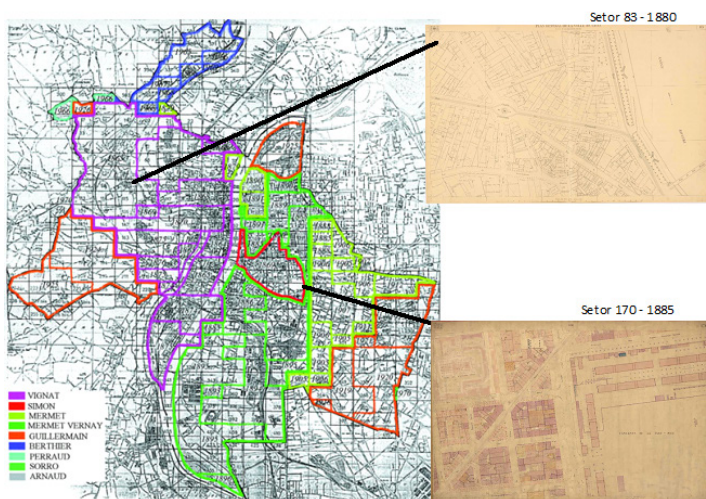


Figura 1 – Distribuição das áreas da cidade entre os topógrafos para a realização da cobertura 1:500 de Lyon como apresentada em *Forma Urbis* (1995) – dois exemplos de folhas

12 Em Chinal são indicadas as dificuldades para a realização contínua das plantas de B. Vignat, seja pela espera dos cálculos de triangulação, pelas disputas sobre o conteúdo das plantas e sobretudo pelas mudanças na administração devido à troca de regime político (do Império à 3ª república), especialmente em 1870, resultando na demissão do principal engenheiro em chefe do serviço viário, G. Bonnet, no cargo desde 1854. CHINAL, M., op. cit.

13 Apesar de a tradução do rio Rhône existir como Ródano, preferimos guardar o nome em francês neste texto para marcar a correspondência entre o nome do rio e da unidade administrativa superior ao nível municipal (*commune*) na França, que é o departamento (*Département*). Sobretudo no período de estudo, o responsável pelo departamento, o “*préfet*”, também intervinha no nível municipal.

14 J. Guillermain também foi formado por Mermet, o que garante ainda uma vez a continuidade do projeto.

Se a criação da planta é dada sempre ao mesmo topógrafo, muitas vezes pago a preço fixo, tanto por ponto de triangulação como para o desenho do plano por hectare (entre 30 e 100 francos por hectare), a revisão e a criação do material de edição podem ser dadas a diferentes profissionais, cujos nomes são indicados nos cadernos de anotações que acompanham as folhas¹⁵, a um preço bem menor por hectare. A reprodução é feita primeiramente pela técnica de litografia e em seguida por autografia em Lyon.

A partir de 1887 as plantas 1:500 servirão como base para um novo projeto de mapeamento da cidade a 1:2.000¹⁶ por meio de redução. As primeiras plantas de 1:2.000 aparecem a partir de 1910 e dizem respeito principalmente às regiões do município sujeitas à revisão dos limites: a oeste, a fronteira entre Lyon e a cidade de Tassin-la-Demi-lune e, a leste, os limites com Villeurbanne. A maior parte das 32 folhas em 1:2.000, obtidas a partir da redução por pantógrafo de 16 setores originais feitos em 1:500, foram editadas juntas no final da Primeira Guerra Mundial, em 1920 (edição de 28 folhas). Somente no ano de 1984 se ultrapassa esse “feito” com uma única folha, sem ter uma edição contemporânea. Esse fato é importante ao se considerarem os melhores momentos para realizar uma base cartográfica homogênea a partir dessa série de mapas.

Essa nova série, produzida primeiro em cores, no início dos anos de 1920, rapidamente retoma a aparência de mapas topográficos em preto e branco, feitas em 1:500, indicando os nomes e números de ruas, mas citando apenas os nomes das principais instituições públicas e religiosas. Da mesma forma que a série 1:500, o mapeamento 1:2.000 será relançado várias vezes (entre 3 e, às vezes, até 12 vezes, caso da folha 14 – ver gráfico 2). Pelo ritmo da edição, pode-se imaginar que eles são valorizados de modo especial na segunda metade do século XX, quando mais da metade das plantas existentes foram editadas, o que demonstra sua importância para a gestão municipal (figura 2).

15 Os “*cahiers des états indicatifs*” – cadernos de anotações referentes a cada folha – encontram-se parcialmente disponíveis (473 do total de 604 plantas).

16 Plantas também disponíveis no site: Archives Municipales de Lyon (<http://www.archives-lyon.fr/archives/sections/fr/archives_en_ligne/le_territoire/cartes_et_plans>), série 5S AML.

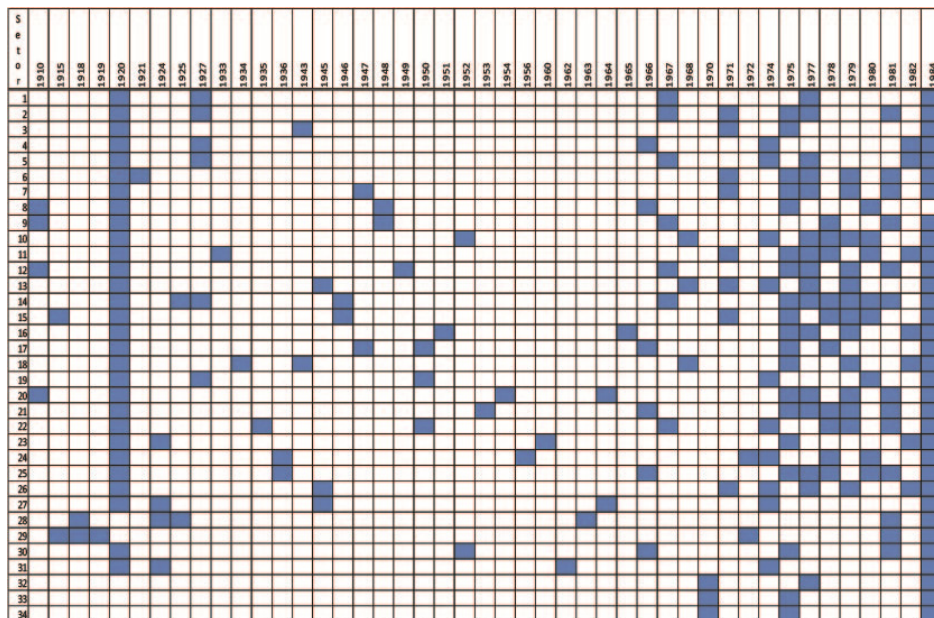


Gráfico 2 – Ritmo de publicação das plantas 1:2.000 por setor
 – 5S série AML. Elaborado por DE BIAGGI, 2015.



(A)



(B)

Figura 2 – Evolução das plantas 1:2.000 AML – Setor 14 em 1920 (figura A) e 1980 (figura B)

No início do século XX, outra nova série topográfica será tentada: a partir de março de 1925, um mapeamento na escala de 1:1.000 é confiado a J. Guillermain, já responsável pela revisão total do plano em 1:500 (4.500 ha, sem os 130 hectares do Parque Tête d'Or). O estabelecimento das plantas na escala de 1:1.000, também por técnicas de redução do 1:500, foi avaliado como valendo 14 francos por hectare (2 francos a menos que a revisão de 1:500) e deveria ser realizado durante quatro anos, mas, depois de vários atrasos e extensões de tempo, o topógrafo se empenhou em terminar 103 folhas até o dia 31 de dezembro de 1939! A tentativa de mapeamento em 1:1.000 não resultou em uma cobertura geral da cidade, sendo efetivamente realizada para a parte localizada no centro e a leste na cidade (mapa AML 2S0543).

Essa escala não parece ter sido considerada adequada para traduzir as preocupações de planejamento do território do momento, que iam muito além da cidade de Lyon.

DO MAPEAMENTO CIVIL AO MAPEAMENTO MILITAR: ACOMPANHANDO UMA CIDADE QUE ULTRAPASSA OS SEUS LIMITES

As plantas em grande escala formam a base de outros mapas que serão utilizados pelo município para a gestão de um espaço que continua a crescer durante todo o período. A maior expansão do território de Lyon ocorre em 1852, com a anexação de três “*faubourgs*”¹⁷ (Guillotière, Croix-Rousse e Vaise), extensão seguida em 1894 por limites deslocados para o leste na área do Parque da Tête d’Or (nordeste de Lyon), graças ao pagamento da quantia de 25.000 francos para a cidade vizinha de Villeurbanne. Os últimos “ajustes” dos limites da cidade de Lyon ainda ocorrem ao longo do século XX, tanto em 1913, na parte do território da cidade de Caluire, onde é construído o hospital de isolamento de Croix-Rousse, ou ainda na parte do hospital Debrousse, cujas dependências se localizavam em parte no município de Sainte-Foy-lès-Lyon¹⁸. Finalmente, em 1963, a cidade de Saint-Rambert-l’Île-Barbe também é anexada a Lyon, o que permite estender o distrito industrial de Vaise a oeste da cidade¹⁹.

O “transbordamento” da cidade é visível em muitos mapas temáticos disponíveis em arquivos. No final do século XIX, há um primeiro mapa básico preparado na escala de 1:10.000 com a data de referência de 1871, mapa que será usado em ocasiões diferentes para o tratamento de vários temas – o “Mapa oficial de ruas e lugares públicos da cidade de Lyon – feito em 1870 pelo engenheiro-chefe do serviço municipal” (figura 3A). Esse mapa de base, com uma legenda em que aparecem monumentos públicos e religiosos, estações ferroviárias, ruas, túneis e linhas de ferrovias, bem como os limites de outorga (para a cidade com os bairros da concessão), é publicado pela litografia do *Salut Public* (jornal local) e servirá de base para tratamentos temáticos: a indicação dos locais de mastro, jogos, fogos de artifício e regatas em momentos de festa (Mapa 2S0028a AML), uma indicação de bocas de incêndio, hidrantes, fontes e chafarizes monumentais (2S0028b AML), ou para várias anotações manuscritas: números da população por distrito (2S0067a AML), terras de propriedade da cidade durante uma revisão de escolas primárias existentes (2S0150 AML), estatísticas de nascimentos por paróquia em Lyon (2S0172 AML). Em alguns desses mapas “comuns”, já vemos a necessidade de ir além da área

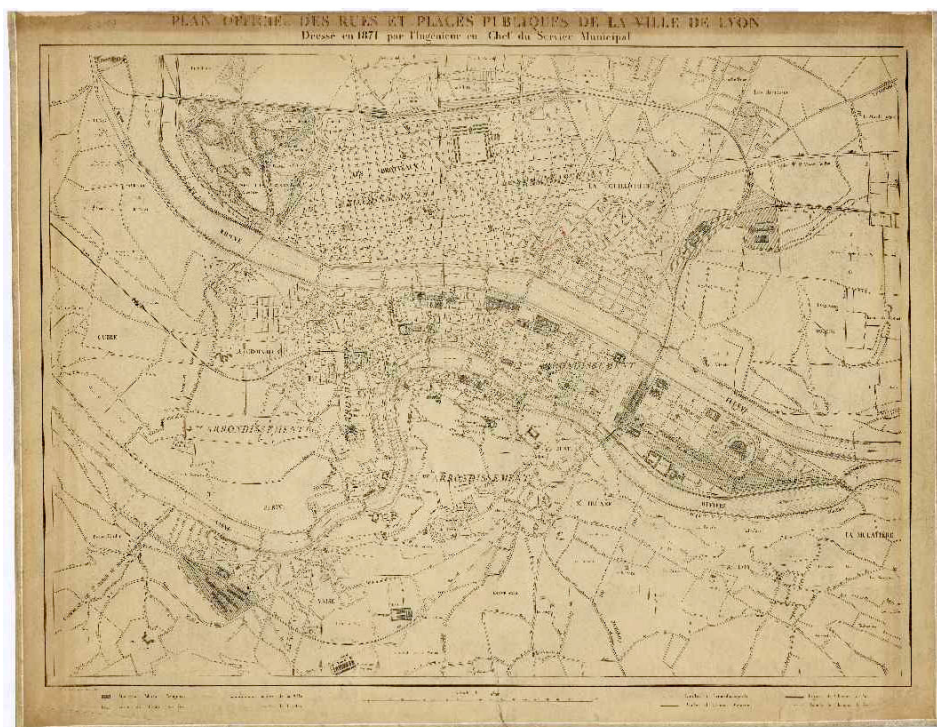
17 Como em Paris, a anexação de cidades vizinhas é feita por decreto presidencial em 1852, pouco antes da chegada do novo prefeito, Claude-Marius Vaisse, nomeado também pelo governo central de Paris.

18 Essas cessões foram feitas em troca do direito à utilização dos ditos hospitais. Ver: VANARIO, Maurice. Lyon, du XVe siècle à nos jours: l’évolution de la ville à travers les principaux plans. *Forma urbis, les plans généraux de Lyon, XVIe-XXe siècles*. Lyon: Archives Municipales (Les Dossiers des Archives Municipales n. 10), 1997, p. 121-134. Disponível em: <http://www.archives-lyon.fr/static/archives/contenu/sommaires/forma_urbis.html>. Acesso em: 20 jun. 2016.

19 Ver a indicação detalhada das diferentes leis e decretos que permitiram a evolução das fronteiras da cidade em: VANARIO, Maurice, op. cit.

de abrangência inicial, que chegava até a linha de fortificações ao leste da cidade. De fato, no mapa correspondente às especificações para a recolha e eliminação de lixo (“imundices”), onde são propostas as rodadas de limpeza para o período de 1883-1887 (2So223 AML), as ruas e estradas departamentais são estendidas para além do quadro e se sobrepõem ao título do mapa. Em 1887, durante a criação de uma rede de telefones para o serviço de bombeiros, chega-se mesmo a colar uma folha extra para a parte sudeste da cidade para acomodar as zonas integradas aos planos gerais da cidade (AML 2So460 – figura 3B).

A)



Mapa AML 2S0067, 1871

B)



Mapa AML 2S0460, 1887

Figura 3 – O mapa de base original (A) – AML 2S0067 –, feito em 1871 para a gestão municipal, incapaz de conter todos os elementos necessários para o planejamento dos serviços municipais no exemplo da rede telefônica (B) – Mapa AML 2S0460, 1887

O serviço vicinal, em nível departamental do Rhône, já no final de 1860, começa a usar outro mapa expandido como base para o mapeamento destinado a abordar temas que necessitam de melhor integração dos municípios vizinhos a Lyon. O “Plano geral para a cidade de Lyon” também é composto na escala de 1:10.000²⁰ e corresponde a uma série de mapas que também contêm, em muitos casos, a influência dos engenheiros da cidade²¹ (cujas assinaturas constam no verso). Os elos entre esses novos mapas, feitos em 1:10.000 e orientados ao norte, com os mapas da cidade mostrados anteriormente (figura 3), cuja orientação é a leste, tornam-se visíveis quando se procede à análise de detalhe. Na região no interior da linha de fortificações, o desenho é bastante similar, ao contrário do que se encontra no exterior dessa linha, cujo traçado parece indicar outras fontes. A montagem torna-se evidente nesses novos mapas quando observamos os topônimos exibindo diferentes orientações²² (figura 4).

20 Ver exemplares na série 1S – catalogados na classe de grande tamanho em ambos os arquivos municipais, o de Lyon e o departamental do Rhône.

21 Só mencionamos aqui aqueles que serviram durante um período que lhes permitiu realizar projetos de longo prazo, tais como G. Bonnet para o período 1854-1870, e Camille Chalumeau para o período 1910-1945, mas outros funcionários do Conselho municipal também deixaram certamente suas marcas sobre a cidade.

22 Ver a esse respeito os mapas AML 1S008a et 1S008b de 1900 onde justamente a extensão da cidade foi projetada. Disponível em: <<http://www.fondsenligne.archives-lyon.fr/ark:/18811/eb906b5a20cab63f23db83def6881bbd>>.



Figura 4 – Um dos primeiros mapas do serviço vicinal departamental do Rhône, de 1874, cujos detalhes indicam várias lógicas de criação, visíveis na direção dos topônimos e também nos modos de representação (AML 1S002)

A integração de mapeamentos diferentes parece se aperfeiçoar no momento em que a discussão dos perímetros de outorga intervêm. A série de mapas que datam de 1890 a 1892, feitos com base no plano de 1874, mostra como se impõe, no final do século XIX, a questão de considerar uma superfície “aglomerada” que ultrapassa os antigos limites, especialmente no leste da cidade (no 3º e 6º distritos). Isso implica o movimento de barreiras que delimitam a área de tributação da cidade, o rearranjo dos

serviços militares e de escritórios e postos de controle, como proposto pela Comissão Municipal nos mapas AML 15005 até 15005f, especialmente 15005c, de 1892. Esses mapas integram, de fato, um outro projeto de mapeamento do território francês, ligado à engenharia militar, já que no final do século XIX o mapeamento nacional francês ainda é uma responsabilidade militar, tendo no SGA (Serviço Geográfico do Exército) o bastião das tradições topográficas. Os mapas produzidos pelas brigadas topográficas do “*Génie*”, feitos para Lyon graças a levantamentos efetuados entre 1880 e 1881 (figura 5), parecem muito com a representação das áreas vizinhas à cidade vista na figura 4, como mostrados nos mapas do departamento de Rhône.

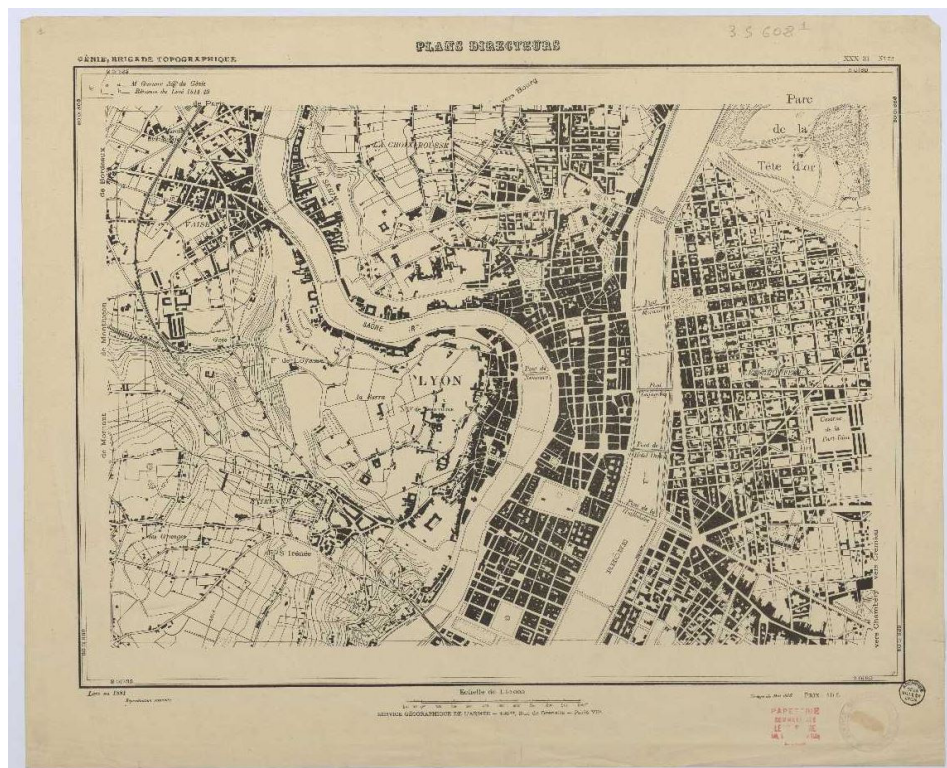


Figura 5 – Mapa do Plano Diretor de Lyon publicado pelo SGA – Serviço Geográfico do Exército (AML 350608), 1880

Os Planos Diretores feitos na escala de 1:10.000, bem como os mapas da série conhecida como “tipo 1922”, realizados em 1:20.000 e 1:50.000, apoiam-se na rede geodésica nacional francesa (NTF) e terão distribuição limitada, sofrendo atualizações irregulares ao longo da primeira metade do século XX. Somente com a chegada do IGN – Instituto Geográfico Nacional, de responsabilidade civil a partir de 1940, e, sobretudo, com o final da Segunda Guerra Mundial, a difusão e o ritmo de produção de mapas topográficos nacionais se transformam, auxiliados igualmente pela chegada de levantamentos aerofotogramétricos generalizados, que dão novo

impulso à representação cartográfica. Nesse início do século XX, no entanto, são os mapas de 1880 e 1881 que serão reutilizados continuamente, completados por um uso aparentemente pontual das novas técnicas de levantamentos aerofotogramétricos que surgem e se aperfeiçoam. Um dos primeiros levantamentos fotogramétricos disponíveis para a região data de 1920, mas abrange somente a área onde se pretende construir o novo porto de Lyon, no sul da cidade (figura 6). As outras campanhas disponíveis para o início de século XX afetam pequenas áreas da cidade ou seus arredores, onde transformações especiais estavam em andamento²³. A campanha de 1938, realizada em agosto na escala de 1:20.000, parece ser o único projeto feito para cobrir toda a cidade antes de 1945, mas sua utilização precisa ainda ser esclarecida.

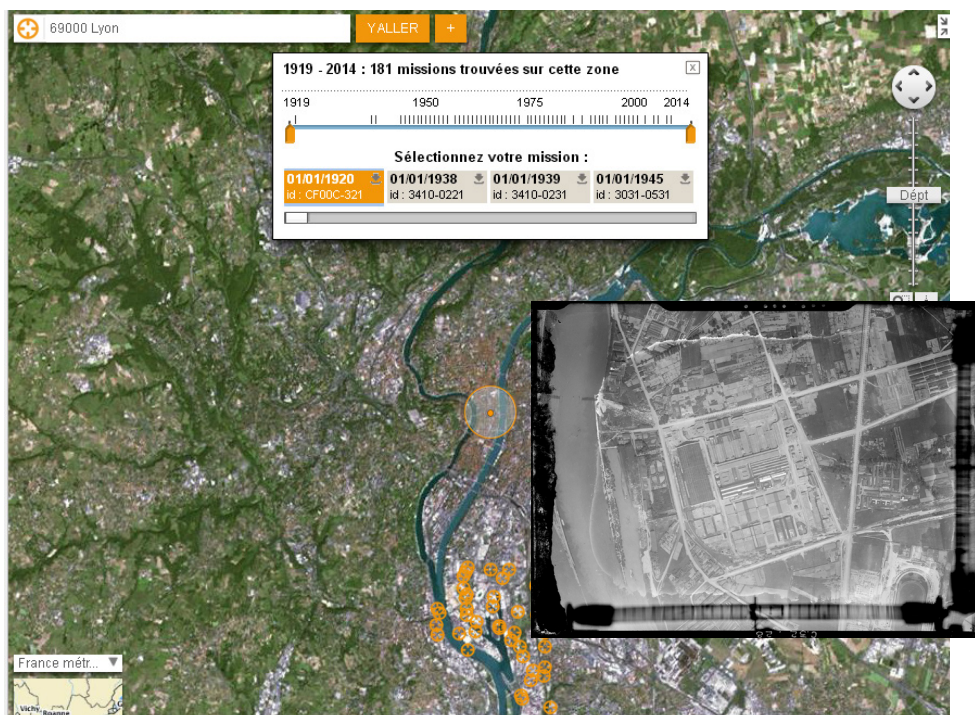


Figura 6 – Primeiras campanhas de fotografias aéreas verticais disponíveis para a região de Lyon – exemplo da campanha de 1920 sobre a área onde será construído o novo porto Edouard Herriot, finalmente inaugurado em 1938

²³ Ver, a esse respeito, as imagens disponíveis em <<http://www.geoportail.gouv.fr/accueil>>, no botão “voltar no tempo” (em francês: “remonter le temps”).

DESENHANDO A METRÓPOLE

Se a ideia de uma área “metropolitana” parece surgir no discurso político local desde meados do século XIX²⁴, quando se representa Lyon nos séculos XVIII e XIX, os mapas e plantas focam especialmente a região situada entre os dois rios que, de certa forma, delimitam o centro da cidade: o Rhône e o Saône. Na maioria das vezes, a cidade é representada com a orientação a oeste, em direção à colina de Fourvière, local de instalação antiga. Quando a cidade é representada de maneira “pitoresca” no final do século XIX²⁵, é essa a orientação que parece mais apta para dar uma impressão capaz de mostrar a grandeza dos monumentos da cidade.



Figura 7 – Um dos vários mapas “pitorescos e monumentais” de Lyon, do final do século XIX, de P. Reithofer, AML 2S0333

No entanto, nos planos do serviço municipal da cidade da segunda metade do século XIX, é a orientação a leste que predomina, região de expansão da cidade para além de uma primeira zona de fortificações construídas em 1830 e revistas em 1870.

²⁴ Ver citação em: GAUTHIEZ, B., op. cit., 2012, p. 325.

²⁵ Outra tradição da cartografia urbana do período. SCHULER, C. J. *La ville: la cartographie urbaine de l'Antiquité au XXe siècle*. Paris: Place des Victoires, 2001. Ver, no caso de Lyon, “Lyon pittoresque et monumental” de 1891, de P. Reithofer (AML 2S1292).

Os dois cartógrafos Dignoscoy, pai e filho, bem como J. Rembielinski²⁶ começam a propor a orientação para o leste a partir de 1860, e os mapas de base do serviço viário municipal, publicados em 1870 e mencionados anteriormente (figura 3), mostram a mesma orientação. No entanto, os Planos Diretores de origem militar, bem como as plantas cadastrais, orientam as folhas ao norte, tradição topográfica que prevalecerá finalmente no início do século XX, ao mesmo tempo que se modifica o centro das representações.

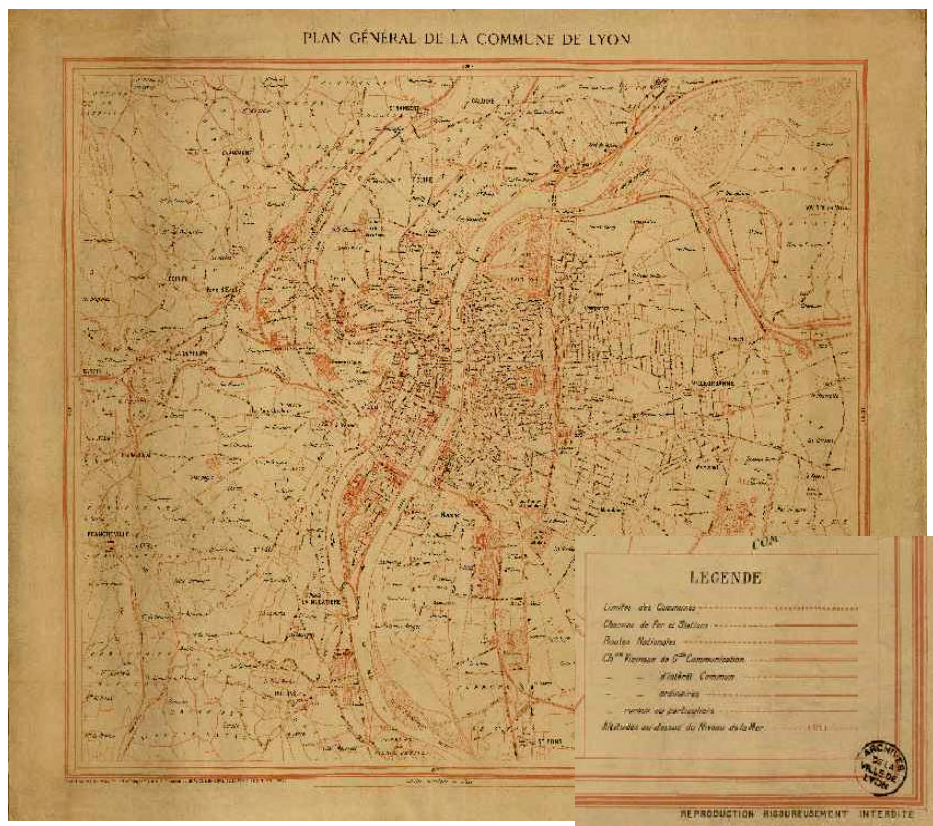


Figura 8 – Plano geral da cidade de Lyon (AML 2Sor64), datado de 1908, feito por outro topógrafo, Paul Saint-Denis, responsável por grande parte das publicações cartográficas da cidade de Lyon, no início do século XX. Depois de ter atualizado o mapa da cidade de Lyon publicado pelo Serviço Viário Municipal, ele faz o levantamento do mapa na escala de 1:5.000 e também ajuda a mapear o resto do departamento do Rhône, participando, por exemplo, da edição local da série de mapas industriais da França (AML 2So456)

26 E. Rembielinski, no entanto, oferece desde 1855 um “mapa topográfico da cidade de Lyon e do canton de Villeurbanne”, onde estão representadas, além das áreas construídas e dos nomes dos bairros, com elementos manuscritos, duas parcelas de um canal de desvio e uma nova barragem na margem esquerda do Rhône (Mapa AML 3So279a).

O Plano geral da cidade de Lyon, datado de 1908, feito por Paul Saint-Denis, topógrafo trabalhando para o Serviço Viário Municipal, é um dos primeiros a retomarem a orientação norte para formar um mapa de base. Além de recentralizar a representação da cidade, o mapa inclui Lyon e a cidade vizinha de Villeurbanne a leste: a área entre os dois rios encontra-se um pouco fora do centro, à esquerda, enquanto o vale do Rhône, a leste, parece ganhar em importância (figura 8). Do ponto de vista prático, a rede de bondes instalados em 1880 e eletrificados gradualmente a partir de 1890 já havia colocado em questão as ligações entre o centro da cidade e sua periferia – os mapas sucessivos mostrando a evolução das linhas deixam entrever a continuação dos transportes fora dos mapas quando estes são focados apenas em Lyon²⁷.

No início do século XX, a necessidade de ampliar a visão da cidade para além do centro aparece também sob a forma de um mapa humorístico, publicado em 1910, sobre a “Lyon moderna”. A modernidade que a cidade quer mostrar é o tema da exposição internacional urbana, ali realizada em 1914, e em todo o mapa aparecem críticas como na legenda: “Aviso importante para o leitor: em Lyon existe uma única rua, a rua da República e a passagem “Argue”, ou seja, dois elementos localizados no centro da cidade, entre os dois rios, lugar de reunião da população mais rica da cidade (figura 9).

27 Ver especificamente os mapas do projeto das dez primeiras linhas de bondes feito em 1880 (AML 350168) e os mapas de transportes de Lyon publicados pelos guias turísticos POL (AML 350303).



Figura 9 – Um dos planos humorísticos publicados por J. Orset em 1910 e 1914, com vários “mitos” de Lyon (AML 25I066)

As questões relativas aos elos entre o centro e a periferia serão o objeto de toda uma outra série de mapas produzidos no início do século XX, tendo como objetivo um novo plano de desenvolvimento da cidade apresentado em 1935 – o Plano Chalumeau. No final da Primeira Guerra Mundial, uma nova lei sobre planos de gestão, embelezamento e expansão (1919-1924) incentiva os municípios a considerar sua extensão a partir das principais estradas do anel viário, proporcionando acesso a dispositivos diferentes no centro da cidade. Em Lyon, esse projeto aparece mais cedo: já em 1912 uma comissão extramunicipal, com 70 membros, foi formada para

“estudar o desenvolvimento de um plano de expansão para a cidade de Lyon”²⁸. Inspirando-se em modelos alemães e helvéticos, o trabalho da comissão de Lyon será prejudicado pelo advento da guerra. No entanto, seu progresso será visível na série de mapas de planejamento manuscritos, feitos nas escalas de 1:20.000 a 1:50.000, cujos autores serão, entre outros, Camille Chalumeau, engenheiro-chefe da cidade em 1910-1945, e Eugene Pierre Lapeyre, topógrafo principal, que se esforçam em criar vias de acesso ao centro da cidade (estradas, ferrovias, portos) e uma série de avenidas e túneis capazes de respeitar o fluxo contínuo de tráfego (figura 10).

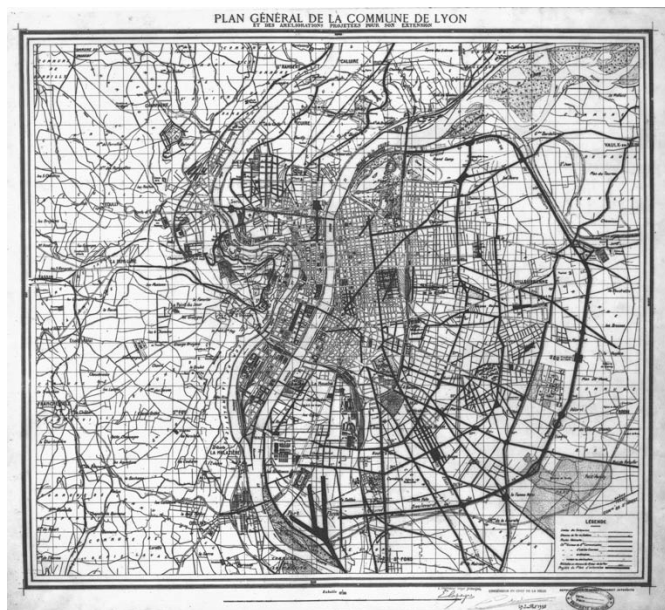
On s'est efforcé de relier toutes les routes convergentes par une artère formant une ceinture à grand trafic aux portes même de la ville ; c'est en effet une solution logique au problème que de relier ainsi les routes radiales par une voie nouvelle formant rocade.

Du côté de la plaine, c'est-à-dire rive gauche du Rhône, ce problème a été relativement facile à résoudre. Le boulevard dit “ de ceinture ”, dont nous avons proposé la création dès 1914, à l'emplacement même des murs d'enceinte de la ville, a reçu un commencement d'exécution. [...] Ce boulevard est prévu avec une largeur de 46 mètres, comportant deux chaussées de 10 m 50 chacune, séparées par un trottoir de 13 mètres avec jardins et plantations. [...] En tenant compte des larges avenues que sont les quais du Rhône, on peut dire que, très prochainement, une circunliaison vraiment intéressante sera réalisée pour toute la partie Est de l'agglomération lyonnaise.

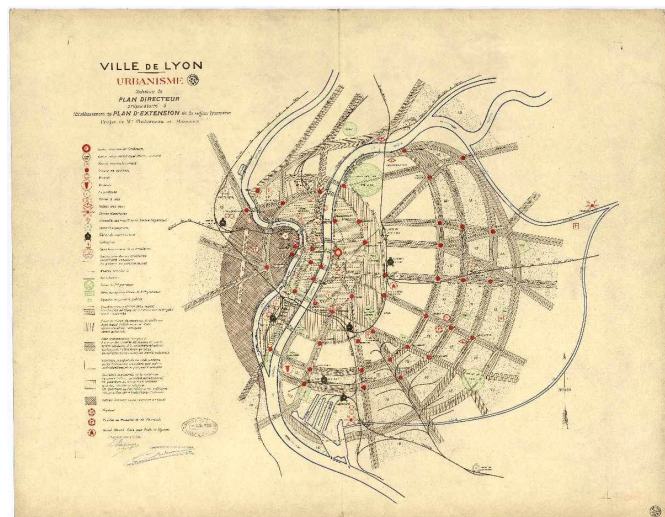
En ce qui concerne le secteur à l'ouest du Rhône, le problème est plus difficile à cause de la topographie locale. [...] En réalité, la liaison des routes du nord, nord-ouest, ouest, et sud-est de Lyon est à réaliser de toutes pièces. La solution à adopter est plus difficile à trouver du fait que le relief du sol ne permet la création de grandes routes droites à l'air libre ; les rampes seraient, en effet, excessives. Pour ce secteur, la grande route d'intercommunication devra donc, en grande partie, être établie en tunnel. [...] Le projet du plan d'aménagement et d'extension de Lyon que nous avons établi comporte ainsi deux grandes voies en partie souterraines, l'une passant sous la colline de la Croix-Rousse, l'autre sous la colline de Fourvière²⁹.

28 Ver detalhes sobre os membros em: FRIoux, S. Prévoir la ville du futur: “l'avenir en plan”. In: PRIVAT-SAVIGNY, Maria-Anne (Dir.). *Lyon, centre du monde! L'exposition internationale urbaine de 1914*. Lyon: Musées Gadagne, 2013, p.181-185.

29 CHALUMEAU, C. Les voies de circonvolution autour des villes et les tunnels urbains. *L'urbanisme*, 5e année, n. 43, mars-avril 1936, p. 157-165. Ver citação completa em: < <http://www.archives-lyon.fr/static/archives/contenu/old/fonds/plan-g/p27.htm#2>>.



(A)



(B)

Figura 10 – Planos feitos em vista do que se tornará o Plano Chalumeau – insistindo em meios de circulação na cidade, o projeto parte do espaço do concreto para a abstração. Nesses mapas, a zona leste do Rhône é privilegiada como zona de expansão. AML 1541 Wp 157/I³⁰ (figura A); AML 2S0933 (figura B)

Na grande série de mapas produzidos em relação a esse plano de circulação, passa-se progressivamente da realidade concreta da cidade (com esboços desenhados sobre os mapas de base do Serviço Viário Municipal), até “croquis” que extrapolam os

30 FORMA URBIS, op. cit., Planche 27.

detalhes do espaço efetivamente construído, para manter apenas as principais linhas ao redor de um ideal geométrico circular. C. Chalumeau indica que essa visão de uma nova cidade ligada a uma rede maior começa a ser pensada em 1914, quando Lyon se propõe como uma das capitais do pensamento na exposição urbana internacional dedicada à “cidade moderna”, mas é possível encontrar raízes mais distantes para esses projetos em outras representações cartográficas anteriores, onde os interesses econômicos estão bem visíveis. O “Plano da cidade de Lyon, especialmente gravado para o álbum ilustrado do Rhône e do Loire”, de 1882, mostra uma preocupação de modelização concêntrica a partir do centro da cidade, onde vários círculos partem da praça central Bellecour e criam zonas de 500 m de distância – no exemplar disponível nos Arquivos Municipais de Lyon, outros círculos manuscritos, também seguindo distâncias de 500 m, partem do Palácio da Bolsa de valores, onde se localiza a Câmara do Comércio e da Indústria de Lyon (Mapa AML 350128³¹). Os representantes da vida econômica de Lyon que integram a comissão extramunicipal de 1912 aparecem também em uma série de mapas promocionais³² da cidade, seja na forma de quadros publicitários ao redor do mapa apresentado no centro, seja em mapas temáticos, como o mapa sobre o desenvolvimento industrial de 1932 (AML 250456). A maioria desses mapas com referências à economia parece destacar uma cidade que vê, na incorporação do espaço vizinho, uma oportunidade de crescimento que poderia compensar uma certa perda de dinamismo da cidade-centro.

Os documentos associados ao Plano de Chalumeau e sua equipe, realizados, sobretudo entre 1919 e 1945, na ótica de propor um projeto de “desenvolvimento, embelezamento e expansão da cidade de Lyon”, reiteram uma cidade emoldurada muito além dos limites de Lyon. Esse quadro vai se tornar uma realidade administrativa mais clara em 7 de novembro de 1938, quando um decreto determina a criação do Grupo de Planeamento da região de Lyon, capaz de desenvolver um plano de desenvolvimento comum, primeiro para 52, depois 53, mais tarde para 56 municípios, dos quais 45 são do departamento Rhône e 11 de departamentos vizinhos (6 no Ain e 5 do Isère). A ideia da metropolização, preparada nos mapas e lançada na primeira metade do século XX, vem com o desafio de um desenvolvimento concertado fora dos limites não só da cidade, mas também dos departamentos³³.

PISTAS DE PESQUISAS FUTURAS

As primeiras considerações que podemos fazer depois desta rápida leitura dos mapas do início do século XX em Lyon indicam um ritmo de produção cartográfica

31 É interessante notar que no mapa existente no *site* da Biblioteca Nacional da França (BnF – gallica), a segunda série de círculos concêntricos a partir da Bolsa de Valores não foi desenhada, existindo somente os círculos a partir de Bellecour. Ver: BNF Gallica (<<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8459243p>>).

32 Nos AML, ver mapas AML 251333 e 250081 dos anos 1880, e AML 250340, 250341, AML 250345, AML 250348 da primeira metade do século XX.

33 Em janeiro de 2015, uma lei cria a “metrópole de Lyon”, que se torna um departamento com todas as suas atribuições administrativas, quase um século mais tarde.

irregular sujeito às vicissitudes políticas dos conflitos mundiais. Ainda assim, alguns momentos importantes se distinguem: se os projetos do século XIX continuam no início do século XX, uma nova dinâmica de produção da cidade e de sua imagem se instala ainda antes da década de 1910, embora só possa ser realizada totalmente no final da experiência traumática da Primeira Guerra Mundial. A década de 1920 é particularmente prolífica na publicação de novos mapas em diferentes escalas e técnicas, mais ou menos relacionados com uma descrição topográfica detalhada do território os empreendimentos lançados nesse período, em grande medida contribuem para moldar o espaço da cidade mesmo além da segunda guerra mundial. Em mapas marcados pelas ideias de “embelezamento”, com especial atenção ao tráfego e organização viária, pode-se citar outras perspectivas de investigação para verificar as ligações entre os diferentes projetos de mapeamento simultâneos e analisar assim:

1. a importância da utilização dos planos de grande escala e as relações entre a produção cartográfica local e nacional;
2. o papel crescente de novas técnicas, como a fotografia aérea, na produção cartográfica local;
3. os intercâmbios entre a produção cartográfica de diferentes grupos: topógrafos, engenheiros, planejadores, urbanistas

Obviamente, a análise detalhada dos conteúdos dos mapas não pode ser feita apenas levando-se em consideração os documentos cartográficos. Sabendo-se que, neste período, ocorreram tentativas de controle dos dados produzidos para reforçar uma imagem positiva da cidade³⁴, a confrontação das informações apresentadas nos mapas com outras fontes é mais do que necessária. Isso implica também analisar “os silêncios dos mapas”, como mencionado por J. B. Harley³⁵, e insistir nas especificidades do mapeamento de Lyon em relação a mapeamentos feitos ao mesmo tempo em outras cidades da França e no mundo quanto aos temas e métodos utilizados.

SOBRE A AUTORA

ENALI DE BIAGGI é maître de Conférences do Département de Géographie et d'Aménagement du Territoire- Univ. Lyon, Université Jean Moulin Lyon 3, UMR 5600 EVS - CRGA, F-69362

34 Ver como foi tratada a questão problemática dos dados de censos no Rhône no início do século XX em: BIENFAIT, J. La population de Lyon à travers un quart de siècle de recensements douteux (1911-1936). *Revue de géographie de Lyon*, Année 1968, v. 43, n. 1, 1968, p. 63-94.

35 HARLEY, B. Maps, knowledge and power. In: COSGROVE, D.; DANIELS, S. *The iconography of landscape: essays on the symbolic representation, design and use of past environments*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 277-312.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBER, P. *London, a history in maps*. London: The London topographical society, 2012.
- BIENFAIT, J. La population de Lyon à travers un quart de siècle de recensements douteux (1911-1936). *Revue de géographie de Lyon*, Année 1968, v. 43, n. 1, 1968, p. 63-94.
- CHINAL M. Le grand plan parcellaire ou de détails de la ville de Lyon, 1860-1970: la contribution des géomètres privés. *Forma urbis, les plans généraux de Lyon, XVIe-XXe siècles*. Lyon: Archives municipales (Les Dossiers des Archives Municipales n. 10), 1997, p. 121-134.
- FORMA URBIS, *les plans généraux de Lyon XVIe-XXe siècles*. Lyon: Archives Municipales. Les dossiers des Archives Municipales, Archives municipales, 2e édition revue, corrigée et augmentée, 1999.
- FRIOUX, S. Prévoir la ville du futur: "l'avenir en plan". In: PRIVAT-SAVIGNY, Maria-Anne (Dir.). *Lyon, centre du monde! L'exposition internationale urbaine de 1914*. Lyon: Musées Gadagne, 2013, p.181-185.
- GAUTHIEZ, B. Lyon en 1824-32: un plan de la ville sous forme vecteur d'après le cadastre ancien. *Géocarrefour* [En ligne], v. 83/1, 2008, mis en ligne le 16 février 2015, consulté le 28 mars 2016. Disponible em: <<http://geocarrefour.revues.org/4542>>. Acesso em: 28 mar. 2016. DOI: 10.4000/geocarrefour.4542.
- _____. La transformation de Lyon et Paris au Second-Empire: le projet du ministre de l'Intérieur De Persigny, les exécutants Haussmann et Vaïsse. In: CASAMENTO, Aldo (Dir.). *Fondazioni urbane europee dal medioevo al Novecento*. Rome: Edizioni Kappa, 2012, p. 323-344.
- HARLEY, B. Maps, knowledge and power. In: COSGROVE, D.; DANIELS, S. *The iconography of landscape: essays on the symbolic representation, design and use of past environments*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 277-312.
- HINDLE, B. P. *Maps for historians*. Chichester: Philimore, 1998.
- LASCOUTES, P. Gouverner par les cartes. *Genèses* 3 n. 68, 2007, p. 2-3.
- METTEY-BUNEVOD, M. *Les fortifications de Lyon dans la deuxième moitié du XIXème siècle (1793-1858)*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 1999.
- MORAES, A. C. R. *Geografia histórica do Brasil: cinco ensaios, uma proposta e uma crítica*. São Paulo: Annablume, 2009.
- PELLETIER, J.; DELFANTE Ch. *Atlas historique du Grand Lyon*. Seysinnet-Pariset: Xavier Lejeune- Libris, 2004.
- SCHULER, C. J. *La ville: la cartographie urbaine de l'Antiquité au XXe siècle*. Paris: Place des Victoires, 2001.
- SEYMOUR, W. A. (Ed.). *A history of the ordnance survey*. Folkestones WM Dawson & Sons, 1980. Disponible em: <<https://www.ordnancesurvey.co.uk/docs/ebooks/history-ordnance-survey.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.
- SOUCHON, C. Philibert Vasserot et les Atlas des quartiers de Paris. *CFC*, n. 171, mars 2002, p. 37-41. Disponible em: <<http://www.lecfc.fr/new/articles/171-article-4.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.
- VANARIO, Maurice. Lyon, du XV^e siècle à nos jours : l'évolution de la ville à travers les principaux plans. *Forma urbis, les plans généraux de Lyon, XVIe-XXe siècles*. Lyon: Archives Municipales (Les Dossiers des Archives Municipales n. 10), 1997. Disponible em: <http://www.archives-lyon.fr/static/archives/contenu/sommaires/forma_urbis.html>. Acesso em: 20 jun. 2016.

Arqueologia da paisagem urbana: lógicas, ritmos e atores na construção do centro histórico de São Paulo (1809-1942)

[*Archaeology of cityscape: logics, rhythms and makers in São Paulo old-town fabric (1809-1942)*

Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno¹

Apoio financeiro: CNPq (Bolsa de Produtividade em Pesquisa – PQ2 e Projeto Universal 14/2012). Bolsistas: Marcos Calixto Rios (Fapesp), Marina Gonçalves Marques (CNPq) e Sheila Schneck (CNPq).

RESUMO • Sistemas de Informações Geográficas (SIGs) permitem reconstituir paisagens urbanas na longa duração. Os SIGs Históricos são fundamentais na espacialização de banco de dados complexos, viabilizando a elaboração de cartografias regressivas e temáticas – quadra a quadra, rua a rua, lote a lote –, cruzando informações textuais e visuais. Propomo-nos a demonstrar nossa metodologia e a linha teórica que a alicerça, bem como evidenciar os resultados adquiridos, desenvolvendo novas pistas de pesquisa e contribuindo para uma melhor compreensão do processo, das dinâmicas e ritmos de produção social da cidade do ponto de vista da sua dimensão material. • **PALAVRAS-CHAVE** • Arqueologia da paisagem; mercado imobiliá-

rio; história da urbanização; São Paulo. • **ABSTRACT** • Geo-historical Information Systems (GISs) may be used to reconstitute long-term cityscapes and are crucial when spatializing complex databases to develop regressive thematic cartographies – block by block, street by street, lot by lot – and to compare textual and visual information. We propose to demonstrate our methods, theoretical approaches and results acquired, developing new paths for research and adding to our comprehension of the process, dynamics and rhythms of social production of cities from the point of view of their material aspects. • **KEYWORDS** • Archaeology of cityscape; property market; history of urbanization; São Paulo.

Recebido em 18 de abril de 2016
Aprovado em 19 de julho de 2016

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira, Arqueologia da paisagem urbana: lógicas, ritmos e atores na construção do centro histórico de São Paulo (1809-1942). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 64, p. 99-130 ago.2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p99-130>

¹ Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil)

RUGOSIDADES DO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO

O estudo da urbanização² do centro histórico de São Paulo aqui em foco tem algumas peculiaridades. Foge da perspectiva em voo de pássaro mais habitual e aproxima a lente nas ações individuais, atentando para o papel da arquitetura comum na composição da tessitura urbana e buscando aquilatar suas lógicas de produção, dinâmicas, ritmos e temporalidades. Para tanto elegemos a colina entre os rios Tamanduateí e Anhangabaú como recorte espacial, com vistas a entrever o processo de acumulações e substituições sucessivas decorrentes da ação de diferentes gerações num curto período de tempo.

O estudo parte da premissa de que os fragmentos materiais da paisagem urbana contemporânea oferecem pistas que permitem supor seu caráter histórico³. Mais do que um palimpsesto⁴, a paisagem é um precioso instrumento de trabalho, na medida em que, como salienta Fernand Braudel⁵, é como nossa pele condenada a conservar a cicatriz das feridas antigas. Como acumulação desigual de tempos, as rugosidades dos sucessivos passados amalgamados na paisagem atual permitem supor cada etapa do

2 Campo disciplinar inaugurado por Nestor Goulart Reis Filho na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, do qual somos seguidores. Cf. REIS, Nestor G. Notas sobre a evolução dos estudos de história da urbanização e do urbanismo. *Cadernos de Pesquisa do LAP*, n. 29, 1999.

3 Sobre o conceito de paisagem, ver: SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. Técnica e tempo. Razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008, p. 103-104.

4 Milton Santos, em *A natureza do espaço*. Técnica e tempo. Razão e emoção 4, op.cit., estabelece uma analogia entre o palimpsesto (escritas sobrepostas que é frequente encontrar nos manuscritos sobre pergaminho) e a paisagem, sob inspiração dos criadores da geografia retrospectiva, revelando-se leitor de Marc Bloch (*Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*, 1974, p. 49-50) e Fernand Braudel (*La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, 1982, bem como *Civilisation matérielle. Économie et capitalisme, XVe-XVIIIe siècle*, 1979, especialmente Tom. III).

5 BRAUDEL, F. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. (1a. ed., 1949). 5. ed. Paris: Armand Collin, 1982, 2 v.; BRAUDEL, F. *Civilisation matérielle. Économie et capitalisme, XVe-XVIIIe siècle*. Paris: Armand Collin, 1979, 3 v.

processo social, cumprindo-nos retomar a história que esses fragmentos de diferentes idades representam tal como a sociedade a escreveu de momento em momento.

O desafio no presente artigo é ensaiar uma metodologia capaz de desvelar as camadas desse palimpsesto, tateando alguns vestígios e imaginando as lógicas que presidiram a sua produção e apropriação. Nesse sentido, aproximamo-nos do que os historiadores da cultura material chamam de “arqueologia da paisagem”⁶, inventando uma metodologia com evidentes paralelos com o que o grupo de Bernard Gauthiez⁷ vem desenvolvendo para o caso de Lyon, com o qual trocamos experiências no âmbito do Projeto USP-Cofecub, parceria entre a Universidade de São Paulo e o Comité Français d’ Evaluation de la Coopération Universitaire avec le Brésil. Essa linha de investigação em história urbana tem matriz em estudos anteriores, como os de Luigi Salerno, Luigi Spezzaferro e Manfredo Tafuri⁸ e de François Boudon, André Chastel, Hélène Couzy e Françoise Hamon⁹.

Para o cumprimento dos nossos objetivos, entrecruzamos fontes seriais diacrônicas e sincrônicas, tais como impostos prediais¹⁰, permissões de construção¹¹, anuários estatísticos¹², propagandas de jornais¹³, legislação, dados demográficos e iconográficos, georreferenciados e espacializados nas plantas de São Paulo de 1844-1847 e no Mapa Digital da Cidade (2004-2006). Nosso desejo é pôr luz no bota-abixo que transformou a cidade num verdadeiro canteiro de obras no âmbito de um aquecido mercado imobiliário rentista motivador do investimento na transformação material da cidade.

A transformação da cidade do ponto de vista do seu processo ainda permanece

6 SCHLERETH, T. The city as artifact. In: _____. *Cultural history & material culture: everyday life, landscapes, museums*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1992, p. 183-193.

7 GAUTHIEZ, B. & ZELLER, O. Lyons, the spatial analysis of a city in the 17th and 18th centuries. Locating and crossing data in a GIS built from written sources. In: RAU, S. & SCHÖNHERR, E. (Ed.). *Mapping spatial relations, their perceptions and dynamics, lecture notes in geoinformation and cartography*. Switzerland: Springer International Publishing, 2014.

8 SALERNO, L.; SPEZZAFERRO, L.; TAFURI, M. *Via Giulia: una utopia urbanistica del 500*. Roma: Casa Editrice Stabilimento Aristide Staderini SPA, 1973.

9 BOUDON, F. et al. *Système de l’architecture urbaine. Le quartier des Halles a Paris*. Paris: Éditions du CNRS, 1977. 2 v.

10 Impostos Prediais (Décimas Urbanas), localizados no Arquivo do Estado de São Paulo, datados de 1809 e 1829, 1876, bem como publicados no *Correio Paulistano* em 1886 e 1914.

11 Nossa pesquisa se vale do legado de projeto em políticas públicas (Fapesp, 2006-2010), no qual coordenamos, junto com Nestor Goulart Reis, a informatização de parte dos desenhos arquitetônicos da Série Obras Particulares do Arquivo Histórico de São Paulo (1906-1914), cujos resultados estão na internet (www.projetosirca.com.br) e muito facilitam nossa empreitada atual. Dos 70 mil referentes ao período 1906-1920, informatizamos 30 mil, correspondentes à cidade oficial ou àquela que passou pelo crivo da prefeitura no período.

12 *Almanaques* (1857, 1884 e 1890) localizados na Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. São *Anuários Estatísticos* que listam os nomes e respectivos endereços dos principais negócios realizados na cidade.

13 *Jornal O Estado de S. Paulo*.

inexplorada pela historiografia. Com raras exceções¹⁴, a imagem que temos é aquela cristalizada nos cartões-postais com os resultados finais alcançados, sem que percebamos os ritmos, os percalços, os estímulos e os atores envolvidos.

O recuo ao início do século XIX é estratégico para focalizar as inflexões no mercado imobiliário rentista, que ensejou tais mudanças. O papel da iniciativa privada na produção material dos imóveis é nossa principal preocupação, acrescida de questões como as continuidades e rupturas no perfil dos proprietários dos imóveis, no perfil dos usuários e usos, na natureza dos programas edilícios implantados, na natureza das construções. Preocupa-nos perceber o quanto os imóveis individualmente colaboraram no desenho de uma nova tessitura urbana. Advogamos a tese de que boa parte das renovações foi obra da iniciativa privada, orquestrada e induzida pelo poder público por meio de pormenorizada legislação e alguns planos urbanísticos. Neste artigo ensaiamos assim os primeiros passos de uma metodologia de investigação em história da urbanização que tem como foco o processo de produção social da cidade na escala do edifício, das ações individuais, da arquitetura comum no âmbito de um pragmático mercado imobiliário rentista.

Espacializar os dados na escala do edifício não é tarefa fácil, implica risco de imprecisão, mas permite aquilatar aspectos invisíveis do processo. Permite também: entrever a sociotopografia¹⁵ urbana e as hierarquias entre espaços mais e menos valorizados; imaginar as motivações que justificaram o investimento na construção, reforma, demolição e reconstrução de prédios para renda de aluguel; e constatar que até a Lei do Inquilinato, em 1942, boa parte dos habitantes das cidades brasileiras morava e trabalhava em imóveis de aluguel, o que tornava atraente para os segmentos sociais detentores de certo montante de capital imobilizar recursos na edificação de casas, lojas, armazéns e prédios de uso misto com fins rentistas.

Notamos que, desde o período colonial, 50% do tecido urbano da cidade de São Paulo era composto de imóveis de aluguel e que, até a década de 1940, essa prática de investimento se manteve constante, nos legando um significativo conjunto de prédios no centro histórico ainda hoje pertencentes inteiramente a determinadas famílias, resquício de uma época em que a organização condominial engatinhava.

Outro aspecto interessante observado é o perfil social dos investidores no centro da cidade, em geral, membros da velha oligarquia. O Estado, por meio de iniciativas estrategicamente posicionadas, induziu ou consolidou o desenvolvimento em determinadas direções, no entanto, os recursos públicos imobilizados nas operações urbanísticas foram ínfimos quando comparados ao capital privado. A nosso ver, a terceirização à iniciativa empresarial foi a opção adotada para atender às demandas da explosão demográfica, que exigiu novos espaços num curto período de tempo, garantindo lucros seguros aos investidores. Mas se pouco investiu financeiramente,

14 BARBUY, H. *A cidade-exposição*. Comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914. São Paulo: Edusp, 2006; BARBUY, H. Seguindo Militão pelas ruas da cidade. In: FERNANDES JR., Rubens; BARBUY, Heloisa; FREHSE, Fraya. *Militão Augusto de Azevedo*. São Paulo: Cosac Naify, 2012; LÉFÈVRE, J. E. *De beco a avenida. A história da Rua S. Luiz*. São Paulo: Edusp, 2006.

15 Sobre o conceito de sociotopografia consultar: LE GOFF, J. *O apogeu da cidade medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 145-192.

o Estado funcionou como indutor e orquestrador do processo, alocando equipamentos públicos (teatro, mercado, sede dos correios e telégrafos, escolas, edifícios administrativos) em determinados lugares, encabeçando operações de abertura de praças modernas (Antônio Prado e Patriarca), remodelando paisagisticamente as áreas de várzea (parques Anhangabaú e D. Pedro II) e removendo das áreas centrais população, edificações (Igreja do Rosário dos Pretos e Misericórdia) e atividades (fábricas, comércio de molhados e pequenos serviços) indesejadas por meio de uma legislação urbanística que desenhou uma clara geografia dos usos com consequente valorização e desvalorização fundiária.

Nesse sentido, essa linha de investigação permite entrever a eficácia ou não de certos instrumentos e mecanismos de indução, orquestração e controle do processo de urbanização por parte do poder público, garantindo feições mais e menos homogêneas ao conjunto, cerceando ou estimulando as ações individuais em prol de certo ideal de cidade resumido no slogan “Embelezamento e melhoramentos urbanos”. Nesse universo vemos frequentemente se irmanarem interesses públicos e privados, muitas vezes confundindo-se os primeiros com os últimos¹⁶.

Por fim, estudos dessa natureza permitem ainda entrever o processo de transformação dos espaços, rua a rua, lote a lote, imaginando os imóveis em obras. Esse retrato do processo no seu fazer cotidiano escapa à historiografia tradicional, mais atenta aos grandes planos urbanísticos, aos profissionais do urbanismo, aos grandes engenheiros e arquitetos, à legislação higienista em abstrato, aos cenários eternizados nos cartões postais. Com foco nos pormenores, buscamos reconstituir a fábrica urbana em transformação, questionando as lógicas que entreteciam interesses públicos e privados. Trata-se de um dos períodos mais interessantes da história de São Paulo, de transformações intensas não por acaso eternizadas por Benedito Lima de Toledo¹⁷ na metáfora “três cidades em um século”.

16 Sobre a interdependência entre interesses públicos e privados consultar: ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei*. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1998; CAMPOS, C. M. *Os rumos da cidade – urbanismo e modernização em São Paulo*. São Paulo: Senac, 2002.

17 TOLEDO, B. L. de. *São Paulo: três cidades em um século*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

CARTOGRAFIAS REGRESSIVAS



Figura 1 – Amostragem dos 120 imóveis eleitos para estudo. Espacialização dos dados por meio do Quantum GIS no Mapa Digital da Cidade de São Paulo de 2004-2006. Prefeitura do Município de São Paulo. Inventário realizado com auxílio dos alunos da disciplina AUH 238 – Estudos de Urbanização, 2015, bem como dos bolsistas de iniciação científica Marcos Calixto Rios (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp) e Marina Gonçalves Marques (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq).

Em vermelho, edifícios institucionais, todos projetados pelo Escritório F. P. Ramos de Azevedo, Severo & Villares:

- 1- Secretaria da Fazenda (1886-1891)
- 2- Secretaria da Agricultura (1892-1896)
- 3- Antigo edifício da Bolsa de Mercadorias (1933-1937)
- 9- Correios e Telégrafos (1920-1922)
- 14- Teatro Municipal (1903-1911)
- 17- Faculdade de Direito (1933)
- 20- Tribunal de Justiça (1920-1933)
- 21- Palácio das Indústrias (1911-1924)
- 22- Mercado Municipal (1922-1933)
- 28- Escola Normal (1892-1894)

Em verde, edifícios para particulares:

- 1- Casa n. 1 – Major Antonio Benedito da Silva – 1880 – 3 andares – tijolo
- 2- Solar da Marquesa – Felício Pinto de Mendonça e Castro – séc. XVIII – 2 andares – taipa de pilão e tijolo
- 3- Ordem do Carmo – séc. XIX – 3 andares – tijolo
- 4- Prédio da Santa Casa de Misericórdia – Cia. Iniciadora Predial/Ricardo Severo – 1913 – 3 andares – tijolo
- 5- Antônio de Queiroz Telles – Jorge Krug – 1913 – 5 andares – concreto e tijolo
- 6- ? – Rangel Christoffel e Cia. Engenheiros Construtores – séc. XX – concreto e tijolo
- 7- Sociedade de Medicina e Cirurgia – 1895 – tijolo
- 8- ? – ? – séc. XX – 8 andares – concreto e tijolo
- 9- Álvaro de Macedo Guimarães – 1895 – 2 andares – tijolo
- 10- ? – ? – séc. XX – concreto e tijolo
- 11- ? – Giulio Micheli – 1896 – 3 andares – tijolo
- 12- Palacete Carmo – Cúria Metropolitana – séc. XX – 7 andares – concreto e tijolo
- 13- ? – Jorge Muller & Irmãos – 1909 – 3 andares – concreto e tijolo
- 14- Edifício Azevedo Villares – Arnaldo Dumont Villares e Eugenia Lacaze – Ramos de Azevedo, Severo & Villares – 1945 – 18 andares – concreto e tijolo (demolição de prédio construído para Domingos Paiva Azevedo em 1905 por Samuel das Neves)
- 16- J. C. Costa – Ao Grande Oriente (1889) – [Ramos de Azevedo] – 1888 – 2 andares – tijolo e taipa de mão
- 17- Edifício Rolim – Família Prado Rolim – Escriptório Technico Pujol Junior, F. Reian, T. Carvalho & D. Tacini – 1928 – 14 andares – concreto e tijolo
- 18- Prédio Piratininga – 1929 – 9 andares – concreto e tijolo
- 19- Luiz de Vasconcellos – Giulio Micheli – 1906 – concreto e tijolo
- 20- ? – Vauthier – séc. XX – 3 andares
- 21- Banco Português do Brasil – F. P. Ramos de Azevedo & Cia. – 1919 – 5 andares – concreto e tijolo (demolição do Banco di Napoli construído para o comendador João Brícola por Samuel das Neves em 1912)
- 22- London & Brazilian Bank – F. P. Ramos de Azevedo & Cia. – 1920 – 3 andares
- 23- Banco Francês-Italiano – Giulio Micheli – 1918 – 3 andares – concreto e tijolo (demolição de imóvel construído por Carlos Ekman para o conde Álvares Penteado em 1911)
- 24- Jacob Levy – Samuel das Neves – 1912 – 6 andares
- 25- José K. Fakhoury – F. P. Ramos de Azevedo & Cia. – 1913 – 5 andares – concreto e tijolo
- 26- ? – Giulio Micheli – 1915 – 3 andares – tijolos
- 27- Brasilianische Bank fur Deutschland – Guilherme Krug & Filho – [1897] – 3 andares – concreto e tijolo
- 28- ? – Luiz de Vasconcellos – Giulio Micheli – 1911 – 3 andares – concreto e tijolo
- 30- Banco Comercial de São Paulo – F. P. Ramos de Azevedo & Cia. – 1924 – 10 andares – concreto e tijolo (antiga Galeria de Cristal construída por Max Hehl para Cristiano Webendoerfer em 1900)
- 31- ? – ? – séc. XX – 6 andares – concreto e tijolo
- 32- Tacito de Toledo Lara – séc. XX – 7 andares – concreto e tijolo

- 33- Casa Ramos de Azevedo – Ramos de Azevedo – F. P. Ramos de Azevedo & Cia. (1ª sede do escritório) – 1922 – 9 andares – concreto e tijolo – no térreo, Casa Ernesto de Castro (loja de importação de materiais de construção, pertencente ao genro de Ramos de Azevedo)
- 34- Anexo Edifício Altino Arantes – Banco do Estado de São Paulo – Plínio Botelho do Amaral e Camargo & Mesquita – séc. XX – 17 andares – concreto tijolo
- 35- ? – ? – séc. XX – 16 andares – concreto e tijolo
- 36- Casa Palmares – condessa Álvares Penteado – F. P. Ramos de Azevedo & Cia. – 1922 – 8 andares – concreto e tijolo
- 38- Edifício Martinelli – Giuseppe Martinelli/William Filinger/Robert e Raul Lacombe – 1929 – 24 andares – concreto e tijolo
- 39- Banco de São Paulo – Álvaro Botelho – 1935 – 13 andares – concreto e tijolo
- 40- Palacete Crespi (atual Edifício York) – Rodolfo Crespi – Giovanni Battista Bianchi – séc. XX – 9 andares – concreto e tijolo
- 41- Banco Ítalo-Belga – Edifício Malvina Chamas Curi – F. P. Ramos de Azevedo & Cia. – 1910 [1911] – 5 andares – tijolo
- 42- Palacete Lara – Siciliano e Silva Engenheiros & Construtores – séc. XX – 6 andares – concreto e tijolo
- 43- British Bank of South America Limited – Scott Urner – 1926 – 4 andares
- 44- Edifício Álvares Penteado – F. P. Ramos de Azevedo & Cia. – 1938-1939 – concreto e tijolo.
- 46- Banco do Brasil – Escriptorio Technico Pujol Junior, F. Reimann, T. Carvalho & D. Tacini – séc. XX – concreto e tijolo
- 47- ? – L. Serva & Cia. – 1917 – 5 andares – concreto e tijolo
- 48- ? – Walter Brune – séc. XX – 3 andares
- 49- Edifício Gaia – José Maria Raimundo da Costa – Eduardo Mendes Gonçalves – 1910 – 3 andares – tijolo
- 50- ? – ? – 1903 – 3 andares – tijolo
- 51- Cine Alhambra – Manuel Pereira Guimarães – José Maria da Silva Neves – 1927 – 2 andares
- 52- ? – Manuel Pereira Guimarães – Carlos Ekman – 1918 – 2 andares – tijolo
- 53- ? – Germaine Lucie Burchard – Vicente Branco – 1920 – tijolo
- 54- Casa Alemã – J. Heydenreich e Jose Vollsach – Carlos Ekman – 1910 – 5 andares – concreto e tijolo
- 55- ? – Armando Álvares Penteado – 1919 – 3 andares – tijolo e taipa
- 56- ? – Ordem Terceira do Carmo – Max Hehl – 1909 – 3 andares
- 56- ? Santa Casa de Misericórdia – Giulio Micheli – 1907 – 3 andares – concreto e tijolo
- 57- Palacete Thereza de Toledo Lara-Antonio Toledo Lara – Augusto Fried – 1908 – 3 andares – tijolo
- 58- ? – Int. Cia. L'Union de Seguros – 1918 – 3 andares
- 59- Farmácia Amarante – Joze Estanislau do Amaral – Oscar Kleinschmidt – 1893 – 3 andares
- 60- ? – Joze Fernandes Pinto – 1895 – 3 andares
- 61- Edifício Guinle e Cia. – Guinle e Cia. – Hypolito Pujol Junior – 1912 – 8 andares –

concreto e tijolo (em 1895 ali fora construído prédio a cargo de José Fernandes Pinto, simultaneamente ao anterior)

63- Edifício Lutétia – Família Álvares Penteado – F. P. Ramos de Azevedo & Cia. – 1914 – 8 andares – concreto e tijolo

64- Edifício Matarazzo – Francisco Matarazzo – Ramos de Azevedo, Severo & Villares – 1939 – 8 andares – concreto e tijolo

66- Edifício Alexandre Mackenzie – The São Paulo Tramway Light and Power – Ramos de Azevedo, Severo & Villares – 1929 – 8 andares – concreto e tijolo

67- Edifício Brigadeiro Luiz Antonio – Paula de Souza Queiroz – Max Hehl – 1909 – 3 andares – tijolo

68- ? – Francisco Rivera – 1908 – 2 andares – tijolo

69- ? – Francisco Rivera – 1908 – 2 andares – tijolo

70- ? – Marina Branco de Melo M. Aires de Souza – Adriano Correia de Andrade – 1890 – 3 andares – tijolo

71- ? – Antonio de Toledo Lara – Augusto Fried – 1980 – 3 andares

72- Edifício Notaroberto – Ana Francisca da Silva Marques – Francisco Nottaroberto – 1908 – 3 andares – concreto e tijolo

73- Casa Fretin – Henrique Sertorio – Ricardo Severo – 1886 – 6 andares – concreto e tijolo

74- Palacete Elias Chaves – 3 andares – taipa e pilão

75- ? – Antonio de Toledo Lara – Augusto Fried – 1909 – 3 andares – concreto e tijolo

76- ? – Henrique Sertorio – Ricardo Severo – 1913 – 6 andares

77- Ana Maria Nogueira – Joze Paula Leite de Barros – Ricardo Severo – 1913 – 5 andares – concreto e tijolo

78- ? – Cecilia de Almeida Prado Amaral e outros – séc. XX – 2 andares – concreto e tijolo

79- Cine São Bento – Empresa Bunge – 1927 – 1 andar – tijolo

80- ? – Matheus Haussler – 1887 – 2 andares – tijolo

81- ? – Manuel dos Reis Pedro da Rocha – 1894 – 2 andares – tijolo

82- Loja do Japão – Manuel Garcia da Silva – Manuel dos Reis Pedro da Rocha – 1894 – 2 andares – tijolo

88- Edifício Sant’Ana – Stella Penteado – Siciliano e Silva Engenheiros & Construtores – séc. XX – 9 andares – concreto e tijolo

89- ? – Antonio de Paula Assis – J. J. Ferreira – 1903 – 3 andares – tijolo

90- ? – ? – séc. XX – 2 andares – tijolo

91- ? – Morisim – 1887 – 2 andares – tijolo

92- Hotel d’Oeste – José Zucchi e irmão – Rossi & Brenni – 1901 – 2 andares – tijolo

93- Edifício Maurice Levy – 1914 – 4 andares – concreto e tijolo

94- Edifício Cidade de São Paulo – Daniel Dhelomme – Ramos e Azevedo, Severo & Villares – 1923 – 7 andares – concreto e tijolo

95- Edifício Stella Penteado – Stella Penteado – Siciliano e Silva Engenheiros & Construtores – 1925 – 8 andares – concreto e tijolo

96- ? – Antonio Carlos de Arruda Botelho – Samuel das Neves – 1913 – 4 andares – concreto e tijolo

- 97- Edifício Sampaio Moreira – Joze Sampaio Moreira – Samuel das Neves – 1924 – 14 andares – concreto e tijolo
- 98- ? – ? – séc. XX – 6 andares – concreto e tijolo
- 99- ? – Antonio de Toledo Lara – Albuquerque & Longo Engenheiros Arquitetos Civis – 1924 – 7 andares – concreto e tijolo
- 100- Edifício Patriarca – Siciliano e Silva Engenheiros & Construtores – 1924 – 9 andares – concreto e tijolo
- 101- Edifício Liberty Paulista – Cia. Paulista de Seguros – Ramos de Azevedo, Severo & Villares – 1941 – 24 andares – concreto e tijolo
- 102- Palácio Médiçi (Casa Médiçi) – Luiz Médiçi – Samuel das Neves – 1912 – 7 andares – concreto e tijolo
- 103- Edifício Britânia – Arnaldo Dumont Villares – Ramos de Azevedo, Severo & Villares (2a sede do escritório) – 1943 – 21 andares – concreto e tijolo
- 104- Edifício São Joaquim – Henrique de Souza Queiros – Henri Paul Pierre Sajous (Severo & Villares) – séc. XX – concreto e tijolo
- 105- ? – Antonio Alfredo Vaz Serquinho – Giulio Micheli – 1912 – 4 andares – tijolo
- 106- Edifício Frei Sant’ Anna Galvão – Ordem Terceira de São Francisco – 1941 – 8 andares – concreto e tijolo
- 107- Escola de Comércio Álvares Penteado – Antonio Alvares Penteado – Carlos Ekman – 1907 – 2 andares – tijolo
- 109- ? – ? – séc. XX – 8 andares – concreto e tijolo
- 110- ? – ? – séc. XX – 2 andares – tabique
- 111- ? – Cia. Americana de Seguros – Rangel Christoffel e Cia Engenheiros Construtores – 1924 – 8 andares – concreto e tijolo
- 112- ? – Ribeiro da Silva – 1908 – 3 andares – concreto e tijolo
- 114- Edifício Glória – Samuel Ribeiro – Albuquerque & Longo Engenheiros Arquitetos e Civis – 1928 – 11 andares – concreto e tijolo
- 115- ? – ? – 1921 – 10 andares – concreto e tijolo
- 116- Chapelaria Paulista – Humberto Zucchi – 1914 – 2 andares – concreto e tijolo
- 117- Edifício Henrique Lindenberg – Henrique Lindenberg – séc. XX – 5 andares – concreto e tijolo
- 118- Palacete São Paulo – Felício de Campos Cintra – Hildebrando Cintra – Arquitetos Albert & Wedwe e Hugo Haroni – 1924 – 7 andares – concreto e tijolo
- 119- Edifício Antônio Gazeau – Augusto Gazeau – 1910 – 7 andares – concreto e tijolo
- 120- ? – ? – Siciliano e Silva Engenheiros & Construtores – 1932 – 9 andares – concreto e tijolo
- 121- Palacete Gonzaga – Joze Gonzaga Franco Filho – Siciliano e Silva Engenheiros & Construtores – 1925 – 8 andares – concreto e tijolo
- 122- ? – Arthur Guimaraes – Francisco Salles Malta Junior – 1922 – 3 andares – concreto e tijolo
- 123- Edifício Casa das Arcadas – Armando Alvares Penteado – Siciliano e Silva Engenheiros & Construtores – 1929 – 8 andares – concreto e tijolo
- 124- Palacete Chavantes – João Batista Mello de Peixoto – Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (Juô Bananere) – 1926 – 10 andares – concreto e tijolo
- 125- Casa da Boia – Rizkallah Jorge Tahan – 1919 – 2 andares – tijolo

Elegemos as 120 edificações mais representativas das diversas etapas, cujas fachadas não estão hoje muito adulteradas. Para contextualizar o universo que ensejou a produção desse conjunto de edificações, convém apresentar alguns dados demográficos com outros referentes ao boom imobiliário para dar a medida do aumento das demandas por novas edificações e questionar se as ofertas responderam à crescente procura. Só para se ter uma ideia da intensidade do processo, em 1808, São Paulo tinha 7 mil habitantes vivendo no perímetro urbano. Em 1872 a cifra subiu para 26.040 pessoas e, em função da economia cafeeira no oeste paulista e da imigração, a população explodiu para 47.697 em 1886, 64.934 em 1890, quadruplicando na década seguinte e atingindo, em 1905, 300.569 habitantes e, em 1913, 460.261 cidadãos. Desde então, a população não parou mais de crescer, duplicando, em 1920, para 579.000 habitantes, em 1930, totalizando 900.000 habitantes e, em 1940, 1.326.261 indivíduos.

A esses dados somam-se o número de prédios registrados na Planta geral da cidade de São Paulo de 1914: 1840 – 1.843 edificações; 1875 – 2.992; 1886 – 7.012; 1895 – 18.505; 1900 – 21.656; 1905 – 25.976; 1910 – 32.914; 1912 – 39.797; 1913 – 43.940. Comparativamente à explosão demográfica, a oferta de imóveis parece inferior à demanda. Por exemplo, se dividirmos a população de 1913 pelo número de prédios disponíveis, verificamos que cada unidade deveria abrigar 10 pessoas, o que certamente não ocorria. Ou seja, a oferta aquém da procura condiciona o aumento dos preços dos aluguéis e torna cada vez mais rentável o investimento no mercado imobiliário. Por outro lado, o aumento dos aluguéis certamente gerou um conjunto de edificações informais que não passaram pelo crivo da burocracia municipal, uma “cidade não oficial” ainda carente de ser quantificada. A legenda da Planta de 1914 traz ainda outra informação relevante:

[...] o rendimento annual desses 43.940 prédios existentes em 1913 estava oficialmente calculado em 75.419:002\$000 (setenta e cinco mil, quatrocentos e dezenove contos e dois mil réis). O valor venal desses podia ser estimado em 754.190:020\$000 (setecentos e cinquenta e quatro mil, cento e noventa contos e vinte mil réis) papel brasileiro¹⁸.

Esses dados são importantes para mensurar o montante investido no mercado imobiliário, permitindo aquilatar a fortuna de certos investidores comparativamente ao conjunto, tais como Germaine Burchard (54:802\$660 réis), o conde de Toledo Lara (42:410\$400 réis), o conde de Prates (34:733\$400 réis), Manoel Garcia da Silva (30:031\$400 réis) e o conde Álvares Penteado (25:603\$840 réis), os maiores proprietários de imóveis no perímetro central segundo o Imposto Predial de 1913-1914.

A cidade outrora concentrada na colina histórica espalhou-se em todas as direções como uma colcha de retalhos de investimentos privados, envolvendo o loteamento de chácaras por parte de capitalistas muitas vezes também vinculados ao financiamento e à infraestrutura dos empreendimentos, lucrando muito com isso¹⁹. A

18 Planta geral da cidade de São Paulo de 1914.

19 BRITO, M. *A participação da iniciativa privada na produção do espaço urbano*. São Paulo 1890-1911. São Paulo: FAU/USP, 2008.

Planta geral da capital de São Paulo de 1897, comparativamente à elaborada pela Cia. Cantareira em 1881, revela que a mancha urbana mais do que triplicou em apenas dezesseis anos. Concomitantemente verificou-se a surpreendente metamorfose da paisagem do perímetro central²⁰ definido em 1916, destinado ao comércio e aos serviços especializados, ensejando interesse por parte desses mesmos “empresários e capitalistas” na construção de imóveis de uso misto para renda de aluguel, muitas vezes logo alteados ou simplesmente demolidos para dar lugar a outros mais verticais, num complexo jogo de substituições somente justificado no quadro do aumento de demandas em curso.

Raras são as fotos que demonstram o canteiro de obras em que a cidade se transformou entre 1900 e 1940. Em meio à introdução das linhas de bonde (1900), iluminação elétrica (1900) e ligações de esgoto e água encanada (a partir de 1906-1908 na área central), quadra a quadra, lote a lote, o coração da metrópole do café foi totalmente reescrito, sobrando na paisagem atual uns poucos exemplares de taipa de pilão ou de taipa de mão do século XVIII e primeiras décadas do XIX, tais como o Solar da Marquesa dos Santos²¹, o Palacete Elias Chaves²², a antiga Casa Ao Grande Oriente na Praça da Sé²³ e algumas poucas igrejas.

O RETRATO DA CIDADE PRETÉRITA NOS IMPOSTOS PREDIAIS

A interpretação da Décima Urbana de 1809²⁴ possibilitou um retrato da tessitura da cidade antes da sua primeira transformação, lançando luz nos atores sociais detentores dos imóveis. Espécie de recenseamento por escrito, o Imposto Predial revelou uma cidade constrangida na colina entre os rios Tamanduateí e Anhangabaú, contendo apenas 1.281 imóveis²⁵, predominantemente térreos e residenciais: 86% deles eram casas comuns de taipa de pilão (1.047), em meio a apenas 161 sobrados (13%). No que diz respeito aos usos, 86% (1.051) eram residências, 2% (26) lojas e 10%

20 GLEZER, R. São Paulo, cem anos de perímetro urbano. *História* (São Paulo), v. 13, p. 155-166, 1994.

21 Atual Museu da Cidade, sito à rua Roberto Simonsen.

22 Sito na confluência da Rua de São Bento com a Praça do Patriarca.

23 Supostamente a segunda obra de Ramos de Azevedo na cidade, situa-se contígua à Secretaria da Fazenda (1886). Teve sua fachada desapropriada, recortada, encamisada com tijolos e remodelada sob padrões neoclassicistas em 1888, devido ao alargamento das ruas adjacentes ao Pátio do Colégio, mantendo suas paredes interiores de taipa e mão sobre barrotes e assoalho de madeira. Exemplar de uma cidade de transição que acreditávamos desaparecida, o edifício sofreu reforma (velada sob o nome de restauro) e descaracterização para abrigar a sede de um banco em 2015-2016, o que demonstra insensibilidade para com a história e impotência dos órgãos de preservação para conter a especulação imobiliária.

24 BUENO, B. P. S. Tecido urbano e mercado imobiliário em São Paulo; metodologia de estudo com base na Décima Urbana de 1809. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, n.13, p. 49-99, 2005.

25 Em 1808 tínhamos 7.000 habitantes residindo em 1.281 prédios, numa média de ocupação de 5,4 indivíduos por casa. Um século mais tarde, em 1913, são 460.261 cidadãos residindo em 43.940 prédios, numa média de 10,47 por imóvel.

(132) imóveis de uso misto. Constatamos que 50% (638) das edificações destinavam-se à renda de aluguel.

A Décima Urbana de 1809 permitiu entrever que, na aparente homogeneidade do conjunto, a São Paulo colonial apresentava espaços especializados e espacializava o degradé social então vigente, contendo áreas mais e menos valorizadas. As zonas mais caras eram aquelas junto dos largos da Sé, do Pátio do Colégio e ruas de uso misto a elas contíguas, concentrando o comércio e os sobrados da cidade.

Já as casas térreas, predominantemente de porta e janela, ficavam na extremidade e junto das várzeas do Tamanduateí e Anhangabaú. Lote a lote, o estudo permitiu falar de mercado imobiliário em tempos recuados, mostrar as faces dos principais proprietários dos imóveis – em geral negociantes –, algo a que a historiografia vinha dando pouca ênfase.

TIPOLOGIA



Figura 2 – Tipologia dos imóveis em 1809: em verde, 86% de casas comuns de taipa de pilão (1.047) e, em vermelho, 161 sobrados (13%). Dados da Décima Urbana de 1809 espacializados por meio do Quantum GIS na Planta da cidade de São Paulo de 1844-1847 de Carlos Bresser. Original pertencente à Fundação Biblioteca Nacional (BNRJ)

USOS

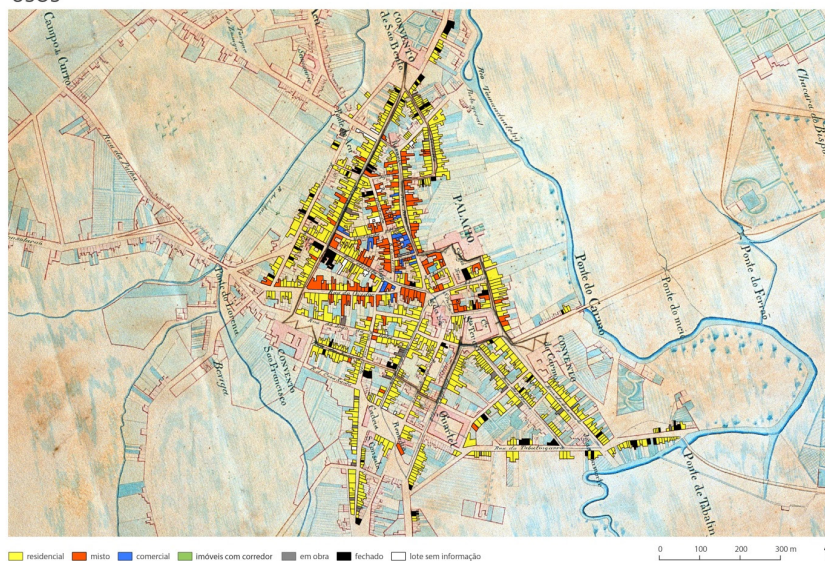


Figura 3 – Usos dos imóveis em 1809: em amarelo, 86% (1.051), residências; em azul, 2% dos imóveis exclusivamente comerciais (26 lojas); em vermelho, os 10% (132 imóveis) de uso misto; em preto, os imóveis fechados. Planta da cidade de São Paulo de 1844-1847 de Carlos Bresser. BNRJ.

FINALIDADE

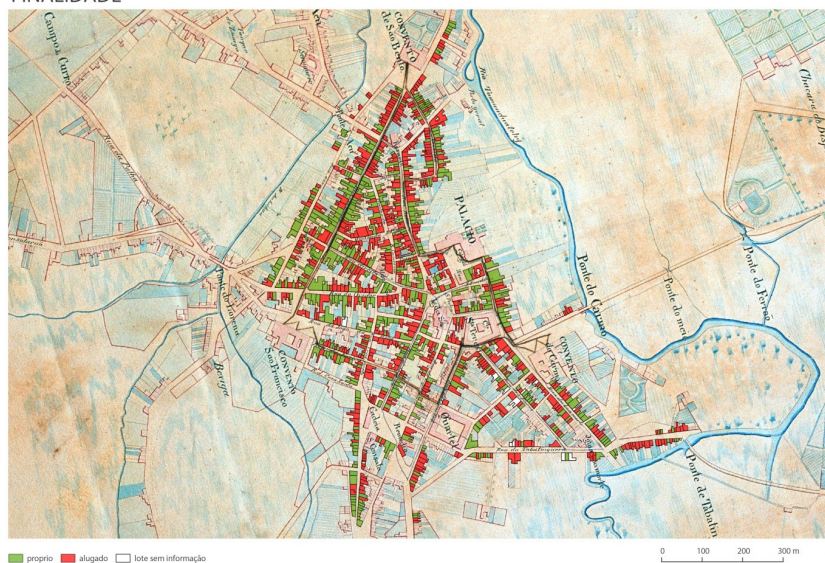


Figura 4 – Finalidade dos imóveis em 1809: 50% (638) das edificações destinavam-se à renda de aluguel. Em verde, os 50% destinados a uso próprio e, em vermelho, os 50% alugados. Planta da cidade de São Paulo de 1844-1847 de Carlos Bresser. BNRJ.

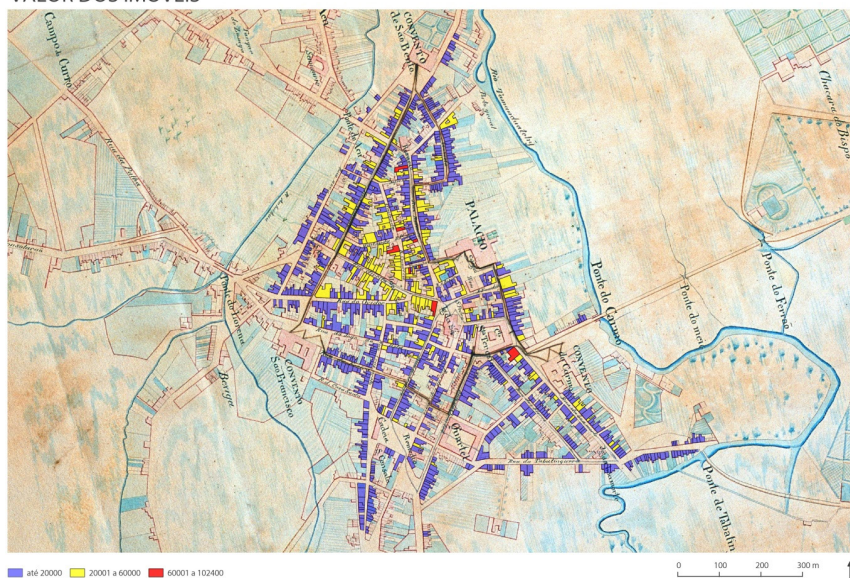


Figura 5 – Valor dos imóveis em 1809: as áreas mais valorizadas concentravam sobrados de uso misto, no triângulo formado pelas ruas Direita, Rosário, São Bento, Ouvidor e Comércio. Em vermelho, os sobrados mais caros; em amarelo, os imóveis de uso misto de alto valor, coincidentes com as ruas de comércio; em roxo, os mais baratos, em geral casas térreas. *Planta da cidade de São Paulo de 1844-1847* de Carlos Bresser. BNRJ.

A Décima Urbana de 1809 revelou a concentração de prédios urbanos nas mãos de poucos. Dos 748 proprietários, apenas 24 (3,2%) detinham cerca de $\frac{1}{4}$ (302) dos 1.274 imóveis inventariados em 1809. Desde o período colonial, era um bom negócio investir em casa de aluguel – 1,8% mais rentável que emprestar dinheiro a juros, implicando bem menos riscos. Os inventários pós-mortem evidenciam imóvel urbano como opção de investimento. Os maiores proprietários de imóveis de aluguel eram as ordens religiosas (em quantidade) e negociantes vinculados ao comércio internacional, além de tropeiros, senhores de engenho de açúcar e negociantes menores vinculados à venda a retalho (de fazendas secas, ferragens etc.). Os maiores detentores de edifícios urbanos eram os coronéis Jozé Arouche de Toledo e Luiz Antônio de Souza (futuro brigadeiro Luiz Antônio, chefe do clã dos Souza Queiroz), além do Mosteiro de São Bento.

A via mais importante da cidade, em 1809, era a Rua Direita, que apresentava 45 imóveis: vinte sobrados, dos quais apenas seis exclusivamente residenciais. Predominantemente ocupada por imóveis de uso misto, a rua mais verticalizada de São Paulo sofreu mutações ao longo do século XIX. Doze casas térreas foram transformadas em sobrados e um sobrado convertido no Solar do Barão de Iguape, o que revela que a cidade apresentou dinâmica relativa entre 1809 e as décadas de 1860-1880, não se mantendo estagnada, sendo os prédios reformados, alteados e alguns fundidos para dar lugar a outros maiores. A dinâmica, no entanto, é

incomparável à da virada do século XIX para o XX, em que, a cada cinco anos, cerca de 5.000 novas unidades foram construídas.

Peguemos o exemplo da primeira quadra da Rua Direita para dar uma ideia do teor e ritmo das transformações. Esta era basicamente composta de sobrados de uso misto, alguns deles pertencentes a importantes negociantes vinculados ao comércio de tecidos importados do Rio de Janeiro. Os sobrados descritos na Décima Urbana (1809) são os mesmos nas fotos de Militão em 1862 e 1887.

Entre 1894 e 1896, nas mãos de outros proprietários, esses imóveis foram demolidos e a quadra completamente remodelada. Por incrível que pareça, os imóveis em “roxo” (construídos simultaneamente em 1895 por proprietários diferentes) foram comprados pelos Guinle, donos da Cia. Docas de Santos, que em 1912-1913 não hesitaram em demoli-los apenas dezoito anos depois de construídos. Os belos predinhos edificadas em 1895 com tijolo e linguagem eclética cederam assim lugar ao primeiro arranha-céu da cidade em concreto armado, com projeto assinado pelo escritório do engenheiro politécnico Hipolito Pujol. A iconografia revela a metamorfose da feição da quadra efetivada em apenas dois anos.



Legenda
1847-1930 Banco
loja
loja de fazenda seca
misto
Carta_1844_1847_modificado



RUA 1809	N 1809	QUADRA	PROP 1809	PERF 1789	ESCRAVOS P	AGRE P	INQ 1809	PERF INQ	PROPRIO AL	TIPO 1809	PROGR 1809	USO 1809	VALOR 1809
direita	03	A	Joaquim Joze Oliveira	Negociante	1				proprio	sobrado	L+1a	misto	38400
direita	04	A	Cap. Gabriel Fernandes Cantinho	Comerciante	14	3			proprio	sobrado	L+1a	misto	38400
direita	05	A	Manoel de Oliveira Cardoso				Ten. Mathias Joze de Oliveira	[comerciante]	alugado	sobrado	L+1a	misto	48000
direita	06	A	Mosteiro de São Bento	religioso			Alferes Luiz Antonio do Valle	[comerciante]	alugado	sobrado	L+1a	misto	57600

RUA 1809	N 1809	QUADRA	PROP 1809	PERF 1789	ESCRAVOS P	AGRE P	INQ 1809	PERF INQ	PROPRIO AL	TIPO 1809	PROGR 1809	USO 1809	VALOR 1809
direita	07	B	Convento do Carmo	religioso			Gertrudes Maria		alugado	terrea	L	loja de fazenda seca	24000
direita	09	B	Manuel Joaquim de Vasconcellos						proprio	terrea (falsa)	L	loja	26880
direita	08	B	Cap. José Pinto Tavares	Negociante de Ferragens					proprio	sobrado	L+1a	misto	30720
direita	10	C	Cel. Joaquim Jozé dos Santos										

Figura 6 – Pormenores da primeira quadra da Rua Direita contígua ao Largo da Sé. Dados da Décima Urbana de 1809 espacializados pela autora por meio do Quantum GIS na Planta da cidade de São Paulo de 1844-1847 de Carlos Bresser. BNRJ

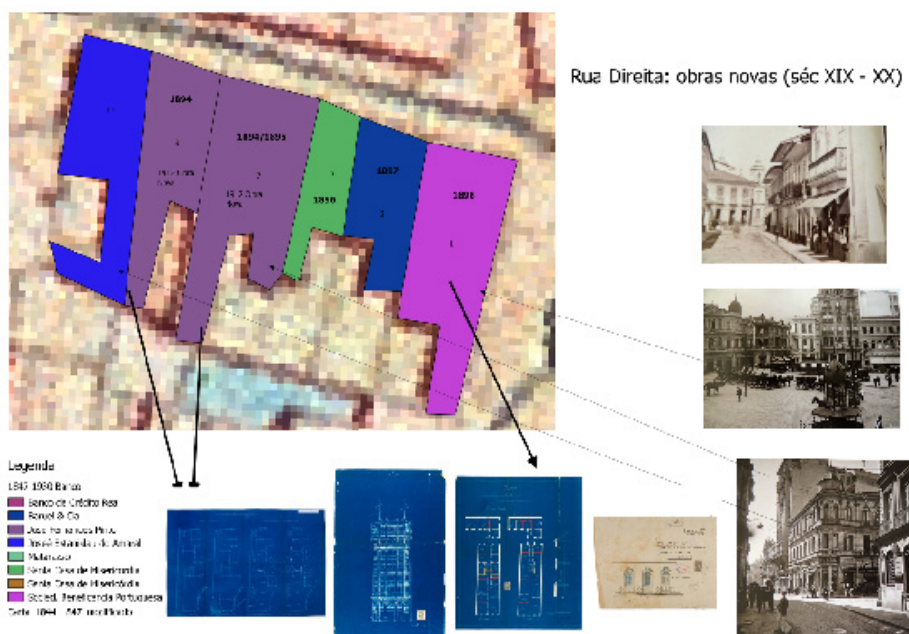


Figura 7 – Transformações realizadas na primeira quadra da Rua Direita contígua ao Largo da Sé, entre 1894-1896 e em 1912. Permissões de construção da Série Obras Particulares do Arquivo Histórico de São Paulo entrecruzadas às fotos de época, espacializadas pela autora por meio do Quantum GIS na Planta da cidade de São Paulo de 1844-1847 de Carlos Bresser. Original pertencente à BNRJ.

DE TRÊS A QUATRO CIDADES EM UM SÉCULO

A dinâmica de mutação da cidade é incomum, e nossa tese é que o investimento estatal foi bastante inferior ao do capital privado, responsável pela concreta destruição e reconstrução do velho centro de taipa de pilão e pela introdução de novos usos e hábitos urbanos nos espaços, desde então um excelente negócio. Edifícios de tijolos e uso misto passaram a mesclar salas de escritórios e consultórios, moradias, lojas, charutarias, restaurantes e cafés, substituindo os imóveis de taipa de pilão e taipa de mão predominantemente residenciais no período colonial.

As atividades terciárias exigidas pela “metrópole do café” cresceram exponencialmente. Entre 1776 e 1883, a cidade passou de 207 indivíduos envolvidos com o setor para 1.055 (em 1798), 1.916 (em 1836) e 36.901 (em 1893). Em 1883, São Paulo contava com 69 advogados, 32 médicos-cirurgiões, 10 engenheiros, 3 agrimensores, 33 empreiteiros de obras e 4 mestres de obras. De 130 casas de comércio existentes em 1883, passou para 5.832, em 1921-1922 (292 de artigos de importação, 106 confeitarias e pastelarias, 22 perfumarias, 86 joalherias, 32 relojarias, 62 papelarias, 152 charutarias, 15 casas importadoras de automóveis, 30 estabelecimentos bancários, além de diversos hotéis)²⁶.

Dados²⁷ evidenciam um explosivo aumento dos preços dos terrenos no “triângulo central” (ruas XV de Novembro, Direita e São Bento) entre 1916 (1.000\$000 réis o m²), 1936 (4.500\$000 réis o m²) e 1943 (8.000\$000 réis o m²), o que é produto e vetor (numa relação dialética) da contínua aceleração das demandas, das transformações arquitetônicas e urbanísticas e especialização ali do comércio e dos serviços de luxo. Constatamos que o valor do m² no “perímetro central ou comercial” era altíssimo comparativamente às outras zonas da cidade. Em 1914, o m² nas ruas XV de Novembro, Direita e São Bento tinha um valor médio de 1.000\$000 réis, ao passo que nos arredores imediatos decaía para 165\$000 réis, chegando a 23\$500 réis o m² no “perímetro urbano”²⁸. No “perímetro suburbano” chegava a 3\$000 réis o m², atingindo o valor de 100 réis no “perímetro rural”. Também o valor locatício tornou-se muito atraente na área central, chegando a ser dezesseis vezes mais alto que nos subúrbios da cidade. Esses dados explicam o interesse dos estratos sociais de maior poder aquisitivo em investir no centro, construindo imóveis de aluguel cada vez mais verticalizados. Explicam, inclusive, o interesse do poder público (integrado por membros dessa mesma elite financeira) em investir em grandes obras de embelezamento e melhoramentos urbanos.

A feliz metáfora cunhada por Benedito Lima de Toledo nem sempre se aplica a todos os imóveis. Em alguns casos as “três cidades em um século” foram quatro. Vemos edificações recém-construídas serem demolidas em poucas décadas para dar lugar a novos prédios maiores e mais altos. Esse é o caso do Edifício Guinle citado

26 BUENO, B. P. S. *São Paulo: um novo olhar sobre a história. A evolução do comércio de varejo e as transformações na vida urbana*. São Paulo: Via das Artes, 2012, p. 36.

27 R. C. BRITO. Cadastro imobiliário de São Paulo 1937-1938, 1938 apud BUENO, Beatriz. *Aspectos do mercado imobiliário em perspectiva histórica*. São Paulo, 1809-1950. São Paulo: FAU/USP, 2008, p. 125.

28 GLEZER, R. São Paulo, cem anos de perímetro urbano. *História* (São Paulo), v. 13, p. 155-166, 1994.

anteriormente que substituiu outros dois construídos 18 anos antes, assim como da nossa primeira Galeria de Cristal – semelhante às Passagens de Paris e à Galeria Vittorio Emanuele, de Milão – projetada por Max Hehl para o visionário alemão Cristiano Webendoerfer, inaugurada em 1900 e demolida em 1924 para abrigar a sede do Banco Comercial de São Paulo, projetado pelo Escritório Ramos de Azevedo & Cia. Esse é o caso também da sede do Banco Francês e Italiano, construído em 1918, que implicou a demolição de um belo edifício construído apenas sete anos antes para o conde Álvares Penteado, com projeto assinado pelo arquiteto sueco Carlos Ekman em 1911, bem como do imóvel de Jacques Netter, construído em 1896 e demolido em 1932 para ceder lugar a outro mais alto²⁹. Podemos citar também o caso do belo Banco di Napoli edificado para João Brícola pelo arquiteto Samuel das Neves em 1912, substituído pelo igualmente elegante Banco Português do Brasil projetado pelo Escritório F. P. Ramos e Azevedo & Cia. em 1919.

A VELHA OLIGARQUIA REINA ENTRE OS PROPRIETÁRIOS

Os imóveis trocaram de mãos entre 1809 e 1914, mas a velha oligarquia seguiu sendo a proprietária majoritária no perímetro central da cidade, promovendo a sua demolição e reconstrução.

A espacialização das permissões de construção localizadas no Arquivo Histórico de São Paulo, dos impostos prediais de 1886 e 1914 (Tabelas 1 e 2), bem como dos Almanques, sugere que, nessa época, a velha oligarquia paulistana de “empresários e capitalistas” envolveu-se com todo tipo de negócios (fazendas de café, bancos, obras de urbanização, serviços urbanos, fábricas e imóveis para renda de aluguel). Muitos são herdeiros das elites coloniais, como os Souza Queiroz, os Prado, os Toledo Lara, por exemplo. Entre os Álvares Penteado, os Queiroz Telles, os Prado, os Dumont Villares, os Souza Queiroz, os Prates e os Toledo Lara, sobressaem alguns imigrantes vinculados ao comércio (Rizkallah Jorge Tahan – Casa da Boia; Humberto e José Zucchi – Chapelaria; Manoel Garcia da Silva – dono da Loja do Japão e loteador do Jardim Europa), às fábricas (Francisco Matarazzo), aos bancos (os Levy e Luiz Medici), aos loteamentos (Burchard, Glette e Nothmann), por vezes aparentados aos velhos barões por matrimônio. Nota-se que os novos edifícios construídos no período destinavam-se a fins exclusivamente rentistas e pertenciam na íntegra a uma mesma família, num tipo de organização que antecedeu a lógica condominial. Muitos ainda estão nas mãos dos herdeiros dos antigos donos até hoje.

29 BUENO, Beatriz. Aspectos do mercado imobiliário em perspectiva histórica. São Paulo, 1809-1950. São Paulo: FAU USP, 2008, p. 120-124.

PROPRIETÁRIOS

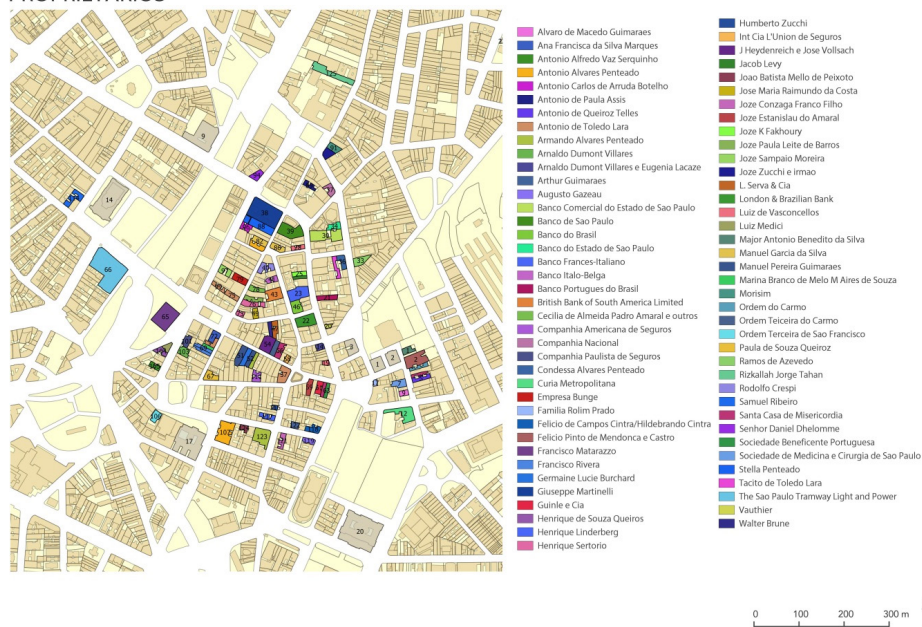


Figura 8 – Principais proprietários até meados do século XX. É visível a presença marcante da velha oligarquia. Mapa Digital da Cidade (2004-2006) – Prefeitura do Município de São Paulo. Destacam-se: Alvaro de Macedo Guimarães, Ana Francisca da Silva Marques, Antonio Alfredo Vaz Serquinho, Antonio Álvares Penteado, Antonio Carlos de Arruda Botelho, Antonio de Paula Assis, Antonio de Queiroz Telles, Antonio de Toledo Lara, Armando Álvares Penteado, Arnaldo Dumont Villares, Arnaldo Dumont Villares e Eugenia Lacaze, Arthur Guimarães, Augusto Gazeau, Cecília de Almeida Prado Amaral e outros, condessa Álvares Penteado, Família Rolim Prado, Felício de Campos Cintra, Felício Pinto de Mendonça e Castro, Francisco Matarazzo, Francisco Rivera, Germaine Lucie Burchard, Giuseppe Martinelli, Guinle e Cia., Henrique de Souza Queiroz, Henrique Lindenberg, Henrique Sertorio, Humberto Zucchi, J. Heydenreich e Jose Volsach, Jacob Levy, João Batista Mello de Peixoto, José Maria Raimundo da Costa, José Gonzaga Franco Filho, José Estanislau do Amaral, José Fakhoury, Jozé Paula Leite e Bartos, Jozé Sampaio Moreira, Jozé Zucchi e irmão, L. Serva & Cia., Luiz Lins de Vasconcellos, Luiz Medici, Major Antonio Benedito da Silva, Manuel Garcia da Silva, Manuel Pereira Guimarães, Marina Branco de Melo M. Aires de Souza, Morisim, Ordem do Carmo, Ordem Terceira do Carmo, Ordem Terceira de São Francisco, Paula de Souza Queiroz, Ramos de Azevedo, Rizkallah Jorge Tahan, Rodolfo Crespi, Samuel Ribeiro, Santa Casa de Misericórdia, Senhor Daniel Dhelomme, Sociedade Beneficente Portuguesa, Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, Stella Penteado, Tacito de Toledo Lara, The São Paulo Tramway Light and Power, Vauthier, Walter Brune.

TABELA 1 – IMPOSTO PREDIAL 1886

Proprietários maiores detentores de imóveis no centro de São Paulo

Proprietário	Número de imóveis	Imposto a pagar
1 Mosteiro de São Bento	25	3:054\$260
2 Benedicto Antonio da Silva	8	2:207\$520
3 Visconde de São Joaquim	8	1:814\$400
4 Santa Casa de Misericórdia	19	1:172\$320
5 Antonia Joaquina dos Santos Silva	18	1:150\$104
6 Domingos de Paiva Azevedo	10	1:144\$100
7 Barão de Souza Queiroz	11	1:088\$700
8 Antonio Pinto do Rego Freitas	5	1:061\$760
9 Ana Brandina Prado Pereira Pinto (herdeira Barão de Iguape, Antônio Prado)	3	1:044\$216
10 Recolhimento de Santa Thereza	9	1:038\$040
11 Bom Jesus de Nazareth	3	907\$200
12 Victor Nothmann	5	816\$640
13 Francisco Justino Gonçalves de Andrade	4	771\$480
14 Rodrigo Augusto da Silva	2	735\$840
15 Henrique Luiz Levy	3	705\$600
16 Conde de Três Rios	3	654\$240
17 Barão de Tatuhy	12	645\$280
18 Antonio Francisco de Azevedo	3	638\$400
19 Manoel Lopes de Oliveira	4	635\$040
20 Lydia Gezzi e Filho	2	604\$800
21 José Candido de Azevedo Marques	2	604\$800

TABELA 2 – IMPOSTO PREDIAL 1913-14

Proprietários maiores detentores de imóveis no centro de São Paulo

	Proprietário	Número de imóveis	Imposto a pagar
1	Germaine Burchard	18	54:802\$660
2	Conde de Toledo Lara	15	42:410\$400
3	Conde de Prates	24	34:733\$400
4	Manoel Garcia da Silva	9	30:031\$400
5	Mosteiro de São Bento	23	26:794\$000
6	Conde Álvares Penteado	13	25:603\$840
7	Banco Alemão	2	18:480\$000
8	Conde A. P. Pinto	1	14:322\$000
9	Luiz O. Lins Vasconcellos	7	14:043\$800
10	Claudio M. Soares	3	12:472\$000
11	Joaquim Q.C. Mattoso	1	11:088\$000
12	Martinho Prado (herança)	1	10:164\$000
13	Antenor A.V. Cerquinho	4	9:886\$800
14	João Motta G. Cesar	3	9:868\$800
15	Francisco Sampaio Moreira	12	7:840\$800
16	José Sampaio Moreira	3	7:837\$600
17	Conde São Joaquim	8	7:669\$200
18	Frederico Glette (herança)	1	7:392\$000
19	Luiz A.C. Galvão	7	6:612\$600
20	José Borges Figueiredo	6	6:588\$120
21	Santa Casa de Misericórdia	18	ISENTO

OS LOCATÁRIOS EM GERAL ERAM COMERCIANTES ESTRANGEIROS

As novas edificações construídas na virada do século XIX para o XX envolviam, sobretudo, programas de uso misto. Podemos constatar em incursões aos *Almanaques* que o comércio a partir de 1870 foi obra de estrangeiros, no entanto, a nosso ver, esses recém-chegados não tiveram inicialmente capital para edificar a sede dos seus negócios, alugando-os da velha oligarquia.

Na Décima Urbana de 1809 ficou claro que no período colonial o *negociante* reunia num único imóvel moradia e loja, em geral sendo proprietário dele. O Imposto Predial de 1876 revelou que apenas Adolpho Nagel, Gustavo Sydow e Henrique Fox eram estrangeiros proprietários de imóveis no centro. A velha oligarquia parece ter seguido sendo proprietária dos principais imóveis dali, mesclando-se muito

paulatinamente a segmentos estrangeiros vinculados a ramos mais rentáveis, como ferrovias, por exemplo. Esse é o caso de Guilherme Rudge, solitário em meio ao baronato predominante, mas aparentado aos Álvares Penteado e aos Queiroz Telles. Entre a aristocracia, destacam-se: barão de Itapetininga, barão de Piracicaba, barão da Silva Gameiro, barão de Sousa Queiroz, barão de Tietê, barão de Três Rios, baronesa de Limeira, em meio a nomes da velha aristocracia de fins do XVIII e início do século XIX, como Manoel Rodrigues Jordão e Manoel Rodrigues Villares (Imposto Predial de 1876).

USO

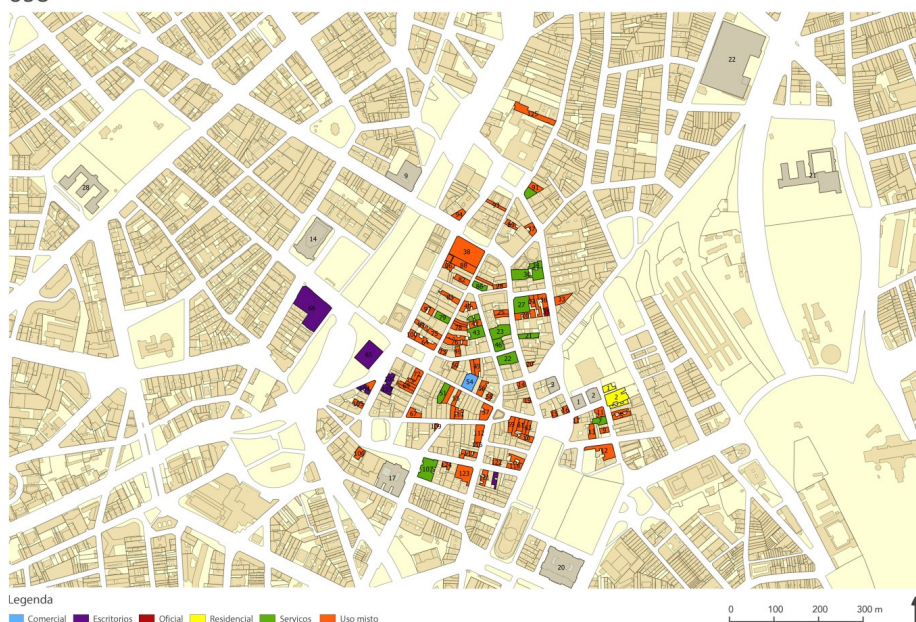


Figura 9 – Uso dos imóveis: azul, exclusivamente comercial; verde, serviços (sobretudo bancos); laranja, uso misto; amarelo, exclusivamente residencial; roxo, uso exclusivo de escritórios sede de grandes empresas. Mapa Digital da Cidade (2004-2006) – Prefeitura do Município de São Paulo.

No Imposto Predial de 1886 vemos o universo ampliar-se, mas, comparativamente aos dados publicados no *Almanaque* de 1890, poucos estrangeiros inserem-se na lista de proprietários no centro, predominando ainda a velha oligarquia paulistana. Exceções são: João Adolpho Schritzmeyer, Domingos Paiva de Azevedo, José Elias Paiva, Luiz Bamberg, Adolpho Nagel, Henrique Luiz Levy e Jorge Seckler, só para citar os mais conhecidos. Em 1886, o centro parece manter-se nas mãos de um grupo social antigo, muitos dos nomes identificáveis desde a *Décima Urbana* de 1809: barão de Piracicaba, visconde de Vergueiro, Francisco José de Sampaio, José Antônio de Oliveira Mendes, Anna Brandina Prado Pereira Pinto, Maria da Glória Moura Jordão, dr. Raphael Tobias de Aguiar, conde de Três Rios, Maria Cantinho Gavião Peixoto,

visconde de São Joaquim, barão de Souza Queiroz, Antônio Pinto do Rego Freitas, baronesa de Limeira, Bernardo Avelino Gavião Peixoto, Raphael Aguiar Paes de Barros, conselheiro Antônio da Silva Prado, Elias Antônio Pacheco Chaves, Eleutério da Silva Prado, Firmino José Barbosa, José Arouche de Toledo, Eduardo Prates, só para citar alguns, em meio às ordens religiosas e irmandades laicas, com destaque sempre para o Mosteiro de São Bento.

Na Série Obras Particulares (1906-1914) o número de prédios para os quais foi solicitada autorização da Prefeitura para construção ou reforma por comerciantes estrangeiros elevou-se consideravelmente, embora ainda muito aquém dos estabelecimentos divulgados nos *Almanaques*. Comerciantes que solicitaram autorização de construção ou reforma no período estudado foram: Worms Irmãos, Luiz Bamberg, Antonio Luiz Garraux, Camisaria Especial, P. Birelmayer e Carlos Castellões, Fasano e Fazzini, Brasserie Paulista, Alcides Pertica, Luiz Levy, Carvalho Ramos & Cia., Silvestre Noschese, o boticário Gustavo Shaw, Falchi Gianini e Cia., Oppenheim e Cia., Pharmacia Faraut, Comp. Brazil Express – Messenger Company, Heydenreich & Irmãos, Bloch (Frères) e Cia., Cia. de Industria e Comercio Casa Tolle, Firma Guinle e Cia., Pharmacia Ipiranga, Enrique Paiva, Loja Marcondes Piratininga, Weissflog Irmãos & Cia., Luiz Médiçi, Baruel e Companhia, Casa Fretin, L. Grumbach & Cia, Casa “Ao Preço Fixo”, Guilherme Rathsam, Jorge Fuchs e Comp., entre outros menos conhecidos.

Defendemos a hipótese de que os comerciantes foram inquilinos e raramente proprietários das lojas e das moradias construídas nos andares superiores dos imóveis, ao menos no início das suas atividades. O descompasso entre o número de estabelecimentos divulgados nos *Almanaques* e aquele publicado nas listas de Imposto Predial ou nas permissões de construção (Série Obras Particulares do Arquivo Histórico de São Paulo) evidencia que os comerciantes – majoritariamente estrangeiros – não dispunham de capital para comprar ou construir, alugando de terceiros tanto as lojas como os apartamentos que estavam sendo edificadas no centro da cidade.

MORADIAS PERMANECEM NO CENTRO EM MEIO À PREDOMINÂNCIA DE IMÓVEIS DE USO MISTO PARA LOJAS E ESCRITÓRIOS: QUEM AS HABITA?

Nas novas edificações predominou a opção por programas vinculados ao comércio e aos serviços, mas as moradias subsistem no centro ao menos nas primeiras duas décadas do século XX. A propaganda imobiliária veiculada nos jornais corrobora essas afirmações. A pergunta é a quem se destinavam esses apartamentos situados em edifícios de uso misto, mesclando lojas no térreo a moradia nos andares superiores? Nossa hipótese é que não se destinavam às elites que partiram para os novos bairros residenciais nos subúrbios, mas aos comerciantes estrangeiros.

Habitados a morar no centro das cidades de onde vieram, junto de seus negócios, ao que tudo indica esses imigrantes de raiz urbana seguiram o mesmo padrão no Brasil (mantendo contíguos moradia e trabalho), na contramão da elite social e econômica local, que aderiu aos novos bairros exclusivamente residenciais. A nosso

ver, foram os estrangeiros majoritariamente os locatários tanto das lojas como de uma nova tipologia de apartamentos projetada no perímetro central, sobretudo a partir de 1902, nos edifícios de uso misto. Os projetos localizados no Arquivo Histórico de São Paulo – AHSP evidenciam a presença recorrente desse programa edilício, só não sabíamos a que público se destinava. Os comerciantes – em geral estrangeiros – foram, a nosso ver, na sua maioria inquilinos tanto das lojas como dos modernos apartamentos ainda não incorporados ao gosto da oligarquia e das camadas médias nacionais acostumadas a morar em moradias individuais.

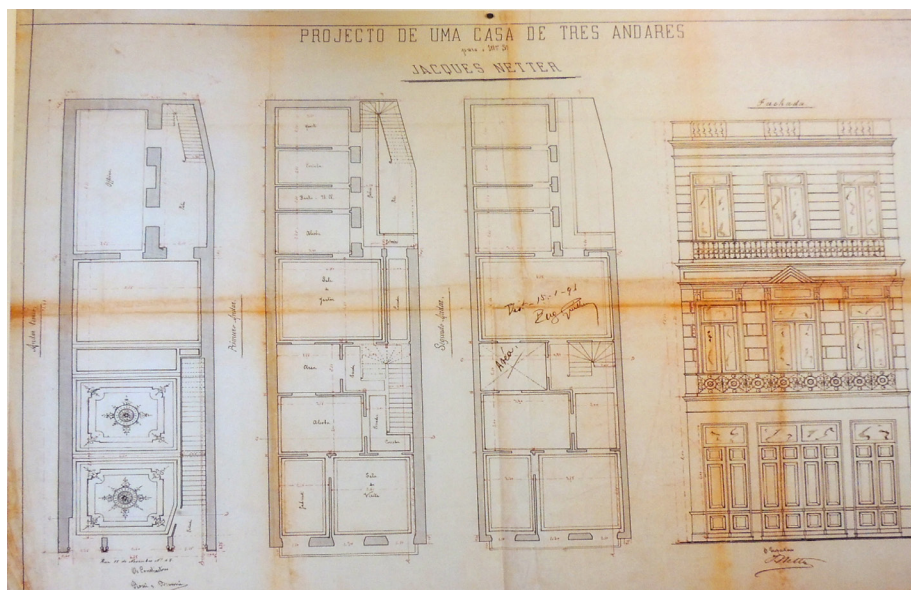


Figura 10 – Tipologia recorrente no centro de São Paulo, o projeto mescla comércio e moradia. Rua XV de Novembro. Série Obras Particulares, 1896. AHSP

A CIDADE CHEGA ÀS ALTURAS

A cidade verticaliza-se induzida pela legislação, que estimula o alteamento com isenções de impostos. Resultado visível do *boom* da cafeicultura e da imigração, as obras de matriz higienista de “embelezamento e melhoramentos urbanos” foram foco da administração dos primeiros prefeitos de São Paulo – Antônio Prado, Raimundo Duprat e Washington Luís. Na Primeira República (1889-1930) a burocracia municipal se aparatou para orquestrar o processo de transformação da cidade, sendo criadas as seções de “Obras e Viação” e de “Polícia e Higiene” para tanto. A Seção de Obras e Viação foi coordenada ao longo de 27 anos pelo engenheiro politécnico Victor da Silva Freire e, a partir de 1893, passou a exigir que as solicitações de pedidos para construção encaminhadas por particulares fossem acompanhadas por desenhos em planta, elevação e corte, que hoje integram a Série Obras Particulares do Arquivo

Histórico de São Paulo³⁰. O objetivo era verificar o cumprimento da legislação urbanística.

A legislação configurou um ideal de cidade, predominando certa homogeneidade de gabarito, à maneira da Paris haussmaniana. Enquanto o engenheiro politécnico Victor Freire esteve à frente da Diretoria de Obras da Prefeitura por 27 anos, o padrão imperou. O Código de Posturas de 1886 regulou as seguintes alturas para os edifícios: primeiro pavimento – 5 m; segundo pavimento – 4,88 m; terceiro pavimento – 4,56 m. Nesse sentido, um edifício de três pavimentos atingiria no máximo 17 m. Para os edifícios com mais andares, o primeiro pavimento deveria ter 5 m, o segundo 4,80 m e o terceiro 4,50 m. As paredes deveriam ter um acréscimo de 15 cm a cada andar, sendo no térreo a de maior espessura. Eram também permitidas sobrelojas com gabarito mínimo de 2,5 m do soalho ao forro. A análise dos projetos permite entrever que nem sempre as medidas foram seguidas ao pé da letra, embora sem grandes distorções.

No entanto, após os anos 1920 a cidade explodiu em altura, induzida por uma legislação urbanística que privilegiou as demandas de um mercado imobiliário cada vez mais aquecido, em resposta a uma cidade que não parava de crescer. O concreto armado permitiu a verticalização, e os arranha-céus *art déco* seguiram padrões nova-iorquinos. Entre as décadas de 1920 e 1940 vários despontaram na paisagem, especialmente nas áreas onde incidiram as novas operações urbanísticas. A altura tornou-se cada vez mais sinônimo de modernidade, e muitos proprietários não hesitaram em pôr abaixo seus imóveis ecléticos recém-construídos e substituí-los por outros mais altos, pois havia demanda.

30 Sistema de Registro, Controle e Acesso ao Acervo – Sirca do Arquivo Histórico Municipal “Washington Luís”, vinculado ao Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura. Disponível em: www.projetosirca.com.br

DATA

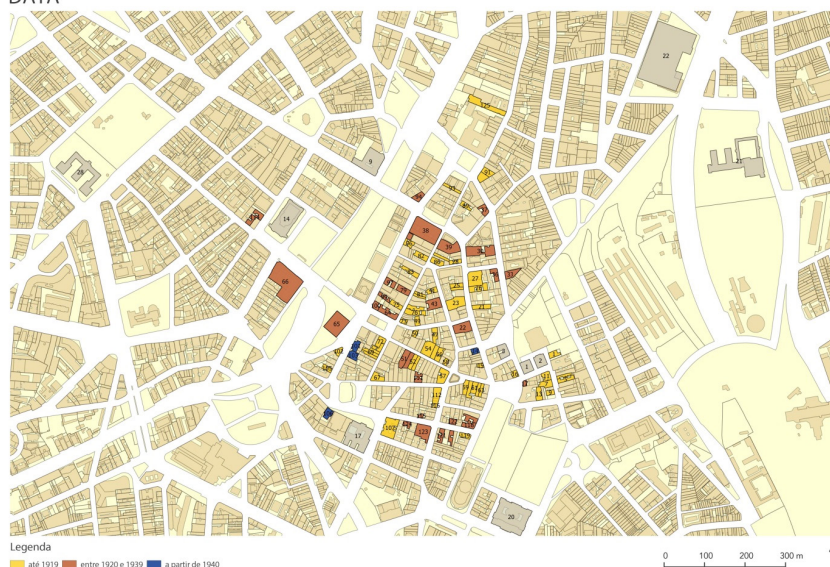


Figura 11 – Data das edificações: em amarelo, destacam-se os imóveis edificados antes de 1919; em vermelho, os construídos entre 1920 e 1939; e, em azul, os edificados a partir de 1940. Mapa Digital da Cidade (2004-2006) – Prefeitura do Município de São Paulo.

MATERIAL

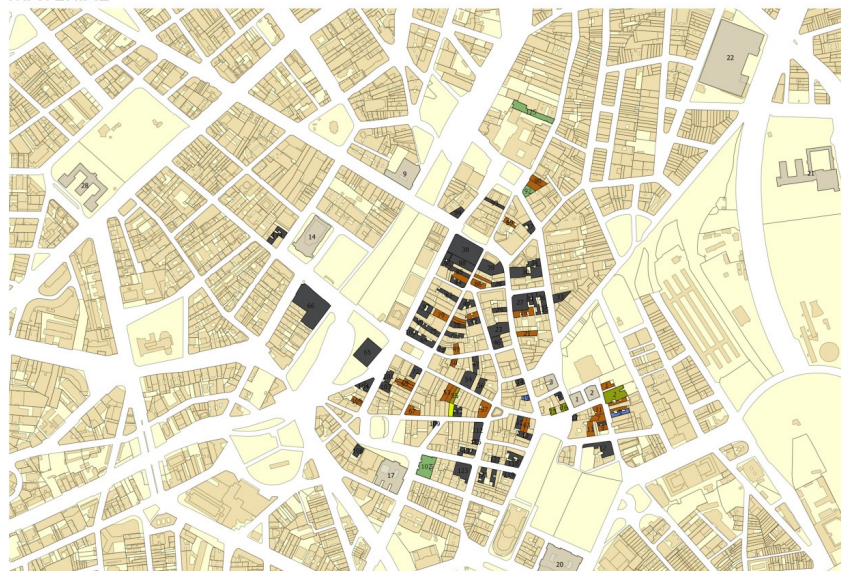


Figura 12 – Materiais, técnicas e sistemas construtivos: em preto, destacam-se os imóveis construídos de concreto e tijolo; em vermelho, os de estrutura de tijolo autoportante; em verde, os de tijolo e taipa. Mapa Digital da Cidade (2004-2006) – Prefeitura do Município de São Paulo

NÚMERO DE PAVIMENTOS

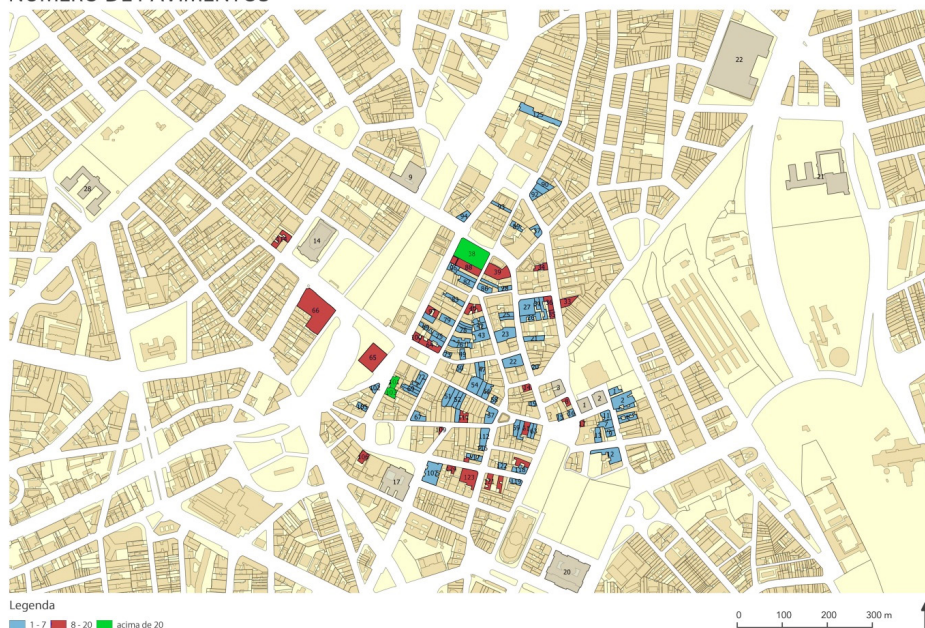


Figura 13 – Número de pavimentos: azul, 1-7 andares; vermelho, 8-20 andares; verde, acima de 20 andares. Os mais altos situam-se junto à Rua Libero Badaró, área fronteira ao Plano de Remodelação do Parque do Anhangabaú. Mapa Digital da Cidade (2004-2006) – Prefeitura do Município de São Paulo.

OS ARQUITETOS DO CENTRO

Os projetos arquitetônicos revelam os profissionais, na sua maioria estrangeiros ou brasileiros que estudaram no exterior num momento de institucionalização do ensino da arquitetura em São Paulo (a Escola Politécnica de São Paulo e o Mackenzie College datam somente da década de 1890). Raríssimos são os construtores não diplomados que assinaram projetos no centro. Os arquitetos deixaram *epígrafes* nas fachadas registradas no site Acervo Epigráfico Paulistano³¹.

Surpreende a ação empresarial do Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo,

31 ACERVO EPIGRÁFICO PAULISTANO. Projeto Paisagens tipográficas – a organização de um acervo das epígrafes arquitetônicas paulistanas. Pesquisa realizada por Ana Paula Gouveia (Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp), Priscila Farias (Centro Universitário Senac e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU da USP) e Patrícia Gatto (Centro Universitário Senac). Disponível em: <<http://www.iar.unicamp.br/lis/pat/index.htm>>.

Severo & Villares³², contratado pelo estado para assinar as principais obras públicas – Secretaria da Fazenda (1886-1891), Secretaria da Agricultura (1892-1896), antiga sede da Bolsa de Mercadorias (1933-1937), Quartel da Luz (1888-1892), Escola Normal (Caetano de Campos, 1892-1894), Teatro Municipal (1903-1911), Edifício dos Correios e Telégrafos (1920-1922), Palácio das Indústrias (1911-1924), Mercado Municipal (1922-1933), Palácio da Justiça (1920-1933), Faculdade de Direito (1933) – entre cerca de 4.000 outras para particulares em quase 100 anos de existência (1886-1980).

PRINCIPAIS ARQUITETOS

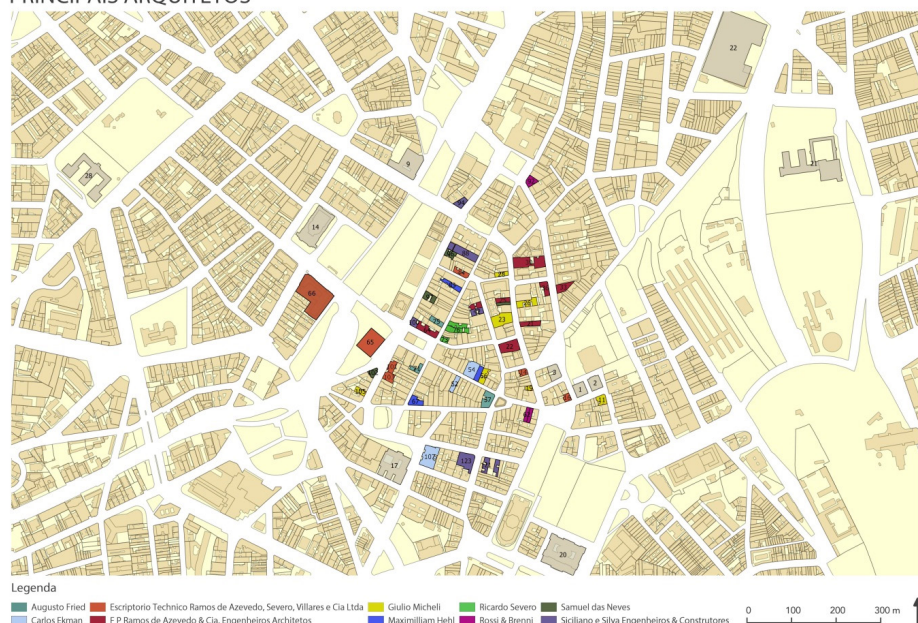


Figura 14 – Os principais arquitetos das 120 edificações eleitas para estudo regressivo: Ramos de Azevedo (vermelho); Ricardo Severo (verde); Max Hehl (azul cobalto); Carlos Ekman (azul-claro); Augusto Fried (azul-escuro); Giulio Michelli (amarelo); Samuel das Neves (verde-musgo); Siciliano e Silva (roxo). Mapa Digital da Cidade (2004-2006) – Prefeitura do Município de São Paulo

CONCLUSÃO

Como já dissemos, boa parte das renovações foi obra da iniciativa privada, no entanto, embora motivados pelos lucros prometidos por um mercado imobiliário aquecido, os

32 BUENO, Beatriz. *Escritório Ramos de Azevedo: a arquitetura e a cidade*. São Paulo: Centro Cultural Correios, 2015. (catálogo de exposição)

resultados foram, a nosso ver, de qualidade. Das 120 edificações estudadas, a maioria mantém-se bem, o que nos permite demonstrar a qualidade das construções mesmo atendendo ao mercado imobiliário.

Tratava-se de um excelente negócio para os proprietários construírem imóveis cada vez mais verticalizados e multifuncionais, pois havia demanda, mas as obras foram feitas com projetos assinados pelos melhores profissionais da época, edificados em conformidade com uma legislação urbanística e sanitária que zelava pela qualidade do produto (garantindo pé-direito generoso, aberturas fartas, materiais construtivos de primeira). Os memoriais e projetos arquitetônicos hoje reunidos na Série Obras Particulares do Arquivo Histórico de São Paulo alicerçam tais afirmações. O resultado hoje é um importante patrimônio em vias de dilapidação que resiste ao tempo galhardamente a despeito de tanto descaso. Resiste porque foi feito sólido mesmo no âmbito de um efervescente mercado imobiliário rentista.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

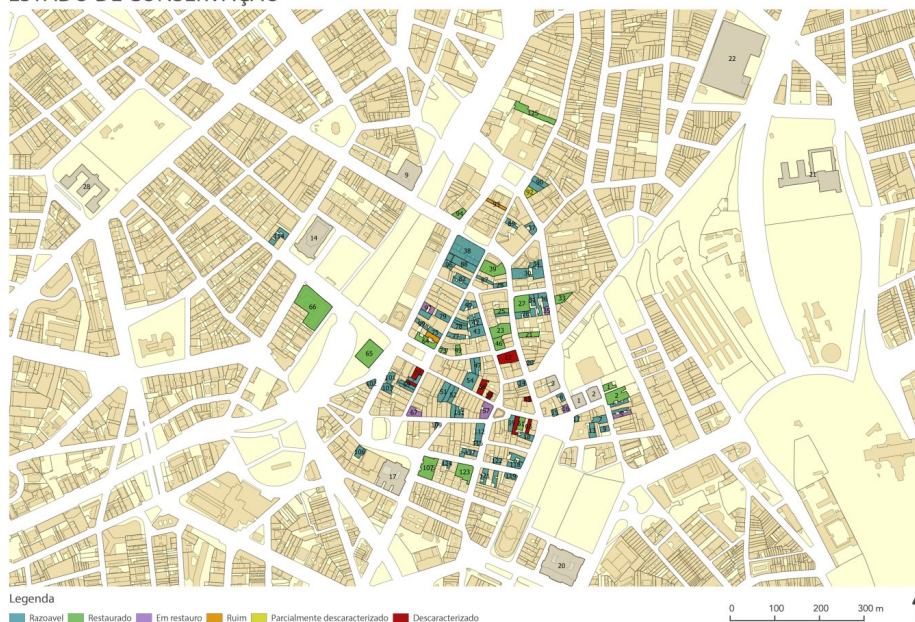


Figura 15 – Estado de conservação do conjunto de edificações eleitas para estudo regressivo: azul, razoável; verde, restaurada; roxo, em restauro; laranja, ruim; amarelo, parcialmente descaracterizada; vermelho, descaracterizada. Mapa Digital da Cidade (2004-2006) – Prefeitura do Município de São Paulo.

SOBRE A AUTORA

BEATRIZ PICCOLOTTO SIQUEIRA BUENO é professora do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU/USP.
E-mail: bpsbueno@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBUY, H. *A cidade-exposição*. Comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914. São Paulo: Edusp, 2006.
- _____. Seguindo Militão pelas ruas da cidade. In: FERNANDES JR., Rubens; BARBUY, Heloisa; FREHSE, Fraya. *Militão Augusto de Azevedo*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- BOUDON, F.; CHASTEL, A.; COUZY, H.; HAMON, F. *Système de l'architecture urbaine*. Le quartier des Halles a Paris. Paris: Éditions du CNRS, 1977. 2 v.
- BRAUDEL, F. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. (1a. ed., 1949). 5. ed. Paris: Armand Collin, 1982, 2v.
- _____. *Civilisation matérielle*. Economie et capitalisme, XVe-XVIIIe siècle. Paris: Armand Collin, 1979, 3 v.
- BRITO, M. S. *A participação da iniciativa privada na produção do espaço urbano*. São Paulo 1890-1911. São Paulo: FAU/USP, 2008.
- BUENO, B. P. S. Tecido Urbano e mercado imobiliário em São Paulo; metodologia de estudo com base na Décima Urbana de 1809. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, n.13, p. 49-99, 2005.
- _____. *Aspectos do mercado imobiliário em perspectiva histórica*. São Paulo, 1809-1950. São Paulo: FAU/USP, 2008.
- _____. *São Paulo: um novo olhar sobre a história*. A evolução do comércio de varejo e as transformações na vida urbana. São Paulo: Via das Artes, 2012.
- _____. *Escritório Ramos de Azevedo: a arquitetura e a cidade*. São Paulo: Centro Cultural Correios, 2015. (catálogo de exposição)
- CAMPOS, C. M. *Os rumos da cidade*. Urbanismo e modernização em São Paulo. São Paulo: Senac, 2002.
- GAUTHIEZ, B. & ZELLER, O. Lyons, the spatial analysis of a city in the 17th and 18th centuries. Locating and crossing data in a GIS built from written sources. In: RAU, S. & SCHÖNHERR, E. (Ed.). *Mapping spatial relations, their perceptions and dynamics, lecture notes in geoinformation and cartography*. Switzerland, Springer International Publishing, 2014.
- GLEZER, R. São Paulo, cem anos de perímetro urbano. *História* (São Paulo), v. 13, p. 155-166, 1994.
- LÉFÈVRE, J. E. *De beco a avenida*. A história da Rua S. Luiz. São Paulo: Edusp, 2006.
- LE GOFF, J. *O apogeu da cidade medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- REIS, N. G. Notas sobre a evolução dos estudos de história da urbanização e do urbanismo. *Cadernos de Pesquisa do LAP*, n. 29, 1999.
- ROLNIK, R. *A cidade e a lei*. Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel/ Fapesp, 1998.

- SANTOS, M. *Por uma geografia nova*. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008 (1ª ed. 1978).
- SANTOS, M. *A natureza do espaço*. Técnica e tempo. Razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008 (1ª ed. 1996).
- SALERNO, L.; SPEZZAFERRO, L.; TAFURI, M. *Via Giulia: una utopia urbanística del 500*. Roma: Casa Editrice Stabilimento Aristide Staderini SPA, 1973.
- SCHLERETH, T. *Cultural history & material culture: everyday life, landscapes, museums*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1992.
- TOLEDO, B. L. de. *São Paulo: três cidades em um século*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

Cartografia digital geo-histórica: mobilidade urbana de São Paulo de 1877 a 1930

[*Geo-historical digital cartography: the urban mobility of São Paulo from 1877 to 1930*]

Fernanda Padovesi Fonseca¹

Eduardo Duttenkefer²

Luciano Zoboli³

Jaime Tadeu Oliva⁴

RESUMO • No campo de uma cartografia digital geo-histórica o artigo apresenta mapas inéditos sobre a mobilidade urbana da cidade de São Paulo, produzidos no âmbito de pesquisa coletiva, relativos ao período entre 1877 e 1930. Em termos de metodologias, o destaque é para a aplicação do *georreferenciamento relativo* de mapas históricos passando pela vetorização de alguns elementos escolhidos, para, a seguir, trabalhar com uma cartografia analítica transformacional. Esses mapas em sua diversidade de métodos de representação podem permitir novos olhares sobre a mobilidade da cidade de São Paulo e seus reflexos no quadro interacional da cidade. Algo que se procurou fazer no artigo mobilizando também algumas referências teóricas para avaliar esse elemento-chave (o quadro interacional) para a constituição da cidade e de sua sociedade urbana. • **PALAVRAS-CHAVE** • Geo-história; cartografia digital; georreferenciamento relativo; ur-

banidade; mobilidade urbana. • **ABSTRACT** • In a geohistorical digital cartography field, this paper introduces unpublished charts about urban travel in São Paulo city, once produced as part of collective research, related to the period after 1877 until 1930. In terms of methodology, it stands out the relative georeferencing of historical maps enforcement and vectorization of a few selected elements as well, to deal, subsequently, with an analytical and transformational cartography. Those charts, in its diversity of representation methods, may enable new perspectives about urban travel in São Paulo city and its repercussions in city interactional framework. This article also sought to bring some theoretical references for assessing this key component – the city international framework – in favour of the town establishment and its urban society. • **KEYWORDS** • Geo-historical; digital cartography; georeferencing relative; urbanity; urban mobility

Recebido em 1^a de julho de 2016

Aprovado em 26 de julho de 2016

FONSECA, Fernanda Padovesi; DUTENKEFER, Eduardo; ZOBOLI, Luciano; OLIVA, Jaime Tadeu. Cartografia digital geo-histórica: uma avaliação da mobilidade urbana de São Paulo no final do século XIX e início do século XX. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 64, p. 131-166, ago. 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p131-166>

1 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

2 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

3 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

4 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

INTRODUÇÃO

Avaliar uma realidade urbana usando uma base empírica constituída por mapas históricos com o acréscimo de uma cartografia digital geo-histórica é um bom ponto de partida para estudar a dinâmica de uma cidade, mas não basta. É bom alertar, pois a euforia com os recursos tecnológicos pode superdimensioná-los, dando-lhes asas de teoria. É óbvio que os novos recursos tecnológicos no campo da cartografia digital são preciosos para uma pesquisa. Todavia, os resultados de uma interpretação pouco valeriam sem a operação de “ferramentas” teóricas. Por isso, ao se estudar uma cidade, a concepção que contextualiza teoricamente o objeto deve ser enunciada primeiramente para que as avaliações sejam bem controladas.

Cidades são realidades que, embora tenham na sua dimensão espacial um dos seus elementos fundantes, não são comumente conceituadas desse ponto de vista. Cidade se define pela gestão da distância geográfica⁵ dos componentes da vida social. Sua realidade caracteriza-se pela presença de elementos materiais e imateriais numa proximidade que tende a zero, sendo, portanto, um fenômeno de concentração de populações, de atividades, de edificações etc. Trata-se de um lugar que pode maximizar e diversificar as interações sociais⁶.

Os atos de relacionar-se e coexistir são as condições universais e fundamento do ser social. Intensificar essas relações com um grau elevado de diversidade é algo que a ocorrência das cidades favoreceu e tornou exponencial [...]. A coexistência permite à

5 Distância geográfica é muito mais que distância em metros, trata-se de uma realidade de grande complexidade.

6 LÉVY, Jacques. *Le tournant géographique – penser l’espace pour lire le monde*. Paris: Belin, 1999. 400 p. (Mappemonde 8). Ver também: LÉVY, Jacques. Ville. In: LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel (Org.). *Dictionnaire de la géographie et de l’espace des sociétés*. Paris: Belin, 2003, p. 989.

cidade ser o lugar do encontro da diferença, o que abre as chances para que se supere, ao menos em parte, as segregações sociais e econômicas, culturais e étnicas⁷.

Historicamente, a despeito da enorme diversidade existente entre as cidades, elas impulsionaram e revolucionaram as artes, as ciências, as filosofias etc. O historiador Fernand Braudel tematiza esse largo espectro histórico de vocação interacional das cidades: “cidades existem desde a Pré-História. São estruturas multisseculares que fazem parte da vida comum. Mas são também multiplicadores, capazes não só de se adaptarem à mudança, como de contribuir poderosamente para ela”⁸.

Se o testemunho de Braudel afirma a cidade como espaço de transformações, nas cidades contemporâneas isso é inegável. Conforme Olivier Mongin, a cidade é uma “multiplicadora de relações, aceleradora de trocas”⁹. A generalização contemporânea das cidades em escalas inimagináveis nos habituou a considerar um “mundo urbano” como elemento central da realidade atual. Fenômenos de importância para a compreensão da atualidade se relacionam com esse mundo urbano: coespacialidade¹⁰ propiciada pela abundância telecomunicacional; questões de mobilidade que alargam (ou não) nossos contextos relacionais; comutadores espaciais, como aeroportos, parques temáticos, shopping centers; segregação social crescente; urbanidade¹¹ como valor alternativo e de resistência às tendências sociais reificantes etc.¹².

Certamente essa complexidade do mundo urbano resulta de várias transformações evolutivas, de rupturas e de processos criativos de longa gestação. Tal é a importância das realidades urbanas, que reconstituí-las em sua dinâmica é tarefa capital.

GEO-HISTÓRIA: UM OLHAR RETROSPECTIVO

As elaborações que seguem se inserem nos estudos históricos do mundo urbano, dando essencialidade à questão espacial. Para tal, um recurso teórico de proa disponível é a geo-história¹³ aplicada às cidades. O olhar geo-histórico descreve e

7 OLIVA, Jaime Tadeu. A cidade como ator social: a força da urbanidade. In: ALESSANDRI CARLOS, Ana Fani; LEMOS, Amália Inês Geraiges (Org.). *Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 73-80. p. 74.

8 BRAUDEL, Fernand. *A dinâmica do capitalismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 22.

9 MONGIN, Olivier. *A condição urbana: a cidade na era da globalização*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, p. 29.

10 Espaços conectados, multiescalares, numa mesma relação.

11 Urbanidade é a realização do caráter interacional da cidade. Cidades com urbanidade favorecem uma integração maior dos grupos sociais, dispõem os recursos urbanos de modo mais acessível aos membros da sociedade, tornando-se mais produtivas e criativas no conjunto da vida social. Cidades mais compactas, densas e diversas se coadunam mais com a urbanidade.

12 LUSSAULT, Michel. *L’homme spatial: la construction sociale de l’espace humain*. Paris: Seuil, 2007.

13 GRATALOU, Christian. Géohistoire. In: LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel (Org.). *Dictionnaire de la géographie et de l’espace des sociétés*. Paris: Belin, 2003, p. 401.

interpreta os períodos históricos de uma cidade tendo como centro a organização espacial produzida. Desse modo, condições espaciais pretéritas são apreendidas como um “estudo geográfico de processos históricos”¹⁴.

Descrever e interpretar a organização espacial de uma cidade tem nos diversos recursos de representação bons aliados metodológicos. Aqui irá se expor interpretações derivadas de um “saber visual” muito desenvolvido nas cidades, que é o mapa¹⁵. Para isso, mobilizaram-se mapas históricos e produziram-se outros com o objetivo de resgatar a dinâmica dos transportes e como essa última participou na configuração de uma cidade na virada do século XIX para o século XX, no caso São Paulo.

Uma questão com a qual se deparou foi a que os mapas históricos de São Paulo representam repetidamente as estruturas físicas fixas do local e dão “pouca vazão” para os elementos dinâmicos que estão modificando a cidade de forma importante. E justo num momento em que a cidade estava vivendo um crescimento demográfico exponencial, passando de 31.385 (1872) para 579.033 habitantes (1920)¹⁶.

Na verdade, havia (e há) uma *naturalização* da representação dos elementos fixos da paisagem num espaço cartográfico, visto como espaço absoluto. Porém, a cartografia não deve ficar limitada à essa base. Uma tomada de posição é a de não identificar o espaço absoluto ao espaço geográfico. A ideia é que a apreensão social de espaço não se separa das formas sociais que se adotam para medi-lo. Por isso, um dos componentes elementares do espaço é a métrica¹⁷. No caso da cartografia com base no espaço absoluto, a métrica é a euclidiana. Outras métricas pressupõem uma abertura para a concepção de *espaço relativo*, fronteira para a cartografia explorar¹⁸.

Mesmo com fundo absoluto, mapas podem ser mais socializados. Isso é necessário para a revelação das dinâmicas sociais que têm maior poder heurístico para a interpretação das cidades. Mas, se acrescermos a esse repertório mapas com outras métricas, o potencial heurístico aumentará de forma importante. A geo-história pode, então, lançar mão de algumas possibilidades novas em seus estudos retrospectivos. Trata-se de recursos digitais aplicados à cartografia. Um exemplo precursor foi realizado pelo historiador Bernard Lepetit em parceria com os geógrafos Colette Cauvin e Henry Raymond. Num trabalho de 1987, novas metodologias estatísticas

14 Ibidem.

15 HARLEY, John Brian. A nova história da cartografia. *O Correio da Unesco* (mapas e cartógrafos), Brasil, ano 19, n. 8, ago. 1991, p. 4-9. p. 5.

16 PREFEITURA DE SÃO PAULO. Histórico demográfico do município de São Paulo. – Tabelas. Disponível em: <http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas.php>. Acesso em: 20 jun. 2016.

17 LÉVY, Jacques. Métrique. In: LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel (Org.). *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Belin, 2003, p. 607-609. Outros elementos são: a substância, que define o tipo de distância que corresponde a um dado fenômeno, e a escala, que define os limites de descontinuidade na medida das distâncias.

18 FONSECA, Fernanda Padovesi. A inflexibilidade do espaço cartográfico, uma questão para a geografia: análise das discussões sobre o papel da cartografia. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH da Universidade de São Paulo – USP, 2004, p. 40.

e cartográficas processadas em computador reconstruíram a organização do *espaço funcional postal francês* de meados do século XVIII¹⁹.

Isso considerado, o objetivo do artigo foi buscar algo da dinâmica da cidade e exercitar novas formas de representação, onde o mapa trabalha também com fundos de métricas não euclidianas. Escolheu-se representar o sistema de meios de transportes da cidade no período estudado. Para tanto, mobilizaram-se as metodologias da cartografia digital.

CARTOGRAFIA DIGITAL (OU COMPUTACIONAL)

A expressão *cartografia digital* aglutina elementos relacionados às práticas cartográficas que utilizam a computação. Em francês há um termo que é mais abrangente, mas que engloba essa cartografia: *géomatique*²⁰. Para Guermond²¹, a geomática designa a análise de dados espaciais, onde o computador desempenha papel-chave nos procedimentos de pesquisas. O autor alerta que esse termo engloba o Sistema de Informações Geográficas (SIG), a utilização do GPS (Global Positioning System) e *softwares* diversos.

Nos anos 1960 a revolução quantitativa na geografia foi terreno fértil para a experimentação de técnicas computacionais na análise espacial. O geógrafo Waldo Tobler²² relata que nessa época, na Universidade de Washington, ele já usava métodos quantitativos, com apoio de computadores. Na Universidade de Michigan (1961) deparou-se com uma cartografia manual. Formulou então um curso de cartografia:

[...] o meu curso foi uma tentativa de formalizar a noção de que métodos cartográficos eram usados com frequência por geógrafos em suas análises e investigações. Daí o nome “Cartografia Analítica”, muito embora o curso começasse como “Cartografia Computacional”²³.

Daí em diante, esse desenvolvimento se acelerou, e os cartógrafos passaram a empregar, em seus trabalhos, o computador. Colette Cauvin denomina essas práticas como *cartografia analítica transformacional*²⁴. Essa cartografia foi iniciada por Tobler em 1961 e desenvolvida por K. Clarke em 1990, nos EUA e na França, por

19 CAUVIN, Colette; LEPETIT, Bernard; REYMOND, Henry. Cartes postales: un espace de relation dans la France pré-industrielle. *Histoire & mesure*, v. 2, n. 3-4, 1987, p. 89-113. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hism_0982-1783_1987_num_2_3_1327>. Acesso em: 20 jun. 2016.

20 Em português, geomática; em inglês, *geomatics*.

21 GUERMOND, Yves. Géomatique. In: LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel (Org.). *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Belin, 2003, p. 402.

22 TOBLER, Waldo. The development of analytical cartography: a personal note. Disponível em: <<http://www.geog.ucs.edu/~kclarke/Geography128/Tobler2000.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

23 Ibidem, p. 1 (tradução nossa).

24 CAUVIN, Colette; ESCOBAR, F.; SERRADJ, A. *Cartographie thématique* 1. Paris: Lavoisier, 2007.

Sylvie Rimbert e pela própria Colette Cauvin. As possibilidades técnicas são várias: processar pacotes volumosos de dados, gerar diversas visualizações das relações entre os objetos e os dados espacializados, aplicando métodos de produção impossíveis de serem realizados manualmente. Pode-se, testar diversas transformações²⁵ que vão operar como suportes para as análises geográficas, daí a designação *cartografia analítica transformacional*.

Assim, com os recursos teóricos de apreensão das cidades e da geo-história somados àqueles da cartografia digital, empreendeu-se um estudo sobre a cidade de São Paulo entre 1877 e 1930, dando relevo à questão da mobilidade urbana.

METODOLOGIA NA AVALIAÇÃO DA MOBILIDADE DE SÃO PAULO

No que diz respeito à mobilidade urbana foram tratados em particular as redes de bondes por tração animal, de bondes elétricos, assim como o que havia de rede ferroviária, o que inclui as linhas dos chamados *tramways*²⁶. Seguem os procedimentos.

Seleção dos mapas históricos

Para este fazer geo-histórico mobilizou-se um mapeamento do município de São Paulo de 1930, feito no âmbito de projeto executado pela empresa italiana Sara²⁷. Trata-se de um mosaico de cartas que foi trabalhado com SIG, utilizando especificamente o *software* ArcGis 9.3²⁸. O mosaico do Sara²⁹ tem 58 cartas na escala de 1:1.000 (figura 1) e 67 cartas na escala de 1:5.000 (figura 2). Os dois mosaicos estão em formato matricial e referenciados em sistema geodésico atual e Datum SAD69, fuso 23 S³⁰.

25 Por exemplo: transformação dos localizantes; generalização e mudança da projeção cartográfica; transformação cartográfica de posição (anamorfose); transformação semiótica com base na semiologia gráfica etc. Ver: DUTENKEFER, Eduardo. Representações do espaço geográfico: mapas dasimétricos, anamorfoses e modelização gráfica. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH da Universidade de São Paulo – USP, 2010.

26 O que é denominado bonde nas cidades brasileiras corresponde ao tramway em inglês. No entanto, as linhas de *tramways* existentes no período (Cantareira e Santo Amaro) eram linhas de trem, com locomotiva e vagões.

27 Società Anonima Rilevamenti Aerofotogrammetrici.

28 Da empresa Environmental Systems Research Institute (Esri).

29 Mosaico cedido ao Departamento de Geografia da FFLCH, disponível no Laboratório de Cartografia e Geoprocessamento André Libault, pela Procuradoria do Patrimônio Imobiliário, órgão da Procuradoria Geral do Estado de São Paulo.

30 Eles foram georreferenciados pela Sulsoft (www.sulsoft.com.br), que desenvolveu uma rotina em IDL (Interactive Data Language). Disponível em: <<http://www.sulsoft.com.br/idl/index.php?link=index>>. Acesso em: 21 nov. 2013.

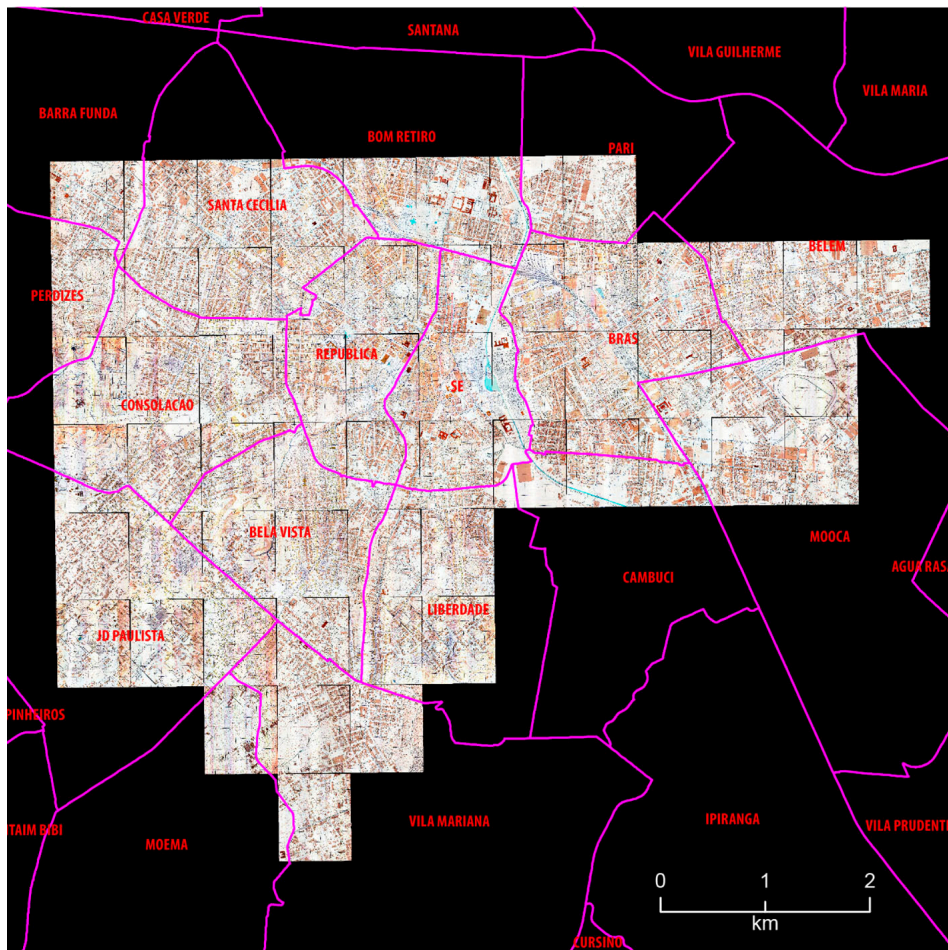


Figura 1 – Mosaico do Sara 1930 com as 58 cartas de escala 1:1.000. Representa também os limites dos atuais distritos do município de São Paulo

- 3) *Planta da capital do estado de S. Paulo e seus arrabaldes*, de Jules Martin (1890)³³;
- 4) *Planta geral da capital de São Paulo*, de Gomes Cardim (1897)³⁴;
- 5) *Planta geral da cidade de São Paulo*, de Alexandre Mariano Cococi e Luís Fructoso e Costa (1905)³⁵;
- 6) *Planta geral da cidade de São Paulo*, da Comissão Geographica e Geologica (1914)³⁶.

Essas representações viabilizam um olhar sequencial sobre a dinâmica da cidade, sobretudo no que diz respeito à configuração territorial paulistana, mas também vai possibilitar o olhar sequencial sobre a infraestrutura de transportes. Buscou-se “introduzir” nos mapas um aporte tecnológico com o intuito de criar um banco de dados integrado para as comparações dos mapas históricos da cidade no SIG.

O georreferenciamento relativo dos mapas de São Paulo

Para o georreferenciamento dos mapas históricos utilizou-se a metodologia proposta por Eduardo Duttenkefer³⁷, que busca apreender os mesmos objetos espaciais com as mesmas relações visuais de distância existentes nos mapas originais. Trata-se do denominado *georreferenciamento relativo*. Esse nome faz alusão à concepção de espaço geográfico como espaço relativo³⁸. Essa metodologia difere daquela que é orientada principalmente pela busca da precisão cartográfica e que tem como base a lógica geométrica do espaço absoluto. Nesse último caso, o georreferenciamento é uma forma de corrigir os “erros” de localização dos mapas históricos, tudo segundo uma verdade topográfica atual. Caso o mapa antigo seja colocado nessa grade corrigida, os elementos representados deixarão de ter a mesma relação de distância.

33 Ibidem. Disponível em: <<http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1890.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

34 Ibidem. Disponível em: <<http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1897.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

35 PREFEITURA DE SÃO PAULO. Histórico demográfico do município de São Paulo. Disponível em: <http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1905.jpg>.

36 COMISSÃO GEOGRAPHICA E GEOLOGICA. *Planta geral da cidade de São Paulo. Memória urbana: a Grande São Paulo até 1940*. São Paulo: Arquivo do Estado, Emplasa, Imprensa Oficial, 2001, v. 3. 76 x 62,64 cm. Escala: 1:20.000.

37 Ver: DUTENKEFER, Eduardo. *Metodologia para um saber e um fazer geo-histórico: análise de espacialidades pretéritas utilizando instrumentos computacionais*, 2014 (mimeo.)

38 Na tradição filosófica as concepções de espaço podem ser resumidas por uma oposição entre *absoluto*/relativo. Espaço absoluto diz respeito à existência de um postulado (o de absoluto) no qual se afirma a existência do espaço independentemente das realidades que nele se desdobram. Se o espaço é, ao contrário, relativo, ele depende na sua própria realidade dos objetos que ali se encontram. A metáfora conteúdo/continente perde sua pertinência. Para Leibniz, os objetos espacializados entram, por meio de suas relações, na construção do espaço. A concepção de espaço relativo é a base essencial para a formulação teórica do espaço social, e para a renovação da geografia. Só desse ponto de vista pode-se falar em produção do espaço pela sociedade, ou pode-se afirmar o espaço como um ingrediente interno da dinâmica social. Ver: LÉVY, Jacques; LUSSAULT, M. *Espace*. In: LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel (Org.). *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Belin, 2003, p. 325-333.

No *georreferenciamento relativo*, ao contrário, será mantida a integridade do mapa. O que era mais perto ou mais longe num mapa histórico não reflete necessariamente um erro de precisão³⁹, já que outras razões podem estar operando. Não é improvável que alguns objetos tenham sido colocados mais próximos entre si (sem referência à distância euclidiana) em razão de um maior número de relações, ou mesmo de um desejo de mostrar um dado elemento mais integrado à cidade. Algo assim seria um meio de mostrar de forma mais fiel a lógica geográfica das cidades⁴⁰.

Por isso, no *georreferenciamento relativo* o empenho é manter as relações originais do mapa antigo. Mesmo mantendo o respeito ao mapa original é possível e útil a realização do *georreferenciamento*. Com esse instrumento tecnológico vai se gerar uma grade espacial euclidiana que permitirá diversas outras operações, assim como o controle do posicionamento original em relação a essa grade (os deslocamentos).

O *georreferenciamento relativo* foi executado com o *software* MapAnalyst⁴¹. As ferramentas do MapAnalyst fornecem dados de escala, ângulo de rotação e alguns indicadores estatísticos que permitem um exercício de comparação de mapas de diferentes períodos de um dado lugar⁴². No caso, o trabalho foi direcionado para estabelecer a comparação dos mapas por meio de pontos de controle (*Linked Points*). Os procedimentos foram os que seguem:

1) A comparação inicia-se no MapAnalyst cotejando o mapa sem referenciais geodésicos com um mapa *georreferenciado*. Para determinar os *Linked Points* dos mapas históricos de São Paulo (*Old Maps*), o cotejo de referência foi com os mosaicos Sara (*New Reference Maps*). As cartas na escala 1:1.000 referenciaram os mapas de 1877, 1881 e 1890, e as cartas na escala 1:5.000 os mapas de 1897, 1905 e 1914.

39 A própria ideia de erro é relativa, pois a busca da precisão pelos elaboradores originais estava condicionada pelo contexto das técnicas e das formas de medir da época.

40 Um célebre caso de uso deliberado de distâncias alteradas em relação ao fundo euclidiano é o mapa do metrô de Londres (paradigma de mapas de metrô do mundo). Antes, o mapa do metrô de Londres exprimia as distâncias absolutas e com isso dava a impressão de áreas da cidade desintegradas do conjunto, o que de fato não era real visto que o metrô realizava a integração. O mapa moderno do metrô de Harry Beck altera essa lógica dando ênfase às conexões, uniformizando as distâncias entre as estações. Com isso as distâncias são medidas conforme o número de estações e as conexões da rede, o que é de fato um modo muito mais real de medir distâncias numa estrutura reticular. Ver: ELLIMAN, Paul. Signal Failure. In: ABRAMS, Janet; HALL, Peter (Ed.). *Else/where: mapping new cartographies of networks and territories*. Minneapolis: University of Minnesota Press, MN, 2006, p. 166-175.

41 MapAnalyst. The map historian's tool for the analysis of old maps. Disponível em: <<http://mapanalyst.org>>. Acesso em: 8 jan. 2012.

42 JENNY, Bernhard; WEBER, Adrian; HUERNI, Lorenz. Visualizing the planimetric accuracy of historical maps with MapAnalyst. *Cartographica: The International Journal for Geographic Information and Geovisualization*, v. 42, issue 1, 2007, p. 89-94.

2) Estabeleceram-se os pontos de controle⁴³ pela comparação de quadras, ruas e cruzamentos presentes tanto no *Old Map* quanto no *New Reference Map*. A distribuição dos pontos procurou abranger várias áreas dos mapas para ter um número grande de pontos homólogos por toda a representação. A figura 3 mostra uma tela do aplicativo MapAnalyst com um mapa histórico (*Old Map*) e o Sara (*New Reference Map*).

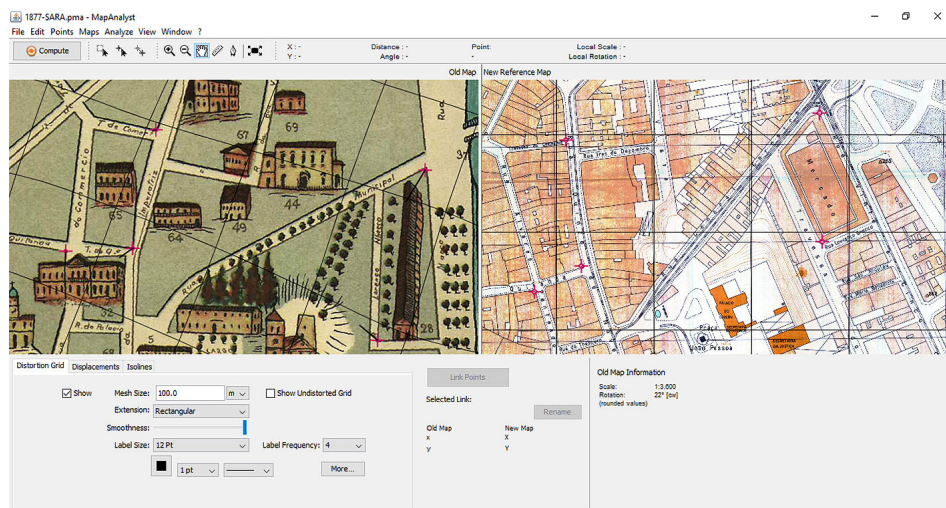


Figura 3 – À esquerda, o mapa histórico de 1877; à direita, o Sara 1930 (ambas as telas são referentes às mesmas áreas)

3) Os mapas históricos, ao serem georreferenciados no ArcGis 9.3, explicitaram seus indicadores de distorção (*Distortion Drid*) e os vetores de deslocamento entre os pontos homólogos (pontos de controle na base do *New Reference Map*) exportados no formato *shapefile* (.shp).

4) No ArcGis 9.3 a grade de distorção e os vetores de deslocamento do Sara vão ser as referências para o georreferenciamento dos mapas históricos anteriores ao Sara. No caso, a “ponta do vetor de deslocamento” é o ponto homólogo no mapa histórico. Esses “pontos” são usados como pontos de controle para georreferenciar, de modo relativo, o mapa antigo. Esse procedimento, apesar de não ser usual, de certo modo não sendo previsto na análise dos mapas antigos no MapAnalyst, mostrou-se pertinente como meio para não perder as características originais do mapa histórico.

5) Após o *georreferenciamento relativo* conseguiu-se relacionar diferentes mapas

43 Foram utilizados: 90 pontos de controle para a representação de 1877; 94 para a de 1881; 52 para a de 1890; 93 para a de 1897; 124 para a de 1905; e 133 pontos para a de 1914. A quantidade de pontos foi determinada de acordo com a escala da representação e com as possibilidades de comparação entre o *Old Map* e o *New Reference Map*.

para o trabalho de vetorização⁴⁴ e também se construiu um banco de dados de cada representação.

6) Com os mapas georreferenciados, selecionaram-se os elementos para a investigação da rede de transportes. Para uma boa sistematização do que seria vetorizado, utilizou-se como estratégia a separação por grupos de análise. Assim, o primeiro grupo foi constituído pelos mapas de 1877, 1881 e 1890; o segundo grupo incluiu os de 1897, 1905 e 1914. Por último, alguns elementos da base cartográfica do Sara também foram vetorizados, o que na verdade se constituiu no terceiro grupo⁴⁵.

7) Em relação ao *primeiro grupo* tratou-se temas referentes ao perímetro de representação da cidade e aos transportes. No primeiro item, houve um esforço em duas frentes: a primeira diz respeito à interpretação sobre a cidade daqueles mapas, na qual se estabeleceu uma diferenciação entre a forma mais consolidada da cidade e as áreas em consolidação, assinalando também os vetores de expansão da cidade; já na segunda frente se utilizou uma vetorização sobre elementos presentes naquelas representações, onde se mobilizou a figura dos rios (e das várzeas) enquanto elementos naturais predominantes na paisagem e no cotidiano daquela São Paulo. No segundo item, a preocupação foi reforçar a representação dos transportes da época, representando os bondes movidos por tração animal (no mapa de 1877), as ferrovias e suas estações (presentes nos mapas de 1877, 1881 e 1890).

8) Já no *segundo grupo* destaca-se um recorte mais amplo dos mapas, trabalhando com áreas para além da área central da cidade. Priorizou-se a questão da rede de transporte da época: no primeiro mapa do lote (1897) vetorizou-se a rede de linhas de bondes por tração animal da Companhia Viação Paulista reconstruindo os percursos a partir de fonte bibliográfica⁴⁶; no segundo e terceiro mapas (1905 e 1914) as linhas de bondes elétricos da Light foram vetorizadas também com fonte bibliográfica⁴⁷. Em todos os mapas também foram vetorizadas as ferrovias e os *tramways*, informações presentes nos mapas históricos.

9) Em relação ao Sara (*terceiro grupo*) foram vetorizadas as redes de bonde, ferrovias e estações. Todas essas informações se encontravam nesse mapeamento, que é bastante completo. Posteriormente, todas essas informações vetorizadas foram confrontadas com fontes bibliográficas.

44 Vetorizar é transformar arquivos digitalizados em formato *raster* (matricial) em arquivos vetoriais matemáticos do tipo ponto, linha e polígono.

45 A tese de doutorado de Iara Sakitani Kako (*O papel dos trilhos na estruturação territorial da cidade de São Paulo de 1867 a 1930*. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLC da Universidade de São Paulo – USP, 2013) foi referência na escolha de alguns elementos a serem vetorizados. Mas diferenças de metodologia e de interpretação dos mapas suscitaram a escolha de outros elementos e um processo de vetorização feito para além das informações presentes nas plantas, utilizando-se para tal de fonte bibliográfica.

46 PINTO, Alfredo Moreira. *A cidade de São Paulo em 1900*. São Paulo: Governo do Estado, 1979.

47 STIEL, Waldemar Correa. *História dos transportes coletivos em São Paulo*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.

10) Por fim, chegou-se à geração de uma cartografia digital geo-histórica com acabamento com *softwares* tipo Inkscape⁴⁸.

Os resultados desse *georreferenciamento relativo* serão analisados no próximo segmento.

AVALIAÇÃO DOS MAPAS DIGITAIS GEO-HISTÓRICOS

A avaliação da rede de bondes no período entre 1877 e 1930 revela quais foram as mudanças decisivas, não somente para uma avaliação da mobilidade da cidade, mas para entender a conformação da cidade incluindo as novas áreas de produção do espaço urbano. Quer dizer: pode-se partir desse aspecto para uma interpretação geral da cidade, visto a importância da mobilidade no quadro interacional das realidades urbanas.

Os primeiros mapas feitos sobre os transportes tiveram como referência construtiva a coleção de mapas históricos de São Paulo do primeiro grupo (1877, 1881 e 1890) e também a tese de Iara Sakitani Kako⁴⁹. A cidade nesse período vivia uma grande mudança. Esse período foi designado como a “segunda fundação de São Paulo”⁵⁰ graças a uma série de condições políticas, econômicas e sociais que culminaram num grande crescimento populacional. As áreas que os mapas representavam correspondiam a um espaço urbano restrito referente à ocupação colonial, praticamente toda concentrada na “colina histórica” (e no “triângulo histórico”)⁵¹.

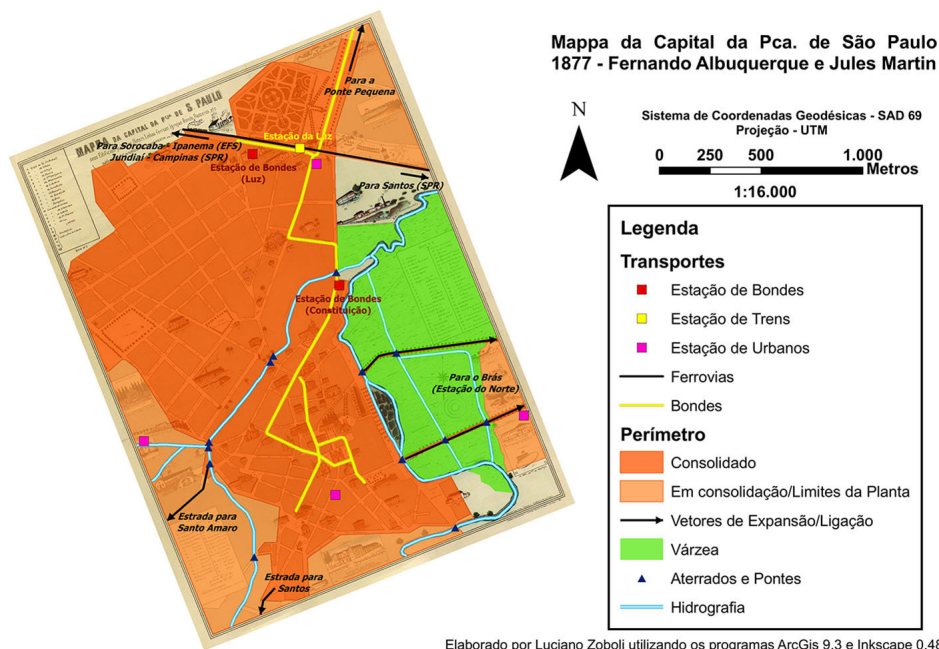
Os novos mapas foram construídos a partir de elementos selecionados e reinterpretados dos mapas antigos, ou introduzidos de outras fontes, que em seguida foram vetorizados e aplicados formando uma nova “camada” sobre o mapa antigo. Esses novos mapas estão elencados nas figuras 4, 5 e 6.

48 *Software* para edição de gráficos vetoriais de código aberto disponível em: <<https://inkscape.org/pt/>>

49 KAKO, Iara Sakitani, op. cit.

50 PAULA, E. S. de. A segunda fundação de São Paulo. Da pequena cidade à grande metrópole de hoje. *Revista de História* – USP n. 17, 1954, p. 167-179.

51 O marco de fundação da cidade de São Paulo e o espaço urbano que se estrutura a seguir se dispõem numa colina que se ergue entre os vales do rio Tamanduateí e o do córrego Anhangabaú. Nessa “colina histórica”, instalaram-se conventos das ordens religiosas dos carmelitas, dos beneditinos e dos franciscanos em suas bordas, e esses polos foram vistos como vértices de um triângulo urbano que se estruturou na colina: o “triângulo histórico”.



Elaborado por Luciano Zoboli utilizando os programas ArcGis 9.3 e Inkscape 0.48

Figura 4 – São Paulo, em 1877

O mapa que serviu de referência para o novo mapa da figura 4 foi publicado em 1877 e elaborado como um mapa turístico, conforme afirma Nestor Goulart Reis Filho⁵². Eudes Campos⁵³ detalha que a intenção de Fernando Albuquerque e de Jules Martin ao fazer o mapa era a de orientar pessoas do interior e estrangeiros que vinham tratar de negócios e trabalhar em São Paulo.

Pioneiramente, ele traz a representação das linhas de bondes de tração animal, assim como linhas de trens e várias estações⁵⁴. Desde 1872 a cidade já possuía uma malha de trilhos de bondes movidos a tração animal. No caso de São Paulo, como assinala Roberto P. Toledo, eram burros, “os carros eram puxados por parelhas que, nos percursos mais longos, eram trocadas”⁵⁵.

As linhas de bondes percorriam quase toda a cidade da época. Segundo Richard Morse, “Em 1877 havia sete linhas de 25 quilômetros de trilhos, 319 animais e 43

52 REIS FILHO, Nestor Goulart. *São Paulo: vila cidade metrópole*. Prefeitura de São Paulo, 2004.

53 Eudes Campos apud GOUVÊA, José P. Neves. *A produção do espaço de São Paulo através de suas representações cartográficas*. Dissertação (Mestrado em Tecnologia da Arquitetura). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU da Universidade de São Paulo – USP, 2010, p. 99.

54 Ibidem.

55 TOLEDO, Roberto P. *A capital da vertigem* (uma história de São Paulo de 1900 a 1954). Rio de Janeiro: Objetiva, 2015, p. 31-32.

carros que transportavam 1.500.000 passageiros por ano. Além dessas linhas, havia uma pequena estrada de ferro que ligava Santo Amaro, na periferia, à cidade⁵⁶.

O número de passageiros/ano é de impressionar, o que demonstra o uso intenso que a população (por volta de 35 mil habitantes)⁵⁷ fazia não só dos transportes, mas da cidade.

O novo mapa construído sobre o de 1877 destaca as estações das linhas de bonde e de trem, já presentes na representação original. Assim como realça e distingue a área urbana consolidada e as áreas em consolidação. Também aponta as direções dos vetores de expansão da cidade, algo possível entre outras razões por conta do acesso de mapas posteriores que mostram a efetiva expansão. A comparação de diferentes mapas históricos permite que as vetorizações sejam feitas para verificar por onde a cidade cresceu, quais os caminhos que foram mais decisivos e o que os mapas projetaram e o que realmente aconteceu.

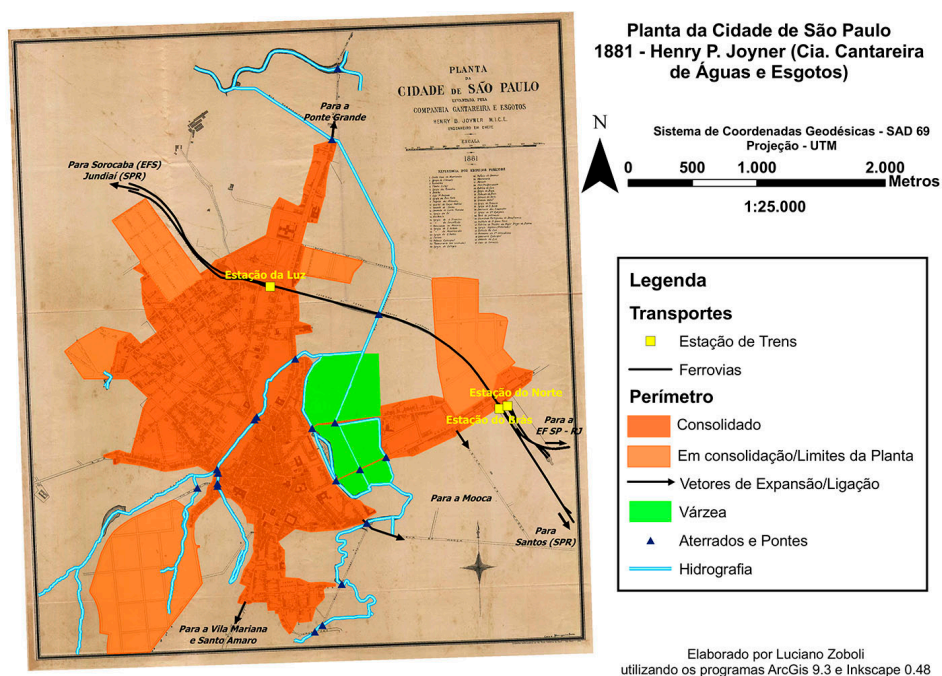


Figura 5 – São Paulo em 1881

Por sua vez o mapa de referência para o novo mapa da figura 5 foi produzido em 1881 pela Cia. Cantareira de Águas e Esgotos, e sua finalidade está vinculada às necessidades de controle e planejamento das atividades da empresa. Trata-se de um

56 MORSE, Richard M. *Formação histórica de São Paulo (de comunidade a metrópole)*. São Paulo: Difel, 1970, p. 248.

57 A população recenseada em 1872 era de 31.385 habitantes.

mapa cadastral. Conforme Nestor Goulart Reis Filho⁵⁸ essa é a segunda planta cadastral de São Paulo⁵⁹.

No novo mapa destaca-se novamente a distinção entre a área de urbanização consolidada e a área em consolidação, assim como a indicação dos vetores de expansão da cidade. Esses vetores foram depreendidos tendo em vista o mapa anterior e também mapas posteriores. Pode-se notar a presença de novos loteamentos que mostram uma cidade ultrapassando o triângulo histórico e as limitações que os rios e as várzeas impunham.

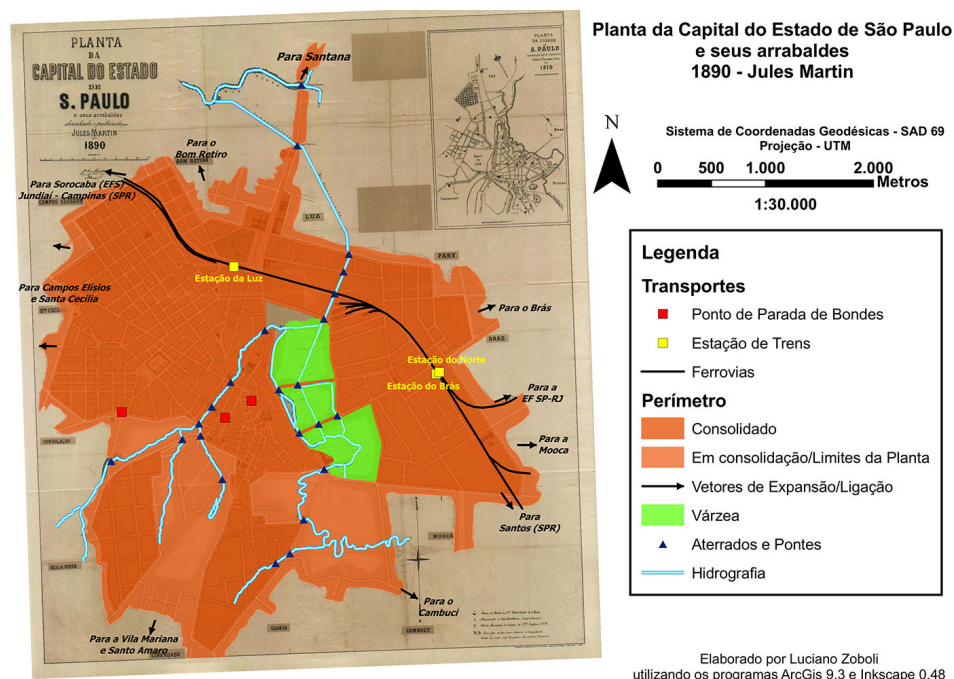


Figura 6 – São Paulo em 1890

Para o mapa da figura 6 a referência foi um mapa histórico produzido em 1890⁶⁰ por Jules Martin.

No mapa de 1890 representam-se áreas que ultrapassam o centro histórico da cidade, e que vão para além das ferrovias. Áreas como Mooca, Santa Cecília, Bela Vista estão assinaladas. A hospedaria dos imigrantes surge no mapa ao lado da ferrovia Santos-Jundiaí, o que mostra a importância da imigração na cidade e dá uma ideia

58 REIS FILHO, Nestor Goulart, op. cit., 2004.

59 Sobre a importância dessa planta Eudes Campos informa que, em 7 de março de 1881, um vereador indicou à Câmara que solicitasse à empresa cópia desse documento gráfico para que fosse realizado a partir dela um trabalho de complementação de dados que interessava à municipalidade. Eudes Campos apud GOUVÊA, José P. Neves, op. cit., p. 103.

60 KAKO, Iara Sakitani, op. cit.

da dinâmica que a cidade vivia. Três linhas férreas estão representadas: Sorocabana, Santos-Jundiaí e Central do Brasil. Nele há uma tentativa de racionalizar um pouco a cidade na representação – ruas e quadras dentro de um “modelo” e a constituição de uma cidade enquanto bloco contínuo, mas que na verdade era descontínua, com alguns vazios próximos ao centro.

O novo mapa que resultou da vetorização representa em destaque as ferrovias e as estações, assim como os pontos de parada de bondes. Mais uma vez explícita e distingue as áreas de urbanização consolidada e as em consolidação, e do mesmo modo atualiza os vetores de expansão e de ligação. Percebe-se que a representação da cidade começa a demonstrar por quais caminhos ela se consolidaria e como as ferrovias foram decisivas na criação de novos espaços (sobretudo nas várzeas) urbanos que viriam a se integrar na cidade. Nesse caso a rede de bondes não terá o mesmo peso que as ferrovias em razão de estar muito circunscrita à área central da cidade.

Já o mapa da figura 7 representa uma síntese que permite uma comparação das áreas que constam nos mapas de 1877, 1881 e 1890, agora com o acréscimo de um mapa produzido em 1897, que pertence ao *segundo grupo* de mapas selecionados. Esse mapa foi elaborado considerando as fontes cartográficas sob o mesmo referencial geodésico, sobre uma base geoespacial dos distritos de São Paulo do ano 2000.

Antes da interpretação do mapa de síntese da figura 7 é importante trazer algumas informações sobre esse mapa histórico de 1897, pois sua presença na síntese vai promover um verdadeiro choque visual e gerar dúvidas interessantes sobre a evolução da urbanização da cidade. Denominado *Planta geral da capital de São Paulo*, foi realizado por Gomes Cardim e, de acordo com Nestor Goulart Reis Filho⁶¹, será o mais completo mapa da cidade de São Paulo no século XIX. Inclui uma área muito mais extensa que os anteriores incluindo os loteamentos a oeste (V. Buarque, Santa Cecília, Higienópolis, Av. Paulista) e as áreas urbanizadas ao longo das várzeas e das estradas de ferro (Lapa, Barra Funda, Bom Retiro, Pari, Brás, Mooca, Ipiranga), dominadas por fábricas e armazéns, elementos dos bairros operários que viriam abrigar a população trabalhadora paulistana⁶². Nesse mapa estariam traduzidos os esforços de racionalização acerca do mapeamento do município para além do centro pioneiro⁶³.

A extraordinária ampliação da área representada nesse mapa foi atribuída pelos pesquisadores do presente a uma correspondente ampliação da área urbanizada da cidade. Eudes de Campos⁶⁴ adere ao “discurso” do mapa entendendo que os novos loteamentos desenvolvem-se para atender uma população que saltou de 65.000

61 REIS FILHO, Nestor Goulart, op. cit., 2004.

62 A ocupação dessas regiões tão díspares implicou um caráter descontínuo da cidade, sendo a sua estrutura urbana caracterizada por um núcleo densamente ocupado cercado por grandes espaços vazios. Junto das linhas de trem, bairros desligados do centro pioneiro.

63 ACKEL, Luiz; CAMPOS, Cândido Malta. Antecedentes: a modernização de São Paulo. In: SOMEKH, Nádia; CAMPOS, Cândido Malta (Org.). *A cidade que não pode parar: planos urbanísticos de São Paulo no século XX*. São Paulo: Mackpesquisa, 2002.

64 Eudes Campos apud GOUVÊA, José P. Neves, op. cit., p. 131.

habitantes em 1890 para 240.000 em 1900. Estaria aí a explosão urbana que o mapa registra. Ocorre que o mapa tinha “vida própria” e representou loteamentos e áreas praticamente vazias, desintegradas da cidade naquela época. Nalguma medida, talvez esse mapa invente ou antecipe uma cidade, mas com mais certeza pode ser dito que ele inventa a futura cartografia da cidade, pois os mapas posteriores vão tê-lo como referência⁶⁵.

Figura 7 – Áreas representadas pelas plantas da cidade de São Paulo (1877-1897)

Já os novos mapas das figuras 8, 9 e 10 apresentam a evolução da rede de

transportes, conforme a cronologia dos mapas escolhidos (*segundo grupo*), incluindo a aplicação de elementos vetorizados a partir de fontes bibliográficas.

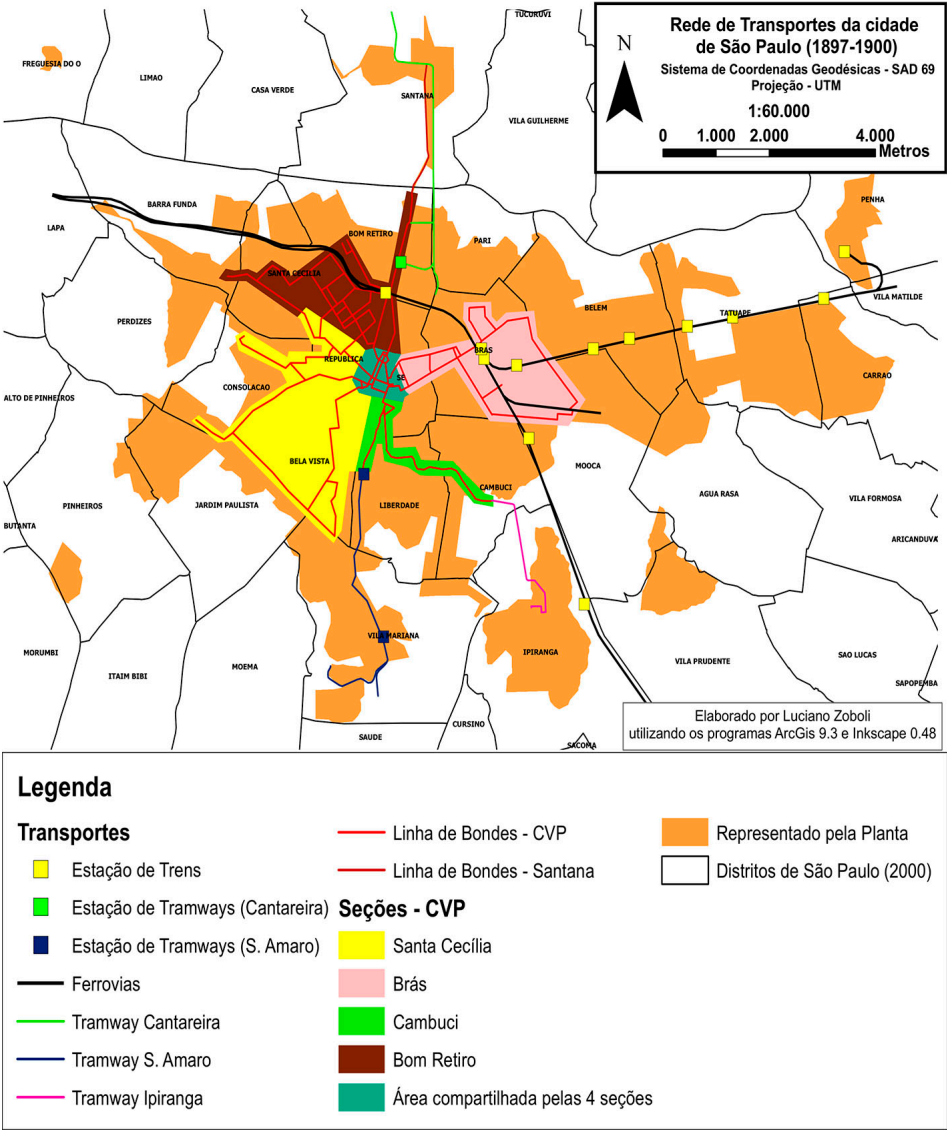


Figura 8 – Rede de transportes da cidade de São Paulo (1897-1900) – aproximação entre o mapa de Gomes Cardim (1897) e os dados fornecidos por Alfredo Moreira Pinto⁶⁶

No mapa da figura 8 utilizou-se como referência o mapa de 1897 de Gomes Cardim. Dele se vetorizou a rede de linhas de bondes por tração animal da Companhia Viação

66 PINTO, Alfredo Moreira. *A cidade de São Paulo em 1900*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1979.

Paulista reconstruindo os percursos a partir do trabalho de Alfredo M. Pinto⁶⁷ que se reporta à São Paulo de 1900. Aqui existem apenas bondes a tração animal, que têm suas linhas restritas à área central da cidade, e o que articula a cidade para além do centro são as linhas de *tramways* e as ferrovias. De todo modo, as redes de transportes não são densas, mas é preciso ter em conta o que já foi abordado anteriormente sobre esse mapa de 1897 que estava “exagerando” as dimensões da cidade.

O mapa da figura 9 vai se inserir na abertura do século XX e registrará uma importante novidade: a rede de bondes elétricos, que dará o tom da mobilidade urbana da cidade a partir daí. Num breve espaço de tempo essa rede irá substituir os bondes a tração animal. Ela foi instalada por uma empresa canadense que passaria a ter um peso enorme na história da cidade. Trata-se da The São Paulo Railway, Light and Power Co. fundada em 7 de abril de 1899⁶⁸. A rapidez com que a Light implementou seus serviços na cidade de São Paulo demonstrava que havia demanda por meios de circulação que integrassem a cidade. Demonstrava também que São Paulo tinha tamanho e riqueza suficientes para estimular esse ramo da economia urbana.

A primeira linha de bonde foi inaugurada no dia 7 de maio de 1900. Roberto P. Toledo relembra o registro desse dia visto por Jorge Americano:

Naquela manhã de sol, veio gente das ruas vizinhas e muita gente de longe. Inaugurava-se a primeira linha, entre o largo de São Bento e o fim da Barão de Limeira (Chácara do Carvalho). Linha da “Barra Funda”. Carros abertos de nove bancos [...]. Na direção do bonde, o conselheiro Antônio Prado, prefeito da cidade⁶⁹.

Numa rápida comparação com o mapa da figura 8 pode-se notar a extraordinária densificação da rede de bondes representada no mapa da figura 9, que se reporta a 1905, e no mapa da figura 10, relativo a 1914.

67 Ibidem.

68 Fundada por William Mackenzie, auxiliado por seu filho Alexander Mackenzie. Juntaram um grupo de investidores em Toronto para a viabilidade financeira do negócio e, para a viabilidade técnica, recrutaram o engenheiro americano Frederick Pearson, diretor de grandes empresas ligadas ao transporte sobre trilhos, inclusive a companhia de bondes de Nova York. TOLEDO, Roberto P., op. cit.

69 Ibidem, p. 33

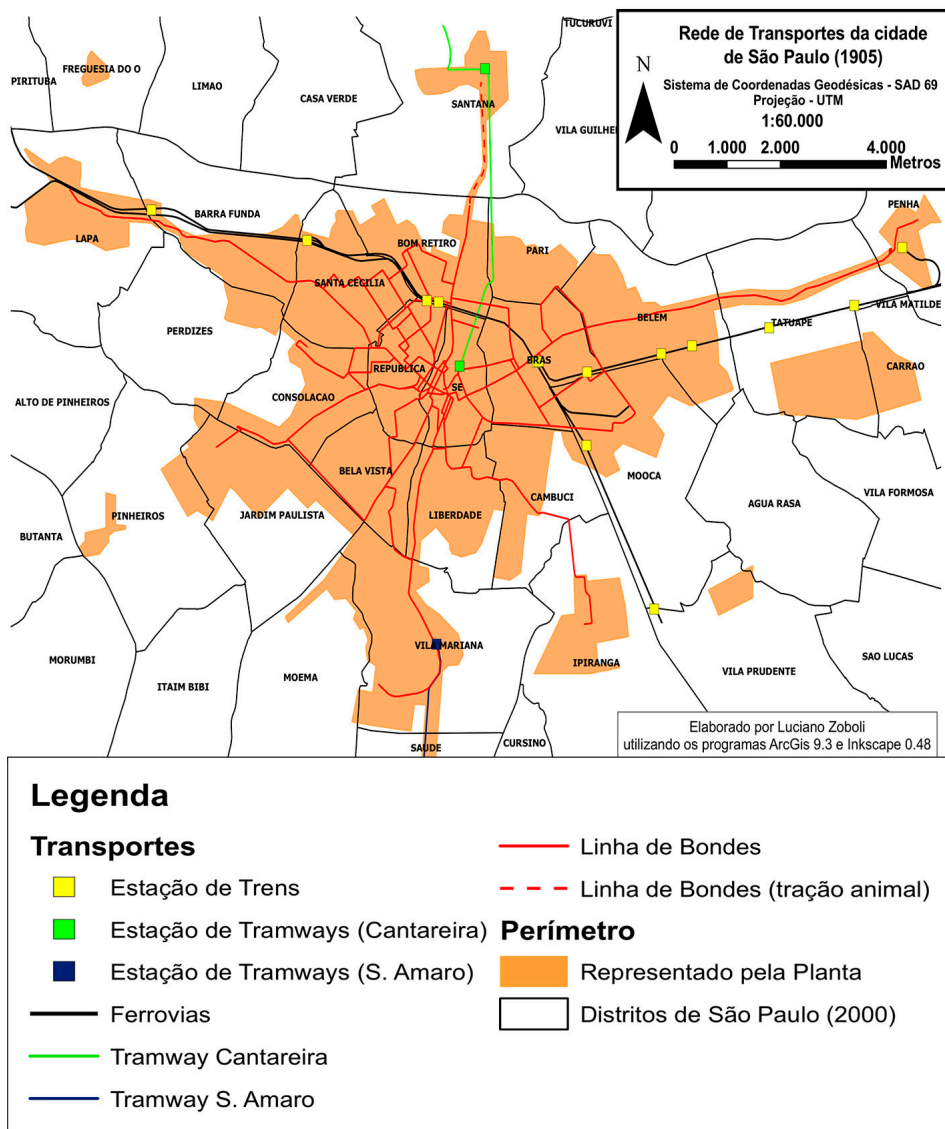


Figura 9 – Rede de transportes da cidade de São Paulo (1905)

deixando para trás o período dos bondes movidos a tração animal que não podiam ousar em tais distâncias.

O mapa da figura 10 também teve seus elementos vetorizados de Waldemar Stiel⁷¹. Os itinerários das linhas foram comparados com o que mapa já continha. Nessa data (1914) o recorte do mapa teve que ser mais amplo para dar conta do crescimento da cidade. Nele se percebe o aumento da densidade da rede e a integração de algumas áreas que estavam “desconectadas” em 1905, como Vila Prudente e Pinheiros.

O processo de densificação da rede de bondes (com as ferrovias e os *tramways*)⁷² que os mapas mostram, mais que um simples crescimento de uma infraestrutura urbana, conduz à reflexão sobre o processo de constituição da cidade. Áreas que apareceriam anteriormente desconectadas nos mapas do século XIX nos mapas das figuras 9 e 10 aparecem integradas. E nem sempre tinham linhas de bonde porque se integraram à cidade, mas, ao contrário, foram integradas pelas linhas de bonde. Não são raros os casos nos quais as propagandas dos loteamentos, quer dizer de áreas ainda despovoadas, anunciavam o serviço de uma linha de bonde que articularia o loteamento ao conjunto da cidade. Esse é o caso, por exemplo, de alguns loteamentos realizados pela Cia. City.

Uma testemunha estrangeira relata que no período retratado pelos mapas “a cidade possui, por um lado, um bom serviço de bondes, cuja rede percorre toda a cidade e sua vizinhança, graças à qual não é difícil visitá-la em seus vários pontos e percorrer parte dos seus arredores”⁷³. Isso são impressões de um estrangeiro, que talvez tenha ficado surpreendido em encontrar o que não esperava. Mas a população da cidade (o usuário constante da rede de bondes) não comungava necessariamente essa visão benigna do sistema de transportes. Demonstração disso são as reclamações frequentes contra a Light em relação à qualidade de seus serviços.

De todo modo, a rede, tal como se encontrava, representava uma possibilidade razoável do paulistano em se deslocar pela cidade. Jacques Lévy destaca que, enquanto possibilidade, a mobilidade considera a capacidade de se mobilizar pela cidade em função da acessibilidade e da oferta de transporte⁷⁴. E isso São Paulo possuía nalguma medida, porém tudo se complicará com o crescimento futuro da cidade.

71 Ibidem.

72 O serviço de trens tornava São Paulo um dos principais entroncamentos ferroviários de ligação entre o interior e o litoral, enquanto o serviço de *tramways* integrava a capital a outros municípios vizinhos, como Santo Amaro e Guarulhos. Havia, portanto, uma centralidade e um protagonismo crescente para a Capital em relação ao fluxo de pessoas e produtos na dinâmica estadual e, posteriormente, nacional.

73 Alfonso Lomonaco. In: PASSOS, Maria L. Perrone; EMÍDIO, Teresa. *Desenhando São Paulo: mapas e literatura – 1877-1954*. São Paulo: Senac/Imprensa Oficial, 2009, p. 42.

74 LEVY, Jacques. Os novos espaços da mobilidade. In: *GEOgraphia*, Revista da Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – UFF, v. 3, n. 6. Niterói/ RJ, UFF/EKG, 2002, p. 7-17. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewFile/62/60>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

MAPAS DE SÃO PAULO: DISTÂNCIA-CUSTO E DISTÂNCIA-TEMPO

Os mapas anteriores deram visualização à rede de bondes⁷⁵ e permitiram observar a densificação da malha, a maior cobertura extensiva e a multiplicação de paradas e estações. Foram elaborados com um fundo de mapa euclidiano e são eficientes para o que se propõem. No entanto, há mais a ser aprofundado. E há, para tal, novos recursos cartográficos que possibilitam experimentos produtivos para as interpretações sobre a dinâmica da cidade de São Paulo no período.

Considerando a realidade atual de São Paulo fica fácil entender que espacializar as redes de transportes existentes e medi-las conforme suas distâncias em metros não basta para avaliarmos a eficiência delas. O que significa um percurso de metrô de 5 km e um percurso de ônibus de mesma distância para o usuário? Vários fatores podem dar conteúdos distintos a essa distância: linha reta e desobstruída, linhas obstruídas por congestionamentos e paradas obrigatórias podem interferir nos tempos e nos custos dos percursos. Por isso, parecem fazer sentido representações das redes de transporte na cidade atual com base na distância-tempo, ou com base em outras métricas como a distância-custo. Isso ajuda a esclarecer a lógica da cidade de hoje. Mas, em relação à cidade do início do século XX, usar outras medidas (de tempo e de custo, por exemplo) ajudaria a decifrar a cidade que se desenhava? Nosso estudo experimentou responder essa questão.

Em função da disponibilidade do banco de dados georreferenciados e do *georreferenciamento relativo*, o experimento pôde ser realizado produzindo uma representação da distância-custo em 1905 e outras de distância-tempo em 1905 e 1930, tendo essas métricas como fundos dos mapas.

Para começar o estudo, novos dados sobre a rede de bondes elétricos foram sistematizados e vetorizados. A fonte principal foi o trabalho de Waldemar Stiel⁷⁶, do qual se extraíram itinerários e informações acerca dos custos, das velocidades e dos tempos dos percursos. Esses dados foram processados com o *software* IsoDistAngle⁷⁷ e com o *software* Darcy⁷⁸. Ambos permitem transformações cartográficas ligadas às distâncias e às direções de um local de origem para diversos locais de destino⁷⁹. Os passos foram os seguintes:

75 E também ferrovias e *tramways*.

76 STIEL, Waldemar Correa, op. cit.

77 Para detalhes dos *softwares* ver: LOGICIEL de transformation cartographique unipolaire IsoDistAngle. Conception: Colette Cauvin; Réalisation: Gilles Vuidel, Strasbourg, 2013. Disponível em: <<http://thema.univ-fcomte.fr/IsoDistAngle>>. Acesso: 2 abr. 2014

78 CAUVIN, Colette. *Logiciel de comparaison spatiale Darcy 2.0*. Mode d'emploi. Paris: Besançon, Strasbourg, 2009. Disponível em: <http://thema.univ-fcomte.fr/images/Productions/ME_IsoDistAngle.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.

79 Para outros detalhes ver CAUVIN, Colette. L'accessibilité intraurbaine: une approche méthodologique. In: CAUVIN, Colette; REYMOND, Henri; KLEINSCHMAGER, Richard (Org.). *L'espace géographique des villes*. Paris: Anthropos, 1998; DUTENKEFER, Eduardo. Métodos e metodologias para desvendar a acessibilidade do município de São Paulo, 2014 (mimeo.).

1) A partir da vetorização da rede de bondes elétricos feita sobre o Sara, selecionaram-se pontos de controle referentes ao itinerário dos bondes – origem, pontos médios⁸⁰ e destino. Cada ponto teve sua coordenada de latitude e longitude registrada em uma tabela para a construção de um banco de dados. Os mapas das figuras 11 (1905) e 12 (1930) mostram o resultado dessa vetorização da rede e da seleção desses pontos de controle.

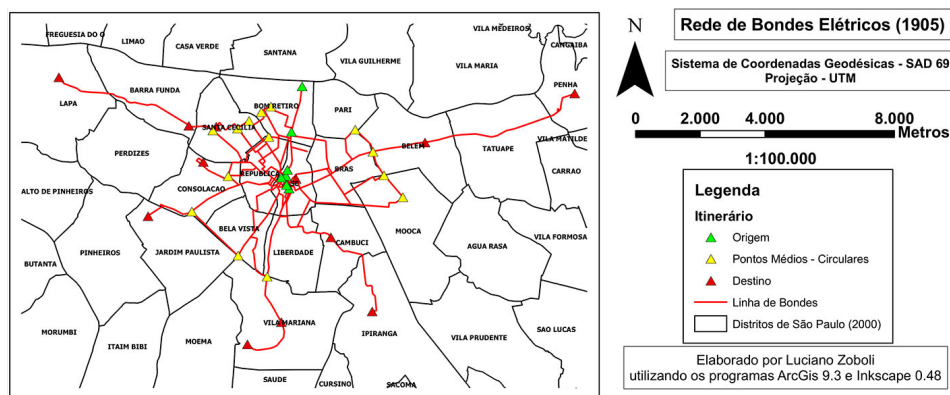


Figura 11 – Rede de bondes elétricos e pontos de controle (1905)

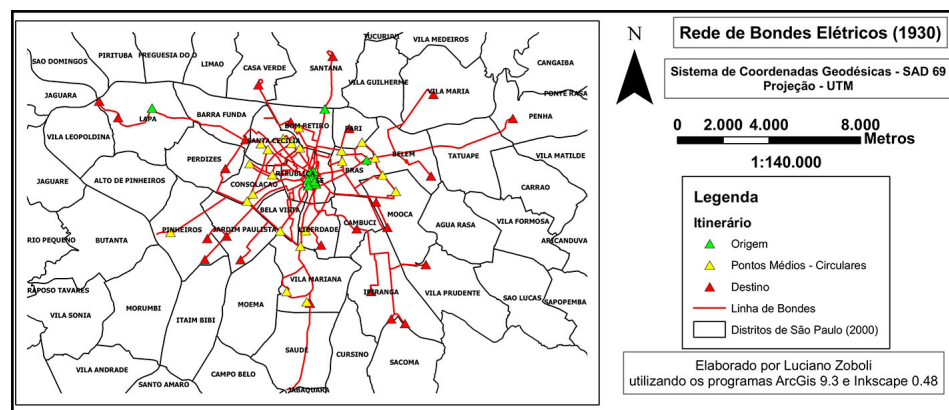


Figura 12 – Rede de bondes elétricos e pontos de controle (1930)

2) Com o levantamento dos pontos de controle, foi necessário uma referência central para o cálculo das distâncias para as novas métricas que seriam adotadas (custo e tempo). Em relação ao *custo* o ponto central para a análise entre a origem e os diversos destinos foi a esquina entre as ruas da Quitanda e do Comércio, local onde, segundo Stiel⁸¹, iniciava-se a delimitação das seções definidas como parâmetros para

⁸⁰ Os pontos médios dizem respeito às linhas circulares e são equidistantes em relação à origem e ao destino.

⁸¹ STIEL, Waldemar Correa, op. cit.

a cobrança dos preços diferenciados⁸². Já no que diz respeito ao *tempo*, tomou-se como ponto central a origem mais utilizada pelos bondes naquele ano⁸³ e o seu cálculo dependeu de uma aproximação das médias de velocidades para diversas regiões da cidade de acordo com a observação da estrutura da rede e pela comparação com parâmetros apresentados por Waldemar Stiel⁸⁴.

3) Com as coordenadas dos pontos de controle e a definição dos pontos centrais, foram calculados o custo e o tempo de determinados trajetos entre o local de origem e os diversos destinos⁸⁵.

4) As coordenadas e os dados de custo e tempo foram inseridos no IsoDistAngle, que forneceu as coordenadas homólogas para essas novas métricas de referência, gerando uma espécie de pontos-imagem relativos a esses novos olhares. A inserção das coordenadas de origem juntamente com as coordenadas desses novos pontos no *software* Darcy possibilitou a visualização das *transformações cartográficas de posição diferenciais ou de comparação*. Isso resultou nalgumas *anamorfoses*.

Os mapas das figuras 13, 14, 15, 16, 17 e 18 apresentam os resultados obtidos com o uso das métricas distância-custo e distância-tempo, tendo como objeto as redes de bondes identificadas nos anos de 1905 e 1930. Tendo em vista os mapas de 1905 das figuras 13 e 14, que tratam de representar a rede de bondes elétricos segundo a distância-custo, foi usado, como já dito, o método unipolar. Por esse método chegou-se aos vetores de deslocamento, que indicam a diferença entre o ponto em coordenada geográfica e o mesmo ponto em coordenada custo. Esses vetores estão representados no mapa da figura 13, que ainda mantém o fundo euclidiano com os círculos concêntricos aplicados.

82 A cobrança da passagem, com o contrato de unificação de 6 de julho de 1901, era feita por zonas de cobrança dos preços (200 réis cada zona). Partindo desse cruzamento, estabeleciam-se as zonas de acordo com círculos concêntricos de 3 km de raio. Dessa forma, a primeira zona estava inscrita no primeiro círculo, a segunda se encontrava entre 3 e 6 km, a terceira entre 6 e 9 km, e assim por diante (200, 400 e 600 réis). Algumas linhas atuaram sob regime de exceção dessa regra e foram mudando de acordo com regulamentações impostas pela Light ao longo dos anos. Esse sistema perdurou até 1909, ano de unificação das tarifas em 200 réis.

83 Em 1905, utilizava-se como ponto central a Praça Antônio Prado. Em 1930, utilizava-se o Largo São Bento.

84 A inspiração para a determinação das velocidades foi o artigo 15 do Ato 135 de 26 de agosto de 1902, no qual a municipalidade estabelecia limites de velocidade nas diferentes áreas da cidade. As zonas de velocidade foram então adaptadas para 1905: para a área das principais ruas do centro atribui-se a velocidade média de 8 km/h; para as áreas com densidade de rede considerável, com muitos cruzamentos, foi atribuída a velocidade média de 10 km/h; para as demais áreas, a velocidade média foi de 12 km/h, com exceção das principais ligações com a periferia, onde havia grandes avenidas sem cruzamentos ou longos caminhos sem grande fluxo, nas quais a velocidade média era de 15 km/h. Em 1930, seguiu-se a mesma lógica, mas com velocidades inferiores em função da densificação da rede e do aumento do tráfego: médias de 5, 8, 11 e 14 km/h, respectivamente.

85 Foram selecionados 17 destinos para o cálculo da distância-custo (1905), 19 para o cálculo da distância-tempo (1905) e 24 para o cálculo da distância-tempo (1930).

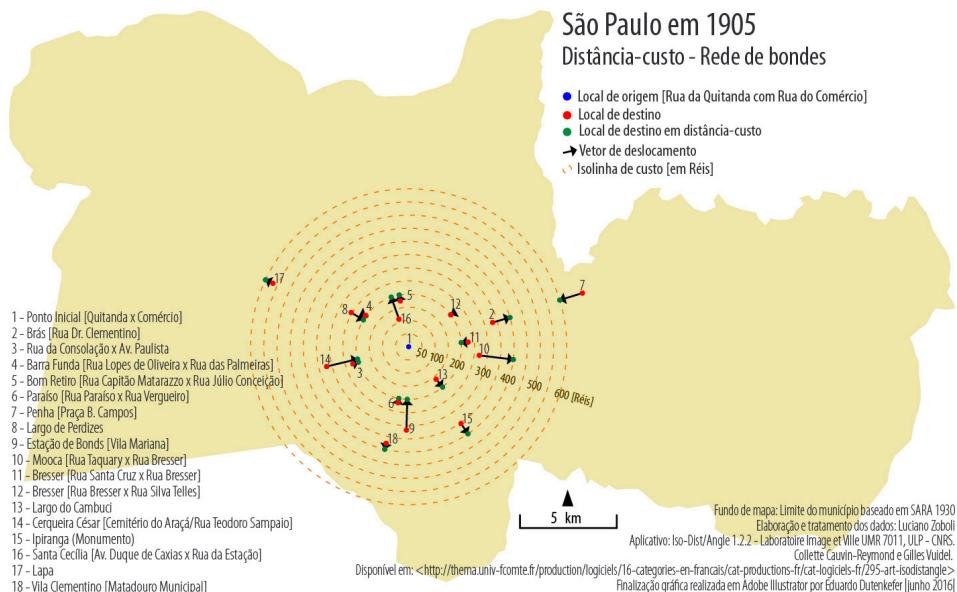


Figura 13 – Mapa de distância-custo em métrica euclidiana da rede de bondes em 1905

Para interpretar o significados dos vetores nesse mapa, serão utilizados dois destaques. A chave é chegar aos valores que deveriam ser cobrados pela distância percorrida do ponto central ao seu destino.

O primeiro exemplo é o do local 14, Cerqueira César. Nota-se que o vetor é atraído para o centro (quer dizer, no mapa de 1905, esse local aparece mais próximo do centro) e sua ponta se situa no círculo concêntrico que compreendia a seção de 200 réis. No entanto, segundo a sua posição notada (ponto em vermelho – local de destino) no mapa atual referenciado (figura 13) a tarifa deveria ser de 320,64 réis (no círculo entre 300 e 400 réis). Outro exemplo é o local 16 (Santa Cecília). Nesse caso, o vetor se afasta do centro, quer dizer: no mapa de 1905 esse ponto aparece mais longe do centro do que ele está no mapa atual referenciado (figura 13). Por estar mais afastado, esse ponto cai no círculo concêntrico de 200 réis, mas deveria ser 111,07 réis.

Definindo a lógica nesse mapa: os locais onde os vetores são atraídos para o centro deveriam pagar mais pela distância que percorreram, ao contrário, os locais nos quais os vetores se afastam do centro deveriam pagar menos pela distância percorrida.

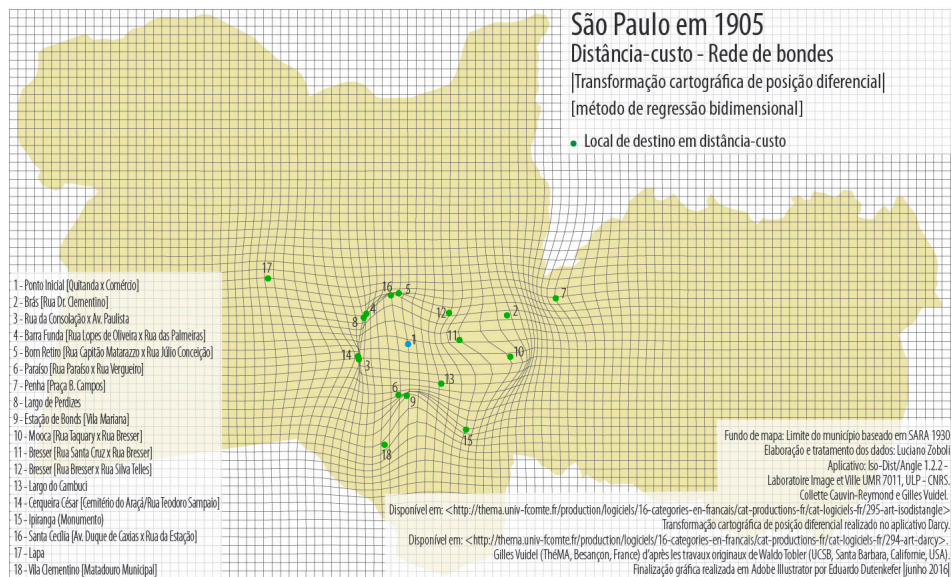


Figura 14 – Mapa de distância-custo em métrica não euclidiana da rede de bondes em 1905

Por sua vez o mapa da figura 14 é uma anamorfose produzida pelo *software* Darcy utilizando o método de regressão bidimensional⁸⁶. Só há transformações nas áreas de concentração de rede de bondes. Boa parte do município não sofre alterações porque a rede não o atinge.

Trabalhando com os mesmos exemplos do mapa anterior, verifica-se que no local 14 (Cerqueira César) o *grid* se contrai. Quando o *grid* se contrai, significa que o valor cobrado era menor (no caso 200 réis), mas deveria ser cobrado mais (no caso 320,64 réis). No local 16 (Santa Cecília) o *grid* se expande, o que indica que o valor cobrado era maior (no caso, 200 réis) do que deveria ser (no caso 111,07 réis). Fixando a regra: quando os *grids* se contraem, trata-se de uma posição em que se deveria pagar mais pela distância percorrida, e nos locais onde os *grids* se expandem, deveria se pagar menos pela distância percorrida.

Se tivermos em conta que o custo é um dos elementos definidores da acessibilidade, é correto dizer que a rede de bondes oferecia viagens mais “acessíveis” do que deveriam ser em termos de distância-custo e outras mais “restritivas”. Isso que os mapas nos mostraram é um meio para indicar algumas lógicas imperantes na cidade naquele momento. Um exemplo interessante é o de Cerqueira César. Foi visto que a tarifa de bonde nesse ponto era de 200 réis, mas que deveria ser cobrado 320,64 réis. Uma razão dessa situação é que Cerqueira César situava-se numa lista de locais que, a despeito de ultrapassarem a circunferência da primeira zona, permaneciam como

⁸⁶ Método desenvolvido por Waldo Tobler. Para detalhes do método, ver : CAUVIN, Colette. Une methode generale de comparaison cartographique: la regression bidimensionnelle. *Travaux et recherches*, Fascicule 4. Strasbourg: UER de Geographie, Universite Louis Pasteur/ERA. 214 CNRS, 1984.

pertencentes à zona de 200 réis por decreto⁸⁷. Por que a empresa (Light) criou exceções na cobrança das tarifas? Será porque algumas dessas áreas eram habitadas por classes sociais de mais poder político? Ou porque se tratava de localidade de grande afluxo e a tarifa, mesmo reduzida, compensava? Ou então: porque haveria interesses imobiliários, aos quais a Light estava associada e daí a maior acessibilidade? A cartografia proposta neste estudo ajuda a interrogar qualificadamente a história da cidade.

Em termos gerais a análise acerca da distância-custo (1905) demonstra que sua lógica segregava as áreas periféricas. Algumas localidades chegavam a ter uma tarifa três vezes mais elevada do que a relativa ao deslocamento para o espigão da Av. Paulista. Para os habitantes desses bairros periféricos, o custo pesava bem mais que o tempo de deslocamento.

Poderia se pensar que o experimento com distância-custo fazia sentido apenas numa cidade onde o preço da passagem do bonde não era uniformizado, e que, com a uniformização para qualquer distância, a distância-custo deixou de ser relevante. Isso não é verdade nem para a cidade atual, pois os custos de deslocamento não são uniformes (embora se tenha no interior do município de São Paulo um único valor de passagem de de ônibus). Há outros fatores que geram os custos diferenciais, tais como os deslocamentos intermunicipais⁸⁸, a necessidade dos usuários de usar mais que uma condução, de complementar seus percursos alternando os meios etc. Quer dizer: seria fascinante, numa cidade complexa como São Paulo, criar uma cartografia contemporânea usando a distância-custo.

Os mapas a seguir (presentes nas figuras 15, 16, 17 e 18) trabalham com a distância-tempo em dois momentos – anos de 1905 e de 1930. É evidente que a forma de vivenciar os espaços de nossas vidas, de percebê-los, passa pela forma de medi-los. Ou, de outra maneira: a forma de vivenciar, de perceber o espaço é expressa por formas de medi-lo. Assim como o espaço, o tempo não é uma realidade abstrata⁸⁹. Por isso, tentar medir o espaço com critérios de tempo, isto é, operar com a distância-tempo reveste-se de complexidade que não é fácil controlar, especialmente quando estamos lidando com um tempo do passado, como no caso do início do século XX na cidade de São Paulo. Um autor importante nesse estudo, Waldemar Stiel, ao se referir ao tempo de espera dos bondes nos pontos em 1901, assim se manifesta:

87 O decreto definia que, para efeito de cobrança do preço de passagens, consideram-se como constituindo uma só seção, a despeito de ultrapassarem a circunferência da primeira zona, os seguintes trechos de linha: 1) nas linhas do Brás e da Penha até a Rua Saldanha Marinho; 2) na linha do Hipódromo até o Hipódromo; 3) na linha da Liberdade até a Ponte Grande; 4) nas linhas da Barra Funda e Água Branca até a Capela de Perdizes; 5) na linha de Vila Cerqueira César até o Cemitério do Araçá. STIEL, Waldemar Correa, op. cit., p. 139 e 141.

88 Afinal, a verdadeira cidade de São Paulo na qual seus habitantes se deslocam é composta por vários municípios.

89 Não só quanto ao conteúdo, mas quanto ao que opera. Pode-se dizer que uma dada região da cidade estará mais integrada ao conjunto quanto mais rápida for a interligação com o centro, por exemplo. Isso independente da distância em metro, que não é relevante em todas as situações. Bairros distantes, mas servidos por linhas do metrô (distância-tempo menor e mais estável) estão mais integrados às cidades que outros mais próximos, porém servidos por transportes mais lentos e irregulares.

Os minutos acima mencionados [ele se refere a uma tabela] referem-se ao tempo de espera entre um bonde e outro. Havia certas linhas, como a da Água Branca e do Araújo, cujo tempo de espera era de desespero, apesar de, naquela época, o tempo poder ser esbanjado à vontade⁹⁰.

O que seria um tempo de desespero se as pessoas tinham tempo para esbanjar? Esbanjar seria gastar o tempo de forma inútil? Interrogações sobre o tempo numa cidade não se desvinculam de suas lógicas materiais e imateriais, do seu modo de vida. De todo modo, algo seguro é afirmar que as pessoas pensam cotidianamente as distâncias espaciais em termos de tempo, nos termos como elas valorizam os seus tempos. Trabalhar com distância-tempo implica lidar com essas valorações. Com as representações feitas, algumas reflexões sobre a dinâmica da cidade do início do século serão acrescentadas a partir do trabalho com a distância-tempo.

No mapa de 1905 da figura 15, aplicando círculos concêntricos como marcadores de zonas de tempo a partir de um ponto central, mapeou-se, sobre um fundo euclidiano baseado no Sara, 1930 (georreferenciado com balizas geodésicas atuais), dados dos tempos de percurso de 20 pontos de destino em relação ao ponto central.

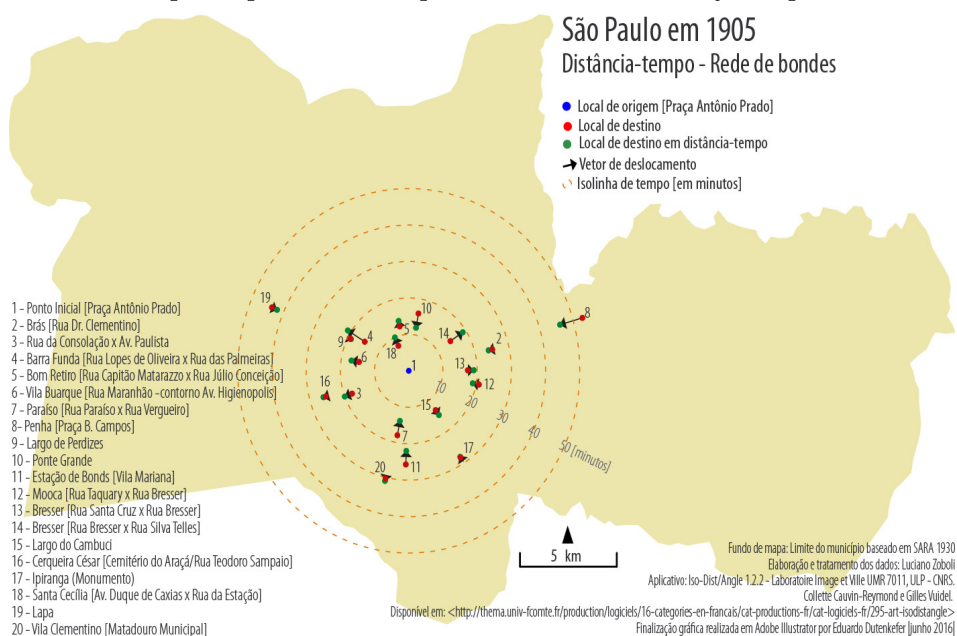


Figura 15 – Mapa de distância-tempo em métrica euclidiana da rede de bondes em 1905

Os tempos de percurso variavam conforme as zonas de velocidade de 1905.

90 STIEL, Waldemar Correa, op. cit., p. 175.

As velocidades mais baixas estavam no centro. No mapa foram assinalados os vetores de deslocamento, que projetam uma aproximação ou afastamento do *ponto central* em função do tempo calculado de trajeto. Se se aproxima, ele leva *menos* tempo que levaria caso o deslocamento na cidade fosse numa proporção perfeita, representada pelos círculos concêntricos. Se se afasta, leva *mais* tempo nesse mesmo cenário. Exemplo: no ponto 7 (Paraíso) o vetor de deslocamento dirige-se ao centro. Nesse, a distância-tempo é menor que a média apresentada pela rede no acesso ao ponto central. Já no ponto 14 (Bresser) o vetor se desloca em direção à periferia, demonstrando que, apesar de o ponto estar próximo do centro em termos euclidianos, gasta-se mais tempo do que a média apresentada pela rede no acesso à Praça Antônio Prado (ponto central).

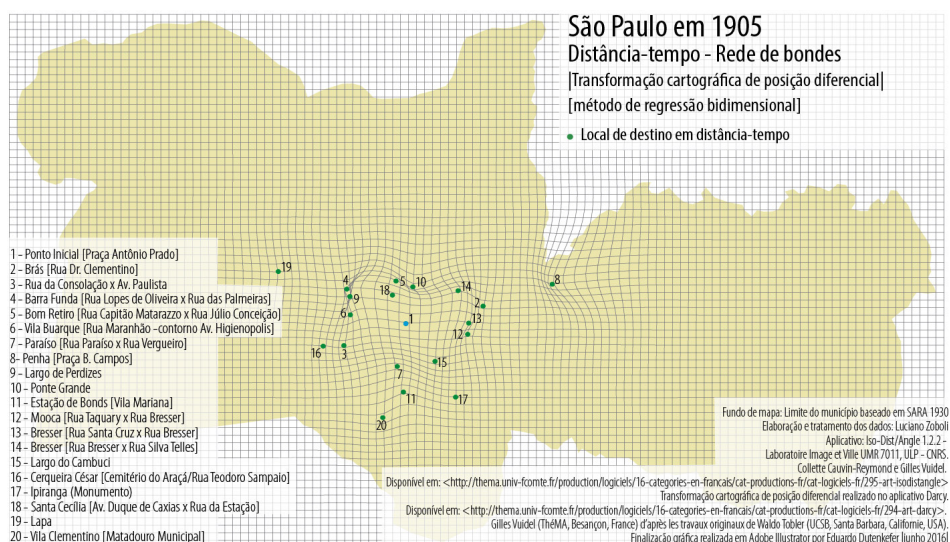


Figura 16 – Mapa da distância-tempo em métrica não euclidiana da rede de bondes em 1905

No mapa da figura 16 aparece uma anamorfose que se visualiza no segmento onde o *grid* está alterado (onde a rede de bonde se situava realmente de forma densa). Tomando novamente como exemplo o ponto 7 (Paraíso), nota-se uma contração do *grid*, indicando que, quando consideramos o tempo de deslocamento em relação ao ponto central, há maior acessibilidade dessa região quando comparada à média da rede de 1905. Já no caso do ponto 14 (Bresser), o sentido inverso com uma expansão do *grid*, evidenciando menor acessibilidade frente à Praça Antônio Prado, se tomarmos a média de tempo da rede.

Para 1930 foram produzidas as mesmas modalidades de mapas para expressar as distâncias-tempo da rede de bondes elétricos. Algumas informações precisam ser consideradas. A rede aumentou consideravelmente no intervalo entre 1905 e 1930 – “a

extensão da rede de bondes, no ano de 1924, era de 266,50 km⁹¹. Considerando que a cidade atual possui 78,3 km de rede de metrô, realça-se a importância da rede bondes para a cidade na época.

Quanto às velocidades praticadas na rede em 1930, seguia-se a mesma lógica de 1905, que era a criação de zonas de velocidade, porém, como a cidade estava mais densa, em cada uma dessas zonas a velocidade era menor.

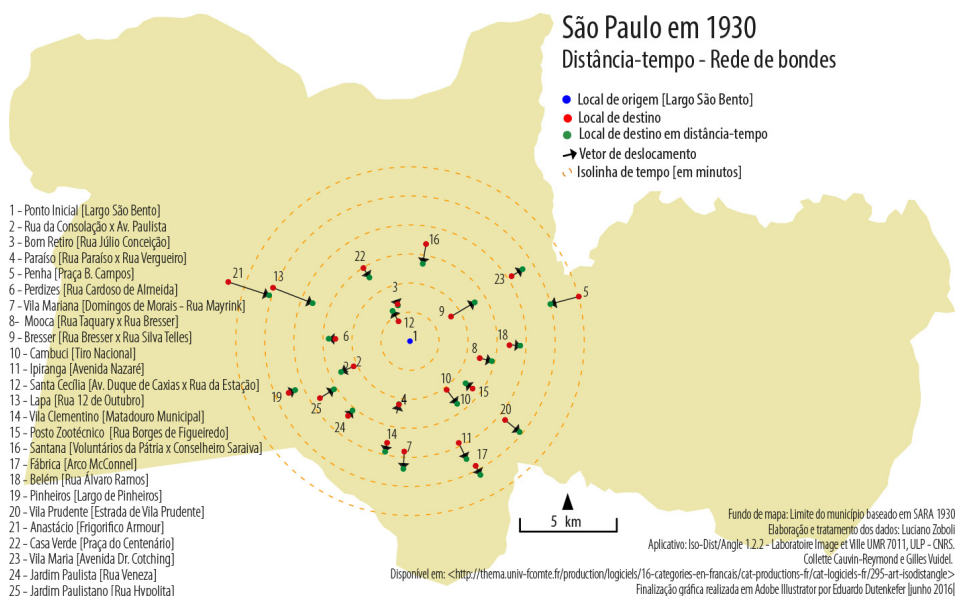


Figura 17 – Mapa de distância-tempo em métrica euclidiana da rede de bondes em 1930

No mapa da figura 17 foram selecionados quatro pontos que vão servir de exemplo para a interpretação da representação. Os pontos 21 (Anastácio) e 13 (Lapa) têm seus vetores de deslocamento convergindo para o centro. Isso indica que em termos de acessibilidade eles se equiparam a áreas da cidade mais próximas ao centro, que, no entanto, são mais congestionadas e com os bondes mais limitados em termos de velocidade. Por sua vez, os pontos 10 (Cambuci) e 11 (Ipiranga) têm seus vetores de deslocamento dispersando-se em relação ao centro. Direccionam-se para a periferia. Nessa direção havia um maior número de linhas e, por decorrência, maior densidade populacional que nos pontos 21 e 13. Isso implicava maior congestionamento, logo mais lentidão no deslocamento em relação ao *ponto central*.

⁹¹ Ibidem, p. 153.

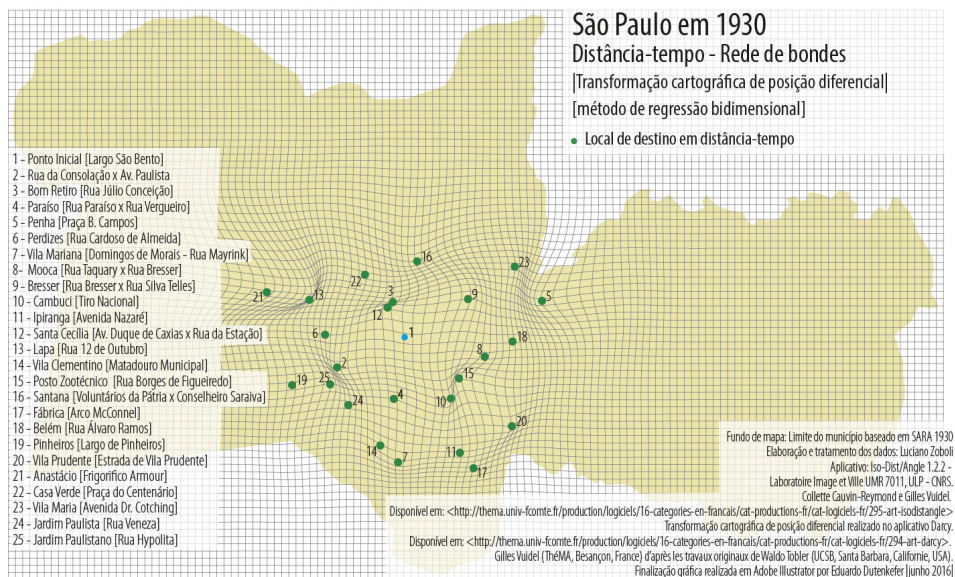


Figura 18 – Mapa da distância-tempo em métrica não euclidiana da rede de bondes em 1930

O mapa da figura 18 segue a mesma lógica do mapa de 1905. Trata-se de uma situação de transformação cartográfica (anamorfose) no segmento do município no qual a rede de bondes se estende. Percebe-se que as transformações abrangem uma área maior que a do mapa de 1905. A rede de bondes cresceu. Nos pontos 21 (Vila Anastácio) e 13 (Lapa), nota-se uma contração do *grid*, indicando que o tempo de deslocamento frente ao *ponto central* (mesma referência para todos os pontos) é menor do que deveria ser. Logo, há maior acessibilidade dessa área quando comparada a toda a rede de 1930. Já nos casos dos pontos 10 (Cambuci) e 11 (Ipiranga) a lógica é inversa, pois há uma expansão do *grid*, evidenciando menor acessibilidade em relação à Praça Antônio Prado (ponto central).

Assim, os mapas de distância-tempo (1905 e 1930) que usaram métricas não euclidianas (transformações cartográficas ou anamorfose) mostram em comum uma expansão (distensão) do *grid* a partir do ponto central. Algo que é um traço significativo da lógica de funcionamento desse sistema de bondes elétricos. As poucas opções para as áreas periféricas da cidade, além de evidenciarem a concentração de trilhos no centro e no vetor oeste de expansão da cidade, mostram como essa rede era intensamente usada no centro. Era um meio dominante, o que explica a presença das linhas circulares que ligam o “triângulo histórico” aos bairros de Santa Cecília, Consolação e, em menor número, Brás e Mooca. A extrema lentidão dos bondes na área central e a carência de linhas para as áreas de expansão, àquela altura de 1930, mostram que São Paulo já não conseguia resolver os seus problemas de mobilidade.

De todo modo, o que, principalmente, deve ser ressaltado após a realização deste estudo é o fato de que as variadas representações bem observadas permitem muitas interrogações produtivas. Por exemplo: quais os critérios utilizados para priorizar

a construção de alguns ramais (junto com os novos loteamentos) e como isso impulsionou o crescimento da cidade em algumas áreas? A rede de bondes teria sido um passo inicial da formação de uma cidade segundo o “modelo” radial-concêntrico? Essa rede teria contribuído para a formação de uma cidade com muita dependência do centro e com uma periferia desolada, sem urbanidade?

Comparando as escalas do espaço da cidade e sua infraestrutura de transportes entre 1930 os dias de hoje, percebe-se que a ampla rede de bondes da época mal atinge a área central da cidade atual. A cidade era de fato radicalmente outra, e sua expansão posterior encontrará outros meios, pois não se soube (não se quis, não foi possível?) fazê-la funcionar com a expansão da rede de bondes elétricos.

Com o estudo se pretendeu uma demonstração geral da pertinência de investir numa cartografia digital geo-histórica em associação com formulações teóricas sobre espaço, sobre cidade nas pesquisas retrospectivas sobre uma realidade social, sobre uma realidade espacial, como no caso é a cidade de São Paulo, na abertura do século XX.

SOBRE OS AUTORES

FERNANDA PADOVESI FONSECA é professora de Cartografia no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

E-mail: ferpado@gmail.com

EDUARDO DUTENKEFER é mestre em Geografia e doutorando no Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da FFLCH/USP.

E-mail: dutenkefer@gmail.com

LUCIANO ZOBOLI é graduando em Geografia na FFLCH/USP.

E-mail: luciano.zoboli@usp.br

JAIME TADEU OLIVA é professor e pesquisador da área de geografia do Instituto de Estudos Brasileiros- IEB/USP

E-mail: jtoliva@gmail.com; jtoliva@usp.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKEL, Luiz; CAMPOS, Candido Malta. Antecedentes: a modernização de São Paulo. In: SOMEKH, Nádia; CAMPOS, Cândido Malta (Org.). *A cidade que não pode parar: planos urbanísticos de São Paulo no século XX*. São Paulo: Mackpesquisa, 2002.

- BRAUDEL, Fernand. *A dinâmica do capitalismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- CAUVIN, Colette. Une methode generale de comparaison cartographique: la regression bidimensionnelle. *Travaux et recherches*, Fascicule 4. Strasbourg: UER de Geographie, Universite Louis Pasteur/ERA 214 CNRS, 1984.
- _____. L'accessibilité intraurbaine: une approche méthodologique. In: CAUVIN, Colette; REYMOND, Henri; KLEINSCHMAGER, Richard. (Org). *L'espace géographique des villes*. Paris: Anthropos, 1998.
- _____. *Logiciel de comparaison spatiale Darcy 2.0. Mode d'emploi*. Paris: Besançon, Strasbourg, 2009. Disponível em: <<http://spatial-modelling.info/-Spatial-analysis-tools>>. Acesso em: 6 dez. 2010.
- CAUVIN, Colette; ESCOBAR, F.; SERRADJ, A. *Cartographie thematique 1*. Paris: Lavoisier, 2007.
- CAUVIN, Colette; LEPETIT, Bernard; REYMOND Henry. Cartes postales: un espace de relation dans la France pré-industrielle. *Histoire & mesure*, 1987, v. 2, n. 3-4. p. 89-113. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hism_0982-1783_1987_num_2_3_1327>. Acesso em: 20 jun. 2016.
- COMISSÃO GEOGRAPHICA E GEOLOGICA. Planta Geral da Cidade de São Paulo. Memória Urbana: a Grande São Paulo até 1940. São Paulo: Arquivo do Estado, Emplasa, Imprensa Oficial, 2001, v. 3. 76 x 62,64 cm. Escala: 1:20.000.
- DUTENKEFER, Eduardo. Representações do espaço geográfico: mapas dasimétricos, anamorfozes e modelização gráfica. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH da Universidade de São Paulo – USP, 2010.
- _____. Métodos e metodologias para desvendar a acessibilidade do município de São Paulo, 2014 (mimeo.).
- ELLIMAN, Paul. Signal Failure. In: ABRAMS, Janet; HALL, Peter (Ed.). *Else/where: mapping new cartographies of networks and territories*. Minneapolis: University of Minnesota Press, MN, 2006, p. 166-175.
- FONSECA, Fernanda Padovesi. *A inflexibilidade do espaço cartográfico, uma questão para a geografia*: análise das discussões sobre o papel da cartografia. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH da Universidade de São Paulo – USP, 2004.
- GOUVÊA, José P. Neves. A produção do espaço de São Paulo através de suas representações cartográficas. Dissertação (Mestrado em Tecnologia da Arquitetura). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU da Universidade de São Paulo – USP, 2010.
- GRATALOUP, Christian. Géohistoire. in: LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel (Org.). *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Belin, 2003.
- GUERMOND, Yves. Géomatique. In: LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel (Org.). *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Belin, 2003, p. 402.
- HARLEY, John Brian. A nova história da cartografia. *O Correio da Unesco* (mapas e cartógrafos), Brasil, ano 19, n. 8, ago. 1991, p. 4-9.
- INFORMATIVO AHM. Arquivo Histórico Municipal Washington Luís. *São Paulo antigo*: plantas da cidade, n. 20, set.-out. 2008. Disponível em: <<http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/index.html#topo>>. Acesso em: 20 jun. 2016.
- JENNY, Bernhard; WEBER, Adrian; HUERNI, Lorenz. Visualizing the planimetric accuracy of historical maps with MapAnalyst. *Cartographica: The International Journal for Geographic Information and Geovisualization*, v. 42, issue 1, 2007, p. 89-94.
- KAKO, Iara Sakitani. *O papel dos trilhos na estruturação territorial da cidade de São Paulo de 1867 a 1930*. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH da Universidade de São Paulo – USP, 2013).
- LÉVY, Jacques. *Le tournant géographique – penser l'espace pour lire le monde*. Paris: Belin, 1999. 400 p. (Mappemonde 8).

- LEVY, Jacques. Os novos espaços da mobilidade. *GEOgraphia*, Revista da Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – UFF, v. 3, n. 6. Niterói/ RJ, UFF/EGG, 2002, p. 7-17. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewFile/62/60>>. Acesso em: 11 jul. 2014.
- LÉVY, Jacques. Ville. In: LÉVY, Jacques; Lussault Michel (Org.). *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Belin, 2003.
- LÉVY, Jacques. Métrique. In: LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel (Org.). *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Belin, 2003, p. 607-609.
- LÉVY, Jacques; LUSSAULT, M. Espace. In: LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel (Org.). *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Belin, 2003. p. 325-333.
- LOGICIEL de transformation cartographique unipolaire IsoDistAngle. Conception: Colette Cauvin; Réalisation: Gilles Vuidel, Strabourg, 2013. Disponível em: <<http://thema.univ-fcomte.fr/IsoDistAngle>>. Acesso: 2 abr. 2014
- LUSSAULT, Michel. *L'homme spatial*: la construction sociale de l'espace humain. Paris: Seuil, 2007. 364 p.
- MONGIN, Olivier. *A condição urbana*: a cidade na era da globalização. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 344 p.
- MORSE, Richard M. *Formação histórica de São Paulo* (de comunidade a metrópole). São Paulo: Difel, 1970.
- OLIVA, Jaime Tadeu. A cidade como ator social: a força da urbanidade. In: ALESSANDRI CARLOS, Ana Fani; LEMOS, Amália Inês Geraiges (Org.). *Dilemas urbanos*: novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2003, p. 73-80.
- PAULA, E. S. de. A segunda fundação de São Paulo. Da pequena cidade à grande metrópole de hoje. *Revista de História – USP*, n. 17, 1954, p. 167-179.
- PASSOS, Maria L. Perrone; EMÍDIO, Teresa. *Desenhando São Paulo*: mapas e literatura – 1877-1954. São Paulo: Senac/Imprensa Oficial, 2009.
- PINTO, Alfredo Moreira. *A cidade de São Paulo em 1900*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1979
- PREFEITURA DE SÃO PAULO. *Histórico demográfico do município de São Paulo*. – Tabelas . Disponível em: <http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas.php>. Acesso em: 20 jun. 2016.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *São Paulo*: vila cidade metrópole. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2004
- SIMONI, Lucia Noemia. A planta da cidade de São Paulo de 1897: uma cartografia da cidade existente ou da cidade futura? In: SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA, 3., 2009, Ouro Preto. *Anais...* Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simoni_a-planta-da-cidade-de-sao-paulo-de-1897.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.
- STIEL, Waldemar Correa. *História dos transportes coletivos em São Paulo*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.
- TOBLER, Waldo. The development of analytical cartography: a personal note. Disponível em: <<http://www.geog.ucs.edu/~kclarke/Geography128/Tobler2000.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2013. 20 jun. 2016.
- TOLEDO, Roberto P. *A capital da vertigem*: uma história de São Paulo de 1900 a 1954. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

Os mapas como “operadores espaciais” na construção da cidade de São Paulo do início do século XX

[*The maps as “spatial operators” in the construction of the São Paulo city in the early twentieth century*

Eliane Kuvasney¹

RESUMO • Neste artigo busca-se compreender de que forma o ambiente de transformações do início do século XX influenciou e foi influenciado pela produção cartográfica, no caso específico dos mapas que estavam sendo produzidos representando a cidade de São Paulo e seu entorno. A hipótese deste trabalho é que a forma como a cartografia refletia as mudanças começou a participar da dinâmica da cidade e que os ingredientes dessa dinâmica (as ideias de crescimento e expansão, por exemplo) passaram a ser orientados pelos mapas, ou seja, os mapas tornaram-se “operadores espaciais”. O objetivo principal da pesquisa é contribuir para o desenvolvimento de uma geo-história cartográfica na perspectiva de analisar os mapas como fatos/fenômenos sociais e assim refletir sobre a extensão e duração desses fenômenos na organização e funcionamento dos espaços das sociedades. • **PALAVRAS-CHAVE** • Geo-história; cartografia; operadores espaciais;

São Paulo; século XX. • **ABSTRACT** • What is sought is how the early twentieth century transformations environment influenced and was influenced by cartographic production, in the case of maps that were being produced representing the city of São Paulo and its surroundings. The hypothesis is that the way the mapping reflected the changes began to take part in the city's dynamic and that the ingredients of this dynamic (the growth of ideas and expansion, for example) have to be guided by maps, thus turning maps into “spatial operators”. The main objective of the research is to contribute to the development of a cartographic geohistory in the perspective of analyzing the maps as social facts/phenomena and thus reflect on the extent and duration of these phenomena on the organization and functioning of spaces of societies. • **KEYWORDS** • Geohistory; cartography; spatial operators; São Paulo; XXth century.

Recebido em 11 de abril de 2016

Aprovado em 6 de julho de 2016

KUVASNEY, Eliane. Os mapas como “operadores espaciais” na construção da cidade de São Paulo do início do século XX. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil*, n. 64, p. 167-182, ago. 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p167-182>

¹ Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

INTRODUÇÃO

O espaço da metrópole paulistana hoje, observado a partir da cartografia, reforçada pela memória local e pela estrutura urbana herdada, nos apresenta poucos resquícios de seu passado colonial. Se associarmos a essa memória os dados demográficos, observaremos que a cidade, nos albores do século XX, começa a deixar para trás as marcas da vila colonial quase insignificante e sua condição primeva de “boca de sertão”. A passagem do final do século XIX para o século XX traz consigo a cafeicultura, a expansão das ferrovias, levas de imigrantes, o começo da industrialização e os subúrbios, trazendo também uma forte tendência especulativa.

Era o início do século XX, numa São Paulo que crescia em termos populacionais (de 65.000 habitantes em 1890 para 240.000 em 1900, saltando para 580.000 em 1920) e também na sua estrutura urbana. Na virada do século XIX para o século XX antigas chácaras ao redor do núcleo histórico da cidade estavam sendo loteadas, e as áreas urbana e suburbana se expandiam continuamente. Novos núcleos suburbanos surgiam. Ferrovias faziam a ligação do interior, onde se produzia o café, com o porto de Santos, por onde ele era exportado, e a bela e inglesa estação da Luz foi aberta aos passageiros em 1901. Além disso, com o dinheiro das exportações do café, São Paulo se firmava como o mais dinâmico centro comercial e financeiro da província. Como resultado, ainda no primeiro quartel do século XX, estavam criadas as bases para o desenvolvimento industrial de São Paulo, com a transferência de capitais gerados na atividade agrária para as incipientes indústrias locais e, com elas, surgem os bairros industriais e operários.

Todas essas mudanças vêm acompanhadas também da modernização da infraestrutura urbana. Com a chegada da companhia Light, em 1900, são instaladas linhas de bondes elétricos e os *tramways*, que ampliam os deslocamentos, aumentando a possibilidade de ampliação do tecido urbano. Observa-se também nesse período o surgimento de loteamentos populares localizados nos subúrbios, para dar vazão à demanda por moradia nessa cidade cuja população, em 1930, alcança 900 mil habitantes. A canalização das águas do córrego Anhangabaú e

depois a do rio Tamanduateí permitiram a urbanização da Várzea do Carmo². Alguns anos depois, as obras para retificação do Tietê foram iniciadas, com o mesmo objetivo. Dessa forma, essa cidade em transformação, que adentra o século XX, configura-se como a gênese da metrópole paulistana. Nesse sentido, elencamos a cidade de São Paulo e seu entorno nos albores do século XX na perspectiva, “não de reconstituir todo o passado, mas revelar as condições e o momento onde se produziu a sua diferença. E procurar as razões da sua reprodução como espaço específico”³, o espaço de configuração da metrópole.

OS “OPERADORES ESPACIAIS”. OS MAPAS COMO PROTAGONISTAS

Parte-se do princípio de que qualquer objeto da sociedade possui uma dimensão espacial e que esta não se limita à sua localização. Todos englobam espaços de métricas, de escalas e de substâncias muito variadas⁴. Todos têm, portanto, sua espacialidade. Os operadores espaciais são, nesse sentido, “entidades que possuem uma capacidade a agir com “desempenho” no espaço geográfico das sociedades interessadas”⁵.

2 Várzea do Carmo era a denominação da atual região do Parque Dom Pedro, na área central da cidade de São Paulo, quando era frequentemente atingida pelas cheias do [rio Tamanduateí](#). Após a canalização do rio, o topônimo caiu em desuso.

3 BRUNET, R. *Mondes nouveaux*. Tomo 1 da Géographie universelle. Paris: Belin/Reclus, 1990, p. 130.

4 Conforme LUSSAULT, Michel. *L'homme spatial. La construction sociale de l'espace humain*. Paris: Édition du Seuil, 2007, p. 147.

5 Ibidem, p. 19

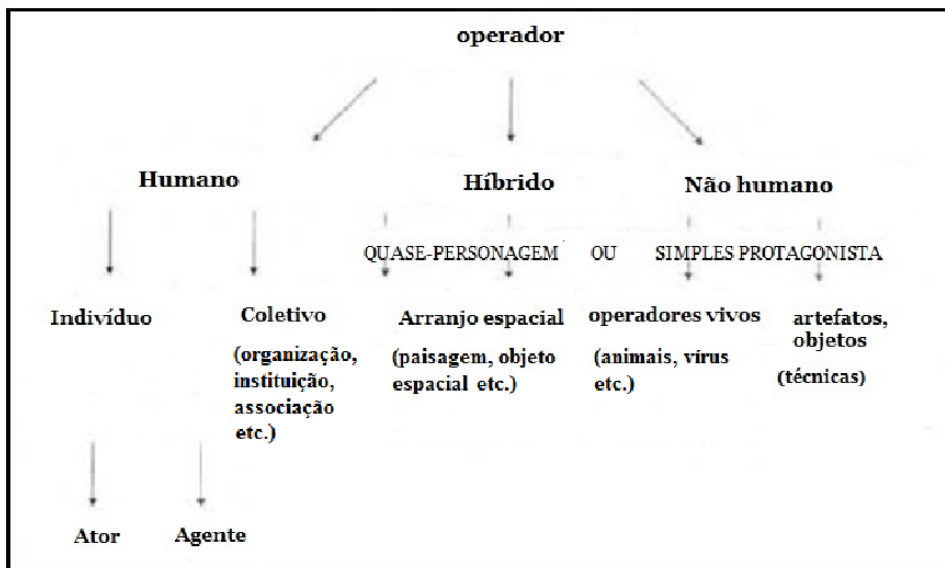


Figura 1 – Tipos de operadores espaciais. Fonte: LÉVY, Jacques e LUSSAULT, Michel. *Logiques de l'espace, esprit des lieux*. Paris: Belin, 2000 (Coleção Mappemonde). Adaptado de LUSSAULT, 2007, p. 149 (tradução nossa)

A figura 1 mostra os diferentes tipos de operadores humanos e não humanos. Michel Lussault lembra que os operadores não humanos são designados e construídos como tais pelos humanos. Estes definem sempre os limites que os separam do que lhes é externo, ao mesmo tempo que elaboram todos os métodos de apreensão – pelo homem – dos não humanos. Há, dessa forma, sempre uma parte de humanidade nos operadores não humanos. Estes, a partir das ações nas quais se inscrevem, são dotados por outros operadores – humanos e, portanto, dotados de competência enunciativa – de uma espécie de caráter e, quase personificados, tornam-se então “quase personagens”⁶. Nessa investigação partimos da hipótese de que determinados mapas tornam-se operadores não humanos, mas – aparentemente – não seriam “quase personagens”. Estes são aqueles que usam dos objetos para se exporem socialmente, ou seja, usam de um *corpus* iconográfico que os torna visíveis, daí a necessidade de distinguir os operadores não humanos simples (que operam, que o autor chama de “protagonistas”) de operadores “quase-personagens”, que ficam restritos ao estatuto de operadores humanos. Os mapas parecem encaixar-se na categoria de “simples protagonistas”, em princípio, já que se trata de objetos materiais, artefatos. Caberá à pesquisa esclarecer até que ponto esses artefatos deixaram de ser simples protagonistas para – dotados de competência enunciativa que os hibridiza (“O mapa nos mostra”, “o mapa nos informa”) – tornarem-se quase personagens.

6 Ibidem, p.151.

O PROTAGONISMO DOS MAPAS EM SÃO PAULO

Três plantas da cidade de São Paulo foram escolhidas para esta análise:

1) *Planta geral da capital de São Paulo*. Organizada sob a direcção do Dr. Gomes Cardim, intendente de obras, 1897. Escala 1:20.000⁷ (figura 4).

2) *Planta geral da cidade de São Paulo*. 1905. Adoptada pela Prefeitura Municipal para uso de suas repartições. Levantada e organizada pelo Engenheiro Civil Alexandre Mariano Cococi e Luiz Frutuoso F. Costa, engenheiros da Comissão Geog. e Geologica. Escala: 1:20.000⁸ (figura 5).

3) *Planta da cidade de São Paulo* levantada pela Divisão Cadastral da 2ª Secção da Directoria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal – Edição provisória aprovada pelo Acto n. 972, de 24 de agosto de 1916. Escala 1:20.000⁹ (figura 6).

As três têm em comum o fato de terem sido produzidas para o uso da Prefeitura de São Paulo, entre os anos 1897 e 1916, logo após a Proclamação da República, quando as Câmaras Municipais foram substituídas pelos Conselhos de Intendentes (não existindo a figura do prefeito até 1914) e aqueles responsáveis pelos levantamentos e confecção das plantas da cidade estavam na Intendência do Serviço de Obras e Viação – até 1914 – então nomeada Directoria de Obras e Viação, conforme vemos na planta de 1916.

Por que essas três plantas? Além do fato de serem plantas organizadas pelo poder local, ao observarmos as plantas da cidade de São Paulo anteriores à de 1897, como a planta organizada por Henry B. Joyner para a Cia. Cantareira e Esgotos, em 1881¹⁰ (figura 2), ou o *Mappa da cidade de São Paulo* e seus suburbios, organizado por Carlos Bresser, de 1847¹¹ (figura 3) (ambos consistindo em plantas cadastrais), ou qualquer outro anterior a 1897, vemos que a cidade é representada sempre em escalas que não ultrapassam 1:10.000 e que essa se restringe ao núcleo central – o chamado

7 *Planta Geral da Capital de São Paulo* organizada sob a direcção do Dr. Gomes Cardim Intendente de obras. 1897. Acervo Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart71701/cart71701.jpg>. Acesso em: 10 maio 2016.

8 *Planta geral da cidade de São Paulo* 1905 adoptada pela Prefeitura Municipal para uso de suas repartições. Levantada e organizada pelo Engenheiro Civil Alexandre Mariano Cococi e Luiz Frutuoso F. Costa Engenheiros da Comissão Geo e Geologica. Acervo Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart523225/cart523225.jpg>. Acesso em: 10 maio 2016.

9 *Planta da Cidade de São Paulo* levantada pela Divisão Cadastral da 2ª Secção da Directoria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal – Edição Provisória aprovada pelo Acto n. 972 de 24 de agosto de 1916. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/mapa_carto/BR_APESP_IGC_IGG_CAR_I_S_0202_001_001>. Acesso em: 10 maio 2016.

10 *Planta da cidade de São Paulo* levantada pela Companhia Cantareira e Esgotos. Henry B. Joyner Engenheiro em Chefe. 1881. Arquivo Histórico de São Paulo. Disponível em: <<http://www.arquiamicos.org.br/info/info20/i-1881.htm>>. Acesso em: 10 maio 2016.

11 *Mappa da cidade de São Paulo* e seus suburbios. Feito por Ordem do Ex.mo Sr. Prez.te o Marechal de Campo Manoel da Fonseca Lima e Silva e pelo engenheiro civil C. A. Bresser. 1847. Arquivo Histórico de São Paulo. Disponível em: <<http://www.arquiamicos.org.br/info/info20/i-1847.htm>>. Acesso em: 10 maio 2016.

“triângulo” – e seu entorno imediato. É sabido que, em termos populacionais, a cidade passa de 30.000 habitantes na década de 1870 para 65.000 em 1890 e, desses, para 240.000 em 1900, ou seja, nos últimos dez anos do século XIX, a população quase quadruplicou (e, num período de 30 anos, ela se multiplicou por oito), portanto, seria natural isso estar refletido nas plantas cadastrais da cidade. Mas as pesquisas nos levam a outras conclusões. Entre 1905 e 1916, apesar de observamos um crescimento no número de bairros na cidade, observamos também que ela se mantém adensada no seu núcleo central e entorno imediato, além da efetiva ocupação somente de bairros distantes desse núcleo, e que a área intermediária mantém uma baixíssima ocupação, apesar de as plantas nos mostrarem a cidade espalhando-se rapidamente.

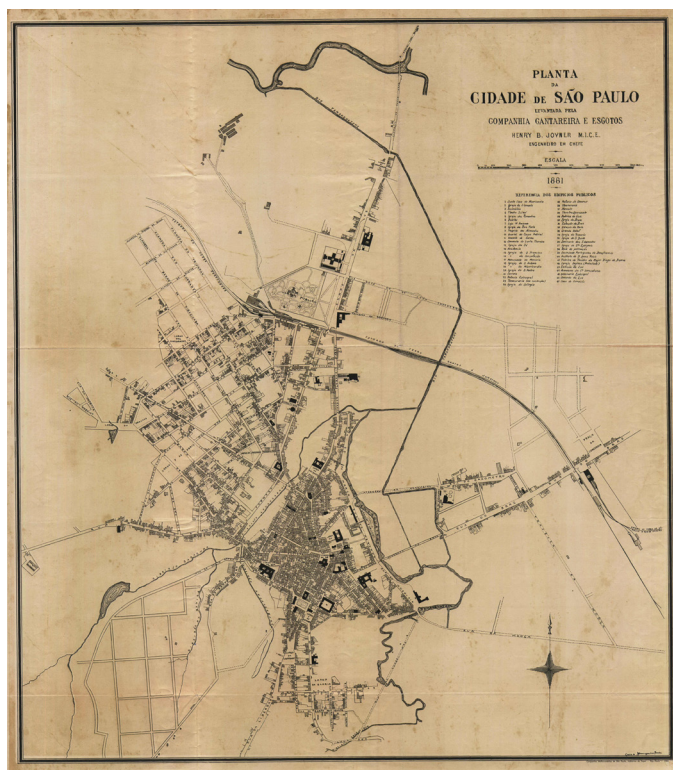


Figura 2 – *Planta da cidade de São Paulo* levantada pela Companhia Cantareira de Esgotos. Henry B. Joyner Engenheiro em Chefe. 1881. Escala 1:10.000 Fonte: Arquivo Histórico de São Paulo. Disponível em: <<http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1881.htm>>

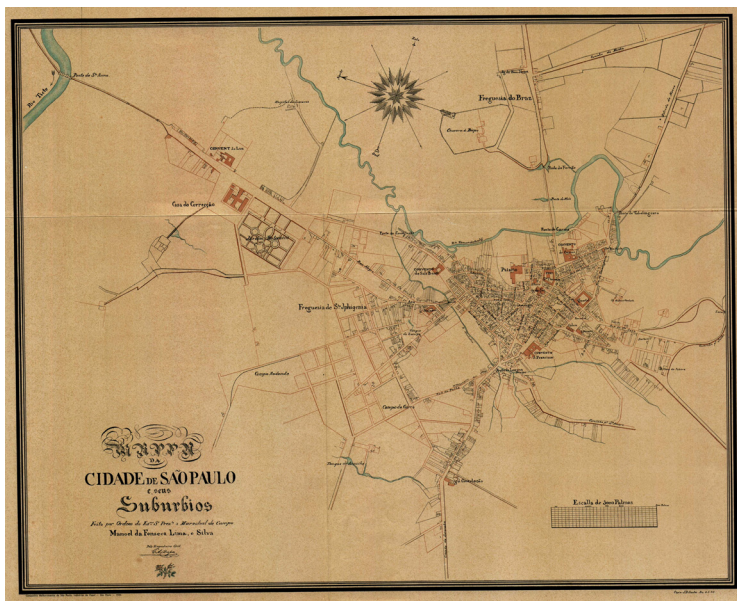


Figura 3 – *Mappa da cidade de São Paulo e seus subúrbios*. Feito por Ordem do Ex.mo Sr Prez.te o Marechal de Campo Manoel da Fonseca Lima, e Silva Pelo Engenheiro Civil C. A. Bresser. 1847. Escala: 1:10.000. Fonte: Arquivo Histórico de São Paulo. Disponível em: <<http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1847.htm>>

Nesse sentido, mostraremos que as representações do espaço urbano a partir do final do século XIX operaram transformações no sentido de criar a ideia do espraiamento da cidade, que caracterizará a modalidade de crescimento – imposta – para a cidade ao longo do século XX.

A planta de 1897 é uma novidade no que se refere à forma da cidade. Ao ser comparada, por exemplo, com a planta citada de 1881, chama a atenção, em primeiro lugar, pela ampliação da área do que seria propriamente a cidade, ou seja, observamos que a estrutura urbana representada mais que triplica em dezesseis anos. Em segundo lugar, pela mudança escalar: até então as plantas da cidade eram feitas em escalas até 1:10.000, o que significa que os núcleos além-Tamanduateí (leste do mapa) agora foram incorporados na representação da cidade e que esta também passa a incorporar trecho maior do rio Tietê, como feito nas plantas anteriores com o córrego Anhangabaú e também com o rio Tamanduateí, além de alguns núcleos além-Tietê. Vemos também assinalados os projetos de retificação dos rios Tamanduateí e Tietê, o que significa que a planta nos apresenta as intenções do poder público de ampliar o tecido urbano domando a natureza dos rios e das várzeas.

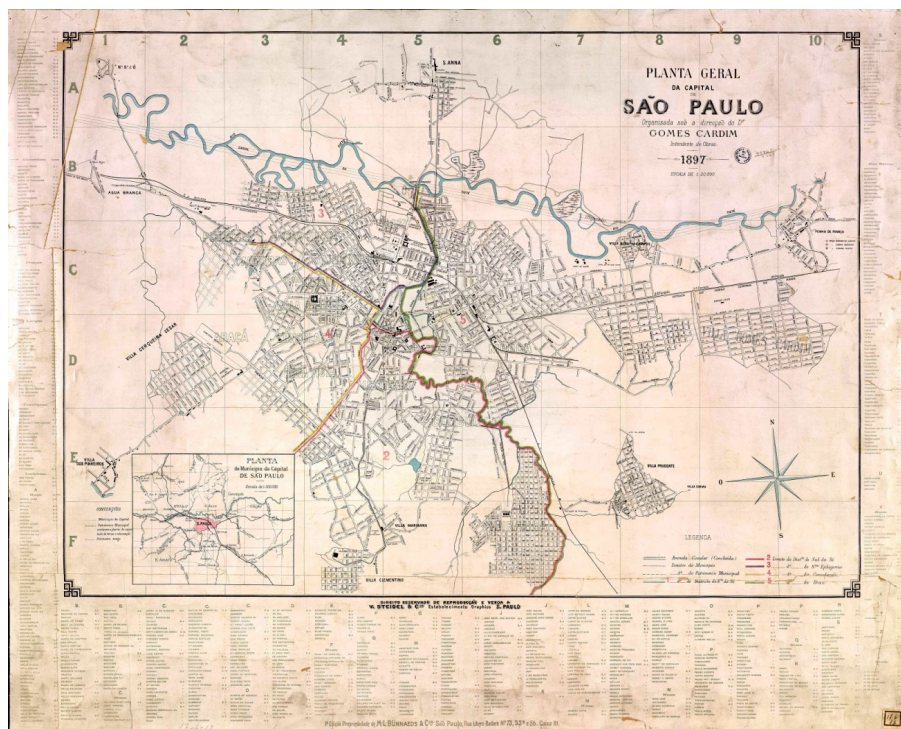


Figura 4 – *Planta geral da capital de São Paulo*. Organizada sob a direção do Dr. Gomes Cardim, intendente de obras, 1897. Escala 1:20.000. Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart71701/cart71701.jpg>

Lucia Noemia Simoni, após pesquisa em fontes documentais, afirma que o procedimento de elaboração dessa planta

[...]confere ao seu conteúdo um caráter antecipatório do que se pretendia realizar em terras dos arredores da cidade. Mas não se tratava de um projeto de cidade futura ou um plano, em sentido urbanístico [...]. Tratava-se sim de um mosaico de plantas de arruamentos particulares [em projeto, inexistentes] que preenchiam o lugar de uma racionalidade ansiada por parte da burocracia estadual e republicana¹².

Nesse sentido, Eudes Campos nos explica resumidamente a situação das terras do município, com o advento da República:

¹² SIMONI, Lucia N. A planta da cidade de São Paulo de 1897: uma cartografia da cidade existente ou da cidade futura? In: SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA, 3. Ouro Preto, 2009. Anais.... Ouro Preto: UFMG, 2009, p.15 (grifos meus). Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simoni_a-planta-da-cidade-de-sao-paulo-de-1897.pdf>. Acesso em: 10 maio 2016.

as Câmaras haviam sido suspensas e substituídas pelos Conselhos de Intendência Municipal e a Lei Estadual n. 16, de 13 de novembro de 1891, art.38, §1º, estabeleceu que, uma vez extinto o tradicional *rossio* (área que constituía o patrimônio municipal e dentro de cujos limites exerciam o seu poder as Câmaras Municipais), ficava criado em seu lugar nas povoações de mais de mil almas um círculo com seis quilômetros de raio. As terras devolutas contidas nesse círculo poderiam, em caso de necessidade, ser alienadas como forma de aumentar as rendas municipais. Fato que desencadeou um processo de natureza privatista que, no caso de São Paulo, se arrastava desde 1852, quando a Câmara havia cogitado pela primeira vez pôr à venda os terrenos desocupados de seu patrimônio¹³.

A planta em questão consiste em um conjunto de intenções – públicas e privadas – com relação ao futuro da cidade, que crescia vertiginosamente em termos populacionais, ao mesmo tempo que transformações sociais e econômicas ocorriam, como a abolição dos escravos, a proclamação da República, as levas de imigrantes, a cafeicultura... e uma elite cujas práticas permaneciam na lógica escravista e rentista de poder e de mando adquirida desde a colônia.

Interessante e esclarecedora é a pesquisa documental feita por José Inácio de Melo Souza no Arquivo Histórico de São Paulo – AHSP sobre esse período¹⁴. Esse pesquisador lembra que o crescimento vertiginoso da população da cidade pela via da migração interna e internacional gerou uma demanda gigantesca junto ao Serviço de Obras e Viação – SOV e, “para os engenheiros municipais, a falta de informações sobre a cidade era um dos entraves para a realização do trabalho de fiscalização” e que “a planta oficial da cidade era um dos instrumentos de trabalho do engenheiro”. Porém, muitas permissões de construção em bairros afastados eram negadas pelos engenheiros do SOV, com a alegação de estarem em ruas “inexistentes” ou “sem nome”, apesar de sua existência na planta de 1897. Tal situação de confronto entre os engenheiros do SOV e os proprietários e construtores ocorria em virtude dos muitos pedidos de legalização de construções em ruas que haviam sido abertas pelos próprios proprietários, sem a anuência da municipalidade – mas que constavam da planta de 1897 – fato bastante comum desde a década de 1850. Um caso relatado por ele merece destaque:

O prefeito tinha determinado que se recusasse alinhamento e aprovação de plantas para ruas que não fossem as oficiais. A reclamação de Heinsfurter [proprietário e construtor] se calçava no despacho favorável do prefeito, já que a avenida constava da planta oficial da cidade, contra o qual se insurgia Sá Rocha [o engenheiro responsável pelo parecer]. Para ele [o engenheiro], a planta oficial estava longe de ser um documento de licenciamento, mas, sim, de trabalho, “Tanto é assim que na relação oficial das ruas

13 CAMPOS, Eudes. São Paulo antigo: plantas da cidade. *Informativo Arquivo Histórico Municipal*, 4 (20): set./out. 2008. <Disponível em: <http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>>. Acesso em: 10 maio 2016.

14 SOUZA, José Inácio de Melo. José de Sá Rocha: engenheiro municipal – uma trajetória pessoal e a formação de um corpo técnico para gestão da cidade. *Informativo do Arquivo Histórico de São Paulo*, 9 (35): fev.2014. <Disponível em: <http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>>. Acesso em: 10 maio 2016.

da cidade, a qual me foi fornecida pela Prefeitura (e que aliás contém erros deploráveis principalmente em uma publicação oficial) se declara logo que: ‘nem todas as ruas e suas denominações que figuram na planta foram aceitas pela Câmara ou Prefeitura’¹⁵.

A planta de 1897, tida como um mosaico de plantas e arruamentos particulares, como dito, não podia ser utilizada como planta oficial da cidade, mas a mesma assim foi confeccionada, o que sugere a anuência do intendente de Obras Municipais – Pedro Augusto Gomes Cardim, experiente advogado e ex-procurador municipal. E foi esse o argumento utilizado no parecer do procurador do município, em favor do proprietário, naquela ocasião:

[...] “basta o fato dessa avenida e outras que formam a Vila Deodoro figurarem na planta da cidade levantada em 1897 pelo Intendente de Obras [Gomes Cardim] para não se poder deixar de considerá-las como ruas oficiais” (grifo do documento). [...] Aos argumentos da Procuradoria em favor da legalização das ruas juntou-se outro, possivelmente da Secretaria Geral, afirmando a validade da planta de 1897, já que, como era sabido, “grande parte” do antigo Arquivo da Intendência de Obras tinha desaparecido¹⁶.

Melo Souza lembra ainda que esse parecer da procuradoria favorável ao proprietário “foi a primeira grande ‘anistia’ para os moradores da cidade que tinham construído suas casas em ruas não legalizadas pela Câmara Municipal” e que isso voltaria a se repetir em 1916 “quando Washington Luiz procedeu da mesma maneira, baseando-se na planta levantada pela 2ª. Seção da DOV [então Directoria de Obras e Viação] naquele ano”, tratando-se – em ambos os casos – de “reconhecimento da falência do controle urbano pela Câmara”.

Lucia Noemia Simoni, após esclarecer-nos o contexto em que a planta de 1897 foi elaborada, conclui de forma semelhante sobre o poder público:

Nada de cartografias que trouxessem à luz as divisas entre as terras públicas e particulares, para que qualquer um pudesse se candidatar a elas e, sim, os apossamentos, as grilagens de terras, concessões havidas por requerimentos de sujeitos bem informados, que possivelmente não teriam sido mantidas caso tivesse existido um controle efetivo sobre o uso da terra¹⁷.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ SIMONI, Lucia N., op. cit., p. 15.

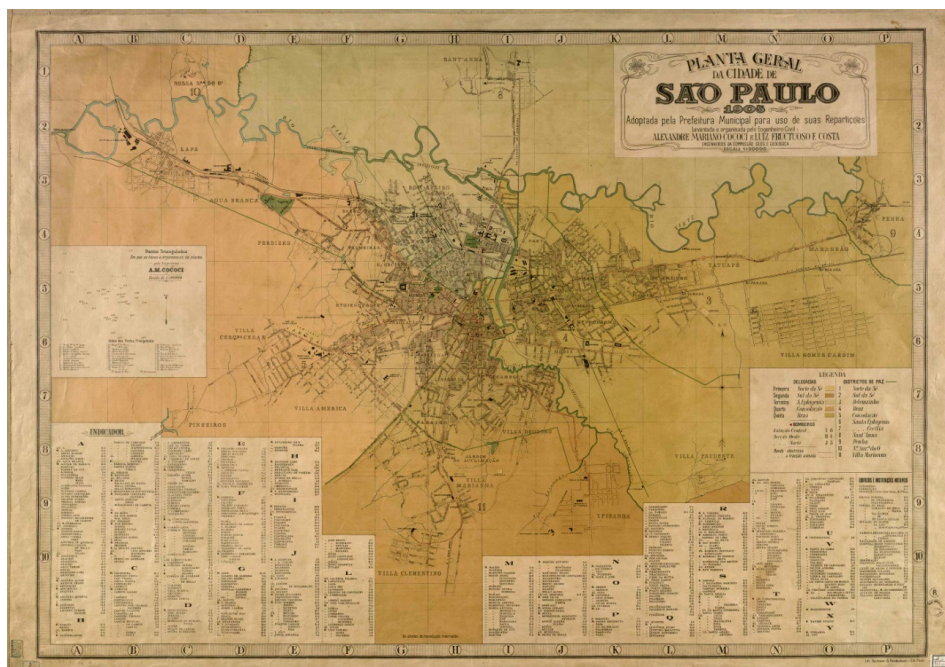


Figura 5 – Planta geral da cidade de São Paulo. 1905. Adotada pela Prefeitura Municipal para uso de suas repartições. Levantada e organizada pelo Engenheiro Civil Alexandre Mariano Cococi e Luiz Fructuoso F. Costa, engenheiros da Comissão Geog. e Geologica. Escala: 1:20.000. Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart523225/cart523225.jpg>

Ao passarmos para as plantas de 1905 e 1916, vemos que permanece a escala adotada na planta de 1897 e aparecem poucas alterações com relação aos loteamentos apresentados. As diferenças entre essas e a planta de 1897 são, em geral, alterações no número de ruas ou na forma dos loteamentos – com predomínio das reduções no número de ruas, mostrando que os loteamentos arrolados em 1897 estavam sendo paulatinamente implantados. Vejamos.

1 – Alguns dos loteamentos arrolados na planta de 1897 têm sua forma reduzida na planta de 1905, como é o caso, no sul, do Ypiranga (reduzido a um quinto do número de ruas apresentado em 1897), de Vila Prudente e do Cambucy (este último, também desmembrado em Cambucy e Vila Deodoro); na planta de 1916, no entanto, o Ypiranga volta a apresentar o traçado de 1897; um loteamento não nomeado, a leste, localizado entre a 3ª e a 4ª paradas da Central do Brasil, também tem sua forma reduzida nas plantas de 1905 e 1916, de mais de duas dezenas de ruas para seis; assim como o loteamento de Cerqueira César, a oeste, é reduzido à metade em 1905, mas muda de traçado em 1916, mais alongado no sentido NE/SO. Perdizes, a oeste, também tem seu traçado reduzido entre 1897 e 1905, mas também muda de traçado em 1916, com outro formato, distinto do apresentado em 1897.

2 – Observamos também o surgimento de alguns novos loteamentos nas plantas de 1905 e 1916, mas sempre em pontos periféricos da planta. Na extensão da estrada de

ferro inglesa (Santos a Jundiaí), a noroeste, a Água Branca, apenas nomeada na planta de 1897, é traçada em 1905 e, em 1916, é também incluído o parque de mesmo nome. Em ambas é representado também um novo núcleo, a Lapa, no limite noroeste da carta. A sudoeste, o traçado de Pinheiros permanece na planta de 1905 (também com redução de ruas), igualmente na planta de 1916, e o núcleo do Butantã – o primeiro a transpor o rio Pinheiros – aparece somente em 1916.

3 – Ainda no setor oeste, observamos que a Vila América só é nomeada na planta de 1905, apesar de já estar parcialmente traçada em 1897. Já na planta de 1916 aparece toda a estrutura dos jardins Europa e América (*garden city*), porém sem ser nomeados. Também na planta de 1916 o bairro da Mooca é ampliado na direção do Hipódromo.

4 – Quanto às obras de retificação dos rios Tamanduateí e Tietê, os canais projetados se mantêm inalterados na planta de 1905, o que indica a parte já construída de ambos. Na planta de 1916 desaparece o canal projetado do Tietê e aparece o Tamanduateí retificado desde a foz, no rio Tietê, até o Ipiranga, juntamente com a nova avenida do Estado que o margeia.

5 – Na planta de 1916 estão demarcados os perímetros urbano e suburbano, além do perímetro central. Melo Souza lembra que

Somente durante o governo de Washington Luiz [1914-1919], foi que se estabeleceu um primeiro zoneamento da cidade, dividindo-a em urbana, suburbana e rural, com uma amplitude maior do que os perímetros anteriores, que não serviam para as edificações. Começando em Higienópolis, na rua Rio de Janeiro, seguia pela avenida Municipal (atual avenida Dr. Arnaldo), indo em linha reta pela alameda Santos, Domingos de Moraes, largo do Cambuci, rua da Mooca, Celso Garcia, Ponte Grande, avenida Tiradentes, estação da Barra Funda, largo dos Perdizes, Conselheiro Brotero até o fecho na Rio de Janeiro (bairros que antes estavam de fora como Vila Mariana, Barra Funda e Cambuci passavam à zona urbana). O subúrbio compreendia a Penha, Vila Gomes Cardim, Voluntários da Pátria, Carandiru, Água Branca, rua Guaicurus, Cerqueira César, Matadouro, Vergueiro, Ipiranga, fechando a zona pelo ribeirão Tatuapé. A zona rural cobria os limites do perímetro suburbano até as divisas do município¹⁸.

6 – A novidade nessas duas plantas é que os lotes efetivamente ocupados (“com construções”, como aparece na legenda da planta de 1916) estão assinalados por áreas sombreadas, o que não existe na carta de 1897, impossibilitando comparações em relação à efetiva ocupação naquele ano (o que reforça o fato de tratar-se de mosaico de plantas). Ali, o traçado dos loteamentos só nos mostra a expressão da vontade dos poderes público e privado com relação à morfologia urbana, não nos mostra sua efetivação através das construções (como nas plantas de 1905 e 1916) ou de seu uso (como na planta da Comissão Geográfica e Geológica de 1914, não incluída nesta série), o que daria seu sentido de ocupação e, portanto, de espaço urbano e suburbano.

¹⁸ SOUZA, José Inácio de Melo, op. cit.



Figura 6 – *Planta da cidade de São Paulo*. Levantada pela Divisão Cadastral da 2ª Secção da Directoria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal – Edição Provisória aprovada pelo Acto n. 972, de 24 de agosto de 1916. Escala 1:20.000. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/mapa_carto/BR_APESP_IGC_IGG_CAR_I_S_0202_001_001>

A observação dessa área sombreada, a partir da planta de 1916, indica que ela está quase totalmente envolvida pelo perímetro urbano estabelecido pelo Acto 972¹⁹ que dá origem à planta, excedendo esses limites em poucos pontos em toda a carta. Ao compararmos essa área com aquela da planta de 1905, elas são perturbadoramente semelhantes, mantendo a mancha pouco alterada nesses dez anos. Existem ampliações ao norte, entre Pari e Bom Retiro, e a oeste, entre Perdizes e Higienópolis. No perímetro suburbano destacam-se os loteamentos periféricos somente. Aqueles intermediários, entre a mancha propriamente dita e a periferia da carta e da cidade de 1916, apresentam percentual muito baixo de construções. Essa situação é semelhante nas duas plantas.

O que é efetivamente ocupado no subúrbio em 1916? A oeste, Lapa, Perdizes, parte de Pinheiros e Freguesia do Ó, além de parte das ruas Guaycurus, Cardoso de Almeida, Rebouças e Teodoro Sampaio (artérias de ligação com a zona urbana); a leste, a Penha

19 Acto 972 de 24 de agosto de 1916 “Considera publicas, para todos os efeitos municipaes, todas as ruas, avenidas e praças, com os respectivos nomes, constantes da ‘Planta da Cidade de S. Paulo’, levantada pela Directoria de Obras e Viação”. Disponível em: <<http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/SeculoXX.aspx>>. Acesso em: 10 maio 2016.

e a sua ligação com a zona urbana, a avenida Celso Garcia; ao norte, além-Tietê, a rua Voluntários da Pátria, o acesso a Santana e, no sul, a avenida Domingos de Moraes, Ipiranga e Vila Prudente também apresentam algumas construções esparsas.

Toda a área suburbana entre o perímetro urbano e os bairros periféricos, nos extremos do perímetro suburbano – e que envolve grandes loteamentos já presentes na planta de 1897 ou incorporados na de 1916 – apresenta pouca ou nenhuma edificação em 1916. No entanto, estamos vendo a forma da cidade de São Paulo, com seu espraiamento sendo “naturalmente” construído nessas imagens.

A planta de 1897, em especial, apresenta-se como um operador espacial. Michel Lussault afirma que o operador “pode ser dotado, por ele mesmo ou pelos outros, de uma essência, ou seja, de um discurso de ficção que substancializa e naturaliza competências pragmáticas adquiridas no fogo da ação”²⁰. Ao observar a forma e as condições sob as quais essa planta foi feita, sabemos que se trata de um discurso de ficção ou, como afirmado por Simoni, de um “conjunto de intenções”²¹ daqueles que econômica e politicamente controlavam as terras do município – e que dotaram a planta desse discurso que naturalizou a imagem da cidade espalhada. As demais plantas apenas mantiveram o discurso, o que o reforçou substancialmente e o manteve como prática até os dias atuais.

Neste ponto da pesquisa destacamos que operadores humanos dotaram a planta de um discurso que naturalizou a imagem da cidade espalhada. Aqui, faz-se necessário retomar a questão inicial: até que ponto os mapas deixaram de ser simples protagonistas para – dotados de competência enunciativa que os hibridiza – tornarem-se “quase-personagens”? Nesse sentido, e para reafirmar a ideia de que os mesmos podem ser vistos dessa forma, cabe aqui a ideia de “coprodução” de Kitchin, Dodge e Perkins, que – baseados na teoria do ator-rede²², de Latour – afirmam:

Mapas não têm significado ou ação por conta própria; eles são parte do conjunto de pessoas, processos discursivos e coisas materiais. Eles estão inseridos em uma rede de atores e de práticas, em vez de existirem, *a priori*, como objetos de conhecimento não ideológicos. A teoria do ator-rede, então, busca fornecer uma mais ampla e mais rica compreensão da criação de mapas por meio de atores-rede específicos (por exemplo, agência de mapeamento nacional) e o uso de mapas como operadores dentro de vários atores-redes [...] por considerar as diversas práticas cotidianas, as interações e a circulação de ideias e de poder entre diversos atores (pessoas, textos, objetos, dinheiro)²³.

20 LUSSAULT, Michel, op. cit. p.150.

21 SIMONI, Lucia N., op. cit.

22 LATOUR, B. *Reagregando o social. Uma introdução à teoria do ator-rede*. Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: EDUFBA; Bauru: Edusc, 2012.

23 KITCHIN, R.; PERKINS, C.; DODGE, M. Thinking about maps. In: ____ (Eds.) *Rethinking maps*. Routledge, 2009. p. 16 (tradução nossa).

Nesse sentido, os mapas são coparticipantes de redes de operadores, que envolvem – no caso da planta de 1897 – a Intendência de Obras, a Câmara, os loteadores e os proprietários, além – é claro – da própria planta, que materializa as ações dos demais agentes e promove a naturalização da cidade espalhada.

CONCLUSÃO

Buscou-se, com este texto, iniciar uma discussão sobre o uso dos mapas como operadores espaciais, como agentes na construção da metrópole que temos hoje: uma cidade espalhada, adensada em seu centro e nas suas bordas. Uma cidade que desde o início dessa construção foi desigual. O que seria a marca da modernidade nesse processo? Trata-se da modernidade subjacente na cidade que crescia nas suas bordas, que ultrapassava os rios, que os transformava em canais, a cidade da *belle époque*, das *garden cities*, dos *bonds elétricos*, da ferrovia, das indústrias. Todos eles presentes na cidade que crescia nas quatro direções cardeais e todos eles presentes no discurso da naturalização dessa forma da cidade através dos mapas.

Por se tratar de pesquisa em andamento, nesse primeiro momento analisamos as três plantas produzidas pelo e para o poder local. A continuidade desse trabalho implica analisar outras plantas produzidas no período de forma que aprofunde a compreensão da ação dos operadores nesse processo de coprodução da cidade, buscando sempre, como dito, entender essa cidade em transformação que adentra ao século XX, buscando “revelar as condições e o momento em que se produziu a sua *diferença*. E procurar as razões da sua reprodução como espaço específico”²⁴.

SOBRE A AUTORA

ELIANE KUVASNEY doutoranda no Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH) do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Bolsista CNPq. Programa USP/Cofecub, parceria entre a Universidade de São Paulo e o Comité Français d’Evaluation de la Coopération Universitaire avec le Brésil.

Email: ekuvass@gmail.com

24 BRUNET, R., op. cit., p.130.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUNET, R. *Mondes nouveaux*. Tomo 1 da Géographie Universelle. Paris: Belin/Reclus, 1990.
- CAMPOS, Eudes. São Paulo antigo: plantas da cidade. *Informativo Arquivo Histórico Municipal*, 4 (20): set./out.2008. Disponível em: <<http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>>. Acesso em: 10 maio 2016.
- KITCHIN, R.; PERKINS, C.; DODGE, M. Thinking about maps. In: _____. (Ed.) *Rethinking maps*. Routledge, 2009.
- LATOUR, B. *Reagregando o social. Uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: EDUFBA; Bauru: Edusc, 2012.
- LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel. *Logiques de l'espace, esprit des lieux*. Paris: Belin, 2000. (Coleção Mapemonde).
- LUSSAULT, Michel. *L'homme spatial. La construction sociale de l'espace humain*. Paris: Édition du Seuil, 2007.
- SIMONI, Lucia N. A planta da cidade de São Paulo de 1897: uma cartografia da cidade existente ou da cidade futura?. In: SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA, 3. Ouro Preto, 2009. Anais... Ouro Preto: UFMG, 2009. Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simoni_a-planta-da-cidade-de-sao-paulo-de-1897.pdf>. Acesso em: 10 maio 2016
- SOUZA, José Inácio de Melo. José de Sá Rocha: engenheiro municipal – uma trajetória pessoal e a formação de um corpo técnico para gestão da cidade. *Informativo do Arquivo Histórico de São Paulo*, 9 (35): fev.2014. Disponível em: <http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>. Acesso em: 10 maio 2016.

Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula

[*National rap: black youth and the musical poetical experience inside classroom*]

Ana Claudia Florindo Fernandes¹

Raquel Martins²

Rosângela Paulino de Oliveira³

RESUMO • Este artigo se destina à reflexão acerca da utilização do *rap* nacional no ambiente escolar a partir de sua estética e discurso, como meio de problematizar junto aos jovens a história da escravidão do Brasil, bem como a disseminação e perpetuação do preconceito racial na sociedade brasileira. Serão abordadas algumas experiências realizadas com adolescentes em oficinas baseadas no *rap*, referentes a pesquisas de campo que fizeram parte de um Projeto de Pesquisa de Políticas Públicas. Será discutido em que medida o *rap*, constituído de múltiplas linguagens, tais como a oralidade, a música e a expressão corporal, pode contribuir para os processos de formação do jovem afrodescendente e morador da periferia de São Paulo e para a afirmação da sua identidade pela via do reconhecimento. • **PALAVRAS-CHAVE** • Adolescente; afrodescendente; *rap* nacional; oralidade; estética;

reconhecimento. • **ABSTRACT** • This article is intended for thinking about the use of national rap at the school environment from its aesthetic and speech as a means to discuss with young people the history of slavery in Brazil, as well as the spread and perpetuation of racial prejudice in Brazilian society. It will englobe some experiments conducted amidst adolescents in workshops based on rap, regarding to field studies that were part of a Research Project for Public Policy in the area of Education. It will be discussed to what extent the rap, consisting of multiple languages, such as oral, music and body language, can contribute to the youth's learning processes of African descendants, resident in the outskirts of Sao Paulo, and how it contributes to build their identities through recognition. • **KEYWORDS** • Teenager; African descent; national rap; orality; aesthetics; recognition.

Recebido em 20 de março de 2015

Aprovado em 14 de julho de 2016

FERNANDES, Ana Claudia Florindo; MARTINS, Raquel; OLIVEIRA, Rosângela Paulino de. Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 64, p. 183-200, ago. 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p183-200>

1 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

2 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

3 Universidade Nove de Julho (Uninove, São Paulo, SP, Brasil).

INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe reflexões acerca da utilização do *rap* nacional no ambiente escolar, como meio de expressão da juventude negra, a partir de sua estética e discurso. Dimensões que, por sua vez, são traduzidas por meio de múltiplas linguagens, como a música, a oralidade e a *performance* corporal, que expressam o anseio de afirmação da identidade do jovem afrodescendente e morador de periferia. Será discutido em que medida o *rap*, constituído por essa gama de linguagens originadas em territórios urbanos, pode contribuir para os processos de formação do jovem que sofre humilhação social e moral por ser negro. Uma formação que problematize, junto ao aluno, a afirmação e a preservação de sua identidade por meio da valorização de suas origens étnicas e sociais. Diante do aumento da violência urbana, que mata milhares de jovens afrodescendentes ou os põe sob o jugo do sistema penitenciário, é necessária e urgente a discussão, nos processos de formação, de questões evitadas ou mal compreendidas, referentes à discriminação racial entranhada na sociedade brasileira, que ganha novos contornos na atualidade.

Considerando a necessidade de inserir criticamente a cultura do negro nos currículos escolares e tomar seus conhecimentos como a base do ensino, foram realizadas pesquisas de campo por meio de oficinas de *rap*, com o intuito de desenvolver a percepção dos alunos pela via das linguagens que constituem esse gênero musical juvenil, especificamente, a estética musical e a oralidade. Serão descritas e analisadas neste artigo duas dessas oficinas – uma destinada à experimentação do *rap* aliada ao letramento, e outra, à estética musical. Desse modo, cada pesquisadora buscou, a partir de sua área de atuação, experimentar atividades que incluíssem a audição e a análise de *rap* – a partir das letras e dos arranjos musicais que configuram as bases de *rap* nacional, tais como Racionais MC's, Facção Central, Criolo, entre outros. Ao longo das oficinas, os alunos produziram coletivamente letras, *fanzines*, criaram bases rítmicas com a utilização de instrumentos de percussão e compuseram *rap*, além de participar de discussões em sala de aula provocadas por “temas geradores” inspirados pelas temáticas abordadas nas letras, entre outras atividades.

Essas oficinas fizeram parte de um amplo Projeto de Pesquisa de Políticas Públicas intitulado “*Rappers*, os novos mensageiros urbanos na periferia de São Paulo:

a contestação estético-musical que emancipa e educa⁴, coordenado pela professora doutora Mônica do Amaral, envolvendo diversos pesquisadores. As oficinas ocorreram na ONG Casa do Zezinho, situada no bairro do Capão Redondo, entre os anos de 2011 e 2012, como também na Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, situada no bairro do Butantã, no ano de 2013.

O principal objetivo das atividades realizadas com os jovens na faixa etária de 13 a 15 anos foi problematizar o sujeito periférico e marginalizado pelo viés histórico e social a partir do qual o *rap* nacional configura seu discurso para que os alunos pensassem criticamente sobre a própria condição social e existencial. A metodologia empregada foi desenvolvida ao longo das oficinas, de acordo com as demandas surgidas a cada debate com os alunos, que, por sua vez, faziam emergir determinadas questões sociais e subjetivas relacionadas ao universo particular do jovem e sua interação com o mundo exterior.

Para introduzirmos a discussão em torno do *rap* nacional, é necessário expor brevemente os principais aspectos que contribuíram para o surgimento do *hip-hop* – manifestação artística da qual o *rap* faz parte, que ocorreu inicialmente no Bronx, condado de Nova York (EUA), na década de 1970, motivado pelo sofrimento de indivíduos afro-americanos que foram duramente atingidos pelas políticas públicas de urbanização adotadas e ações policiais. Como estratégia de luta pela afirmação de sua identidade e cultura, os jovens afro-americanos recorreram às artes do *hip-hop* como arma para denunciar as ações discriminatórias e para demarcar seus territórios nos bairros de Nova York. No Brasil, sua chegada foi impulsionada por necessidades sociais e culturais da juventude negra de São Paulo da década de 1980.

No Brasil, a chegada da *black music*, especificamente o *soul*, antecipou a entrada do *rap*, influenciando os “*rappers* da velha escola do *hip-hop*”⁵. De acordo com Rocha, Domenich e Casseano, os bailes foram os primeiros a reunir a juventude negra de São Paulo, “promovidos principalmente pela Chic Show durante os anos 70”⁶. O *rap* nacional começou a ser disseminado no Brasil, principalmente no centro de São Paulo, na década de 1980, por meio de encontros de dançarinos de *break* e integrantes do movimento *hip-hop*, que ocorriam no largo São Bento e nas galerias da rua 24 de Maio. Além de dançar, os jovens trocavam LPs ou fitas cassete e formavam duplas ou grupos de *rap*⁴. A chegada do *hip-hop* no Brasil na década de 1980 foi essencial para o surgimento de ações afirmativas referentes à valorização do jovem afrodescendente, como nos casos das posses, que, de acordo com Contier, constituíram-se da reunião “de dois ou mais grupos de *rap*, formando uma turma para desenvolver ações sociais na sua comunidade”⁷.

4 Projeto de Políticas Públicas financiado pela Fapesp no 10/52002-9. Vigência: 10 de fevereiro de 2011 a 31 de janeiro de 2014.

5 ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. *Hip-hop: a periferia grita*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. p. 130.

6 Ibidem.

7 CONTIER, Arnaldo Daraya. O rap brasileiro e os Racionais MC's. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE. An. 1 *Simp. Internacional do Adolescente* May.2005, p. 7. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000082005000100010&script=sci_arttext>. Acesso em: 24 fev. 2015.

O *rap* nacional caracteriza-se por três fases distintas, delineadas entre seu surgimento e as produções atuais. A primeira fase se caracteriza pelo seu discurso ideologicamente menos aguerrido em relação às fases posteriores, visto que os jovens da periferia, inicialmente, queriam se divertir e dançar nas ruas do centro da cidade. Mas esses encontros públicos já prenunciavam uma movimentação da juventude negra em busca de seus territórios na cidade de São Paulo. A segunda e a terceira fases recebem maior atenção em razão do discurso adotado em ambas, que se mostra mais comprometido ideologicamente com as causas sociais e denuncia a situação social de abandono do jovem afrodescendente. Sobre esse assunto, Fonseca⁸ destacou algumas características referentes à segunda fase, cuja narrativa denuncia o drama social dos indivíduos socialmente vulneráveis: “alguns núcleos parecem ser mais característicos de determinadas fases, a exemplo do que se refere à baixa expectativa de vida de quem é pobre, afrodescendente e vive em locais violentos”⁹. Participam dessa segunda fase o grupo Racionais MC’s e o *rapper* Sabotage, entre outros.

Ao se referir a essa segunda fase do *rap* nacional, a autora salienta um importante aspecto explorado em nossa pesquisa – a temática recorrente nas letras dos grupos surgidos no final dos anos 1980 e início dos 1990, caracterizada por denunciar esse sujeito periférico, afrodescendente, que convive cotidianamente com a violência.

Nesse sentido, as ideias desenvolvidas por Axel Honneth¹⁰ a propósito da “luta pelo reconhecimento” como meio de fortalecer a identidade individual e coletiva do sujeito que tem o reconhecimento denegado tem nos auxiliado a analisar os resultados obtidos em nossas oficinas, como também a pensar na questão da afirmação da identidade do jovem afrodescendente e morador das periferias. Suas reflexões a propósito do déficit sociológico da “teoria crítica” também deram suporte à reflexão que vimos desenvolvendo a respeito dos problemas referentes aos jovens que são discriminados por questões histórico-raciais. Recorremos ainda à crítica de Adorno e Horkheimer à indústria cultural e sua hegemonia mercadológica com fins de cooptação da consciência das massas, bem como devido à sua capacidade de “habituar os sentidos”¹¹. No campo da educação, recorremos às ideias de Adorno¹² acerca da emancipação crítica do sujeito a partir dos processos de formação no ensino escolar.

Entretanto, é preciso trazer essa discussão para o contexto histórico que vivemos com a chegada da pós-modernidade. De acordo com o pensamento de Gilles Lipovetsky, a noção de pós-modernidade, surgida no final dos anos 1970,

8 FONSECA, Ana Silvia A. da. Versos violentamente pacíficos: o *rap* no currículo escolar. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

9 Ibidem, p. 154.

10 HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

11 ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 114.

12 ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

sugeria a ideia de “uma temporalidade dominada pelo precário e pelo efêmero”¹³. A pós-modernidade é envolta “numa forma de sedução, ligada à individualização das condições de vida, ao culto do eu e das felicidades privadas”¹⁴. As transformações ocorridas de acordo com a lógica evolutiva da sociedade ou, como argumentou Hall, mais precisamente, segundo o “processo de mudança conhecido como ‘globalização’”¹⁵, atingem profundamente o jovem afrodescendente ao definir seu lugar dentro de uma estrutura socialmente desigual. Esse fenômeno ocorre em decorrência de aspectos raciais e históricos, que obrigam o jovem afrodescendente a buscar novas estratégias de enfrentamento da segregação social e espacial que lhe é imposta. Esse jovem se vê excluído da sociedade de consumo e, ao mesmo tempo, é, cada vez mais, assediado pela indústria cultural. Tais injunções podem tornar esse jovem vulnerável à criminalidade, levando-o a acreditar que será possível, por meio desse consumo, escapar da invisibilidade a que está sujeito em uma sociedade excludente.

Tais transformações na sociedade, que incidem no comportamento dos jovens, bem como nossas experiências com o *rap* em sala de aula, levaram-nos a considerar que o enfrentamento crítico dessa realidade pode ocorrer no ambiente escolar, como meio de aprofundar e desmitificar a análise das origens do racismo. Ao levar para a sala de aula as temáticas abordadas por *rappers* de diferentes fases, tais como Racionais MC's e Criolo, entre outros, buscamos percorrer, ao longo das oficinas, as incidências do passado escravocrata na vida na periferia. Nosso objetivo foi pautado pela necessidade de recontar essa história de modo aprofundado, para que fosse possível desfazer as marcas atribuídas ao indivíduo negro pelas formas de dominação originadas do preconceito racial perpetuado ao longo das transformações sociais. E o fizemos, recontando-a de modo que propiciasse a esse sujeito segregado, compreendido como “efeito colateral”¹⁶ do sistema, o reconhecimento recíproco, que se efetua a partir de suas três formas, de acordo com Honneth: do amor, do direito e da solidariedade¹⁷.

EXPERIÊNCIAS EM SALA DE AULA: ORALIDADE, POESIA E RIMAS

Nas oficinas de *rap* e letramento, propusemo-nos a pensar sobre outros caminhos do letramento, investigando a possibilidade de trazer para dentro da sala de aula conteúdos, assuntos e reflexões ligados aos interesses e necessidades demonstrados pelos jovens em suas experiências na periferia, fortemente marcadas pela tradição oral, de modo que torne relevante e significativo o processo de escolarização.

O trabalho envolveu a ideia de letramento como um processo sócio-histórico,

¹⁴ LIPOVETSKY, Gilles. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Editora Barcelona, 2004, p. 51.

¹⁵ Ibidem, p. 64.

¹⁶ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014, p. 12.

¹⁷ Trecho da letra de “Capítulo 4 versículo 3”, do álbum *Sobrevivendo no inferno*, de 1997. Cosa Nostra fonográfica. 1997. 1 CD (72 min). Faixa 3 (8'09). Digital estéreo.

¹⁸ HONNETH, Axel, op. cit, p. 154.

inserido nas práticas e usos culturais da língua produzidos em determinado contexto, segundo o qual se considera a escrita e a oralidade como atividades centrais na interação verbal. De acordo com essa perspectiva, entende-se que as práticas e usos sociais da língua encontram-se atravessadas por atividades discursivas concebidas como eventos de letramento¹⁸, dos quais participam muitos indivíduos, alfabetizados ou não.

Partimos da hipótese de que, por meio do *rap* e da forte presença da oralidade nele contida, torna-se possível alimentar e enriquecer os conhecimentos da juventude urbana a respeito da linguagem, possibilitando uma entrada na escrita mais significativa e relevante do ponto de vista cultural.

Nesse sentido, o objeto de estudo deixa de ser a língua em si para centrar-se sobre os discursos e as práticas culturais que embasam a língua em uso. O que fundamenta essa ideia é a condição de produção do discurso, com ênfase no modo como se dá a articulação entre os processos discursivos e a língua, dos quais participam o sujeito e a história. É sobre uma base linguística que se desenvolve o discurso, que, por sua vez, traduz uma ideologia que representa todo um complexo dominante de produção de sentidos.

A face poética do movimento hip-hop está presente na formação discursiva dos jovens, especialmente entre os menos favorecidos, uma vez que as letras fazem parte de seu cotidiano, constituindo-se em verdadeiras crônicas que narram situações vividas na comunidade, auxiliando-os a compreender melhor a sociedade em que estão inseridos, além de entremear as experiências linguísticas construídas nas situações comunicativas concretas. São ritmos, sons, batidas, rimas e poesias que contribuem para a formação e a ampliação do repertório linguístico dos jovens, por meio dos quais é possível interpretar o significado da escolha de cada palavra na composição de um verso e debater temas próximos da realidade de quem mora na periferia, mobilizando-os a se interessarem por outros textos.

Nossa pesquisa consistiu, basicamente, na realização de oficinas com aos jovens, explorando toda a interdiscursividade do *rap*, ou seja, a face poética do movimento *hip-hop*. Planejamos 25 encontros, de aproximadamente uma hora e meia cada um, durante o ano de 2012 (março a novembro), com jovens entre 13 e 15 anos, que cursavam desde as séries finais do ensino fundamental II (7ª, 8ª e 9ª anos) até a série inicial do ensino médio (1º ano).

No primeiro semestre, foram desenvolvidas atividades relativas à contextualização do *hip-hop* como expressão estética de contestação política, social e econômica, abordando o percurso histórico traçado pelo movimento nos Estados Unidos e no Brasil, em que ocorreram desdobramentos bastante importantes do ponto de vista cultural e político, particularmente entre os jovens oriundos das regiões periféricas das grandes metrópoles.

No segundo semestre, as oficinas tiveram um enfoque mais específico em torno das habilidades de escrita. Para tanto, foram organizados encontros centrados na ampliação do repertório dos alunos a respeito dos recursos estéticos utilizados

18 O termo é empregado por Angela B. Kleiman no livro *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

pelos *rappers* na composição da música, que tem, entre outras características, forte apelo político. Os principais representantes do *rap* nacional foram explorados, e as letras tornaram-se objeto de estudo e reflexão do grupo. Propusemos, entre outras atividades, uma visita ao Museu da Língua Portuguesa, a leitura de entrevistas e análise de documentários de *rappers* brasileiros e a construção de um fanzine – revista bastante utilizada pelo movimento hip-hop para a divulgação de ideias, assim como shows, eventos, entre outros – a fim de registrar os raps de autoria produzidos pelos jovens no decorrer dos últimos encontros.

A partir do levantamento das principais necessidades apresentadas pelos jovens em relação ao letramento, inspiramo-nos nas ideias sustentadas pelos autores norte-americanos Duncan-Andrade e Morrel²⁰ relativas a uma “pedagogia culturalmente relevante”, para planejar as nossas intervenções. Segundo eles, as escolas precisam enfrentar o desafio de propor um mundo mais justo do ponto de vista social, empregando práticas menos conservadoras, principalmente no tocante ao ensino público, devendo romper com o fracasso produzido pela própria estrutura social opressiva. Conclui-se que sejam as maiores vítimas desse sistema os jovens pobres e negros estadunidenses.

O quadro de exclusão escolar, para os autores, é possível de ser revertido à medida que seja oferecido ao aluno um conhecimento relevante do ponto de vista cultural, econômico, político e ideológico, que será responsável por promover uma identificação dos jovens com a escola e uma atribuição de sentido à escolarização. O jovem precisa entender a escola como uma instituição parceira da comunidade, na qual sua identidade e os conhecimentos construídos nas experiências coletivas poderão ser preservados.

De acordo com Duncan-Andrade e Morrel, é fundamental que a escola estabeleça um diálogo com a comunidade e que a pedagogia e ações didáticas tenham como base o vínculo com a cultura local, sem pretender substituí-las pela cultura dominante, responsável pelas exclusões escolares vividas pelos jovens urbanos:

Para ser eficaz, o movimento de reforma da educação urbana deve começar a desenvolver parcerias com as comunidades de modo que ofereça aos jovens a oportunidade de serem bem-sucedidos no espaço escolar, mantendo suas identidades enquanto juventude urbana. Este modelo de educação centra-se na concepção de uma cultura urbana escolar, de currículo e pedagogia, que identifica o conhecimento dos alunos de áreas urbanas como bens culturais e não como algo a ser substituído. A maneira particular e única de vida da juventude urbana merece um sistema de educação que realize dois objetivos em conjunto: a preparação para enfrentar as condições de desigualdade social e econômica em suas vidas diárias e o acesso aos letramentos acadêmicos (computacional e linguística) de modo que permita que a inserção escolar seja uma opção realista²⁰.

20 DUNCAN-ANDRADE, Jeffrey M.; MORREL, Ernest. *The art of critical pedagogy: possibilities for moving from theory to practice in urban schools*. New York: Peter Lang, 2008.

21 Ibidem, p. 8 (tradução nossa).

O currículo deve refletir a vida dos jovens, seus conhecimentos prévios obtidos nas ruas, por meio das tradições culturais familiares, na cultura juvenil (tendo o *hip-hop* como modelo) e na própria mídia. A escola deve configurar-se como um espaço privilegiado de formação de novas habilidades acadêmicas, bem como de construção de consciência crítica acerca dos caminhos e estratégias de resistência e emancipação políticas, de modo que mudanças possam ser produzidas contra as desigualdades sociais e raciais que pesam sobre a vida dos alunos.

Pensar as relações entre o letramento – entendido como um processo sócio-histórico de construção de discursos e práticas de leitura e escrita – e o *rap*, no contexto de uma pedagogia culturalmente relevante, possibilita a abertura de uma discussão a respeito da própria educação e a necessidade de transformação das práticas escolares a fim de que realmente se coloquem a serviço das necessidades dos alunos menos favorecidos. O discurso do *rap* entra na escola como um espaço do contradiscurso, de resistência e de crítica ao sistema educacional vigente, concebido como um agente de reprodução de um sistema de dominação.

NA ORALIDADE DO RAP: A VOZ E A VEZ DA PERIFERIA

Ampliando a discussão e transpondo a reflexão para o campo da linguagem, observamos que as experiências orais que se aproximam da música, todo o repertório linguístico produzido pela escuta corriqueira de *raps* nas comunidades, constituem-se em conhecimentos que não são valorizados pelos padrões escolares, uma vez que suas letras são consideradas pobres, sem a qualidade poética presente em outros gêneros, inclusive musicais. Tais pressupostos, orientados por um tipo de letramento que desconhece o funcionamento social da linguagem, legitimam o desenvolvimento de habilidades de escrita e leitura de livros ou gêneros do discurso que, muitas vezes, não permitem o aprofundamento dos sentidos do texto ou a descoberta dos poderes da escrita, muito menos dizem algo significativo aos jovens urbanos da periferia. A discrepância entre a cultura escolar e a cultura local pode ser identificada, então, nessa distância e falta de diálogo presentes no letramento idealizado pela escola.

Desse modo, tomamos como base os conhecimentos advindos da história da escrita, particularmente as contribuições teóricas de Havelock²¹, que apontam as inter-relações existentes entre a oralidade e a escrita, essenciais para se pensar em propostas de letramento alimentadas pela força da oralidade do *rap*.

Entre os gregos, até o século 700 a.C., era comum o uso da oralidade, pautada em situações cotidianas, em audiência pública, no emprego coletivo da linguagem. A sociedade fundamentava-se na cultura oral, na comunicação de mensagens por meio da recitação poética, na transmissão da linguagem geração após geração, na estruturação formular das ideias e pensamentos, assim como na potencialidade mnemônica da arte verbal; enfim, uma série de práticas socioculturais em que prevalecia a oralidade e que antecederam a construção da escrita e a criação do

22 HAVELOCK, Eric. A equação oralidade-cultura-escrita: uma fórmula para a mente moderna. In: OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy. *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.

alfabeto. Os rapsodos²² figuravam entre as aldeias recitando versos, comunicando, narrando e descrevendo os fatos vividos pela comunidade. A origem grega da palavra, inclusive, remonta à ideia de recitação:

As convenções comuns da língua que se acham codificadas em nossos cérebros são acústicas, não visuais. A capacidade de pensar do homem está biologicamente relacionada com sua aptidão para falar, para estabelecer comunicação através do discurso oral, em qualquer dialeto que seu grupo linguístico tenha escolhido para seu uso, isto é, para o fazer compartilhar entre seus membros²³.

Nas culturas orais, é comum identificar o uso de regras formulares na composição de poesias e versos. O ritmo, a métrica, a rima, as repetições, as aliterações, as assonâncias, garantem a escuta atenta e a recordação do que é ouvido, do que é narrado, de modo que a mensagem possa ser estabilizada numa expressão capaz de ser fixada pela comunidade.

Mais do que a prosa, a poesia apresenta o poder expressivo da memorização e da recitação, aspectos acentuadamente necessários às práticas orais de linguagem.

Numa cultura oral primária, para resolver efetivamente o problema da retenção e da recuperação do pensamento cuidadosamente articulado, é preciso exercê-lo segundo padrões mnemônicos, moldados para uma pronta repetição oral. O pensamento deve surgir em padrões fortemente rítmicos, equilibrados, em repetições ou antíteses, em aliterações e assonâncias, em expressões epítéticas ou outras expressões formulares, em conjuntos temáticos padronizados (a assembleia, a refeição, o duelo, o “ajudante” do herói e assim por diante), em provérbios que são constantemente ouvidos por todos, de forma a vir prontamente ao espírito, e que são eles próprios modelados para a retenção e a rápida recordação – ou em outra forma mnemônica²⁴.

O contínuo de expressão verbal entre a oralidade e a escrita nos remete ao encontro da ontogênese e da filogênese. A fala é algo natural ao sujeito, ligada à formação de sua consciência. Faz parte do desenvolvimento humano falar, ouvir a palavra antes de vê-la escrita no ato da leitura; a palavra falada deu origem e continua conferindo sentido à palavra escrita, assim como ocorreu na história da humanidade, em sociedades nas quais a palavra era falada, as histórias eram contadas, os provérbios, as preces e as expressões formulares ensinadas oralmente, memorizadas, reproduzidas, recriadas, a depender do contexto de seu uso.

O *rap* não apenas abre o caminho para a rememoração do valor da oralidade em uma sociedade letrada como provoca o encontro com toda a ancestralidade africana presente nas comunidades fortemente marcadas pela tradição oral, que também

23 O significado do termo grego “recitar” é *rhapsodein*, “costurar cantos” (*rhaptein*, costurar); oide, canto. ONG, Walter J. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papirus, 1998, p. 32.

24 HAVELOCK, Eric. *A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 55.

25 - ONG, Walter J., op.cit., p.45

fizeram história por meio da figura dos *griots*, sábios que circulavam pelas aldeias, transmitindo conhecimentos e formando a população pela palavra.

Os *rappers* contemporâneos podem ser comparados aos *griots* africanos ao narrarem experiências coletivas, difundindo o seu discurso crítico e contestador, além de atribuírem sentido às práticas sociais vividas na periferia, dando voz a uma parcela da população que permanece excluída da produção do conhecimento, principalmente, letrado.

Como na Grécia Antiga, os *griots*, valendo-se das fórmulas, da arte das perífrases, das histórias narradas segundo técnicas de dicção e ritmos próprios da língua, faziam-se escutar em sua palavra contando fatos e situações sociais por intermédio de lendas que divertiam o público, mas que mantinham em segredo certos sentidos. Por meio dos *griots*, de sua oralidade e de sua memória, a história e a sabedoria de um povo foram mantidas vivas através das gerações.

Segundo Niane²⁴, a maestria da arte de falar dos *griots* consistiu em perpetuar na memória dos homens os segredos seculares, além de preservar nomes de reis e histórias de reinos, a relação com o sistema religioso e as divindades, fatos e fenômenos da vida, perante as novas gerações, enfim, todo um saber que representa um verdadeiro legado da história ancestral dos povos negros africanos, que não foi contada em livros e tampouco arquivada por qualquer sistema de escrita, mas que foi preservada como tesouro por intermédio da transmissão oral.

O Ocidente ensinou-nos, infelizmente, a desprezar as fontes orais em matéria de História sendo, por isso, considerado como sem fundamento tudo o que não esteja escrito, o preto no branco. É por essa razão que, mesmo entre os intelectuais africanos, existem alguns tão limitados, a ponto de verem com desprezo os documentos “falados” que são os *griots*, e de suporem que nada – ou quase nada – sabemos de nosso passado, por falta de documentos escritos. Com isso, eles provam simplesmente que conhecem seu próprio país somente através dos brancos²⁵.

A oralidade transforma-se em um depositário de valores e tradições que ultrapassam os limites da escrita, do registro, pois o ensinamento não está presente no documento escrito, mas no jeito de falar, no modo de dizer, na forma como se fala, nos modos de enunciação. Os *griots* acreditam que a palavra escrita é considerada apenas uma espécie de figuração da palavra, não a palavra em si. Segundo essa tradição, a palavra escrita pode ser adulterada, manipulada, já a palavra falada é carregada de honestidade porque a forma de expressão do falar está pautada pela oralidade.

Transgredindo, assim, os padrões normativos da língua, que tanto desvalorizam o conhecimento linguístico e a formação discursiva dos alunos “marginalizados”, o *rap* propicia, como faziam os *griots*, por meio da oralidade formular o enriquecimento da escrita e a entrada culturalmente relevante do jovem urbano da periferia no mundo letrado, sugerindo um movimento inverso à lógica proposta pela escola, na qual a

26 NIANE, Djibril T. *Sundjata ou A epopeia mandinga*: romance. São Paulo: Ática, 1982.

27 Ibidem, p. 7.

escrita impõe-se e superpõe-se à oralidade, discriminando as culturas populares e de massa. De acordo com nossa concepção de letramento, é imprescindível que a escrita seja apresentada, não de maneira unívoca, mas como um dos modos de expressão de sentidos.

Passemos, então, ao modo como concebemos a estética musical do *rap* e sua fundamental importância para a formação dos jovens moradores da periferia.

ESTÉTICA DO *RAP* E SUA RELEVÂNCIA PARA A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DO ADOLESCENTE AFRODESCENDENTE

Neste item, abordaremos alguns resultados obtidos a partir das experiências musicais com ênfase no *rap*, especificamente em sua estética musical, desenvolvidas em oficinas que se destinaram a jovens de baixa renda e alunos do ensino fundamental da rede pública de ensino. A metodologia adotada pautou-se pelo objetivo de problematizar com os jovens o processo de cooptação da escuta efetuado pela indústria cultural, e de remetê-los às suas raízes históricas e culturais por meio da exploração, dos aspectos musicais e do discurso do *rap*, especificamente os produzidos pelos Racionais MC's. Nesse sentido, as atividades desenvolvidas com os jovens incluíam desde a improvisação musical livre com utilização de instrumentos de percussão de origem afro-indígena, audição de bases de *rap* nacional, análise de letras seguidas de discussão, até a criação de letras e composições de *rap* pelos próprios alunos.

A primeira etapa da pesquisa de campo da qual fizeram parte as oficinas ocorreu na ONG Casa do Zezinho, situada no Capão Redondo, zona sul da cidade de São Paulo, nos anos de 2011 e 2012. A segunda etapa ocorreu na EMEF Desembargador Amorim Lima, situada no Butantã, zona oeste de São Paulo, no segundo semestre de 2013. Embora cada etapa tenha se norteado pelo mesmo eixo teórico-metodológico, apresentaram resultados e aproveitamentos muito distintos entre si.

Durante a realização das oficinas, os jovens também tiveram contato com músicas que não faziam parte do repertório a que estavam habituados, tais como música dodecafônica e minimalista. O objetivo era chamar a atenção dos jovens para a diversidade de timbres e combinações rítmico-melódicas que tais gêneros musicais traziam em suas configurações estéticas. Os jovens se apropriaram de diferentes ideias musicais a partir do contato com esse material sonoro que se dava por meio das audições. Esse processo teve início quando passaram a diferenciar nas audições os timbres e instrumentos, como também a identificar as combinações rítmicas, dissonâncias e tantos outros aspectos estéticos sobre os quais se configuram as bases de *rap* e outros gêneros musicais mencionados.

O *rap* dos Racionais MC's foi nosso principal objeto de estudo para a elaboração das atividades desenvolvidas nas oficinas por ser dotado de uma configuração estética muito peculiar, construída a partir de uma consistente articulação entre ritmo e palavra. A estética musical do *rap* se configura a partir do seu discurso, de modo que a construção dos arranjos das bases musicais complementa a temática abordada. Essa junção entre a música e o discurso atribui ao *rap* o potencial de fazer ressoar a tensão social que é explicitada pelas temáticas abordadas nas letras.

O ritmo, assim como a letra, é parte essencial para a configuração estética do *rap*. Na música brasileira, o ritmo é um elemento predominante, pois foi uma importante herança da cultura africana. De acordo com Wisnik²⁶, “a música europeia se juntou com a africana no território das Américas”, o que ocasionou o surgimento de múltiplas linguagens musicais, cujo fenômeno contribuiu para a prática de “experiências de tempo musical de uma grande complexidade e sutileza”²⁷. Para o autor, o desenvolvimento da música inclui “democráticas mixagens”, que, novamente, tendem para “o questionamento e a criação sobre o pulso, o tempo, o ritmo”²⁸. Embora o autor tenha se referido principalmente à música contemporânea, destacamos mais uma vez a proeminência do ritmo no *rap* e como este se reinventa na pós-modernidade a partir da tecnologia. O *rap* aproxima-nos, por meio do ritmo imanente à sua estética, do passado africano presente na sua estrutura musical. De acordo com Béthune²⁹, os recursos tecnológicos como o *sample* e o *scratch* empregados nas bases de *rap* fazem ressoar a tradição dos tambores afro-americanos ancestrais.

No *rap* dos Racionais MC's, o ritmo apresenta-se de modo contundente para sustentar as questões explicitadas pelas letras. As questões que tangem a vida do jovem afrodescendente e o meio social que o cerca, por serem duras e se originarem do sofrimento, influenciam o ritmo, assim como outros elementos que formam a estrutura musical, atribuindo-lhe um caráter aguerrido. Vejamos, como exemplo dessa realidade retratada, uma frase do *rap* “Da ponte pra cá”, que diz: “cada favelado é um universo em crise”. A frase reflete a relação entre a segregação social e seu efeito na subjetividade do sujeito “favelado”. Observemos, do mesmo modo, em “Negro drama”: o trecho “o drama da cadeia e favela, túmulo, sangue, sirene, choros e velas” denuncia os altos índices de violência envolvendo indivíduos negros. Na mesma letra, a segregação espacial que ocorre por questões raciais também é evidenciada – “eu recebi seu tic, quer dizer kit, de esgoto a céu aberto e parede madeirite”. Na estética do *rap*, predomina a narrativa acerca dos efeitos e origens do preconceito racial, em contraposição a arranjos complexos ou clichês musicais que venham a dispersar a atenção do ouvinte. Apenas ritmo e denúncia. Como disseram os Racionais MC's, “minha palavra vale um tiro e eu tenho muita munição”³⁰.

Durante o processo de elaboração das oficinas, buscamos desenvolver atividades que reunissem a linguagem do *rap* à criação musical realizada pelos alunos. Observamos que os jovens apresentavam grande empenho na tarefa de articular suas ideias com o ritmo de modo inventivo. Não é tarefa fácil criar rimas articuladas à construção das bases rítmicas, sendo essa habilidade, conhecida como *flow*, uma das principais características do estilo musical dos *rappers*. Mesmo assim, os jovens, aos poucos, foram se apropriando das palavras como forma de expressar suas ideias, que

28 WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido, uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 55.

29 Ibidem.

30 Ibidem.

31 BÉTHUNE, Christian. *Le rap: une esthétique hors de la loi*. Paris: Autrement, 2003.

32 Trecho da letra do *rap* “Capítulo 4 versículo 3” do CD *Sobrevivendo no inferno*, dos Racionais MC's.

adquiriram novas e infinitas possibilidades de interpretação, conforme avançavam nos debates em torno das temáticas abordadas nas letras de *rap*. Suas reflexões, expressas em palavras e rimas, passaram a ser construídas de modo articulado à dimensão sensorial imanente ao ritmo.

A estética do *rap* nos aproximou da realidade desse jovem afrodescendente por meio da recepção dos alunos e do compartilhamento de conhecimentos que ocorreram no decorrer das oficinas. Os adolescentes que participaram das oficinas, que, por sua vez, são sujeitos cujas subjetividades estão em processo de formação, não se identificavam com as práticas ideológicas e valores morais ensinados na escola, considerados por eles como algo do passado e que se perpetuava no presente. Tais significados, que até então estabeleciam uma ordem social pela via da doutrinação ou “culpabilização”, não entram em contato com suas realidades envoltas pela sedução das novidades surgidas com a pós-modernidade. Em outras palavras, tais valores vêm sendo substituídos pela lógica do consumo intenso. Esse consumo dos jovens se resume ao vestuário induzido pela moda e alguns artigos tecnológicos, como celulares, por exemplo.

O consumismo intenso faz parte de um fenômeno denominado por Hall como “pós-moderno global”, que se pauta por uma “multiplicidade de estilos”, com “ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente e na diferença e no pluralismo cultural”³¹. Para o autor, “os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de ‘identidades partilhadas’ – como ‘consumidores’ para os mesmos bens”³², entre outros exemplos. A globalização, segundo o autor, ao enfraquecer as identidades culturais regionais, pode produzir o efeito da “homogeneização cultural”³³. Sobre a questão do consumo intenso como efeito da globalização, Lipovetsky salienta que a moda pode ser um importante caminho para a compreensão de comportamentos individuais que se refletem nos comportamentos de massa, incluindo os juvenis: “a moda é menos signo das ambições de classes do que a saída do mundo da tradição, é um desses espelhos onde se torna visível aquilo que faz nosso destino histórico mais singular: a negação do poder imemorial do passado tradicional, a febre moderna das novidades, a celebração do presente social”³⁴.

A análise desse autor nos leva a compreender o jovem afrodescendente inserido neste mundo de apelo ao consumo, não apenas como sujeito influenciado pela mídia, mas como sujeito movido pelo desejo de transformação de sua realidade, visto que seu passado histórico ou recente é marcado pela dor provocada pela discriminação racial e social. Nesse sentido, as questões que o *rap* suscitou durante a realização das oficinas ultrapassaram os limites da estética musical e do fenômeno da reificação da escuta e se voltaram à questão do consumo, trazendo, para o centro da discussão, o jovem afrodescendente e morador das periferias.

Ao invés de partirmos do discurso do *rap* para suscitar questionamentos no

33 HALL, Stuart, op. cit., p. 42.

34 Ibidem.

35 Ibidem, p. 43.

36 LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. II.

jovem, voltamo-nos para o sujeito sobre o qual se constitui esse discurso. Esses jovens mostraram-nos que suas identidades foram construídas a partir de inúmeros elementos exteriores, e não de um único “eu”, indivisível. Os elementos constitutivos dessas identidades múltiplas e mutáveis, por sua vez, alteravam-se de acordo com as transformações sociais. Para compreendermos essa dimensão multifacetada da constituição subjetiva desses jovens, recorreremos às ideias de Stuart Hall³⁵ sobre a identidade e de como esta se forma e se modifica em meio aos “processos inconscientes” em jogo: “ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’”³⁶. A identidade social do jovem se molda a partir da expectativa de como sua imagem é vista pelo outro. Baseando-se nesse “olhar do outro”, Hall argumenta sobre a “*falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser *vistos* por outros”³⁷. Um exemplo desse discurso dentro do *rap* pode ser encontrado na primeira frase de *Negro drama*, dos Racionais MC’s: “Negro drama entre o sucesso e a lama, dinheiro, problemas, inveja, luxo, fama”.

(IN)CONCLUSÃO...

O debate aqui proposto delineou algumas das muitas possibilidades de abordar a identidade dos jovens das periferias, mais especificamente a identidade dos afrodescendentes e sua constante tensão entre resistência e repressão, uma vez que, conforme Joaquim, “a trajetória da raça negra e da sua cultura no Brasil tem sido marcada pelo binômio repressão/resistência cultural”³⁸.

Assim como a cultura, a educação tem desenvolvido um papel importante na superação desse binômio, pois há muito percebemos que as instituições educacionais formais, apesar da sua importância fundamental na formação dos alunos, não dão mais conta das subjetividades dos mesmos e muito menos das nuances da nova dinâmica social, que, apesar de nova, insiste em perpetuar o discurso e as práticas racistas, sexistas, homofóbicas, muitas vezes, justificadas pela inexperiência dos professores em lidar com tais questões.

Ao analisarmos a história do *hip-hop* no Brasil e a trajetória dos ícones dessa modalidade cultural, percebemos sua complexidade cultural e social. Compreendemos que o *rap* faz parte do universo simbólico dos jovens das periferias, cujas lideranças – figuradas pelos *rappers* – é que dão sentido às suas existências. É através do *rap* que esses “*griots* da periferia” preservam as tradições e reforçam a identidade afro-brasileira. São lideranças que adquirem importância ao reconhecer a força dos “*manos*” das comunidades nas lutas de resistência nas periferias. São

37 HALL, Stuart, op. cit., p. 24.

38 Ibidem.

39 Ibidem, p. 24-25.

40 JOAQUIM, Maria S. *O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra*. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: Educ, 2001, p. 24.

parte dessas comunidades, reconhecem-se como tais e sabem como expressar a dor e os abafados gritos de guerra dos jovens negros, herdeiros da diáspora do Atlântico.

Esse movimento provoca um sentimento de pertencimento nos jovens que nos leva a crer que o *hip-hop* possibilita o surgimento e a construção de uma identidade coletiva que fortalece os moradores das periferias e os ajuda a superar o processo desintegrador que os coloca à margem.

Nesse processo, está implícita uma luta política por justiça e reconhecimento. E o debate sobre reconhecimento, conforme Axel Honneth³⁹, adquire importância substancial na atualidade, principalmente quando as identidades na contemporaneidade, a exemplo dos *hip-hoppers*, adquirem relevância, além de cultural, política.

Honneth procura analisar os conflitos existentes nos grupos sociais, denominados por ele de “historicamente prejudicados”, a fim de entender como ocorre o processo de reconhecimento entre as minorias, e aponta a “luta pelo reconhecimento” como meio de fortalecer a identidade individual e coletiva que fora negada a esses sujeitos, o que nos aponta um caminho para a análise das culturas juvenis em consonância com a concepção igualitária do exercício da cidadania democrática, presente na voz desses *griots* contemporâneos e dos próprios jovens.

Nas oficinas realizadas nas instituições percebemos que, quando a tônica é o *hip-hop*, a postura dos alunos muda, eles demonstram que ao menos naquele momento sabem mais do que os professores, pois eles “conhecem” os *rappers*, sua trajetória, sabem do que eles estão falando, reconhecendo em suas músicas a narrativa da própria história, são “manos”. É um duelo entre o saber acadêmico e a sabedoria popular, vivida e sentida no cotidiano desses alunos. Uma cultura forjada nas entrelinhas da história oficial.

Gilroy⁴⁰ reforça esse ponto de vista ao afirmar que as pessoas comuns não necessitam de uma vanguarda intelectual para ajudá-las a falar ou para dizer a elas o que dizer. Repetidamente, dentro dessa cultura expressiva, são os músicos “periféricos” que se apresentam como símbolos vivos do valor da espontaneidade – e do improviso. Muitas vezes, isso não é nada mais do que questão de estilo⁴¹. E estilo é o que não falta aos *rappers*.

Através desse projeto cultural nas escolas, comprovamos ser possível desenvolver o interesse dos jovens pela educação. Mas uma educação que leve em conta a herança cultural dos afrodescendentes e suas diferentes e difíceis histórias de vida. Por meio do *rap*, da estética e do letramento, é possível despertar em maior grau o interesse dos jovens pela escrita, pela leitura, pela história, cujas áreas de conhecimento darão o suporte para a construção de uma identidade amparada em dados históricos relevantes que os ajudará a construir caminhos de superação. Não se pode negar que o *rap* se tornou um dos elementos essenciais na construção da subjetividade dos jovens.

41 HONNETH, Axel, op. cit.

42 GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid K. Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

43 Ibidem, p. 169.

Afirmamos que, conforme Gilroy, os diálogos intensos e muitas vezes amargos que acionam o movimento das artes negras oferecem um pequeno lembrete de que há um momento democrático, comunitário, sacralizado no uso de antífonas⁴², que simboliza e antecipa (mas não garante) relações sociais renovadas de não dominação. As fronteiras entre o eu e o outro são estabelecidas por meio de conversas como as propiciadas pelo *rap* entre o eu racial fraturado, incompleto e inacabado, e os outros. A antífona é a estrutura que abriga esses encontros essenciais⁴³.

O *hip-hop*, por constituir parte importante da cultura juvenil e expressar de forma contundente a força da palavra, da construção do discurso sociopolítico, pode ser mais bem aproveitado, pois ele, além de ser porta-voz de uma geração, através do *rap*, remete-nos ao enfrentamento de uma importante tensão social interposta pela dinâmica do ensino convencional da escrita e leitura nas escolas. É comprovado que a supremacia da linguagem escrita sobre a linguagem oral tem distanciado os jovens dos bancos escolares, os quais tanto têm afastado as culturas populares e de massa das propostas curriculares.

É necessário somar esforços com instituições sociais e artísticas para implementar uma formação por meio da qual o aluno atribua sentido ao seu processo de escolarização e possa partilhar seus saberes. Uma proposta que implica sair do modelo tradicional das salas de aula para outros espaços onde se aprenda com as batidas dos tambores, dos atabaques, dos berimbaus, das palmas das mãos, dos corpos a balançar e da livre criação.

E propor uma educação, como a que experimentamos nesse período – pautada por cantos falados e palavras rimadas –, em que os jovens se apropriem de seu espaço e consigam ver a escola como verdadeira parceira da comunidade, levando em conta os conhecimentos e experiências da coletividade.

Portanto, conforme constatamos e tantos outros estudiosos das culturas juvenis vêm observando, o currículo escolar deve refletir de forma mais ampla a vida dos jovens, seus conhecimentos prévios, formados nas ruas, nas tradições culturais familiares, na cultura juvenil e por meio da própria mídia. Cabe à escola repensar sua prática de ensino para não perder esses jovens, bem como incluir nos currículos novas metodologias de ensino que privilegiem a construção de uma consciência crítica e engajada politicamente. E assim, sem pretender concluir um assunto tão complexo, encerramos citando Oswaldo Montenegro⁴⁴: “Que a arte nos aponte uma resposta, mesmo que ela não saiba”.

44 Do grego *antiphona*, “som em resposta”. Termo que deu origem à palavra *anthem* (na Inglaterra do século XVI), versículo cantado antes e depois do Salmo, com resposta do coro, dividido em dois.

45 GILROY, Paul, op. cit., p. 168.

46 O trecho citado refere-se aos versos do poema “Metade”, de Oswaldo Montenegro, escrito em junho de 1975 e publicado no mesmo ano no libreto da peça *João sem nome*. A obra está devidamente editada na Warner/Chappell Music.

SOBRE AS AUTORAS

ANA CLAUDIA FLORINDO FERNANDES é professora multidisciplinar no ensino fundamental I. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

E-mail: anaflorindo@usp.br

RAQUEL MARTINS é bacharel em Música. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

E-mail: raquelproducaomusical@yahoo.com.br

ROSÂNGELA PAULINO DE OLIVEIRA é professora da Universidade Nove de Julho – Uninove. Doutora em Antropologia Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Integrante do grupo de pesquisa Multiculturalismo e Educação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

E-mail: rose.paulino@uol.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADÉKŌYÀ, Olúmúyiwá A. *Yorùbá: tradição oral e história*. São Paulo: Terceira Margem, 1999.
- ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- ALVES, César. *Pergunte a quem conhece: Thaíde*. [Com CD]. São Paulo: Labortexto, 2004.
- BÉTHUNE, Christian. *Le rap: une esthétique hors la loi*. Paris: Autrement, 2003.
- CONTIER, Arnaldo D. *O rap brasileiro e os Racionais MC's*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE. *An. 1 Simp. Internacional do Adolescente May.2005*. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000082005000100010&script=sci_arttext>. Acesso em: 24 fev. 2015.
- DUNCAN-ANDRADE, Jeffrey M.; MORREL, Ernest. *The art of critical pedagogy: possibilities for moving from theory to practice in urban schools*. New York: Peter Lang, 2008.
- FONSECA, Ana Sílvia A. da. *Versos violentamente pacíficos: o rap no currículo escolar*. Tese (Doutorado), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- HAVELOCK, Eric. A equação oralidade-cultura-escrita: uma fórmula para a mente moderna. In: OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy. *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. *A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- JOAQUIM, Maria S. *O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra*. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: Educ, 2001.
- KLEIMAN, Angela B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcelona, 2004.
- _____. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MARTINS, Rosana. *Hip-hop: o estilo que ninguém segura*. Santo André: ESETec, 2005.
- MONTENEGRO, Oswaldo. Metade. In: MONTENEGRO, O. *Libreto da peça João sem nome*. Los Angeles: Warner/Chappell Music, 1975.
- NIANE, Djibril T. *Sundjata ou A epopeia mandinga: romance*. São Paulo: Ática, 1982.
- ONG, Walter J. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papirus, 1998.
- PARRY, M. *The collected papers of Milman Parry*. Edited by A. Parry. Oxford: Oxford University Press (Clarendon Press), 1971.
- ROCHA, Janaína; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. *Hip-hop: a periferia grita*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- WISNIK, José M. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in)tolerância: uma relação linguístico-discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro

[Minority groups, vulnerable groups and the problem of (in)tolerance: a linguistic-discursive and ideological relationship between disrespect and the manifestation of hatred in the Brazilian context

Cláudio Márcio do Carmo^I

RESUMO · O presente artigo consiste numa reflexão que parte do domínio conceitual do que se pode compreender por grupos minoritários (ou minorias) e grupos vulneráveis, no que tange a duas problemáticas: a primeira diz respeito ao que se entende por (in)tolerância, e a outra, às questões ideológicas que perpassam um discurso que tem se tornado cada vez mais comum no Brasil, o discurso de ódio, com desdobramentos na esfera comportamental que não condizem nem com os ideais democráticos nem com o respeito à dignidade humana. **PALAVRAS-CHAVE** · grupos minoritários; grupos vulneráveis; (in)tolerância, discurso

de ódio; Brasil. **ABSTRACT** · This article is a reflection developed on the conceptual domain about what can be understood by minority groups (or minorities) and vulnerable groups, concerning two issues, being the first what is meant by (in)tolerance and the other about the ideological issues that underlie a discourse that has become increasingly common in Brazil: the hate discourse, with impacts on the behavioral sphere that are not consistent either with the democratic ideals nor with the respect for human dignity. **KEYWORDS** · minority groups; vulnerable groups; (in)tolerance; hate discourse; Brazil.

Recebido em 24 de novembro de 2015

Aprovado em 28 de março de 2016

CARMO, Cláudio Márcio do. Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in)tolerância: uma relação linguístico-discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 64, p. 201-223, ago. 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p201-223>

^I Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ, São João del-Rei, MG, Brasil).

INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste numa reflexão que parte do domínio conceitual do que se pode compreender por grupos minoritários ou minorias e grupos vulneráveis, no que tange a duas problemáticas: a primeira diz respeito ao que se entende por (in) tolerância, e a outra, às questões ideológicas que perpassam um discurso que tem se tornado cada vez mais comum no Brasil, o discurso de ódio, com desdobramentos na esfera da ação, seja como desrespeito, seja como comportamento odioso.

É importante ressaltar que nossa pretensão não é fazer uma análise microlinguística em si, mas esboçar uma tentativa de explicação de uma interconexão de temas que perpassam o mito da democracia, cujo desdobramento, no contexto brasileiro – que sustentou e ainda sustenta esse mito, para além do universo de ideias que subjazem a ele –, propaga-se para a esfera comportamental. Esse desdobramento, por sua vez, indica inúmeros e diversificados preconceitos, discriminação, violência e a centralidade de um grupo que não se reconhece dentro da forma como foi constituído o Brasil, em processos de miscigenação e hibridação sociocultural, dentre outros. Contudo, continua trabalhando com um centrismo pernicioso, que, na atualidade, se levanta na forma não apenas de discurso de ódio, mas de ações que atacam contra grupos já historicamente marginalizados.

Por isso, pretendemos fazer um estudo inicialmente bibliográfico para, posteriormente, produzirmos uma avaliação semântica de vestígios concernentes aos sentidos da palavra *(in)tolerância*, partindo de seu registro em dicionários gerais e etimológicos, uma vez que partimos da hipótese de que sua semântica inicial – indicada etimologicamente em sua raiz no latim – pode esclarecer alguns aspectos relacionados ao seu uso contemporâneo – conforme será demonstrado com manchetes e reportagens atuais – em que se liga a conflitos sociais bem demarcados e a comportamentos de violências física e simbólica sofridas pelos grupos vulneráveis e minoritários, apontando também para um discurso de ódio.

Para a organização das reflexões, num primeiro momento, discutiremos sobre os conceitos de grupos minoritários (ou minorias) e grupos vulneráveis, procurando estabelecer diferenciações e também esclarecer alguns pontos de convergência. Posteriormente, fazemos uma explanação sobre minúcias subjacentes ao uso e

importância dados à (in)tolerância de maneira geral, para depois dar um fulcro etimológico de base semântica por via diacrônica e adentrar no universo discursivo, no intuito de procurar ter acesso a uma relação importante de ser restaurada quanto às questões ideológicas envolvidas na dimensão da prática social a esse respeito. Partimos da ideia de que essa relação tem ganhado espaço ao se tornar elemento-chave para a compreensão de um discurso de ódio no contexto brasileiro, que, contrário aos princípios democráticos, em virtude do acesso cada vez maior à informação verificado na atualidade, ganha força como forma de ação de diferentes grupos em variadas esferas da sociedade, porém nem sempre respeitando os direitos fundamentais do ser humano.

GRUPOS MINORITÁRIOS E GRUPOS VULNERÁVEIS

A ideia de grupo minoritário e, por conseguinte, o conceito de minoria têm sido debatidos e compreendidos de maneiras diferentes por pesquisadores de várias áreas. Acselrad² discute o conceito de minoria a partir de uma perspectiva iluminista, acreditando na ideia de que minoria não parece ser um termo adequado para representar os “grupos ideologicamente menos poderosos” por contrariar o ideal de união universal que o próprio Iluminismo defendia.

Carvalho³ demonstra, em sua pesquisa sobre a representação dos cabo-verdianos na mídia portuguesa, um conceito de minoria a partir da ideia do diferente e do numericamente menor, apontando para um suposto padrão como elemento gerador de invisibilidade e estereotipia.

Rifiotis⁴, por sua vez, parece compreender as minorias como grupos que poderiam, em circunstâncias específicas, correr o risco de perder a própria identidade por serem vitimizados por processos de controle e homogeneização.

Já Séguin⁵, a partir de uma perspectiva jurídica, relaciona as minorias aos chamados grupos vulneráveis, os quais são descritos por ela como grupos que sofrem discriminação e são vítimas de intolerância. Aqui, percebemos que grupos minoritários e grupos vulneráveis possuem elementos característicos em comum, embora não estabeleçam obrigatoriamente uma relação sempre de proximidade conceitual. O que parece comum está na estreita relação de afetamento no que tange ao poder que lhes é tirado, ao processo de dominação, à violência sofrida, à

2 ACSELRAD, Márcio. Por uma visão crítica de minoria. *Crítica Cultural*, v. I, n. I, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/critica/OIOI/O6.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

3 CARVALHEIRO, José Ricardo. Da representação mediática à recepção política. Discursos de uma minoria. *Sociologia, problemas e práticas*, n. 51, p. 73-93, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n51/n51a05.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2014.

4 RIFIOTIS, Theophilos. Nos campos da violência: diferença e positividade. 2006. Disponível em: <https://www.academia.edu/3059021/Nos_campos_da_viol%C3%Aancia_diferen%C3%A7a_e_positividade>. Acesso em: 2 jul. 2014.

5 SÉGUIN, Elida. *Minorias e grupos vulneráveis: uma abordagem jurídica*. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

marginalização social e a uma necessidade premente de tolerância que, segundo boa parte da literatura a esse respeito, não é verificada.

Para problematizar as concepções de minorias e de grupos vulneráveis, podemos começar especialmente por Séguin⁶, para quem “as primeiras seriam caracterizadas por ocupar uma posição de não dominância no país onde vivem” e os segundos por se “constitu[í]r[em] num grande contingente numericamente falando [...]”. Embora com nomenclatura diferenciada, a autora esclarece que tanto os grupos vulneráveis quanto as minorias sofrem discriminação e são vítimas da intolerância, razões que a levam a não se preocupar em trabalhar essas categorias de forma muito distinta.

Segundo Rogers e Ballantyne⁷, existem fontes de vulnerabilidade, a partir das quais seria possível estabelecer uma tipificação básica:

- a) vulnerabilidade extrínseca – ocasionada por *circunstâncias externas*, como falta de poder socioeconômico, pobreza, falta de escolaridade ou carência de recursos;
- e b) vulnerabilidade intrínseca – causada por características que têm a ver com os próprios *indivíduos*, tais como doença mental, deficiência intelectual, doença grave, ou os extremos de idade (crianças e idosos)⁸.

Um ponto de vista que mostra a convergência entre grupos minoritários e grupos vulneráveis é trazido por Sodré⁹. Todo seu interesse recai sobre a conceituação de minoria ao explicar que apenas o sentido inicial de minoria tem como ponto de partida a ideia de inferioridade quantitativa, exatamente por evocar o contrário de maioria. Para ele, a grande importância dessa categoria reside no fato de estar atrelada à clássica democracia representativa. Conforme Sodré¹⁰ explicita, na democracia deve predominar a vontade da maioria, como argumento quantitativo, mas, do ponto de vista qualitativo, democracia é um regime de minorias, porque só no processo democrático a minoria pode se fazer ouvir. Por isso, o autor caminha para sustentar que minoria, em seu entender, é uma voz qualitativa, cujo princípio de moção é o impulso de transformação. Essa é a razão para a proposição de minoria como um lugar, não como espaço abstrato, mas como localização do corpo, indicando um lugar ocupado, onde ocorre o afetamento do território pela presença humana. Ou seja, é um lugar acima de tudo de ação humana. Assim, destaca que “[m]inoria não é, portanto, uma fusão gregária mobilizadora, como a massa ou a multidão ou ainda um grupo, mas principalmente um dispositivo simbólico com uma intencionalidade ético-política dentro da luta contra-hegemônica”¹¹.

6 Ibidem.

7 ROGERS, Wendy; BALLANTYNE, Angela. Populações especiais: vulnerabilidade e proteção. *RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 31-41, dez. 2008.

8 Ibidem, p. 32, itálico dos autores.

9 SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Org.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 11-14.

10 Ibidem.

11 Ibidem, p. 11.

O ponto de convergência aparece no momento em que o autor traça as características básicas de uma minoria, quais sejam:

- 1) vulnerabilidade jurídico-social – por ser um grupo institucionalizado pelas regras do ordenamento jurídico-social vigente, logo, muitas vezes não acampado pelas políticas públicas, a razão para lutar por voz e reconhecimento societário de seu discurso;
- 2) identidade *in statu nascendi* – porque se apresenta sempre *in statu nascendi*, compreendido como uma entidade em formação que se alimenta da força e do ânimo dos estados nascentes ou de um eterno recomeço;
- 3) luta contra-hegemônica – parte sempre de uma constante luta pela redução do poder hegemônico, mas, normalmente, sem objetivo de tomada do poder pelas armas;
- 4) estratégias discursivas – uso de estratégias de discurso e de ações demonstrativas (passeatas, por exemplo) como os principais recursos de luta na atualidade.

Sodré¹² finaliza afirmando que “minorias é uma recusa de consentimento, é uma voz de dissenso em busca de uma abertura contra-hegemônica no círculo fechado das determinações societárias. É no capítulo da reinvenção das formas democráticas que se deve inscrever o conceito de minoria”.

Adorno¹³, por exemplo, explica que grupos considerados dominantes se “utilizam da violência como se fosse meio natural de solução de conflitos, seja nas relações entre classes sociais, seja nas relações intersubjetivas”. Nesse sentido, a violência torna-se um dos maiores fatores geradores da vulnerabilidade, o que pode não ter a ver especificamente com a ideia de quantidade indicada pela palavra “minorias”.

É relevante buscarmos também subsídios em Zaluar¹⁴, cujos trabalhos relacionam essa temática à formação de gangues, galeras e quadrilhas e a um problema educacional.

Como podemos perceber, todos os autores indicam que minorias e grupos vulneráveis originam-se em relações de assimetria social (econômica, educacional, cultural etc.). Nessa perspectiva, minorias pode ser definida a partir de uma particularização de um grupo, já que a maioria se define por um agrupamento generalizado, ou seja, por um processo de generalização baseado na indeterminação de traços, os quais indicam um padrão de suposta normalidade, considerada majoritária em relação ao outro que destoar dele. A vulnerabilidade advém, pois, de pressões desse suposto padrão de normalidade, que pressiona tudo e todos que possam ser considerados diferentes. A violência, por sua vez, tanto pode ser física quanto

¹² Ibidem, p. 14.

¹³ ADORNO, Sérgio. A violência na sociedade brasileira: um painel inconcluso em uma democracia não consolidada. *Sociedade & Estado, São Paulo*, v. 10, n. 2, p. 299-342, jul./dez. 1995. p. 321.

¹⁴ ZALUAR, Alba Maria. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, Hermano (Org.). *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1997. p. 17-57; ZALUAR, Alba Maria. Desafios para o ensino básico na visão dos vulneráveis. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 1, p. 228-249, 1999; ZALUAR, Alba Maria. Exclusion and public policies: theoretical dilemmas and political alternatives. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 1, p. 25-42, 2000; ZALUAR, Alba Maria. Violence in Rio de Janeiro: styles of leisure, drug use, and trafficking. *International Social Science Journal*, Londres and Paris, Unesco, v. LIII, n. 3, p. 369-379, 2001.

simbólica, originária dessa pressão, que, muitas vezes, na forma de preconceito e rejeição, marginaliza e discrimina o diferente.

A PROBLEMÁTICA DA (IN)TOLERÂNCIA: UM OLHAR LINGÜÍSTICO-DISCURSIVO POR VIAS ETIMOLÓGICAS

Como podemos notar, há diferentes vieses relacionados aos conceitos de grupos minoritários (ou minorias) e grupos vulneráveis, além de sua relação com outros temas já citados, como o da violência. Por isso, verificamos uma relação bastante específica com a problemática da (in)tolerância, o que tem sido pouco trabalhado no domínio dos estudos linguísticos.

As questões ligadas à (in)tolerância são, portanto, de extrema importância exatamente porque trazem à tona o problema da violência, do preconceito e da discriminação, que acontece por uma suposta “normalidade” e “superioridade” entre grupos no interior da sociedade. Essas questões são antigas e remontam, especialmente, ao pensamento filosófico acerca da intolerância religiosa. Embora não seja esse o foco deste artigo, a fim de retomarmos essas discussões, vamos adentrar nesse nicho para, a partir dessa especificidade, caminharmos para o universo linguístico-discursivo que envolve a palavra *tolerância* e, por conseguinte, as demais palavras de mesma raiz que a reverberam.

Conforme Bobbio, Matteucci e Pasquino¹⁵, os primeiros registros de estudos e da preocupação com o tema (in)tolerância datam do século XVI, embora tenha sido no século XVIII que se deu o desenvolvimento moderno do chamado princípio de tolerância.

Para iniciarmos nossas reflexões, é preciso lembrar que, historicamente, duas instituições preconizaram e desencadearam grandes movimentos no interior das sociedades, quais sejam, o Estado e a Igreja, os quais, muitas vezes, se unificavam em função de determinados objetivos. Em grande medida, isso propiciava o exercício do poder, sendo o Estado responsável pela instrumentalização desse poder, diversas vezes gerando violência, e a religião contribuindo com seu trabalho evangelizador e catalisador ideológico de justificativas tanto de suas práticas quanto das ações do Estado.

O filósofo empirista John Locke (1632-1704) foi um dos grandes pensadores acerca do que envolvia a problemática da tolerância, o que se encontra na *Carta acerca da tolerância*¹⁶, na qual, de maneira veemente, advogava um estado laico como forma de garantia de uma sociedade que respeitasse as diferenças.

Sua base era desenvolvida em cima da própria noção de diferença, já que, para ele, se houvesse apenas uma religião verdadeira, entendida como caminho para o céu, certamente se produziria um grande conflito interno no indivíduo, pois, com isso, deveria abdicar da razão que o tornava mortal para procurar a divinização.

¹⁵ BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Ed. da UnB, 1998.

¹⁶ LOCKE, John. *Carta acerca da tolerância*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Isso significaria a aceitação tácita e cega das doutrinas impostas por seu príncipe e o culto a Deus na maneira formulada pelas leis de seu país a despeito de sua razão e consciência¹⁷.

Sendo assim, para o filósofo, a tolerância e a relação entre os estados laicos e as religiões estão assentadas no respeito à individualidade e à diversidade de opinião, mas também na liberdade de expressão.

Outro filósofo que se voltou para o tema foi François Marie Arouet (Voltaire, 1694-1778). Como filósofo iluminista, tinha como pedra fundamental a razão, o que, muitas vezes, ia frontalmente contra a Igreja e determinados ditames autoritários. Devido a essa forma de pensamento, várias das formas de interpretação dos fenômenos produzidas pela Igreja foram consideradas superstições. Nesse momento é que Voltaire escreveu seu *Tratado sobre a tolerância*¹⁸. Com um modo bastante peculiar de compreender a intolerância, o filósofo também se preocupou com a intolerância religiosa como uma forma de obtenção de poder com início em uma religião dominante via imposição. Entretanto, esse filósofo sustentou a tese de que não existiam verdades absolutas, pois as verdades eram relativas, pensamento a partir do qual se deveria garantir a paz e a tolerância entre todos, o que se traduziria em respeito para com as diversas crenças e religiões.

Voltaire¹⁹ afirmava que não dependia do homem acreditar ou não em algo, mas que dele dependia o fato de respeitar os costumes dos outros. “Se dissesse que é crime não acreditar na religião dominante, tu mesmo acusarias os primeiros cristãos, teus antepassados, e justificarias aqueles que acusas de tê-los entregue aos suplícios”²⁰. Por isso, quanto mais uma religião fosse divina, menos estaria a cargo do indivíduo comandá-la, uma vez que, para ele, a intolerância só tinha a capacidade de produzir hipócritas e rebeldes.

Montesquieu²¹, por sua vez, também voltado para as religiões, compreende que, se um Estado crê que pode abarcar dentro de si várias religiões, também precisa garantir que estas se tolerem entre si para que não seja gerada nem opressão, nem repressão sobre elas.

Com um cunho mais geral, o trabalho de Stouffer²² é considerado o primeiro grande estudo sobre tolerância social. Entretanto, não apresenta uma definição clara desse termo, relacionando-o à atribuição de direitos a pessoas com pontos de vista discordantes, o que é registrado em vários dicionários, como poderemos ver adiante. Nesse sentido, o estudo estava ligado a grupos específicos, entre os quais se podem

17 Ibidem, p. 6.

18 VOLTAIRE, François Marie Arouet. *Tratado sobre a tolerância*. São Paulo: Escala, 2000.

19 Ibidem.

20 Ibidem, p. 280.

21 MONTESQUIEU, Charles-Louis de Secondat. *O espírito das leis*. Curitiba: Juruá, 2005. p. 151.

22 STOFFER, Samuel Andrew. *Communism, conformity and civil liberties: a cross section of the nation speaks its mind*. New York: Doubleday, 1955.

destacar judeus, ateus e socialistas. Por essa razão, Sullivan, Piereson e Marcus²³ criticaram o estudo de Stouffer²⁴ e incluíram questões que permitiam aferir se os inquiridos – os grupos estudados – eram adversos aos grupos-alvo em estudo, defendendo que só nesse caso se poderia considerar a existência de tolerância. Trabalhando com a intolerância social de maneira geral, esses estudos foram o ponto de partida para muitas revisões e para que a questão fosse cada vez mais debatida.

No intuito de contribuir com essas discussões, escolhemos o viés etimológico a partir do qual discorreremos a respeito das possíveis razões pelas quais, do universo das ideias, esse tema tem se relacionado ao discurso de ódio e se manifestado na forma de ação social na esfera comportamental. Para iniciarmos a discussão, partimos do verbete *tolerância* em um dos dicionários mais consumidos e respeitados no Brasil, o Aurélio.

tolerância. [Do lat. *Tolerantia*.] **S. f. 1.** Qualidade de tolerante. **2.** Ato ou efeito de tolerar. **3.** Pequenas diferenças, para mais ou para menos, permitidas por lei no peso ou no título das moedas. **4.** Tendência a admitir modos de pensar, de agir e de sentir que diferem dos de um indivíduo ou de grupos determinados, políticos ou religiosos. **5.** Diferença máxima admitida entre um valor especificado e o obtido; margem especificada como admissível para o erro em uma medida ou para discrepância em relação a um padrão. **6. Immun.** Incapacidade, por parte de um indivíduo, de desencadear, em face da exposição a um antígeno, a resposta imunológica que esse antígeno provoca em outros indivíduos; imunoparalisia. **7. Med.** Capacidade de tolerar, sem efeito danoso para o organismo, doses de medicamento mais altas do que as habitualmente suportáveis. **8. Med.** Diminuição de efeito de uma droga usada em caráter permanente e em doses inalteradas²⁵.

A partir desse verbete, percebemos que, para a discussão do tema, no que se refere aos conflitos na esfera social, apenas as acepções 1, 2 e 4 são produtivas. As acepções 1 e 2 são tautológicas; logo, pouco elucidativas. A acepção 4 parte da ideia de admissão de modos de pensar, agir e sentir de indivíduos ou grupos em duas esferas específicas, isto é, a política e a religiosa, embora os problemas já tenham se disseminado para muitas outras esferas, como a do esporte, com os vários casos de racismo no

23 SULLIVAN, John; PIERESON, James; MARCUS, George. *Political tolerance and American democracy*. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

24 STOUFFER, Samuel Andrew, op. cit.

25 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2009 p. 1960.

futebol²⁶, os problemas dos povos indígenas²⁷, das mulheres²⁸ e dos homossexuais²⁹ e os constantes conflitos relacionados às religiões de matriz africana³⁰.

As acepções anteriormente analisadas se repetem – com exceção da ordem progressiva de organização lexicográfica dos verbetes, a qual poucas vezes coincidia – da mesma forma em Michaelis³¹, Caldas Aulete³², Houaiss³³ e no *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*³⁴. O *Dicionário da língua portuguesa – dicionário do povo*³⁵ registra apenas uma acepção que mistura os elementos das acepções I, 2 e 4 do Aurélio.

Embora, em termos de números progressivos indicativos das acepções, o registro destas nem sempre coincida numa ordem em comum, a percepção se mantém e o conteúdo também, pois os dicionários apenas se diferenciam na quantidade de informação que é dada. O que se repete nos dicionários de maneira geral são as acepções ligadas a medicamentos, uso exemplificado com as orações “O doente não tolerou o medicamento”³⁶ e “O paciente tolerou bem o medicamento”³⁷, e religião, essa última sem exemplos. Ou ainda incluem as relações sociais interpessoais em nível micro devido ao uso de *tolerar-se*, indicando reciprocidade como em “Davam-se bem outrora; hoje não se toleram”³⁸ e “Amigos desde a infância, hoje não se toleram”³⁹. Nesse último caso, são abarcadas outras formas de produção desse sentido de reciprocidade como em “A felicidade conjugal baseia-se na mútua tolerância dos cônjuges”⁴⁰.

Diferentemente dos outros dicionários gerais usuais no cotidiano das pessoas

26 Cf. CERVI, Thales de Almeida Nogueira. Intolerância e racismo no futebol: a racialização do outro. *ComCiência*, Campinas: Unicamp, v. 159, p. 10-16, 2014.

27 Cf. LOPES, Aline Luciane; CORRÊA, Darcísio. O multiculturalismo e os direitos fundamentais dos povos indígenas: a luta pela igualdade no Brasil da intolerância. *Rev. Ciên. Jur. e Soc. da Unipar*, Umuarama, v. 11, n. 2, p. 471-489, jul./dez. 2008.

28 Cf. MONTE, Izadora Xavier do. A violência contra a mulher no discurso diplomático brasileiro. *Boletim Meridiano* 47, Brasília: UnB, v. 12, p. 36-41, 2011.

29 Cf. ALMEIDA, Marco Bettine; SOARES, Alessandro da Silva. O futebol no banco dos réus: o caso da homofobia. *Revista SÍNTESE Direito Desportivo*, v. 3, p. 68-82, 2014.

30 Cf. SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2007.

31 MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

32 CALDAS AULETE. Lisboa, Portugal: E. Pinto Barto; Rio de Janeiro, Brasil: Delta, 1980.

33 HOUAISS da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

34 DICIONÁRIO brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Mirador Internacional, 1975.

35 DICIONÁRIO da língua portuguesa – dicionário do povo. 34. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 19--.

36 MICHAELIS, op. cit., p. 2.077.

37 HOUAISS, op. cit., p. 2.730.

38 MICHAELIS, op. cit., p. 2.077.

39 HOUAISS, op. cit., p. 2.710.

40 CALDAS AULETE, op. cit. p. 3.590.

contrastados nesta análise, os dicionários Caldas Aulete⁴¹ e Houaiss⁴² trazem explicitações etimológicas, enquanto o Michaelis⁴³ apenas se limita a registrar sua raiz no latim em *tolerare*, o que também verificamos em Nascentes⁴⁴, apesar de este ser etimológico e esperarmos explicitações a respeito da palavra em seu étimo.

Seja como for, pelo que foi constatado na pesquisa do termo, inclusive pela repetição do conteúdo das acepções, acreditamos que os problemas inter-relacionados a essa palavra no contexto brasileiro não estejam de verdade contemplados em sua complexidade, ou, pelo menos, estejam apenas aventados, indicados nos matizes que remontam a etimologia do termo, num viés mais geral, porque os dicionários consultados não tocam, semanticamente, no cerne de sua existência e multiplicidade de matizes.

O que nos ampara em termos de possibilidade de análise dos verbetes ancora-se no pensamento de Biderman⁴⁵, a partir do qual o léxico constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo devido ao processo de nomeação da realidade em que o homem rotula as entidades, apropriando-se desse real. Isso significa, nas palavras da autora⁴⁶, que “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras”. Por essa razão, podemos perceber que o léxico pode carregar e carrega em sua significação aspectos importantes da visão de mundo que os indivíduos possuem. Para a autora, as palavras que são geradas pelo sistema de categorias léxico-gramaticais de uma língua são rótulos por meio dos quais o ser humano interage cognitivamente com o seu meio.

Tomemos como ponto de partida o registro de *tolerância* e *tolerar* no *Dicionário do latim essencial*⁴⁷:

toléro,-as,-are,-aui,-atum. (mesma raiz de **tollo**). Suportar, tolerar, sofrer. Sustentar, aguentar. Persistir, manter. Alimentar. Resistir, combater. **tolerantia,-ae, (f.). (toléro).** Tolerância, paciência. Capacidade de suportar com firmeza, com constância.

Tendo em mente o que vimos refletindo e os verbetes acima, tomemos agora, etimologicamente, o verbo *tolerar*:

⁴¹ Ibidem.

⁴² HOUAISS, op. cit., p. 2.730.

⁴³ MICHAELIS, op. cit., p. 2.077.

⁴⁴ NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1932.

⁴⁵ BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001 p. 13.

⁴⁶ Ibidem.

⁴⁷ REZENDE, Antônio Martinez da; BIANCHET, Sandra Braga. *Dicionário do latim essencial*. Belo Horizonte: Crisálida/Autêntica, 2005.

Tolerar *vb.* ‘suportar, consentir’ XVI. Do lat. *tolerare* // **INTolerÂNCIA** XVI. Do lat. *intolerantia* // **INTolerANTE** 1813. Do lat. *in-tolerans-antis* // **INTolerÁVEL** 1813. Do lat. *intolerabilis -e* // **tolerABILIDADE** XX // **tolerADO** 1813. Do lat. *toleratus*, part. pass. De *tolerare* // **tolerÂNCIA** 1813. Do lat. *tolerantia* // **tolerANTE** 1813. Do lat. *tolerans -antis* // **tolerÁVEL**. 1813. Do lat. *tolerabilis*–e⁴⁸.

Logo de início, acreditamos que os problemas subjacentes à (in)tolerância estejam apontados de maneira bem mais clara na acepção ligada a “suportar” na medida em que pressupõe o conflito e o sentimento negativo em seu interior. Isso significa uma possível sinonímia entre estruturas como “Eu não te suporto” e “Eu não te tolero” e similares no uso comum, a exemplo de “‘Não tolero corrupção’, diz Dilma a jornal francês”⁴⁹, “A elite que Lula não suporta”⁵⁰, “Eu não tolero abusos”⁵¹ e “Eu não suporto ficar descrevendo as coisas”⁵².

Essa similaridade semântica admite e coloca em cena o problema da intolerância a partir do instante em que se assume um sentimento negativo que não se configura como algo situacional e transitório, mas de caráter permanente, o qual é nutrido com relação a outrem por razões sociais perpetuadas historicamente, por diversos motivos. Dessa maneira, percebemos uma construção intersubjetiva tensiva e conflituosa de um *eu* que só se configura como tal na alteridade, isto é, em sua relação com o *outro*, num contexto em que muitas variáveis estão envolvidas. E, nessa mesma esteira, diferenças no modo de agir, pensar e sentir também são suportadas, ou seja, toleradas, porque nunca foram verdadeiramente colocadas como alternativas legítimas numa sociedade plural e que se quer democrática.

Diante do exposto, é particularmente interessante a acepção 5 do dicionário Michaelis⁵³, que consta também no *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*⁵⁴, pois, com isso, ambas as fontes parecem ser incisivas para corroborar nossa hipótese de que as raízes latinas mantêm-se semanticamente como uma forma de explicação da inconsistência do uso do termo *tolerância* no contexto brasileiro, por este apenas escamotear os conflitos entre os grupos, que, antes de se respeitarem, mantêm-se em

48 CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 774.

49 VEJA. “Não tolero corrupção”, diz Dilma a jornal francês. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/dilma-diz-que-nao-tolera-corrupcao-e-elogia-lula>>. 13/12/2012. Acesso em: 16 mar. 2016.

50 AZEVEDO, Reinaldo. A elite que Lula não suporta. Blog Reinaldo Azevedo. Veja Colunistas. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/a-elite-que-lula-nao-suporta>>. 21/9/2010. Acesso em 16 mar. 2016.

51 AMÂNCIO, Thiago. Entidades criticam governo Alckmin por omitir dados de violência policial. *Folha de S.Paulo*, Cotidiano, 23/10/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/10/1697581-entidades-criticam-governo-alckmin-por-omitir-dados-de-violencia-policial.shtml>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

52 ALMEIDA, Marco Rodrigo. Edyr Augusto retrata mundo alucinado em um dos melhores livros do ano. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 22/8/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/08/1671915-edyr-augusto-retrata-mundo-alucinado-em-um-dos-melhores-livros-do-ano.shtml>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

53 MICHAELIS, op. cit., p. 2.077.

54 DICIONÁRIO brasileiro da língua portuguesa, op. cit., p. 672.

tensão, excluindo o outro, apenas suportando o outro, demonstrando a semântica negativa etimologicamente marcada: “5. Disfarce ou dissimulação a respeito de uma coisa proibida”⁵⁵.

Numa pretensa democracia, o poder deveria ser diluído em favor do respeito social e da igualdade de direitos na garantia da dignidade da pessoa humana como algo natural. Entretanto, o preconceito (ver, por exemplo, a reportagem “Poder feminino ganha reforço na luta contra o preconceito”⁵⁶) e os episódios de ódio (ver, por exemplo, a reportagem “Podem as mulheres falar?”⁵⁷) são proibidos e coibidos por lei. Logo, aqueles que não suportam a diferença precisam disfarçar ou dissimular seus sentimentos negativos em relação a outrem para não sofrerem as sanções da lei. Ou seja, eles apenas toleram o diferente, não os respeitam como iguais, demonstrando a pseudodemocracia no contexto brasileiro.

Por isso, é importante destacar que Fontinha, no seu *Novo dicionário etimológico da língua portuguesa*⁵⁸, também registra essa acepção:

Tolerância, s. f. (Lat. *Tolerantia(m)*) – Qualidade de tolerante; indulgência; condescendência; acção ou resultado da acção de tolerar sem o consentimento expresso da lei; dissimulação ou disfarce acerca duma coisa proibida; direito que se reconhece aos outros de terem opiniões políticas ou religiosas diferente ou, até, diametralmente opostas às nossas; perdão dos erros ou abusos dos outros⁵⁹.

E essas ideias são repetidas no verbete “tolerar” do mesmo dicionário:

Tolerar, v. tr. (Lat. *Tolerare*) – Suportar, sofrer; levar com paciência; condescender com; dissimular certas coisas, sem no entanto as consentir expressamente, logo que elas não sejam lícitas; permitir (o livre exercício dos cultos ou das crenças de alguém); desculpar; perdoar; dar tácito consentimento a⁶⁰

O *Dicionário da língua portuguesa – dicionário do povo* ainda acrescenta que tolerância é “permissão, consentimento tácito do que merece censura, castigo ou correção”⁶¹, o que é reverberado no Caldas Aulete⁶² no início do verbete quando afirma sua definição do termo como “consentir, permitir tacitamente (o que é

55 MICHAELIS, op. cit., p. 2.077; DICIONÁRIO brasileiro da língua portuguesa, op. cit., p. 1.712.

56 Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/poder-feminino-ganha-reforco-na-luta-contra-preconceito-1-18826384>>. 8/3/2016. Acesso em: 16 mar. 2016.

57 LIMA, Daniela. Podem as mulheres falar?. Folha de S. Paulo, Ilustríssima, 6/12/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/12/1714573-contr-a-violencia-naturalizada-sejamos-todos-barbaros.shtml>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

58 FONTINHA, Rodrigo. Novo dicionário etimológico da língua portuguesa. Porto: Domingos Barreira, s.d.

59 Ibidem, p. 1757.

60 Ibidem, p. 1758.

61 DICIONÁRIO da língua portuguesa – dicionário do povo, op. cit., p. 672.

62 CALDAS AULETE, op. cit.

censurável ou merece castigo): *O governo de Afonso V pela sua indulgência em tolerar aos grandes vassallos os maiores abusos* (R. da Silva)⁶³; ou seja, o que é tolerado, suportado, é sempre passivo em relação a outro polo que é ativo no processo de avaliação. É interessante destacar que esse registro do que precisa ser dissimulado porque merece censura está registrado em Pinto⁶⁴, no *Dicionário da língua brasileira*, datado de 1832, e é nesse mesmo sentido que aparecem como interligadas, no *Dicionário de palavras interligadas, analógico e de ideias afins*⁶⁵, palavras como *aceitabilidade, aceitação, acolhida, acolhimento, acolho, admissão, assentimento e submissão*.

Embora Bobbio, Matteucci e Pasquino⁶⁶ tratem de forma específica da tolerância religiosa, percebemos que é possível expandir o que é explicado no seguinte trecho: “[a] Tolerância para com os dissidentes é, portanto, aceita como um mal necessário quando não é possível reprimir o dissenso, ou seja, um mal menor quando o custo da repressão resultaria excessivo”. O diferente é, então, visto como dissidência, como um mal que deve ser reprimido, mas ressalvados os excessos.

A isso, então, se conecta o fato de que tudo o que é tolerado tem pressuposição de merecimento de censura, castigo ou correção, uma vez que, conforme o verbete acima, deve ser perdoado, desculpado, admitido, permitido e/ou consentido⁶⁷. Isso significa uma negatividade subjacente ao termo, já apontada etimologicamente, fortalecendo-se no contexto brasileiro contemporâneo.

Machado, por sua vez, registra o verbete *tolerar* de uma forma que também coaduna com nossa interpretação do contexto brasileiro, confirmando nossa hipótese:

Tolerar, v. Do lat. *Tolerare*, <<levar, suportar um peso, um fardo; agüentar, suportar, sofrer; agüentar-se; ficar, persistir; suster, manter, sustentar; resistir a, combater>>; por via culta. No séc. XVI: <<...a deleitação dos mais sentidos era tanta que fazia não só tolerar o fervor do sol, mas quase não no sentir>> Frei Luís de Souza, Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, VI, cap. 13, vol. III, p. 261, Ed. De 1946⁶⁸.

Assim, todas as palavras de mesma raiz trazem essa pressuposição em sua semântica e em todas as suas formas, flexões e derivações (nominais, adjetivais, adverbiais etc.). Por isso, não é apenas o derivado *intolerância* que se mostra problemático, mas a própria ideia de tolerância, em cuja raiz se reforça uma falsa condição pacífica e apaziguadora de conflitos, que é âncora para os demais

63 Ibidem, p. 3.590.

64 PINTO, L. M. S. *Dicionário da língua brasileira*. Ouro Preto: Typografia de Silva, 1832.

65 PESSEK, Kurt. *Dicionário de palavras interligadas, analógico e de ideias afins*. Brasília: Thesaurus, 2010.

66 BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco, op. cit., p. 1246.

67 Ver, também, DICIONÁRIO brasileiro da língua portuguesa, op. cit.; DICIONÁRIO da língua portuguesa – dicionário do povo, op. cit.; FONTINHA, Rodrigo, op. cit.; MICHAELIS, op. cit.; HOUAISS, op. cit.; e CALDAS AULETE, op. cit.

68 MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. Lisboa: Confluência, 1952-1959. p. 2091.

problemas a ela relacionados, como o preconceito, a discriminação e as violências física e simbólica, dentre outros, todos originários em ideologias grupais, na pretensa superioridade e centralidade de alguns em detrimento da diversidade e da diferença que constitui a sociedade que pressupostamente deveria ser uma democracia.

Esse parece ser o motivo, por exemplo, de as acepções fornecidas pelos diversos dicionários consultados – tanto os de caráter geral quanto os especificamente etimológicos – se relacionarem apenas a verbos que pressupõem uma passividade verificável somente para grupos minoritários e vulneráveis na sua relação com outros grupos e agentes humanos, quando procura conceituar “suportar” com “sofrer”, “tolerar”, “aturar” e “admitir”. Nesses casos, os grupos minoritários e vulneráveis são colocados na condição de serem avaliados ou aceitos – como aparece o verbo “aceitar” em Houaiss⁶⁹ –, tanto que o exemplo utilizado pelo autor é “Anos a fio suportou calúnias dos opositores”, o que de certa maneira já pode ser percebido etimologicamente, quando da análise do latim *supportare*, como “aquilo que suporta alguma coisa”⁷⁰, ou seja, que precisa aguentar, carregar algo; por extensão, admitir aquilo que verdadeiramente não quer. Por isso, Houaiss⁷¹ adverte que, etimologicamente, “tolerar” significa “suportar (raro no sentido físico de suportar um peso, um fardo”, mas de “sofrer, aturar”⁷², ou seja, raro, mas possível, o que pode explicar a forma como a diferença é vista contemporaneamente, isto é, metaforicamente como um fardo, um peso social a ser suportado, tolerado, aturado, aguentado.

Em outras palavras, quando analisamos o contexto em que “tolerar” é usado, um grupo considerado central “tolera”, ou seja, assume o polo ativo, enquanto o que resta aos grupos marginalizados é a passividade de “ser tolerado”, “suportado”, “aguentado” como se numa sociedade democrática não merecessem ou já não possuíssem voz e vez, bem como se não colaborassem ativamente para tudo o que nela existe. Foram encontrados os seguintes exemplos nos dicionários pesquisados, demonstrando o aspecto negativo de tolerar: “Tolerava pacientemente o mau gênio da esposa”⁷³, “Tolerava aquelas ações repulsivas”⁷⁴ e “O pai tolerava os excessos do filho”⁷⁵.

Nesse sentido é que observamos a possibilidade de extensão semântica tanto em termos de medida quanto em termos de análise humana à acepção 5 do verbete “tolerância” em Ferreira⁷⁶ (que se repete igualmente ou de forma parecida em Houaiss⁷⁷ e Michaelis⁷⁸): “Diferença máxima admitida entre um valor especificado e

69 HOUAISS, op. cit, p. 2.730.

70 CUNHA, Antônio Geraldo da, op. cit., p. 745.

71 HOUAISS, op. cit.

72 Ibidem, p. 2.730. Ver também MACHADO, José Pedro, op. cit., p. 2.091.

73 MICHAELIS, op. cit., p. 2.077.

74 Ibidem; DICIONÁRIO brasileiro da língua portuguesa, op. cit., p. 1.712.

75 HOUAISS, op. cit., p. 2.730.

76 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, op. cit., p. 1.960.

77 HOUAISS, op. cit.

78 MICHAELIS, op. cit.

o obtido; margem especificada como admissível para o erro em uma medida ou para discrepância em relação a um padrão”. Partimos, portanto, na esfera social, da ideia de diferença, numa espécie de gradação, com um valor admissível no que tange a um erro ou a alguma discrepância de um padrão. Por isso, certos grupos sofrem em maior ou menor grau os problemas ligados à chamada intolerância.

Tais problemas, claramente, demonstram a grande fragilidade brasileira no que tange a seu ideal de democracia quando vemos tantos episódios de violência física (ver reportagem “Jovem diz ter sido agredido após discutir com aluna ao pedir silêncio em sala”⁷⁹) e simbólica (a exemplo da reportagem “Terceirizado, 190 tem atraso de salários e denúncias de assédio”⁸⁰), de discriminação (ver, por exemplo, a reportagem “4 em cada 10 estudantes já sofreram violência na escola”⁸¹), de racismo (ver “‘É bom saber que uma denúncia vai adiante neste país’, diz Taís Araújo sobre prisão de responsáveis por ofensas racistas”⁸²) e de sexismo (ver “‘Livros escolares perpetuam sexismo’, diz Unesco”⁸³), dentre outras doenças socioculturalmente transmissíveis. Essas doenças se dão, em primeiro lugar, na esfera ideológica no interior das práticas sociais cotidianas antes de ganharem um discurso exclusivista e excludente, que tem se tornado ponto de partida para um discurso de ódio, que se dissemina rapidamente. O que chama atenção é que atualmente esse discurso tem ganhado cada vez mais espaço no domínio comportamental, gerando inúmeros problemas e crimes que têm por base a intolerância (ver, por exemplo, os casos de ataque aos terreiros, como na reportagem “Religiões de raiz africana pedem investigação de grupo Gladiadores do Altar”⁸⁴). Sendo assim, a intolerância pode ser vista como um conjunto de ideias, ideologias e atitudes (por exemplo, o desrespeito) contrário a qualquer princípio democrático que deveria pulverizar o poder em uma via de mão dupla ao cobrar os

79 BIANCHI, Camila. Jovem diz ter sido agredido após discutir com aluna ao pedir silêncio em sala. *Folha de S.Paulo*, Cotidiano, 22/3/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/03/1606508-jovem-e-agredido-apos-discutir-com-aluna-ao-pedir-silencio-em-sala-de-aula.shtml>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

80 BERTONI, Estevão. Terceirizado, 190 tem atraso de salários e denúncias de assédio. *Folha de S.Paulo*, Cotidiano, 18/10/2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/10/1695368-terceirizado-190-tem-atraso-de-salarios-e-denuncias-de-assedio.shtml>. Acesso em: 22 mar. 2016.

81 Disponível em <<http://www.agora.uol.com.br/saopaulo/2016/03/1752195-4-em-cada-10-estudantes-ja-sofreram-violencia-na-escola.shtml>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

82 SOARES, Louise. “É bom saber que uma denúncia vai adiante neste país”, diz Taís Araújo sobre prisão de responsáveis por ofensas racistas. *Folha de S. Paulo*, Celebidades, 18/3/2016. Disponível em: <http://f5.folha.uol.com.br/celebidades/2016/03/10001017-e-bom-saber-que-uma-denuncia-vai-adiante-nesse-pais-diz-tais-araujo-sobre-prisao-de-responsaveis-por-ofensas-racistas.shtml>. Acesso em: 22 mar. 2016.

83 Disponível em <<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/livros-escolares-perpetuam-sexismo-diz-unesco-18826859>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

84 FANTTI, Bruna. Religiões de raiz africana pedem investigação de grupo Gladiadores do Altar. *Folha de S.Paulo*, 23/3/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1607108-religoes-de-raiz-africana-pedem-investigacao-de-grupo-gladiadores-do-altar.shtml>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

deveres, mas dar voz e vez a todos e a todas de maneira equacionada, garantindo-lhes também os direitos.

Para Fairclough⁸⁵, as ideologias são

[...] significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

Por isso, quando Fairclough⁸⁶ traz o conceito de hegemonia de Antonio Gramsci⁸⁷ para o interior dos estudos do discurso, entendido como um equilíbrio instável, demonstra uma produtiva aliança dentro dos estudos da linguagem para repensar conceitos problemáticos e indicadores de assimetrias sociais e sustentáculo de relações desiguais e conflituosas, especialmente quando não obrigatoriamente permanece na esfera ideológica e parte de um nível discursivo de um ódio demonstrativo de uma sociedade doente para o nível comportamental.

O PROBLEMA DO DISCURSO DE ÓDIO: DO UNIVERSO DO DISCURSO PARA O UNIVERSO DO COMPORTAMENTO

Com tudo isso, parece-nos produtivo conectar os problemas relacionados a grupos minoritários e grupos vulneráveis, na sua interseção com a (in)tolerância, à ideia de discurso de ódio, pois percebemos que, num primeiro momento, é uma violência simbólica que sustenta o conceito de tolerância no sentido de suportar a diferença que nunca foi verdadeiramente acolhida. Esse não acolhimento, por sua vez, está ancorado na pressuposição de uma relação de poder à qual subjaz o pensamento de que alguém precisa aceitar o outro, por isso há registros de “aceitar” como sinônimo ou relacionado a “tolerar” em Pessek⁸⁸. Nesse dicionário⁸⁹, reverbera a relação das seguintes palavras interligadas: “acatar”, “aceitar”, “acolher”, “admitir”, “aprovar”, “conceder”, “concordar”, “conformar-se”, “deferir”, “engolir”, “permitir” e “topar”. Por isso, é dada vazão a conflitos e tensões entre os diversos grupos que compõem a sociedade, resultando em variados problemas originários num grupo que pretende dominar outro.

De acordo com Bourdieu⁹⁰, há quatro formas de capital que determinam a dominação ou não sobre outros: o capital econômico, constituído pelos fatores de produção (como terra, fábrica e trabalho) e de recursos econômicos (por exemplo:

85 FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Ed. da UnB, 2001. p. 117.

86 Ibidem.

87 GRAMSCI, Antonio. *Obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

88 PESSEK, Kurt, op. cit., p. 33.

89 Ibidem.

90 BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

renda, patrimônio e bens materiais); o capital cultural, que é formado pelo conjunto das qualificações intelectuais; o capital social, composto pela rede de relações interpessoais nas diferentes esferas da vida cotidiana; e, por último, o capital simbólico, por sua vez relacionado ao reconhecimento de um *status*; ou seja, trata-se do reconhecimento dos capitais anteriores e sua importância em cada campo da sociedade. Para o autor, portanto, essas formas de capital é que possuem a capacidade de estruturar o espaço social e, por isso, alguém se tornaria diferenciado, produzindo hierarquias, devido à própria desigual distribuição de capitais.

Roso et al.⁹¹ destacam que às minorias foram negadas autonomia e responsabilidade. Por essa razão, não seriam reconhecidas nos sistemas existentes de poder. Desse modo, quando um grupo minoritário deseja introduzir um elemento novo, por carecer de poder, não consegue assim fazê-lo, ou, quando tenta, é depreciado e, muitas vezes, exposto ao ridículo.

Fleury⁹² afirma que, no Brasil, a diversidade é definida em termos de poderio econômico e tipo de raça, e defende que outras dimensões devem ser consideradas, como gênero, pessoas portadoras de deficiência, e assim por diante.

Talvez na esteira dessa discussão é que “a noção contemporânea de minoria [...] refira-se à possibilidade de [esses grupos] terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder [...]”⁹³.

O que levantamos como barreira é a própria estabilização de um poder que é instável, pois pode ser desafiado pelas lutas entre os grupos que se põem em contato. Entretanto, o que temos verificado é cada vez mais violências física e simbólica.

Rouquette⁹⁴, abordando as condições que, segundo ele, podem ser relacionadas à manifestação da violência das massas, assevera que o ato violento tem como objeto grupos com os quais se estabelece uma relação de dominância numérica, real ou suposta. Esse autor parece atribuir o conceito de minoria a grupos (não necessariamente minoritários no sentido numérico), cujas normas passaram, num plano ético, por um processo de minorização que os coloca fora da “normalidade”⁹⁵. Por isso, a intolerância pode ser compreendida como manifestação de algo, tal qual o preconceito, a discriminação e a violência, dentre outros.

Nesse sentido, quando a intolerância se manifesta para além da esfera discursiva, vemos episódios de violência não apenas simbólica, mas também física, como

91 ROSO, Adriane et al. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. *Psicologia e sociedade*, v. 14, n. 2, p. 74-94, jul./dez. 2002.

92 FLEURY, Maria Tereza Leme. Gerenciando a diversidade cultural: experiência de empresas brasileiras. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 18-25, jul./set. 2000.

93 SODRÉ, Muniz, op. cit., p. 12.

94 ROUQUETTE, Michel-Louis. Massas, normas e violência. *Ciência e saúde coletiva*, v. 4, n. 1, p. 201-204, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v4n1/7143.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2014.

95 Ibidem, p. 203.

resultados de um discurso de ódio, algo que tem sido debatido tanto no universo da filosofia⁹⁶ quanto no jurídico⁹⁷.

Como afirma Glucksmann⁹⁸, “o ódio nada mais é do que o resultado deteriorado da ausência de educação”. Para ele, o ódio existe em escala microscópica nos indivíduos e também nas coletividades, sendo que a razão para sua existência é a vontade de destruir por destruir. Isso significa que é não apenas um discurso, mas também um sentimento inócuo e desprovido de razão de ser. Nas palavras do autor, o “ódio acusa sem saber. O ódio julga sem ouvir. O ódio condena a seu bel-prazer. Nada respeita e acredita encontrar-se diante de algum complô universal. Esgotado, recoberto de ressentimento, dilacera tudo com seu golpe arbitrário e poderoso. Odeio, logo existo”⁹⁹.

Na sua relação com a intolerância entendida como manifestação de algo, é fruto do que Glucksmann¹⁰⁰ chama atenção quando afirma que “o ódio ataca de fora e, simultaneamente, emerge em cada um”. Então, se ele sai da esfera ideológica e ganha o espaço comportamental na forma de violência física, é porque veio de outra relação: “se atinge não importa quem e massacra seres inocentes ao acaso, isso prova que sua ação obteve sucesso, não porque induziu a pensar, mas, ao contrário, porque impediu que se pensasse sobre ela”¹⁰¹. E dessa forma, “sem lei e sem rei”, é que o ódio mostra que não possui limite geográfico, político, moral ou ideológico, no momento em que demonstra que um indivíduo ou grupo quer permanecer senhor e não escravo, mas numa construção monolítica que lhe extrai os escrúpulos¹⁰².

Carcará¹⁰³ assegura que, inicialmente, o discurso de ódio pode ser compreendido como “uma manifestação de pensamento que incita a violência”, pois ele possui furor emocional que não pode ser combatido com a sua proibição. O autor dialoga com Meyer-Pflug¹⁰⁴ quando esta observa que “a proibição por si só não tem o condão de impedir a existência dos discursos do ódio, pois não atinge diretamente as causas que lhe deram origem, apenas veda a exteriorização com vistas a evitar danos causados às pessoas atingidas”. Sendo assim, percebemos os dois domínios de manifestação da intolerância, que seriam o da violência simbólica e o da violência física, sendo ambas ancoradas em relações de poder, isto é, no domínio ideológico que as consubstanciam,

96 Ver, por exemplo, GLUCKSMANN, André. O discurso do ódio. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

97 Ver, por exemplo, OMMATI, José Emílio Medauar. Liberdade de expressão e discurso de ódio na Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2014; e CARCARÁ, Thiago Anastácio. Discurso do ódio no Brasil: elementos de ódio na sociedade e sua compreensão jurídica. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2014.

98 GLUCKSMANN, André, op. cit., p. II.

99 Ibidem, p. 12.

100 Ibidem, p. 14.

101 Ibidem, p. 16.

102 Ibidem, p. 28.

103 CARCARÁ, Thiago Anastácio, op. cit., p. 75.

104 MEYER-PFLUG, Samantha Ribeiro. *Liberdade de expressão e discurso do ódio*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009, p. 230.

razão pela qual apenas o conhecimento do universo de ideias que subjazem a um discurso de ódio poderia combatê-lo.

É nesse ínterim que entra em choque o discurso de ódio, visto como manifestação do pensamento, isto é, enquanto liberdade de expressão, e o atentado à dignidade humana dos grupos marginalizados, compreendidos como crimes¹⁰⁵. Por isso, Sarmento¹⁰⁶ postula que o discurso de ódio está mais próximo de um ataque à dignidade e aos direitos do que à participação num debate livre de opiniões.

Isso porque, em conformidade com Glucksmann¹⁰⁷, “‘Quem tem ódio’ só reconhece em si e a seu redor o contágio moral que ele mesmo propaga como uma lei única e universal” [e] “A roda desses ‘fatos corriqueiros’ [racismos, chauvinismos, fanatismos, renascimento de agressividades], bastante cotidianos, indica a grande quantidade de chispas de fogo ocultas sob nossa frágil paz civil”¹⁰⁸.

Então, temos uma passagem, no que tange ao discurso de ódio, do universo do discurso para o universo do comportamento, pois as ideias de ódio, por si mesmas, estão carregadas de preconceito e de discriminação que incitam e fomentam a violência, muitas vezes deixando de nutrir ideias para nutrir ações odiosas que atingem especialmente os grupos minoritários e vulneráveis da sociedade, num forte atentado aos direitos humanos fundamentais. Isso pode ser corroborado pelo pequeno número dentre 17 entradas no *Dicionário de política*¹⁰⁹ que ligam as questões de (in)tolerância a algum aspecto positivo. Figuram como positivas as relações com autodeterminação e direito à resistência, conselhos operários, cosmopolitismo, democracia e laicismo; de forma não clara ou ambivalente, com cultura política, fisiocracia, Iluminismo e liberalismo; e negativa, com despotismo, eurocomunismo, anticlericalismo, clericalismo, autoritarismo, stalinismo, comunismo e ideologia, demonstrando o aviltamento de direitos e o desrespeito que parte de um grupo que se coloca como central, dominante, em relação aos grupos minoritários e vulneráveis.

Conforme explicitam Bobbio, Matteucci e Pasquino¹¹⁰ no que tange ao pluralismo democrático observado na América contemporânea e em outras sociedades industrializadas, esse pluralismo é análogo às sociedades feudais e corporativas, uma vez que, nestas, haveria tolerância com os grupos constituídos, mas não com os indivíduos que, de alguma forma, teriam comportamento desviante das normas do grupo. Aqui, portanto, sobreleva-se uma condição de superioridade de um grupo dominante sobre o outro considerado desviante, diferente.

Como explanou Soares¹¹¹, os valores que os direitos humanos procuram preservar como fundamentais levam à convicção de que o ser humano é, acima de tudo, ser digno de respeito por parte do “outro”. Dessa maneira, respeitar esse outro significa

105 Ver, especialmente, OMMATI, José Emílio Medauar, op. cit.; CARCARÁ, Thiago Anastácio, op. cit.

106 SARMENTO, Daniel. *Livres e iguais: estudos de direito constitucional*. Rio de Janeiro: Lumen Júris, 2010.

107 GLUCKSMANN, André, op. cit., p. 35.

108 Ibidem, p. 43-44.

109 BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco, op. cit.

110 Ibidem, p. 1.247.

111 SOARES, Ricardo Maurício Freire. *Direitos fundamentais: reflexões e perspectivas*. Salvador: JusPodivm, 2014.

compreendê-lo como coparticipante da vida histórico-social e, por consequência, sua dignidade estará em relação ao reconhecimento mútuo constituinte da base da vivência social. Ou seja, para além de qualquer construção grupal, é relevante atentarmos para o fato de que o importante é a preservação da dignidade humana, que é aviltada por qualquer tipo de violência física ou simbólica, por qualquer discurso que a propague, como o de ódio, na sua relação com a problemática da (in) tolerância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base as considerações até aqui feitas, temos que os problemas relacionados aos grupos minoritários (ou minorias) e aos grupos vulneráveis estão longe de ser resolvidos a partir de questões conceituais. Em sua conexão com problemas advindos da relação com a (in)tolerância, o que se apresenta como principal necessidade é suplantar as ideias de ódio nutridas discursiva e ideologicamente como sustentáculos das diferenças na contramão da laicidade de Estado pretendida, da suposta democracia brasileira e da própria preservação da dignidade humana. Nesse sentido, cabe destacarmos o conceito de dignidade proposto por Sarlet¹¹²:

Temos por dignidade da pessoa humana a qualidade intrínseca e distintiva de cada ser humano que o faz merecedor do mesmo respeito e consideração por parte do Estado e da comunidade, implicando, neste sentido, um complexo de direitos e deveres fundamentais que assegurem a pessoa tanto contra todo e qualquer ato de cunho degradante e desumano, como venham a lhe garantir as condições existenciais mínimas para uma vida saudável, além de propiciar e promover sua participação ativa e corresponsável nos destinos da própria existência e da vida em comunhão com os demais seres humanos.

A partir dessa ideia, podemos observar o quão pernicioso para a sociedade é ter que *suportar* ou *tolerar* seu semelhante por qualquer motivo, pois, em sua essência e existência, *de per si*, a atitude que esperamos não é maior nem menor do que a do respeito que todos merecemos para uma vivência social sadia, equilibrada e harmoniosa.

¹¹² SARLET, Ingo Wolfgang. *Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais na Constituição Federal de 1988*. 5. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2012., p. 62.

SOBRE O AUTOR

CLÁUDIO MÁRCIO DO CARMO é professor associado de Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: claudius@ufsj.edu.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACSELRAD, Márcio. Por uma visão crítica de minoria. *Crítica cultural*, v. 1, n. 1, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/critica/0101/06.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2014.
- ADORNO, Sérgio. A violência na sociedade brasileira: um painel inconcluso em uma democracia não consolidada. *Sociedade & Estado*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 299-342, jul./dez. 1995.
- ALMEIDA, Marco Bettine; SOARES, Alessandro da Silva. O futebol no banco dos réus: o caso da homofobia. *Revista SÍNTESE Direito Desportivo*, v. 3, p. 68-82, 2014.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Ed. da UnB, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 13-22.
- CALDAS AULETE. Lisboa, Portugal: E. Pinto Barto; Rio de Janeiro, Brasil: Delta, 1980.
- CARCARÁ, Thiago Anastácio. *Discurso do ódio no Brasil*: elementos de ódio na sociedade e sua compreensão jurídica. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2014.
- CARVALHEIRO, José Ricardo. Da representação mediática à recepção política. Discursos de uma minoria. *Sociologia, problemas e práticas*, n. 51, p. 73-93, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n51/n51a05.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2014.
- CERVI, Thales de Almeida Nogueira. Intolerância e racismo no futebol: a racialização do outro. *ComCiência*, Campinas: Unicamp, v. 159, p. 10-16, 2014.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Mirador Internacional, 1975.
- DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA – dicionário do povo. 34. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 19--.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Ed. da UnB, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2009.
- FLEURY, Maria Tereza Leme. Gerenciando a diversidade cultural: experiência de empresas brasileiras. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 18-25, jul./set. 2000.
- FONTINHA, Rodrigo. *Novo dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Porto: Domingos Barreira, s.d.
- GLUCKSMANN, André. *O discurso do ódio*. Rio de Janeiro: Difel, 2007.
- GRAMSCI, Antonio. *Obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

- LOCKE, John. *Carta acerca da tolerância*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- LOPES, Aline Luciane; CORRÊA, Darcísio. O multiculturalismo e os direitos fundamentais dos povos indígenas: a luta pela igualdade no Brasil da intolerância. *Rev. Ciên. Jur. e Soc. da Unipar*. Umuarama, v. II, n. 2, p. 471-489, jul./dez. 2008.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. Lisboa: Confluência, 1952-1959.
- MEYER-PFLUG, Samantha Ribeiro. *Liberdade de expressão e discurso do ódio*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009.
- MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- MONTE, Izadora Xavier do. A violência contra a mulher no discurso diplomático brasileiro. *Boletim Meridiano* 47, Brasília: UnB, v. 12, p. 36-41, 2011.
- MONTESQUIEU, Charles-Louis de Secondat. *O espírito das leis*. Curitiba: Juruá, 2005.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1932.
- OMMATI, José Emílio Medauar. *Liberdade de expressão e discurso de ódio na Constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2014.
- PESSEK, Kurt. *Dicionário de palavras interligadas, analógico e de ideias afins*. Brasília: Thesaurus, 2010.
- PINTO, Luiz Maria da Silva. *Dicionário da língua brasileira*. Ouro Preto: Typografia de Silva, 1832.
- REZENDE, Antônio Martinez da; BIANCHET, Sandra Braga. *Dicionário do latim essencial*. Belo Horizonte: Crisálida/Autêntica, 2005.
- RIFIOTIS, Theophilos. Nos campos da violência: diferença e positividade. 2006. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~levis/downloads/artigos/NCVDP.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2014.
- ROGERS, Wendy; BALLANTYNE, Angela. Populações especiais: vulnerabilidade e proteção. *RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde*, Rio de Janeiro, v.2, p. 31-41, dez. 2008.
- ROSO, Adriane et al. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. *Psicologia sociedade*, v. 14, n. 2, p. 74-94, jul./dez. 2002.
- ROUQUETTE, Michel-Louis. Massas, normas e violência. *Ciência e saúde coletiva*, v. 4, n. 1, p. 201-204, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v4n1/7143.pdf>>. Acesso em: 2 jul. 2014.
- SARLET, Ingo Wolfgang. *Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais na Constituição Federal de 1988*. 5. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2012.
- SARMENTO, Daniel. *Livres e iguais*: estudos de direito constitucional. Rio de Janeiro: Lumen Júris, 2010.
- SÉGUIN, Elida. *Minorias e grupos vulneráveis*: uma abordagem jurídica. Rio de Janeiro: Forense, 2002.
- SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). *Intolerância religiosa*: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Edusp, 2007.
- SOARES, Ricardo Maurício Freire. *Direitos fundamentais*: reflexões e perspectivas. Salvador: JusPodivm, 2014.
- SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Org.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 11-14.
- STOUFFER, Samuel Andrew. *Communism, Conformity and Civil Liberties*: a cross section of the nation speaks its mind. New York: Doubleday, 1955.
- SULLIVAN, John; PIERESON, James; MARCUS, George. *Political tolerance and american democracy*. Chicago: University of Chicago Press, 1982.
- VOLTAIRE, François Marie Arouet. *Tratado sobre a tolerância*. São Paulo: Escala, 2000.
- ZALUAR, Alba Maria. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, Hermano. (Org.). *Galeras cariocas*: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1997. p. 17-57.

- _____. Desafios para o ensino básico na visão dos vulneráveis. *Sociologias*, Porto Alegre, v. I, p. 228-249, 1999.
- _____. Exclusion and public policies: theoretical dilemmas and political alternatives. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. I, p. 25-42, 2000.
- _____. Violence in Rio de Janeiro: styles of leisure, drug use, and trafficking. *International Social Science Journal*, Londres and Paris, Unesco, v. LIII, n. 3, p. 369-379, 2001.

Quando o carnaval chegou: ativismo político no anverso histórico do *Homo ludens*

[*When carnival started: political activism in the historic obverse of Homo ludens*]

Francisco Mata Machado Tavares¹

Ellen Ribeiro Veloso²

Os autores agradecem à equipe do Núcleo de Pesquisas Proluta/UFG, em especial a Lira Furtado Moreno, pelas contribuições aos estudos que fundamentam este artigo.

RESUMO • O debate filosófico sobre a pertinência da categoria hegel-marxista da alienação, em terras brasileiras, não se contém no âmbito estritamente conceitual, revelando-se de maneira significativa sua dimensão fática. O filósofo Vilém Flusser, por exemplo, valeu-se dos atributos sócio-históricos da sociedade brasileira para tecer uma crítica ao conceito de alienação e, assim, justificar a sua tese de que há no marxismo hegeliano um universalismo que não contempla realidades como a do Brasil. Este artigo se propõe a reavaliar o diagnóstico apresentado por Flusser, de modo a infirmar, a partir de um estudo de caso centrado na greve dos garis de 2014 no Rio de Janeiro, a generalização de que o brasileiro seria o *Homo ludens*, cuja realidade se manifesta na alienação. Sugere-se, assim, uma interpretação alternativa para a relação entre o lúdico e o político no Brasil e, por via oblíqua, a reabilitação da noção hegeliana de alienação em face da crítica fenomenológica que Flusser lhe confere. • **PALAVRAS-CHAVE** • *Homo ludens*; Vilém Flusser; alienação; greve dos garis; ativismo. • **ABSTRACT** • Philosophy's debate

over the hegel-marxian concept of alienation in Brazil trespasses the border of a merely conceptual issue, and reveals a relevant factual dimension. The philosopher Vilém Flusser, for example, took the social-historical features of Brazilian society in order to depict a critique against the category "alienation" and therefore warrant the conclusion that hegel-marxism is embedded in an universalism that does not match specific realities, such as the Brazilian. This article is aimed at reevaluate this Flusser's diagnosis by the means of a case-study focused on the sweepers' strikes that took place in Rio de Janeiro in 2014. We argue that the generalization of Brazilian as the *Homo ludens*, whose reality occurs in alienation, does not match the historical events we discuss. It is suggested an alternative interpretation for the relation between the "playful" and the "political", and thus we obliquely rehabilitate Hegel's notion of alienation from Flusser's phenomenological critique. • **KEYWORDS** • *Homo ludens*; Vilém Flusser; alienation; street sweeper's strike; activism.

Recebido em 14 de setembro de 2015

Aprovado em 12 de julho de 2016

TAVARES, Francisco Mata Machado; VELOSO, Ellen Ribeiro. Quando o carnaval chegou: ativismo político no anverso histórico do *Homo ludens*. *Revista de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 64, p. 224-248, ago. 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p224-248>

1 Universidade Federal de Goiás (UFG, Goiânia, GO, Brasil).

2 Universidade Federal de Goiás (UFG, Goiânia, GO, Brasil).

INTRODUÇÃO

A noção de intervalo ou recesso cívico-político acompanha inúmeros discursos interpretativos, descritivos, estético-expressivos e fenomenológicos dedicados às formas de socialização especificamente brasileiras. Há um relativo consenso, em especial, quanto à definição do carnaval – particularmente naquelas localidades onde a festa ocorre de modo mais intenso, como a cidade do Rio de Janeiro – e do futebol – acentuadamente durante os períodos em que se promove o Campeonato Mundial da Fifa – como exemplos arquetípicos de intervalo na vida e nos problemas cotidianos da população brasileira.

Tal interpretação sobre o sentido social do futebol e do carnaval foi conduzida ao paroxismo pelo filósofo Vilém Flusser. Em sua obra *Fenomenologia do brasileiro*³, esses dois momentos ou eventos da cultura nacional, somados aos jogos lotéricos, são empregados como principais signos de um construto identificado sob o nome de *Homo ludens*⁴. Tal termo apontaria, a um só tempo, para a refutação do que se entende como um “historicismo” próprio à categoria “alienação” em sua apresentação hegelo-marxista. Conformaria, com efeito, um “novo homem”, “não histórico”,

3 FLUSSER, Vilém. *Fenomenologia do brasileiro*. Organização de Gustavo Bernardo. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. Transcrição literal disponível em: <<http://textosdevilemflusser.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

4 O conceito de *Homo Ludens* não é indígena da obra de Flusser. Johan Huizinga desenvolveu a noção, lastreado em uma erudita plêiade de exemplos históricos, como alternativa à associação entre humanidade e racionalidade inscrita na categoria *Homo sapiens* e entre seres humanos e produção fabril pressuposta no *Homo faber*. HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2000. O filósofo tcheco aqui discutido analisa noções formuladas pelo autor holandês citado, ao lidar com um elemento lúdico que não apenas predica ou se insere na cultura humana, mas a define. Flusser, todavia, se aparta de Huizinga ao acrescentar ao seu *Homo ludens* o elemento da a-historicidade, que é, precisamente, o que aqui se pretende problematizar. O cerne da abordagem teórica apresentada neste artigo diz respeito, portanto, ao *Homo ludens* de Flusser na condição de refutação lastreada em uma fenomenologia do brasileiro contra a noção hegelo-marxista de história. Não se trata, assim, de uma infirmação da noção em sua aparição primeira.

específico do solo brasileiro e indisfarçavelmente concebido em tom laudatório pelo pensador tcheco⁵.

Em aparente descompasso com as acepções até aqui parafraseadas, o Brasil foi acometido, desde o ano de 2013, por episódios de inequívoca politização em contextos de futebol e carnaval. Quanto à luta política em tempos de competição futebolística, basta mencionar a torrente de manifestações multitudinárias que ganharam as ruas de incontáveis cidades durante a Copa das Confederações da Fifa e que tiveram precisamente no evento – preparatório para o Campeonato Mundial – um dos seus principais temas e objetos de repúdio⁶. No que concerne ao carnaval, um impactante movimento grevista organizado por profissionais de limpeza urbana na cidade do Rio de Janeiro parece ter desafiado a tese de que os dias de festa e de samba são um intervalo em que lutas e demandas políticas não adquirem densidade social, visibilidade midiática ou força organizativa.

Este texto parte do último evento acima mencionado. A pergunta que orienta a pesquisa aqui relatada questiona se o movimento conhecido como “greve dos garis”, na condição de exemplar relevante do contexto de reconfiguração do ativismo no Brasil que tem lugar ao menos desde 2013⁷, não desautorizaria sócio-historicamente a plausibilidade do tipo flusseriano do *Homo ludens* e, igualmente, a sua utilização como elemento de rechaço ao conceito hegel-marxista de alienação.

Trata-se de um estudo de caso ancorado em dados secundários advindos, principalmente, de veículos de comunicação de massa. A partir dessas informações e do respectivo cotejo com o material bibliográfico abordado, empreende-se uma reflexão teórica afiliada à vertente contextualista sócio-histórica. Tal corrente metodológica, esposada por autoras como Ellen Wood, define-se pela dupla preocupação de, primeiramente, entender qual é a pergunta que motiva a contribuição teórica discutida e, adicionalmente, qual é o pano de fundo social e quais são os conflitos e tensões que pautam o contexto histórico em que a referida pergunta se erige⁸. Para alcançar esses propósitos, este texto se decompõe em quatro seções.

Na segunda seção, que segue esta introdução, são expostos os contornos do conceito flusseriano de *Homo ludens* e sua direta relação com o carnaval e o futebol. Apresenta-se, nesse contexto, a crítica do autor à noção hegel-marxista de “alienação” e a recorrência ao brasileiro como contraprova factual da universalidade dessa categoria, ou como prova de sua reconciliação com a ideia de realidade.

A terceira seção apresenta e narra os eventos atinentes à “greve dos garis” no

5 Cf. FLUSSER, Vilém, op. cit.

6 Cf. SINGER, André. Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. *Novos Estudos*: Cebrap, n. 97, nov. 2013, p. 23-40. SAMPAIO JÚNIOR, Plínio de Arruda. Jornadas de junho e revolução brasileira. *Interesse nacional*, São Paulo, ano 6, n. 23, out.-dez., 2013, p. 57-66.

7 BRINGEL, Breno; PLEYERS, Geoffrey. Junho de 2013... Dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil. *Nueva Sociedad*: Democracia e Política en América Latina, volume especial, nov. 2015. Disponível em <http://nuso.org/media/articles/downloads/COY1_Bringel_Pleyers.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2015.

8 Cf. WOOD, Ellen. *Liberty and property: a social history of western political thought from the Renaissance to Enlightenment*. Londres: Verso, 2012.

carnaval carioca de 2014. A ideia é identificar e extrair as conclusões teóricas das possíveis discrepâncias entre esse carnaval e o que o “novo homem” de Vilém Flusser deveria sugerir.

A quarta seção avança, uma vez concluída a abordagem de uma sucessão de eventos que tensionam a plausibilidade do *Homo ludens*, para discutir a relação entre estética e ativismo político, de modo a argumentar em favor de uma linha teórica, assumidamente eclética, mas homogeneizada por um só espírito crítico, para a qual fantasias, cânticos, práticas miméticas e abstrações líricas não se definem como um mundo alienado ou irreconciliável com a noção marxista (e, em menor medida, também hegeliana) de consciência como anverso da alienação.

VILÉM FLUSSER, O *HOMO LUDENS* E O CARNAVAL: O CONTEXTO AUTURAL DE *FENOMENOLOGIA DO BRASILEIRO*

A crítica fenomenológica de Flusser ao que identifica como pensamento “histórico”, próprio à cultura ocidental em seu legado judaico-cristão, encontra no brasileiro, chamado de “novo homem”, “não histórico”, um ostensivo referente⁹. Antes, porém, de se aventurar por uma leitura sobre as peculiaridades da sociedade brasileira, o autor se apressa em apresentar a a própria perspectiva, auxiliando, sobremaneira, o trabalho de quem pretende lê-lo sob lentes contextualistas sócio-históricas.

Flusser posiciona-se com clareza e precisão em relação às distinções de origem e de classe que impactam o olhar do fenomenólogo sobre o respectivo objeto. Declara-se o filósofo, que era de origem tcheca e vivera no Brasil entre 1941 e 1972, como “um intelectual burguês, proveniente da cultura ocidental no final do século XX”¹⁰.

A atitude do autor em relação ao próprio processo criativo também é proposta ao público de maneira transparente. Avesso à mera descrição ou à ambição da neutralidade no discurso filosófico, Flusser é enfático em propor que “todo desengajamento ou serve de trampolim a um engajamento ou é irresponsável”¹¹. *A Fenomenologia do brasileiro*, redigida em 1972, ano em que o autor deixou o Brasil, adota a primeira variante de desengajamento acima apresentada (a única realmente honesta, para o juízo do autor), de modo a voltar-se para “oferecer ao leitor um ponto de vista, a partir do qual poderá ver, de um ângulo determinado, a situação na qual estamos e acrescentar a visão resultante a outras visões para poder orientar-se”¹².

É certo que a cautelosa perspectiva de quem pretende oferecer uma visão, dentre outras possíveis, sobre o Brasil e o brasileiro, mitiga-se em uma nada modesta consideração preliminar. Ocorre que, para Flusser, a consciência de estar perdido é a negação e condição dialética da necessidade de orientar-se. Em suma,

9 O escopo deste artigo refoge da abordagem pormenorizada do solo filosófico em que a complexa e autêntica obra flusseriana viceja. Esta seção, portanto, atém-se a apresentar o conceito de *Homo ludens* formulado pelo autor, o que demanda uma incursão apenas limitada no contexto mais amplo dos estudos que conduz.

10 FLUSSER, Vilém, op. cit.

11 Ibidem.

12 Ibidem.

o livro aqui discutido é produzido por alguém que firma uma antropologia do ser humano livre sobre o reconhecimento da perda e do deslocamento para, em seguida, apresentar-se como o referente dessa condição no que tange ao Brasil. Denota-se, assim, uma reivindicação de privilégio epistêmico para o olhar que será dedicado ao objeto da obra. Percebe-se, desse modo, uma ambígua autoimagem no autor de *Fenomenologia do brasileiro*. Ela oscila de modo a cultivar, por um lado, uma peremptória negação da possibilidade de apresentar não mais do que uma visão, parcial e limitada como todas, sobre o país. Por outro, parece habitar o eterno e guardar um fôlego totalizante, ao apresentar-se como alguém que está concomitantemente na história e na não história, sem desesperar-se de nenhuma delas¹³.

Em resumo, a meta do autor é oferecer um olhar estrangeiro, entendido como especialmente promissor, já que reconhecidamente perdido, sobre o Brasil. Nas palavras de Flusser, seu ensaio sobre o Brasil parte de uma condição subjetiva de angústia e de distanciamento, de modo que “assume um ponto de vista específico, procura projetar daí uma imagem da situação, na esperança de que tal imagem possa servir, em conjunto com outras, a uma orientação na situação e de trampolim para a sua modificação – portanto, para um engajamento”¹⁴.

Com vistas a aplicar a dialética flusseriana ao próprio autor, o presente artigo, como adiante ficará mais claro, aceita a oferta acima transcrita. Ao mesmo tempo, devolve aos pressupostos de engajamento fornecidos pelo olhar distanciado do estrangeiro imigrado o engajamento efetivo como pressuposto do olhar nativo, que pode emigrar na condição de repertório de ação política capaz de irradiar um frescor de riqueza estética e de autonomia classista às formas de protesto social sedimentadas nos arranjos corporativos que a Europa social-democrata ensinou ao mundo.

A NÃO HISTÓRIA FLUSSERIANA E A NOITE EM QUE TODOS OS GATOS UNIVERSALISTAS SÃO TEOLOGICAMENTE PARDOS

A tese forte subjacente ao discurso fenomenológico sobre o futebol, a loteria e o carnaval brasileiros em Flusser é a infirmação da universalidade do conceito hegel-marxista de alienação. Assim, a abordagem sobre o jogo e a festa no país se revela como meio para que se exponha um argumento apontado para a tradição filosófica que o autor caracteriza como “historicista”.

Flusser entende a história como uma projeção universal, acompanhada de narrativas que escolhem determinados momentos como “decisivos”, circunscrita a um breve (pois concentrado sobre menos de 2% da trajetória da espécie humana) epíclon de 8.000 anos, ocorrente entre os graus 25 e 60 do hemisfério norte¹⁵. A “não história” amalgamaria, por um lado, o que se define como “pré-história”, que aglutinaria da crítica de esquerda ao conservadorismo europeu e seria concebida pelo “historicismo”

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Ibidem.

como algo a se superar por meio do “desenvolvimento” ou “avanço”. Por outro lado, o filósofo em questão interessa-se em identificar na “pré-história” uma verdade recôndita de “pós-história”, ou seja, de superação da humanidade própria ao epiciclo cuja narrativa se faz dominante. O Brasil, para Flusser, seria um notável exemplo de sociedade não histórica, com potencial, destarte, para fazer germinar um “novo homem”, “pós-histórico”.

Sobre o solo social brasileiro, as categorias mais relevantes do modo historicizante de se pensar entram, segundo o juízo de Flusser, em colapso. Um exemplo de conceito que não operaria nesta parte do planeta de modo equivalente ao que se dá na Europa seria a ideia de alienação. Segundo o pensador tcheco, que viveu um trintênio no Brasil, a noção filosófica de alienação revela, para além do seu imediato elemento epistêmico e ontológico, aspectos éticos, psicológicos e religiosos.

Alienar-se, na obra em comento, é perder-se do “ser abrigante”. As filosofias que visam à superação dessa condição seriam aquelas que tentariam devolver o humano para a totalidade ou abrigo perdidos, seja na forma de natureza, seja na do espírito absoluto. A conformação judaico-cristã, escatológica e soteriológica da categoria, com efeito, far-se-ia notar até mesmo em suas mais seculares variantes.

Em Hegel, por exemplo, Flusser identifica um sistema especulativo debruçado sobre o passado. Em Marx, vê-se processo análogo, mas debruçado sobre o futuro. De qualquer modo, a superação da alienação é, em ambos, problema circunscrito ao olhar historicizante, que “transforma toda a história em história sacra”¹⁶. Em poucas linhas e com equiparações de ordem formal, Flusser compara “a exigência de que abandonem uma condição que precisa de ilusões”¹⁷ à teologia judaica e suas quimeras. Ao reduzir uma vasta e multifacetada tradição do pensamento humano ao critério da busca ou identificação de uma universalidade – que, em Flusser, não importa se é concreta ou abstrata – chega-se à máxima de que “todo pensamento histórico tem base teológica, a saber, judia, e que o Ocidente continua basicamente cristão, não a despeito mas por causa do marxismo”¹⁸.

Antes de avançar sobre a dimensão factual da crítica flusseriana – *i.e.*, o brasileiro como contraprova da ideia hegel-marxista de alienação –, duas ponderações são necessárias. Equiparar, sem mais, judaico-cristianismo a Hegel e, em seguida, a Marx, é uma empreitada filosófica que demanda a desconsideração, como incidentes ou pontuais, de rupturas e inovações por demais drásticas para serem tomadas em tão reducionista conta.

Hegel, por exemplo, finca-se sobre uma antropologia judaico-cristã, à qual

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ MARX, Karl. *A crítica da filosofia do direito de Hegel*. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 146.

¹⁸ FLUSSER, Vilém, op. cit. A associação entre as filosofias de Hegel e Marx com a escatologia judaico-cristã não é uma marca exclusiva da obra de Flusser. Como o filósofo tcheco, outros pensadores esposam compreensões dessa natureza. Confira-se, a propósito, um artigo de David Byrne em que Marx é entendido como uma espécie (acompanhada de Hegel) de filósofo do século XIX cujo pensamento impregna-se de um milenarismo cuja matriz estaria no Apocalipse de João. BYRNE, David T. The victory of the proletariat is inevitable: the millenarian nature of marxism. *Kritike*, v. 5, n. 2, dec. 2011, p. 59-67.

remete, expressamente, a gênese da sua noção de espírito (*Geist*). As semelhanças, todavia, param aí. O pensamento efetivamente histórico não pode ser judaico-cristão, porquanto a historicidade, a liberdade e a consciência do humano devem operar no mundo, antes de se remeterem ao eterno, divino, por si só estático, anti-histórico, como se sabe desde a escolástica agostiniana¹⁹. Equiparar o pensamento histórico de Hegel à teologia e sua escatologia, como faz Flusser, implica uma desconsideração da crucial circunstância de que a história teológica não é, afinal, histórica, porque jaz sob o eterno. Como afirma Kojève:

Se [...] Hegel se afasta da tradição filosófica pagã e aceita a tradição antropológica judaico-cristã, ele enfatiza no mesmo texto que também se desliga desta última tradição num ponto de extrema importância filosófica.

É que a tradição antropológica judaico-cristã é uma tradição essencialmente religiosa e até teísta (e teológica). [...]

Ora, segundo Hegel, o ser espiritual ou dialético é necessariamente temporal e finito. [...]

O absoluto-espírito ou a substância-sujeito, a que Hegel se refere, não são Deus. O Espírito hegeliano é a totalidade espaçotemporal do mundo natural que implica o discurso humano revelador do mundo e de si mesmo²⁰.

Há que se considerar a condição sócio-histórica da qual parte o pensamento de Flusser: trata-se de um intelectual que se declara como burguês e, como tal, não pretende irromper para além da alienação própria do indivíduo entregue à sua singular sorte na sociedade ocidental-liberal, senão por meio de um Deus externo e eterno. Assim, toda rota de liberação da alienação subiria aos céus. Em Hegel, como em Marx, é na coletividade humana que se encontra a realização do ser. A liberdade, de um modo que avança sobre Rousseau e Fichte, acontece no plural. Tal linha de entendimento, contudo, não cabe no individualismo próprio ao solo filosófico que informa o pensamento de Flusser.

Se a negação da ideia de alienação por meio de uma equiparação entre Hegel e a escatologia teológica incorre nos intransponíveis limites acima expostos, quando

19 O pensar teológico assume a história, mas a reduz e, enfim, dissolve em outro plano, eterno, aquele que tudo cria e determina. Entre a teologia do cristianismo e Hegel, há uma entrega da humanidade a si que aquela, como o trecho a seguir indica, jamais autorizaria: “os Vossos anos não vão nem vêm. Porém os nossos vão e vêm, para que todos venham. Todos os Vossos anos estão conjuntamente parados, porque estão fixos, nem os anos que chegam expulsam os que vão, porque estes não passam. [...] Os Vossos anos são como um só dia, e o Vosso dia não se repete de modo que possa chamar-se quotidiano, mas é um perpétuo hoje, porque este vosso hoje não se afasta do amanhã, nem sucede ao ontem. O vosso hoje é a eternidade”. SANTO AGOSTINHO. Confissões. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Bragança Paulista: São Francisco, 2003, p. 278.

20 KOJÈVE, Alexandre. Introdução à leitura de Hegel. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002, p. 502-503.

se trata de subsumir Marx ao cristianismo, as lacunas e imprecisões flusserianas se tornam ainda mais evidentes. Ocorre que, em Hegel, ainda é possível notar que a universalidade humana (coletividade, unidade da espécie/*Gattung*) tem natureza abstrata, ainda que objetiva, e se realiza no céu da ideia objetiva estatal, antes de manifestar-se na concretude da vida efetivamente experimentada pela humanidade. Em Marx, contudo, dá-se um passo adiante²¹. A partir das formas abstratas de universalidade da espécie (*Gattung*), o autor parte em busca de uma universalidade concreta e a encontra nas relações sociais de produção.

A ruptura marxista com a ideia de universalidade abstrata (religião, direito, capital etc.) em favor da universalidade concreta (experimentada nas relações sociais de objetificação das ideias em um meio, ou seja, nas relações de produção) é crucial, como destaca Andrew Chitty:

Se a característica essencial dos seres humanos, para Marx, é a universalidade, então é esta a “universalidade abstrata” de Hegel ou sua “universalidade concreta”, ou seja, é uma universalidade que é oposta à particularidade ou é uma combinação de universalidade e particularidade? Em *A ciência da lógica* Hegel explicitamente associa a ideia de universalidade concreta ao termo “espécie” (*Gattung*), de modo que a escolha de Marx do termo “ser genérico” (*species being; Gattungswesen*) já indica que ele tem a universalidade concreta em mente [...]. A visão de Marx de uma sociedade que realiza a universalidade humana é aquela na qual cada indivíduo realiza a universalidade em seu trabalho individual e em suas relações individuais²².

Flusser não adentra o debate acima e procura reduzir o conceito de alienação à mera busca por um ser abrigante, por uma totalidade qualquer. Descuida-se, assim, de perceber que a superação da alienação em Deus (eterno), em universalidades abstratas (como o Estado) ou em universalidades concretas (relações sociais de produção) não encerra diferenças apenas incidentais, mas antipódicas, de modo que a não alienação nos cristãos, ou mesmo em Hegel, significa a mais alienante das formas de vida em Marx. Em um texto focado sobre a concretude urbana do Brasil nos anos 70 do século XX, repleto de exemplos e alusões à economia e à política mundanas, reduzir toda crítica à condição alienada do humano como uma forma mais ou menos secular de teologia é uma operação lógico-reducionista que pode inviabilizar a validade do próprio argumento – histórico e pautado em dados da concreta realidade – erigido pelo autor.

É sobre essas premissas filosóficas e sobre esse tão amplo conceito de alienação que a obra *Fenomenologia do brasileiro* avança para identificar um “novo homem” que se encontra e se realiza em um tipo de fuga que, alhures, seria apenas alienante, irreal. A subseção seguinte pormenoriza esse tema.

21 Na sagaz síntese de Bernard Bourgeois, “o marxismo se apresentará como a verdade do hegelianismo”. BOURGEOIS, Bernard. O pensamento político de Hegel. Tradução de Paulo Neves da Silva. São Leopoldo: Unisinos, 2000, p. 148).

22 CHITTY, Andrew. Species-being and capital. In: CHITTY, Andrew & IVOR, Martin (Ed.). *Marxism and contemporary philosophy*. Londres: Palgrave, 2009, p. 129.

O *HOMO LUDENS* E A REALIZAÇÃO DO BRASILEIRO NA FUGA

O Brasil urbano da década de 70 do século XX, objeto perquirido por Flusser, é uma composição caleidoscópica e ambivalente de elementos redentores da humanidade, em meio a um cenário apocalíptico, desolador.

A cidade de São Paulo é, na impressão do autor, uma “aglomeração colossal” que “espalha-se qual doença de pele ou câncer”²³. Trata-se de espaço acometido pela “instalação acidental” da indústria e pela “aglomeração igualmente acidental de imigrantes nordestinos”²⁴. O cenário é de um “caos infernal manifestado por trânsito desumano, meios de comunicação em colapso e pandemônio geral”²⁵. Vê-se que, depois de se despedir do pensamento histórico e de equiparar Marx e Hegel à teologia cristã, o filósofo em questão não teve outra saída senão definir o processo de migração e de industrialização paulistanos como “acidentais”, ignorando, destarte, todo o mecanismo histórico-explicativo que a ciência de historiadores como Caio Prado Júnior poderia fornecer.

A alienação do proletário brasileiro (um “caboclo urbanizado”, para Flusser) seria diferente daquela experimentada pelo proletário da Europa e dos Estados Unidos da América. Aquele estaria alienado de forma exilada, como quem se sente expulso do seu lugar. Este, lado outro, estaria enquadrado na maquinaria burocrático-fábrica, como quem se sente preso. Essas diferentes variações da alienação irradiam consequências sobre o peculiar comportamento do proletário brasileiro. Como exemplo, o autor constata que “no rosto do proletário brasileiro alienado e miserável aparece um sorriso feliz muito mais prontamente do que no rosto do proletário aburguesado do Ocidente”²⁶. A diferença entre as duas alienações é decomposta por Flusser em três espécies.

Primeiramente, o proletário europeu, dada a gênese “interna” da sua condição, buscaria soluções políticas por meio da respectiva representação no governo, com vistas à socialização. Já o proletário brasileiro, como tem uma alienação de gênese externa, associada a decisões tomadas sempre fora do país, vê o governo voltar-se à nacionalização, antes da socialização.

Uma segunda espécie de diferença entre o proletário do norte e o brasileiro residiria, para Flusser, no fato de que este não teria experimentado significativas lutas e adquirido, nesse processo, uma consciência própria à sua classe. O trabalhador urbano brasileiro, com efeito, sonharia os sonhos do burguês e neles projetaria sua identidade e autoimagem. Até mesmo as formas de organização de classe, como

23 FLUSSER, Vilém, op. cit.

24 Ibidem.

25 Ibidem.

26 Ibidem.

sindicatos, seriam, no Brasil, nada mais do que figuras externas, estranhas à sua peculiar realidade²⁷.

Em terceiro lugar, haveria a economia inflacionária. Como se sabe, o país descrito por Flusser vivia sobre uma estrutural realidade de constante e progressiva escalada dos preços. Diante desse problema macroeconômico, o autor nota uma forma de alienação concernente à ilusão do proletário de que cresce, progride e ascende socialmente, uma vez que, nominalmente, os salários sobem, ainda que o poder de compra não siga o mesmo caminho.

Como toda alienação, a condição do proletário brasileiro conduz a fugas e choques. Interessam a Vilém Flusser, em especial, as fugas, com destaque para as três mais representativas do *Homo ludens* que, em seguida, é explicado: futebol, loteria e carnaval.

O futebol para o brasileiro é, segundo Flusser, antes de mecanismo que leva ao esquecimento da realidade, como na experiência do italiano ou do inglês, uma realidade enquanto tal. O proletário brasileiro, assim, brinca e joga, mas o faz seriamente. Foge da miséria de uma vida alienada, mas, precisamente, nessa fuga, encontra uma realidade, “pelo menos tão real quanto a abandonada”²⁸. Vive-se o futebol plenamente, torce-se por um time seriamente, encontra-se identidade, realização, felicidade, tragédia, enfim, vida, na lógica do jogo que, mais do que epifenômeno ou escape do “mundo real” é, para o proletário brasileiro, um mundo efetivo, real, sério.

A loteria, igualmente, antes de mecanismo de sonho ou de projeção alienada de um enriquecimento futuro e ilusório, encerra uma verdade intrínseca ao próprio jogo, em que a “alienação passa a ser, dialeticamente, nova realidade”²⁹. As pessoas correm às filas das casas lotéricas não para ganhar, mas para jogar. Nas palavras de uma canção popular, logo após jogar na loteria, muito antes de saber se vencerá ou não, o brasileiro ri “porque rico ri à toa, também não custa nada imaginar”. Em Flusser, o próprio jogo conta para o trabalhador urbano brasileiro e, no jogo, ele se realiza.

O carnaval, por sua vez, apesar de não se definir propriamente como jogo, mas brincadeira, estamparia com ímpar intensidade a fuga do ser alienado em direção a uma outra, igualmente real, situação. Os quatro dias de folia, segundo Flusser, põem “o resto do ano entre parênteses, de forma que desapareça existencialmente”³⁰.

27 É também nesse sentido que Flusser chega à seguinte constatação: “O outro lado da dialética é que o marxismo prega o apego à situação concreta, mas a situação concreta não pode ser captada, no Brasil, por categorias marxistas. Resumindo a dialética da defasagem, neste caso, pode ser dito que, para ser marxista no Brasil, é necessário deixar-se de ser marxista”. Longe de consensual ou autoevidente, essa tese confronta, por exemplo, os cuidadosos estudos de Sweezy, para quem o proletariado do terceiro mundo na segunda metade do século XX “é revolucionário no mesmo sentido e pelas mesmas razões que Marx considerou o proletariado do nascente período das indústrias modernas como revolucionário”. SWEETZY, P. M. Marx and the proletariat. In: JESSOP, Bob (Ed.). *Karl Marx's social and political theory*. v. 2. Londres: Routledge, 1990, p. 240 (tradução nossa).

28 FLUSSER, Vilém, op. cit.

29 Ibidem.

30 Ibidem.

Flusser entende a “realidade” da economia e das necessidades físicas como relevante e integrante da vida do brasileiro apenas porque, como mamífero, ele precisaria se alimentar e, assim, ter satisfeitos os imperativos fisiológicos da respectiva reprodução física, associada ao mundo do trabalho e da economia. Esta seria a concessão do autor à dimensão de “choque”, antes de “fuga”, própria à alienação do proletário no Brasil. A quarta-feira de cinzas traria a realidade “econômica” de volta, apresentando ao ser vivo os imperativos da sobrevivência.

Para além disso, todavia, momentos como o carnaval estampariam a profunda existência do *Homo ludens*, do novo homem brasileiro, daqueles que “não se esquecem da realidade, senão se descobrem a si mesmos e descobrem a realidade profunda não histórica que os sustenta, passando a viver nela”³¹. O autor é ainda mais peremptório e afirma, sem apresentar um lastro metodológico-etnográfico que respalde tão radical ideia, que “o proletário brasileiro tende a buscar sua felicidade no jogo, antes de ter satisfeitas as suas necessidades básicas”³².

A conclusão do autor, diante da constatação de que o futebol, a loteria e o carnaval seriam a realidade do brasileiro, a fuga que cria nova realização, antes de alienação, só pode ser a de que, neste país, a “cultura” seria infraestrutura, e a “economia”, superestrutura.

Nota-se, na leitura acima sumarizada, duas limitações na argumentação do autor:

1) Reserva-se o econômico ao campo das necessidades de um ser que “sendo, entre outras coisas, mamífero, não pode ser feliz se não forem satisfeitas as necessidades básicas fisiológicas”³³. Separa-se, assim, o campo da produção, das relações de produção, da distribuição e da reprodução material de qualquer interação simbólica ou comunicação que com ele poderia estar alinhavada dialeticamente. Fica fechada a via, por exemplo, para entender o conceito marxista de relações de produção como associado a relações recognitivas, no sentido que o Hegel de Jena e da *Fenomenologia do espírito* confere à ideia³⁴.

2) Do problema acima, chega-se a uma segunda limitação. Ao aceitar, sem crítica, uma clivagem rígida entre infraestrutura e superestrutura – possível apenas nas interpretações mais apressadas e menos contextualizadas do conjunto da obra de Marx³⁵ –, Flusser ainda avança para inverter uma relação que, em sua forma originária, já se fazia problemática quando assimilada de modo linear, não dialético, a partir de leituras mecânicas inadequadas para a compreensão de um pensamento crítico, como o marxista. Assim, sustenta-se que o jogo, o onírico, o humano que

31 Ibidem.

32 Ibidem.

33 Ibidem.

34 Cf. TAVARES, Francisco Mata Machado. *Para além da democracia deliberativa: uma crítica marxista à teoria política habermasiana*. Tese (Doutorado). Departamento de Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. Disponível em <<http://marxismo21.org/estado-e-democracia/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

35 Ibidem.

encontra nova realidade na fuga, justificariam a alegação de que “pode perfeitamente acontecer que no Brasil a economia não seja infraestrutura num sentido dialético, e cultura não seja superestrutura, mas que exatamente o contrário seja o caso”³⁶.

Se o chamado para a relação marxista entre base e superestrutura já é, por si só, infenso a interpretações lineares³⁷, sua inversão, em Flusser, a sugerir que a trama do futebol e o enredo do samba determinam a acumulação do capital e as relações econômicas, revela-se, quando menos, pouco crível. O ônus da prova, assim, recai sobre o filósofo do século XX que, porém, dele não se desincumbe.

De qualquer modo, a partir das bases acima expostas, a obra *Fenomenologia do brasileiro* vê duas tendências na realidade deste país. Por um lado, pode surgir um “novo homem”, diferente do europeu, que permitiria ao brasileiro, em sua experiência lúdica não histórica, encontrar-se consigo e viver sua essência. Por outro lado, o *Homo ludens* poderia dissolver-se no ser histórico do Norte e degenerar-se em uma forma precária de vida que seria, aí sim, alienada e burocratizada. O caso que será apresentado na seção seguinte, referente a um movimento grevista ocorrente em meio ao carnaval do Rio de Janeiro 32 anos após a publicação de *Fenomenologia do brasileiro*, indica que, na loteria do futuro nacional, Flusser parece ter perdido duplamente a sua aposta, já que o proletário do Brasil não sambou junto ao time dos intelectuais burgueses e comportou-se de modo equidistante em relação ao *Homo ludens* e ao europeu contido pela máquina burocrática e fabril.

UM CARNAVAL DE LUTA: OS GARIS E O CENÁRIO ANTIFLUSSERIANO NO RIO DE JANEIRO EM 2014

Quem comparece à avenida Marquês de Sapucaí, onde fica o sambódromo da cidade do Rio de Janeiro, para ver o carnaval já se acostumou a uma prática que, ano após ano, se repete. Antes de ter início o desfile das escolas de samba, passam pela avenida aqueles que trabalham na grande festa que notabiliza a cidade mundialmente. Os trabalhadores da limpeza urbana, chamados de garis e reconhecidos por uniformes de um saliente tom alaranjado, são efusivamente aplaudidos, saudados pelo público. Renato Sorriso, um carismático gari que se consagrou por sambar para a plateia enquanto trabalha nos intervalos dos desfiles, chegou a ganhar notoriedade global ao se apresentar em Londres, por ocasião do encerramento dos Jogos Olímpicos de 2012. Essas pessoas, cujo empregador é a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, são, em síntese, uma categoria profissional que encontra especial simpatia junto à população.

As condições de vida dos garis não coincidem com a sua imagem social de trabalhadores alegres. Com efeito, não podem ser descritos como miseráveis sorridentes e felizes, no sentido flusseriano acima apresentado. Em uma economia já estável sob o aspecto monetário – e eis aqui uma primeira diferença entre o Brasil

36 FLUSSER, Vilém, op. cit.

37 Cf. TAVARES, Francisco Mata Machado, op. cit.; WOOD, Ellen Meiksins. *Democracy against capitalism. Renewing historical materialism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999; CHITTY, Andrew. Recognition and social relations of production. *Historical Materialism*, n. 2, Verão, 1998, p. 57-97.

atual e aquele abordado por Flusser –, os profissionais da limpeza urbana vivem sob penosa condição. No início de 2014, esses trabalhadores, submetidos a condições insalubres, percebiam um salário-base mensal de R\$ 803,00, equivalente, à época, a aproximadamente 250 euros. Trata-se de remuneração correspondente a um quarto da média recebida pelas demais categorias de servidores públicos municipais no Rio de Janeiro. Com todos os adicionais, alcançam-se vencimentos de R\$ 1.220,00, ou aproximados 375 euros.

Irresignados com essas condições, os profissionais de limpeza urbana do Rio de Janeiro iniciaram, entre fevereiro e março de 2014, com ápice durante o carnaval, um processo de mobilização em favor de reajuste salarial e por melhores condições de trabalho³⁸. Sob um cenário em que a burocracia sindical³⁹ não tomava a iniciativa reivindicatória, os garis estabeleceram comunicações informais por meio de redes sociais na internet, em particular o Facebook. A partir daí, convenceram a entidade sindical a realizar uma reunião com a categoria, o que ocorreu na sexta-feira precedente ao carnaval. Desse encontro, ressaíu a decisão por uma interrupção de 24 horas nas atividades de coleta de lixo e limpeza urbana, a ter lugar no sábado de carnaval. A direção sindical, todavia, retrocedeu em seu apoio à greve que, em seguida, fora judicialmente declarada como ilegal.

Os garis não se aquietaram diante das ofensivas do Poder Judiciário e do desprezo à sua causa ostentado pela burocracia sindical. Ao contrário, radicalizaram. Seguiram em greve e, valendo-se da condição física usualmente favorecida, própria a quem circula diuturnamente a recolher lixo e fazer varrição, engajaram-se em protestos que marchavam, sob o ritmo do carnaval, por toda a cidade.

O Rio de Janeiro, em meio à sua mais conhecida festa popular e no período em que recebe um grande fluxo de turistas – o carnaval –, ficou coberto de lixo. Sem os garis para recolherem todo o resíduo acumulado, as ruas da cidade rapidamente tornaram-se insalubres e nada confortáveis ao trânsito de blocos caricatos e veranistas.

A repressão não tardou em vir. Primeiramente, o prefeito municipal declarou que a greve era um movimento ilegal, conduzido por um ínfimo número de 300 garis, “marginais e delinquentes”⁴⁰. Sem conseguir explicar como a cidade ficara tão plenamente coberta de lixo em uma greve com adesão minoritária, o gestor político

38 Um testemunho de Maria Paes, uma das líderes dos grevistas, indica a penosa condição em que os garis trabalham: “Os gerentes não respeitam ninguém. É assédio o tempo todo, ameaças. A gente não tem luva. Protetor solar, neste sol, eles não dão. A nossa gerência não tem água. A gente tem que beber água da bica. Quando a gente pede água a eles, eles mandam a gente comprar”. MANENTI, Caetano. Garis usam 4 dias de carnaval para movimento histórico no Rio de Janeiro. *Sul 21*, 5 de março de 2014. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/garis-usam-os-quatro-dias-do-carnaval-para-movimento-historico-no-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

39 O diretor-tesoureiro do sindicato é filiado ao PTB, partido da base aliada ao prefeito do Rio de Janeiro. A entidade não realiza eleições há 13 (treze) anos. Cf. GARCIA, Rafael Tsavko. Greve dos garis no Rio de Janeiro: da luta à vitória. *Global Voices*, 2014. Disponível em: <<http://pt.globalvoicesonline.org/2014/03/11/greve-de-garis-no-rio-de-janeiro-da-luta-a-vitoria>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

40 Apud GARGIA, Rafael Tsavko, op. cit.

caiu em nova contradição e ameaçou demitir, sumariamente, algo entre 1.200 e 2.000 trabalhadores da limpeza urbana. De fato, centenas de demissões, efetivadas por meio de serviço de mensagem de telefones móveis – SMS – ocorreram, para, em poucos dias, serem revogadas em face da pressão já crescente em meio à opinião pública e aos garis, cada vez mais mobilizados.

Às demissões, somou-se a coerção policial. Sob o argumento de escoltarem trabalhadores que não queriam aderir à greve, policiais militares foram destacados para coagirem os garis a efetivarem a varrição das ruas. A cena, como muitos intelectuais notaram⁴¹, fez lembrar o Brasil do século XIX, quando escravos eram conduzidos ao labor manu militari⁴². O quadro era ainda mais semelhante em função de a maioria dos proletários da limpeza pública do Rio de Janeiro ser composta por pessoas negras.

O movimento prosseguiu e, não obstante a coerção e os enquadramentos negativos apresentados nos grandes veículos de comunicação de massa⁴³, angariou significativo apoio popular. Os protestos públicos obtiveram adesão crescente. Cordões de operários vestidos com uniforme alaranjado destacaram-se entre os mais frequentados e animados blocos carnavalescos do Rio de Janeiro em 2014. Percussões, marchinhas politizadas, estandartes, a adesão do famoso passista-gari Renato Sorriso, cartazes de tom *lúdico-antilúdico* como “o prefeito quer fazer a copa, os garis querem fazer as compras” e adesões de foliões que se juntavam à marcha proletária deram o tom da festa popular, embebida em protesto, ou do aguerrido protesto, imerso no festejo promovido pelos garis. O movimento, afinal, obteve

41 GARGIA, Rafael Tsavko, op. cit.

42 O ativista e *videomaker* Rafael Puetter chegou a documentar a situação em entrevista com trabalhador forçado a trabalhar. Ibidem.

43 O exemplo a seguir, referente a episódio ocorrido com um servidor público que concedeu entrevista a TV no contexto do carnaval, é emblemático. Ibidem. Confira-se: “A Globo cortou tudo que disse! Fica até parecendo que sou contra os garis! O repórter me fez duas perguntas (não recordo as palavras exatas): Repórter: Você está vendo muito lixo? Eu: Estou vindo lá da prefeitura, estava participando da manifestação dos garis e, realmente, é muito lixo mesmo, mas como funcionário público entendo o lado deles e dou total apoio às suas reivindicações. Repórter: Como você se sente vendo todo esse lixo? Eu: Percebo que a prefeitura disponibilizou poucas lixeiras e banheiros, além de não atender os pedidos legítimos dos garis. O que o Jornal Nacional coloca no ar? Apenas o trecho que digo ‘é muito lixo!’ Isso, dentro do contexto da reportagem, soa como se eu estivesse indignado com a greve dos garis, ou seja, o oposto da realidade.” Globo lixo! Link do vídeo: <http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/t/edicoes/v/imagens-de-lixo-nas-ruas-choca-moradores-e-turistas-no-rio-de-janeiro/3190223/>. Declaração disponível em: <<https://www.facebook.com/junior.felipebebel/posts/10152341801487650>>. Acesso em: 10 jul. 2014. Um colunista de orientação governista, Jânio de Freitas, escreveu em um jornal de grande circulação (*Folha de S. Paulo*) que “não se pode dizer que essa minoria usasse um direito ao persistir na greve, por ‘não se sentir representada pelo sindicato’ no entanto eleito pela categoria. O direito à greve deixou de existir quando a Justiça a declarou ilegal”. FREITAS, Jânio de. O papel da PM na greve dos garis. Blog do Nassif. 13/3/2014. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/noticia/o-papel-da-pm-na-greve-dos-garis-por-janio-de-freitas>>. Acesso em: 10 jul. 2014. Naturalmente, ele não sabia que a entidade não realizava eleições desde 2001 e, igualmente, que, se a legalidade fosse o critério da “existência” de greves, nada teria ocorrido no ABC Paulista entre o final da década de 70 e o início dos anos 80 do século XX.

importantes conquistas. Em 8 de março, celebrou-se um acordo que garantiu um acréscimo do salário-base da categoria, que passou a valer R\$ 1.100,00, acrescidos de novos direitos e parâmetros laborais igualmente concedidos pelo poder público.

O encadeamento fático acima narrado desafia a compreensão flusseriana do carnaval, indicando problemas e limites próprios à leitura antidialética e anti-histórica albergada pelo autor tcheco. Uma breve referência a leituras alternativas é suficiente para indicar que não a dinâmica lúdica do carnaval e o protesto político de trabalhadores podem se compor em uma síntese, de tal arte que a dificuldade em fazê-lo é um traço específico da obra de Flusser e de sua peculiar concepção de *Homo ludens*.

Um exemplo de leitura que se revela canônica para a compreensão do carnaval carioca e que pode se ajustar ao entendimento da greve dos garis em 2014 reside na obra de Roberto DaMatta. O antropólogo reconhece a dimensão de descolamento da realidade cotidiana associada ao Carnaval e identifica uma inversão na festa quando a elaboração temporal da rotina (viagens de ônibus cansativas em um dia normal de trabalho tornam-se, no carnaval, um divertimento), a delimitação do espaço (o centro de negócios da cidade transforma-se em um amplo salão de festejos, menos semelhante à metrópole moderna dos dias ordinários e mais próximo a uma vila medieval) e os domínios de moralidade e sociabilidade da *casa* e da *rua* não apenas se invertem, mas se encontram⁴⁴.

É possível sugerir que, em um episódio como o movimento paredista dos profissionais de limpeza urbana, o parafuso damattiano recebe mais uma volta, de modo que, pela fresta da constatação de que “o carnaval engendra um movimento igualitário”⁴⁵, em que a subjetividade do folião e suas arbitrárias escolhas (oscilantes desde o uso de vestimenta até a conduta sexual que pretende adotar, sem regras ou constrangimentos sicionormativos) prevalecem sobre as hierarquias vigentes nos momentos cotidianos. É possível, a partir de DaMatta, propor a hipótese de que, em um dia normal de trabalho no Rio de Janeiro, as pessoas possivelmente não adeririam a uma marcha grevista protagonizada por trabalhadores da limpeza urbana. Professores, médicos, advogados, transeuntes em dia de folga, garçons ou motoristas provavelmente contemplariam a marcha dos garis com a distância, revestida ou não de simpatia, que a alteridade própria às diferenciações profissionais enseja. É, assim, precisamente a inversão que o ritual engendra o elemento apto a devolver à realidade (econômica e histórica) um protesto que se potencializa politicamente e ganha em solidariedade real a partir do impulso propiciado por uma dinâmica lúdica e por liames interpessoais ritualizados. É razoável supor que a adesão ritual-lúdica de pessoas invertidas em foliões incide sobre a própria inversão, devolvendo o carnaval aos racionalizáveis conflitos sociais, mas em síntese que lhes empresta uma dinâmica própria, para a qual o lúdico se revela indispensável. Essa hipótese é apresentada sem o ânimo de discutir a obra damattiana ou de propor

44 DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

45 Ibidem, p. 129.

uma formulação rival à de Flusser para a compreensão do carnaval. O escopo é bem mais simples e reside em indicar que é possível vislumbrar a dinâmica ritualística do carnaval em compasso com um evento como a greve dos garis, de modo que o ponto cego ou o limite interpretativo reside menos em uma eventual contradição entre evento (greve) e rito (carnaval) para incidir sobre os limites e dificuldades que a peculiar leitura flusseriana empresta ao assunto, como abaixo se discute.

O caso da greve dos garis em 2014, com efeito, é emblemático para infirmar a leitura flusseriana⁴⁶ sobre o Brasil. Os elementos abaixo apresentados auxiliam na exposição desse argumento.

1) Quanto à diferença entre a alienação brasileira e a europeia atinente à economia inflacionária experimentada naquela, vê-se que o tempo histórico atual afasta tal premissa. O protesto dos garis, aliás, teve como força propulsora a obtenção de aumento salarial, dada a sua ausência nos parâmetros frequentes e ilusórios próprios ao período abordado em *Fenomenologia do brasileiro*.

2) Quanto ao caráter “externo” da alienação brasileira, de modo que até mesmo as formas de organização popular, como sindicatos, são importadas do norte, vê-se que a greve organizada contra a burocracia sindical, ao som de marchinhas e sob ritmo carnavalesco, afasta contundentemente tal visão. O Brasil contemporâneo, aliás, tem experimentado inúmeros movimentos grevistas sem apoio de direções sindicais.

3) Quanto ao fato de o proletário não se reconhecer como tal, projetando-se nos sonhos e no modo de vida do burguês, a greve dos garis, valendo-se da estética dos uniformes de trabalho e de pretensões como querer fazer as compras, indica o bastante para infirmar o que Flusser descreveu como o ser alienado que vive apenas às voltas com desejos de casa própria e signos de distinção.

4) No que tange à descoberta de nova realidade, a engendrar um “novo homem”, “não histórico”, na brincadeira do carnaval, Flusser igualmente fica sem lugar conceitual ou analítico diante de foliões que deixam seus blocos fantasiosos para aderirem ao cordão da greve dos garis, como ocorreu no Rio de Janeiro em 2014. Ademais, Flusser parece não notar que o que chama de “o brasileiro”, tendo como referente aquele que brinca o carnaval, representa minoria populacional, já que as massas, nos quatro dias de folia, estão a coletar lixo, servir em restaurantes, trocar roupas de cama em hotéis, enfim, a trabalhar. Há uma gama de proletários que, provavelmente, não imerge no onírico carnavalesco, seja porque permanece a trabalhar como em ocasiões não festivas, seja por viver em cidades onde a própria festa encerra estratificações mais ostensivas do que no Rio de Janeiro (como em

46 O caso, embora singular, reúne elementos em vastidão suficiente para afastar a associação flusseriana entre carnaval, alienação e a-historicidade. Ademais, se Flusser parte de uma construção conceitual e genérica sobre o carnaval, aqui se procede a idêntica prática, à qual se acrescenta, porém, uma dimensão casuístico-empírica. O esteio socioepistêmico desta abordagem reside na definição de que os estudos de caso se revelam pertinentes para a identificação de “cisnes negros”, ou situações singulares que afastam generalizações. FLYVBJERG, B. *Making social science matter: why social inquiry fails and how it can succeed again*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

Salvador com a sua dinâmica de blocos privados) ou, ainda, porque não apreciam a festa (uma pesquisa nacional do Instituto Sensus, realizada em 2004, apontou que 57,4% dos brasileiros não gostam de carnaval)⁴⁷. A “realidade profunda não histórica” que “sustenta”⁴⁸ o proletário brasileiro não resiste, com efeito, a poucos minutos de observação etnográfica. A greve dos garis a afasta de modo ainda mais contundente ao desafiar os pressupostos flusserianos de uma perspectiva interna ao próprio carnaval do Rio de Janeiro.

5) Enfim, quanto à “aposta” de Flusser, vê-se que movimentos como os protestos de 2013 sob a Copa das Confederações da Fifa e, muito especialmente, a greve dos garis infirmam a um só tempo o surgimento do *Homo ludens* não histórico, ou a degeneração do proletário brasileiro em uma forma tardia de burocrata sindicalizado europeu.

Em suma, se Flusser pretendia contestar o conceito hegel-marxista de alienação, o melhor caminho não seria a apresentação do caso brasileiro como “cisne negro” a negar-lhe universalidade e procedência. Ao contrário, a greve dos garis, aqui exposta de modo mais detalhado, é que se revela como “cisne negro” a negar pertinência aos atributos identificados no ser do brasileiro pelo fenomenólogo.

Se o lúdico e a ruptura com a alienação se encontram na efetiva realidade, se a necessidade econômica do “mamífero” flusseriano não se aparta do alegórico carnavalesco, mas dele se vale como ferramenta de luta, e se o ativismo movido pela consciência (ruptura com a alienação) de classe não diverge da brincadeira, então, como se pode discutir, em termos mais adequados a casos como o da greve dos garis, a relação entre estética e ativismo político? Esta é a questão que a derradeira seção, a seguir, pretende abordar.

ESTÉTICA E ATIVISMO POLÍTICO

A evidente relação entre estética e ativismo político, durante um longo período, foi pouco considerada pelas pesquisas acadêmicas. Por se situar na árida extensão do olhar que não comporta estereotipagem, tal interação esteve, muitas vezes, negligenciada. Contudo, com o rompante de reivindicações populares vividas no mundo, nos últimos anos, e no Brasil, marcadamente em 2013, tem adquirido algum destaque e despertado observação mais acurada. Afinal, generalizações extremistas, desprovidas de mensuração e experimentação, por óbvio não explicam um *Homo ludens* que luta porque consciente de sua exploração, ainda que entremeado a festejos.

Para abordar estética, e sua indissociabilidade do ato político, uma recorrência válida é ao pensamento de Augusto Boal. Em *A estética do oprimido* (2009), esse escritor argumenta que as ideias dominantes em uma sociedade (aquelas das classes dominantes, opressoras) difundem-se e penetram pelos canais estéticos da palavra,

47 AGÊNCIA ESTADO. Pesquisa mostra: só 41% dos brasileiros gostam de carnaval. Agência Estado, 12 de fevereiro de 2004. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,pesquisa-mostra-so-41-dos-brasileiros-gostam-de-carnaval,20040212p2948>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

48 FLUSSER, Vilém, op. cit.

da imagem e do som, e que nesses mesmos domínios devem ser travadas “as lutas sociais e políticas em busca de sociedades sem opressores e sem oprimidos”⁴⁹ – palavra, imagem e som empregados como “formas de rebeldia e ação, não passiva contemplação absorta”. Estética, para o ensaísta e dramaturgo que reinventou o teatro político no Brasil, “não é a ciência do Belo, como se costuma dizer, mas sim a ciência da comunicação sensorial e da sensibilidade. É a organização sensível do caos em que vivemos, solitários e gregários, tentando construir uma sociedade menos antropofágica”⁵⁰.

Conformação a padrões preestabelecidos, redução de categorias a camas de Procrusto, que evidenciam intolerância ao exógeno, são estranhas ao argumento boaliano. Se Flusser sustenta distinções nas noções de alienação e proletariado para países com tradição no capitalismo e para aqueles aderentes ao novo modelo capitalista, negando historicidade aos últimos, Boal responde à provocação afirmando que “cada um é cada qual”, cada época, país ou sociedade humana traz consigo sua *verdade*, determinada por sua cultura, considerada “a soma ativa de todas as coisas produzidas por qualquer grupo humano em um mesmo tempo e lugar, em sua relação com a natureza e com outros grupos sociais”⁵¹. Daí constatar que a aceitação universal de uma cultura – aqui referenciada em analogia a categorias – como sendo a melhor, o parâmetro de validade para as demais, decorre de opressão universalmente exercida, sem contestação. E arremata: “criar nossa própria cultura, sem servidão àquelas que nos são impostas, é ato político e não apenas estético; ato estético, não apenas político!”⁵².

O contraponto do argumento boaliano para o flusseriano sustenta-se, portanto, do ponto de vista da perspectiva adotada. Enquanto Flusser concebe o brasileiro como indivíduo alienado de si próprio e de sua realidade, que carece de fundamento e movimento históricos, equiparando-se a “grão de poeira de movimento browniano”, Boal vislumbra no *fenômeno físico das partículas macroscópicas que se movem em um determinado fluido de maneira aparentemente aleatória* leis próprias que desconhecemos, o que não desmerece o movimento ou o reduz à insignificância. Trata-se do caos, que do nosso mundo é parte, forma de organização do universo e de tudo nele existente.

Existe e é reforçada no pensamento do filósofo tcheco, expresso em *Fenomenologia do Brasileiro*, a ideia de apreensões distintas sobre alienação, se comparado o proletário dos países históricos ao dos países neocapitalistas. Flusser é enfático ao sustentar que em países como o Brasil o proletariado carece de quaisquer formas de manifestação de sua identidade, esvaziadas em decorrência de seu aburguesamento. De fato, sindicatos burocratizados e partidos políticos que se orientam à disputa eleitoral não têm sido as formas de expressão da identidade do proletariado nos países neocapitalistas, notadamente em solo brasileiro. Isso, contudo, não autoriza dizer que há uma completa alienação dessa classe em tais países, pois, muitas vezes,

49 BOAL, Augusto. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 15.

50 Ibidem, p. 31.

51 Ibidem, p. 32.

52 Ibidem, p. 36.

as alternativas de resistência à opressão que encontram estão fora de seus espaços representativos já institucionalizados. A greve dos garis cariocas descrita na seção anterior, evento recente ocorrido no Brasil no período assinalado pelo autor como de “alienação radical”, reforça tal objeção.

Diversamente do “novo homem” identificado no brasileiro, que trocou a realidade social e econômica pela realidade do jogo, os garis cariocas, alheios à festa carnavalesca no sentido esposado por Flusser, dela se aproveitaram para reivindicar direitos e dignidade, contestar sua fática vida real. Extrapolando a definição do carnaval como um terreno de fuga alienada, trabalhadores da limpeza urbana da cidade símbolo da folia aproveitaram-se do hipotético “período de recesso da esfera política e de suspensão das lutas e conflitos” para expor e contestar sua nada lúdica realidade e, confrontando forças antagônicas, impulsionaram mudanças em sua condição. Partindo da análise flusseriana, não coincidem os fatos aduzidos ao sentido atribuído.

O filósofo tcheco observou, mas não enxergou. Quis transpor um estado efusivo momentâneo vivenciado no Brasil, como o carnaval, para a totalidade da vida do brasileiro. Extraiu de uma observação pontual uma generalização, estatuiu dogmas a partir de uma realidade que é sujeita a múltiplas determinações. Desconsiderou que indivíduos usualmente “reempregam um sistema que, muito longe de lhes ser próprio, foi construído e propagado por outros, e marcam esse reemprego por “super-ações”⁵³. De modo invertido, acertou Flusser ao constatar que “em todos os cantos do país é possível sentir-se a musculatura do gigante que desperta”⁵⁴. No caso brasileiro apresentado, “o gari acordou” foi um dos cânticos entoados pelos trabalhadores grevistas da Companhia Municipal de Limpeza Urbana. Antes de um “gigante” estatal ou civilizatório, quem se agigantou foi precisamente o proletário, “caboclo urbanizado”⁵⁵ de Flusser.

Lançar-se às ruas, espaços não institucionalizados, protestando por melhorias de vida e contra formas de dominação e reclamando alguma participação política mais direta, sem a obrigatoriedade de intermediários, requer empunhar palavras, imagens e sons, combiná-los à disposição do corpo, sincronizar gestos e movimentos, enfim, valer-se dos canais estéticos de que dispõem. Para compreender os novéis protestos, um exercício necessário é não se deter apenas no conteúdo: há muito a ser apreendido da forma. Uma particularidade que ressaia desse novo agir, identificada como atributo de expansão da dinâmica dos protestos registrados até os primeiros anos deste século, é o deslocamento da ação política em direção às intervenções próximas à vida cotidiana.

No ponto aqui colocado, uma digressão pelos protestos realizados nos últimos cinquenta anos – do limiar da ditadura militar, com foco nos marcos estéticos e culturais do ativismo político empreendido – corrobora para a apreensão da estética das lutas sociais da atualidade e do contexto histórico em que evoluíram.

53 CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Vozes: Petrópolis, 1994, p. 78.

54 FLUSSER, Vilém, op. cit.

55 Ibidem.

Borelli et al.⁵⁶, na formatação do estado da arte das ações estético-culturais e novas práticas políticas envolvendo jovens urbanos brasileiros, destacaram as seguintes características no recorte temporal proposto:

1) nos anos 1960, as mobilizações políticas atrelaram-se aos movimentos estudantis e ao campo cultural, das quais ressaem: desenvolvimento da produção artística de ação política de esquerda; influência do Cinema Novo, do Tropicalismo e da Jovem Guarda, vinculada à televisão; introdução da cultura pop no Brasil; realização de festivais de música associados às emissoras de TV;

2) nos anos 1970, as mobilizações políticas, bastante atreladas aos movimentos estudantis, enfatizaram a resistência à ditadura militar, com o apelo a práticas de guerrilha urbana inspiradas na revolução cubana; a diversidade marcou a preferência musical da juventude (MPB, *Onda Disco*, música *black*, *funk* e *soul*); o estímulo à liberação sexual como forma de expressão; revolução comportamental *hippie*;

3) na década de 1980, apesar da retração dos movimentos estudantis, os jovens foram às ruas, em conjunto com amplos segmentos sociais, em campanha popular pelo voto direto para presidente da República, realizando barulhentas passeatas em que trajavam camisetas verde-amarelas com os dizeres “Eu quero votar para presidente”; com a abertura democrática, a ação, antes concentrada no ambiente universitário, transbordou para a experiência cotidiana; surgiram os primeiros adeptos do movimento *dark* e os *skinheads*; o movimento *punk* consolidou-se nas grandes cidades e o *rap* fixou-se inicialmente em São Paulo com o Movimento Hip-Hop organizado, além de emergir a atuação de jovens grafiteiros e pichadores;

4) nos anos 1990, ressaí o movimento dos “caras-pintadas”, dotado de forte apelo estético (rostos pintados de verde e amarelo), que ocupou as ruas para protestar contra a corrupção no governo;

5) nos anos 2000, merecem destaque o reaparecimento do movimento estudantil universitário, a ampliação do uso político da tecnologia – emergência do ciberativismo na organização de ações juvenis (discussões sobre o uso do espaço urbano e as atividades colaborativas em prol de *softwares* abertos, internet livre e compartilhamento de arquivos gratuitos) – e a maior visibilidade das culturas juvenis das periferias urbanas, possibilitada pelo aparecimento de novas formas de participação e intervenção sociais (rádios comunitárias, produção de fanzines, vídeos e saraus literários).

Os protestos atuais avançam sobre a petrificada lógica das burocracias partidárias. São pró-PSOE – Partido Socialista Operário Espanhol e anti-PSOE na Espanha. São pró-Pasok – Movimento Socialista Pan-helênico e anti-PASOK na Grécia. São pró-PT – Partido dos Trabalhadores e anti-PT no Brasil. Nem por isso, definem-se como niilismos ou somas cacofônicas de alaridos, como a ciência política

56 BORELLI, S. H. S.; ROCHA, R. L. M.; OLIVEIRA, R. C. A. ; LARA, M. R. Jovens urbanos, ações estético-culturais e novas práticas políticas: estado da arte (1960-2000). In: ALVARADO, Sara Victoria; VOMMARO, Pablo (Org.). *Jóvenes, cultura y política en América Latina: algunos trayectos de sus relaciones, experiencias y lecturas* (1960-2000). I. ed. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2010, p. 293-323.

tradicional tende a classificá-los⁵⁷. No Brasil⁵⁸, coletivos como o Movimento Passe Livre (MPL), movimentos como a Marcha Mundial das Mulheres, organizações estudantis como a Assembleia Nacional dos Estudantes – Livre (Anel) e partidos políticos como o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) atestam que, nas ruas, há muito mais organização e coordenação do que uma primeira impressão pode sugerir. Há, igualmente, uma certa constância quanto aos propósitos que levam pessoas às ruas em todo o mundo. Como constata Barker et al.:

Parece apropriado, então, perguntar se há significativas conexões entre essas erupções de protestos populares. Grandes somas daqueles ativamente participantes, do Cairo a Atenas, de Nova Iorque a Santiago, acreditam que sim. E as conexões se delineiam na preocupação com a combinação de austeridade, desigualdade crescente, despossessão de direitos e garantia, e um déficit democrático que possibilita a imposição de tudo isso por pequenas elites, sob um pano de fundo da maior crise econômica global desde os anos 30 do século XX⁵⁹.

Os novos protestos, destarte, não são marcados por desorganização, ultraindividualização ou falta de propósitos claros. Definem-se, sim, pela inventividade e espontaneidade; preocupam-se com a *performance* dos corpos, com roupas, cabelos, sonoridades, narrativas, tecnologias. Não se trata, contudo, de uma fuga pela expressão artística, mas de um enfrentamento, um desvelar da realidade em direção à sua superação, à emancipação.

O filósofo Costas Douzinas, ao comparar os protestos da Grécia atual com as convenções partidárias no mesmo país, descobre uma crucial diferença estético-política. Nas convenções, as lideranças falam em um palanque instalado na praça, as massas aplaudem, silenciam-se e compõem a força expressiva do ato por meio de sua passividade. Nas ocupações de praças por movimentos antiausteridade,

57 O cientista político brasileiro Wanderley Guilherme dos Santos assim define os protestos de 2013 no Brasil: “Não existem, contudo, vozes das ruas, apenas alaridos. Não foram as cartolinas pintadas que levaram as primeiras multidões às passeatas, elas surgiram algum tempo depois das marchas em busca de um porquê das próprias marchas. A seco, melhoras genéricas da saúde pública ou da educação não estimulam o deslocamento de dezenas de milhares de manifestantes. Reforma política, então, nem em cartolina apareceu. [...] Participam hoje dos protestos, fora os incautos e ingênuos que sempre existem e lhes emprestam ar de legitimidade, grupos anômicos de jovens de algumas posses, grupos neonazistas e pré-fascistas, organizações niilistas nacionais e internacionais, além das gangues ordinárias de ladrões e assaltantes”. SANTOS, Wanderley Guilherme. *Anomia niilista*. Valor econômico, 26 de julho de 2013. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/cultura/3211228/anomia-niilista>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

58 O papel da Syriza nos protestos gregos, das organizações juvenis ou mesmo islâmicas na “primavera” do Egito e das associações estudantis organizadas na Revolta dos Pinguins chilenos são outros exemplos de que, no atual momento histórico, há mais do que individualidades dispersas nas ruas.

59 BARKER, Colin et al. *Marxism and social movements: an Introduction*. In: BARKER, Colin et al. (Ed.). *Marxism and social movements*. Boston: Brill, 2013, p. 2 (tradução nossa).

todos pintam, fazem grafites, tocam instrumentos e dialogam como público e artistas, uns em relação aos outros. A praça, afirma Douzinas,

[...] encenou a soberania popular na forma do teatro público. Fez lembrar o chamado de Friedrich Schiller para uma revolução estética a acompanhar uma insurreição política [...] *Stasis Syntagma*⁶⁰ foi um “evento” de estética política que mudou tanto o significado da política, como da arte pública⁶¹.

Se na Grécia a subversão política toma a forma do teatro, o caso brasileiro, como visto com a greve dos garis, traz experiência análoga com o carnaval. Do mesmo modo que as convenções partidárias mencionadas por Douzinas, os congressos da União Nacional dos Estudantes (UNE) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT) ou os comícios do PT nos anos 1980 e 1990 eram espaços onde o “palanque”, a “direção” e toda fonte de autoridade a irradiar palavras de ordem, momentos de aplauso, discursos e tempo de fala seguiam rígida e clara verticalidade. Momentos como a greve dos garis ou as marchas de 2013 têm, lado outro, carros de som em que todos falam, seguindo-se apenas as ordens de inscrição, diferentemente dos comícios petistas dos anos 1990, em que só falavam aqueles que compunham a mais alta burocracia partidária, além de “artistas” com visibilidade midiática. Tampouco operam como nos congressos da UNE e da CUT, onde a “defesa de propostas” em plenário era, inexoravelmente, exercida apenas pela burocracia vinculada a partidos políticos.

As formas de expressão artística em momentos como a greve dos garis não seguem o “músico no palanque”, como nos comícios das campanhas de Lula à presidência da República. Exatamente como na Grécia descrita por Douzinas, aqui, nos protestos atuais, todos criam e todos apreciam a criação estética de cada um.

Assim ocorreu no carnaval de 2014 do Rio de Janeiro. Na esteira do que Flusser mencionou ser “um recorte festivo no tempo que dá sentido ao ano”⁶², os garis cariocas, em um arroubo de criatividade – à qual estamos condenados, afirmava Boal –, trajando, em sua maioria, o uniforme cor laranja, ostentavam faixas e cartazes com dizeres como “O prefeito quer fazer a Copa. Os garis querem fazer as compras”, “Não somos lixo”, “Os garis também acordam. Chega de covardia”, “Cidade Maravilhosa. Nós contribuimos para isso”. Na paralisação empreendida, apropriaram-se da linguagem do carnaval e dos desfiles das escolas de samba – versos ritmados, cadência do samba, enredo, bateria improvisada com latões, harmonia, evolução, conjunto –, transformando-a em um canto de resistência, “sem que essa metamorfose interna comprometa a sinceridade com a qual pode ser acreditada, nem a lucidez com a qual, aliás, se veem as lutas e as desigualdades sob a ordem estabelecida”⁶³.

Há, portanto, um protagonismo do proletariado brasileiro que se destaca pela utilização de sistemas impostos para resistir à lei histórica de um estado de fato e

60 Nome do local onde ocorreram os protestos (nota nossa).

61 DOUZINAS, Costas. *Philosophy and resistance in the crisis*. Cambridge: Polity, 2013, p. 165 (tradução nossa).

62 FLUSSER, Vilém, op. cit.

63 CERTEAU, Michel de, op.cit., p. 78-79.

suas legitimações dogmáticas, de modo que “mil maneiras de *jogar/desfazer o jogo do outro*, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas”⁶⁴. Negar a realidade, ao contrário de explicá-la, é falseá-la. Adereçar o carnaval com vestes de alienação não mais é que alhear do significante seu significado.

A realização do carnaval, como os garis do Rio de Janeiro ensinam à filosofia burguesa de matriz europeia, consiste em sua composição dialética e engajada com a realidade, imiscuindo-se e posicionando-se sobre os conflitos do tempo presente. Mais do que não histórico e alienado em direção a uma nova realidade lúdica, o carnaval pode ser, precisamente, a arma lúdica de luta para a transposição de uma história de alienação na realidade de mesma e constante opressão.

SOBRE OS AUTORES

FRANCISCO MATA MACHADO TAVARES é professor adjunto do Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Goiás – UFG. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Coordenador do Proluta/UFG – Programa de Pesquisas sobre Ativismo em Perspectiva Comparada.

E-mail: franciscotavares@ufg.br

ELLEN RIBEIRO VELOSO é mestre em Ciência Política pela UFG. Pesquisadora do Proluta/UFG. *Alumni* bolsista da Berlin Summer School in Social Sciences.

E-mail: ellen_rv5@hotmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGÊNCIA ESTADO. Pesquisa mostra: só 41% dos brasileiros gostam de carnaval. *Agência Estado*, 12 de fevereiro de 2004. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,pesquisa-mostra-so-41-dos-brasileiros-gostam-de-carnaval,20040212p2948>>. Acesso em: 10 dez. 2015.
- ALONSO, Angela. *As teorias dos movimentos sociais*: um balanço do debate. *Lua Nova* [online], n. 76, 2009, p. 49-86. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452009000100003>>. Acesso em: 4 jul. 2014.
- BARKER, Colin et al. Marxism and social movements: an introduction. In: BARKER, Colin et al. (Ed.). *Marxism and social movements*. Boston: Brill, 2013, p. 1-41.

64 Ibidem, p. 79.

- BOAL, Augusto. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BOURGEOIS, Bernard. *O pensamento político de Hegel*. Tradução de Paulo Neves da Silva. São Leopoldo: Unisinos, 2000.
- BORELLI, S. H. S. et al. Jovens urbanos, ações estético-culturais e novas práticas políticas: estado da arte (1960-2000). In: ALVARADO, Sara Victoria; VOMMARO, Pablo (Org.). *Jóvenes, cultura y política en América Latina*: algunos trayectos de sus relaciones, experiencias y lecturas (1960-2000). 1. ed. Rosario, Argentina: Homo Sapiens Ediciones, 2010, p. 293-323.
- BRINGEL, Breno; PLEYERS, Geoffrey. Junho de 2013... Dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil. *Nueva Sociedad*: Democracia e Política en América Latina, vol. especial, nov. 2015. Disponível em: <http://nuso.org/media/articles/downloads/COY1_Bringel_Pleyers.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2015.
- BYRNE, David T. The victory of the proletariat is inevitable: the millenarian nature of marxism. *Kritike*, v. 5, n. 2, dec. 2011, p. 59-67.
- CERTEAU, MICHEL DE. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Vozes: Petrópolis, 1994.
- CHITTY, Andrew. Recognition and social relations of production. *Historical Materialism*, n. 2, Verão, 1998, p. 57-97.
- _____. Species-being and Capital. In: CHITTY, Andrew; IVOR, Martin (Ed.). *Marxism and contemporary philosophy*. Londres: Palgrave, 2009. p. 123-142.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DOUZINAS, Costas. *Philosophy and resistance in the crisis*. Cambridge: Polity, 2013.
- FLUSSER, Vilém. *Fenomenologia do brasileiro*. Organização de Gustavo Bernardo. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. Transcrição literal disponível em: <<http://textosdevilemflusser.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2014.
- FLYVBJERG, B. *Making social science matter*: why social inquiry fails and how it can succeed again. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- FREITAS, Jânio de. *O Papel da PM na greve dos garis*. Blog do Nassif, 2014. Disponível em: <<http://jornalgnn.com.br/noticia/o-papel-da-pm-na-greve-dos-garis-por-janio-de-freitas>>. Acesso em: 10 jul. 2014.
- GARCIA, Rafael Tsavko. Greve dos Garis no Rio de Janeiro: da luta à vitória. *Global Voices*, 2014. Disponível em: <<http://pt.globalvoicesonline.org/2014/03/11/greve-de-garis-no-rio-de-janeiro-da-luta-a-vitoria/>>. Acesso em: 10 jul. de 2014.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.
- MANENTI, Caetano. Garis usam 4 dias de carnaval para movimento histórico no Rio de Janeiro. *Sul 21*, 5 de março de 2014. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/garis-usam-os-quatro-dias-do-carnaval-para-movimento-historico-no-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 10 jul. 2014.
- MARX, Karl. *A crítica da filosofia do direito de Hegel*. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2005.
- SAMPAIO JÚNIOR, Plínio de Arruda. Jornadas de junho e revolução brasileira. *Interesse nacional*, São Paulo, ano 6, n. 23, out.-dez., 2013, p. 57-66.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Bragança Paulista: São Francisco, 2003.
- SANTOS, Wanderley Guilherme. Anomia niilista. *Valor econômico*, 26 de julho de 2013. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/cultura/3211228/anomia-niilista>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

- SINGER, André. Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. *Novos Estudos: Cebrap*, n. 97, nov. 2013, p. 23-40.
- SWEETZ, P. M. Marx and the proletariat. In: JESSOP, Bob (Ed.). *Karl Marx's social and political theory*. v. 2. Londres: Routledge, 1990, p. 228-240.
- TAVARES, Francisco Mata Machado. *Para além da democracia deliberativa: uma crítica marxista à teoria política habermasiana*. Tese (Doutorado). Departamento de Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. Disponível em: <<http://marxismo21.org/estado-e-democracia/>>. Acesso em: 18 jun. 2014.
- WOOD, Ellen Meiksins. *Democracy against capitalism*. Renewing Historical Materialism. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- WOOD, Ellen. *Liberty and property: a social history of western political thought from the Renaissance to Enlightenment*. Londres: Verso, 2012.

“Festa acabada, músicos a pé!”: um estudo crítico sobre as relações de trabalho de músicos atuantes no estado do Rio de Janeiro

[“Festa acabada, músicos a pé!”: a critical research of active musicians’s labor relations in the state of Rio de Janeiro

Luciana Requião¹

RESUMO • O trabalho tem como objetivo geral analisar e discutir as formas como a cultura – e o trabalho daqueles que atuam nesse setor – vem sendo apropriada, no sentido da valorização do capital, na atual fase do modo de produção capitalista. Como objeto específico de pesquisa, desenvolvemos um estudo junto a músicos profissionais vinculados ao Sindicato dos Músicos do Estado do Rio de Janeiro (Sind-Musi) com o intuito de compreender a realidade em que vivem e trabalham. Através deste estudo buscamos subsídios para a compreensão da realidade do trabalho do músico – em geral informal e precarizado – frente aos números apresentados pelas estatísticas oficiais que apontam para “dados promissores” do setor para a economia brasileira. Nesse contexto o trabalho do músico é percebido como produtivo ao capital. • **PALAVRAS-CHAVE** • Mundo do

trabalho; capitalismo tardio; cultura; músico; Rio de Janeiro. • **ABSTRACT** • The general goal of this paper is to analyze and to discuss the ways in which the culture – and the work of those who perform in this industry – has been appropriated, when it comes to the valorization of the capital in the current stage of the capitalist production method. As a specific target of research, we developed a study alongside professional musicians, aiming to understand the reality in which they live and work. Through this study, we sought subsidies for the understanding of the reality of the musician’s work – usually informal and precarious – compared to the figures presented by the official statistics that indicate the “promising data” of this industry for the Brazilian economy. • **KEYWORDS** • world of work; late capitalism; culture; musician; Rio de Janeiro.

Recebido em 23 de novembro de 2015

Aprovado em 9 de fevereiro de 2016

REQUIÃO, Luciana. “Festa acabada, músicos a pé!”: um estudo crítico sobre as relações de trabalho de músicos atuantes no estado do Rio de Janeiro. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 64, p. 249-274, ago. 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p249-274>

¹ Instituto de Educação de Angra dos Reis da Universidade Federal Fluminense (IEAR/UFF, Niterói, RJ, Brasil).

Cantando e sambando na lama
de sapato branco, glorioso
Um grande artista tem que estar tranchã
Sambando na lama, amigo, até amanhã
E o tal ditado, como é?
Festa acabada, músicos a pé
Músicos a pé, músicos a pé
Músicos a pé²
(Chico Buarque)

A CULTURA COMO MERCADORIA E O TRABALHO PRECARIZADO DO MÚSICO NO CAPITALISMO TARDIO

A cultura hoje, pós monovisão conceitual antropológica e simbólica, é bastante complexa e possui fortes interseções com outras áreas como o direito, a tecnologia e a economia. Observa-se também uma crescente profissionalização do segmento, antes atuando de forma quase empírica no Brasil. Com este novo momento de franca organização, quantificação e expansão, com ampliação e melhoramento da infraestrutura, multiplicação das oportunidades e crescente ampliação do acesso a recursos do setor cultural brasileiro, a cultura passa a ter uma nova dimensão econômica e representativa para o país³.

2 Trecho da letra da música “Cantando no Toró” de autoria de Chico Buarque de Holanda. Disponível em: <<http://letras.mus.br/chico-buarque/85943>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

3 CRIBARI, Isabela. Introdução. In: _____. (Org.). *Economia da cultura*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2009, p. 11-15.

Não, não é dessa perspectiva que gostaríamos de discorrer sobre a cultura. De nosso ponto de vista a cultura não é um setor, um segmento, algo que é produzido por uns e consumido por outros. Não é uma mercadoria.

Assim é se tomarmos a perspectiva de Raymond Williams. Segundo o autor galês, que viveu entre 1921 e 1988 e que buscou sob a perspectiva marxista discutir o tema com “vistas a uma sociologia da cultura”⁴, devemos pensar a cultura como algo inseparável da formação humana, como “um processo social constitutivo”⁵. Nesse sentido ela própria é entendida como um processo formativo. Assim, como poderíamos pensar em uma noção de cultura que separa aquele que produz daquele que frui?

Sim, na sociedade capitalista isso é possível. Como destaca Ernst Fischer⁶, se o rei Midas transformava tudo o que tocava em ouro, o capitalismo com sua mão invisível transforma tudo em mercadoria. E a mercadoria, como nos ensina Marx⁷, é a forma elementar da riqueza na sociedade capitalista. Como poderia, então, a cultura estar à parte desse mecanismo?

Para uns isso é possível. A cultura manifesta em produtos que materializam essa “visão conceitual e simbólica”, apontada por Cribari em citação anterior, nos afeta de tal forma que não conseguimos enxergar os processos que a fizeram emergir. Como atesta David Harvey,

É inegável que a cultura se transformou em algum gênero de mercadoria. No entanto, também há a crença muito difundida de que algo muito especial envolve os produtos e os eventos culturais [...] sendo preciso pô-los à parte das mercadorias normais, como camisas e sapatos. Talvez façamos isso porque somente conseguimos pensar a seu respeito como produtos e eventos que estão num plano mais elevado da criatividade e do sentido humano, diferente do plano das fábricas de produção de massa e do consumo de massa⁸.

Não é a toa, por exemplo, que aludimos à *expertise* de um artista como um talento nato, um dom designado por alguma entidade divina. Conforme Norbert Elias, “com frequência nos deparamos com a ideia de que a maturação do talento de um ‘gênio’ é um processo autônomo, ‘interior’, que acontece de modo mais ou menos isolado do destino humano do indivíduo em questão”⁹. Dessa forma, o *fetiche* que envolve os

4 WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

5 Idem, *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 25

6 FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. São Paulo: Círculo do Livro, s. d.

7 MARX, Karl. *O capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s. d.

8 HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 221.

9 ELIAS, Norbert. *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 53.

artefatos concebidos como culturais trazem um grande diferencial em relação aos demais produtos¹⁰.

Para Harvey, vivemos em um período da economia capitalista caracterizada como um processo de “acumulação flexível”, com características bem diferentes dos processos de produção fordistas e tayloristas precedentes¹¹. Desse período, “a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação de formas culturais” são aspectos fundamentais¹². Essa é a premissa de Fredric Jameson¹³, que percebe a transformação do econômico em cultural e do cultural em econômico como uma característica da contemporaneidade. Nesse contexto a definição de cultura apontada no início deste texto por Cribari faz todo o sentido.

Pois bem, percebemos aqui a importância em se considerar a fala de Williams quando diz que “é impossível [...] realizar uma análise cultural séria sem chegarmos a uma consciência do próprio conceito: uma consciência que deve ser histórica”¹⁴. Tomamos então, *grosso modo*, dois polos diametralmente opostos para entendermos a noção de cultura: um que a toma de forma *interessada* e outro de forma *desinteressada*¹⁵.

Em sua forma *desinteressada* a cultura é uma “dimensão essencial da existência humana”¹⁶. É entendida como processo e produto do trabalho humano, mas não

10 “A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho. [...] A forma mercadoria e a relação de valor entre os produtos do trabalho, a qual caracteriza essa forma, nada têm a ver com a natureza física desses produtos nem com as relações materiais dela decorrentes. [...] Chamo a isto de fetichismo, que está sempre grudado aos produtos do trabalho, quando são gerados como mercadorias. É inseparável da produção de mercadorias”. MARX, Karl, op. cit., s. d., p. 81.

11 Sobre a passagem do fordismo para a acumulação flexível, ver: HARVEY, David. *Condição pós-moderna*: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2002 (em especial a parte II “A transformação político-econômica do capitalismo do final do século XX”).

12 Ibidem, p. 148.

13 JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo*: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 2000.

14 WILLIAMS, Raymond, op. cit., 1979, p. 17.

15 Tomei de Gramsci emprestado os termos *interessado* e *desinteressado*, utilizado pelo autor para se referir à escola unitária como uma escola *desinteressada*, o que significa “uma escola comprometida com a formação total do educando, na qual a aprendizagem esteja desvinculada de uma finalidade prática imediata, que não tenha como horizonte próximo a profissionalização de seus educandos”. SILVA, Shirley Carmem da et al. A escola desinteressada e outros conceitos gramscianos: estabelecendo bases ético-políticas para uma educação profissional emancipadora. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA – SENEPT, 4. *Anais...* Belo Horizonte, Cefet-MG, 2012. Disponível em: <http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Anais_2012/GT-03/GT03-028.pdf>. Acesso em: 28 out. 2015. Sobre isso ver: NOSELLA, Paolo. *A escola de Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.

16 VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *As ideias estéticas de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 12

como atividade determinada, fruto de um *trabalho alienado*¹⁷. Nesse sentido, a cultura *desinteressada* não remete especificamente aos processos de produção artísticos, mas assemelha-se à concepção de trabalho tal como nos foi apresentada por Marx, como “um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. [...] Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza”¹⁸. Nessa perspectiva a cultura *desinteressada* está em um plano utópico, nos remetendo a uma visão social de mundo que se contrapõe à ordem burguesa¹⁹.

Como forma *interessada*, a cultura é “chave estratégica de desenvolvimento econômico”²⁰. Ela é designada como um setor da economia que engloba diversas cadeias produtivas: música; livro/imprensa; artes plásticas e antiguidades; cinema e TV; artes performativas; publicidade; arquitetura e design²¹. As atividades do setor cultural são divididas em grandes grupos formados pela indústria de transformação; pelo comércio; pelas atividades de transporte, armazenagem e comunicação; pelas atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas; pelo setor de educação; e por um setor denominado como “outros serviços coletivos, sociais e pessoais”, em que se incluem as atividades recreativas, culturais e desportivas²².

Nos últimos anos diversos estudos e indicadores vêm atestando o alto potencial de

17 Conforme Marx “o produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, se coisificou, ele é a objetivação do trabalho. A realização do trabalho é a sua objetivação. Esta realização do trabalho aparece na situação nacional-econômica como desrealização do operário, a objetivação como perda do objeto e servidão ao objeto, a apropriação como alienação, como desapossamento”. MARX, Karl. Trabalho alienado, propriedade privada e comunismo. In: NETTO, José Paulo (Org.). *O leitor de Marx*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 91-121. p. 95.

18 Idem, *O capital*. V. I. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 149.

19 Segundo Löwy, a *utopia* contrapõe-se à *ideologia*. Ambas representam uma “visão social de mundo”, porém, enquanto a ideologia representa “o conjunto das concepções, ideias, representações, teorias, que se orientam para a estabilização, ou legitimação, ou reprodução da ordem estabelecida [...] ,as utopias têm uma função subversiva, uma função crítica e, em alguns casos, uma função revolucionária”. LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social*: elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 2010, p. 12-13.

20 UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura. Brasília: Unesco Brasil, 2003, p. 14.

21 EARP, Fábio Sá (Org.). *Pão e circo*: fronteiras e perspectivas da economia do entretenimento. Rio de Janeiro: Palavra e Imagem, 2002, p. 38. Segundo o economista Fábio Sá Earp, a economia da cultura faria parte de um bloco maior chamado de economia do entretenimento, que englobaria também a economia do uso do tempo, a economia do esporte e a economia do turismo. EARP, Fábio Sá (Org.), op. cit., p. 8.

22 IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Sistema de informações e indicadores culturais 2007-2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Em trabalhos anteriores pude descrever e analisar estudos sobre a economia da cultura no Brasil cujos resultados atestam a importância econômica que o setor vem representando no país. Em particular, ver: REQUIÃO, Luciana. “*Eis aí a Lapa...*”: processos e relações de trabalho do músico nas casas de shows da Lapa. São Paulo: Annablume, 2010.

geração de lucro desse setor²³. Nesse caso, o investimento público se volta a ações que promovam “o desenvolvimento das empresas criativas e dos agentes criadores” e que busquem “ampliar e dar mais eficiência ao mercado de bens e serviços culturais”²⁴. Assim, não podemos nos furtar à compreensão das formas que a cultura passa a ter na sociedade contemporânea, em especial nas questões que dizem respeito de forma mais direta aos processos de produção da música e às relações de trabalho do músico, foco principal de nosso interesse.

Para entender tais processos é preciso buscar a compreensão desses fenômenos em sua totalidade, pois, de acordo com Coutinho²⁵, “só é possível entender plenamente os fenômenos artísticos e ideológicos quando estes aparecem relacionados dialeticamente com a totalidade social da qual são, simultaneamente, expressões e momentos constitutivos”²⁶.

Nesse sentido, buscamos depreender do *concreto real* as determinações que naturalizam a precarização dos processos e relações de trabalho do músico na contemporaneidade, em um movimento que nos permita chegar a um *concreto pensado*. Assim como Marx, “parece que o correto é começar pelo real e pelo concreto, que são a pressuposição prévia e efetiva”²⁷. Dessa maneira pretendemos nos “apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado”²⁸.

O presente trabalho é parte da pesquisa intitulada “Mundo do trabalho, música e cultura no capitalismo tardio: um estudo com músicos do estado do Rio de Janeiro”, que vem sendo desenvolvida junto ao Grupo de Estudos em Cultura, Trabalho e Educação – GECULTE, da Universidade Federal Fluminense. Esse estudo teve início através da pesquisa intitulada “*Eis aí a Lapa...*: processos e relações de trabalho do músico nas casas de shows da Lapa”²⁹, por meio da qual tratamos de investigar as formas como o capital busca sua valorização através da exploração da força de trabalho de músicos atuantes em casas de shows do Rio de Janeiro. A crítica que buscamos empreender se volta a um discurso que, amparado por dados oriundos de

23 Entre eles estão os relatórios de entidades como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco, a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento – UNCTAD, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o Ministério da Cultura – MinC e o Instituto Itaú Cultural.

24 BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento. O BNDES e a economia da cultura. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/cultura>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

25 COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil*: ensaio sobre ideias e formas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 9.

26 “A categoria metodológica da totalidade significa a percepção da realidade social como um todo orgânico, estruturado, no qual não se pode entender um elemento, um aspecto, uma dimensão, sem perder a sua relação com o conjunto”. LÖWY, Michael, op. cit., p. 16.

27 MARX, Karl. Para a crítica da economia política. In: GIANNOTTI, José Arthur (Org.) *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos*. São Paulo: Abríl Cultural, 1978, p. 101-257. p. 116.

28 Ibidem, p. 117. Sobre o método da economia política ver, em particular, a “Introdução à crítica da economia política”. Ibidem, p. 103-125.

29 REQUIÃO, Luciana. “*Eis aí a Lapa...*”: processos e relações de trabalho do músico nas casas de shows da Lapa. São Paulo: Annablume, 2010.

indicadores culturais, pretende nos apresentar um cenário pretensamente otimista para aqueles que atuam no setor cultural, o que inclui o trabalho do músico que atua em casas de shows como as pesquisadas por nós. No caso da região da Lapa/RJ observamos que

Não é difícil de se achar na mídia uma espécie de celebração da nova Lapa. A Lapa que atrai milhares de visitantes a cada semana e onde vêm prosperando os empresários que apostaram na revitalização de seus casarões e no investimento em casas de shows. Celebrar-se-ia com isso uma pretensa defesa da identidade de um povo, a democratização do acesso à cultura e a promoção da diversidade cultural. Pelo menos são essas as ênfases do discurso daqueles que estão otimistas com a movimentação econômica da região, que está em torno dos 3,6 milhões de reais semanais³⁰.

Ao lado do crescimento dos investimentos na chamada indústria criativa está o trabalho precarizado daqueles que atuam na ponta da cadeia produtiva. Através do referido estudo

Foi possível constatar que em todas as formas de relação de trabalho encontradas, sendo elas legalizadas ou não, a exploração da força de trabalho do músico se perpetua amparada por um regime econômico que permite ao capitalista adequar tais relações de trabalho da forma que lhe assegure e amplie a sua margem de lucro – objetivo final de qualquer empreendimento capitalista. A exploração da força de trabalho se dá através de mecanismos criados pelos empregadores que, ao possuírem os meios de produção, detêm o controle da produção, da determinação do preço pago pela força de trabalho e da forma de pagamento, entre outros³¹.

Nossa pesquisa, de forma geral, é circunscrita ao músico que tem como *locus* principal de trabalho as casas de shows e atuam no estado do Rio de Janeiro.

MÚSICA, MERCADORIA E O QUE DIZEM OS INDICADORES CULTURAIS

Referindo-se ao pintor Rafael, Marx comenta que “até mesmo o nome de sua atividade [pintor] expressa continuamente a estreiteza de seu desenvolvimento social e de sua dependência da divisão do trabalho”³². A existência de músicos é uma coisa que pode causar estranhamento se considerarmos que, como uma manifestação cultural, a música (assim como a pintura) seria parte intrínseca de uma coletividade e faria parte do processo formativo de seus membros (cultura *desinteressada*). O fazer e o usufruir da música não seriam algo privilegiado de determinado grupo. Parafraseando Marx quando diz que não deveria haver “nenhum pintor, mas, no máximo, homens que

30 Ibidem, p. 223.

31 Ibidem, p. 229

32 MARX, Karl. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007, p. 381.

entre outras atividades pintam”³³, podemos dizer: não deveria haver músicos, mas a música como uma prática humana coletiva e socialmente democrática. Na medida em que temos uma sociedade separada em classes e baseada na divisão social do trabalho, é designada a alguns membros dessa sociedade a faculdade de produzir música: os músicos³⁴.

Sendo a música convertida em mercadoria, conseqüentemente o trabalho com a música converte-se, como as demais formas de trabalho, em trabalho alienado, portanto subordinado às regras das relações de produção existentes³⁵. Contudo, assim como o fetiche da mercadoria, parece haver certa “aura” sobre o trabalho do músico que encobre suas reais relações sociais de produção.

Um sistema de arte autônomo do sistema geral que estrutura, regula e conduz a forma como os homens se mantêm e sobrevivem cotidianamente sob um determinado modo de produção, constitui uma das posições políticas mais inflexíveis da intelectualidade burguesa no século XX. [...] Para essa posição política, artistas e aprendizes são como sujeitos desencarnados das relações sociais de produção³⁶.

Essa posição política, favorecida pela ideia de que o trabalho do músico é fruto do dom ou de um talento individual, acarreta em frágeis relações de trabalho para o músico. Em estudo realizado com músicos atuantes em casas de shows da Lapa, região localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro onde se aglutinam diversas casas de shows, buscamos demonstrar que os processos de produção da música não são processos autônomos e que as relações flexíveis de trabalho encontradas correspondem aos demais setores produtivos³⁷.

Nesse contexto, observou-se que são utilizados artifícios para convencer os músicos a se submeterem a condições de trabalho pouco satisfatórias. “Quando não há a garantia de remuneração há a crença [de] que depois de certo tempo um público

33 Ibidem.

34 Sobre os processos de desenvolvimento de um campo de trabalho profissional para o músico ver: ELIAS, Norbert, op. cit.; REQUIÃO, Luciana, op. cit., 2010, em especial o capítulo II, “A economia da música: processos históricos”.

35 A profissão do músico foi instituída pela Lei n. 3.857, de 22 de dezembro de 1960. BRASIL. Presidência da República. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n. 3.857, de 22 de dezembro de 1960. Cria a Ordem dos Músicos do Brasil e dispõe sobre a regulamentação do exercício da profissão de músico e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L3857.htm>. Acesso em: 4 nov. 2015. A profissão também consta na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) subdividida em duas famílias: músicos compositores, arranjadores, regentes e musicólogos; e músicos intérpretes (documento disponível em: <www.mtebo.gov.br>., acesso em: 4 nov. 2015).

36 REIS, Ronaldo Rosas; REQUIÃO, Luciana. Trabalho, arte e educação: contribuição crítica ao estudo da arte e do seu ensino no Brasil. In: VENTURA, Jaqueline; RUMMERT, Sonia Maria (Org.). *Trabalho e educação* – análises críticas sobre a escola básica. Campinas: Mercado de Letras, 2015, p. 125-144. p. 112.

37 REQUIÃO, Luciana, op. cit., 2010.

seria formado e os músicos seriam, assim, gratificados”³⁸. As frágeis relações de trabalho resultam em uma instabilidade profissional, com contratos temporários e informais. Assim, “no capitalismo tardio, mesmo não exercendo trabalho assalariado, o artista depende cada vez mais intensamente daqueles que controlam o meio de circulação da arte, afetando, nesse sentido, o conjunto das relações de sua produção”³⁹.

As pesquisas que vimos desenvolvendo nos últimos anos atestam a importância da movimentação econômica que o setor cultural produz, gerando riqueza e contribuindo para a acumulação do capital. Indicadores culturais revelam ser a cultura “um dos setores de mais rápido crescimento nas economias pós-industriais”⁴⁰. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE⁴¹ identificou a cultura como o quarto item dentre as prioridades de consumo das famílias brasileiras, abaixo apenas dos itens habitação, alimentação e transporte.

Segundo o relatório da Firjan⁴², a média salarial nacional do músico, com destaque para intérpretes e instrumentistas, é de R\$ 2.216,00, sendo que o Rio de Janeiro seria o segundo melhor no *ranking* salarial com a média de R\$ 3.111,00. Os números mostram que na indústria criativa – compreendida pelos setores de tecnologia, mídias, cultura (dividida pelas áreas de expressões culturais, patrimônio e artes, música e artes cênicas) e consumo – a área da cultura é a menor em termos de trabalhos formais, mas indica que a área da música teve um avanço de mais de 60,4% entre os anos de 2004 e 2013, apresentando uma valorização salarial. No Brasil, foram contabilizados 12.022 profissionais atuantes (em emprego formal) nos diversos segmentos da indústria criativa, sendo 1.022 atuantes no estado do Rio de Janeiro. A música está, no Brasil, entre as dez profissões mais numerosas (4º lugar para intérpretes e instrumentistas e 7º lugar para regentes) e ocupa o 7º lugar no *ranking* das dez profissões mais bem remuneradas dentre os setores da indústria criativa no Brasil.

Benhamou chama atenção para o cuidado que se deve ter ao se produzir

38 Ibidem, p. 212. Essa mesma questão foi apontada por Juliana Coli em seu trabalho com cantores líricos. Segundo a autora, a amizade, o sacrifício e o interesse são artifícios utilizados pelos empresários para “obter o máximo de usufruto da força de trabalho do músico”. COLI, Juliana. *Vissi D’Arte por amor a uma profissão: um estudo sobre a profissão do cantor no teatro lírico*. São Paulo: Annablume, 2006, p.101.

39 REIS, Ronaldo Rosas; REQUIÃO, Luciana, op. cit., p. 137. Podemos ver em Requião que, mesmo possuindo alguns instrumentos de trabalho (os instrumentos musicais), no contexto das casas de shows os músicos não detêm o controle dos meios de produção que, nesse caso, são as casas de shows e todo o seu aparato. REQUIÃO, Luciana, op. cit., 2010. No caso da indústria fonográfica, Ortiz conclui que a indústria, representada por seus grandes conglomerados, “prescinde da propriedade dos ‘meios de produção’: o que importa é o controle dos canais de distribuição e o acesso público ao mundo da mídia”. ORTIZ, Renato. Prefácio. In: DIAS, Márcia Tosta. *Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura*. São Paulo: Boitempo, 2000, p. 13.

40 UNESCO, op. cit., p. 15.

41 IBGE, op. cit., 2013; IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Sistema de informações e indicadores culturais* 2003. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

42 FIRJAN. *Mapeamento da indústria criativa no Brasil*. 2014. Disponível em: <<http://publicacoes.firjan.org.br/economiacriativa/mapeamento2014/#/4>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

indicadores culturais pelas imprecisões que esse tipo de material fornece. Sobre a população ativa empregada em atividades culturais na França, a autora destaca que são contabilizados trabalhadores “qualquer que seja o ofício exercido, seja artístico ou não, como a venda de ingressos”, por exemplo⁴³. Assim, a referência a um aumento na geração de emprego no setor cultural deixa dúvidas quanto ao tipo de atividade a que se está referindo⁴⁴. Considerando que a atividade profissional, em particular a do músico, é em geral autônoma e informal, além de bastante flexível, a avaliação da renda por esses indicadores fica também bastante comprometida⁴⁵.

O trabalho dos artistas é descontínuo; as perspectivas de carreiras são incertas e a gama de remunerações, muito ampla. Embora a frequência de casos de atividades múltiplas dificulte uma estimativa das rendas segundo a natureza do trabalho, alguns economistas tentaram calcular a diferença média de remuneração segundo se adote, em condições iguais de qualificação, uma carreira artística ou não⁴⁶.

Na próxima seção apresentamos, ainda que de forma sucinta, resultados de uma nova etapa de nossa pesquisa junto a músicos vinculados ao Sindicato dos Músicos do Estado do Rio de Janeiro, que hoje conta com 3.255 cadastros ativos. Tomamos como referência o “Questionário de 1880”, desenvolvido por Karl Marx⁴⁷ com o objetivo investigar a situação da classe operária na França. O autor alemão organizou o questionário em quatro seções e 100 perguntas, que buscam trazer subsídios para a compreensão do aumento da produtividade do capital através da ampliação de sua capacidade de produção e, conseqüentemente, da crescente exploração da força de

43 BENHAMOU, Françoise. *A economia da cultura*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007, p. 40.

44 O estudo realizado pelo IBGE em 2006 identificou que, em relação ao total das pessoas ocupadas no Brasil, “a estimativa da população ocupada em ocupações ou atividades vinculadas à cultura [...] apresentou um percentual de 4,5%, em 2004, gerando uma estimativa que ultrapassa os 3,7 milhões de trabalhadores neste setor”. IBGE, op. cit., 2006, p. 99. Em relatório mais recente, foi identificado que “no Brasil, o crescimento dos ocupados assalariados do setor cultural (19,0%) foi maior *vis-à-vis* a taxa de 17,3% referente ao total de pessoas ocupadas assalariadas da economia”. IBGE, op. cit., 2013, p. 36.

45 Em pesquisas desenvolvidas nos últimos anos pudemos observar o músico popular como um trabalhador flexível, na medida em que necessita atuar em diversos segmentos da cadeia produtiva da área musical. REQUIÃO, Luciana. *Saberes e competências no âmbito das escolas de música alternativas*: a atividade docente do músico-professor na formação profissional do músico. Rio de Janeiro: Booklink, 2002; REQUIÃO, Luciana, op. cit., 2010. “De acordo com nossa análise, hoje os músicos não estariam mais se enquadrando em um único modelo de atuação profissional. Assim como ocorre em outras áreas produtivas, e se adequando aos processos produtivos da acumulação flexível, o músico passa a atuar de forma mais intensa em diversas áreas da cadeia produtiva da música. Assim, um artista se torna também produtor e empresário, um músico instrumentista atua também como técnico de estúdio, entre outras possibilidades”. REQUIÃO, Luciana, op. cit., 2010, p. 178.

46 BENHAMOU, Françoise, op. cit., p. 42.

47 MARX, Karl. Enquête Ouvrière. *Revue Socialiste*, n. 4, 20 abril 1880.

trabalho dos operários naquela ocasião⁴⁸. Através da adaptação desse questionário buscamos subsídios para nos auxiliar na compreensão da realidade do trabalho do músico frente aos números promissores apresentados por indicadores de instituições como a Firjan⁴⁹, o IBGE⁵⁰, a Unesco⁵¹, entre outros.

O QUESTIONÁRIO DE 2015

O Sindicato dos Músicos do Estado do Rio de Janeiro (SindMusi) é uma entidade criada em 1907, inicialmente conhecido como Centro Musical do Rio de Janeiro. Hoje conta com 9.833 músicos cadastrados, sendo desses 3.255 ativos. Elaboramos um questionário com 37 questões, que foi enviado por e-mail aos músicos com cadastro ativo⁵². As questões foram elaboradas em três grupos: 1) sobre a situação do trabalhador na área da música; 2) sobre o trabalho em casas de shows; e 3) sobre a atividade docente.

O primeiro grupo trata de questões mais gerais sobre a atividade profissional do músico, como, por exemplo, carga horária semanal de trabalho, remuneração, relações com seus empregadores e previsões para sua aposentadoria. As questões do segundo grupo são mais específicas, dirigidas a músicos que trabalham em casas de shows, por meio das quais se buscou observar especificidades desse tipo de trabalho, como a remuneração por horas extras, pela passagem de som, entre outros itens. O terceiro grupo é destinado aos músicos que atuam como professores, em qualquer tipo de instituição, estabelecimento ou mesmo em sua residência. As questões desse grupo buscam compreender como a atividade docente se estabelece em seu cotidiano profissional e se a remuneração dessa atividade se sobrepõe aos ganhos de outras atividades da área musical⁵³. Tivemos cerca de 10% de resposta das mensagens enviadas, totalizando 315 respostas, sendo a maioria dos respondentes composta por músicos instrumentistas e professores, conforme o gráfico 1.

48 O questionário foi publicado na *Revue Socialiste* no ano de 1880 com tiragem de 25 mil exemplares. A revista pode ser encontrada em <<http://www.cedias.org/pdf/rs/RS-numo4-avril-1880.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

49 FIRJAN, op. cit., 2014.

50 IBGE, op. cit., 2006; IBGE, op. cit., 2013.

51 UNESCO, op. cit., 2013.

52 Utilizamos o serviço da empresa SurveyMonkey (<https://pt.surveymonkey.net>). O questionário foi enviado no mês de junho de 2015 ficando aberto às respostas até o final de setembro do mesmo ano.

53 Vale notar que em estudo realizado no mestrado concluído em 2002 identificamos que a atividade docente é intrínseca à atividade profissional do músico e a que gera uma renda regular ao profissional. REQUIÃO, Luciana, op. cit., 2002.

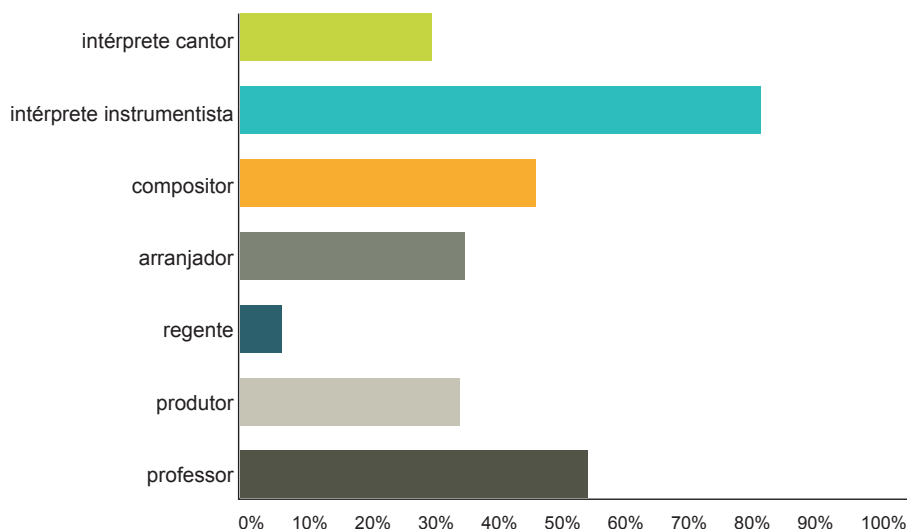


Gráfico 1 – Perfil profissional de músicos

O questionário, ao delinear o perfil do músico participante da pesquisa, mostrou que a música popular é o campo principal de sua atuação (gráfico 2) e que 65,4% vivem exclusivamente da música, sendo 53,4% dos músicos o provedor principal familiar. A grande maioria atua de forma autônoma (gráfico 3) e tem como principal *locus* de trabalho bares e casas de shows (gráfico 4), apesar de atuarem em diversas áreas da música (como instrumentista, professor, compositor, cantor, produtor, arranjador, regente etc.).

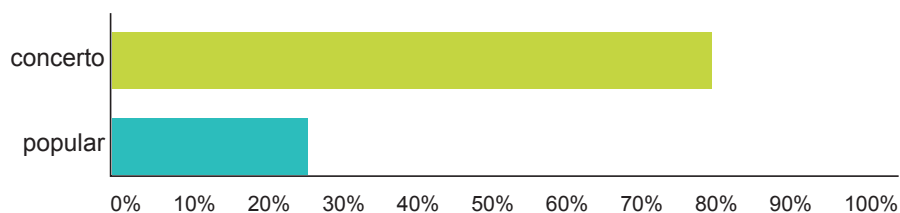


Gráfico 2 – Perfil de atuação profissional

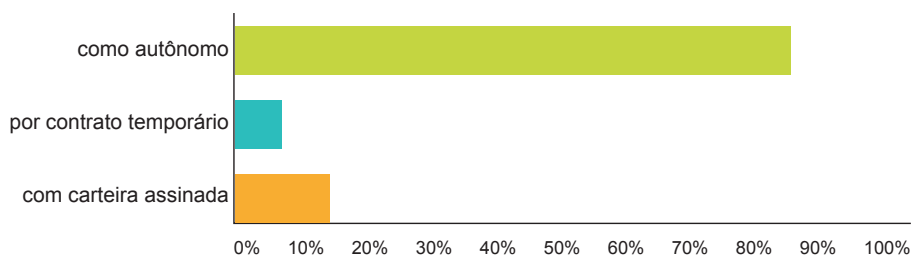


Gráfico 3 – Vínculo profissional

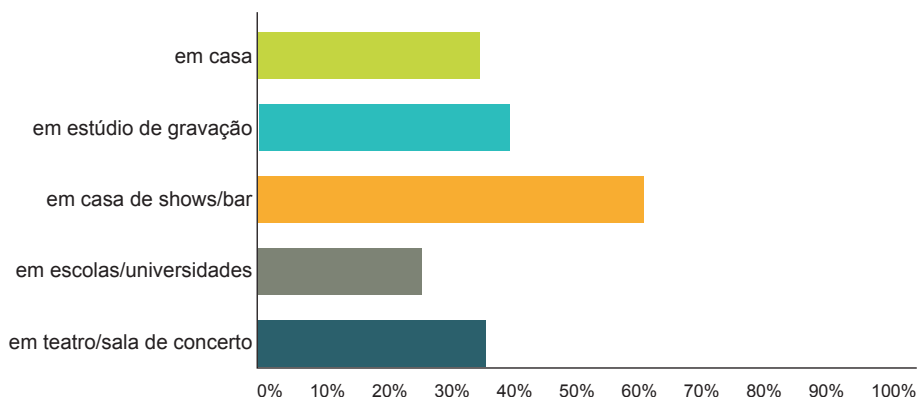


Gráfico 4 – Lócus de atuação profissional

Em relação ao grupo I do questionário, “sobre a situação do trabalhador na área da música”, e considerando bares e casas de shows como o principal lócus de sua atuação profissional conforme mostramos anteriormente, os músicos informaram que há a intermediação de um profissional, como um produtor, por exemplo, entre eles e os proprietários dos estabelecimentos, e que o trabalho é realizado juntamente com outros tipos de profissionais.

Considerando o perfil flexível do músico profissional, quando perguntados sobre quantas horas semanais gastam com sua atividade profissional principal, tivemos 63,46% das respostas em torno de 10 a 20 horas semanais (tabela 1).

Opções de resposta	Respostas	
Até 10 horas semanais	33,01%	103
Até 20 horas semanais	30,45%	95
Até 30 horas semanais	15,71%	49
Até 40 horas semanais	12,50%	39
Mais de 40 horas semanais	8,33%	26
Total		312

Tabela 1 – Carga horária de trabalho semanal em atividade profissional principal

Considerando apenas essa atuação principal, que ocupa de 10 a 20 horas de trabalho semanal, como mostra a tabela 1, o músico informa que sua remuneração não é suficiente para o seu sustento. Possivelmente vem desse fato a necessidade de um perfil flexível, que possibilite ao músico atuar em diversos pontos da cadeia produtiva. Foram consideradas necessárias mais de 20 horas de trabalho além da carga horária informada nessa atividade principal para suprir as necessidades básicas dos músicos (gráfico 5). Dos músicos consultados, 77,56% consideram ainda que há um gasto entre 10% e 20% de sua remuneração com transporte, alimentação, manutenção de instrumentos e equipamentos e outros itens para que o trabalho seja realizado.

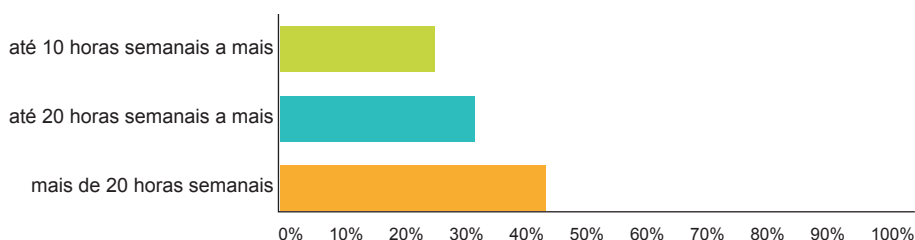


Gráfico 5 – Horas semanais necessárias a mais para garantir o sustento dos músicos

Para termos ideia do montante pago aos músicos por sua atividade profissional, perguntamos se o valor corresponde à tabela sugerida pelo sindicato, que é de R\$ 500,00 (quinhentos reais) para apresentações de música ao vivo⁵⁴: 69,84% dos músicos

⁵⁴ Tabela de Cachês Mínimos do Sindicato dos Músicos do Estado do Rio de Janeiro, consultada em <<http://www.sindmusi.org.br>>. Acesso em: 13 out. 2015.

responderam de forma negativa (tabela 2), sendo que 78,85% consideram os valores sugeridos pelo sindicato satisfatórios.

Opções de resposta	Respostas	
sim, frequentemente	6,23%	19
sim, eventualmente	16,72%	51
não	69,84%	213
não conheço a tabela	7,21%	22
Total		305

Tabela 2 – Remuneração x tabela de cachês do sindicato

Os músicos revelam trabalhar ao longo do ano sem interrupções para férias (48%), a não ser quando não há trabalho (27,27%).

No segundo grupo de perguntas, voltadas ao profissional que atua em casas de shows, questionou-se se as horas gastas com a passagem de som são contabilizadas para efeito de remuneração: 86,01% dos músicos responderam que não (gráfico 6), apesar de a legislação atual exigir que, para o cálculo da remuneração, sejam consideradas as horas gastas tanto na passagem de som como nas horas extras de trabalho⁵⁵. Sobre as horas extras, 70,59% responderam que não são remunerados por elas.

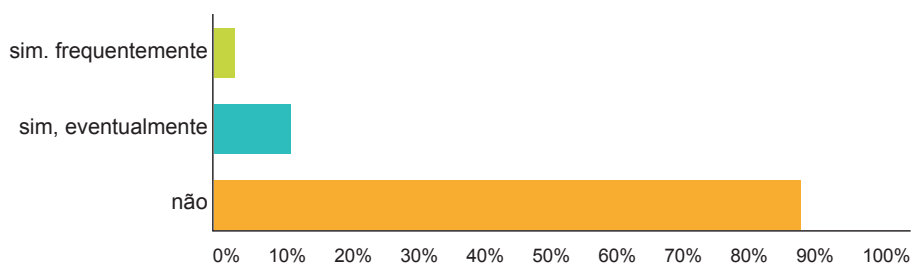


Gráfico 6 – Remuneração pela passagem de som

⁵⁵ Sobre isso ver a LEI n. 3.857 / 1960, que regulamenta a profissão do músico. BRASIL. Presidência da República. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n. 3.857, de 22 de dezembro de 1960. Cria a Ordem dos Músicos do Brasil e dispõe sobre a regulamentação do exercício da profissão de músico e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L3857.htm. Disponível também em: <http://www.sindmusi.org.br/site/texto.asp?iid=12>. Acesso em: 16 out. 2015.

Esse quadro vai ao encontro dos resultados obtidos com músicos atuantes na Lapa, dentre os quais observamos que:

A precarização das condições de trabalho do músico passa não só pelas relações flexíveis de contrato e pela informalidade, como também pelo trabalho não pago que é o trabalho realizado preliminarmente para que determinado show, gravação ou evento possa se realizar. Nesse trabalho podem ser contabilizadas as horas de estudo para a aprendizagem de uma peça musical e as horas e os recursos gastos em ensaios, por exemplo. No caso das apresentações ao vivo ainda é preciso considerar a chamada “passagem de som”, momento em que o músico fica à disposição do técnico que irá operar o equipamento de som, e, no caso das gravações, as horas em que o músico fica disponível até que toda a parte técnica do estúdio esteja pronta para a gravação. Todo esse processo de trabalho vem sendo desconsiderado, o que significa horas de trabalho não remuneradas⁵⁶.

Sobre o terceiro grupo de perguntas, destacamos que mais da metade dos respondentes atuam como professores de música na própria residência (66,67%) ou em escolas de música especializadas (44,07%), mas somente 21,24% dos músicos dizem já pensar em se tornar professor de música mesmo antes de se profissionalizar (tabela 3).

Opções de resposta	Respostas
já pensava em ser professor	21,24% 41
não pensava em ser professor, mas decidi me tornar professor ao longo da trajetória como músico	45,08% 87
não pensava em ser professor e só me tornei um por conta das dificuldades em ter uma renda estável	33,68% 65
Total	193

Tabela 3 – Opção pela atuação docente

Comparando os resultados dessa pesquisa com outra realizada a pedido do SindMusi no ano 2000, podemos verificar que nos últimos quinze anos, apesar de toda a efervescência da indústria cultural e em particular da cidade do Rio de Janeiro como promotora de grandes eventos⁵⁷, o que do ponto de vista do discurso oficial poderia significar para o músico local alguma vantagem, esse fato parece não representar melhoria em suas condições de trabalho nem aumento da oferta de emprego. Talvez não seja por acaso que, quando perguntados se consideram o Rio

⁵⁶ REQUIÃO, Luciana, op. cit. 2010, p. 178.

⁵⁷ É o caso, por exemplo, de eventos como o carnaval, o Rock in Rio, o Reveillon em Copacabana, a Copa do Mundo, os Jogos Pan-Americanos e as Olimpíadas. O Rio de Janeiro conta ainda com 484 equipamentos culturais públicos municipais entre arquivos, bibliotecas, teatros, arenas, lonas, cinemas, centros culturais, museus, pontos de cultura e pontos de leitura. Dados obtidos em: PLANO MUNICIPAL DE CULTURA. Cidade do Rio de Janeiro. Mapeamento dos equipamentos culturais da cidade. Disponível em: <<https://planomunicipaldeculturario.wordpress.com/mapeamento-dos-equipamentos-culturais-da-cidade>>. Acesso em: 16 out. 2015.

de Janeiro, por promover grandes eventos, uma cidade que beneficia o músico local, mais de 60% dos músicos responderam de forma negativa (gráfico 7).

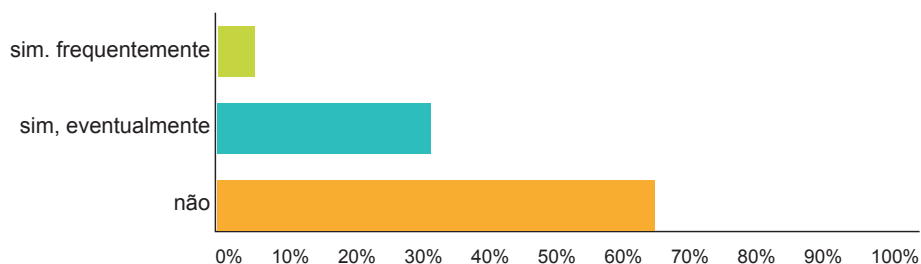


Gráfico 7 – Sobre a possibilidade de ter algum benefício em virtude da aparente efervescência musical da cidade

A pesquisa de opinião com músicos filiados ao SindMusi realizada pelo Laboratório de Pesquisa mercadológica e de opinião pública da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) no ano 2000 identificou que 76% são músicos autônomos, sem vínculo empregatício⁵⁸. Desse grupo, 86% têm a música como principal fonte de renda, atuando prioritariamente em shows e como professor de música, em residências ou escolas de música. No quesito “avaliação do mercado”, 67,4% dos músicos avaliaram

⁵⁸ Relatório não publicado, disponível na sede do SindMusi.

como ruim ou péssimo, em especial pela falta de oportunidade de trabalho ou por dificuldades em exercer o trabalho⁵⁹.

Considerando as pesquisas apresentadas, o perfil dos músicos filiados ao Sindicato dos Músicos do Estado do Rio de Janeiro, supostamente aqueles que vivem profissionalmente da música no estado, atuam na área da música popular prioritariamente como instrumentistas e professores de música. Sua atuação se dá de forma autônoma tendo como principal locus de trabalho os bares e as casas de shows. Neste trabalho é computado para efeito de remuneração apenas o momento da realização da apresentação musical, desconsiderando-se horas extras e passagem de som, período em que o músico checa o som e instala seus equipamentos no palco. A remuneração não é considerada satisfatória e, em geral, está abaixo do valor sugerido pela tabela do sindicato. A atividade docente parece ser uma possibilidade de complementação de renda. Apesar da aparente efervescência musical da cidade do Rio de Janeiro, os músicos avaliam as oportunidades de trabalho na área como insatisfatórias.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÚSICO COMO UM TRABALHADOR PRODUTIVO

A compreensão das relações sociais de produção da música no contexto do capitalismo tardio não é tarefa fácil, considerando as inúmeras formas de atuação do músico e o avanço constante de tecnologias – com a consequente redução dos custos de produção – que poderiam dar maior autonomia a esse trabalhador.

A motivação inicial ao empreendermos o questionário apresentado a foi suscitar o debate sobre a atuação profissional dos músicos atuantes no estado do Rio de Janeiro, inicialmente junto aos músicos filiados ao SindMusi, além de associar esses dados

59 Em relação à falta de oportunidade de trabalho, os músicos indicam: pouca oportunidade de trabalho (14,7%); poucos locais para apresentação (11,8%); falta emprego (4,2%); mercado restrito (3,6%); mercado saturado (2,3%); concorrência com o vídeoquê (2%); mercado restrito para determinadas áreas da música (2%); não há espaço para tocar em casas noturnas (2%); falta dinheiro no mercado (1,6%); concorrência com CDs (1,3%); mercado em crise (1,3%); mercado fragmentado (1%); dificuldade em conseguir trabalho fixo (0,7%); mercado estagnado (0,7%); trabalhos esporádicos (0,7%); falta de condições favoráveis para a produção (0,3%); mercado fechado para novos músicos (0,3%); mercado ruim para o músico formado (0,3%); músico não tem garantias por ser autônomo (0,3%); orquestras estão acabando (0,3%); bailes estão acabando (0,3%); salário ruim para o músico da noite (0,3%). Esse item totaliza 54,7% dos respondentes. Em relação a dificuldades para exercer o trabalho, os músicos indicam: falta local para apresentação (17,6%); não há oportunidade de trabalho (9,9%); cachês baixos (2,4%); casas noturnas pagam pouco (2,1%); falta espaço (1,8%); irregularidade do mercado (1,5%); mercado é restrito (1,5%); ganha muito pouco (1,2%); concorrência grande entre músicos (0,9%); falta espaço (0,9%); enfrentar a livre negociação (0,6%); falta de estabilidade (0,6%); falta de incentivo das casas noturnas para contratar músicos (0,6%); salários atrasados (0,6%); é necessário trabalhar em vários locais ao mesmo tempo (0,3%); falta de condições (0,3%); maior parte da arrecadação fica com os locais de trabalho (0,3%); mercado difícil para novos profissionais (0,3%); não existem casas de shows menores (0,3%); não há mecanismo de proteção ao músico autônomo (0,3%); não possui renda fixa (0,3%); os atravessadores prejudicam o trabalho (0,3%). Esse item totaliza 44,6% dos respondentes.

aos resultados das pesquisas por nós desenvolvidas sobre o tema. Esse debate vem ganhando força no âmbito do SindMusi, que observa as dificuldades do músico popular em sobreviver de seu ofício⁶⁰. De outro lado, as dificuldades em trazer o músico para discutir essas questões são muitas. Em particular creditamos esse fato à imagem que o próprio músico faz de si e de sua atividade.

Os próprios músicos [...] acabam por diferenciar sua prática do trabalho comum. Desse modo, não se sentem inseridos nas relações capitalistas de produção, não identificam a sua obra como mercadoria e tendem a se submeter passivamente às relações de exploração, contribuindo para a inoperância da legislação existente voltada para a garantia de seus direitos⁶¹.

Embora a dificuldade em viver exclusivamente de música não seja um privilégio da atualidade (por exemplo, no artigo publicado no periódico *O Observador Financeiro* n. 14 do ano de 1937, intitulado “Economia da arte”, já se discutia a situação do artista no Brasil e as dificuldades em viver desse ofício), a precarização do trabalho do músico hoje pode ser percebida sob diversas formas, dependendo do seu contexto de atuação⁶².

No caso dos músicos cujo lócus de atuação são as casas de shows, observamos sua atividade laboral como um *trabalhado produtivo ao capital*⁶³, na medida em que o processo que absorve o seu trabalho constitui-se em um “processo que absorve trabalho não pago, que transforma os meios de produção em meios para sugar

60 O que pudemos atestar através dos quase dez anos em que acompanhamos de perto o trabalho do SindMusi como membro do conselho fiscal e atualmente como membro da diretoria. Dentre as principais reclamações dos músicos, que resultam muitas vezes em processos judiciais, estão a falta de reconhecimento de vínculo empregatício por parte dos contratantes e a falta de cumprimento a Lei Nº 3.857/1960, que dispõe sobre a regulamentação da profissão.

61 ZAN, José Roberto. Prefácio. In: REQUIÃO, Luciana. “*Eis aí a Lapa...*”: processos e relações de trabalho do músico nas casas de shows da Lapa. São Paulo: Annablume, 2010, p.13-21. p. 17.

62 No caso de músicos que atuam em gravações, por exemplo, há alguns estudos importantes que demonstram esse processo de precarização do trabalho do músico no contexto da indústria fonográfica, dentre os quais destacamos: VICENTE, Eduardo. *Música e disco no Brasil: a trajetória da indústria nas décadas de 80 e 90*. Tese (Doutorado no curso de Comunicações). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo: USP, 2002; e DIAS, Márcia Tosta. *Os donos da voz: indústria fonográfica e mundialização da cultura*. São Paulo: Boitempo, 2000. Sobre a questão da relação entre trabalho, economia e cultura no capitalismo, em específico sobre as novas relações de trabalho do músico no meio fonográfico, ver também: REQUIÃO, Luciana; RODRIGUES, José. Trabalho, economia e cultura no capitalismo: as novas relações de trabalho do músico no meio fonográfico. Revista Educação *Skepsis*, n. 2 – Formación Profesional. V. I. Contextos de la formación profesional. São Paulo: skepsis.org., 2011, p. 321-396.

63 “É produtivo aquele trabalho que valoriza diretamente o capital, o que produz mais-valia, ou seja, que se realiza – sem equivalente para o operário, para o executante – numa mais-valia, representada por um sobreproduto; isto é, que se realiza num incremento excedentário para o monopolista dos meios de trabalho, para o capitalista”. MARX, Karl. *Capítulo VI inédito de O Capital*, resultados do processo de produção imediata. São Paulo: Centauro, 2004, p. 109.

trabalho não pago”⁶⁴. Exemplo disso são as horas não pagas pela chamada passagem de som e pelas horas extras de trabalho, como nos informam os músicos.

Pela condição de trabalhador autônomo como característica predominante da grande maioria dos músicos consultados em nossas pesquisas, podemos dizer que instrumentos que estavam ao seu dispor em outros tempos enquanto trabalhadores assalariados, como o direito de greve, já não estariam mais. A última notícia que tivemos, por exemplo, sobre a greve de músicos foi em nota publicada na coluna de Ancelmo Gois do jornal *O Globo* de 3 de outubro de 2004. A nota dizia: “Tem bafafá na Lapa carioca. O Rio Scenarium, casa mais bonita do bairro boêmio, pôs na rua todos os músicos que compõem sua programação – uns 80. Mas propõe recontratá-los, pagando menos. Está a maior confusão. Um movimento dos artistas é articulado para ninguém aceitar tocar lá”⁶⁵. O caso, pesquisado em nossa tese de doutorado⁶⁶, indicou a fragilidade dos músicos na negociação com seus contratantes. A casa de shows em questão, de acordo com depoimentos que pudemos apurar de músicos lá atuantes na ocasião, pagava ao músico um percentual da bilheteria, pagamento conhecido como *couvert artístico*.

O problema que se configurou, na versão dos músicos, foi que os empresários entenderam que o valor pago aos músicos, nessa forma de combinação (por *couvert*), ficou muito elevado, e resolveram mudar o esquema passando a pagar valor fixo independente do número de público pagante. Além disso, os músicos que tinham um posto fixo de trabalho passaram a ter que alternar suas apresentações com outros grupos para não configurar o vínculo empregatício. É a chamada “quarentena”⁶⁷.

Porém, nem sempre foi assim. Em periódicos dos anos 1940, 1950 e 1960 podemos encontrar notícias que nos mostram que músicos viviam de forma assalariada não apenas através do contrato com gravadoras e rádios, mas também em boates, clubes e outros tipos de estabelecimento, e que dessa forma poderiam gozar do direito de greve. Os periódicos anunciaram: “Houve greve de músicos no Casablanca. Muita gente ficou sem danças nessas noites frias em que a ‘boite’ da Praia Vermelha se enche”⁶⁸; “Restaurantes, bares, cafés, cabarés, confeitarias etc., também fecharão as portas durante 48 horas. O Sindicato dos Músicos já resolveu, além disso, aderir à greve. Os músicos tampouco atuarão em emissoras de rádio e televisão”⁶⁹; “Em greve

64 Ibidem, p. 115.

65 GOIS, Ancelmo. Coluna do Ancelmo Gois. *O Globo*. Rio de Janeiro, 3 out. 2004. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com>>. Acesso em: 1 jan. 2016.

66 REQUIÃO, Luciana, op. cit., 2010.

67 Ibidem, p. 214.

68 *A Noite*. Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1949, p. 8. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

69 *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1959, p. 14. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

os músicos da ‘Boate Arcaica’, que pedem aumento de ordenado”⁷⁰; “Músicos farão greve, mas não ficarão em silêncio: tocarão em praça pública”⁷¹, só para citar alguns exemplos. É certo que o trabalho assalariado é subordinado ao capital, mas o que está em pauta é observar que as relações tendem a eximir o empregador da garantia de direitos trabalhistas, duramente conquistados, aos músicos contratados, e que novos mecanismos são encontrados para isso⁷².

Buscamos demonstrar em nossos estudos indícios de que aquele que está na ponta da cadeia produtiva da música – o músico – atua como força motriz na criação de valor, que é apropriado pelo “dono da voz”. Nesse contexto os dados promissores dos indicadores culturais, assim como as armadilhas do capital para extrair mais-valia, ofuscam nossa percepção sobre a real condição do músico como trabalhador subordinado ao capital.

Aparentemente equitativo, dando e recebendo – de “ganha-ganha”, como diriam nossos candidatos –, o contrato de compra e venda da força de trabalho revela-se uma trapaça. Uma vez concluído, o trabalhador é reduzido a “tempo de trabalho personificado”, uma “carcaça de tempo”, segundo Marx, que o empregador tem legalmente o direito de utilizar quanto quiser⁷³.

A informalidade encontrada nas relações de trabalho do músico – no contexto das casas de shows conforme as pesquisas relatadas – não nos parece casual, mas uma das estratégias do capital em busca de sua valorização.

Como um segmento da indústria criativa e seguindo a lógica da divisão do trabalho, a música sai, assim, da esfera do *reino da liberdade* e se estabelece no *reino*

70 *Revista do Rádio*. Rio de Janeiro, 2 de junho de 1953, p. 14. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

71 *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 de abril de 1960, p. 3. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

72 Um exemplo claro é a exigência de que o músico se apresente como pessoa jurídica, como um microempreendedor individual (MEI). Essa categoria destina-se a profissões não regulamentadas, o que não é o caso do músico. Essa questão vem sendo denunciada por músicos ao SindMusi e será alvo de uma investigação mais aprofundada.

73 BENSÂID, Daniel. *Marx, manual de instruções*. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 104-105.

da *necessidade*, perdendo a dimensão que lhe possibilitaria, enquanto arte, “afirmar a essência humana”⁷⁴.

Em uma era anterior, a arte era uma esfera além da mercantilização, na qual uma certa liberdade ainda era possível; no modernismo tardio, no ensaio de Adorno e Horkheimer sobre a indústria cultural, ainda havia zonas de arte isentas da mercantilização e da cultura comercial (para eles, essencialmente Hollywood). Por certo, o que caracteriza a pós-modernidade na área cultural é a supressão de tudo o que havia de exterior à cultura comercial⁷⁵.

De acordo com documentos que norteiam nossas políticas públicas culturais, tais políticas pretendem propiciar a “democratização do acesso à cultura”, a “promoção de diversidade cultural” e a “defesa e preservação da identidade de um povo”, ao mesmo tempo que estabelecem a cultura como um “fator de desenvolvimento econômico”⁷⁶. Atenta à contradição que possa existir em um projeto que conjugue cultura *desinteressada* e desenvolvimento econômico, Benhamou observa que, “dessa aliança, certamente antinatural, pode vir o melhor ou o pior, segundo se use a ciência econômica para dizer o que tem a dizer, e somente isso, ou então se comece a exigir da cultura que produza ‘resultados positivos’ para que mereça ser financiada”⁷⁷.

Assim, nos cabe, ao menos, compreender a forma como os interesses políticos governam os culturais “e ao fazer isso definem uma versão particular de humanidade”⁷⁸.

Neste trabalho tratamos de um tema que no campo dos estudos da música popular brasileira pode-se dizer ainda pouco estudado, a saber: as relações sociais de produção da música. Os estudos nessa temática encontram-se dispersos em diversas áreas do conhecimento, como a comunicação, a educação, a sociologia, a

74 MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012, p. 135. Mattos nos mostra na obra de Marx que o autor busca “demonstrar como, por meio da arte, o homem pode realizar-se/reconhecer-se plenamente em um objeto por ele produzido. Ou seja, na arte, o que Marx procura é justamente o potencial de (auto)realização humana que a divisão social do trabalho, engendrando a alienação, obstaculiza”. Segundo Vázquez “a criação artística e o gozo estético prefiguram, aos seus olhos [de Marx], a apropriação especificamente humana das coisas e da natureza humana que há de dominar na sociedade comunista, quando o homem passar do reino da necessidade para o da liberdade”. VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *As ideias estéticas de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 12. Não é nossa intenção neste trabalho discutir a dimensão estética da arte. Sobre isso, ver VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez, op. cit.

75 JAMESON, Fredric. *A virada cultural: reflexões sobre o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 216.

76 UNESCO, op. cit.

77 BENHAMOU, Françoise, op. cit., p. 183.

78 EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora da Unesp, 2005, p. 18.

geografia, a economia e a antropologia, entre outras⁷⁹. Por outro lado, dos estudos existentes, podemos também afirmar que trazem grandes contribuições para a nossa compreensão sobre o campo da música brasileira como um mercado de trabalho que vem se desenvolvendo de forma articulada ao modo de produção capitalista⁸⁰. Nesse sentido, observamos a importância do debate em torno da música popular no meio acadêmico, não somente enquanto um fenômeno musical/cultural em si, mas também como um bem cultural produzido em determinadas condições históricas, que acarretam determinados processos de produção e determinadas relações de trabalho às quais o músico é submetido.

SOBRE A AUTORA

LUCIANA REQUIÃO é doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Música e licenciada em Educação Artística pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio. Professora do Instituto de Educação de Angra dos Reis da Universidade Federal Fluminense – UFF e do Programa de Pós-graduação em Música da Unirio. E-mail: lucianarequião@id.uff.br

79 Apenas como algumas referências podemos citar: VARJÃO, Demétrio Rodrigues. Música e materialismo histórico. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E ENGELS, 7. *Anais...* Campinas, Unicamp, 2012. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/7348_Varjao_Demetrio.pdf>. Acesso em: 28 set. 2015; GALLETTA, Thiago Pires. Música popular brasileira no contexto das tecnologias digitais: a produção independente e a emergência de novas estratégias e representações sobre as identidades musicais. *Ciberlegenda*, Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, v. 2, n. 24, 2011, p. 77-87; CAMACHO, Rodrigo Simão. A produção do espaço e do território: as relações de trabalho subordinadas ao modo de produção capitalista. *Entre-lugar*, Revista do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, MS, ano 1, n. 1, 2010, p. 73-98; COLI, Juliana. *Vissi D'Arte por amor a uma profissão*: um estudo sobre a profissão do cantor no teatro lírico. São Paulo: Annablume, 2006; ARAÚJO, Pedro Quaresma de. Escolas de samba e relações de trabalho: entre a passarela e o barracão. In: EARP, Fábio Sá (Org.). *Pão e circo*: fronteiras e perspectivas da economia do entretenimento. Rio de Janeiro: Palavra e Imagem, 2002, p. 165-207; VICENTE, Eduardo. *Música e disco no Brasil*: a trajetória da indústria nas décadas de 80 e 90. Tese (Doutorado no curso de Comunicações). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo: USP, 2002; e MORELLI, Rita de Cássia Lahoz. *Indústria fonográfica*: relações sociais de produção e concepções acerca do trabalho artístico. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1998.

80 Dentre outros ver: SEGNINI, L. R. P. Vivências heterogêneas do trabalho precário: homens e mulheres, profissionais da música e da dança, Paris e São Paulo. In: GUIMARÃES, Nadya; HIRATA, Helena; SUGITA, Kurumi (Org.). *Trabalho flexível, empregos precários?* Uma comparação Brasil, França e Japão. São Paulo: Edusp, 2010, p. 100-110.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Pedro Quaresma de. Escolas de samba e relações de trabalho: entre a passarela e o barracão. In: EARP, Fábio Sá (Org.). *Pão e circo: fronteiras e perspectivas da economia do entretenimento*. Rio de Janeiro: Palavra e Imagem, 2002, p. 165-207.
- BENHAMOU, Françoise. *A economia da cultura*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- BENSAÏD, Daniel. *Marx, manual de instruções*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento. O BNDES e a economia da cultura. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/cultura/>. Acesso em: 4 nov. 2015.
- BRASIL. Presidência da República. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n. 3.857, de 22 de dezembro de 1960. Cria a Ordem dos Músicos do Brasil e dispõe sobre a regulamentação do exercício da profissão de músico e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L3857.htm. Acesso em: 4 nov. 2015.
- CAMACHO, Rodrigo Simão. A produção do espaço e do território: as relações de trabalho subordinadas ao modo de produção capitalista. *Entre-lugar*, Revista do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, MS, ano I, n. I, 2010, p. 73-98.
- COLL, Juliana. *Vissi D'Arte por amor a uma profissão: um estudo sobre a profissão do cantor no teatro lírico*. São Paulo: Annablume, 2006.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil: ensaio sobre ideias e formas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CRIBARI, Isabela. Introdução. In: ____ (Org.). *Economia da cultura*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2009, p. II-15.
- DIAS, Márcia Tosta. *Os donos da voz: indústria fonográfica e mundialização da cultura*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- EARP, Fábio Sá (Org.). *Pão e circo: fronteiras e perspectivas da economia do entretenimento*. Rio de Janeiro: Palavra e Imagem, 2002.
- ELIAS, Norbert. *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- FIRJAN. Mapeamento da indústria criativa no Brasil. 2014. Disponível em: <<http://publicacoes.firjan.org.br/economiacriativa/mapeamento2014/#/4>>. Acesso em: 19 nov. 2015.
- FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. São Paulo: Círculo do Livro, s. d.
- GALLETTA, Thiago Pires. Música popular brasileira no contexto das tecnologias digitais: a produção independente e a emergência de novas estratégias e representações sobre as identidades musicais. *Ciberlegenda*, Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, v. 2, n. 24, 2011, p. 77-87.
- GOIS, Ancelmo. Coluna do Ancelmo Gois. *O Globo*. Rio de Janeiro, 3 out. 2004. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com>>. Acesso em: 1 jan. 2016.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Sistema de informações e indicadores culturais 2003*. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.
- _____. *Sistema de informações e indicadores culturais 2007-2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 2000.
- _____. *A virada cultural: reflexões sobre o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

- LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARX, Karl. Enquête Ouvrière. *Revue Socialiste*, n. 4, 20 avril 1880.
- _____. *O capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s.d.
- _____. Para a crítica da economia política. In: GIANNOTTI, José Arthur (Org.) *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.101-257.
- _____. *O capital*. V. I. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. *Capítulo VI inédito de O Capital, resultados do processo de produção imediata*. São Paulo: Centauro, 2004.
- _____. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- _____. Trabalho alienado, propriedade privada e comunismo. In: NETTO, José Paulo (Org.). *O leitor de Marx*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 91-121.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.
- MORELLI, Rita de Cássia Lahoz. *Indústria fonográfica: relações sociais de produção e concepções acerca do trabalho artístico*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- NOSELLA, Paolo. *A escola de Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.
- ORTIZ, Renato. Prefácio. In: DIAS, Márcia Tosta. *Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- PLANO MUNICIPAL DE CULTURA. Cidade do Rio de Janeiro. Mapeamento dos equipamentos culturais da cidade. Disponível em: <<https://planomunicipaldeculturario.wordpress.com/mapeamento-dos-equipamentos-culturais-da-cidade>>. Acesso em: 16 out. 2015.
- REIS, Ronaldo Rosas; REQUIÃO, Luciana. Trabalho, arte e educação: contribuição crítica ao estudo da arte e do seu ensino no Brasil. In: VENTURA, Jaqueline; RUMMERT, Sonia Maria (Org.). *Trabalho e educação – análises críticas sobre a escola básica*. Campinas: Mercado de Letras, 2015, p. 125-144.
- REQUIÃO, Luciana. *Saberes e competências no âmbito das escolas de música alternativas: a atividade docente do músico-professor na formação profissional do músico*. Rio de Janeiro: Booklink, 2002.
- _____. *“Eis aí a Lapa...”*: processos e relações de trabalho do músico nas casas de shows da Lapa. São Paulo: Annablume, 2010.
- REQUIÃO, Luciana; RODRIGUES, José. Trabalho, economia e cultura no capitalismo: as novas relações de trabalho do músico no meio fonográfico. *Revista Educação Skepsis*, n. 2 – Formação Profissional. V. I. Contextos de la formación profesional. São Paulo: skepsis.org., 2011, pp. 321-396.
- SEGNINI, L. R. P. Vivências heterogêneas do trabalho precário: homens e mulheres, profissionais da música e da dança, Paris e São Paulo. In: GUIMARÃES, Nadya; HIRATA, Helena; SUGITA, Kurumi (Org.). *Trabalho flexível, empregos precários? Uma comparação Brasil, França e Japão*. São Paulo: Edusp, 2010, p.100-110.
- SILVA, Shirley Carmem da et al. A escola desinteressada e outros conceitos gramscianos: estabelecendo bases ético-políticas para uma educação profissional emancipadora. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA – SENEPT, 4. *Anais...* Belo Horizonte, Cefet-MG, 2012. Disponível em: <http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Anais_2012/GT-03/GT03-028.pdf>. Acesso em: 28 out. 2015.
- UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. *Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura*. Brasília: Unesco Brasil, 2003.
- VARJÃO, Demétrio Rodrigues. Música e materialismo histórico. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL

- MARX E ENGELS, 7. *Anais...* Campinas, Unicamp, 2012. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/7348_Varjao_Demetrio.pdf>. Acesso em: 28 set. 2015.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *As ideias estéticas de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- VICENTE, Eduardo. *Música e disco no Brasil: a trajetória da indústria nas décadas de 80 e 90*. Tese (Doutorado no curso de Comunicações). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo: USP, 2002.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- _____. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- ZAN, José Roberto. Prefácio. In: REQUIÃO, Luciana. *"Eis aí a Lapa...": processos e relações de trabalho do músico nas casas de shows da Lapa*. São Paulo: Annablume, 2010, p.13-21.

Estado e empresariado nacionais na condução da política externa brasileira para a África no governo Lula

[*National private sector and state in the conduction of the Brazilian foreign policy for Africa during the Lula years*]

Gustavo Miranda Puerari¹

RESUMO • O artigo analisa interações entre membros do empresariado e o governo brasileiro durante o governo Lula, de 2003 a 2010, no âmbito das políticas públicas domésticas e externa nacionais que teriam fomentado as relações com países africanos com vistas a ganhos instrumentais. Defende-se que tanto atores privados quanto estatais, por convergências e/ou associações de interesses, teriam obtido vantagens ao trabalhar sincronicamente. Enquanto o setor privado lograria diminuir seus custos políticos e financeiros com investimentos no exterior, o governo brasileiro, paralelamente, poderia utilizar-se desses investimentos privados como meio de expandir sua influência internacional e lograr seus objetivos. Nesse contexto, foram analisados três casos de empresas brasileiras que realizaram investimentos na África no período indicado. • **PALAVRAS-CHAVE** • *Lobbying*; empresariado; política externa brasileira; África; Lula. • **ABSTRACT** • The ar-

ticle analyses interactions between members of the Brazilian private sector and the Brazilian state apparatus during Luiz Inácio Lula da Silva's two terms as president, from 2003 to 2010, within the domestic and foreign public policies' framework, which would have fomented relations with African countries pursuing instrumental gains. The article supports the thesis that actors from both private and governmental sectors achieves advantages as they comprehend synchronic actions. While the private sector succeeds in minimizing its operational and political costs in its external investments, the Brazilian government, in parallel, uses such private investments as a means of expanding its international influence and achieve its objectives. In light of this, three cases of Brazilian companies that invested in Africa during the investigated period, are analyzed. • **KEYWORDS** • *Lobbying*; private sector; Brazilian foreign policy; Africa; Lula.

Recebido em 10 de maio de 2016

Aprovado em 13 de julho de 2016

PUERARI, Gustavo Miranda. Estado e empresariado nacionais na condução da política externa brasileira para a África no governo Lula. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 64, p. 275-295, ago. 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p275-295>

1 Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, Brasil).

INTRODUÇÃO

A teoria liberal para análise de política externa tem como premissa fundamental a interdependência entre Estados e atores sociais privados que compõem as sociedades doméstica e transnacional (esta formada por atores privados envolvidos em ações que impactam outro(s) país(es) além daquele de origem). Esses atores privados influenciariam o comportamento estatal no plano internacional, tendo papel importante na definição das preferências dos Estados, pois “todo o governo representa alguns indivíduos mais que outros”².

As preferências e os comportamentos dos Estados seriam influenciados tanto por grupos domésticos mais preponderantes quanto pelas condições de interdependência existentes entre os diferentes países que compõem o sistema internacional. Na concepção liberal de política doméstica, o Estado não é ator monolítico, mas sim instituição representativa constantemente sujeita a modificações advindas de barganhas entre coalizões de atores sociais domésticos e transnacionais. A representatividade não apenas seria atributo de instituições que formam o Estado, mas também incluiria outras características do processo político, formais e/ou informais, que privilegiam interesses sociais particulares. Logo, pressões sociais transmitidas por indivíduos, grupos, instituições representativas e por práticas constituiriam sorte de transmissor pelo qual o poder e as preferências de um ou mais grupos se traduziriam em políticas de Estado, alterando as preferências estatais.

A abordagem supracitada, portanto, aponta para a centralidade dos grupos das sociedades doméstica e transnacional na formulação da política externa, sendo corroborada por Risse-Kappen³. Esse autor defende que: as relações transnacionais permeiam a política mundial; atores e coalizões transnacionais conscientemente buscam influenciar políticas, especialmente a política externa do Estado; as estruturas domésticas podem determinar a existência de canais de entrada para

2 MORAVCSIK, Andrew. Taking preferences seriously: a liberal theory of international politics. *International Organization*, 51, 4, Outono, 1997 (tradução nossa).

3 RISSE-KAPPEN, Thomas. *Bringing transnational relations back in: non-state actors, domestic structures, international institutions*. Cambridge: Cambridge University, 1995.

atores transnacionais (ou sociedade transnacional) em seu sistema político e prover os requisitos para as *coalizões campeãs/players* (grupos de maior poder) em influenciar/mudar políticas.

As estruturas domésticas, em resumo, determinariam a possibilidade de canais de comunicação entre a política doméstica e a sociedade transnacional, permitindo que grupos de maior poder mudassem os rumos de políticas a seu favor. Ressalta-se que a influência de grupos domésticos sobre o Estado na condução de políticas não seria determinante, como defendido na abordagem de Moravcsik⁴, sendo complementada pela abordagem de Risse-Kappen⁵ e, dessa maneira, reservando-se espaço de concertação política dentro do próprio governo, que pode ser mais ou menos permeável às interferências desses grupos domésticos ou transnacionais.

Especificamente no caso brasileiro, as interações entre grandes empresas e Estado não é nova, remontando ao governo Vargas, durante o qual foram criadas as federações industriais estaduais, por exemplo. Durante o regime militar, houve forte favorecimento por parte dos governos em prol de parte do empresariado doméstico em seus projetos de internacionalização, como a internacionalização de grandes construtoras civis brasileiras para a África⁶.

Aplicando-se o arcabouço teórico apresentado ao contexto brasileiro de 2003 a 2010, analisa-se a interação entre o Estado e os grupos domésticos pertencentes ao empresariado nacional que também são membros da sociedade transnacional, à condição de que detenham operações tanto no Brasil quanto na África. O Estado brasileiro é considerado ator ativo, participante das negociações com os grupos domésticos e portador de interesses próprios, assim como o empresariado e os Estados receptores dos investimentos diretos por parte das empresas analisadas.

Os atores empresariais analisados nos estudos de caso, por sua vez, buscam influenciar políticas em seu proveito, articulando-se pelas esferas de poder estatal por meio de: participação direta em fóruns de debate e decisão; *lobbying*; participação acionária; linhas de financiamento etc. Dessarte, por meio de sua influência e de seu peso político-econômico no plano doméstico, esses poderosos atores privados fazem valer seus próprios interesses, por vezes aliando-se ao governo.

RELAÇÃO GOVERNO-EMPRESARIADO NO BRASIL

O governo brasileiro porta consigo demandas de grupos domésticos ao projetar-se no cenário internacional por meio de sua política externa e desempenha função central como indutor da ação coletiva⁷, havendo influenciado historicamente o próprio

4 MORAVCSIK, Andrew, op. cit.

5 RISSE-KAPPEN, Thomas, op. cit.

6 CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. Empresários, ditaduras e política externa brasileira. *Continentes*, Seropédica, ano 3, n. 4, 2014.

7 BOSCHI, Renato; DINIZ, Eli; SANTOS, Fabiano. *Elites políticas e econômicas no Brasil contemporâneo: a desconstrução da ordem corporativa e o papel do legislativo no cenário pós-reforma*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2000.

padrão de atuação do empresariado e a estrutura de representação de seus interesses, com acesso direto ao aparelho burocrático estatal, com momentos de maior e de menor interação, dependendo do governo em questão⁸. A partir da redemocratização, porém, a prática de *lobbying* empresarial no governo começou a ter papel central na defesa dos interesses de atores econômicos privados.

Há, também, outros meios pelos quais o governo e atores empresariais podem sobrepor seus interesses. Lazzarini⁹ expõe a composição acionária de diversas empresas privadas nacionais e a participação de entidades estatais nas mesmas, o que fomentaria a concertação de interesses convergentes e de associações. Dessa maneira, forma-se complexa rede de interesses, que se entrelaça e impacta na formulação de políticas públicas domésticas (econômica, industrial e comercial – estas últimas com aspectos também internacionais) e da política externa brasileira (PEB).

O processo histórico de incorporação dos atores do empresariado à política nacional durante a República ocorreu de modo corporativista¹⁰, iniciado na Era Vargas, num contexto de Estado centralizador, em que se consagraram a subordinação dos grupos de interesse e o princípio da tutela do Estado, integrados numa estrutura hierarquizada que se estendeu até o fim do regime militar. Desde a redemocratização brasileira, no entanto, a relação empresariado-Estado sofreu mudanças.

A partir de 1985, o setor produtivo começou a empreender atuação política mais ativa por meio de suas lideranças ou entidades de cúpula. Estreitaram-se vínculos empresariais com segmentos do Estado, havendo diversos empresários ocupado posições da hierarquia estatal, tenha sido em cargos eletivos ou por indicação política. E, destaca-se, no contexto de negociações da Área de Livre Comércio da Américas (Alca), na década de 1990, foi criada a Coalizão Empresarial Brasileira (CEB)¹¹, que se tornou relevante fórum representativo dos interesses empresariais, buscando influenciar o governo em direção à concretização de seus objetivos.

De fato, não somente se verifica o governo ser pressionado por interesses de

8 Para outros detalhes sobre a interação entre governo brasileiro e empresariado a partir do regime militar brasileiro (de 1964 a 1985), ver: CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. *Estranhas catedrais*: as empreiteiras brasileiras e a ditadura civil-militar, 1964-1988. Niterói: UFF, 2014.

9 LAZZARINI, Sérgio G. *Capitalismo de laços*: os donos do Brasil e suas conexões. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

10 BOSCHI, Renato; DINIZ, Eli; SANTOS, Fabiano, op. cit.

11 No ano de 1996, o empresariado nacional, galgando mais acesso aos fóruns de discussão e decisórios, mobilizou-se e criou a CEB com a finalidade de: liderar, formular e coordenar o processo e as estratégias de influência do setor empresarial brasileiro nos processos de negociação internacional; capacitar os representantes empresariais; apresentar ao governo posições e recomendações empresariais; representar o empresariado em fóruns empresariais. A CEB foi organizada para receber e coordenar demandas de distintos setores produtivos a fim de influenciar a dinâmica da integração internacional econômica do país. Inicialmente, preocupava-se com as negociações para a Alca, buscando obter mais informação e engajamento em suas conferências, até então limitadas ao nível governamental. Os Fóruns Econômicos das Américas institucionalizaram a participação do empresariado nas negociações da Alca, levando a maior articulação entre as esferas privada e governamental. Atualmente, consolidou-se como canal de interlocução com o governo em negociações internacionais. OLIVEIRA, Amâncio Jorge de; PFEIFER, Alberto. O empresariado e a política exterior do Brasil. In: LESSA, A. C.; OLIVEIRA, H. A. de (Org.). *Relações internacionais do Brasil: temas e agendas*. v. 2. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 392.

poderosas coalizões empresariais e promover os interesses destas, mas também grandes empresas sendo utilizadas instrumentalmente pelo Estado em seus objetivos político-econômicos, como numa escolha de *coalizões campeãs/players*. No governo Lula, os fóruns empresariais perderam relevância, tendo sido dado maior destaque às *players*¹². Notam-se, portanto, diversas maneiras de articulação público-privado: desde esforços de associações empresariais em diálogo com o setor público até participações acionárias e laços clientelistas. O governo pode, nesse âmbito, buscar influenciar diretamente escolhas privadas por meio de seus parâmetros de regulação e ações de proteção seletiva àquelas coalizões de atores produtivos mais influentes.

No período de 1990 a 2002, diversas empresas estatais foram privatizadas e optou-se pela venda de controle em bloco. Nesse processo, fundos de pensão de estatais e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, por meio da criação de consórcios com empresas privadas, tornaram-se donos de parte dessas firmas, evidenciando-se associação de interesses entre atores privados e o Estado por meio de participações acionárias, de financiamentos por parte de entidades governamentais e de concessões do governo (serviços, estradas, etc.) ao setor privado.

A participação acionária de atores privados nacionais, de capital privado ou público, em companhias previamente privatizadas¹³, ter-se-ia intensificado no governo Lula, como no caso da Vale, da qual um grande número de ações foi adquirido pelo BNDES e por fundos de pensão de estatais, que se mantiveram no grupo controlador. Assim, o governo brasileiro até mesmo aumentou seu poder decisório dentro da estrutura de algumas companhias privadas.

No governo Lula, verificou-se aumento considerável do número de empresas brasileiras que abriram seu capital na bolsa de valores. Tal movimento reforçou diversos elementos característicos da associação governo-empresariado, havendo muitas empresas conquistado apoio político-financeiro e, até mesmo, participação acionária por parte do governo, no que possibilitaria maior interferência governamental, um modo pelo qual o empresariado tornar-se-ia parceiro e/ou instrumento daquele para seus fins:

A irradiação da presença do governo na teia societária das empresas brasileiras suscita uma série de questionamentos. Embora as participações do BNDES e dos fundos de pensão de estatais sejam minoritárias, estes são atores que agem em uníssono e em associação com outros donos alinhados às iniciativas do governo. Dessa forma, possibilitam que o braço estatal interfira nas dinâmicas internas do setor privado [e vice-versa]. [...] Cultivando laços com o sistema político, e especialmente com a coalizão vigente, os grupos empresariais podem contrabalançar o poder de influência do governo e [...] ter acesso a oportunidades e recursos diferenciados¹⁴.

12 PUERARI, Gustavo M. *Empresariado e política externa brasileira para a África: convergências e associações no governo Lula*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Relações Internacionais – IRI da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2012.

13 LAZZARINI, Sérgio G., op. cit.

14 Ibidem, p. II2-II3.

POLÍTICAS PÚBLICAS E INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS

Por intermédio de suas políticas externa, das políticas comercial e industrial (estas duas nos planos doméstico e internacional) e econômica (no âmbito nacional), o Estado tanto representa interesses de grupos domésticos quanto procura concretizar seus próprios. Tais políticas públicas¹⁵ são conjuntos articulados e estruturados de ações e incentivos que buscam alterar uma realidade em resposta a demandas e interesses dos atores envolvidos. É necessária uma relação cada vez mais sinérgica entre a política externa e as outras políticas públicas domésticas a fim de aperfeiçoar o padrão de inserção internacional do Brasil¹⁶.

No governo Lula, o desenvolvimento industrial ganhou proeminência, tendo sido criadas e implementadas duas políticas de abrangência nacional. A Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior de 2008 foi mais abrangente que sua correlata de 2003 e incluiu sete programas de financiamento do BNDES destinados a setores produtivos nacionais de destaque (aeronáutica; petróleo, gás natural e petroquímica; bioetanol; mineração; aço; papel e celulose; carnes)¹⁷.

Nesse contexto de associações e convergências entre os setores público e privado e promoção de políticas públicas uníssonas a fim de lograr o atendimento de interesses de membros do empresariado e do governo em questão, deve-se entender a ligação governo-empresariado e também a motivação por parte do setor privado em internacionalizar-se.

Há custos de internacionalização que envolvem gastos com o próprio estabelecimento da companhia no exterior, custos de adquirir informação sobre o novo país, flutuação cambial, possível discriminação contra empresas estrangeiras praticadas por governos, etc. É nesse âmbito de riscos que as políticas públicas do governo podem auxiliar o processo de internacionalização da firma. E, no caso do Brasil, verifica-se que, historicamente, o Estado vem apoiando certos grupos empresariais privados nesse âmbito¹⁸.

As políticas públicas citadas são planos do governo para alocar recursos com o fim de atingir objetivos econômicos e políticos nacionais de longo prazo, como crescimento e competitividade internacional. Tais políticas podem afetar certas empresas mais que outras ao fazer com que essas firmas desviem-se de seus critérios

15 De acordo com Pinheiro e Milani, a política externa é uma política pública e tem desenvolvido relação cada vez mais estreita com as demais. Englobando outros atores e passando a defender interesses setoriais, a agenda externa nacional tornou-se mais complexa a partir da década de 1990 com o aprofundamento dos impactos da globalização no país e das reformas neoliberais. PINHEIRO, Leticia; MILANI, Carlos R. S. (Org.). *Política externa brasileira: as práticas da política e a política das práticas*. Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 334-335.

16 ARDISSONE, Carlos Maurício Pires e Albuquerque. *Ideias, instituições e lideranças na política externa brasileira de propriedade intelectual: uma abordagem comparada dos governos Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva (1995-2010)*. Tese (Doutorado). Instituto de Relações Internacionais – IRI, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2011.

17 PERES, Wilson; PRIMI, Annalisa. *Theory and practice of industrial policy: evidence from the Latin American experience*. CEPAL, Serie Desarrollo Productivo, Santiago do Chile, 187, n. 1, p. 1-51, FEB. 2008.

18 CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. *Empresários, ditaduras e...*, op. cit.

estratégicos preestabelecidos em função de diretrizes ou incentivos governamentais, que podem diminuir custos políticos e financeiros. Em paralelo, poderosos grupos empresariais também pressionam o Estado para dividir tais custos e obter apoio em suas empreitadas internacionais.

No âmbito internacional, em que se verifica competitividade acirrada por conta do fenômeno da globalização, fazem-se necessárias tanto uma diplomacia comercial ativa que integre o governo e o setor privado quanto a aplicação de políticas públicas compatíveis com os fins almejados pelo Estado e pela parcela do empresariado que visa a atingir. Sendo assim, “a busca de crescimento sustentável e de redução de vulnerabilidade do governo brasileiro diante dos investimentos externos depende de ações conjuntas, o que inclui incentivar a internacionalização de empresas brasileiras (além das tradicionais políticas de promoção de exportação)”¹⁹.

A importância da internacionalização de empresas para o aumento do prestígio internacional dos países e para a redução da vulnerabilidade externa das próprias firmas justificaria a atuação proativa do setor público no apoio a investimentos no exterior. No caso do Brasil, seu objetivo, nesse âmbito,

[...] consiste em formar empresas fortes para competir em escala global, com apoio logístico do Estado e financeiro de instituições nacionais, como o BNDES. Sendo o Brasil um país de internacionalização econômica incipiente, sua política exterior tem longo caminho a percorrer antes de atingir a densidade dos países avançados, cujas multinacionais cooptam o respectivo governo, o qual entra em coalizões que exercem pressão sobre decisões [...] e alcançam, ao termo, regras internas e intergovernamentais a seu favor²⁰.

Defende-se que o governo federal, durante o governo de Lula, assumiu que a internacionalização de empresas brasileiras permitiria ao país ocupar espaços de maior destaque no cenário mundial, como elemento de projeção internacional e de formação da imagem nacional, constituindo um instrumento da própria política externa. O empresariado, por sua vez, ao buscar oportunidades de negócio além-fronteiras não o faz somente motivado por apoio governamental, mas, principalmente, para obter maiores lucros, diversificar suas operações e minimizar seus riscos de entrada em novos contextos. Com o apoio do governo, os riscos e custos podem ser diminuídos sensivelmente e as novas operações no exterior, facilitadas.

Apesar de haver companhias brasileiras já em avançado nível de internacionalização, a maior parte segue ainda tímida nesse âmbito. O processo de internacionalização de empresas brasileiras ocorre, *a priori*, de maneira autônoma por parte das empresas, mas percebem-se interesse e apoio do governo federal a

19 GUEDES, Ana Lúcia. Internacionalização de empresas como política de desenvolvimento: uma abordagem de diplomacia triangular. *RAP*, Rio de Janeiro, 40(3), mai.-jun. 2006, p. 335-356. p. 347.

20 CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. 3. ed. ampl. Brasília: UnB, 2008, p. 509.

diversas iniciativas (por exemplo, por meio da abertura de linhas de crédito do BNDES) e de apoio logístico e de inteligência de parte do Ministério das Relações Exteriores – MRE (por exemplo, o estabelecimento de embaixada na Guiné²¹ após decisão da Vale de realizar vultosos negócios de exploração de minas de ferro).

Somente no período de 2003 a 2006, primeiro mandato de Lula, foram realizadas 250 missões comerciais para 60 países, alcançando uma média de aproximadamente cinco viagens por mês. Desses países, nove eram africanos, a saber: África do Sul, Angola, Argélia, Camarões, Egito, Líbia, Moçambique, Namíbia e Nigéria²². Nesse esforço de fomentar a internacionalização de empresas nacionais com políticas e iniciativas públicas, por exemplo, o governo brasileiro, por meio da Receita Federal e dos Correios, ampliou o limite de exportações por remessa postal, criou programas de financiamento específicos pelo BNDES e abriu novas representações diplomáticas²³.

São perceptíveis, portanto, indícios de convergências e de associações de interesses entre o governo e determinados atores do empresariado²⁴. Nota-se uma estratégia deliberada do próprio Estado em desenvolver certos setores, muitas vezes até mesmo escolhendo *players*, incluindo a promoção internacional destes como forma de obter ganhos políticos em seus pleitos externos.

A POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA PARA A ÁFRICA NO GOVERNO LULA

Os anos Lula configuraram de maneira mais clara e direta as metas de inserção internacional do Brasil. Foi um período em que as políticas públicas foram combinadas de maneira a convergir e promover as mudanças propostas pelo governo, mobilizando parte do setor privado nacional na empreitada.

Repetidas vezes o ex-presidente Lula exortou o empresariado a unir-se ao governo

21 A companhia Vale se instalou oficialmente na Guiné em dezembro de 2005. A embaixada brasileira na capital do país, Conacri, foi estabelecida poucos meses depois, conforme os decretos presidenciais n. 5.770 de 8 de maio de 2006 e n. 6.422 de 2 de abril de 2008.

22 PASSOS, Ieda; GALVÃO, Fábio (Org.). Relatório de prestação de contas do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior 2003-2006: Indústria e comércio exterior: caminhos para o desenvolvimento. [Brasília]: [s.n.] [2007?].

23 Durante o governo Lula, foram estabelecidas no mundo 41 novas embaixadas, sendo 17 em países africanos, a saber: Benin, Botsuana, Burkina Faso, Camarões, Congo, Etiópia, Guiné (cumulativa com a embaixada do Brasil de Serra Leoa), Guiné Equatorial, Mali, Mauritânia, Nigéria, República Democrática do Congo, São Tomé e Príncipe, Sudão, Tanzânia, Togo e Zâmbia.

24 É relevante expor que a Política (industrial) de Desenvolvimento Produtivo, de 2008, tinha metas expressamente relativas à África, ilustrando claramente a importância adquirida pelo continente para o governo brasileiro e os incentivos dados ao empresariado, tais como: ampliar o número de países e a qualidade da pauta exportadora para a África; aumentar o investimento brasileiro na África; conceder apoio financeiro a três projetos de investimento direto estrangeiro do Brasil na África até 2010. Ver: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Programa Integração com a África. [s.l.], jun. 2010. Disponível em: <http://www.pdp.gov.br/Relatorios%20de%20Programas/AfricaI_com.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2012.

na busca da diversificação comercial e a aproveitar mercados consumidores ainda pouco explorados e ansiosos por receber investimentos, demonstrando o empenho de seu governo em angariar apoio em outras partes do mundo aos pleitos do Estado brasileiro, mas também em utilizar a política externa como ponta de lança para o desenvolvimento do empresariado doméstico e a promoção de seu crescimento internacional. Nesse sentido, é importante ressaltar que, enquanto no governo Cardoso os investimentos brasileiros no exterior eram baixos, a partir do ano de 2004 começaram a crescer de forma acelerada: de US\$ 10 bilhões naquele ano para US\$ 20 bilhões em 2008²⁵, demonstrando a inclinação do empresariado doméstico a investir no exterior no contexto de incentivo promovido pelo governo analisado.

Das 38 maiores empresas brasileiras internacionalizadas elencadas pela Fundação Dom Cabral – FDC, 12 tinham subsidiárias na África (dentre as quais, as três alvo de estudo neste artigo). Segundo a entidade, as firmas transnacionais aproveitaram-se do momento propício para sua internacionalização na África por meio dos incentivos do governo e oportunidades crescentes²⁶. Ou seja, do ponto de vista empresarial, investir no continente africano foi considerado mais seguro pelo apoio governamental e de suas políticas públicas, demonstrando a convergência e/ou associação de interesses de ao menos parte do empresariado e do governo na política externa de Lula, tendo em vista também as associações público-privadas analisadas em seção anterior.

O país demonstrou claramente seu interesse em assumir papel de maior destaque na governança global, ambição esta amplamente associada ao desejo de fomentar um arranjo mundial mais multipolar²⁷. Nesse contexto, a agenda externa brasileira de 2003 a 2010 deu maior enfoque à integração com parceiros do Sul, tendo o país forjado novas alianças e aprofundado antigas, de que são exemplo: Fórum Ibas (Índia, Brasil e África do Sul); aproximação com Liga Árabe e União Africana; promoção das Cúpulas América do Sul-Países Árabes; criação do G20 etc.

O aumento das relações bilaterais e multilaterais Sul-Sul pelo Brasil buscava promover a diminuição de assimetrias em instituições internacionais, procurando, em paralelo, aumentar a influência e o poder decisório do país no cenário internacional.

Vale ressaltar que os laços da política externa brasileira (PEB) com a África não são novos, tendo-se destacado, na primeira metade dos anos 1960, com a Política Externa Independente, por meio da qual o Brasil começou a desempenhar uma ambiciosa aproximação com objetivos político-comerciais²⁸. Na década de 1970, no governo Geisel, restabeleceu-se na PEB o foco na África: os Estados recém-fundados ou em vias de se independer foram vistos como potenciais parceiros políticos na contestação

25 FDC – Fundação Dom Cabral. Ranking das transnacionais brasileiras 2010: repensando as estratégias globais. Fundação Dom Cabral, Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.fdc.org.br/professoresepesquisa/publicacoes/Paginas/publicacao-detalle.aspx?publicacao=18123>>. Acesso em: 10 maio 2012.

26 Ibidem.

27 ABDENUR, Adriana Erthal; SOUZA NETO, Daniel Marcondes de. Brazil and African security. *CMI Reports*, Bergen (Noruega), R, n. 4, 2014, p. 50.

28 CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. 3. ed. ampl. Brasília: UnB, 2008.

das assimetrias Norte-Sul empreendida pelo Brasil em fóruns multilaterais. Nesse âmbito, o país passou a apoiar a independência negociada dos povos daquele continente, pressionando as metrópoles pelo mesmo reconhecimento. A aproximação Brasil-África transformou o país em parceiro político importante do continente, bem como comercial, tendo-se tornado nova fonte de suprimento de bens e serviços para os Estados africanos²⁹.

Os governos dos anos 1980 e 1990 não foram marcados por incremento substantivo nas relações afro-brasileiras. Decerto o comércio continuou crescendo paulatinamente e coalizões multilaterais foram realizadas, como nas rodadas de negociações do Acordo Geral de Tarifas e Comércio – GATT³⁰/Organização Mundial do Comércio (OMC). Foi no governo Lula, porém, que houve a retomada do foco no continente africano, inovando-se claramente ao incorporar a projetos concretos de cooperação e de investimentos entre o Brasil e a África o desenvolvimento aliado ao combate à fome, discurso com forte apelo no continente³¹, além de se intensificarem as trocas comerciais³². Para ilustrar o crescimento da importância das parcerias Sul-Sul no período estudado, de 2005 a 2009 o volume destinado pelo Estado brasileiro especificamente à cooperação para o desenvolvimento passou de R\$ 384,2 milhões para cerca de R\$ 724 milhões ao ano³³.

O ex-presidente fez sua primeira visita a Estados africanos já em seu primeiro ano de mandato, em 2003, levando comitiva a Angola, África do Sul, Moçambique, Namíbia e São Tomé e Príncipe. No ano seguinte, foi promovido, no Cairo, o Seminário Empresarial Brasil-Egito, com vistas ao aumento do comércio bilateral.

Em 2006, foi realizada a Cúpula América do Sul-África, ressaltando os esforços do governo na aproximação entre as duas regiões e tratando de diversas áreas, tais como cooperação multilateral; comércio e investimento; e desenvolvimento de infraestrutura³⁴. A formação dessa Cúpula remonta a dois fatos: à realização, em 2003, em Fortaleza, do Fórum Brasil-África (que objetivava reunir informações para avaliar e atualizar a PEB para a África) e à visita de Estado do presidente Lula à Nigéria,

29 Até os dias atuais, o Brasil é o único país na América do Sul ou Latina em que muitos países africanos têm representação diplomática. ABDENUR, Adriana Erthal; SOUZA NETO, Daniel Marcondes de, op. cit., p. 54.

30 GATT: sigla, em inglês, de General Agreement on Tariffs and Trade.

31 Felipe Dutra de Carvalho Heimbürger. Entrevista concedida por e-mail em 6 de junho de 2012.

32 Para detalhes sobre o aumento das trocas comerciais entre Brasil e África, ver: PUERARI, Gustavo M., op. cit.

33 IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Cooperação brasileira para o desenvolvimento internacional: 2005-2009*. Brasília: Ipea, Agência Brasileira de Cooperação – ABC, 2010.

34 MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Abertura da I Reunião de Altos Funcionários do Mecanismo América do Sul-África. Brasília, 10 de junho de 2008. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/2008/06/09/abertura-da-i-reuniao-de-altos-funcionarios-do>>. Acesso em: 18 maio 2012; MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Cúpula América do Sul-África – ASA. Abuja, 30 nov. 2006. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/temas/mecanismos-inter-regionais/cupula-america-do-sul-2013-africa-asa/>>. Acesso em: 20 jul. 2011. Idem, Fórum Brasil-África. Fortaleza, 20 mai. 2003b. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/2003/05/20/forum-brasil-africa/>> Acesso em: 19 mai. 2012.

em abril de 2005, em que foi manifestado pelo homólogo nigeriano o interesse de aproximação dos países africanos com o Brasil.

De fato, de acordo com o MRE, durante seus mandatos, foram realizadas por Lula 33 viagens ao continente africano, a 23 países (em muitos casos, tratou-se da primeira visita de um chefe de Estado brasileiro ao local). No sentido oposto, o Brasil recebeu 47 chefes de Estado e de governo provenientes de 27 nações africanas³⁵.

A I Cúpula América do Sul-Países Árabes foi realizada em Brasília no ano de 2005, tendo-se transformado em fórum permanente. Na ocasião, foram recebidos representantes de todos os países sul-americanos e de 22 nações árabes (das quais nove são africanas)³⁶.

Em 2007, a República do Congo recebeu o mandatário brasileiro, onde, entre outros acordos, foi declarado apoio oficial ao pleito brasileiro de um assento permanente no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas, mantido o apoio mútuo na defesa de interesses no âmbito da OMC e reiteradas as decisões de se criarem representações diplomáticas permanentes em suas capitais, aumentar o comércio bilateral e fomentar a instalação de empresas brasileiras no Congo. Como será visto no estudo de caso a respeito, empresas nacionais – destacadamente a Andrade Gutierrez – beneficiaram-se e apoiaram essa aproximação entre os Estados.

Finalmente, no ano de 2010, último do segundo mandato de Lula, foi realizada a Cúpula Brasil-Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (da qual a Guiné é membro), exortando a cooperação Sul-Sul em âmbito tanto político quanto econômico.

Contemplada como um todo, a África, com relação a 2010, foi o quarto maior parceiro comercial do Brasil. Naquele ano, do total importado pelo país do continente africano (US\$ 11,3 bilhões ou 5% do total importado pelo Brasil naquele ano), 99% eram bens primários e intermediários (destacadamente combustíveis). Por sua vez, das exportações brasileiras ao continente, 47% foram bens manufaturados, 21% semimanufaturados e 32% bens básicos³⁷.

Vê-se que o Brasil empregou esforços em matéria de concertação político-diplomática com os parceiros africanos, estimulando tanto o comércio bilateral quanto investimentos diretos, diminuindo os custos para as empresas nacionais que respondiam positivamente aos estímulos, com vistas a ganhos instrumentais tanto pelo setor privado quanto pelo Estado. O crescimento do comércio entre o Brasil e a África reflete relativa convergência das políticas públicas citadas e a adesão de atores do empresariado nacional a tais estímulos. Isso possibilitou ganhos políticos, além de oportunidades valiosas para membros do setor privado brasileiro, interessados em diminuir seus custos de entrada em novos mercados ou de obter apoio governamental em países onde já faziam ou haviam feito negócios anteriormente³⁸.

35 Idem, Balanço de política externa: 2003 – 2010. [Brasília]: MRE, [2011].

36 Idem, 2006.

37 Idem, 2011.

38 Ver: CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. Empresários, ditaduras e..., op. cit.

ESTUDOS DE CASO

Onde há assimetrias na distribuição de poder, há maior probabilidade de grupos demonstrarem comportamento oportunista e dividirem seus custos com os demais atores³⁹. Tendo como base as relações Estado-empresariado no Brasil, podemos verificar que certos grupos privados mantêm relações próximas com o Estado, ocorrendo pressão de ambas as partes para a concretização de objetivos.

Entre 2003 e 2010, como visto, o Brasil empreendeu uma política externa marcadamente Sul-Sul, posicionando a África como um de seus focos, envolvendo projetos de cooperação governamental e investimentos diretos de empresas brasileiras. A expansão destas teve um papel importante nas relações com a África, vista como instrumento de fortalecimento de laços com os países do continente.

A partir do arcabouço apresentado, foram realizados os três estudos de caso, apresentados a seguir.

Vale na República da Guiné

A empresa foi fundada pelo governo de Getúlio Vargas, em 1942, sendo hoje denominada Vale e tendo capital aberto. Desde antes de sua privatização, em 1997, a companhia mantém-se entre as maiores do país (e a maior do ramo de mineração) e, a partir daquele ano, acelerou seu processo de internacionalização. Atualmente, a empresa atua em diversos países, sendo 25% deles africanos.

Em 2012, a composição acionária da Vale com relação ao seu capital total demonstrava a seguinte situação: o consórcio controlador Valepar detinha 34,1% do total das ações preferenciais e ordinárias da companhia; o governo federal, por intermédio do BNDESPAR (braço do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES), possuía 5,6% do total das ações da empresa Vale (além de 12 ações do tipo *golden share*⁴⁰). O restante (60,3%) estava pulverizado nas mãos de aplicadores nacionais e estrangeiros. Daqueles 34,1% de ações sob a custódia da Valepar, o Bradesco detinha 21%; a Littel (que reúne fundos de pensão de algumas empresas estatais) e o BNDESPAR possuem 61%; e a japonesa Mitsui, 18%⁴¹.

Verifica-se, portanto, que o governo federal detém diretamente e por meio do BNDESPAR boa parte do controle acionário da companhia: além de fazer parte de seu grupo controlador da empresa, o BNDESPAR detém sozinho outros 5,6% das ações da Vale. Ademais, fundos de pensão (Funcef, Petros, Funcesp, PREVI) de empresas sob controle governamental contam com participação expressiva e têm direito a voto. Ou seja, para qualquer decisão importante sobre investimentos ou medidas a serem tomadas pela empresa, deve-se passar pelo crivo do governo brasileiro.

39 MORAVCSIK, Andrew, op. cit.

40 As 12 ações *golden share*, por sua vez, permitem um controle ainda maior por parte do Estado brasileiro – único detentor destas – sobre decisões da empresa.

41 ROMERO, Cristiano. Sucessão na Vale terá solução interna. *Valor econômico*, Rio de Janeiro, 24 de março de 2012. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/arquivo/878877/sucessao-na-vale-tera-solucao-interna#ixzzIvpNi6hL5>> Acesso em: 24 maio 2012.

A situação acima descrita pode funcionar dicotomicamente: tanto a empresa pode vir a utilizar-se de seus contatos, influência de seus controladores e peso econômico para pressionar o governo a acatar suas demandas, quanto o governo pode utilizar-se de seu controle acionário e de suas *golden shares* para fins próprios. Entretanto, tendo em vista que o grupo controlador é formado por outras empresas, o governo precisa também negociar com tais entes, visto que o capital social, lucros e prejuízos são compartilhados. Verifica-se, portanto, constante jogo de negociações entre grupos privados e o governo brasileiro em decisões importantes tomadas no âmbito dessa empresa, demonstrando, tal como preconizado por Moravcsik⁴², interdependência entre Estado e atores privados.

Outro modo pelo qual a empresa pode beneficiar-se de seus laços com o governo é com relação à obtenção de financiamentos públicos. Por meio do BNDES, o governo brasileiro faz empréstimos a companhias e, dentre o portfólio de financiamentos do banco, a Vale obteve vultosos empréstimos durante o governo Lula, como um de R\$ 774,6 milhões e outro de R\$ 2,6 bilhões, em 2007, e um terceiro de R\$ 7,3 bilhões, no ano de 2008⁴³.

Durante o governo Lula, houve aumento expressivo dos preços internacionais das *commodities* e a empresa aprofundou sua internacionalização, começando a operar em novos países, como a Guiné, objetivando extrair minério de ferro (então com preços recordes). A produção seria iniciada no ano de 2012.

A Vale optou por formar mão de obra local com um projeto de capacitação de técnicos para trabalharem nas operações vindouras, necessário tanto para seus negócios quanto para o desenvolvimento da Guiné, algo priorizado pelo presidente Lula com relação à atuação das empresas brasileiras no continente.

Apesar de Lula não haver visitado a Guiné durante seu mandato, fê-lo a convite da própria Vale em 2011, logo após deixar o cargo de presidente, participando de eventos com dirigentes da empresa e o presidente da Guiné. Isso não apenas reflete interesses da empresa em estabelecer-se no país ao usar a imagem de um influente político brasileiro com a boa reputação alcançada no continente africano, mas também os do Estado brasileiro, representado extraoficialmente por tal político que tinha deixado o posto de presidente havia pouco.

Como resultado do estreitamento das relações político-econômicas, foi estabelecida, em 2005, a embaixada da Guiné em Brasília, sendo pouco depois a vez da embaixada brasileira em Conacri. Confirmou-se, assim, o aumento do nível das relações bilaterais, principalmente à luz dos vultosos investimentos da Vale no país africano, ressaltando o controle acionário do próprio governo na companhia.

Tendo sido a decisão de investimento na Guiné acatada pelos acionistas controladores da Vale – dentre os quais o governo federal brasileiro, o BNDES (empresa pública) e outros fundos de pensão de empresas estatais –, pode-se concluir que o governo teve papel destacado na aceitação do investimento de exploração

42 MORAVCSIK, Andrew, op. cit.

43 BNDES. BNDES aprova financiamento de R\$ 7,3 bilhões para Vale realizar investimentos no Brasil até 2012. BNDES, Rio de Janeiro, 1/4/2008. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Sala_de_Imprensa/Noticias/2008/20080401_noto54_o8.html> Acesso em: 20 maio 2012.

mineral na Guiné. Ademais, proveu apoio político, marcado pelo estabelecimento da embaixada em Conacri e, em 2011, pela visita de Lula e pela vinda a Brasília do presidente guineense.

Logo, baseando-se em Moravcsik e Risse-Kappen⁴⁴, os canais de comunicação entre a política doméstica e o membro privado da sociedade transnacional – a Vale – permitiram que a empresa fosse tanto alvo de políticas públicas quanto as utilizasse a seu favor. Dessarte, os investimentos da Vale na Guiné seriam convergentes com os interesses do governo brasileiro durante o governo Lula.

Andrade Gutierrez na República do Congo

A Andrade Gutierrez (AGSA) foi fundada em 1948 e sempre foi uma companhia privada. Os laços desse grupo empresarial com o governo brasileiro podem ser verificados nas diversas concessões de rodovias que a empresa possui de distribuição e geração de energia elétrica, nas obras de responsabilidade estatal em que esteve e está envolvida e nos negócios nos quais detém participação acionária, como a Oi/Telemar.

Com relação ao braço de telecomunicações da AGSA, verifica-se forte interação com o governo nacional em nível acionário. Diversos fundos de empresas estatais (Funcef, Previ e Petros), além do BNDESPAR, têm participação acionária e controlam, conjuntamente à AGSA, a Oi/Telemar⁴⁵.

A internacionalização da AGSA teve início em 1984, quando realizou sua primeira obra internacional, na República do Congo. Em 1987, a AGSA adquiriu a empresa de construção civil portuguesa Zagope, por meio da qual aumentou sua presença e sua experiência internacionais, visto que tal empresa lusitana já realizava obras na África. É por meio da Zagope que a AGSA atua no mercado africano, aproveitando-se do conhecimento da marca naqueles países. Desde 2008, a AGSA (também por meio da Zagope) voltou a atuar no Congo.

Como uma grande empresa privada nacional, a AGSA utiliza-se dos programas de financiamento do governo por meio do BNDES, de que são exemplos seus empréstimos no âmbito do Finame. Em 2010, do total de aproximadamente R\$ 2 bilhões em financiamentos contraídos no Brasil pelo segmento de concessões da AGSA, 94,8% dos recursos foram obtidos junto a bancos estatais (BNDES, Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil)⁴⁶. Ademais, diversos outros braços do conglomerado contraíram empréstimos com o BNDES durante o governo Lula.

É evidente a forte ligação entre a AGSA e o Estado brasileiro, destacando-se, durante o governo Lula, a flexibilização de lei previamente criada contra a concentração de serviços de telecomunicações sob o controle de poucas empresas,

⁴⁴ MORAVCSIK, Andrew, op. cit.; RISSE-KAPPEN, Thomas, op. cit.

⁴⁵ LAZZARINI, Sérgio G., op.cit.

⁴⁶ AGSA. Relatório anual 2010: Andrade Gutierrez. Disponível em: <www.agsa.com.br/arquivos/relatorio-anual/RA_home.pdf> Acesso em: 29 maio 2012. p. 82.

quando da aquisição da Brasil Telecom pela Oi/Telemar (pois a transação era proibida pelo texto anterior da legislação⁴⁷).

A quantidade de financiamentos obtidos junto a bancos governamentais e a participação de empresas estatais em empreendimentos em conjunto com a AGSA mostram que os interesses de ambos, em muitos casos, são convergentes/associados. Segundo Moravcsik⁴⁸, isso poderia refletir uma assimetria na distribuição de poder no plano doméstico. Ou seja, a AGSA, como agente privado influente, lograria dividir seus custos com os demais atores.

No caso da promoção da PEB na África, no entanto, pode-se afirmar que a internacionalização de tal grupo empresarial brasileiro naquele continente não se iniciou por incentivo do governo Lula, visto que sua presença ali remonta à década de 1980.

Empresas brasileiras, sobretudo a Andrade Gutierrez, atuaram no Congo por toda a década de 1980, deixando-o por conta das guerras civis, nos anos 1990. Com o fim dos conflitos, o Brasil voltou a importar petróleo congolês, de 2000 a 2005. Com a visita do ex-presidente Lula a Brazzaville, em 2007, foram firmados acordos para o estabelecimento mútuo de embaixadas. Desde a plena instalação da embaixada, em 2009, percebeu-se o aumento progressivo das exportações brasileiras, concentradas em carnes e seus derivados congelados. As empresas brasileiras presentes no Congo, como a AGSA, valem-se regularmente dos serviços consulares fornecidos pela embaixada e de apoio político quando necessário⁴⁹.

O objetivo [da embaixada brasileira no Congo] é promover investimentos (retorno da Andrade Gutierrez e instalação da Asperbras) e exportações brasileiras (carnes e derivados congelados de boi, frango e suínos, açúcar, aço, ferro, cimento, serviços), negociando o perdão de parte substantiva da dívida congoleza num quadro favorável às empresas brasileiras. [...] [O Congo] tem apoiado praticamente todos os candidatos brasileiros nos mais diversos foros internacionais⁵⁰.

Por ocasião de sua visita ao Congo, em 2007 – ano anterior à primeira obra da AGSA pós-década de 1980 –, Lula anunciou que os estudos de perdoar a dívida de cerca de US\$ 400 milhões daquele país com o governo federal do Brasil já estavam quase concluídos. Seriam perdoados 90% do débito, e os 10% restantes (cerca de US\$ 40 milhões) seriam saldados por meio de uma linha de financiamento para que empresas brasileiras fizessem obras de infraestrutura no país, de acordo com

47 LAZZARINI, Sérgio G., op. cit., p. 117.

48 MORAVCSIK, Andrew, op. cit.

49 HEIMBURGER, Felipe Dutra de Carvalho, op. cit.

50 Ibidem.

a própria declaração à imprensa do então presidente Lula⁵¹. O referido perdão de dívida foi feito com vistas ao benefício de empresas brasileiras que já atuassem ou que viessem a atuar no país, depreendendo-se, portanto, que a visita de Lula ao Congo visou também a estimular a celebração de contratos entre empresas brasileiras já presentes no país, como a AGSA, e o governo congolês.

O governo brasileiro, portanto, fomenta a integração Brasil-Congo via intercâmbio comercial utilizando o perdão de dívida como moeda de troca, privilegiando companhias nacionais na execução das obras no país africano. Ressalta-se que a AGSA, especificamente, seria preferida pelo governo brasileiro (a *player*) a conquistar os contratos citados e outros novos no Congo:

O Brasil já perdoou débitos de outros países como Moçambique, também na África. A diferença no caso da República do Congo é que o Brasil pensa em aproveitar esse perdão para criar novas oportunidades de negócios [...]. O Brasil quer agora que o dinheiro que deveria ser usado para pagar a dívida seja canalizado para compra de bens e serviços brasileiros nesta etapa de investimentos congolezes.

[...] uma das perspectivas imediatas de contratação de obras pela República do Congo com o Brasil será a construção de uma ponte sobre o Rio Congo [...]. A construtora Andrade Gutierrez, que já construiu uma estrada na floresta tropical congoleza, várias vezes reverenciada pelo presidente congolês, Denis Sassou-Nguesso, durante a visita de Lula, é uma das fortes candidatas a fazer a ponte⁵².

A situação acima descrita demonstra grande convergência e associação de interesses de atores empresariais, destacadamente a AGSA, e do governo, passando pelas políticas públicas domésticas e externa, todas também convergentes neste estudo de caso, em que a internacionalização e a expansão de uma companhia nacional são colocadas como objetivo nas negociações financeiras com um país africano, conquistando espaço para a AGSA e apoio a pleitos políticos do Estado brasileiro no cenário mundial.

Camargo Corrêa em Moçambique

Empresa de capital privado, a Camargo Corrêa foi fundada em 1939, atuando no ramo de construção civil. Desde a década de 1950, a companhia tem participado de diversas grandes obras contratadas pelo governo brasileiro. A partir das reformas neoliberais

51 SILVA, Luiz Inácio Lula da. Discurso do Presidente. Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita à República do Congo – Brazzaville, República do Congo, 16/10/2007. Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 16 out. 2007. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/discursos-artigos-entrevistas-e-outras-comunicacoes/presidente-da-republica-federativa-do-brasil/279909774829-declaracao-a-imprensa-do-presidente-da-republica/>>. Acesso em: 29 maio 2012.

52 SANTOS, Chico. Brasil estuda perdoar dívida do Congo. *Valor econômico*, Rio de Janeiro, 17 de outubro de 2007. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/brasil-estuda-perdoar-divida-do-congo-4147313>>. Acesso em: 15 maio 2012.

dos anos 1990, a Camargo Corrêa adquiriu concessões de estradas federais e de usina hidrelétrica.

A expansão para o mercado africano consubstanciou-se em 2010, quando a firma adquiriu controle acionário da empresa moçambicana Cimentos de Nacala e iniciou a construção da mina de carvão operada pela Vale em Moçambique, bem como a de uma usina hidrelétrica. Esses foram os maiores investimentos da Camargo Corrêa em solo africano, mas não os primeiros, pois a empresa já fizera negócios anteriormente no continente por intermédio de consórcios ou participação acionária em empresas que operavam na região.

Ainda que as decisões de investimento sejam tomadas por parte do conselho de administração da empresa analisada, são relevantes as interações com o governo brasileiro e, também, deve ser ressaltado o fato de, justamente durante o governo do PT, quando a África obteve tamanho destaque na promoção da política externa, ter a Camargo Corrêa invertido tantos recursos em países do continente – e, mais especificamente, em Moçambique.

Durante o governo Lula, Moçambique recebeu perdão de dívida do país com o Brasil, em 2004; teve instalada uma fábrica de antirretrovirais em seu território e pessoal treinado, empreendimento totalmente pago pelo Brasil⁵³; ocorreram trocas de visitas oficiais entre o presidente brasileiro e seu homólogo moçambicano; e firmaram-se contratos de cooperação bilateral.

No âmbito doméstico brasileiro, a Camargo Corrêa obteve diversos grandes financiamentos por parte do BNDES⁵⁴ durante o governo Lula, demonstrando não somente sua capacidade financeira e sua potencialidade de crescimento (coadunando os estímulos às políticas públicas de desenvolvimento industrial implementadas durante o governo Lula), mas também estreita relação com o governo.

A entrada em Moçambique pode ter sido motivada, primeiramente, pelo contrato de construção da mina de carvão da empresa Vale naquele país. Entretanto, a decisão de seguir investindo no país, inclusive com operações no setor de cimento, mostra, além de ambiente empresarial favorável, que os esforços de boas relações do governo brasileiro com aquele país podem ter contribuído positivamente para a diminuição dos riscos de inversão da companhia no referido contexto. Trata-se de um grupo empresarial de destaque no plano doméstico e que demonstra relação sincrônica com os movimentos de integração Brasil-África promovidos pelo governo. Verificam-se, portanto, interesses convergentes entre a Camargo Corrêa e o Estado brasileiro e suas políticas públicas, no período estudado, tanto no plano doméstico quanto no internacional.

53 MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Moçambique, nota n. 569. Maputo, 17 out. 2008. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/2008/10/14/visita-do-presidente-luiz-inacio-lula-da-silva-a>> Acesso em: 18 maio 2012.

54 Ver: PUERARI, Gustavo M., op. cit., p. 133.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, o Brasil logrou forte aumento de sua proeminência no contexto internacional. O empreendimento de uma política externa com ênfase em relações Sul-Sul em seus dois mandatos trouxe novo ânimo e reposicionou o país no cenário internacional, além de ter beneficiado atores do setor produtivo brasileiro.

Verificaram-se nos estudos de caso convergências de interesses e associações de estratégias entre membros do setor produtivo e o Estado brasileiro. Os atores privados domésticos estudados, interessados em aumentar suas operações internacionais e aproveitando-se de todos os benefícios providos pelo governo brasileiro e de suas ligações com o mesmo (financiamentos, participação acionária, políticas públicas, utilização de perdão da dívida como moeda de troca etc.), foram parte integrante da manifestação das preferências estatais no cenário internacional.

Ainda que não se possa generalizar o impacto das referidas convergências e associações a todo o empresariado doméstico, percebe-se que as estruturas domésticas brasileiras influenciaram e criaram canais de associação com membros do empresariado nacional, permitindo que grupos privados fizessem uso de estratégias políticas que também os beneficiassem. O inverso também se verificou, com o governo influenciando e fomentando atores privados a trabalharem convergentemente com seus interesses políticos da agenda Sul-Sul. Confirmaram-se, nos casos estudados, a convergência e a associação de interesses estatais e das empresas privadas e que o peso econômico desses grandes atores privados resultou em influência e ganhos político-financeiros.

As políticas públicas domésticas e externa foram conjugadas de maneira a incluir membros do setor produtivo como peça importante para o alcance de objetivos internacionais do governo. As convergências e associações mútuas verificadas entre o Estado brasileiro durante o governo Lula e parte do empresariado nacional proporcionaram ganhos para ambos, diminuição de riscos ao segundo e suporte ao processo político empreendido pelo Brasil no período.

SOBRE O AUTOR

GUSTAVO MIRANDA PUERARI é analista de Relações Internacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Mestre em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio.

E-mail: gustavopuerari@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDENUR, Adriana Erthal; SOUZA NETO, Daniel Marcondes de. Brazil and African security. *CMI Reports*, Bergen (Noruega), R, n. 4, 2014.
- AGSA. Relatório anual 2010: Andrade Gutierrez. Disponível em: <www.agsa.com.br/arquivos/relatorio-anual/RA_home.pdf>. Acesso em: 29 maio 2012.
- ARDISSONE, Carlos Maurício Pires e Albuquerque. *Ideias, instituições e lideranças na política externa brasileira de propriedade intelectual: uma abordagem comparada dos governos Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva (1995-2010)*. Tese (Doutorado). Instituto de Relações Internacionais – IRI, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2011.
- BOSCHI, Renato; DINIZ, Eli; SANTOS, Fabiano. *Elites políticas e econômicas no Brasil contemporâneo: a desconstrução da ordem corporativa e o papel do Legislativo no cenário pós-reforma*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2000.
- BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. BNDES aprova financiamento de R\$ 7,3 bilhões para Vale realizar investimentos no Brasil até 2012. BNDES, Rio de Janeiro, 1 abr. 2008. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Sala_de_Imprensa/Noticias/2008/20080401_noto54_08.html>. Acesso em: 20 maio 2012.
- BRASIL. Decreto n. 5.770, de 8 de maio de 2006. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 9 de maio de 2006. ISSN 1677-7042.
- _____. Decreto n. 6.422, de 2 de abril de 2008. Brasília: Diário Oficial da União, 3 de abril de 2008.
- CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. Empresários, ditaduras e política externa brasileira. *Continentes*, Seropédica, ano 3, n. 4, 2014.
- _____. *Estranhas catedrais: as empreiteiras brasileiras e a ditadura civil-militar, 1964-1988*. Niterói: UFF, 2014.
- CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. 3. ed. ampl. Brasília: UnB, 2008.
- DINIZ, Eli; BOSCHI, Renato. *Empresários, interesses e mercado: dilemas do desenvolvimento no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: Iuperj, 2004.
- EBOLI, Evandro. Lula anuncia perdão da dívida com o Congo, mas com uma condição. *O Globo*. Rio de Janeiro, 16 de outubro de 2007. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/lula-anuncia-perdao-da-divida-com-congo-mas-com-uma-condicao-4148198>>. Acesso em: 15 maio 2012.
- FDC – Fundação Dom Cabral. Ranking das transnacionais brasileiras 2010: repensando as estratégias globais. Fundação Dom Cabral, Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.fdc.org.br/professorespesquisa/publicacoes/Paginas/publicacao-detalle.aspx?publicacao=18123>>. Acesso em: 10 maio 2012.
- GUEDES, Ana Lúcia. Internacionalização de empresas como política de desenvolvimento: uma abordagem de diplomacia triangular. *RAP*, Rio de Janeiro, 40(3), mai.-jun. 2006, p. 335-356.
- GUEDES, Ana Lúcia. *Negócios internacionais*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- HEMAIS, Carlos Alberto (Org.). *O desafio dos mercados externos: teoria e prática na internacionalização da firma*. v. 1. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Cooperação brasileira para o desenvolvimento internacional: 2005-2009*. Brasília: Ipea, Agência Brasileira de Cooperação – ABC, 2010.
- LAZZARINI, Sérgio G. *Capitalismo de laços: os donos do Brasil e suas conexões*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- LIMA, Maria Regina Soares; HIRST, Monica. Brasil como país intermediário e poder regional. In: LIMA, M.R.S.; HIRST, Monica (Org.). *Brasil, Índia e África do Sul*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Programa Integração

- com a África. [s.l.], jun. 2010. Disponível em: <http://www.pdp.gov.br/Relatorios%20de%20Programas/AfricaI_com.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2012.
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Cúpula América do Sul-África – ASA . Abuja, 30 nov. 2006. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/temas/mecanismos-inter-regionais/cupula-america-do-sul-2013-africa-asa/>>. Acesso em: 20 jul. 2011.
- _____. Abertura da I Reunião de Altos Funcionários do Mecanismo América do Sul-África. Brasília, 10 de junho de 2008. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/2008/06/09/abertura-da-i-reuniao-de-altos-funcionarios-do>>. Acesso em: 18 maio 2012.
- _____. Visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Moçambique, nota n. 569. Maputo, 17 de outubro de 2008. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/2008/10/14/visita-do-presidente-luiz-inacio-lula-da-silva-a>>. Acesso em: 18 maio. 2012.
- _____. Cúpula América do Sul-Países Árabes – Aspa. Doha, 31 de março de 2009. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/temas/mecanismos-inter-regionais/cupula-america-do-sul-paises-arabes-aspa>>. Acesso em: 19 maio. 2012.
- _____. Balanço de política externa: 2003-2010. [Brasília]: Secretaria de Planejamento Diplomático/MRE, [2011].
- MORAVCSIK, Andrew. Taking preferences seriously: a liberal theory of international politics. *International Organization*, 51, 4, Outono, 1997.
- OLIVEIRA, Amâncio Jorge de; PFEIFER, Alberto. O empresariado e a política exterior do Brasil. In: LESSA, A. C.; OLIVEIRA, H. A. de (Org.). *Relações internacionais do Brasil: temas e agendas*. v. 2. São Paulo: Saraiva, 2006.
- PASSOS, Ieda; GALVÃO, Fábio (Org.). Relatório de prestação de contas do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior 2003-2006: Indústria e comércio exterior: caminhos para o desenvolvimento. [Brasília]: [s.n.] [2007?].
- PERES, Wilson; PRIMI, Annalisa. *Theory and practice of industrial policy: evidence from the Latin American experience*. Cepal, Serie Desarrollo Productivo, Santiago do Chile, 187, n. 1, 2008, p. 1-51, FEB.
- PINHEIRO, Leticia; MILANI, Carlos R. S. (Org.). *Política externa brasileira: as práticas da política e a política das práticas*. Rio de Janeiro: FGV, 2012.
- PUERARI, Gustavo M. *Empresariado e política externa brasileira para a África: convergências e associações no governo Lula*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Relações Internacionais – IRI da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2012.
- RIBEIRO, Cláudio Oliveira. A política africana do governo Lula (2003-2006). *Tempo Social*, São Paulo, v. 21, n. 2, 2009, p. 185-209. Disponível em: <http://www.jtrindade.com.br/wp-content/uploads/2011/11/Brasil_Africa_Gov_Lula_2010.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2012.
- RISSE-KAPPEN, Thomas. *Bringing transnational relations back in: non-state actors, domestic structures, international institutions*. Cambridge: Cambridge University, 1995.
- ROMERO, Cristiano. Sucessão na Vale terá solução interna. *Valor econômico*, Rio de Janeiro, 24 de março de 2011. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/arquivo/878877/sucessao-na-vale-tera-solucao-interna#ixzzvN16hL5>>. Acesso em: 24 maio 2012.
- SANTOS, Chico. Brasil estuda perdoar dívida do Congo. *Valor econômico*, Rio de Janeiro, 17 de outubro de 2007. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/brasil-estuda-perdoar-divida-do-congo-4147313>>. Acesso em: 15 maio 2012.
- SILVA, Luiz Inácio Lula da. Discurso do Presidente. Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita à República do Congo – Brazzaville, República do Congo, 16/10/2007. Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 16 out. 2007. Disponível em: <<http://www>>

itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/discursos-artigos-entrevistas-e-outras-comunicacoes/presidente-da-republica-federativa-do-brasil/279909774829-declaracao-a-imprensa-do-presidente-da-republica>. Acesso em: 29 maio 2012.

VALE. Golden shares. Disponível em: <<http://www.vale.com/brasil/pt/investors/company/corporate-governance/golden-share/Paginas/default.aspx>>. Acesso em: 24 maio 2012.

Eles devoraram tudo: primitivismo, barbárie e as vanguardas

[They have devoured everything: primitivism, barbarism and the avant-gardes

Bruna Della Torre de Carvalho Lima^I

Este artigo é resultado da minha pesquisa de mestrado sob a orientação da profa. dra. Lília Katri Moritz Schwarcz junto ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, que contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp.

RESUMO • O primitivismo é um aspecto fundamental do modernismo brasileiro e encontra na obra de Oswald de Andrade uma das suas mais importantes expressões. A “Poesia Pau Brasil” e a “antropofagia” mobilizavam o primitivismo para, como dizia Oswald de Andrade, acertar os ponteiros da literatura brasileira com o relógio da literatura universal. A ideia era superar o sentimento de atraso e a necessidade de uma identidade nacional; a antropofagia era uma metáfora para uma cultura que tinha como características a absorção e a transmutação constantes de modelos estrangeiros. O objetivo deste artigo é explorar os sentidos e ambiguidades que o primitivismo assumiu em alguns dos melhores momentos do modernismo de Oswald de Andrade em diálogo com a sua presença nas vanguardas europeias. • **PALAVRAS-CHAVE** • Primitivismo; Oswald

de Andrade; vanguarda. • **ABSTRACT** • Primitivism is a crucial feature of Brazilian modernism and it has in Oswald de Andrade’s work one of its major expressions. The “pau brasil poetry” and “anthropophagy” resorted primitivism to, as Oswald de Andrade said, set the hands of Brazilian literature to the time of universal literature. The idea was to overcome the felling of delay and the necessity of a national identity; anthropophagy was a metaphor for a culture that was characterized by the persistent absorption and transmutation of foreign models. The aim of this paper is to explore the meanings and ambiguities that primitivism has assumed in some of the best moments of Oswald de Andrade’s modernism also in dialogue with its presence in the European avant-gardes. • **KEYWORDS** • Primitivism; Oswald de Andrade; avant-garde

Recebido em 6 de janeiro de 2016

Aprovado em 14 de julho de 2016

LIMA, Bruna Della Torre de Carvalho. Eles devoraram tudo: primitivismo, barbárie e as vanguardas. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 64, p. 296-309, ago. 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p296-309>

^I Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

A horrível mixórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos levar, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie. [...] Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes podemos afirmar o oposto: eles “devoraram” tudo, a “cultura” e os “homens” e ficaram saciados e exaustos (Walter Benjamin, “Experiência e pobreza”, 1933).

Em uma fórmula lapidar, que se tornou um emblema do movimento modernista, Oswald de Andrade parodiava Shakespeare e indagava: “Tupi or not tupi: that is the question”². Além de brincar com a semelhança de sonoridade entre “to be” e “tupi”, o escritor reivindicava, através de uma língua estrangeira, a força criadora do primitivismo, visando positivar as peculiaridades brasileiras sem recair no pitoresco ou na valorização patrioteira dos dados locais. A questão dirigida ao leitor é provocativa: ao trocar com a referência erudita, o modernista ridiculariza o “lado doutor”³, a mania nacional de querer expressar erudição e cosmopolitismo por meio de citações consagradas. Com todos esses elementos juntos, Oswald “provincianiza” a indagação existencial de Hamlet ao substituir o “To be or not to be” pelo engraçado “Tupi or not tupi”, transformando a questão ontológica em piada e expondo, com isso, a transmutação periférica do suposto universal.

No Brasil, a indagação existencial tem seu caráter local marcado pela referência aos índios Tupi, modelos diletos (e idealizados) do romantismo indianista do século

2 ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago. In: SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 174.

3 ANDRADE, Oswald de. (1924). Manifesto da Poesia Pau Brasil. In: SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 166.

XIX. Ao fragilizar o conteúdo filosófico da pergunta, trazido do céu à terra pela referência histórico-geográfica, a fórmula denuncia seu pretensão universalismo: no Brasil, nosso dilema moderno ainda remeteria ao período pré-cabralino. A frase condensa, dentre outros significados, o dilema que rondou a vida intelectual brasileira desde seus primórdios. A saber, o de como construir uma literatura, uma política, uma sociedade e uma cultura que pudessem reconhecer a si mesmas como originais, tendo como dado inicial o fato de que a condição colonial e periférica do país obrigava-o a se alimentar de modelos estrangeiros que muitas vezes pareciam não se aclimatar à realidade local. Oswald de Andrade, tencionando superar o sentimento de desajuste e de inferioridade advindo desse “problema da cópia”, saiu-se com a antropofagia. Por sua vez, a antropofagia não dizia respeito apenas ao par local/global, mas trazia à baila um tema fundamental da vanguarda – a dialética entre a civilização e a barbárie – e ao fazê-lo incluía um capítulo brasileiro na história das vanguardas mundiais.

Como se sabe, as vanguardas se aclimataram de modo bastante particular ao Brasil e até hoje não estudamos o cubismo, o expressionismo ou o surrealismo brasileiro, mas aquilo que se convencionou chamar de “modernismo”. No interior desse fenômeno, cuja generalidade confunde até os mais experientes especialistas, a obra de Oswald de Andrade apresenta-se, como vanguardista que é, como um problema literário⁴, pois consiste num trânsito entre os mais variados gêneros e as mais inusitadas formas: romance, drama, poesia, manifesto, ensaio filosófico, crítica literária e artigo jornalístico. E tal é a sua imbricação que escolher uma dessas formas é como puxar um fio de lã de uma meada que se reconfigura ao movimento de cada elemento do qual é composta. No entanto, é possível notar algumas permanências ao longo de sua obra integral que nos ajudam a percorrê-la como um todo, pois, se, por um lado, Oswald gostava de variar as formas, por outro, permanecia fiel a alguns temas, embora nunca deixasse de problematizá-los.

A noção de primitivismo é um desses temas e permite fazer uma ponte entre as vanguardas europeias e as brasileiras, auxiliando, assim, na compreensão do que foi esse “modernismo” de Oswald de Andrade de tão difícil classificação. O primitivismo é, assim, um elemento comum a ambas, e busca construir uma forma de expressão (ou de racionalidade) que supere alguns impasses culturais e históricos identificados pelas vanguardas.

As vanguardas do século XX, tanto na Europa, quanto na América Latina, fizeram do primitivismo um conceito polêmico. Os exemplos são inúmeros. Stravinsky, com a sua *A sagração da primavera*, de 1913, evocava o sacrifício primitivo; Francis Picabia escreveu e musicou o *Manifeste cannibale dans l'obscurité*, lido por André Breton num espetáculo dadá de 1920; e, no mesmo ano, em Paris, foi criada a revista *Cannibale*; Picasso revolucionou a pintura ocidental quando absorveu as formas encontradas nas máscaras tribais da África e da Oceania expostas no Musée d’Ethnographie du Trocadéro em Paris. Assim como as máscaras eram escudos que auxiliavam as pessoas a não cair sob influência dos maus espíritos, também na pintura de Picasso

4 CANDIDO, Antonio. (1945). Estouro e libertação. In: *Brigada ligeira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 11.

elas teriam um efeito exorcizante: tornariam essa pintura independente das amarras da tradição⁵.

Utilizado para marcar distância em relação a convenções do passado na Europa, o primitivismo consistiu numa busca de elementos originários da arte, naquilo que muitas vezes seria da ordem do inconsciente: nos sentimentos e na descarga de emoções “brutas”, na simplicidade formal – fonte, para os cubistas, por exemplo, da possibilidade de uma expressão plástica pura, encontrada por eles na arte africana. Para Picasso, por exemplo, as máscaras Dan significavam renovação e vitalidade para a pintura moderna. Esse primitivismo era também uma utopia e um meio expressivo que as vanguardas contrapuseram à barbárie gerada pela civilização.

Na América Latina, a vanguarda era inseparável da noção de um mundo novo e de uma arte americana autêntica: Huidobro, em seu poema-programa “Arte poética” (1916), proclama a invenção de novos mundos; Mário de Andrade cria *Macunaíma* e o “matavirgismo”; Rivera e Mariatégui aproximam a cultura autóctone e a Revolução. O primitivismo, nesse caso, era também a proclamação de independência da cultura das ex-colônias.

Como descrito acima, é fato mais que conhecido que o primitivismo foi um tema muito presente nas vanguardas. Sendo assim, podemos nos perguntar: o que significou esse retorno ao primitivo num momento tão próspero do capitalismo e da chamada civilização ocidental? Este artigo buscará responder a essa pergunta através de um percurso pela obra de um dos nossos vanguardistas mais bárbaros: Oswald de Andrade.

Numa série de artigos, publicados originalmente no *O Estado de S. Paulo* em 1953, um ano antes de sua morte, Oswald de Andrade escrevia:

Quem negará que Mussolini e Hitler, por mais abomináveis que tivessem sido, carregavam atrás de si uma massa desesperada de povo? E que eram essas camadas vulcânicas senão os enormes *resíduos primitivistas*, deixados propositadamente para trás, pelas classes “superiores e distintas” que usufruíam sozinhas os benefícios do capitalismo?⁶

Oswald de Andrade não é o primeiro a relacionar nazismo e primitivismo. O encantamento das massas pelo líder fascista foi, com muita recorrência, associado a uma espécie de retorno à condição primitiva do homem⁷, embora diversos autores forneçam elementos para associarmos esse fenômeno não a um retorno ao homem

5 O depoimento de Picasso a respeito do encontro com a arte Africana pode ser encontrado em HUFFINGTON, Arianna Stassinopoulou. *Picasso: creator and destroyer*. New York: Simon and Shuster, 1998.

6 ANDRADE, Oswald de. (1953). A marcha das utopias. In: _____. *A utopia antropofágica*. 4. ed. São Paulo: Globo, 2011 (Obras Completas de Oswald de Andrade). p. 279-280 (grifos meus).

7 Conferir HOBBSAWM, Eric J. (1959). *Rebeldes primitivos*: estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

primitivo⁸, mas a um apogeu do homem civilizado⁹. A frase de Oswald de Andrade coloca uma proposição interessante, a saber, a de que esses “resíduos primitivistas” negados pela civilização resultariam em violência, em camadas vulcânicas que vez por outra voltam à tona no processo histórico.

Ainda no ensaio de 1953, Oswald de Andrade assevera, então, que “a onda [primitivista] tomou conta do mundo atual, deste grande mundo do século XX que ainda se debate nas tenazes raivosas da reação por não ter levado às últimas consequências a certeza de sua alma primitiva. O que sobrenada, sobrenada no caos”¹⁰. Esse ânimo primitivista das vanguardas foi percebido por ele como um grande pesadelo, sobretudo após a experiência das duas grandes guerras mundiais. Em seu romance *Marco zero II – chão*, de 1945, encontramos a seguinte consideração: “A Antropofagia, sim, a Antropofagia só podia ter uma solução: Hitler! [...] Eles [os antropófagos] cantavam o bárbaro tecnizado! E que é o bárbaro tecnizado senão Hitler?”¹¹

Mas, afinal, o que teria levado o autor da “Poesia Pau Brasil” e do “Manifesto antropófago” a associar a sua antropofagia ao nazismo? Para tentar compreender como Oswald de Andrade chegou a essa conclusão precisamos voltar no tempo até encontrar as primeiras leituras que o modernismo fez da antropofagia. O mundo assistia ao surgimento das primeiras tecnologias de destruição em massa: bombas, aviões, gases asfixiantes. E, ainda que não tenhamos vivenciado essa guerra na mesma proporção que os europeus e americanos, seus efeitos foram igualmente sentidos por aqui.

No ano de 1917, Mário de Andrade escreveu, em *Há uma gota de sangue em cada poema*, “Os carnívoros”, um poema sobre a guerra, do qual cito a última estrofe:

[...] Este é o trigo que é pão e alento
Vós que matastes com luxúria e sanha,
vinde buscar o prêmio: é o alimento...
Ei-lo: em raudal, em nuvem, em montanha!
Este é o trigo que nutre e revigora!
É para todos! Basta abrir as mãos!
Vinde buscá-lo!... – Vamos ver agora,
quem comerá a carne dos irmãos!¹²

8 Conferir FREUD, Sigmund. (1921). *Psicologia de grupo e análise do ego*. Rio de Janeiro: Imago, 1987; ADORNO, Theodor W. (1951). *Die Freudsche Theorie und die Struktur der faschistischen Propaganda*. In: _____. *Gesammelte Schriften* 8: Soziologische Schriften I. Frankfurt am Main: Suhrkamp, S. 408-433.

9 Conferir ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. (1947). *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

10 ANDRADE, Oswald de. (1953). *A marcha das utopias*, op. cit., p. 281.

11 ANDRADE, Oswald de. (1945). *Marco zero II: chão*. 4. ed. São Paulo: Globo, 1991. (Obras Completas de Oswald de Andrade), p. 210.

12 ANDRADE, Mário de. *Obra imatura*. Rio de Janeiro: Agir, 2009, p. 60.

No poema, Mário denuncia a extrema violência da guerra, encarnada no retorno do homem à barbárie, através da antropofagia. Esse poema é de fundamental importância para que se note a ambiguidade que a inspiração primitivista apresentava para essas vanguardas: renovação e ao mesmo tempo barbárie. *Há uma gota de sangue em cada poema* tematiza a experiência da Primeira Guerra Mundial, numa mescla de deslumbramento e horror. O que interessa, aqui, é notar como foi essa situação que deu ensejo para que as vanguardas (não só na Europa) associassem a própria época a uma espécie de recaída do homem na barbárie, e vinculassem à noção de antropofagia a mesma contingência¹³. Essa barbárie nada tinha a ver com as sociedades primitivas, mas era um produto do mais intenso processo civilizatório.

É possível afirmar, nesse sentido, que as vanguardas modernistas indicam uma manifestação artística de um processo que vem de longe e que hoje se convencionou chamar de globalização, uma vez que, além de ter sido um fenômeno simultâneo em muitos lugares do mundo, compartilhou também temas e formas. Elas foram muito expressivas em toda a América Latina, nos Estados Unidos e na Europa¹⁴. A mudança das formas e padrões de arte está, portanto, intimamente ligada à intensa experiência de civilização e de modernidade que o mundo viveu no início do século XX. Ainda que muito do que se constituiu como os padrões do nosso modernismo tenha sido importado da Europa, pela primeira vez na história do Brasil, aquilo que fazia sentido em matéria de arte (a fragmentação, a montagem, o caos) era experimentado na periferia de modo ainda mais intenso. Ou seja, São Paulo sofria uma espécie de “choque” de civilização. Como destaca o historiador Nicolau Sevcenko, “essa cidade que brotou súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um enigma para seus próprios habitantes, perplexos, tentando entendê-lo como podiam, enquanto lutavam para não serem devorados”¹⁵.

Mas o primitivismo surgia também como o impulso renovador dessa civilização. Alguns artistas de vanguarda da Europa, por exemplo, foram buscar fora dela seus motivos e inspirações. Rimbaud foi ao Egito, Gauguin e Kandinsky foram para o Norte da África, Segall veio para o Brasil, Klee e Macke foram para a Tunísia, só para citar alguns exemplos. Como afirmou o vanguardista Mário de Micheli, “tudo o que era ‘bárbaro’, tudo o que não era a Grécia clássica, ou a Renascença, ou a tradição a ela relacionada atraía com uma insólita violência”¹⁶. Para Oswald de Andrade, a Arte Moderna representava “um incrível destroçamento das boas maneiras do branco, adulto e civilizado”:

13 Conferir. ANCONA LOPEZ, Telê. Uma estreia retomada. In: ANDRADE, Mário de. *Obra imatura*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

14 Conferir SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. Tradução e posfácio: Júlio Pimentel Pinto. São Paulo: CosacNaify, 2010; BÜRGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. São Paulo: CosacNaify, 2010; e SCHWARTZ, Jorge, op. cit.

15 SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo – sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 31.

16 MICHELI, Mário de. (1959). Os mitos da evasão. In: _____. *As vanguardas artísticas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 55.

O primitivo tremulava nos tapetes mágicos de Picasso, em Rouault, em Chirico que majestosamente criava o surrealismo. A estatuária negra do Benin figurava nas vitrines da Rue de La Boétie. Os *ateliers* eram trincheiras revolucionárias. [...]. A mecânica de Léger, a geometria que o cubismo passava ao abstracionismo, revelavam também as artes do primitivo que nada têm nem de paisagista nem de agricultor¹⁷.

Como é possível depreender do trecho acima, primitivismo significava muitas coisas ao mesmo tempo: exotismo (tapetes mágicos de Picasso), arte negra (estatuária negra do Benin)¹⁸ e uma tentativa de encontrar uma linguagem virgem, uma espécie de redução da arte àquilo que é mais elementar (geometria que o cubismo passava ao abstracionismo).

Em seu “Manifesto da Poesia Pau Brasil”, lançado em 1924, Oswald propunha, nessa mesma linha, o seguinte: “Nossa época anuncia a volta ao sentido puro. [...] Um quadro são linhas e cores. A estatuária são volumes sobre a luz”¹⁹. A inspiração primitivista era generalizada. Em 1924, Tristan Tzara destacava os elementos primitivos de *Dada*²⁰:

O Dada não é moderno. Assemelha-se mais a um retorno a uma religião quase budista de indiferença. [...] Na arte, o Dada reduz tudo a uma simplicidade inicial, tornando-se cada vez mais relativo. Mistura seus caprichos com o vento caótico da criação e as danças bárbaras das tribos selvagens²¹.

Em 1925, era inaugurada a Galerie Surréaliste, com a exposição de esculturas primitivas da Oceania pertencentes à coleção do surrealista André Breton²². O “novo mundo” ainda era uma grande novidade. Mas, como certa vez aferiu o próprio Oswald

17 ANDRADE, Oswald de. (1953). A marcha das utopias, op. cit., p. 280.

18 De acordo com Mário de Micheli, “Chamava-se ‘arte negra’ não apenas a escultura africana como a dos povos da Oceania, especialmente da Polinésia, de onde, com alguma frequência, os mercadores coloniais franceses traziam algumas peças em sua viagem de volta à pátria. Somente numa segunda fase começou-se a estabelecer uma diferença de origem e a detectar uma diferença de caráter entre as obras das diversas raças, regiões e tribos”. MICHELI, Mário de, op. cit., 2004, p. 56. Benin, atualmente República do Benin, foi colônia da França até 1960. Ao que tudo indica é uma das muitas fontes dessa chamada “arte negra” que inspirou as vanguardas francesas nesse período.

19 ANDRADE, Oswald de. (1924). Manifesto da Poesia Pau Brasil, op. cit., 2011, p. 64. Conferir também MANFIO, Diléa Zanotto. *Poesias reunidas de Oswald de Andrade* (edição crítica). Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992.

20 O movimento *Dada*, formado por jovens em torno dos 20 anos – pelo ator e dramaturgo alemão Hugo Ball, pelo artista alsaciano Jean Arp, pelos romenos Tzara e Marcel Janco e pelo poeta alemão Richard Huelsen –, nasceu em 1916 em Zurique e se espalhou para vários países da Europa no pós-Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

21 TZARA, Tristan. (1924). Conferência sobre o Dada. In: CHIPP, Herschel Browning. (1988). *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção a), p. 391.

22 Conferir CHIPP, Herschel Browning. *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção a), p. 391.

de Andrade, “o primitivismo que na França aparecia como exotismo era para nós, no Brasil, primitivismo mesmo”²³. Tudo se passa como se o Brasil fosse primitivista *avant la lettre*. Como atestou Antonio Candido,

[...] não se ignora o papel que a arte primitiva, o folclore, a etnografia tiveram na definição das estéticas modernas, muito atentas aos elementos arcaicos e populares comprimidos pelo academicismo. Ora, no Brasil as culturas primitivas se misturam à vida cotidiana ou são reminiscências ainda vivas de um passado recente. As terríveis ousadias de um Picasso, um Brancusi, um Max Jacob, um Tristan Tzara, eram, no fundo, mais coerentes com a nossa herança cultural do que com a deles²⁴.

Se, por um lado, o primitivismo, ou melhor, os primitivismos foram diferentes na Europa e na América Latina²⁵, por outro, indicavam, num e noutro caso, a percepção generalizada de um “mal-estar na civilização” ou de uma crise da cultura, nos termos de Freud²⁶. Nas palavras de Mário de Andrade,

[...] não aprecio a civilização, nem, muito menos, acredito nela. [...] Meu maior desejo é ir viver longe da civilização, na beira de algum rio pequeno na Amazônia, ou nalguma praia do mar do Norte brasileiro, entre gente inculta, do povo. Meu maior sinal de espiritualidade é odiar o trabalho, tal como ele é concebido, semanal e de tantas horas diárias, nas civilizações chamadas “cristãs”²⁷.

Nessa chave, um dos temas principais das vanguardas pode ser formulado a partir da percepção de uma crise da civilização, da qual sairão tencionadas as noções de primitivismo e barbárie, o primeiro percebido como ímpeto de renovação da cultura ocidental, o segundo como seu produto imediato. Se pudéssemos constatar a presença de um novo código em arte criado pelas vanguardas – tomando o primitivismo como um desses códigos –, poderíamos assumir também que ele surge para comunicar alguma coisa, ainda que seja a impossibilidade da comunicação. Basta lembrar como Walter Benjamin associa à guerra essa derrota da razão em organizar o caos da experiência através da linguagem: “no final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres de experiência comunicável”²⁸. A barbárie aparecia como a face de Janus da civilização.

23 Depoimento concedido a Péricles Eugênio da Silva Ramos no *Correio Paulistano*, 26/6/1949.

24 CANDIDO, Antonio. (1965). Crítica e sociologia. In: _____. *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. 10. ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008, p. 144.

25 Conferir SCHWARTZ, Jorge, op. cit.

26 Conferir BÜRGER, Peter, op. cit.

27 ANDRADE, Mário de. *Entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T. A. Queiroz Editora, 1983, p. 39 e 41.

28 BENJAMIN, Walter. (1936). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e a história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas – v. 1), p. 198.

No caso do Brasil, a sensação era a de que uma nova fase surgia, e era como se as vanguardas, Mário e Oswald de Andrade em particular, sentissem a necessidade e o chamado para a construção de uma cultura à altura desse novo projeto. Por isso mesmo, os modernistas iam à caça daquilo que poderia constituir seus fundamentos²⁹. Numa visão um tanto romântica, Mário e Oswald de Andrade fizeram um elogio de nossa preguiça e de nosso ócio. Dela são testemunhas o egrégio mote “Ai que preguiça...”³⁰ do personagem da rapsódia que leva seu nome no título, *Macunaíma*³¹, e a declaração de Oswald de Andrade de que “O Brasil foi apenas a profecia e o horizonte utópico do ócio”³².

O primitivismo, neste caso, tem sentido construtivo e inaugural. O mesmo Mário de Andrade afirmou: “Eu sei que sou primitivo, porém já falei em que sentido o sou. Sou primitivo porque sou indivíduo numa fase principiando”³³. Oswald de Andrade se aproximaria do diagnóstico de Mário:

No Brasil andam aos pontapés Civilização e Cultura. Da Civilização nos refastelamos no pior. E da Cultura que há quatro séculos procura dar-nos um caráter de povo lírico, cordial e estoico destruímos implacavelmente as sobras, liquidando o índio, sofisticando o negro e monogamizando o português³⁴.

Para os dois modernistas haveria certa incompatibilidade entre a civilização ocidental e a nossa cultura, avessa ao trabalho capitalista, cordial e estoica, de modo que o primitivismo poderia ser entendido também como aquilo que fornece a possibilidade de sermos o que já somos³⁵. Porém, esse primitivismo permanecia como um impulso renovador. Numa entrevista de 1928, data da criação da “antropofagia”, Oswald de Andrade defendia que certa realidade social primitiva experimentada no

29 Conferir RIBEIRO, Monica Cristina. *Arqueologia modernista: viagens e reabilitação do primitivo em Mário e Oswald de Andrade*. Dissertação de (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

30 ANDRADE, Mário de. (1928). *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

31 De acordo com Carlos Ornelas Berriel, “Mário de Andrade afirma nesta circunstância a tese do ‘ócio criador’, isto é, a tese de que a cultura e a civilização brasileiras, se afirmadas, o seriam pelo ócio e não pelo trabalho – por este ser uma característica da civilização europeia”. BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. *Dimensões de Macunaíma: filosofia, gênero e época*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1987, p. 91. Conferir também MELLO E SOUZA, Gilda de. (1979). O tupi e o alaúde. São Paulo: Editora 34, 2003.

32 ANDRADE, Oswald de. (1953). *A marcha das utopias*, op. cit., p. 282.

33 ANDRADE, Mário de. Carta a Tristão de Athayde. Citado por FONSECA, Maria Augusta. *Tai: é e não é – cancionário Pau Brasil. Literatura e sociedade*, n. 7, 2003-2004, p. 123.

34 ANDRADE, Oswald de. *Estética e política*. Pesquisa, organização, introdução, notas e estabelecimento do texto: Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Globo, 1992. (Obras Completas de Oswald de Andrade), p. 203-204.

35 Sobre o primitivismo em Oswald de Andrade, conferir FONSECA, Maria Augusta. *Tai: é e não é – cancionário Pau Brasil*. In: *Literatura e sociedade*, n. 7, 2003-2004, p. 120-137.

Brasil poderia servir de modelo para essa crise da civilização e da cultura percebida na Europa após a guerra.

Sob um tom de paradoxo e violência, a antropofagia poderá quem sabe dar à própria Europa a solução do caminho ansioso em que ela se debate. Note você como a Europa procura se primitivar. Aí estão todos os grandes movimentos para prova-lo. [...] Leia-se ou Freud ou Bergson ou Conuê ou Keyserling ou Spengler ou Bertrand Russell, examine-se quaisquer tendências coletivistas – Dada, Futurismo, Surrealismo, Expressionismo –, e salta aos olhos uma ávida repugnância por toda a milenária idolatria de ordem religiosa intelectual e moral que a guerra começou a estorvar³⁶.

No “Manifesto antropófago”, Oswald de Andrade identificava também o primitivismo, no sentido indígena do termo, com o nascimento de uma nova utopia que ressoou na Europa após a descoberta das Américas: “Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem”³⁷. O modernista, que citava Rousseau e Montaigne em seu famoso Manifesto, tinha consciência do choque que o contato com os chamados povos primitivos havia produzido na Europa. Numa entrevista dada em 1947, Oswald enfatiza como nomes, livros e ideias que abriram caminho para a nova civilização: “os enciclopedistas, Montaigne e Rousseau, na reabilitação primeira do homem primitivo”³⁸. E afirma que sua antropofagia de 1928 saiu de “Des cannibales” dos *Essais* de Montaigne. É por esta razão que Oswald de Andrade infere que, sem nós, não haveria a Declaração dos Direitos do Homem. Para o modernista, a revolução que a descoberta de um homem diverso do europeu causou foi tal, que chegou a modificar toda a concepção ocidental de homem, oferecendo ao mundo uma nova utopia. Nos anos 1950, ele retomaria esta tese. Em *A Marcha das utopias* (1953), Oswald esclarece esta ideia:

A Geografia das Utopias situa-se na América. [...] A não ser *A República* de Platão, que é um estado inventado, todas as Utopias que vinte séculos depois apontam no horizonte do mundo moderno e profundamente o impressionam, são geradas da descoberta da América. O Brasil não fez má figura nas conquistas sociais do Renascimento. [...] E minha fé no Brasil vem da configuração social que ele tomou, modelado pela civilização jesuítica em face do calvinismo áspero e mecânico que produziu o capitalismo da América do Norte³⁹.

A utopia de igualdade que serviu à Europa, para Oswald de Andrade, advinha do

36 ANDRADE, Oswald de. (1928). Contra os “emboabas”. In: *Os dentes do dragão: entrevistas*. Pesquisa, organização e introdução: Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Globo/Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 41.

37 ANDRADE, Oswald de. (1928). Manifesto antropófago, op. cit., p. 175.

38 ANDRADE, Oswald de. (1947). O êxito na terra substituiu a esperança no céu, op. cit., p. 211.

39 ANDRADE, Oswald de. (1953). A marcha das utopias, op. cit., p. 226.

“matriarcado de Pindorama”⁴⁰ e do “Brasil Caraíba”, e tinha inspiração fortemente rousseuniana⁴¹. Oswald de Andrade toma esse homem selvagem, tal como o fez Rousseau, antes como um conceito, uma utopia; algo que nunca teve lugar ou existência efetiva na história. Na verdade, essa “representação” dos índios produzida na longa duração, e a partir de uma literatura de viajantes, encontrou neles fonte de inspiração para construir uma visão idílica de uma sociedade melhor. Aliás, essa inspiração é muito presente em ambos os autores: Rousseau afirma que “o homem que medita é um animal depravado”⁴² e no “Manifesto” encontramos: “Suprimamos as ideias e outras paralisias”⁴³. Esse é um bom exemplo da percepção de uma clara crise na cultura ocidental, que estaria perdendo autenticidade com o desenvolvimento da civilização. Ou seja, haveria uma intelectualização excessiva da cultura que a levaria a enrijecer-se, a petrificar-se: “O stop do pensamento que é dinâmico”⁴⁴.

Na Europa, a sensação era de uma civilização devastada pela guerra. O primitivismo, nesse caso, poderia, então, fornecer um novo caminho para o futuro, uma nova proposta de racionalidade. A percepção, tal como em Mário e Oswald de Andrade, era a de que a civilização provinha de uma experiência no mínimo decepcionante e cujas bases pareciam se desfazer.

A antropofagia defendida por Oswald de Andrade na década de 1920 consistia num esforço de formulação de uma cultura brasileira original que não se estruturava em torno do conceito de identidade. Ao contrário, buscava utilizar a prática antropofágica primitiva para superar a decadência de uma cultura que havia expulsado de si tudo aquilo que dissesse respeito ao não idêntico.

Tal como afirmou Oswald de Andrade, “o que sobrenada, sobrenada no caos”⁴⁵, e havia algo na ideia de primitivismo que dava um lugar àquilo que vinha sendo ignorado pela civilização, para essa força cega que reapareceria como uma espécie

40 Para o modernista, a sociedade ideal deve ocorrer sob a égide do matriarcado.

41 Como inferiu Benedito Nunes, “Quanto à sua ideologia, o ‘antropófago’ é parente consanguíneo, pelo lado do homem natural, do bom selvagem. Este, ao contrário do animal feliz da interpretação errônea corrente, já é o primitivo socializado de Rousseau, no *Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les hommes*, que conseguira viver num estado de equilíbrio, entre Cultura e Natureza, na fimbria da sociedade política nascente, onde a piedade e o amor-próprio se contrabalançavam, porque aí não havia nem propriedade privada da terra nem concentração do poder no Estado”. NUNES, Benedito. (1972). A antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. 4. ed. São Paulo: Globo, 2011. (Obras Completas de Oswald de Andrade). p. 37.

42 ROUSSEAU, Jean Jacques. (1755). Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. In: _____. Do contrato social; Ensaio sobre a origem das línguas; *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores). p. 241.

43 Oswald de Andrade. (1928). Manifesto antropófago, op. cit., p. 179. Esse é um dos momentos da obra de Oswald de Andrade que apresentam certo elogio ao irracionalismo que, posteriormente, permitiu a leitura de toda a sua obra dessa maneira.

44 Ibidem, p. 176.

45 ANDRADE, Oswald de. (1953). A marcha das utopias, op. cit., p. 281.

de retorno do recalcado e alcançaria seu grau máximo nos campos de concentração nazistas.

Esse longo século XX foi marcado por uma série de experiências traumáticas, e as vanguardas artísticas muitas vezes as predisseram, tematizaram e buscaram resistir a elas⁴⁶. Sem dúvida o chamado vanguardismo, no sentido amplo do termo, foi um fenômeno complexo e cheio de contradições. Esse século havia revelado o péssimo hábito que têm as utopias de se realizarem às avessas, de se tornarem distopias. E essa é uma das razões que podem explicar o modo como Oswald de Andrade associa o primitivismo à experiência do nazismo, no final de sua vida. A decepção com as utopias e a percepção de que o primitivismo reclamado pelas vanguardas⁴⁷ era uma faca de dois gumes implicaram uma revisão de sua antropofagia.

A contraparte desse processo estava nos elementos emancipatórios trazidos pelo progresso industrial: seu potencial de fazer ruir a tradição, suas pretensões democráticas e a crise da ordem burguesa, que em São Paulo tomou a forma da derrocada da elite cafeeira. No âmbito geral, é essa contradição que Oswald de Andrade procurou trabalhar. Ou seja, a principal fonte social da ambiguidade da obra do modernista consiste na oscilação – própria das vanguardas – entre o entusiasmo com o progresso e a crítica de seus limites, expressos por Oswald através da tentativa de despolarização do local/universal. As vanguardas estão sempre andando, elas também, nessa corda bamba, o que fica patente e visível na noção de primitivismo.

SOBRE A AUTORA

BRUNA DELLA TORRE DE CARVALHO LIMA é doutoranda na Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Departamento de Sociologia/Visiting Scholar at Duke University/Literature Department. Atualmente é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes.
E-mail: bru.dellatorre@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. (1951). Die Freudsche Theorie und die Struktur der faschistischen Propaganda. In: _____. *Gesammelte Schriften 8: Soziologische Schriften 1*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, S. 408-433, 1951.

46 De certo modo isso é uma generalização um pouco extremada, pois sabemos que muitos vanguardistas apoiaram os regimes totalitários, como é o caso, por exemplo, de Marinetti. Busco apenas ressaltar como há uma história da arte ligada às experiências intensas desse século que, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, alcançaram em cheio o coração da América Latina.

47 Conferir BÜRGER, Peter, op. cit.

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. (1947). *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ANCONA LOPEZ, Telê. Uma estreia retomada. In: ANDRADE, Mário de. *Obra imatura*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- ANDRADE, Mário de. (1928). *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.
- _____. *Entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
- _____. Carta a Tristão de Athayde. Citado por Maria Augusta Fonseca. Taí: é e não é – cancionário *Pau Brasil*. *Literatura e sociedade*, n. 7, 2003-2004, p. 120-137.
- _____. *Obra imatura*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- ANDRADE, Oswald de. (1928). Contra os “emboabas”. In: *Os dentes do dragão*: entrevistas. Pesquisa, organização e introdução: Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Globo/Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 59-63.
- _____. (1947). O êxito na terra substituiu a esperança no céu. In: *Os dentes do dragão*: entrevistas. Pesquisa, organização e introdução: Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Globo/Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 201-218.
- _____. (1945). *Marco zero II*: chão. 4. ed. São Paulo: Globo, 1991. (Obras Completas de Oswald de Andrade).
- _____. *Estética e política*. Pesquisa, organização, introdução, notas e estabelecimento do texto: Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Globo, 1992. (Obras Completas de Oswald de Andrade).
- _____. (1928). Manifesto antropófago. In: SCHWARTZ, Jorge. (1995). *Vanguardas latino-americanas*: polêmicas, manifestos e textos críticos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 142-147.
- _____. (1924). Manifesto da Poesia Pau Brasil. In: SCHWARTZ, Jorge. (1995). *Vanguardas latino-americanas*: polêmicas, manifestos e textos críticos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 136-139.
- _____. (1953). A marcha das utopias. In: _____. *A utopia antropofágica*. 4. ed. São Paulo: Globo, 2011. (Obras Completas de Oswald de Andrade), p. 161-209.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. (1933). In: _____. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e a história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 114-119. (Obras Escolhidas – v. I).
- _____. (1936). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e a história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221. (Obras Escolhidas – v. I).
- BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. *Dimensões de Macunaíma*: filosofia, gênero e época. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1987.
- BÜRGER, Peter. (1974). *Teoria da vanguarda*. São Paulo: CosacNaify, 2010.
- CANDIDO, Antonio. (1945). “Estouro e libertação”. In: _____. *Brigada ligeira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 11-30.
- _____. (1965). “Crítica e sociologia”. In: _____. *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. 10. ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008, p. 13-26.
- CHIPP, Herschel Browning. (1988). *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção a).
- FONSECA, Maria Augusta. Taí: é e não é – cancionário *Pau Brasil*. *Literatura e sociedade*, n. 7, 2003-2004, p. 120-137.
- FREUD, Sigmund. (1921). *Psicologia de grupo e análise do ego*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

- HOBSBAWM, Eric J. (1959). *Rebeldes primitivos: estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- HUFFINGTON, Arianna Stassinopoulos. *Picasso: creator and destroyer*. New York: Simon and Shuster, 1998.
- MANFIO, Diléa Zanotto. *Poesias reunidas de Oswald de Andrade (edição crítica)*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992.
- MELLO E SOUZA, Gilda de. (1979). *O tupi e o alaúde*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- MICHELLI, Mário de. (1959). Os mitos da evasão. In: _____. *As vanguardas artísticas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- NUNES, Benedito. (1972). A antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. 4. ed. São Paulo: Globo, 2011, p. 5-8. (Obras Completas de Oswald de Andrade).
- RIBEIRO, Monica Cristina. *Arqueologia modernista: viagens e reabilitação do primitivo em Mário e Oswald de Andrade*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Universidade de Campinas, 2005.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. (1755). Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. In: _____. *Do contrato social; Ensaio sobre a origem das línguas; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).
- SARLO, Beatriz. (1988). *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. Tradução e posfácio: Júlio Pimentel Pinto. São Paulo: CosacNaify, 2010.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo – sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SCHWARTZ, Jorge. (1995). *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- TZARA, Tristan. (1924). Conferência sobre o Dada. In: CHIPP, Herschel Browning. (1988). *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção a).

Cartas e ficção, um capítulo da obra alencariana

[*Letters and fiction, a chapter of alencar's work*]

Patrícia Regina Cavaleiro Pereira¹

RESUMO • Lendo a correspondência de José Martiniano de Alencar (1829-1877), deparamo-nos com um conjunto de quase trezentas missivas de naturezas e finalidades distintas: cartas reais e fictícias. Tais textos epistolares passaram pelas mãos de muitos receptores – destinatários primordiais ou leitores secundários –, para quem o epistológrafo reservava diferentes formas de pronunciar-se, adequando o discurso aos objetivos almejados em cada carta. Com este artigo, pretendemos trazer uma reflexão a respeito da *persona* epistolar alencariana e pensar de que forma José de Alencar utilizou a habilidade de escritor de cartas também na construção de suas tramas romanescas. • **PALAVRAS-CHAVE** • Epistolografia; romantismo;

José de Alencar. • **ABSTRACT** • When we read the correspondence of José Martiniano de Alencar (1829-1877), we find almost three hundred letters of nature and distinct purposes: authentic letters from real life and fictional letters. Such epistolary texts passed through the hands of many receivers - primary or secondary readers - for whom the epistolographer reserved different ways to pronounce his discourse according to the objectives of each letter. With this article, we intend to bring a reflection about the alencariana epistolary persona and think about how José de Alencar used the ability of letter's writer also to build his romanesque plots. • **KEYWORDS** • Epistolography; romanticism; José de Alencar.

Recebido em 6 de julho de 2015

Aprovado em 25 de julho de 2016

PEREIRA, Patrícia Regina Cavaleiro. Cartas e ficção, um capítulo da obra alencariana. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 64, p. 310-323, ago. 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p310-323>

1 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

PERSONA EPISTOLAR

Quando jovem, José Martiniano de Alencar exerceu a advocacia e atuou na imprensa fluminense, mas foi pela literatura e política que enveredou de maneira intensa e definitiva. Escreveu artigos de teor jurídico e político, crônicas, romances-folhetins, peças de teatro e cartas, muitas e variadas cartas.

Ao lermos a correspondência alencariana, descobrimos dois “Alencares”: o homem público – jornalista, escritor e político – que se utilizava largamente das missivas, privadas ou dadas a lume, como instrumento de trabalho; e o cearense reservado dos assuntos domésticos, que contrariava o “caráter nimamente comunicativo do nortista e do brasileiro em geral”² quando abordava a vida particular nas cartas trocadas com amigos ou parentes.

As cartas abertas foram suas aliadas em diferentes momentos da carreira literária e política. Entre junho e agosto de 1856, como redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro*, Alencar marcou sua entrada no círculo literário fluminense ao redigir e publicar oito polêmicas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*³. De 1865 a 1868, a divulgação das 26

2 MOTTA, Arthur. *José de Alencar: o escritor e o político, sua vida e sua obra*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1921, p. 58.

3 Poeta da Confederação dos Tamoios, Gonçalves de Magalhães (1811-1882), que era então o mais célebre vate das letras pátrias, foi alvo de duras críticas do jovem José de Alencar. Segundo Antonio Candido, o autor de *Suspiros poéticos e saudades* “foi aclamado como fundador da literatura verdadeiramente nacional e reverenciado por um grupo de fervorosos seguidores”. Como era de esperar, a publicação das cartas provocou a manifestação dos “amigos do poeta”, personalidades como Manuel José de Araújo Porto-Alegre (1806-1879), Frei Francisco de Monte Alverne (1784-1858) e o monarca Pedro II (1825-1891). CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*, 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007, p. 49.

*Cartas de Erasmo*⁴ também foi marcante em sua trajetória, pois os textos favoreceram a inserção no universo político.

Em *A comédia brasileira*⁵, *Como e por que escrevi Iracema*⁶ e *O nosso cancioneiro*⁷, cartas abertas que fizeram parte de seu projeto literário, o escritor difundia reflexões sobre a estética romântica e a instituição da literatura nacional. No cerne dessas missivas, publicadas, José de Alencar apresentou considerações que iam de aspectos relativos à prosa, poesia e dramaturgia brasileira a apontamentos relacionados à língua portuguesa empregada no Brasil.

Político controverso do Segundo Império, tido como um dos patriarcas da nossa literatura, o autor de *O guarani* “ocupou o prosaetório durante o espaço de uma geração e, apesar de ter morrido relativamente cedo, foi o primeiro escritor que se impôs à opinião pública como figura de eminência equivalente aos governantes, aos militares, aos poderosos”⁸.

Observamos, nesta breve explanação, que Alencar aplicou amplamente a técnica missivista na tentativa de consolidar seus projetos na vida pública. No entanto, além das cartas abertas, que ajudaram a traçar as trajetórias literária e política, ele também se valeu do talento de artífice da correspondência em sua ficção propriamente dita, na qual fez uso de outra face epistolar, como veremos a seguir.

CARTAS E FICÇÃO EM JOSÉ DE ALENCAR: O ROMANCE-FOLHETIM

Portadoras de boas-novas ou de tribulações, as cartas estão entre os elementos narrativos presentes nas tramas alencarianas. Nelas, a missiva contribui, via de regra, para o rompimento e restabelecimento do fluxo narrativo, sendo também, na maioria das vezes, peça determinante na criação de afortunados desfechos para os enredos.

Analisando o tema, Antonio Candido⁹ não nos deixa esquecer que os estudiosos da técnica epistolar aplicada à ficção “indicam, entre as suas características, a

4 As *Cartas políticas de Erasmo ao Imperador* e as *Novas cartas políticas de Erasmo ao povo* estão no quarto volume da Obra completa de José de Alencar. A reunião completa das missivas de Erasmo foi feita por José Murilo de Carvalho, em 2009. O historiador inseriu em sua organização as *Novas cartas de Erasmo ao imperador*, ausentes da obra completa e trazidas à luz por Tâmis Peixoto Parron em sua dissertação de mestrado: *A política da escravidão no império do Brasil: 1826-1865* ou *Cartas a favor da escravidão*. PARRON, Tâmis Peixoto. *A política da escravidão no Império do Brasil, 1826-1865*. Dissertação (Mestrado em História Social). Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009; ALENCAR, José de. *Cartas a favor da escravidão*. Organização de Tâmis Parron. São Paulo: Hedra, 2008. (Série Escola da cidade).

5 Carta aberta publicada pelo jornal *Correio Mercantil*, em 7/11/1857, e em forma de folhetim, no *Diário do Rio de Janeiro*, em 14/11/1857.

6 Trata-se de duas cartas destinadas a Domingos José Nogueira Jaguaribe (1820-1890), primo de José de Alencar, publicadas em forma de prefácio e posfácio à primeira edição do romance *Iracema* (1865).

7 Conjunto de cinco missivas publicado no periódico *O Globo* em 1874.

8 CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*, op. cit., p. 57.

9 Idem., *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 61.

proximidade maior com o leitor, que parece estar vendo a realidade se formar à medida que o missivista escreve”. Fato que muito “ajudaria a verossimilhança”, já que nesses textos, o autor das cartas “é uma espécie de testemunha fidedigna da informação”.

Era, portanto, com o intuito de intensificar o lado real das tramas que os escritores se utilizavam de alguns expedientes romanescos recorrentes, dentre eles, a introdução de missivas nos enredos. Item corriqueiro no cotidiano do século XIX, a carta é um tipo textual que documenta a história narrada, sua presença faz com que os fatos da ficção se aproximem da vida real dos leitores, que tanto apreciavam ver retratados os quadros do dia a dia no rodapé dos periódicos que circulavam pela imprensa¹⁰.

Se evocarmos mais uma vez as palavras do professor Candido¹¹, poderemos localizar alguns dos traços inerentes à constituição do público leitor e da estrutura narrativo-ficcional oitocentista. De acordo com ele,

[...] que mais atraiu o leitor daquele tempo em matéria de romance parece ter sido o de costumes, no qual ele encontrava a vida de todo o dia, sem prejuízo dos lances romanescos que eram então indispensáveis. O brasileiro parecia gostar de ver descritos os lugares, os hábitos, o tipo de gente cuja realidade podia aferir, e que por isso lhe davam a sensação alentadora de que o seu país podia ser promovido à esfera atraente da arte literária.

No caso alencariano, ainda é possível relacionar o artifício aplicado nos textos à técnica de escrita folhetinesca, com a qual Alencar e tantos outros escritores, seus contemporâneos, estavam familiarizados¹². Marlise Meyer¹³, descrevendo o chamado “exagero amplificador” – uma das características dos romances-folhetins por ela apontadas –, menciona a utilização da carta nos enredos. Para ela, a recorrente inclusão não apenas de missivas como também de outros tipos textuais – e menciona testamentos, depoimentos – provava o exacerbado uso de meios dos quais os escritores lançavam mão a fim de assegurar a verossimilhança e, consequentemente, conquistar o leitor, que se manteria fiel até o término da publicação.

Nascido na França, em 1836, o romance-folhetim chega às terras brasileiras em

10 Marlise Meyer, refletindo a respeito do tema, afirma: “Ainda que não existam as necessárias pesquisas, de difícil execução dada a escassez de dados de tiragens e publicações, não faltam indícios da correlação entre a prosperidade do jornal e do folhetim”. MEYER, Marlise. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 294.

11 CANDIDO, Antonio. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 41.

12 Alencar publicou *Cinco minutos* (1856), *O guarani* (1857) e parte de *A Viuvinha* (1857) no rodapé do *Diário do Rio de Janeiro* antes de levá-los às casas de edição.

13 MEYER, Marlise, op. cit., p. 160.

1838¹⁴. Mantendo as características apresentadas no Velho Mundo, os folhetins redigidos no Brasil eram também publicados durante semanas. Logo, como faziam os escritores europeus, com o intuito de garantir o interesse dos leitores pela trama, os brasileiros preocupavam-se especialmente em criar desfechos atrativos para cada um de seus folhetins¹⁵.

Partindo desse princípio, os autores dos textos aplicavam estratégias narrativas que se estenderiam, mais tarde, aos romances publicados pelas casas de edição. É o que afirma José Ramos Tinhorão:

[...] é do romance de folhetim que se originam as principais características da técnica do romance no Brasil: a constante intervenção do autor no desenrolar das histórias (inclusive dirigindo-se aos leitores em tom de conversa); a extrema complicação dos enredos, num desdobramento linear de quadros sem preocupação com a verossimilhança; a finalização de cada capítulo em clima de suspense; e a surpresa da retomada de personagens e situações anteriores em conexão inesperada com as ações atuais (chegaram a ser lugar-comum nas histórias românticas os casos de amor impossível, por descobrirem os amantes – sempre no último capítulo – que eram irmãos)¹⁶.

Uma missiva instigante era, por conseguinte, um trunfo nas mãos do folhetinista. Ao adicionar uma carta à narrativa, o escritor aprimorava o cerzimento da estrutura textual e fazia com que os olhos de seu leitor permanecessem presos à história devido ao frescor e à inovação de rumos que o elemento epistolar trazia para a trama. Esse era um dos “macetes” garantidores da audiência de que nos fala Marlise Meyer¹⁷, novamente, na seguinte assertiva:

Comum a todos, e importantíssimo, era o suspense e o coração na mão, um lencinho não muito longe, o ritmo ágil de escrita que sustentasse uma leitura às vezes ainda soletrante, e a adequada utilização dos macetes diversos que amarrassem o público e garantissem sua fidelidade ao jornal, ao fascículo e, finalmente, o levasse ao livro.

A carta ficcional, como notamos, foi um dos recursos de que José de Alencar e outros folhetinistas-romancistas dispunham para aproximar ainda mais as narrativas do leitor. A presença das missivas fazia com que o público se envolvesse

14 De 31 de outubro a 27 de novembro desse mesmo ano, *O capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, foi trazido a lume pelo *Jornal do Comércio*. A pesquisadora Marlise Meyer ressalta que entre “1839 e 1842 os folhetins-romance são praticamente cotidianos no *Jornal do Comércio*, embora os autores ainda não sejam os mais modernos”. *Ibidem*, p. 283.

15 Marlise Meyer nos recorda mais uma vez que “o romance-folhetim, fatiado nos jornais, retomado em volumes, novamente seccionado em fascículos, encanta a Europa que o engendrou e a América Latina que o acolheu como se fora coisa sua”. *Ibidem*, p. 417.

16 TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994, p. 28.

17 MEYER, Marlise, op. cit., p. 303.

com a trama, se emocionasse com a história e mantivesse o desejo de acompanhá-la até a apresentação do último folhetim. Eduardo Martins,¹⁸ que escreveu sobre o tema, assegura que o estilo epistolar “aproxima esses romances [*Cinco minutos*, *O guarani* e *A Viuvinha*] dos folhetins e funciona como índice de verossimilhança, articulando o enredo à vida do dia a dia”. Segundo ele, “[...] enquanto as crônicas adentravam os limites da fantasia, [...] o romance quer elidir o seu caráter de invenção arbitrária e apresentar-se como verdade, fruto, quer da experiência pessoal do narrador, quer das investigações, fossem elas realizadas em alfarrábios empoeirados ou entre os conhecidos da vizinhança”.

Nas próximas linhas, veremos, então, como se deu o emprego do elemento epistolar em duas narrativas-folhetins alencarianas.

ROMANCES URBANOS & MISSIVAS

“Envio-lhe outro perfil de mulher, tirado ao vivo, como o primeiro”¹⁹, escreve José de Alencar na carta-prefácio que acompanha o romance *Diva*. Lembremos, pois, que os perfis de mulher aos quais se refere o escritor são narrativas cujas protagonistas, apesar de terem espírito romântico – na mais lírica e sentimental concepção da palavra –, são também voluntariosas e donas de temperamento forte²⁰.

Antes, porém, de dar vida às suas mais populares personagens femininas, que protagonizam os perfis, Alencar dedicou-se à “criação” de outras mulheres, frágeis e menos caprichosas, figuras centrais de seus primeiros romances-folhetins – historietas que, *a priori*, ajudaram-no a solucionar problemas financeiros²¹.

Entre 22 e 29 de dezembro de 1856, ele publica *Cinco minutos* no *Diário do Rio de Janeiro*; em 1º de janeiro do ano seguinte, leva *O guarani* ao público do mesmo jornal; e, ainda em 1857 – aos 21 de abril, lança *A Viuvinha*²². Foi com essas primeiras narrativas que o “nosso pequeno Balzac”²³ deu início efetivamente à sua produção literária.

Neste artigo, tendo em vista a influente presença epistolar na produção ficcional alencariana, procuramos fazer apontamentos referentes às duas primeiras narrativas do núcleo urbano da obra de José de Alencar. Escolhemos os folhetins *Cinco minutos* e *A Viuvinha*, pois, em ambos, a missiva é o alicerce estrutural – o que

18 MARTINS, Eduardo Vieira. “José de Alencar: do folhetim ao romance em *Cinco minutos*”. Biblioteca Brasileira Guta e José Mindlin, 2016 (no prelo), p.14.

19 ALENCAR, José de. *Obra completa*. v. I. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1960, p. 333.

20 Os romances que fazem parte dessa categoria são *Lucíola* (1862), *Diva* (1864) e *Senhora* (1875).

21 A fim de alavancar as vendas do periódico, o jovem cearense, então redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro*, decidiu elaborar breves tramas que seriam publicadas nos rodapés do jornal.

22 Devido a um equívoco cometido por Leonel de Alencar, irmão do escritor, *A Viuvinha* tem a sua publicação interrompida. José de Alencar narra os fatos em sua autobiografia literária *Como e por que sou romancista* ALENCAR, José de, op. cit., v. I, p.115-116.

23 CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. II. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007, p. 546.

nos permite afirmar tratar-se de “cartas-romance”²⁴ – e, sobretudo, porque o elemento epistolar é peça-chave no decorrer de ambas as tramas.

Explicando melhor, levamos em conta que o protagonista de *Cinco minutos* narra “uma história, e não um romance”²⁵ nas linhas de uma longa carta escrita à sua prima. Ao lermos essa missiva, deparamo-nos com o relato de um jovem que, devido a um atraso de cinco minutos, conheceu Carlota – a mulher por quem se apaixonou perdidamente. Em sua carta principal, destinada à senhora D***, há a introdução de missivas “secundárias”, que norteiam os passos do missivista em meio aos percalços que surgiram no decorrer de sua história de amor.

Recuperemos o enredo. Depois do primeiro encontro, ocorrido fortuitamente em um ônibus, o jovem se esforçava por rever a moça, de quem não havia conseguido ouvir sequer o nome. Passam-se os dias e, não menos inesperadamente, ele a vê de relance durante a execução da *Traviata* em um dos teatros fluminenses. Após esse episódio, ainda sem conhecer nada a respeito de Carlota, o rapaz escreve à prima, sua correspondente:

Recolhando-me no dia seguinte, achei em casa uma carta. Antes de abri-la conheci que era dela, porque lhe tinha imprimido esse suave perfume que a cercava como uma auréola. // Eis o que dizia: // Julga mal de mim, meu amigo; nenhuma mulher pode escarnecer de um nobre coração como o seu. // Se me oculto, se fujo, é porque há uma fatalidade que a isto me obriga. E só Deus sabe quanto me custa este sacrifício, porque o amo! // Mas não devo ser egoísta e trocar sua felicidade por um amor desgraçado. // Esqueça-me. // C”²⁶.

Desiludido com as palavras da moça, ele decide fazer uma viagem à Tijuca. Lá, recebeu a segunda missiva de Carlota, o que lhe causou uma “surpresa misturada de alegria e de remorso”²⁷. Nela, lemos os dizeres a seguir:

24 Lembremo-nos que os “romances *Cinco Minutos*, *A Viuvinha*, *Lucíola* e *Diva* são estruturados como extensas missivas [...]”. PEREIRA, Patrícia Regina Cavaleiro. “*Há muito tempo que não te escrevo...*”: reunião da correspondência alencariana (edição anotada). Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-31082012-095814/pt-br.php>>. Acesso em: 20 jun. 2016, p.12. Grosso modo, o romance epistolar consiste em uma narrativa construída por uma ou várias correspondências. Alguns exemplos representativos do gênero são: *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), de Goethe, *As ligações perigosas* (1782), de Chordelos de Laclos, e *Drácula* (1897), de Bram Stocker. Logo, não podemos afirmar que as duas narrativas mencionadas neste artigo pertençam a essa categoria, pois não há nelas uma troca efetiva de cartas, existe apenas a escolha do escritor por manter o texto epistolar como base da narrativa e a inserção pontual de missivas que muito contribuem para o andamento das tramas.

25 ALENCAR, José de, op. cit., v. I, p. 153.

26 Ibidem, p. 160.

27 Ibidem, p. 161.

Meu amigo. Sinto-me com coragem de sacrificar o meu amor à sua felicidade: mas ao menos deixe-me o consolo de amá-lo. Há dois dias que espero debalde vê-lo passar, e acompanhá-lo de longe com um olhar! Não me queixo; não sabe nem deve saber em que ponto de seu caminho o som de seus passos faz palpar um coração amigo. Parto hoje para Petrópolis, donde voltarei breve; não lhe peço que me acompanhe, porque devo ser-lhe sempre uma desconhecida, uma sombra escura que passou um dia pelos sonhos dourados de sua vida. Entretanto eu desejava vê-lo ainda uma vez, apertar a sua mão e dizer-lhe adeus para sempre. C.²⁸.

Assim que terminou a leitura da carta, o rapaz partiu ao encontro de sua amada, que já estava em Petrópolis, onde, finalmente, puderam trocar breves palavras. O diálogo estabelecido entre ambos, contudo, não foi suficiente para que acontecimentos inesperados deixassem de ocorrer. Na manhã do dia seguinte, o jovem deparou-se com uma “caixinha de pau-cetim” na qual encontrou uma sobrecarta endereçada a ele. Nela, havia o retrato de Carlota, “[...] alguns fios de cabelo e duas folhas de papel escritas por ela [...]” cuja leitura ele fez “[...] de surpresa em surpresa”²⁹.

A missiva mencionada pelo narrador foi cuidadosamente inserida em dois capítulos/folhetins da narrativa, os de número VI e VII. Trata-se da mais longa carta de Carlota, na qual a moça expõe o sério problema de saúde que lhe acometia e o temor que sentia ao cogitar a possibilidade de iludir seu amado com falsas expectativas. Ainda assim, a jovem expressava o desejo de que ele fosse para a Itália, destino que lhe fora recomendado pelos médicos, em companhia dela e de sua mãe. Vejamos alguns trechos dessa extensa carta:

Devo-te uma explicação, meu amigo.// Esta explicação é a história da minha vida, breve história, da qual escreveste a mais bela página. [...]// Sim, meu amigo!... Estava condenada a morrer, estava atacada dessa moléstia fatal e traiçoeira, cujo dedo descarnado nos toca no meio dos prazeres e dos risos, nos arrasta ao leito, e do leito ao túmulo, depois de ter escarnecido da natureza, transfigurando as suas mais belas criações em múmias animadas. [...]// Sim, vem! Iremos pedir ao belo céu da Itália mais alguns dias de vida para nosso amor; iremos onde tu quiseses, ou onde nos levar a Providência³⁰.

Depois de ler a mensagem, o rapaz inicia uma corrida desenfreada – passando por peripécias³¹ que bem caracterizam o gênero folhetinesco – a fim de chegar antes da partida do pacote. Malfadado o seu intento, a distância que a partir de então se interpôs entre os enamorados não impediu que Carlota continuasse a escrever-lhe; suas cartas permaneceram vivas na trama. A missiva seguinte, na qual a moça não

28 Ibidem, p. 161.

29 Ibidem, p. 167.

30 Ibidem, p. 167-171.

31 Trata-se dos acontecimentos que ocorreram durante a viagem “louca, esvairada, delirante” que o jovem narrador empreendeu de Petrópolis ao porto de onde sairia o navio para a Europa, levando Carlota. Ibidem, p. 173.

se despedia do narrador, aparece no capítulo X. Acompanhem as palavras do narrador-missivista:

No meio da tristeza que me causara a sua ausência, o que me deu um grande consolo foi uma carta que ela me havia deixado, e que me foi entregue no dia seguinte ao da sua partida. // Bem vês, meu amigo, dizia-me ela, que Deus não quer aceitar o teu sacrifício. Apesar de todo o teu amor, apesar de tua alma, ele impediu a nossa união; poupou-te um sofrimento e a mim talvez um remorso. // Sei tudo quanto fizeste por minha causa, e adivinho o resto; parto triste por não te ver, mas bem feliz por sentir-me amada, como nenhuma mulher talvez o seja neste mundo³².

Assim que a lê, ele segue em direção à Europa, onde, “em todos os portos da escala do vapor havia uma carta que continha duas palavras apenas: ‘Sei que tu me segues. Até logo’”³³. No velho continente, os enamorados se reencontram e, durante a temporada de um ano que passam lá, a jovem se cura da grave moléstia. Em terras brasileiras, “como as andorinhas que voltam com a primavera”³⁴ Carlota e seu amado vivem, enfim, dias de muita felicidade.

O narrador, ao término de sua missiva, ratifica a presença do gênero epistolar no relato despedindo-se de sua correspondente, D***, com as seguintes palavras: “Adeus, minha prima. Carlota impacienta-se porque há muitas horas que lhe escrevo; não quero que ela tenha ciúmes desta carta e que me prive de enviá-la. Minas, 12 de agosto”³⁵.

Acabada a exposição do fio condutor da narrativa e das missivas que o tecem, refletamos a respeito do emprego epistolar na trama. Notemos, primeiramente, que todas as missivas introduzidas na carta central são fruto da pena de Carlota. Não há uma troca de cartas efetiva, uma correspondência propriamente dita, a única missiva escrita pelo narrador é a enviada à prima, ou seja, a “carta-romance”.

Se nos atentarmos, concluiremos que a personagem Carlota, apesar de não se enquadrar nos perfis de mulher alencarianos, exerce o importante papel de epistológrafa responsável pela condução da trama. Não seria demais afirmarmos também que os fatos da narrativa só se desenrolam em função de suas cartas, redigidas em tom dramático e de exagerado apelo sentimental – característica folhetinesca.

Recapitulando, sabemos que há, em *Cinco minutos*, quatro missivas fundamentais que direcionaram a narrativa. A primeira carta desencoraja o narrador a continuar nutrimos sentimentos em relação à amada desconhecida; a segunda missiva motivou a ida do rapaz a Petrópolis e, conseqüentemente, favoreceu o primeiro encontro voluntário dele com Carlota.

Nesse momento da trama, a disposição epistolar revela uma das estratégias folhetinescas aplicadas por Alencar. O quinto capítulo/folhetim termina quando o

32 Ibidem, p. 180.

33 Ibidem, p. 181.

34 Ibidem, p. 183.

35 Ibidem, p. 184.

narrador tem em mãos a longa e reveladora missiva de Carlota, cuja leitura se estende aos dois capítulos/folhetins seguintes, sexto e sétimo – manobra que evidencia o artifício de atração e manutenção do leitor.

Na terceira e mais longa carta do romance, a moça relata a razão que a afastava de seu amado e sugere que ele a acompanhe em uma viagem à Europa. Malgrado o projeto, a despeito dos esforços do rapaz, Carlota redige uma quarta e última missiva, que o motiva a persistir no propósito de revê-la; desenlace que, finalmente, se concretiza, colocando um ponto final na história.

Eis, com a apresentação dessas quatro cartas, a base epistolar que conduziu toda a narrativa. Lembramos que, ao escolher os dois primeiros romances urbanos da obra de José de Alencar como objeto de análise, não perdemos de vista que essas produções – dotadas de ares folhetinescos – não apresentam a mesma dimensão literária de outros romances de sua obra, como *Senhora* ou *Lucíola*, para nos atermos à ficção urbana.

De acordo com Arthur Motta, “*Cinco Minutos* e *A Viuvinha* são dois ensaios poéticos de romances que esboçam a feição dominante dos perfis de mulher traçados pelo autor”³⁶. O estratagema epistolar adotado pelo escritor foi o que nos interessou de perto quando fizemos a releitura dessas duas narrativas compostas dos mais genuínos preceitos românticos.

Dando continuidade às observações, discorreremos nas próximas linhas acerca da estrutura “carteadora” de *A Viuvinha*, mais um romance-missiva no qual as cartas funcionam como mecanismo que gera e soluciona problemas de maneira simples e irrefutável³⁷.

“Mas eu não escrevo um romance, conto-lhe uma história [...]”³⁸. Com essas palavras, o protagonista-missivista da trama – assim como fizera o narrador-epistológrafo de *Cinco minutos* –, descreve a carta-romance destinada à prima D.***. Recordemos, brevemente, como se sucederam os fatos da narrativa.

Jorge é um *bon-vivant* que, ao decidir se casar com Carolina, sua noiva, descobre estar na miséria. Os negócios do pai, já falecido, tinham ido à bancarrota e existiam muitas dívidas a serem pagas devido aos gastos excessivos que o jovem tivera com a vida boêmia que levava.

Desesperado com a situação, o rapaz pensa, inicialmente, em desistir do casamento. Nessa passagem da narrativa, localizamos a primeira referência epistolar

36 MOTTA, Arthur, op. cit., p. 141.

37 Em um de seus ensaios, José Ramos Tinhorão refere-se às decisões que os folhetinistas, em geral, tinham nas mãos no momento de definir os rumos de suas narrativas: “[...] levar seus personagens a insurgir-se contra o código oficial, passando eles, os romancistas, a enfrentar a acusação de imorais ou ‘perigosos’; resolver o impasse pela tragédia e a morte; ou, habilmente, conciliar a problemática amoroso-social desencadeada pelos enredos através de imprevistos salvadores (a morte ou desmascaramento do opressor; o recebimento de uma herança etc.). Alternativas essas que, no fundo, valiam por uma forma de ceder às convenções salvando as aparências libertárias do Romantismo”. TINHORÃO, José Ramos, op. cit., p. 16. O aparecimento de uma carta, portanto, também desempenharia esse “papel romântico”, pois solucionaria problemas intransponíveis de forma quase mágica.

38 ALENCAR, José de, op. cit., p. 211.

da trama, a carta na qual ele explicaria para a mãe de sua noiva as razões que o tinham levado a tal tomada de atitude. Leiamos o trecho:

[Jorge] Sentou-se à mesa e começou a escrever com uma espécie de delírio uma carta à mãe de Carolina; mas, apenas havia traçado algumas linhas, a pena estacou sobre o papel. – Seria matá-la! Balbuciou ele³⁹.

Abandonada a missiva, em meio a uma noite de agonia, o moço reflete e chega à conclusão de que a melhor maneira de fugir de seus compromissos seria a morte. Decidido a se matar, todavia, Jorge ainda se preocupava com a reputação de Carolina, com quem estava comprometido. Achou por bem levá-la, então, ao altar antes de cometer o suicídio.

É na noite de núpcias do casal que surge a segunda referência epistolar da trama: a carta suicida, apenas mencionada algumas vezes durante a narrativa⁴⁰, que o rapaz havia redigido para sua esposa. Sobre ela, escreve o narrador-epistológrafo à prima:

[...] Não transcrevo aqui essa longa carta para não entristecê-la, D***, porque nunca li coisa que me cortasse tanto o coração. Jorge explicava à sua mulher a fatalidade que o obrigava, ele, votado à morte, a consumir esse casamento, que a devia fazer desgraçada, mas que ao menos a deixava pura e sem mácula⁴¹.

Ao chegar nas Obras da Misericórdia, lugar também conhecido como “o templo do suicídio”, Jorge – que estava sendo vigiado de perto desde o início da trama pelo senhor Almeida, velho amigo de seu pai – desiste, afinal, da ideia de tirar a própria vida. Instruído pelo velho, no entanto, ele se aproveita do corpo de outro jovem que acabara de se matar e simula o próprio suicídio, comprovado em uma carta – peça-chave do plano elaborado por Almeida⁴². Acompanhemos a descrição do narrador:

Um dos guardas meteu a mão no bolso da sobrecasaca [que vestia o corpo do suicida], e achou uma carteira contendo algumas notas pequenas, e uma carta apenas dobrada, que ele abriu e leu: “Peço a quem achar o meu corpo o faça enterrar imediatamente, a fim de poupar à minha mulher e aos meus amigos esse horrível espetáculo. Para isso achará na minha carteira o dinheiro que possuo.

Jorge da Silva 5 de setembro de 1844”⁴³.

39 Ibidem, p.196.

40 Uma dessas ocorrências se dá no capítulo XIV, quando o narrador relata à sua correspondente os fatos que se sucederam após a “morte” de Jorge: “Nisto a porta do quarto abriu-se, e Carolina, branca como a cambraia que a vestia, apareceu na porta, tendo na mão a carta de Jorge” (ALENCAR, vol. I, 1960, p.219).

41 ALENCAR, José de, op. cit., p. 225.

42 Assim disse Almeida: “– Ali está o corpo de um infeliz; é um cadáver sem nome, sem sinais que digam o que ele foi; deite sobre ele uma carta, desapareça e daqui a uma hora o senhor terá deixado de existir”. Ibidem, p. 219.

43 Ibidem, p. 204-205.

Por meio dessa carta forjada, portanto, Jorge declara-se morto para a sociedade e confirma seu desaparecimento para a mulher que havia acabado de desposar. Cinco anos se passam, afastado da vida social da corte, o falso suicida trabalha arduamente e salda suas dívidas, honrando o nome do pai. Enquanto isso, Carolina, que “não havia libado do amor senão perfumes”, vivia com a mãe e era chamada por todos de “a Viuvinha”⁴⁴.

Com a intenção de reaproximar-se de sua esposa, Jorge recorre, mais uma vez, às cartas. Agora, o que lemos, porém, não é uma missiva tradicional, mas “uma sobrecarta, fechada com este endereço: – *A ela*. [...] Não havia dentro nem carta, nem bilhete, nem uma frase, nem uma palavra; mas uma flor só, uma saudade”⁴⁵.

São essas missivas que fazem com que a viúva se aproxime novamente do “falecido” marido. Esses textos epistolares são os responsáveis pelo “renascimento” de Jorge. O narrador continua:

[...] porque todas as manhãs [a moça] achava a mesma carta sem palavras e a mesma flor. Quando isso tomou ares de uma perseguição amorosa, a moça revoltou-se, e deixou de tirar as cartas, que ficaram no mesmo lugar onde as tinham posto. Parecia que o autor dessa correspondência ou não se importava com a indiferença que lhe mostrava Carolina ou contava vencê-la à força de constância⁴⁶.

Essa terceira missiva é reiterada pela quarta e última, que traz poucas, mas decisivas palavras, fazendo com que o casal se reencontre e tenha, assim como os enamorados de *Cinco minutos*, um final feliz: “Abrindo a carta, Carolina viu pela primeira vez algumas frases escritas, que seus olhos devoraram com avidez. Dizia: ‘Amanhã à meia-noite no jardim. É a primeira ou a última prece de um imenso amor’”⁴⁷.

Concluimos que, mais uma vez, a missiva é empregada na narrativa como item que provoca turbulências no decorrer da trama, mas que contribuiu de forma determinante para um desfecho venturoso. Em *A Viuvinha*, são também quatro as cartas decisivas, responsáveis pelo desenvolvimento do enredo, já que delimitam os eventos mais importantes da trama, sejam eles inquietantes ou alentadores: a “morte” de Jorge – e o conseqüente surgimento da imagem da “Viuvinha” – e o “renascimento” de Jorge.

Na narrativa de 1857, acreditamos que há uma estrutura epistolar mais elaborada que a apresentada em *Cinco minutos*⁴⁸. No primeiro romance-folhetim de Alencar,

44 Ibidem, p. 222.

45 Ibidem, p. 223.

46 Ibidem, p. 223.

47 Ibidem, p. 225.

48 Levantamos a hipótese de que o escritor pôde desenvolver um trabalho mais apurado em *A Viuvinha*, talvez, por não ter publicado a narrativa integralmente como romance-folhetim, situação inversa da ocorrida com *Cinco minutos*.

as cartas – que provêm sempre da pena da mesma missivista – estão presentes na criação de uma série de eventos pitorescos e leves, idas e vindas do protagonista em busca de sua amada.

Tais fatos não trazem a mesma gravidade dos acontecimentos provenientes das missivas de *A Viuvinha*. Nesse romance, a ideia do suicídio estabelecida por meio de uma carta é a base de toda a primeira parte da trama, cuja continuação – o reencontro do casal – se dá, de novo, mediante textos epistolares.

Como afirmamos anteriormente, não nos esquecemos da simplicidade literária dessas duas primeiras publicações alencarianas. Temos consciência de que *Cinco minutos* e *A Viuvinha* estão entre os romances experimentais do escritor cearense; entretanto, os nossos olhos se voltaram para essas duas breves narrativas pelo interessante trabalho epistolar que o autor executa.

POST-SCRIPTUM

Como pudemos constatar, a criação epistolográfica de José de Alencar é vasta e merece uma investigação profunda e cuidadosa. Ambas as faces do epistolário do escritor, cartas privadas ou públicas, reais ou fictícias, fazem-nos refletir a respeito das funções da missiva dentro e fora do contexto literário.

As cartas providas do epistolário verídico ou as missivas surgidas da pena ficcional alencariana⁴⁹ ainda serão, certamente, tema de muitos artigos e trabalhos acadêmicos. Segundo Marcos Moraes⁵⁰, “a carta/texto tanto pode ser ‘material auxiliar’, ajudando a compreender melhor a obra e a vida literária, quanto escrita que valoriza a função estética/poética; ou, ainda, ‘texto literário’ nas paragens do romance epistolar...”. É o que notamos também quando adentramos na produção epistolar desse jornalista, político e escritor, composta por uma ampla e variada gama de textos.

Considerando que Alencar optou pela missiva até mesmo quando decidiu elaborar sua autobiografia intelectual⁵¹, é possível apreendermos a grandiosidade de sua correspondência e de sua ficção “carteadora”. O legado epistolar alencariano, que vislumbramos aqui, continuará certamente sendo abordado em futuros artigos, nos quais as trajetórias política e literária de José de Alencar serão recontadas por meio de suas cartas.

49 Nora Bouvet, refletindo a respeito das facetas da produção epistolar, chama de “‘cerradas’, ‘auténticas’, ‘verdaderas’, ‘históricas’ o ‘reales’ a las cartas efectivamente enviadas a un destinatario determinado (‘privadas’) y ‘abiertas’, ‘inventadas’, ‘ficticias’, ‘imaginadas’ o ‘apócrifas’ a las cartas publicadas (‘públicas’). En principio, se entiende por ‘auténtica’ o ‘verdadera’ la carta privada, es decir, dirigida y enviada efectivamente a un destinatario determinado, y por ‘inventada’ o ‘ficcional’ la que no cumple esos requisitos”. BOUVET, Nora Esperanza. *La escritura epistolar*. Buenos Aires: Eudeba, 2006, p. II4-II5.

50 MORAES, Marcos Antonio de. Sobrescrito. *Teresa*: revista de literatura brasileira/área de Literatura Brasileira. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – n. 8/9. São Paulo: Editora 34, 2008, p. 9.

51 Trata-se de *Como e por que sou romancista* (1893).

E em tal empreitada, haverá espaço, novamente, sem dúvida, para um estudo mais abrangente e extenso acerca da predileção do escritor pelas missivas na construção de sua obra ficcional, tema apenas introduzido neste artigo.

SOBRE A AUTORA

PATRÍCIA REGINA CAVALEIRO PEREIRA é mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Academicamente, trabalha com os seguintes temas: epistolografia e historiografia literária com ênfase no século XIX.
E-mail: prcpereira@hotmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José de. *Obra completa*. v. I, III e IV. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960.
- _____. *Cartas a favor da escravidão*. Organização de Tâmis Parron. São Paulo: Hedra, 2008. (Série Escola da cidade).
- BOUVET, Nora Esperanza. *La escritura epistolar*. Buenos Aires: Eudeba, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2002.
- _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. II. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- _____. *Iniciação à literatura brasileira*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- MARTINS, Eduardo Vieira. “José de Alencar: do folhetim ao romance em *Cinco minutos*”. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2016 (no prelo).
- MEYER, Marlise. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MORAES, Marcos Antonio de. Sobrescrito. *Teresa: revista de literatura brasileira/área de Literatura Brasileira*. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – n. 8/9. São Paulo: Editora 34, 2008.
- MOTTA, Arthur. *José de Alencar: o escritor e o político, sua vida e sua obra*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1921.
- PARRON, Tâmis Peixoto. *A política da escravidão no Império do Brasil, 1826-1865*. Dissertação (Mestrado em História Social). Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009.
- PEREIRA, Patrícia Regina Cavaleiro. “*Há muito tempo que não te escrevo...*”: reunião da correspondência alencariana (edição anotada). Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-31082012-095814/pt-br.php>>. Acesso em: 20 jun. 2016.
- TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

A black and white aerial photograph of São Paulo, Brazil, in 1929. The image shows a dense urban landscape with numerous buildings, mostly with dark tiled roofs. In the upper center, a tall, modern building is under construction, featuring a prominent tower and scaffolding. The street below is wide and lined with buildings, with some vehicles visible. The overall scene captures the rapid urbanization and architectural changes of the early 20th century in São Paulo.

RESENHAS • BOOK REVIEWS)

São Paulo
Estação da Luz
1929
Arquivo IEB-USP

***Diário de bordo*, de Cecília Meireles, ilustrado por Fernando Correia Dias: correspondências artísticas e gênese da viagem na obra ceciliana**

"Diário de bordo", by Cecília Meireles, illustrated by Fernando Correia Dias: artistic correspondence and genesis of the trip in the work of Cecília Meireles

Luís Antônio Contatori Romano¹

[MEIRELES, Cecília. *Diário de bordo*. Ilustrações de Fernando Correia Dias. São Paulo: Global, 2015.

Diário de bordo, de Cecília Meireles, lançado pela Editora Global em 2015, seduz de imediato pela beleza da cuidadosa edição, em papel *couché reflex*, que contribui para destacar as reproduções fotográficas de ilustrações criadas pelo artista plástico Fernando Correia Dias, primeiro marido da poeta. Ao nos determos no texto, encontramos a reunião das primeiras crônicas de viagem de Cecília Meireles, escritas diariamente durante a travessia marítima do Rio de Janeiro a Lisboa a bordo do navio Cuyabá, entre 20 de setembro e 12 de outubro de 1934, em companhia de Correia Dias. São 22 crônicas que registram impressões da luz, do mar, dos passageiros e da tripulação, das paisagens que a poeta vê ao largo, das cidades em que o navio atracava... textos que sempre têm correspondências em ilustrações feitas por Correia Dias durante a viagem, empregando a técnica de pintura direta *alla prima*, bastante difundida entre os pintores impressionistas.

ROMANO, Luís Antônio Contatori. *Diário de bordo*, de Cecília Meireles, ilustrado por Fernando Correia Dias: correspondências artísticas e gênese da viagem na obra ceciliana. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 64, p. 325-335, ago. 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p325-335>

¹ Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa, Marabá, PA, Brasil) e CNPq (pesquisador produtividade).

Nesses textos, encontramos, em gênese, registros de impressões que reaparecerão na obra posterior de Cecília Meireles, especialmente na poesia de *Viagem*, de 1938, e de *Mar absoluto*, de 1945, e também, é claro, na prosa-poética de crônicas de outras viagens, que a poeta realizará entre as décadas de 1940 e 1960. Já estão presentes em *Diário de bordo*: o mar como metáfora do infinito em oposição à transitoriedade da vida, passível de reinvenção estética; pensamentos sobre a “arte de viajar” e o desejo de ser “marinheira”, ambos ligando-se a uma espécie de nostalgia das origens familiares, além de interesses por temas da cultura popular, recorrentes em suas crônicas de educação, escritas entre as décadas de 1930 e 1940, em textos publicados na revista *Travel in Brazil*, entre 1941 e 1942, e no livro *Artes populares*, da década de 1950. A essa riqueza intratextual que *Diário de bordo* revela, une-se certo recurso intertextual, também tão marcante nas crônicas de viagem posteriores – textos que são verdadeiros hipertextos *avant la lettre*. Assim, além da íntima correspondência entre as pinturas em palavras de Cecília Meireles e as ilustrações em pincel e tinta de Fernando Correia Dias, ambas as expressões permitem aproximações com artes plásticas diversas. Há, por exemplo, comparações manifestas entre o que Cecília vê na paisagem marinha e a pintura oriental e a porcelana dinamarquesa. Mas o atento leitor-viajante também poderá tecer relações entre as correspondências artísticas Cecília-Fernando com obras de outros pintores.

Em 1934, Cecília Meireles e Correia Dias colaboravam no diário carioca *A nação*, destino das crônicas, ilustradas pelo marido, que Cecília enviava, por correio, durante as escalas do navio. A travessia significava para Correia Dias uma possibilidade de reencontro com a terra natal depois de vinte anos radicado no Brasil. Também para Cecília era uma viagem de “reencontro” sentimental com suas origens portuguesas.

Em Portugal, permaneceram por três meses, onde, a convite da amiga Fernanda de Castro, esposa de Antônio Ferro, então diretor da Secretaria de Propaganda Nacional, do governo Salazar, a poeta proferiu conferências. A mais conhecida, realizada em 17 de dezembro de 1934, foi “Samba, batuque e macumba”, ricamente ilustrada pela própria poeta, sendo publicada no ano seguinte como separata da revista *Mundo português*. Durante essa estada de três meses, estava incumbida de fazer entrevistas e reportagens para *A nação* e outros jornais cariocas e paulistas nos quais colaborava. O casal retornou ao Brasil a bordo do navio Bagé, também do Lloyd Brasileiro, como o Cuyabá, chegando ao Rio de Janeiro em 12 de janeiro de 1935.

Na edição do *Diário de bordo*, além das crônicas de Cecília, com as ilustrações de Correia Dias, há também reproduções de antigas fotografias do casal e de páginas do “Diário de bordo”, publicado no jornal *A nação* em 1934, que enriquecem o valor documental da obra e contribuem para transmitir certo clima nostálgico, abrindo-se para a fantasia do leitor, tão ao gosto dos textos de viagem cecilianos. Esse rico material literário, pictórico e fotográfico é precedido de uma introdução escrita pelo neto da poeta e curador da edição, Alexandre Carlos Teixeira, além de textos de Alberto da Costa e Silva e de Jussara Pimenta, que também redige o posfácio. Não somente pela qualidade da edição, que, por si só, valoriza as ilustrações, evidencia-se, nesses textos introdutórios, certa intenção de projetar luz sobre o trabalho artístico de Fernando Correia Dias, um tanto quanto esquecido e do qual praticamente não há referências evidentes em outras obras de Cecília Meireles. Alexandre Teixeira e

Jussara Pimenta procuram realçar as possíveis influências desse múltiplo artista português na formação literária da poeta.

Pimenta salienta que Correia Dias trabalhou como ilustrador para as revistas do grupo Festa, liderado por Tasso da Silveira e Andrade Muricy, que frequentavam a residência do casal no Rio de Janeiro. Além disso, antes de emigrar para o Brasil, Correia Dias havia trabalhado em revistas literárias portuguesas com Fernando Pessoa, Almada Negreiros, entre outros modernistas, sugerindo-se que foi através do primeiro marido que Cecília teria se tornado, talvez, a primeira leitora de relevância da poesia de Pessoa no Brasil, ainda na década de 1920. Alberto da Costa e Silva salienta que, a partir dessa viagem a Portugal, as afinidades com o tema do mar se instalarão definitivamente na poesia de Cecília Meireles como paisagem e símbolo.

Na crônica de 26 de setembro de 1934, Cecília relata um dia de navegação entre Salvador e Recife. Depois de contar, em tom irônico, sobre as conversas femininas corriqueiras nas cadeiras do convés do navio, a crônica termina com impressões das variações de luz que incidem sobre a paisagem marinha ao longo do dia:

Pela manhã, despontam céus rosados, com nuvens de gaze trêmula, que o sol vai desfolhando, ao surgir. O mar é ainda todo feito de sombra, com o resto da noite adormecido no fundo.

Depois, vai tudo brilhando e ganhando transparência e cor. O meio-dia deslumbra. A água dissolve safiras e diamantes. O céu tem uma nitidez de porcelana. E o vento vai levando a fumaça do navio, que tanto se desdobra no céu como no reflexo das ondas. Começa, então, a refrescar no boroeste, e em bombordo o convés se enche de sol.

O crepúsculo tem sido vivo de cores e rico de nuvens. Um instante o sol fica rente às águas, invertido nelas. Depois cai para dentro. Some-se, como se o mar o bebesse.

Penso na impressão dos homens primitivos diante desse desaparecimento da luz. E imagino que a primeira viagem pelas águas talvez fosse para descobrir onde ao certo morava o sol².

Essa crônica é ilustrada por duas notáveis pinturas de Correia Dias, em harmonia com as impressões que a poeta pinta com palavras e com seu estado de alma. Uma delas corresponde à imagem do amanhecer sobre o mar³. Correia Dias pinta o sol emergindo do mar azul, mas “ainda todo feito de sombra”, sugerindo “o resto da noite”. O céu se ilumina de cores, mas, na pintura, de grandes pinceladas, são mais fortes e tensas que os tons rosados descritos por Cecília, são vermelhos, amarelos e verdes, não permitindo entrever as “nuvens de gaze trêmula”, vislumbradas pela poeta. A visão do amanhecer sobre o mar, descrita na crônica, pode sugerir Monet, talvez a tela *Impressão, sol nascente*, de 1874, embora nesta tenhamos impressões de um

2 MEIRELES, Cecília. *Diário de bordo*. Ilustrações de Fernando Correia Dias. São Paulo: Global, 2015, p. 67.

3 Ibidem, p. 66-67.

instante posterior àquele registrado pela poeta, pois o sol já vai um pouco alto e seu reflexo começa a se sobrepor às sombras noturnas do mar. Já na pintura de Correia Dias sente-se uma certa intensidade de cores, sugerindo um efeito de dramaticidade, aproximando-o, talvez, mais de William Turner que de Claude Monet.

Em momento mais avançado, em 5 de outubro, após três dias de navegação, o Cuyabá passa pelas ilhas de Maio e Boa Vista, no arquipélago de Cabo Verde. Cecília Meireles registra um pensamento que revela solidão, a pequenez e a efemeridade dos sofrimentos humanos diante da imensidão de águas e da permanência das terras:

É uma estranha sensação, esta de ficar à amurada de um navio, depois de longos dias de águas desertas, esperando o aparecimento de um pedaço de terra que não nos verá, diante da qual passaremos com o nosso mistério, como se não existíssemos, ficando, para depois de nós, para além da nossa vida, com a sua duração insensível sobrevivendo ao prazer e à dor que agravaram a nossa angústia de efêmeros⁴.

Outra ilustração de Correia Dias⁵ que acompanha a crônica de 26 de setembro, e também está na capa da edição de *Diário de bordo*, mostra uma mulher no canto esquerdo da tela, de costas, toda coberta de roupas escuras, debruçada no parapeito do convés do navio a contemplar a paisagem, terras montanhosas ao longe, em nuances escuras que se intensificam no canto direito da tela, correspondendo, possivelmente, ao ponto a que se dirige o olhar da personagem feminina. Paisagem que poderia também ser a que Cecília contempla ao largo das ilhas do arquipélago de Cabo Verde. Na pintura, Correia Dias harmoniza simetricamente os tons mais escuros da tela: as roupas da personagem contemplativa, de costas para o espectador, e a paisagem montanhosa, do outro lado das águas marinhas. Cena que pode lembrar *Mulher à janela em Figueres*, de Salvador Dalí (1926). No entanto, o volume e o delineamento da personagem não têm a nitidez e a sensualidade que encontramos na representação da modelo Ana Maria Dalí, que parece ganhar concretude na tela. A Cecília de Correia Dias é quase uma sombra, é lateral a uma paisagem maior que ela, enquanto a de Dalí está apenas levemente deslocada do centro, é nítida, luminosa e sensual, destaca-se do cenário e sugere movimento calmo e vivacidade através das ondulações dos cabelos, da posição da perna direita, além da sugestão do vento a balançar as cortinas e o vestido de tecido leve, movimento em harmonia com o ritmo das ondas de um mar calmo. O leve deslocamento de Ana Maria Dalí do centro do quadro permite que ela contemple a paisagem externa à janela, que, pelo reflexo no vidro, percebe-se ser dominada por uma povoação de construções brancas. Assim, volume, delineamento, movimento, nitidez e até o deslocamento contribuem para criar certa ilusão de concretude e realidade.

Na pintura de Correia Dias, embora haja alguma sugestão de movimento nas ondas do mar e na parte inferior do pesado vestido deslocado pelo vento, a personagem, completamente coberta com roupas pesadas e escuras, é lateral à paisagem vista: mar, praia, vegetação e montanhas, destituída de quaisquer marcas humanas.

4 Ibidem, p. 127-128.

5 In: MEIRELES, Cecília. *Diário de bordo*, op. cit., 2015, p. 63.

Essa paisagem parece absorvê-la e a pequená-la em sua solidão. Por isso, talvez a pudéssemos aproximar da mulher do quadro *Automat*, de Edward Hopper (1927). Deixemos de lado as correntes, e evidentes, interpretações que consideram o quadro de Hopper uma representação da solidão humana na era da modernidade burguesa e associam o título não somente ao cenário como também à rigidez corporal da personagem, pensemos apenas em sua solidão e ensimesmamento. A Cecília pintada por Correia Dias, solitária e de costas para o passadiço do navio, olha a paisagem como se estivesse voltada para si mesma, como alguém indevassável, o que parece reforçado pelas roupas pesadas e escuras que a encobrem. Em Hopper, o restaurante vazio, envidraçado, e a ausência de marcas humanas através do vidro, para o qual a personagem feminina dá as costas, intensificam a sensação de autofechamento.

Assim, paradoxalmente, a personagem feminina de Correia Dias parece condensar a calma contemplação da *Mulher à janela em Figueres*, de Dalí, sentindo-se absorvida pelo mundo natural e deserto que olha, com o autofechamento da moça solitária sentada à lanchonete, de Hopper. Nesta as roupas escuras e o fundo escuro, embora de vidro, contrastam com a pele branca da mulher. Seus lábios vermelhos, em harmonia com o cesto de frutas, centro do quadro, em relação ao qual ela está levemente à direita, podem sugerir um sentimento de nostalgia de uma natureza perdida. A Cecília, embora lateral, parece imersa na paisagem deserta e natural que contempla, em sombria correspondência com ela.

Não estão ausentes dos registros de viagem de Cecília Meireles os trabalhadores, a literatura popular, as migrações humanas, que aproximam a poeta de temas modernistas. Na manhã do dia 28 de setembro, o Cuyabá está ancorado em Recife, e Cecília assiste a um carregamento de carvão:

Torsos negros e bronzeados dos estivadores de Recife, indo e vindo, curvando-se e reerguendo-se entre baldes e pás nas chatas onde o carvão brilha que nem diamante negro – nunca sabereis que fostes, um momento, na vossa vida, o imenso deslumbramento de uns olhos silenciosos, perdidos a contemplar-vos do alto de um tombadilho! Não sabereis que fostes, na vossa humildade, uma obra de arte completa, de linha, de volume, de movimento e de cor, junto às águas oleosas, moles e azeitonadas nas proximidades do navio, – e logo diluindo-se em transparências azuis e em verde veronese sob a leveza dos pequenos barcos de velas redondas e claras!⁶

Descrição que lembra a tela *Mestiço*, de Portinari, também datada de 1934. O cenário de Portinari é o campo, e o trabalhador mestiço dele se destaca pelo volume e pelos traços firmes, quase sensuais, em pose, a sugerir uma estátua em que o homem comum substitui heróis, reis ou deuses como modelo. Em Cecília, o cenário é o porto, e os estivadores são vistos em movimento, também estão presentes o volume e o delineamento dos torsos negros, também sensuais, que se elevam do cenário. O homem negro e suas tradições culturais, como já mencionado, serão temas de uma de suas conferências em Portugal, e Portinari reaparecerá, no início da década de 1940, como tema de um dos artigos, escrito por Mário de Andrade, para a revista

6 MEIRELES, Cecília. *Diário de bordo*, op. cit., 2015, p. 80.

Travel in Brazil, que Cecília editará para o Departamento de Imprensa e Propaganda do governo Vargas.

Na crônica de 29 de setembro, Cecília revela entreter-se com leituras de poesia popular, literatura de cordel comprada na Bahia e em Pernambuco. E em 3 de outubro, ela descobre, na popa do Cuyabá, os repatriados, imigrantes portugueses que, frustrados em suas esperanças de fazer a América, retornavam à terra de origem, mais miseráveis do que quando de lá saíram. No entanto, são capazes de entreter-se com suas cantorias e instrumentos musicais. Deles, Correia Dias faz uma série de ilustrações, e Cecília transcreve fragmentos de cantigas. Assim a poeta inicia o registro de impressões dessa descoberta humana entre os passageiros da terceira classe:

Quando se chega à popa, de onde se percebe o cheiro acre da grande carga de cacau que o navio transporta, encontram-se os passageiros de terceira classe vencidos de preguiça, estendidos em cadeiras de lona ou sentados por onde podem, procurando brincar ainda, sob o imenso calor, com cantigas ao desafio, música de gaita, e alguma gargalhada rústica rematando o gracejo sussurrado⁷.

Em 30 de setembro, o Cuyabá passa ao largo de Fernando de Noronha. Depois de uma descrição de impressões marítimas, Cecília conclui com uma reflexão sobre o viajar: “E quem souber viajar preservando das tentações da superficialidade as virtudes contemplativas que, por acaso, possua, terá realizado uma experiência espiritual que dificilmente se conseguiria noutras condições”⁸.

Importância que atribui à viagem como enriquecimento espiritual, conhecimento de si através do outro e de outras paragens, que se desenvolverá a partir das viagens que a poeta realizará, sobretudo, na década de 1950, e cujos registros em crônicas contêm uma verdadeira teoria sobre a arte de viajar. Em “Uma hora em San Gimignano”, de 1953, Cecília testemunha sua breve passagem por essa pequena cidade medieval da Toscana, mas que parece ter durado todo um dia, tal a intensidade da vivência psicológica que transmite. Cecília assim procura definir a arte de viajar:

A arte de viajar é uma arte de admirar, uma arte de amar. É ir em peregrinação, participando intensamente de coisas, de fatos, de vidas com as quais nos correspondemos desde sempre e para sempre. É estar constantemente emocionado, – e nem sempre alegre, mas, ao contrário, muitas vezes triste, de um sofrimento sem fim, porque a solidariedade humana custa, a cada um de nós, algum profundo despedaçamento⁹.

Tema que insiste em retornar nesse *Diário de bordo* é o da contemplação do mar como paisagem e símbolo do infinito em oposição à efemeridade e à pequenez do humano, que às vezes culmina no desejo expresso pela poeta de ser “marinheira”,

7 Ibidem, p. 119.

8 Ibidem, p. 97.

9 Idem, *Crônicas de viagem* – 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 61.

metáfora da possibilidade de escapar à temporalidade da existência ou de meio de retorno às origens das histórias familiares e sentimentais em Portugal, especialmente nos Açores, que ela tematizará na década de 1950 como Ilha do Nanja em quatro crônicas. Assim, em 2 de outubro, quando o navio sai definitivamente da costa brasileira e se inicia um período de três dias até a aproximação do arquipélago de Cabo Verde, as lembranças de Vitória, Salvador, Recife, as passagens ao largo de Fernando de Noronha e dos rochedos de São Pedro e São Paulo vão virando saudades:

A grande ação do mar é o desprendimento a que nos obriga. Os problemas da terra perdem o sentido, quando se está a bordo. O mar despreza a realidade humana. Para que viver? Para que pensar? Para que fazer alguma coisa, no centro destas águas enormes, entregues ao seu destino cósmico, muito maior que o nosso? Antes de nós viveram estas águas infatigáveis, que em seus flancos sustentam e condensam torrentes de ocultas vidas. Muito depois de nós continuarão elas a respirar a noite e o dia, subindo e baixando, perdendo-se em tênue espuma, recuperando-se em imenso cristal. Comparada com a sua, nossa duração é inexpressiva e melancólica: – então, por que se fez necessário que aparecêssemos? tudo parecia mais perfeito, sem nós...¹⁰.

O pensamento sobre a insignificância do humano frente às águas marinhas reaparece, em perspectiva invertida, na crônica “Avião”, de 1952. Aqui o infinito é o céu, e o humano e seus frágeis artefatos encontram sua imagem na volatilidade das nuvens que se unem ou que parecem solitárias desintegrando-se irremediável e lentamente, como aquelas “nuvens de gaze trêmula” que se desfolham ao sol, que a poeta observa durante a travessia marítima:

A terra ficou subitamente muito longe. Naquele abismo vertical, a sombra do avião é do tamanho de um automóvel, de um sapato, de um lápis. O mundo do viajante é acima das florestas e das montanhas. Passam por ele as nuvens como outra humanidade. As grandes nuvens que se reúnem em assembleias brancas e cinzentas; as pequenas nuvens que passeiam de mãos dadas; as nuvens solitárias que lentamente elaboram a sua desintegração¹¹.

O balançar do navio parece, em nenhum momento, incomodar a poeta-viajante, que revela o gosto pela marinhagem nessa anotação de 6 de outubro: “Se eu lhe dissesse que gostaria de viajar num navio de vela... num barquinho solitário, afundando e subindo por vales e monte de água... Se eu lhe dissesse que gostaria mesmo de viajar dentro de uma baleia...”¹².

No dia 8 de outubro, Cecília está na expectativa da aproximação de Forte Ventura, nas Ilhas Canárias, e então explicita o desejo de ser “marinheira”:

¹⁰ Idem, *Diário de bordo*, op. cit., 2015, p. 115.

¹¹ Idem, *Crônicas de viagem* – I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

¹² Idem, *Diário de bordo*, op. cit., 2015, p. 137.

Terei nascido para descobrimentos? Este sangue dos meus avós navegadores terá conservado tão palpitante a loucura deslumbrada de arrancar com os olhos as terras que dormem no ventre dos horizontes? Eu não sei o que é isto: mas a vida a bordo confirma toda a vocação de aventura espiritual que até aqui fora somente feito poético; e estou certa de que seria mais feliz se já não voltasse para o destino da terra, se ficasse marinheira para o resto da vida, com este vento do mar na testa e as novas dimensões que o oceano ensina às pupilas que desejam ver?¹³

A temática da marinhagem, dos “descobrimentos” que ela permite, retornará em sua obra posterior, em verso e prosa. No poema “Beira-mar”, de *Mar absoluto*, o eu-lírico diz:

Sou moradora das areias,
de altas espumas: os navios
passam pelas minhas janelas
como o sangue nas minhas veias,
como os peixinhos nos rios...
Não têm velas e têm velas;
e o mar tem e não tem sereias;
e eu navego e estou parada,
vejo mundos e estou cega,
porque isto é mal de família,
ser de areia, de água, de ilha...
E até sem barco navega
quem para o mar foi fadada.
Deus te proteja, Cecília,
que tudo é mar – e mais nada¹⁴.

Vínculo entre o desejo de ser marinheira e as origens familiares que ganham contornos mais concretos nas crônicas sobre a Ilha do Nanja, fantasia em prosa-poética construída a partir de uma viagem, em novembro de 1951, à ilha de São Miguel, nos Açores, terra de origem da avó Jacintha, que a criou, como nesse fragmento de “Saudade da Ilha do Nanja”: “Antigamente, eu quase não pensava na Ilha do Nanja; ou, melhor, não pensava nela com esta saudade de agora. Sabia-a no meio do mar, coberta de flores azuis, com estufas de ananases no lugar dos velhos laranjais dos meus avós”¹⁵.

Em 11 de outubro, Cecília revela sentimentos ambíguos em sua expectativa pelo desembarque em Lisboa no dia seguinte, quer descer à terra, mas preferiria continuar marinheira, e pergunta-se: “Por que os países não viajam conosco? Por que não se amarram as terras aos navios, para irmos andando sobre as águas, vendo, ao mesmo tempo, o encanto dos países que se escondem, imóveis, na rede

¹³ Ibidem, p. 143-144.

¹⁴ Idem. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 488-489.

¹⁵ MEIRELES, Cecília et. al. *Quadrante 2*. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968, p. 64.

dos paralelos e dos meridianos?”¹⁶. E, novamente, explicita o desejo de ser do mar: “Fenícios! Argonautas! Lusíadas! – mas por que não nasci marinheiro; por que não me deram ao mar?”¹⁷. A temática da marinhagem se vincula à da origem familiar, sua avó açoriana lhe contava histórias do mar e usava termos náuticos, como revela na crônica memorialista “Meus ‘Orientes’”:

Minha avó, que falava uma linguagem camoniana, costumava dizer, em certas oportunidades: “Cata, cata, que é viagem à Índia!”. Eu ainda não sabia do sentido náutico do verbo “catar”: mas parecia-me que, com aquele estribilho, tudo andava mais depressa, como para uma urgente partida¹⁸.

Mas é no poema “Caronte”, de *Mar absoluto*, que a marinhagem liga claramente o símbolo do infinito ao desejo de transcendência espiritual que seria, ao mesmo tempo, reencontro com as origens familiares, por isso a morte, por meio do barqueiro que leva as almas para a outra margem do rio, é figurada como amiga:

Caronte, juntos agora remaremos:
eu com a música, tu com os remos.
Meus pais, meus avós, meus irmãos,
já também vieram, pelas tuas mãos.
Mas eu sempre fui a mais marinheira:
trata-me como tua companheira.
Fala-me das coisas que estão por aqui,
das águas, das névoas, dos peixes, de ti.
Que mundo tão suave! que barca tão calma!
Meu corpo não viste: sou alma¹⁹.

Em 12 de outubro, o navio chega a Lisboa antes do amanhecer. Já às três da manhã, a poeta-marinheira está à espera para ver as primeiras luzes da cidade. Segue-se uma descrição impressionista das formas de Lisboa que vão aparecendo sob a luz, cujas palavras ganham perfeita correspondência nas ilustrações de Correia Dias²⁰, em imagens em que predominam o verde e o amarelo e que sugerem paisagens urbanas e marinhas ainda a certa distância, sob a luz incompleta de um amanhecer inacabado:

– Este sol preguiçoso de Lisboa custa muitíssimo a aparecer!

E enquanto passam as vozes, e os olhos procuram descobrir os nomes da paisagem, e todos se apressam para o instante de uma visão definitiva, vão despertando as águas

16 MEIRELES, Cecília. *Diário de bordo*, op. cit., 2015, p. 157-158.

17 Ibidem, p. 159.

18 Idem. *O que se diz e o que se entende*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 36.

19 Idem. *Poesia completa*, op. cit., 2001, p. 511-512.

20 In: MEIRELES, Cecília. *Diário de bordo*, op. cit., 2015, p. 162-164.

do Tejo, vai-se tingindo o céu de cores tênues, uma luz de ouro muito leve embebe a distância, e colore a cidade, de suas casas superpostas, com manchas rosadas e brancas, amarelas, cinzentas, azuis...²¹.

Esse olhar contemplativo para os traços da Lisboa, que ressurge ao amanhecer, permanecerá desperto na madrugada passada diante de uma janela em Amsterdã, à espera do retorno da luz e das formas da cidade, na crônica “Amor correspondido”, de 1953:

Pela madrugada, a cidade começou a voltar: delinear-se as ruas, lá embaixo, muito longe... Ouvi ou imaginei campainhas de invisíveis cavalos, acolchoadas em névoa?

Regressaram os barcos, e sua sombra descia pela água dos canais, pouco a pouco cintilantes.

As paredes das casas foram reconstruídas, com suas janelas, e as janelas com suas cortinas arregaçadas sobre um jarro de flores²².

O desembarque em Lisboa sugere a imagem de um nascimento: “[...] Salto para terra. E vou indo como sonâmbula, para onde me vão levando – porque eu não sei nada, compreenderam? Eu sou um coração que vai cantando segundo o ritmo da vida que anda em redor...”²³.

Entrega à descoberta desse mundo novo, e originário, para ela, semelhante a um nascimento, é impressão que reaparecerá também nos registros de uma viagem a Amsterdã na década de 1950, cidade cuja diafaneidade da luz, que tudo parece desmaterializar, a fascina. Assim Cecília finaliza a crônica “Noite maternal”, de 1953, depois de descrever a casa holandesa que a hospeda, figurando o quarto como um útero ou um colo materno, a janela, os barcos atracados nos canais, como um convite à vida: “Mas a paz da rua chama-me para a janela. Mas o reflexo dos canais e o vulto dos barcos e a tranquilidade das casas são mais repousantes que todos os sons. E com tua estrela contemplo a noite, Amesterdão”²⁴.

Diário de bordo encanta como registro de um primeiro olhar sobre o oceano, uma primeira experiência de viagem ao exterior e de possibilidade de encontro concreto com a terra da ancestralidade, mas também revela a íntima correspondência entre os olhares de Cecília e de Fernando, separados tragicamente pelo suicídio dele ainda em 1935, mesmo ano em que retornaram de Portugal. Além da qualidade da edição e do valor literário e artístico da obra, ela ainda revela ao leitor atento as primeiras visões e elaborações literárias de temáticas que aparecerão posteriormente na obra poética e nas crônicas de viagem de Cecília Meireles. Obra fundamental para a compreensão do olhar dessa poeta-marinheira.

21 MEIRELES, Cecília. *Diário de bordo*, op. cit., 2015, p. 164.

22 Idem. *Crônicas de viagem* – 2, op. cit., 1999, p. 145.

23 Idem. *Diário de bordo*, op. cit., 2015, p. 166.

24 Idem. *Crônicas de viagem* – 2, op. cit., 1999, p. 150.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOMBRICH, E. H. *História da Arte*. 16.ed. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC Editores, 1999.
- MEIRELES, Cecília et. al. *Quadrante 2*. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968.
- MEIRELES, Cecília. *O que se diz e o que se entende*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- _____. *Crônicas de viagem – 1*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- _____. *Crônicas de viagem – 2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- _____. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- _____. *Batuque, samba e macumba*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Diário de bordo*. Ilustrações de Fernando Correia Dias. São Paulo: Global, 2015.
- _____. *Artes populares*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- MEIRELES, Cecília et. al. *Quadrante 2*. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968,
- RENNER, Rolf Günter. *Edward Hopper (1882-1967): transformaciones de lo real*. Tradução Enrique Knörr. Alemanha: Taschen, 2002.

As cartas também constroem a história: potencialidades em uma conversa vinda do passado

[*Letters also build the history: potentialities in a conversation from the past*

Fernando Munhós¹

[MONTE, Vanessa Martins do. *Correspondências paulistas: as formas de tratamento em cartas de circulação pública (1765-1775)*. São Paulo: Fapesp, Humanitas, 2015, 519 páginas.

A carta, enquanto gênero discursivo oferecido aos pesquisadores como fonte documental de outros tempos e espaços, cumpre papel de relevo nas ciências humanas. As diversas áreas do conhecimento preocupadas com o passado, distante ou próximo, terão nas missivas ricos vestígios, a partir dos quais se pode investigar um tempo que não é o nosso. O estudo da carta vem ganhando relevo nos estudos universitários nas últimas décadas. Como gênero pouco louvável, como escrita não ficcional – secundária na mentalidade editorial –, ou como portador da máxima maleabilidade que lhe é atribuível –, pode caminhar do estilo mais complexo e rebuscado ao mais simples e desleixado, sem nenhum entrave –, esse, que é dentre os dispositivos discursivos o mais comum e corriqueiro, foi também o mais subestimado. Não é como a poesia, que possui um valor “estético” em si, ou como o documento oficial, o despacho, produzido pelos poderes estatais e nacionais, de valor histórico inquestionável.

MUNHÓS, Fernando. As cartas também constroem a história: potencialidades em uma conversa vinda do passado. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 64, p. 336-342, ago. 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p336-342>

¹ Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

Faço tal afirmação enquanto estudioso dos textos epistolares anteriores ao século XIX, iluminado pela razão e ofuscado pela ideia de subjetividade. Certa visão romântica que resiste ao longo do tempo privilegiou a guarda daqueles epistolários dos tidos por mais notáveis, como atividade quase de antiquário, que pressupõe preservar o íntimo da “inspiração”. Mas, em se tratando do século XVIII, ou antes, o critério seria muito mais objetivo: aqueles bem-nascidos da sociedade estamental tinham recursos (políticos e financeiros) para erigir em seu testamentário algum local que preservasse seus papéis para a posteridade. Os exemplos são claros: obviamente as cartas do padre Antônio Vieira foram preservadas, depois de uma vida de feitos inquestionáveis²; ou mesmo as chamadas “cartas familiares” do grande poeta seiscentista d. Francisco Manuel de Melo não se perderam³; ou ainda, para irmos mais longe, o grande mercador português do século XVIII, Francisco Pinheiro, após uma vida de negócios e tratos com nobres e plebeus, conseguiu que a Congregação de Nossa Senhora da Doutrina, em Lisboa, preservasse as cartas que trocou por quase quatro décadas com sua trupe de caixeiros, parentes e amigos comerciantes⁴. Mas esse é o limite. Ou se era nobre, ou se estava próximo deles. Afora isso, (quase) não restou história para contar. Um gênero da escrita tão rico e presente em grande parte da história da humanidade não encontra correspondente relevância nos arquivos abertos para consulta no Brasil ou mesmo na velha Europa.

Não será oportuno, aqui e agora, avaliar moralmente o ato de publicação de cartas – papéis tão pessoais, que cumprem retoricamente seu dever normativo no ato da leitura pelo destinatário, seu público de fato. Também não me parece lugar, neste momento, para discutir a inquestionável relevância de analisar através da retórica as cartas anteriores ao Iluminismo que chegaram até nós. A obra focalizada nesta resenha não enseja proposta de análise interpretativa da carta setecentista enquanto ato ou monumento. Um de seus grandes méritos é a iniciativa de trazer a um público vasto o acesso a um dos raros casos de cartas trocadas por gente comum, no século XVIII, e que por felicidade do acaso não se perderam em definitivo.

Refiro-me à tese de doutoramento da filóloga e professora Vanessa Martins do Monte, agora disponível em livro – *Correspondências paulistas: as formas de tratamento em cartas de circulação pública (1765-1775)*. Como resultado de sua pesquisa, a autora vem apresentar um conjunto de cartas da segunda metade do século XVIII de autoria da gente que se encontrava na distante e opaca capitania de São Paulo.

A proposta da autora é ler, apresentar e transcrever um conjunto de papéis denominados por ela “cartas da administração colonial em circulação pública lavradas entre 1765 e 1775” (p. 17). São 81 documentos dentre os quais 74 missivas trocadas entre os habitantes da região nesse período dos primeiros dez anos após a retomada da autonomia administrativa da capitania. Nesse intervalo de tempo, que

2 VIEIRA, Padre Antônio. *Obra completa*. tomo I – epistolografia, v. I-V. Direção: José Eduardo Franco e Pedro Calafate. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

3 MELO, D. Francisco Manuel de. *Cartas familiares*. Prefácio e notas: Maria da Conceição Morais Sarmento. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1981.

4 LISANTI FILHO, Luís. *Negócios coloniais, uma correspondência comercial do século XVIII*. Brasília: Ministério da Fazenda; São Paulo: Visão Editorial, 1973. 5 v.

corresponde ao governo de d. Luís António de Sousa Botelho Mourão (o conhecido Morgado de Mateus), por iniciativa do ministro de d. José I, o marquês de Pombal, a capitania passa por uma reforma estratégica visando ao incremento da defesa da parte sul do Estado do Brasil. Por essa razão, o período de governança de d. Luís é conhecido como um momento de intensa militarização das vilas paulistas e maior controle demográfico dos rincões habitados nessa pequena parte da América portuguesa.

A pesquisadora, dentre os diversos elementos passíveis de análise presentes nesses documentos, decide focar seu instrumental filológico nas chamadas “formas de tratamento” utilizadas para se dirigir aos diferentes destinatários das cartas. Diante da diversidade notável de níveis hierárquicos próprios da sociedade do antigo Estado português reproduzida ali naquela região – notam-se especialmente os diversos níveis dentro da ordem militar, eclesiástica e as pessoas ditas comuns, sobretudo homens brancos e livres se dirigindo a eles –, revela-se promissora a iniciativa de Vanessa de observar mais atentamente os modos de composição da *salutatio* epistolar como meio de compreender melhor aquela organização social específica, tão pouco estudada até hoje. Ao mesmo tempo, Vanessa apresenta os documentos oferecendo-os em seu mais amplo potencial para a pesquisa científica em diversas áreas das humanidades.

Ao propor uma “fotografia detalhada do que acontecia nas cartas setecentistas escritas pelos habitantes da capitania de São Paulo” (p. 18), Vanessa Martins do Monte divide seu trabalho em três partes. A primeira é dedicada ao cotejo entre algumas teses centrais da historiografia brasileira sobre o contexto paulista no quadro geral no Império português. Em uma fecunda iniciativa de apoiar uma interdisciplinaridade entre os campos da filologia e da história, a pesquisadora procura traçar o que denomina “perfil sociocultural” dos remetentes das cartas, em um período em que a Coroa procura recolocar a região no cenário estratégico de poderes do Império. A predominância de remetentes e destinatários constituintes da ordem dos militares se justifica no sentido da postura do governo pombalino de combate ao avanço dos espanhóis na parte sul da América, sendo necessário ter por pilares da estratégia de defesa territorial a preservação das fronteiras e a organização dos povoamentos regionais, reunindo a população nas vilas e cidades. Assim, ao nomear Morgado de Mateus como governador da capitania, prioriza o papel dos militares na administração regional, colocando a ordem no centro das questões locais de governança.

A escolha da autora, ao iniciar a apresentação de sua pesquisa por uma análise historiográfica da região paulista no período de domínio português na América, mostra-se relevante. A filóloga centra-se no *sentido da colonização* de Caio Prado Jr., presente na *Formação do Brasil contemporâneo*, de 1942. Origem do conceito de *Antigo Sistema Colonial*, formulado por Fernando Antônio Novais algumas décadas mais tarde, a tese de Caio Prado Jr. entende o atraso econômico brasileiro como resultado do papel exercido pela colônia como apêndice de uma metrópole interessada apenas no *exclusivo*, fruto do *Pacto Colonial*. Em 1979, Novais toma esse sistema como uma peça da engrenagem do mercantilismo europeu, visto em direção ao desenvolvimento pleno

do capitalismo no século XIX⁵. Tão válidos quanto esse viés, contam-se igualmente as propostas interpretativas que fazem frente a essa visão, focando nas análises do desenvolvimento interno das capitanias portuguesas, ou os estudos que pensam o território português na América como um contexto que vai além do papel de simples *apêndice* de Portugal, focando nas distribuições e delegações dos poderes políticos da Coroa, ou ainda a partir de pesquisas recentes que demonstram a existência de um mercado interno na Colônia, já no século XVII⁶.

Desse exercício de caráter histórico nasce ainda, no primeiro capítulo da tese da autora, uma categorização detalhada da temática dos documentos, citando os assuntos das cartas, além dos perfis de alguns dos remetentes, possíveis de se traçar a partir de pesquisa em arquivos e obras de genealogia. Longe de querer “homogeneizar” as cartas, a autora procura, na atividade de categorizar temas, remetentes e destinatários, encontrar as questões que balizam a produção e circulação dos textos. A partir dessa atividade, percebeu-se uma maioria de remetentes militares vindos de contextos familiares de nascidos no território americano já há diversas gerações.

A interpretação histórica é ponto de partida para a apresentação de um conjunto documental que não se deixa contaminar por visões posteriores à sua produção, e que será detalhado no capítulo seguinte do livro. A segunda parte explora o *corpus* à luz da filologia e da paleografia. A autora procura relacionar o instrumental aos manuscritos focalizados em sua pesquisa, legitimando a escolha dos 81 documentos em face do conjunto de mais de 13 mil peças do arquivo da coleção Morgado de Mateus. Responder perguntas como “por que essas cartas?” ou “por que as formas de tratamento e não outras características?” foi objeto de sua atenção no minucioso trabalho de descrição codicológica do suporte (papel), considerando as filigranas existentes (marcas d’água), o número de pontuais, as dimensões das margens esquerdas dos textos, os graus de aproveitamento das folhas para a escrita etc. Os dados levantados são precisos e detalhados. Levando em conta o fato de que, como a autora mesmo afirma, a presença dessas informações ali se justifica pois são voltadas “a um público que provavelmente não irá ter contato físico com as fontes” (p. 112), cabe ao pesquisador interessado, dotado de seu instrumental específico, interpretá-los e ajuizá-los, seguindo os critérios responsáveis dentro de seu campo de trabalho, seja a filologia, a história, a retórica etc. E assim também o faz Vanessa, que, para além do trabalho exaustivo de categorização e comparação dos dados, igualmente os interpreta a partir de seu referencial teórico, a filologia. Por exemplo: os graus de aproveitamento dos papéis das cartas estão ali, e são dados, assim como as dimensões

5 Ver PRADO Júnior, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo* – Colônia. São Paulo: Brasiliense, 1961; NOVAIS, Fernando Antônio. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1985.

6 Sobre essas perspectivas diversas cito, por exemplo: MATTOSO, José (Org.). *História de Portugal: o antigo regime*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993, v. 4; MONTEIRO, Nuno Gonçalves; CARDIM, Pedro; CUNHA, Mafalda Soares da (Org.). *Optima Pars: elites ibero-americanas do antigo regime*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2005; FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras: uma história do tráfico entre a África e o Rio de Janeiro. (séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997; FRAGOSO, João Luís Ribeiro; GOUVÊA, Maria de Fátima (Org.). *Na trama das redes. Política e negócios no império português, séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

do texto e sua orientação em relação às dobras e sobrescritos. Essas informações são riquíssimas em se tratando de dispositivos de um tempo tão longínquo. Mas daí a relacioná-las a categorias ditas universais como *habilidade x inabilidade de escrita* já deve ser de responsabilidade da área específica do conhecimento a que elas se relacionam – no caso, a filologia. O critério classificatório é sempre do pesquisador, orientado pela razão pragmática da ciência pós-iluminista e não deles, homens e mulheres do século XVIII.

Vanessa Martins do Monte torna essa distinção bem clara em seu livro, demonstrando grande responsabilidade no ato de edição das cartas. A autora não deixa os dados e os juízos se confundirem na síntese de sua pesquisa. A análise codicológica, seguida da análise paleográfica das formas de tratamento presentes nas cartas, está muito bem estruturada. Ambas se revelam, inclusive, muito importantes para o ato de edição semidiplomática do *corpus*, que finaliza essa segunda parte do trabalho. A autora oferece valioso presente aos leitores anexando ao volume um CD-ROM contendo a versão digitalizada de todas as cartas do *corpus*. Favorece, assim, não apenas historiadores interessados no século XVIII português, como filólogos e pesquisadores da língua portuguesa.

A terceira parte do livro, voltada propriamente à análise das formas de tratamento contidas nas cartas, apresenta a síntese dos dados levantados na pesquisa e a comparação com as conclusões presentes no levantamento bibliográfico realizado pela autora sobre o tema. Desse exercício, pôde inserir sua análise na fortuna crítica do assunto (p. 413), fazendo com que suas percepções críticas sobre as formas de tratamento estudadas a partir do *corpus* da pesquisa dialoguem com o que vinha se afirmando sobre as transformações da língua em Portugal e no Brasil, objeto de estudo, pelo menos desde José Leite de Vasconcelos em fins do século XIX⁷. Nessa bibliografia sobre as variações do português no tempo, a autora conclui que é quase consenso haver forte relação entre a necessidade de adequação da fala/escrita para a comunicação entre camadas sociais diferentes e as transformações das formas nominais de tratamento no decorrer da história da língua. A necessidade de se dirigir a alguém hierarquicamente superior na sociedade colonial, por exemplo, está diretamente ligada à evolução da locução pronominal *vossa mercê* para *você* no contexto brasileiro. É o que afirmam os estudos. Paralelamente, a estudiosa enriquece a discussão, pois acrescenta o dado empírico relevante de que existem “comportamentos distintos com relação à escolha do uso da forma de tratamento para se dirigir a um cargo mais elevado” (p. 447) a partir da categoria socioprofissional específica. Em outras palavras, ficou evidenciado na pesquisa que os termos usados dentro da ordem dos militares para se dirigir a um superior hierárquico seguem um critério específico que não é o mesmo dentro de outra ordem, como a eclesiástica, por exemplo.

A pesquisa de Vanessa insere-se no campo de estudos da filologia do português brasileiro. Seguindo os caminhos iniciados pelo professor Segismundo Spina⁸, a

7 VASCONCELOS, José Leite de. Dialectos extremenhos: contribuições para o estudo da dialectologia portuguesa. *Revista lusitana*, Lisboa, v. 5, , 1897-99, p. 137-147.

8 SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica*. São Paulo: Edusp, 1994.

autora emprega grande acuidade no tratamento dos códigos linguísticos dos textos que pretende transcrever e publicar, sinalizando que, no trabalho de edição, é necessário se ater aos mínimos detalhes de sua composição e seguir fielmente os critérios científicos da transcrição. Um olhar mais atento ao trabalho editorial diria que esses códigos linguísticos constituem uma parte do caminho em direção à edição do texto, restando ainda o tratamento de seus códigos bibliográficos, entendidos como os elementos que oferecem um significado histórico e social do artefato ao longo de sua história, desde sua produção e primeira circulação⁹. Sob essa perspectiva, cabem algumas considerações. Primeiramente, a autora não se propõe a apresentar uma edição hermética do conjunto das cartas, como se transformasse o *corpus* em uma “obra literária” – um epistolário – que possuísse autonomia de circulação nas estantes das livrarias. Seu trabalho tenciona apresentar os manuscritos aos pesquisadores interessados que, porventura, não possam entrar em contato direto com os papéis no arquivo. Em segundo lugar, não parece objetivo da autora apresentar sua edição das cartas como sendo a única via de acesso do leitor aos documentos. É frequente a existência de edições de manuscritos antigos que se perderam, tornando aquela edição a única possibilidade de acesso ao texto. Mas não é o caso aqui. Sua transcrição, somada à reprodução fotográfica das cartas, torna o trabalho legítimo e consistente, pois o próprio leitor pode comparar a fotografia do manuscrito e a edição transcrita pela autora, ou até mesmo pode ir ao arquivo e examinar os papéis, disponíveis lá para a consulta.

Por fim, nessas três partes constituintes de sua tese – a localização histórica dos documentos, a análise paleográfica dos manuscritos e o estudo das formas de tratamento para o português brasileiro –, Vanessa Martins do Monte apresenta um trabalho em que desenha as diversas potencialidades de um *corpus* documental composto por cartas escritas no século XVIII. Ao contemplar a viabilidade dos manuscritos como fontes não somente para o campo da filologia, mas também para diversas outras áreas do conhecimento, a autora incentiva assim demais pesquisadores ao estudo de cartas, gênero de texto tão rico e encantador.

SOBRE O AUTOR

FERNANDO MUNHÓS é doutorando em Letras no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

9 Ao realizar, em sua tese, uma proposta de edição de códices da poesia atribuída a Gregório de Matos e Guerra, Marcello Moreira faz um apanhado crítico das teorias filológicas e das questões envolvendo o ato de editar e publicar manuscritos de tempos passados. MOREIRA, Marcello. *Critica Textualis in Caelum Revocata?*: uma proposta de edição e estudo da tradição de Gregório de Matos e Guerra. São Paulo: Edusp, 2011, p. 71-163.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FLORENTINO, Manolo. *Em Costas Negras*: uma história do tráfico entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FRAGOSO, João Luís Ribeiro; GOUVÊA, Maria de Fátima (Org.). *Na trama das redes. Política e negócios no império português, séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- LISANTI FILHO, Luís. *Negócios coloniais, uma correspondência comercial do século XVIII*. Brasília: Ministério da Fazenda; São Paulo: Visão Editorial, 1973. 5 v.
- MATTOSO, José (Org.). *História de Portugal: o antigo regime*. v. 4. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- MELO, D. Francisco Manuel de. *Cartas familiares*. Prefácio e notas: Maria da Conceição Morais Sarmiento. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1981.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo; CARDIM, Pedro; CUNHA, Mafalda Soares da (Org.). *Optima Pars*: elites ibero-americanas do antigo regime. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2005.
- MOREIRA, Marcello. *Crítica Textualis in Caelum Revocata?*: uma proposta de edição e estudo da tradição de Gregório de Matos e Guerra. São Paulo: Edusp, 2011, p. 71-163.
- NOVAIS, Fernando Antônio. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1985.
- PRADO Júnior, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo – Colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica*. São Paulo: Edusp, 1994.
- VASCONCELOS, José Leite de. Dialectos extremenhos: contribuições para o estudo da dialectologia portuguesa. *Revista Lusitana*, Lisboa, v. 5, 1897-99, p. 137-147.
- VIEIRA, Padre António. *Obra completa*. tomo I – epistolografia, v. I-V. Direção: José Eduardo Franco, Pedro Calafate. São Paulo: Edições Loyola, 2014.



DOCUMENTAÇÃO •
DOCUMENTS)

São Paulo
Vista parcial aérea da cidade
1929
Arquivo IEB-USP

A maestria de Pierre Monbeig

[*The mastery of Pierre Monbeig*]

Eduardo Dutenkefer¹

Fernanda Padovesi Fonseca²

Jaime Tadeu Oliva³

DUTENKEFER, Eduardo; FONSECA, Fernanda Padovesi; OLIVA, Jaime Tadeu. A maestria de Monbeig. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 64, p. 344-351, ago. 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi64p344-351>

¹ Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

² Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

³ Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

No acervo documental de Pierre Monbeig⁴ sob a guarda do IEB⁵, há vários mapas originais desenhados a “bico de pena” pelo geógrafo francês. Trata-se de um conjunto precioso para os pesquisadores. São mapas que, mais do que mostrar uma maestria comum aos geógrafos da época, revelam que Monbeig não prescindia da prática cartográfica como meio de visualização e reflexão dos fenômenos que estudava. Dois desses mapas exemplificam bem a importância da cartografia em seus trabalhos.

4 (Marissel, França, 1908 – Paris, França, 1987). Geógrafo e professor, formou-se em Paris em 1931. Chegou ao Brasil em 1935, contratado pela então recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP para assumir a cátedra de Geografia Humana, substituindo o professor Pierre Deffontaines. Em sua permanência na USP (1935-1946), orientou toda uma geração que se iniciava nos estudos geográficos, estimulando em especial a investigação sobre cidades e áreas de colonização. Com outros professores, criou a Associação dos Geógrafos Brasileiros (1945). Retornou à França em 1946, onde lecionou em várias instituições, entre elas a Sorbonne. Foi agraciado com vários prêmios e títulos como o da Fundação Nacional de Ciências Políticas de Paris e o Auguste Legerot da Sociedade de Geografia da França. Na sua produção bibliográfica destacam-se *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*, *La croissance de la ville de San Paulo*, *Ensaio de geografia humana brasileira* e *Novos estudos de geografia humana brasileira*. In: <<http://www.ieb.usp.br/guia-ieb/detalhe/I61>>. Acesso em: 19 jul. 2016.

5 Acervo comprado pelo Banco Sudameris da viúva de Pierre Monbeig, Julieta Monbeig, e posteriormente doado à Universidade de São Paulo onde foi incorporado ao acervo do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB/USP, em 1990. Em 1995 ele foi incrementado por doação feita pelos seus filhos. Algumas informações sobre o acervo: **No Arquivo:** **Sigla:** BR USP/IEB PM. Cadernos e cadernetas com anotações realizadas durante estudos de campo, fotografias, cadernos de viagem. Há também registros de levantamentos bibliográficos, anotações para trabalho, recortes de jornais com artigos do titular e de terceiros, manuscritos de obras publicadas, plantas e cartas geográficas (mapas), dados estatísticos sobre produtos agrícolas. Quantidade: 2.200 documentos. Estado de organização: totalmente processado. **Na Biblioteca:** **Sigla:** PM. Livros e revistas sobre o Brasil e a América Latina, principalmente nas áreas de geografia, economia, política. **Quantidade:** Aproximadamente 1.200 volumes. **Estado de organização:** Parcialmente processado. In: <<http://www.ieb.usp.br/guia-ieb/detalhe/I61>>. Acesso em: 19 jul. 2016. **Arquivo organizado pela professora Heliana Angotti-Salgueiro.** Para obter outras informações sobre esse trabalho, ver: ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. Arquivo Pierre Monbeig: uma experiência integrada de dados textuais e iconográficos inscritos na vida do titular. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, 1. 2002, São Paulo. Integrar, *Atas...* São Paulo: Imprensa Oficial, 2002, p. 511-527.

Eles foram preparados para a sua *Tese complementar de doutorado* de 1949 (figura 1) sobre o crescimento da cidade de São Paulo.

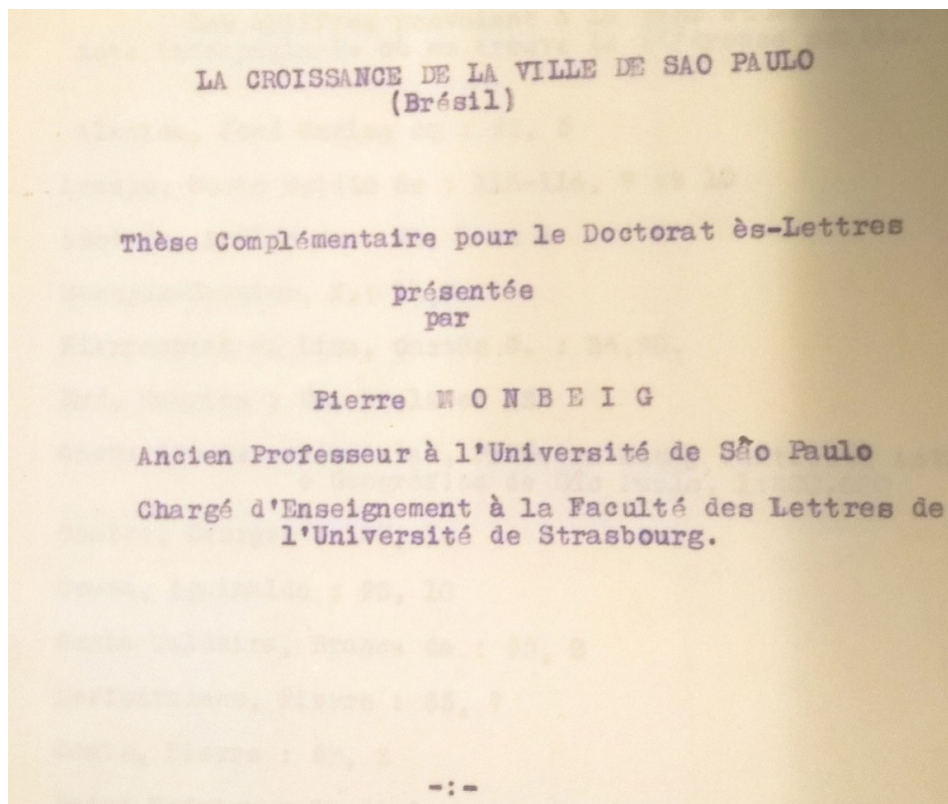


Figura 1 – Fac-símile da capa do doutorado complementar de Pierre Monbeig. Arquivo IEB

Os dois mapas (figuras 2 e 3) representam a densidade demográfica de São Paulo em 1940 e 1947, respectivamente. Posteriormente, eles foram publicados em 1953 na *Revue de géographie alpine* no artigo “La croissance de la ville de Sao Paulo”⁶.

6 O artigo encontra-se no tomo 41 n. 1 e 2. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/rga_0035-1121_1953_num_41_1_1083>. Acesso em: 19 jul. 2016. Foi também publicado em português, mas os mapas não aparecem na tradução: MONBEIG, Pierre. O crescimento da cidade de São Paulo. In: SZMRECSÁNYI, Tamás (Org.). *História econômica da cidade de São Paulo*. São Paulo: Globo, 2004, p. 14-115.

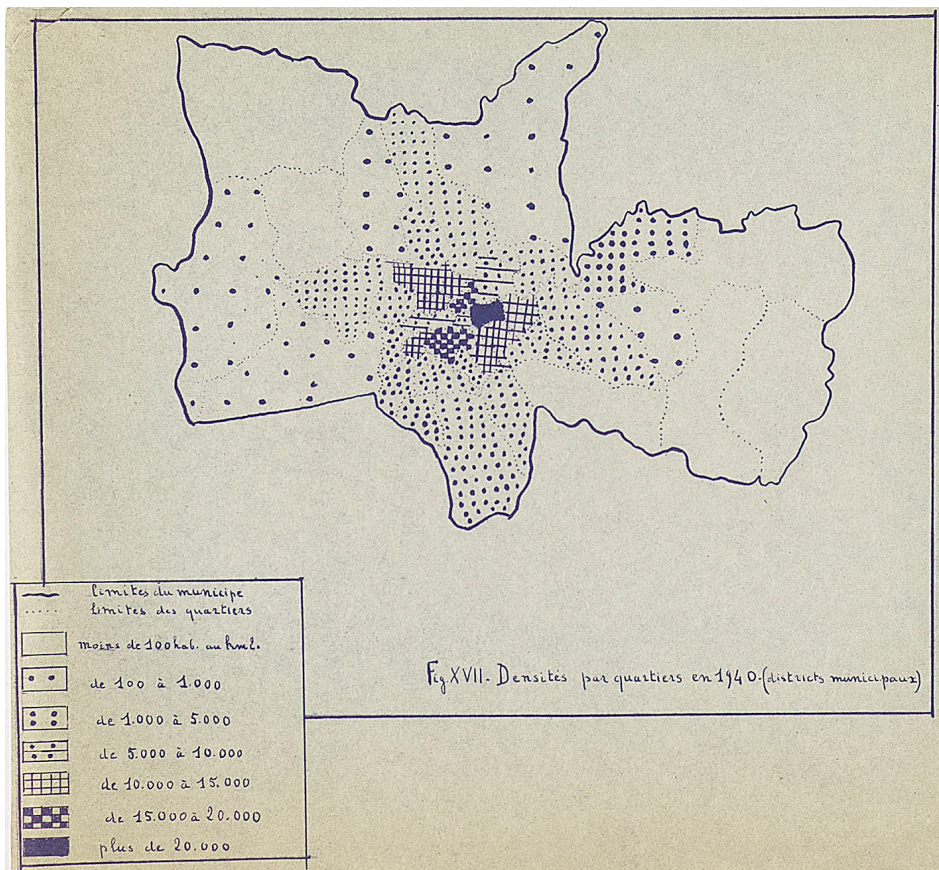


Figura 2 – Mapa de densidade populacional de São Paulo em 1940

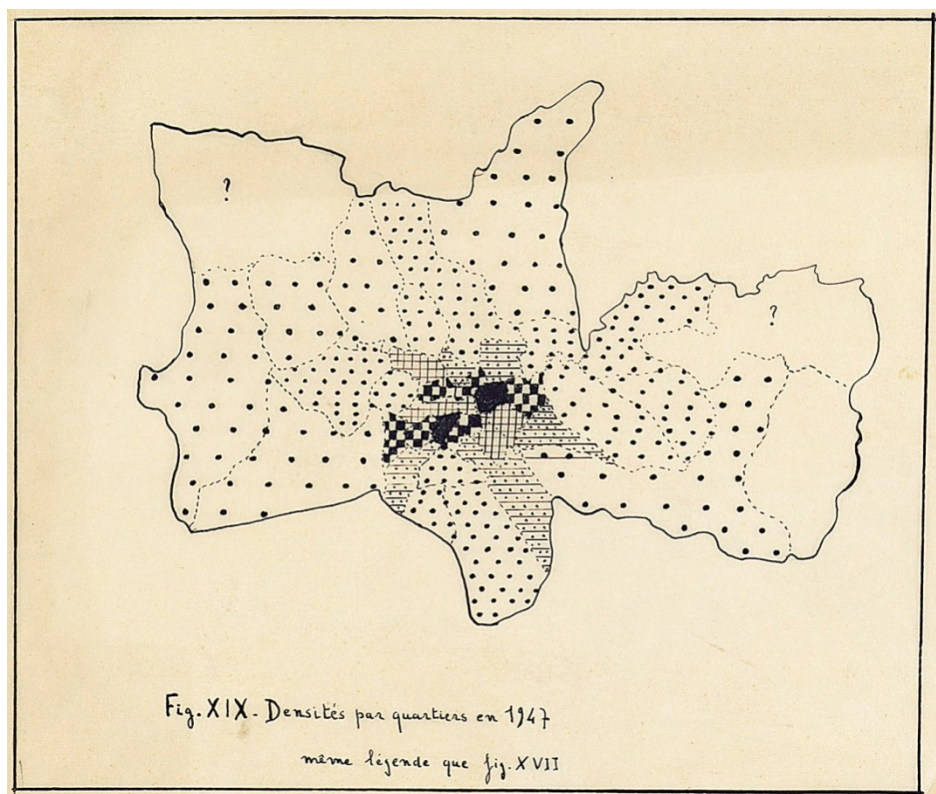


Figura 3 – Mapa de densidade populacional de São Paulo em 1947

A aparência simples e desprezível, reforçada pela confecção manual, pode enganar e levar a crer que se trata de uma “cartografia rústica” em virtude das técnicas e dos recursos contemporâneos empregados na produção de mapas. Nada mais enganoso. Trata-se de um mapa sofisticado do ponto de vista de linguagem. Monbeig fazia parte de uma tradição da escola francesa⁷ muito preocupada com a expressão visual dos fenômenos, naturais e sociais, e muito ciosa de uma linguagem padronizada e estável, que não gerasse dúvidas no observador.

Nos mapas, Pierre Monbeig representa as densidades demográficas na cidade de São Paulo fazendo uso da *variável visual valor*, como seria designado atualmente após a sistematização das variáveis visuais proposta por Jacques Bertin. Era uma forma

7 Em 1934 foi fundada a Ecole de cartographie de l'Université de Paris por Emmanuel de Martonne. O objetivo da escola era formar “cartógrafos que fossem também geógrafos”. Foi nessa escola que se formou Jacques Bertin, que nos anos 1960 lançou uma obra referencial na área: *Sémiologie graphique: les diagrammes, les réseaux, les cartes*. PALSKY, Gilles et ROBIC, Marie-Claire. Aux sources de la sémiologie graphique. *Cybergeogeo: European Journal of Geography*. Dossiers. 1997 – Colloque “30 ans de sémiologie graphique”, document 147, mis en ligne le 17 novembre 2000. Disponível em: <<http://cybergeogeo.revues.org/554>>. Acesso em: 4 ago. 2016. DOI: 10.4000/cybergeogeo.554

comum para representar fenômenos ordenados numa época em que predominavam mapas impressos em preto e branco⁸. Alguns aspectos que vale sublinhar:

- nos dois mapas ele ordenou visualmente as diferentes densidades a partir do branco para o preto com um modo de implantação zonal⁹;
- a maior presença do branco situa-se onde as densidades são menores (o branco total refere-se a menos de 100 hab./km²) e, à medida que as densidades crescem, aumenta a presença do preto por meio de pontos e tramas que vão se intensificando até chegar ao preto total na máxima densidade demográfica da cidade, que é a de 20.000 hab./km²;
- há nos mapas uma lógica comum presente na relação existente entre os objetos representados (no caso, diferentes densidades demográficas) e na relação entre os elementos escolhidos para representar essas densidades explicitados na legenda. Quanto menor a densidade, menor a presença de preto, e o contrário também é verdadeiro. Caso não fosse feito assim, ele teria produzido o que Jacques Bertin denomina como *falsa imagem*.
- como ambos os mapas mantêm a mesma linguagem e as mesmas classes de níveis de densidade demográfica, isso os torna comparáveis. O que parece trivial no caso costuma ser raro na produção cartográfica, pois há uma instabilidade notória no que diz respeito às linguagens e aos métodos empregados (por vezes por parte de um mesmo autor), o que faz da comparação entre mapas um exercício árduo. Jacques Bertin advertia que mapas que têm a qualidade de serem facilmente comparáveis em termos visuais são uma necessidade primordial de uma cartografia moderna¹⁰.

Por fim, dois breves comentários informativos sobre o conteúdo dos mapas: 1) provavelmente Pierre Monbeig utiliza a divisão distrital (distritos de paz) de 1940¹¹, que totalizava 40 distritos. Ele deixa de fora os distritos de Ibirapuera, Santo Amaro e Capela do Socorro, que juntos formavam o antigo município de Santo Amaro, integrados ao município de São Paulo em 1935 (ver figura 4); 2) com uma rápida visualização (mapas são para ver e não para ler), percebe-se os distritos que tiveram maior aumento nas suas densidades entre 1940 e 1947. As maiores densidades estão no centro e em suas cercanias, e os eixos que conhecem o maior incremento em suas densidades são os que se posicionam a sudoeste, principalmente, e a sudeste.

8 Exemplos dessa cartografia da época podem ser encontrados em: ROBIC, Marie-Claire. Une école pour des universitaires placés aux marges de l'expertise: les années trente et la cartographie géographique. *Cybergeo: European Journal of Geography*. Dossiers, Colloque "30 ans de sémiologie graphique", document 155, mis en ligne le 17 novembre 2000. Disponível em: <<http://cybergeo.revues.org/1643>>. Acesso em: 4 ago. 2016. DOI: 10.4000/cybergeo.1643

9 Implantação zonal é quando se mapeia a extensão e não uma localização isolada, por exemplo. No caso dos mapas, o que está mapeado é a extensão de cada distrito municipal da cidade de São Paulo.

10 Cf. BERTIN, Jacques. Ver ou ler. *Seleção de Textos* (AGB), São Paulo, n. 18, p. 45-62, maio 1988.

11 Segundo o decreto-lei municipal nº 25 de 30/03/1940. SÃO PAULO. Departamento de Estatística. *Linhas divisórias do município de São Paulo*. São Paulo: setembro de 1942. 99 p. Disponível em: <<http://produtos.seade.gov.br/produtos/bibliotecadigital/view/singlepage/index.php?pubcod=10013033&parte=1>>. Acesso em: 1 set. 2014.

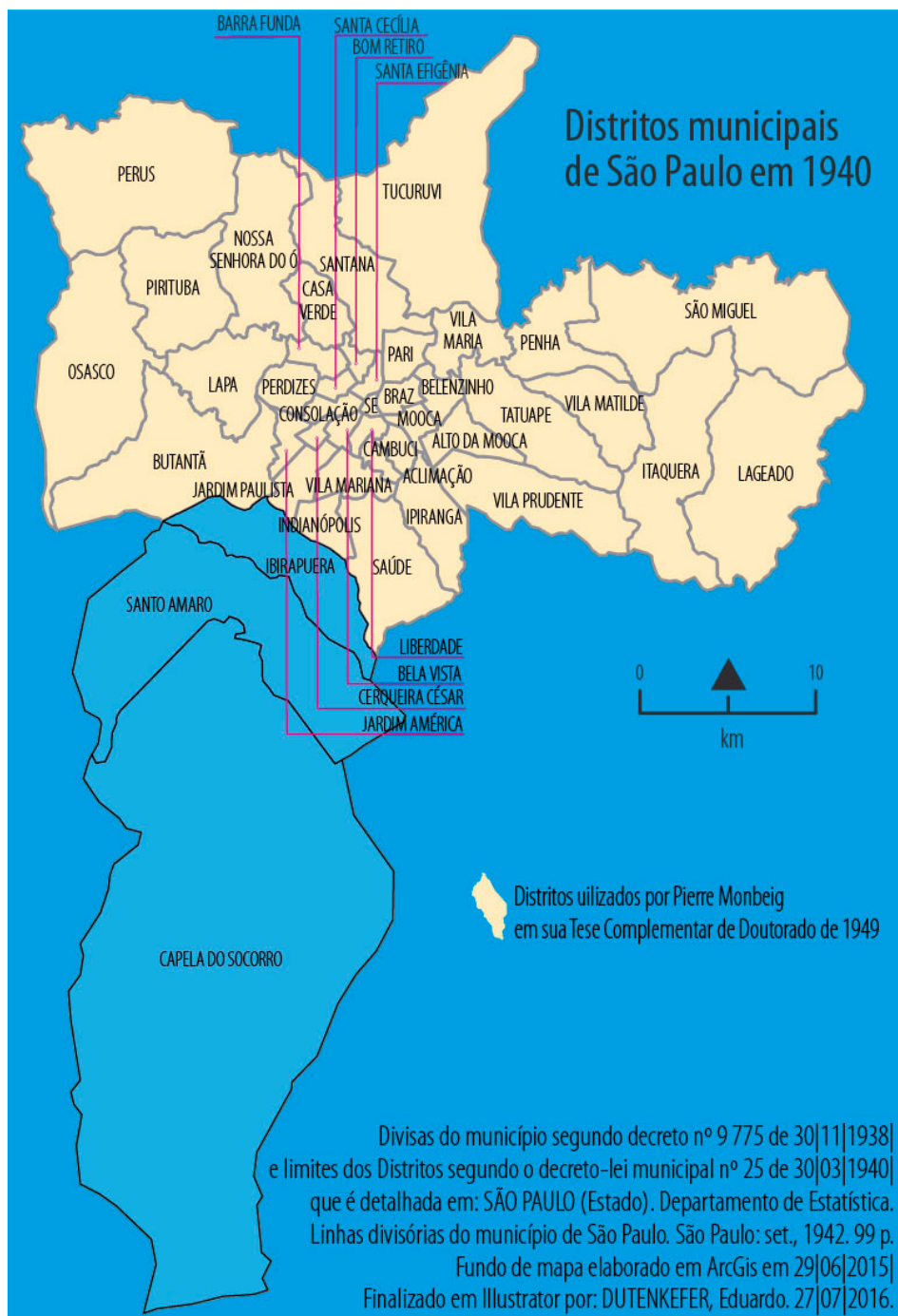


Figura 4 – Distritos municipais de 1940

SOBRE OS AUTORES

EDUARDO DUTENKEFER é mestre em Geografia e doutorando no Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da FFLCH/USP, Brasil.
E-mail: dutenkefer@gmail.com

FERNANDA PADOVESI FONSECA é professora de Cartografia no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).
E-mail: ferpado@gmail.com

JAIME TADEU OLIVA é professor e pesquisador da área de geografia do Instituto de Estudos Brasileiros IEB/USP.
E-mail: jtoliva@gmail.com; jtoliva@usp.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. Arquivo Pierre Monbeig: uma experiência integrada de dados textuais e iconográficos inscritos na vida do titular. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, 1. 2002, São Paulo. Integrar, Atas... São Paulo: Imprensa Oficial, 2002, p. 511-527.
- BERTIN, Jacques. Ver ou ler. *Seleção de Textos* (AGB), São Paulo, n. 18, maio 1988, p. 45-62.
- MONBEIG, Pierre. O crescimento da cidade de São Paulo. In: SZMRECSÁNYI, Tamás (Org). *História econômica da cidade de São Paulo*. São Paulo: Globo, 2004, p. 14-115.
- PALSKY, Gilles et ROBIC, Marie-Claire. Aux sources de la sémiologie graphique. *Cybergeo: European Journal of Geography*. Dossiers. 1997 – Colloque “30 ans de sémiologie graphique”, document 147, mis en ligne le 17 novembre 2000. Disponível em: <<http://cybergeo.revues.org/554>>. Acesso em: 4 ago. 2016. DOI: 10.4000/cybergeo.554
- ROBIC, Marie-Claire. Une école pour des universitaires placés aux marges de l’expertise: les années trente et la cartographie géographique. *Cybergeo: European Journal of Geography*. Dossiers, Colloque “30 ans de sémiologie graphique”, document 155, mis en ligne le 17 novembre 2000. Disponível em: <<http://cybergeo.revues.org/1643>>. Acesso em: 4 ago. 2016. DOI: 10.4000/cybergeo.1643
- SÃO PAULO. Departamento de Estatística. *Linhas divisórias do município de São Paulo*. São Paulo: setembro de 1942, 99 p. Disponível em: <<http://produtos.seade.gov.br/produtos/bibliotecadigital/view/single-page/index.php?pubcod=10013033&parte=1>>. Acesso em: 1 set. 2014.

NOTÍCIAS • NEWS)

São Paulo
Rua da Glória
1960
Arquivo IEB-USP



[informe)ieb

edição 1 | 01.07.2016



editorial

ESTE primeiro número do Informe IEB cumpre uma das premissas estabelecidas no número zero, qual seja, “promover a integração entre docentes, funcionários e estudantes”, com a possibilidade de chegar a outras “paragens”, dentro do Campus e até mesmo no exterior. Assim, uma boa maneira de atingir esta meta é mostrar a instituição por dentro, como foi organizada, a que se propõe e seu vigor na vida acadêmica.

EIS o que o leitor encontrará nas próximas “telas”, uma radiografia do IEB a partir daqueles que ali trabalham e recebem os consulentes que procuram nossos Arquivo, Biblioteca e Coleção de Artes Visuais. E para que o interesse se multiplique, também é possível saber como são e o que oferecem nosso Serviço Educativo, o Programa de Pós-Graduação ou o Café Acadêmico, ponto de encontro para se discutir projetos de pesquisa e assuntos que entrosam alunos e professores.

PARA ilustrar tantas possibilidades de diálogo e convívio o tema exemplificado é caro a várias áreas de estudo, porque o cordel se multiplica na história, literatura, artes plásticas, música, e muitas vias que se cruzam, no IEB, também! Pois não é tudo, outros temas de interesse você encontrará “virando a tela”.

Flávia Camargo Toni

profa. titular IEB USP

[acontece)

UM POUQUINHO DA HISTÓRIA DE QUEM GUARDA A HISTÓRIA

O Arquivo foi regulamentado como setor independente em 1974. Um registro disso é o documento IEB-001-01-0073, Ata do Conselho Deliberativo do Instituto, datada de 5 de abril de 1974, a qual oficializa a regulamentação do setor técnico Arquivo-IEB: finalidade, documentos constantes, normas de utilização e reprodução.

Desde então, o Arquivo vem desenvolvendo trabalhos junto ao acervo sob sua guarda e apoiando inúmeras atividades do IEB. Pelo Arquivo já passaram mais de 100 colaboradores, entre funcionários, professores e estagiários. Destaque para a primeira coordenadora do Arquivo, a professora Heloísa Liberalli Bellotto, que é o grande nome da arquivologia no Brasil, representando muitas vezes o Instituto, o Arquivo e o Brasil em várias partes do mundo.

Atualmente o Arquivo tenta seguir seus princípios fundadores, ao mesmo tempo que busca acompanhar a revolução tecnológica do século XXI. Desde sua fundação, o objetivo do Arquivo é organizar, preservar e manter em condições de consulta as coleções de documentos como manuscritos, slides, fotografias, discos, filmes, folhetos

de cordel e outros, constantes dos arquivos do Instituto de Estudos Brasileiros provenientes das atividades internas deste Instituto, de aquisições ou de doações.

Do objetivo que nos guia, seguimos para a missão que nos move. Utilizando as próprias palavras da nossa querida professora Heloísa Liberalli Bellotto, definimos nossas prioridades de trabalhos, buscando exercer nosso papel como cidadãos:



Jacqueline ter Haar. Fonte: flickr.com/photos/jacquelineterhaar

(...) só um arquivo munido de um guia geral de fundos, inventários e catálogos parciais, e cuja equipe de arquivistas possa preparar em tempo razoável catálogos seletivos e edições de textos, quando pertinentes, estará cumprindo sua função junto à comunidade científica e ao meio social de que depende e a que serve. (Bellotto, 2006, p.178)

Por fim, tratando-se de um trabalho que exige uma equipe afinada, comprometida e dedicada, elegemos o seguinte lema a ser aplicado por todos os colaboradores do Arquivo IEB/ USP:

UBUNTU - o nome “Ubuntu” deriva do conceito sul-africano de mesmo nome, diretamente traduzido como “humanidade com os outros” ou “sou o que sou pelo que nós somos”. Uma pessoa com Ubuntu está aberta e disponível para outros, apoia os outros, não se sente ameaçada quando outros são capazes e bons, baseada em uma autoconfiança que vem do conhecimento de que pertence a algo maior e é diminuída

quando os outros são humilhados ou diminuídos, quando os outros são torturados ou oprimidos. Palavras de Desmond Tutu no livro *Nenhum futuro sem perdão*.

Definidos tais parâmetros, é hora de conhecer as atividades do Arquivo IEB/USP. São elas:

- Atendimento ao pesquisador, seja presencial, on-line ou por telefone;
- Processamento documental, buscando a elaboração e o aprimoramento de nossos instrumentos de pesquisas;
- Conservação preventiva, com a qual, por meio de ações de manutenção cotidiana e de controle climático dos ambientes onde estão guardados os documentos, buscamos atenuar as ações de envelhecimento do acervo sob nossa guarda.
- Além dessas ações, que são a alma do Arquivo, também são oferecidas:
- Visitas técnicas para instituições irmãs, escolas e público interessado em geral;
- Consultorias à USP, à comunidade arquivística e à comunidade em geral, que nos procuram para receber orientações técnicas na construção, reestruturação e readaptação de arquivos e centros de memória;
- Oferta de Programas de estágio, nacional e internacional, a alunos e pesquisadores da USP, de outras universidades brasileiras e, há cerca de três anos, contando com a participação de universidades estrangeiras, por meio de convênios;
- Desenvolvimento de programa de formação continuada, chamado de Projeto História Viva, constituído por debates, cursos e aulas oferecidas à própria equipe do Arquivo, que não pode se acomodar e precisa constantemente aprender e se atualizar na sua área de atuação.

Por fim, o Arquivo também colabora na:

- Realização de eventos do IEB e de instituições irmãs;
- Execução de exposições, com o empréstimo de documentos sob sua salvaguarda;
- Publicação de revistas acadêmicas e publicações em geral.

E por que são realizadas tantas atividades diferentes em torno de nossa documentação? Jules Michelet nos lembra sobre a importância dos Arquivos. Usando as próprias palavras do historiador francês: “Quando penetrei pela primeira vez nessas catacumbas manuscritas, nessa necrópole de monumentos nacionais, teria dito de bom grado (...) ‘eis a morada que escolhi e o meu descanso eterno’. Não tardei porém, a perceber, no silêncio aparente dessas galerias, que havia um movimento, um murmúrio, algo que não pertencia à morte. Esses papéis, esses pergaminhos deixados ali há muito tempo nada pediam a não ser a possibilidade de rever a luz do dia. Esses papéis não são papéis, e sim vidas de homens, de países, de povos”.

É essa vida que pulsa dentro do Arquivo que se reflete em seu rico acervo, em sua equipe e em suas salas. Venha você também conhecer o Arquivo IEB/USP. Venha fazer parte dessa História!

Elisabete Marin Ribas

supervisora técnica de serviço do Arquivo IEB USP

BIBLIOTECA DO IEB: REFERÊNCIA PARA PESQUISADORES



Parte da Coleção Yan de Almeida Prado

Criada em 1962, por Sérgio Buarque de Holanda, juntamente com o Instituto de Estudos Brasileiros, para abrigar a coleção brasileira de obras raras de Yan de Almeida Prado, então recém-comprada pela USP, a Biblioteca do IEB surgiu como um centro de referência sobre temas brasileiros, objetivando oferecer suporte a estudantes e pesquisadores.

Hoje, a Biblioteca conta um pouco da história do pensamento em nosso país através de suas 31 coleções, adquiridas de ilustres estudiosos e artistas. São cerca de 180.000 obras disponíveis para consulta, entre livros, catálogos, anais de eventos, periódicos e separatas, englobando história, economia, política, filosofia, sociologia, artes plásticas, música e literatura brasileiras, bem como assuntos afins, reunidas por personalidades como Mário de Andrade, João Guimarães Rosa, Caio Prado Jr., Camargo Guarnieri, Pierre Monbeig, Graciliano Ramos, Milton Santos, e tantos outros, passadas à guarda do IEB por compra ou doação, além de uma Coleção Geral, atualizada periodicamente com estudos recentes, nacionais e estrangeiros, sobre o Brasil.

Merece destaque a Coleção Alberto Lamego, uma das mais importantes do país relativas aos séculos XVI a XIX, reunida pelo historiador e bibliófilo fluminense (1870-1951), adquirida pela USP em 1935 e incorporada ao IEB em 1968. A coleção conta, dentre raridades sobre as missões jesuíticas no Brasil e sobre a cidade do Rio de

Janeiro, com a mais antiga obra disponível na USP, um incunábulo de 1493 - ricamente ilustrado com xilogravuras de Michael Wolgemut e Wilhelm Pleydenwurff, mestres de Albrecht Dürer –, conhecido como *Crônica de Nuremberg*, que pode ser consultado online na Biblioteca Digital de Obras Raras (<http://www.obrasraras.usp.br/>). Através da colaboração entre Biblioteca, Coleção de Artes Visuais, Laboratório de Restauro e Laboratório de Digitalização, mais de 600 volumes dessa coleção, principalmente sermões, já foram restaurados, digitalizados, encadernados e disponibilizados na Biblioteca Digital do IEB, que possui hoje 1.368 obras de domínio público.

Ressalta-se também o conjunto de periódicos que a Biblioteca abriga, distribuídos pelas diversas coleções, que frequentemente se complementam. Dentre os quase 2 mil títulos, destacam-se edições originais de revistas modernistas, como *Klaxon*, *Verde*, *Terra Roxa e outras terras*, *Revista de Antropofagia*, *A Festa* e a *A Revista*, e revistas dos institutos históricos e geográficos dos vários estados brasileiros e de centros latino-americanos e luso-brasileiros espalhados pelo mundo.

Atualmente, a Biblioteca encontra-se em preparação para mudança para o Complexo Brasiliana, onde terá quase 2 mil m² destinados à guarda dos acervos e outros 400 m² para atendimento, treinamento, sala de leitura e demais atividades. Enquanto o novo espaço toma forma, a equipe da Biblioteca tem se empenhado para proporcionar acesso às obras a todos os interessados, de modo a continuar colaborando para o desenvolvimento das pesquisas sobre o Brasil. O atendimento para consulta local continua a ser realizado no antigo prédio do IEB, mediante agendamento pelo e-mail bibieb@usp.br.

Daniela Piantola

supervisora técnica de serviço da Biblioteca IEB USP

COLEÇÃO DE ARTES VISUAIS

O que é a coleção?

O Serviço de Coleção de Artes Visuais, juntamente com seus correlatos Arquivo e Biblioteca, constrói o tripé dos acervos do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Cada um dos diversos signatários, que nomeiam os quase 100 fundos e coleções, pode conter itens de acervo das mais diferentes tipologias, que são tratadas por critérios ora arquivísticos, ora biblioteconômicos e museológicos.

Sua criação está diretamente ligada à compra do conjunto documental, bibliográfico e artístico reunido por Mário de Andrade, em 1968. O trabalho de preservação, organização, exposição, divulgação, pesquisa do acervo é atividade primordialmente voltada para a coletividade e sempre foi o tom adotado pelas diversas gestões que culminaram para a Coleção ser o que ela é hoje.

E, afinal, o que ela é hoje? Para falar sobre a Coleção de Artes Visuais, trataremos de sua complexidade, que envolve tanto os acervos sob sua responsabilidade, quanto os trabalhos desenvolvidos. Para este primeiro Informe IEB, traremos a questão sob a perspectiva da nova sede do IEB. Há alguns bons anos, a aguardada mudança está às nossas portas e faz parte dos planejamentos consecutivos para pensar qual o lugar a ser ocupado pela Coleção neste novo espaço do Instituto. Ambiente pensado e arquitetado para o funcionamento colaborativo entre suas diversas partes: Conservação e Restauro, demais Acervos, Educativo, Difusão Cultural, Acadêmico, Administração e Docência.

A nova sede e o acervo em preparação



Aspecto geral da Reserva Técnica da Coleção de Artes Visuais

A nova sede do IEB, localizada no Complexo Brasiliana USP, suscitou inúmeras reflexões que, num primeiro momento, são geradas pelo movimento de ocupação de uma nova área, numa nova condição espacial, numa nova visibilidade, enfim, em novas condições proporcionadas pelo novo edifício.

A preparação para essa mudança engloba muitas escalas, duas delas a se destacar: a do edifício, por um lado, e a do acervo, por outro. É a relação entre continente e conteúdo, que todas as instituições, em geral, devem sempre ter em conta.

O conjunto de obras da Coleção de Artes Visuais é bastante heterogêneo, composto

por grande variedade de peças, com início em 1968, e aberta para novas incorporações na década de 1980, abarcando o objetivo de um órgão de integração universitário, no qual o acervo está inserido: pesquisar a cultura brasileira em seus múltiplos aspectos, de forma multidisciplinar.

O primeiro conjunto recebido foi o conjunto colecionado por Mário de Andrade, seguido por outros, no intuito de abranger estudos dos mais variados. Hoje, compreende a reunião de estudos e obras de Anita Malfatti, Bernardino Ficarelli e mesmo o conjunto de gravuras das doações de Alex Flemming, Ermelindo Nardin, Gilmar de Carvalho, Heloísa Pires Ferreira, Isa Aderne, Mariana Quito e Sérgio Moraes. Além destes, destacamos ainda as charges do Barão de Itararé e itens relacionados a incorporações com maior relevância para o Arquivo e a Biblioteca, tais como: Caio Prado Jr., Camargo Guarnieri, Graciliano Ramos, Lélia Abramo, Lupe Cotrin Garaude, Maria Thereza Camargo, entre outros. Há, ainda, itens recebidos isoladamente.

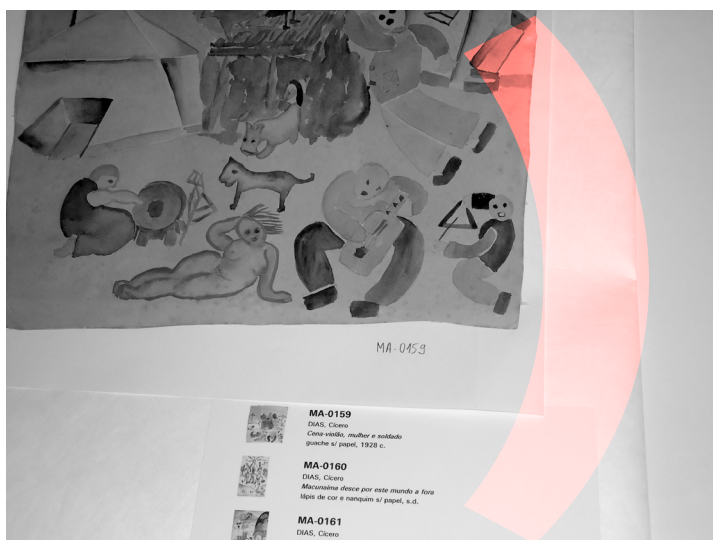
Durante o processo de preparação de mudança, toda a equipe da Coleção de Artes Visuais se voltou para realizar a documentação museológica, vale dizer, a revisão de cada uma das incorporações de acordo com seu respectivo signatário, acompanhado da melhoria do acondicionamento a fim de garantir a salvaguarda do acervo – pela garantia tanto de gerência do acervo, quanto da sua conservação física. Podemos dizer que, a partir de planejar o traslado do Acervo entre as sedes, foi colocada em ordem a totalidade das obras pertencentes à Coleção de Artes Visuais recebidas até 2014.



Organização dos envelopes de acondicionamento dentro das gavetas da mapoteca



Diversidade do acondicionamento, no caso caixas individualizadas para a técnica de pastel



Obra original e respectivo acondicionamento



Identificação dos envelopes de acondicionamento

Os próximos passos que devem ser seguidos são: disponibilizar em diversas mídias – física e online – toda a documentação dos diversos itens do acervo, hoje parcial e, no caso da internet, ainda incipiente; pensar os caminhos a serem trilhados para as novas incorporações. Outro ponto primordial é a ocupação da Coleção de Artes Visuais nas suas respectivas áreas do Edifício Brasiliana.

As áreas correspondentes são: reserva técnica, atendimento ao público e exposição, uma das suas funções mais eminentes, que estão prejudicadas devido ao processo de mudança. As mostras das obras, momento de contato direto entre acervo e público, são desenvolvidas pela Coleção de Artes Visuais, em parceria com os demais setores correlatos, como trabalho fundamental com o Acervo. Por se tratar de assunto tão importante e com inúmeros desdobramentos, vale escrever em outro Informe dedicado apenas a este tema.

Concluindo esta breve notícia sobre as Artes Visuais, pretendemos mostrar o que é a simbiose erigida entre o Acervo e a Universidade, cujo funcionamento permite viver em corpus integrado, que pressupõe a prática do ensino e o fomento à pesquisa em consonância com o enriquecimento do Acervo, ao mesmo tempo que a cultura material delinea possibilidades infindáveis de pesquisa e de formação de cidadãos.

Bianca Maria Abbade Dettino

supervisora técnica de serviço da Coleção de Artes Visuais IEB USP



Entrando em contato com a educação patrimonial

O Serviço Educativo do IEB completará dez anos de existência. Consolidamos todas as propostas de ação educativa elaboradas na sua implantação e fomos além, conseguindo aprofundar a relação entre cultura e educação na construção do conhecimento relativo aos acervos pessoais que estão concentrados nas áreas de Arquivo, Biblioteca e Coleção de Artes Visuais como concebidos pelo Instituto de Estudos Brasileiros.

Na busca de uma efetiva integração de outros segmentos da comunidade ao público já frequentador do Instituto, o SE-IEB objetiva atender de forma qualificada a fim de propiciar a reflexão sobre a importância de seus acervos para transformá-los em tema do cotidiano e ampliar o comprometimento institucional.

Para tanto, como ocorre todos os anos, costumamos trabalhar um tema como núcleo de pesquisa que se ramifica em interlocuções com outras áreas para o desenvolvimento dessas ações. Podemos destacar, por exemplo, a realização pela vida profundamente produtiva e o imenso e importante legado deixado por Mário de Andrade nas diversas áreas em que atuou – de intensa programação para os 80 anos da criação dos Parques Infantis.

Realizamos a exposição *Id: retratos contemporâneos* com uma série de palestras e oficinas na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul (2015 a 2016); palestramos no curso *Mário de Andrade — experiência de educação como ação cultural* (2015)

e do Projeto de Inovação em Gestão para a rede Municipal de Educação (2015 a 2016), ambos no Diped do Jaçanã/Tremembé em São Paulo; e, como resultado dos diversos programas, apresentamos *A cultura arquivada: considerações sobre a prática pedagógica com os acervos pessoais do IEB-USP* no XI Congresso de Arquivologia do Mercosul. Vale ressaltar o início do processamento da massa documental produzida pelo SE-IEB e a publicação das nossas atividades nesses dez anos.

Para 2016, a Biblioteca é o tema central eleito para a discussão sobre os espaços de leitura, acervos escolares e docentes, e a leitura como constituição de territórios na construção de identidades, que se estruturou nos seguintes programas:

Programa Exposição de Acervo e Coleções Especiais

Anita, gravadora – o olhar transformador



Casa do Olhar, Santo André-SP



Casa do Olhar, Santo André-SP

Programas para Educadores — IEB USP e Diped — J/T – 1º e 2º semestres

Elaborados especialmente para os profissionais da educação que trabalham com professores de educação infantil (1ª infância inclusive), ensino fundamental, ensino médio, funcionários de todos os níveis que atuam no ambiente escolar. Tratam de assuntos escolhidos pelos profissionais e desenvolvidos com os acervos do Instituto, sempre contextualizados a partir da vivência. Visando à produção de sentido da prática, trabalham-se questões recorrentes sobre exigência curricular em detrimento da realidade existente.



Sala de Leitura - dos diálogos culturais nos territórios em constante mutação



Encontros com gestores: sobre a educação contemporânea

Programas de Extroversão

Oficinas/Cursos

Abrangem grandes áreas do conhecimento e da produção artística e cultural dos titulares que fazem parte de nosso acervo. Podem tratar de linguagens e/ou de um acervo em especial ou obra.

- Retratos falados – programação da mostra ID: retratos contemporâneos (fotografia) | Pinacoteca Municipal de São Caetano (1º e 2º semestre)

- Memória e informação: livros à mão cheia — sobre acervos e educação | Local a ser definido (2º semestre)
- Entre acervos: a resignificação do moderno na arte contemporânea | Casa do Olhar — Santo André/SP – 2º semestre
- Entre acervos: pensar a educação patrimonial na contemporaneidade | Casa do Olhar — Santo André/SP – 2º semestre

Elly Roza Ferrari

educadora IEB USP

[projetos)

Os CAFÉS ACADÊMICOS DO IEB

Assumindo como princípio que o meio e a forma não são neutros em nenhuma das relações humanas, a ideia da realização de Cafés Acadêmicos no IEB quis promover discussões acadêmicas menos ritualísticas, como aquelas em que os papéis estão marcados hierarquicamente. A busca de uma informalidade comunicacional, aberta e mais confortável para os participantes, foi o espírito implementado nessas atividades, com a expectativa de que a participação dos interessados fosse mais horizontal.

Os Cafés Acadêmicos no IEB são anteriores à fundação do Programa de Pós-graduação *Culturas e Identidades Brasileiras*. Eles se organizavam em torno de pesquisadores convidados para apresentar suas pesquisas finalizadas ou em andamento.

Pesquisas, muitas delas, relacionadas aos acervos do IEB. Com a formação do Programa de Pós-graduação os Cafés Acadêmicos foram incorporados a ele como



uma das suas atividades animadoras, como uma das atividades que seriam oferecidas aos pós-graduandos (mestrandos) visando ilustrar concretamente a dinâmica das pesquisas, a diversidade de possibilidades que o acervo do IEB propicia, a variedade de abordagens pertinentes para objetos segundo múltiplos e combinados enfoques disciplinares.

Desde então, em todo o período de existência (são mais de oito anos) do Programa de Pós-graduação os Cafés Acadêmicos mantiveram-se como uma atividade constante e insubstituível, pois suas virtudes de informalidade e agilidade facilitam sua inserção no cotidiano do programa. Uma palavrinha sobre a agilidade da atividade: o Café Acadêmico serve (e serviu) como forma rápida de ser organizada para, por exemplo, sempre aproveitar a passagem pela universidade de pesquisadores e intelectuais de outras localidades. Sempre que há chance, eles são convidados para vir compartilhar conosco seus conhecimentos e ideias.

É assim que nesse último mês tivemos a oportunidade de promover 3 cafés acadêmicos, além do primeiro de 2016, ocorrido em março:



[café acadêmico] convida

o autorretrato e o alter ego de hildegard rosenthal, uma fotógrafa imigrante moderna

**29.03
18h às 20h**

palestrante
Yara Schreiber

coordenação
Alia Paula
Cavalcanti Simioni

realização
divisão científico-cultural - IEB USP

local
casa de cultura japonesa
Av. Prof. Lineu Prestes, 159
Butantã
São Paulo - SP
05508-000

informações
(11) 3591-3196
iebp@usp.br
www.ieb.usp.br

Atividade do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - IEB USP

inscreva-se aqui

[f](#) [in](#) [t](#)

design: elaine japonês

Convite do Café Acadêmico. O autorretrato e o alter ego de Hildegard Rosenthal, uma fotógrafa imigrante moderna



ieb
[café
acadêmico]
e
departamento
de letras
modernas
[fflich-usp]
convidam

a idade média nas telas (cinema, séries, telenovelas e shows de luzes)



**08.06.16
às 18h**

palestrante
Profª. Beate
Langenbruch | École
Normale Supérieure
de Lyon, França

coordenação
Prof. Dr. Paulo
Iumatti e Prof.
Alvaro Faleiros

realização
divisão científico
cultural - IEB USP

Atividade da área
didática de Francês
do Departamento de
Letras Modernas
**no complexo
brasiliense**
Sala 13
R. da Biblioteca, S/n
Cidade Universitária,
São Paulo - SP
05508-115

informações
www.ieb.usp.br

[inscreva-se aqui](#)



design: estúdio proposita

Convite do Café Acadêmico. A idade média nas telas
(cinema, séries, telenovelas e shows de luzes)



ieb
[café
acadêmico]
e
departamento
de letras
modernas
[fflich-usp]
convidam

uma visita aos jardins literários franceses da época medieval



**15.06.16
às 18h**

palestrante
Profª. Beate
Langenbruch | École
Normale Supérieure
de Lyon, França

coordenação
Prof. Paulo Iumatti e
Prof. Alvaro Faleiros

realização
divisão científico
cultural - IEB USP

Atividade da área
didática de Francês
(Depto. de Letras
Modernas) e do
Programa Culturais
e Identidades
Brasileiras

**no complexo
brasiliense**
Sala 13
R. da Biblioteca, S/n
Cidade Universitária,
São Paulo - SP
05508-115

informações
www.ieb.usp.br

[palestra em português](#)



design: estúdio proposita

Convite do Café Acadêmico. Uma visita aos jardins literários franceses da época medieval



ieib
(café
acadêmico)
convida

música e memória: reflexões etnomusicológicas

20.06.16
das 14h30
às 16h30

palestrante
Profª Drª Suzel
Ana Rely | UNICAMP

coordenação
Profª Drª Flávia
Camargo Toni

realização
divisão científico
cultural - IEB USP

Atividade do
Programa de Pós-
Graduação Culturas
e Identidades
Brasileiras

**no complexo
brasileira**
Auditorio do Sistema
Integrado de
Bibliotecas da USP -
SIBUSP
R. da Biblioteca, 5/n
Piso embasamento
(primeiro subsolo)
Cidade Universitária,
São Paulo - SP
05508-115

informações
(11) 3091 3196
ieibpos@usp.br
www.ieb.usp.br

inscreva-se aqui
<https://www.doi.org/10.11606/S1518-4724.201600000001>
música-e-memoria-reflexoes-etnomusicologicas/inscricao

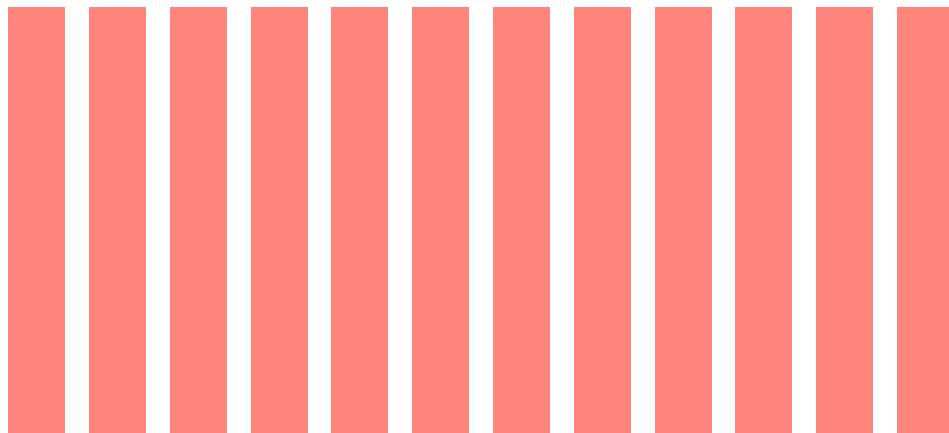


design e layout: jorge pereira

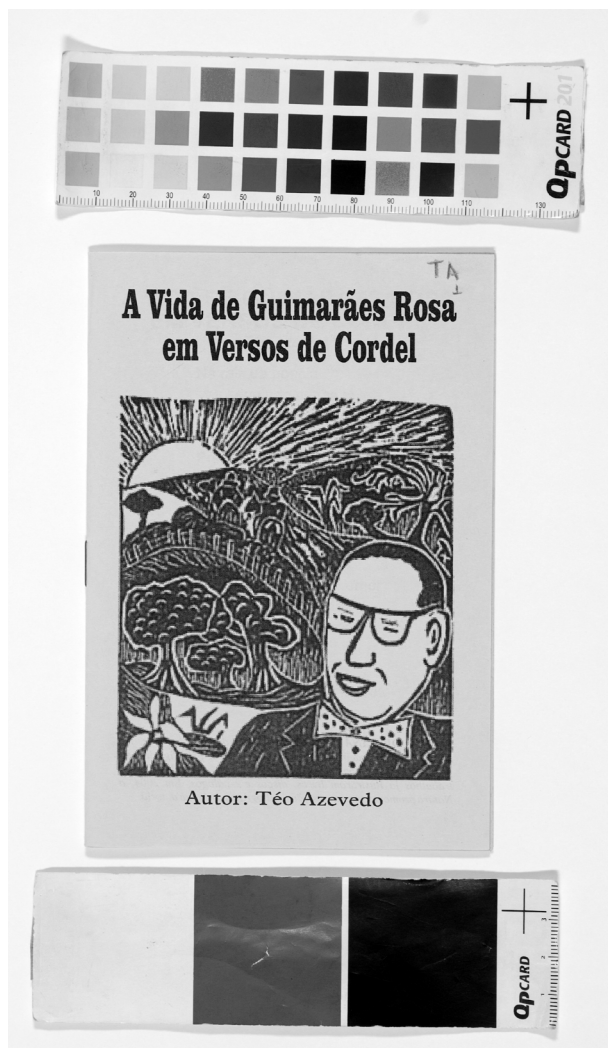
Convite do Café Acadêmico. Música e memória: reflexões etnomusicológicas

Jaime Tadeu Oliva

prof. dr. IEB USP



O CORDEL NO IEB



Acervo de cordel do IEB

O IEB possui um dos mais importantes acervos relativos à literatura de cordel brasileira do mundo. Isto porque reúne uma massa de mais de 10 mil documentos e obras de arte, em uma multiplicidade de suportes, que abarcam o universo cultural dos folhetos em várias de suas facetas, como: registros impressos e manuscritos; produtos editoriais e gráficos; imagens que, a partir dos folhetos, se autonomizaram no mundo da gravura artística; e fenômenos profundamente imersos na oralidade e no universo da música.

Em primeiro lugar, trata-se de cerca de 4.800 títulos de folhetos inteiramente processados segundo as normas arquivísticas e que cobrem um período que vai do início do século XX aos dias atuais. Eles estão distribuídos em mais de uma dezena de coleções, as quais contêm, também, manuscritos, panfletos, fotografias, registros sonoros e matérias extraídas de publicações sobre o assunto.

As coleções foram, em sua maior parte, reunidas por pesquisadores, escritores e artistas como Mário de Andrade, Dione e Flávio Motta, Ruth Brito Lemos Terra, José Aderaldo Castelo, José Saia Neto, Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo, Gilmar de Carvalho, Marlyse Meyer e Giuseppe Baccaro. Destacam-se nelas conjuntos preciosos relativos às primeiras décadas do século XX (por exemplo, o antigo Fundo Villa-Lobos, coletado por Pixinguinha e Donga) e a poetas específicos, além de uma parte especial sobre Medicina Popular e Homeopatia, entre outras (Coleção Xilógrafos do Juazeiro, de Geová Sobreira etc.).

Ademais, são importantes, no Acervo, as mais de 4 mil matrizes de xilogravuras e gravuras das coleções Gilmar de Carvalho, Théo Brandão, José Aderaldo Castelo e Giuseppe Baccaro. Entre os registros sonoros, pode-se ressaltar parte dos milhares de discos das coleções Vozoteca, de Luiz Ernesto Kawall, e Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo, bem como gravações de cantoria da coleção Giuseppe Baccaro. Estes, somados aos demais materiais mencionados e a outros, bibliográficos e arquivísticos, relativos à Região Nordeste de uma forma geral, de coleções como Manuel Correia de Andrade e José Aderaldo Castelo, fazem do IEB uma das poucas instituições onde se pode estudar, de forma integrada, um vasto leque de aspectos que cercam o universo do cordel.

Doado, processado e pesquisado em diferentes períodos a partir do final dos anos 1960, esse rico material vem sendo trabalhado, nos últimos anos, no âmbito de um projeto financiado pelo CNPq e apoiado pelo Iphan, que tem como objetivo elaborar um portal de documentos bibliográficos, textuais, imagéticos e sonoros que unificará informações de acervos não apenas do país inteiro (incluindo os da Fundação Joaquim Nabuco, da Biblioteca Nacional, da Fundação Casa de Rui Barbosa, da Biblioteca Amadeu Amaral, da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade Federal de Campina Grande, entre outros), como também de fora do Brasil (entre os quais está, por exemplo, o da Library of Congress – EUA).

O banco foi desenvolvido a partir tanto da experiência de tratamento documental e pesquisa do Instituto como da parceria com o projeto Corpus Cordel Cantel, que prevê um portal de acesso a folhetos digitalizados e ocerizados, com a participação do IEB, na Universidade de Poitiers.

Paulo Teixeira Iumatti

prof. livre-docente IEB USP

[eventos)

GUIMARÃES ROSA EM ALTA NO IEB



Fonte: <http://flip.org.br/edicoes/flip-2004/homenageado>

Todas as quartas-feiras, das 18 às 20 horas, acontece a Oficina de Leitura João Guimarães Rosa. Como o prédio do IEB está em reforma, estamos nos reunindo provisoriamente no Café que fica na Livraria Edusp, no prédio da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Trata-se de um encontro de amigos pelo prazer de ler em grupo, em voz alta, ouvir e sentir a sonoridade, a musicalidade das palavras do escritor, através da leitura do colega. Sempre consultando *O Léxico de Guimarães Rosa* da professora Nilce Sant'Anna Martins, sem necessidade de fazer inscrição, nem conhecer a obra do escritor. Venha quando puder, sem compromisso de obrigatoriedade de presença.

Atualmente estamos lendo o livro *Sagarana*, que este ano completa 70 anos de publicação.

E tendo em vista as comemorações de 70 anos de *Sagarana* e 60 anos de *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*, a oficina está propondo várias atividades alternativas:

- De 9 a 17 de julho, viagem aos *Geraes de Rosa*, para participar da Festa de Manuelzão em Andrequicé, passando pelo *Morro da Garça* para ouvir O Recado do Morro, seguindo depois para Cordisburgo na Semana Roseana. Nesses três lugares, vamos fazer oficinas de leitura com as pessoas do lugar. Contaremos com a participação especial da coordenadora do arquivo IEB, Elisabete Marín Ribas, que vai acompanhar a viagem, levando cópias das cadernetas das viagens do escritor.
- Oficina de Leitura do livro *Corpo de Baile* na íntegra, durante sete sábados seguidos, uma novela a cada dia. Com o prédio do IEB em reforma, não está definido ainda o local de realização.

- Participação na comissão organizadora do IEB de Eternamente Rosa, evento comemorativo de 60 anos de lançamento dos livros *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*, a ser realizado nos dias 13, 14 e 15 de setembro. Fazem parte da programação conferências e mesas-redondas, e participação de contadores de histórias do Grupo Miguilim de Cordisburgo/MG e várias outras atividades culturais.

E vamos continuar com a leitura de *Sagarana* até a parte final. Depois definiremos qual a leitura seguinte.

Para outras informações, seguem os contatos dos organizadores da Oficina de Leitura João Guimarães Rosa

Dieter Heidemann

prof. dr. da FFLCH USP

Rosa Haruco Tane

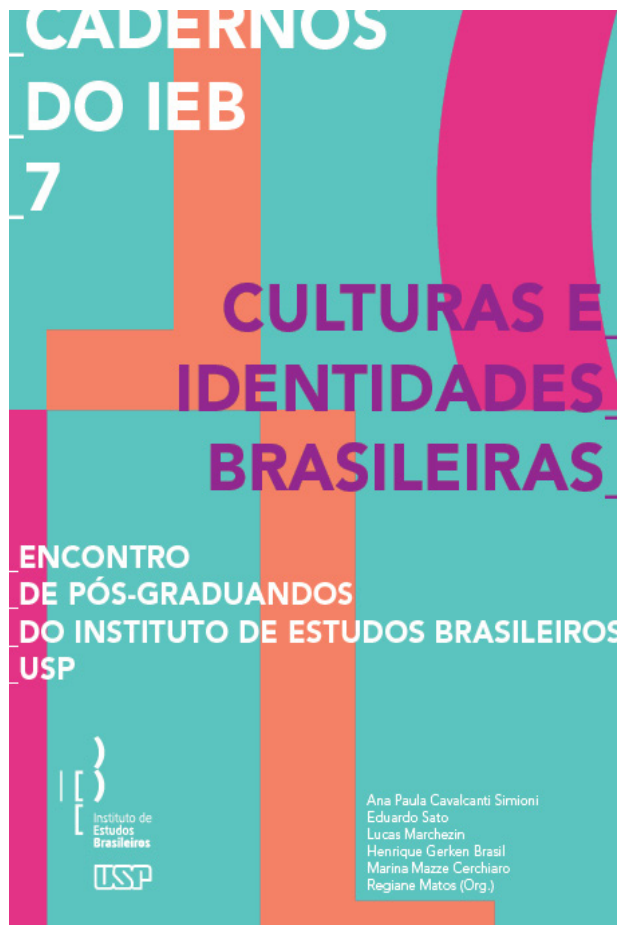
idealizadores

[lançamentos)

I ENCONTRO DE PÓS-GRADUANDOS DO IEB

Iniciado em 2009, o Programa de Pós-graduação do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo — Culturas e Identidades Brasileiras — vem amadurecendo suas atividades, contando com um crescimento significativo de seu corpo discente, o qual vem desenvolvendo pesquisas originais, contribuindo com novas perspectivas para os estudos brasileiros. Desse modo, a Comissão de Pós-Graduação e os próprios mestrandos perceberam a necessidade de realizar eventos anuais, a fim de compartilhar experiências e fomentar diálogos interdisciplinares sobre as pesquisas em andamento, assim como as já finalizadas.

Dessa conjugação de esforços foi realizado, em dezembro de 2014, o I Encontro de Pós-graduandos do Instituto de Estudos Brasileiros. As mesas de comunicação de trabalhos uniram os discentes do programa com o objetivo de contemplar a diversidade de formações, a variedade de objetos de pesquisa, assim como de metodologias utilizadas em suas investigações. Os debates foram organizados a partir de grandes temas e dos recortes históricos assinalados pelos trabalhos.



Capa do livro Cadernos do IEB, volume 8, *Culturas e Identidades Brasileiras*

As comunicações foram apresentadas em oito eixos, os quais podem servir de indicadores acerca dos interesses e questões que têm sido predominantes nas pesquisas em desenvolvimento pelo programa neste momento, a saber: 1) Arte e literatura no Brasil entre finais do XIX e inícios do XX; 2) Controvérsias do urbano; 3) Olhares múltiplos sobre Mário de Andrade; 4) Arte e cultura em tempos de ditadura e redemocratização; 5) Cultura e poder em tempos de Estado Novo; 6) Imagens do Brasil: construção do Estado e da Nação; 7) Saberes populares; 8) Visões sobre o Nordeste.

Os textos reunidos são o resultado das comunicações apresentadas, bem como dos debates ocorridos nesse fórum, revelando assim as possibilidades fecundas dos diálogos interdisciplinares travados no interior do Programa de Pós-graduação do Instituto, que toma o Brasil, em toda em toda a sua complexidade, como tema de reflexão. Vale ainda notar que várias das dissertações desenvolvidas versam sobre o patrimônio e os acervos do IEB, contribuindo assim para a extroversão, qualificada mediante reflexão acadêmica, das potencialidades inesgotáveis dos materiais

congregados pelo Instituto. Esperamos que a publicação seja a primeira de muitas, e que, mais do que servir como a finalização de um evento, seja um convite para que os leitores sintam-se convidados a pesquisar, a refletir e dialogar com nossas pesquisas e acervos dedicados à compreensão do Brasil.

Ana Paula Cavalcanti Simioni

profa. dra. IEB USP

AS FORMAS DA TRAIÇÃO



Capa do livro *As formas da Traição*

A ideia de que Machado de Assis não se interessou pelo processo de abolição

da escravatura no Brasil constitui um dos equívocos renitentes da história da vida literária brasileira. Não raro, no auge da agitação abolicionista e depois, próceres da intelectualidade engajada acusaram a falta de militância do escritor, automaticamente interpretada como sinal de indiferença pelo destino dos escravos e, no limite, de “traição contra a própria raça”.

A publicação do *Memorial de Aires* (1908), último romance de Machado, pareceu corroborar os ataques: o enredo situava-se nos anos decisivos de 1888 e 1889, mas a abolição, à primeira vista, não passava de um incidente ligeiramente mencionado no romance. Desde então, salvo raras exceções, firmou-se a ideia de que Machado de Assis não se ocupa, em seu último livro, de questões histórico-sociais — no caso, a abolição da escravatura — mas apenas de aspectos da vida privada de um grupo de ricos.

Por meio de um cuidadoso trabalho de análise literária, o autor, Pedro Fragelli propõe, em *As formas da traição*, uma leitura do *Memorial de Aires* oposta à tradicional. Baseando-se nos trabalhos de Roberto Schwarz e John Gledson, procura demonstrar a presença decisiva, embora oblíqua e parcialmente oculta — pois que mediada pelo ponto de vista enviesado de um narrador elitista —, da matéria histórica em todos os níveis compositivos do romance.

Como resultado, revela-se um Machado de Assis atento como nunca aos processos sociais brasileiros, capaz de elaborar a crítica mais sofisticada e devastadora jamais feita sobre o significado histórico-social da abolição da escravatura no Brasil. Na contramão da retórica abolicionista e antecipando em pelo menos meio século a boa historiografia, Machado representa a abolição como uma traição histórica: sob a bandeira da liberdade, as elites brasileiras, no momento em que a escravidão deixava de ser rentável, abandonam os escravos à própria sorte. Sob a velatura da prosa equívoca de um narrador socialmente interessado em abafar a realidade, o 13 de Maio aparece aos poucos não como a data inaugural da integração do negro na sociedade de classes, mas como o momento supremo de sua derrelição.

A partir da leitura de *As formas da traição*, percebemos que o *Memorial de Aires* representa, no contexto da obra madura de Machado de Assis, quanto à qualidade artística e à radicalidade política, não um recuo, mas uma consumação — e que o romance tardio de Machado, relativamente esquecido à sombra das *Memórias póstumas de Brás Cubas* e de *Dom Casmurro*, constitui, ele também, uma obra-prima.

Trechos do livro

“A experiência decepcionante da Abolição — e dos primeiros anos da República —, que determinou em grande medida a obra tardia de Machado de Assis, está na base do *Memorial de Aires*. Não é à toa que Machado, em 1908, decidiu situar sua última obra em torno do 13 de Maio, momento ao qual talvez apenas a Independência se compare, no abismo que a data contém entre sua promessa e seu significado real”

“Na contramão da retórica abolicionista, que Raymundo Faoro considerava precursora do populismo brasileiro, Machado de Assis denunciou, de maneira complexa, moderna,

radical e negativa, a farsa da Abolição, cujo significado profundo ele compreendeu e dramatizou em seu último romance”

O autor

Pedro Fragelli é doutor em Literatura Brasileira. Atualmente, com apoio da Capes, desenvolve pesquisa de pós-doutorado sobre Mário de Andrade no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, sob a supervisão da Profa. Dra. Flávia Camargo Toni.

As formas da traição | 263 p. | Alameda Editorial, 2016

equipe editorial

[destaques)

NOVO SISTEMA DE SUBMISSÃO DE ARTIGOS NA RIEB

Informamos que a partir de 01 de julho de 2016, a Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP - RIEB - adotará o sistema SciELO de Publicação.

Os autores deverão se cadastrar no site de publicação SciELO e submeter os artigos pelo sistema online.

Todas as informações e critérios para publicação estão disponíveis no próprio site:

<http://submission.scielo.br/index.php/index/login?source=%2Findex.php%2Findex%2Fuser>

Contato:

revistaieb@usp.br

11 3091 1149

equipe editorial RIEB

[aconteceu)

EVENTOS PROMOVIDOS PELO IEB NO PRIMEIRO TRIMESTRE

05.05

[ieb debate)

A atual crise política

13.05

[ieb apresenta)

Literatura e diplomacia: na obra de Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto e Vinícius de Moraes

08.06

[café acadêmico)

A idade média nas telas (cinema, séries, telenovelas e shows de luzes)

15.06

[café acadêmico)

Uma visita aos jardins literários franceses da época medieval

20.06

[café acadêmico)

Música e memória: reflexões etnomusicológicas

23.06

[ieb apresenta)

Força planetária para uma nova primavera

24.06

[ieb apresenta)

Literatura e abolição

[expediente)

INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS

Prof^a. Dr^a. Sandra Margarida Nitrini

Diretora

Prof. Dr. Paulo Teixeira Iumatti

Vice-diretor

PRODUÇÃO

Pérola Ciccone

Chefe Técnica da Divisão Científico-Cultural

Cleusa Conte Machado

Revisão e preparação de textos

Eduardo Junqueira

Design



MISSÃO

A Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (RIEB) tem por missão refletir sobre a sociedade brasileira articulando múltiplas áreas do saber. Nesse sentido, empenha-se na publicação de artigos originais e inéditos, resenhas e documentos relacionados aos estudos brasileiros.

CRITÉRIOS PARA APRESENTAÇÃO E PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS

Condições gerais

- A *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* (RIEB), de periodicidade quadrimestral, tem por missão refletir sobre a sociedade brasileira articulando múltiplas áreas de saber. Nesse sentido, empenha-se na publicação de artigos originais e inéditos, resenhas e documentos relacionados aos estudos no Brasil (em português, espanhol, francês, italiano e inglês).
- Os artigos a serem apresentados para apreciação e eventual publicação pela *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* deverão ser submetidos, a partir de julho de 2016, em formato digital através do portal SciELO de submissões: <http://submission.scielo.br/index.php/rieb/login>
- Os artigos serão submetidos à avaliação de dois pareceristas, sendo consideradas a autenticidade e a originalidade do trabalho.
 - Em caso de divergência, será ouvido um terceiro parecerista.
 - Os pareceristas têm 30 dias para emitirem seus pareceres.
 - O prazo médio de resposta para os autores é de quatro meses.
- A revista reserva-se o direito de adequar o material enviado ao seu projeto editorial e padrão gráfico.

Responsabilidades

- Os autores se comprometem a informar a futuros interessados em adquirir quaisquer direitos autorais sobre seus textos acerca do teor do Termo de Autorização assinado para a publicação das obras na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*.
- Os autores comprometem-se a autorizar a revista a divulgar os textos sob os termos da licença Creative Commons BY-NC (<http://creativecommons.org/>).

- As traduções deverão ser autorizadas pelo(s) autor(es) do texto original.
- Fica estritamente restrita aos autores dos artigos a responsabilidade pela reprodução das imagens.
- A Revista não se responsabiliza pela redação nem pelos conceitos emitidos pelos colaboradores/autores dos artigos.
- Os autores asseguram que o artigo é inédito e não está sendo avaliado por nenhuma outra publicação.

FORMA E PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS

Padronização do trabalho enviado:

1. Formatação

- Programa: Word, edição 97-2003, formato .doc; dimensão da página: A4; margens: 2,5 cm; fonte: Times New Roman; corpo: 12; entrelinha: 1,5.

2. Quantidade de caracteres

- Artigos: entre 30 mil e 52 mil caracteres (incluindo espaços).
- Resenhas: entre 5 mil e 20 mil caracteres (incluindo espaços).
- Notícias e documentação: até 20 mil caracteres (incluindo espaços).

3. Citações

- As citações devem seguir o padrão ABNT NBR 10520/2002 (Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação).
- Citações diretas com até três linhas devem entrar no corpo normal do texto, entre aspas duplas. Aspas simples devem ser utilizadas para indicar citação dentro de citação.
- A partir de quatro linhas, as citações devem estar separadas por uma linha (antes e depois) do corpo do texto (na margem)
- Supressões, interpolações, comentários devem estar indicados com o uso de colchetes: [...], [ainda de acordo com ele] etc.
- Quando a citação incluir texto traduzido ou destaque tipográfico realizado pelo autor, além dos dados da obra de que foi extraído o trecho,

na nota de rodapé relacionada à citação deve constar: (tradução nossa) ou (grifos nossos).

- Toda citação deve ser seguida de número de nota. A primeira citação de uma obra, na nota de rodapé, deve ter sua referência completa, com os mesmos dados que constam nas Referências Bibliográficas.
- Citações subsequentes da mesma obra devem ser referenciadas de forma abreviada: Idem (mesmo autor, outra obra), Ibidem (mesma obra, seguido do número da página).
- Para indicar que a obra foi citada anteriormente, sem ser de forma subsequente, deve-se utilizar: op. cit. (após o sobrenome, nome do autor) – BASTOS, Fernanda, op. cit.
- Se houver mais de uma obra do mesmo autor que já foi citada, indicar o ano: BASTOS, Fernanda, op. cit., 2008.
- Se forem duas obras do mesmo autor, de mesmo ano, indicar a obra que já foi citada de forma abreviada: BASTOS, Fernanda. *A saúde da população ribeirinha...*, op. cit.

4. Notas e bibliografia

- O artigo deve obedecer à norma ABNT NBR 6023/2002 (Informação e documentação – Referências – Elaboração).
- Em página inicial, separados do corpo do texto, devem constar: título do artigo, em português e em inglês; nome(s) do(s) autor(es); filiação institucional (instituição, cidade, estado, país); breve registro da qualificação profissional.
- Caso o trabalho tenha apoio financeiro de alguma instituição, esta deverá ser mencionada no início do texto, abaixo do(s) nome(s) do(s) autor(es).
- Resumo e *abstract* – incluindo de três a cinco palavras-chave/*keywords* – devem conter, juntos, de 1.300 a 1.700 caracteres (contando-se os espaços).
- Ilustrações, gráficos e tabelas devem trazer suas respectivas legendas.
- As notas explicativas e bibliográficas devem constar no rodapé devidamente numeradas e obedecidas as disposições da ABNT. Exemplos:

1. REIS FILHO, Nestor Goulart. *A urbanização e o urbanismo na região das Minas*. São Paulo: FAU/USP, 1999. (Cadernos do LAP, 30).
2. HOLANDA, Sérgio Buarque de. O sementeiro e o ladrilhador. In: _____. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. cap. 4, p. 93-138.
3. TORRÃO FILHO, Amílcar. *Paradigma do caos ou cidade da conversão?: a cidade colonial na*

- América portuguesa e o caso da São Paulo na administração do Morgado de Mateus (1765-1775). 2004. 338 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2004.
4. BASTOS, Rodrigo Almeida. A arte do urbanismo conveniente: o decoro na implantação de novas povoações em Minas Gerais na primeira metade do século XVIII. In: PEREIRA, Sônia Gomes (Org.). *Anais do VI Colóquio luso-brasileiro de história da arte*. Rio de Janeiro: CBHA/UFRJ/UERJ/PUC-Rio, 2004. v. 2, p. 667-677.
 5. CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 8, p. 67-89, 1970.
 6. MAUAD, Ana Maria. Entre retratos e paisagens: modos de ver e representar no Brasil oitocentista. *Studium*, Campinas, v. 15, 2004. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/15/01.html>>. Acesso em: 27 fev. 2007.
- É necessário a inserção do DOI (Digital Object Identifier) de cada referência bibliográfica – quando houver – (que pode ser encontrado no site www.crossref.org), conforme o exemplo abaixo: SOBRENOME, PRENOME(S). Título: subtítulo (se houver). Nome do periódico, local de publicação, volume, número ou fascículo, mês abreviado, ano. Disponível em <DOI:10.1086/599247>. Data de acesso.

UTILIZAÇÃO DO OPEN JOURNAL SYSTEMS - OJS NO PORTAL SCIELO

1. Cadastro

- Os autores devem realizar seu registro através do *link*: <<http://submission.scielo.br/index.php/rieb/login>>

2. Avaliação por pares cega

- Para assegurar a integridade da avaliação por pares cega, para submissões à revista, deve-se tomar todos os cuidados possíveis para não revelar a identidade de autores e avaliadores entre os mesmos durante o processo. Isso exige que autores, editores e avaliadores (passíveis de enviar documentos para o sistema, como parte do processo de avaliação) tomem algumas precauções com o texto e as propriedades do documento:
 - Os autores do documento devem excluir do texto nomes, substituindo com “Autor” e o ano em referências e notas de rodapé.
 - Em documentos do Microsoft Office, a identificação do autor deve ser removida das propriedades do documento, no menu “Arquivo/

Propriedades”, iniciando em Arquivo, no menu principal, na sequência: “Arquivo > Salvar como... > Ferramentas > Opções de segurança... > Remover informações pessoais do arquivo ao salvar > OK > Salvar”.

- Em PDFs, os nomes dos autores também devem ser removidos das Propriedades do Documento, em Arquivo no menu principal do Adobe Acrobat.

3. Submissão online

- Os autores poderão enviar seus trabalhos a partir do seguinte *link*: <<http://submission.scielo.br/index.php/rieb/about/submissions#onlineSubmissions>>
- Os artigos devem ser enviados de acordo com as normas de formatação e condições para submissão de artigos da Revista.
- O tamanho máximo permitido para *upload* de arquivos no sistema OJS é de 10MB.
- As imagens, bem como as respectivas legendas (com referência completa de autoria e instituição detentora), devem ser numeradas, indicando sua posição no corpo do texto e enviadas em arquivos separados, como documento suplementar (passo 4 do sistema eletrônico de submissão). Em caso de aceite do artigo, essas informações deverão ser inseridas posteriormente, na etapa de revisão, juntamente com uma pequena apresentação biográfica (até seis linhas), com nome completo, titulação e instituição.